A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3771 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 2 de Maio de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — Rua do Seculo, 43

Preço, 5 centavos

PREPARANDO UMA INJUSTIÇA

Os condenados por insubordinação em Africa e na Flandres

devem ser abrangidos pela amnistia, diz o ilustre democrata sr. dr. José de Castro

Como «A Capital» noticiou ha dias, o ilustre democrata sr. dr. José de Castro requereu ao ministerio da guerra licença para poder visitar nas prisões onde se encontram os soldados que foram condenados pelo crime de insubordinação em Africa e na Flandres.

Quizemos ouvir o distinto advogado. Fomos procural-o. O sr. dr. José de Castro diz-nos:

—Os acontecimentos, produzidos pelos soldados que se recusaram a ir para os trincheiras em França, foram provocados pelo governo Sidonio Paes. Os comandos, iludidos pelas promessas idas do Portugal, iludiram por seu turno os soldados.

«Tudo tem o seu termo. Quando a ilusão passou, perdida toda a esperança, recusaram-se continuar a bater-se. Foi um crime por certo; mas quem o provocou?

«Em março ou abril de 1918 fundamente impressionado com a apatia daquele governo, escrevi um pequeno artigo que foi publicado em «A Manhã» sob a epigrafe — «Grito de Alma»—em que verberava o facto de se esquecerem dos nossos soldados que batalhavam na Flandres, para só se lembrarem da eleição presidencial. Esse artigo, embora pequenissimo, chamou sobre mim o ódio do poder para o qual era crime grave pensar de modo diferente. Mais tarde, em carta dirigida ao sr. Sidonio Paes e que teve larga publicidade, acentuei novamente o facto de se haver abandonado por completo o nosso corpo de exercito que combatia contra os alemães quer em França quer em Africa.

«Foram gritos isolados que só serviram para me expor as vinganças do ditador.

«E' por esse tempo que se dão as rebeliões, as revoltas de alguns dos nossos soldados, daqueles que estiveram quasi tres anos, combatendo sem sequer lhes concederem licenças que eles viam ser dadas aos nossos aliados, e até ás praças dos exercitos aliados, para as quaes houve sempre o «roulement». Daqui nasceram os crimes de insubordinação.

«E' uma justificação? Não: é uma explicação e certamente uma atenuante. Foram julgados e condenados com desegualdades enormes, pois grande numero dos que tinham proteção recorreram e obtiveram já em Portugal comutação de pena. Os que não tiveram proteção, foram metidos no presidio e ai teem estado a apodrecer quasi ao abandono.

«Desde aquele meu artigo e carta não mais deixei de lembrar-me dos que, embora abandonados luctavam honrando a nossa bandeira; mas, o meu cuidado aumentou quando soube das condenações. Assim é que logo depois da eleição á presidencia do sr. dr. Antonio José de Almeida, ainda antes de tomar posse do seu alto cargo, lembrei a s. ex.ª um indulto para esses desgraçados, que tiveram a desventura de haverem sido abandonados e esquecidos em terra estranha e no meio do inferno da guerra mais cruel que tem havido. O indulto não veio.

«Começa a esboçar-se a concessão da amnistia e eu, ao ser entrevistado pelo jornal «A Capital», salientei que seria um acto digno de aplauso conceder a amnistia aos crimes politicos e por igual aos nossos soldados que se bateram na França, atendendo a que o seu crime em certo modo tinha sido provocado pelo abandono a que foram votadas as nossas tropas quer em França quer em Africa. Nada se fez, porem.

«Vem a comemoração aos soldados desconhecidos e o parlamento n'um grande espirito de tolerancia concede uma amnistia aos crimes politicos e a todos os crimes «essencialmente militares». Mas cousa estranha, os militares cujos sofrimentos haviam chamado a minha atenção desde 1918, isto é, os que se haviam sublevado contra o esquecimento a que se haviam sido votados, não são compreendidos na amnistia! Por que se dá este facto? Pense e isto sem desprimor para ninguem, que a causa resultou de haver sido elaborado, discutido e aprovado o projecto da amnistia nas duas casas do parlamento, precipitadamente.

«As circunstancias em certo modo justificam a precipitação. As comemorações á memoria dos soldados desconhecidos absorviam todas as atenções. Um dos numeros, digamos, do programa era a amnistia aos crimes politicos, a qual depois se ampliou aos crimes essencialmente militares, praticados pelos soldados e oficiaes das expedições á Africa e a França e que haviam batalhado na grande guerra. Mas este proposito a esses militares não foi atingido.

«Pois até se dá o caso que a amnistia compreende os crimes de que trata o Codigo de Justiça Militar nas secções V (abuso de autoridade) VII (crimes contra o dever militar, que o mesmo é cobardia que não foi compreendida) X (extravio d'objectos militares, que o mesmo é os crimes de furto e de natureza semelhante) e finalmente a secção XII (incendio e destruição de edificios e de objectos militares), tudo ficou amnistiado!

«Mas os desgraçados, alguns dos quaes se bateram como heroes desde o começo da guerra e que não responderam pelos crimes indicados nessas secções, são excluidos! Esses desventurados, cujos crimes estão incluidos na secção VI do Cod. de Justiça Militar, sendo incluida na amnistia, foram exceptuados porque a mesma lei que amnistiou todos os outros crimes excluiu-os a eles, nestas palavras «com excepção dos previstos nos arts. 69.º a 80.º inclusive e no § 1.º do art. 82.º».

«Pratica-se então uma injustiça, não é verdade?

—Uma flagrante injustiça! E' uma desigualdade de tratamento que nada explica! Foi por isto que deliberei ir com todas as pessoas que queiram acompanhar-me, levar aos pobres condenados o conforto moral e material de que muito carecem. Iremos junto desses infelizes dizer-lhes que faremos tudo quanto em nossas forças caiba para minorar o seu sofrimento; e, sendo possivel, fazer terminar a injustiça de que foram vitimas, o que será empreza facil para o parlamento, quando faça desaparecer do art. 1.º da lei da amnistia aos crimes essencialmente militares aquelas expressões: «Com excepção dos previstos nos arts. 69 a 80 inclusivo e no § 1.º do art. 82».

«Tenho a esperança de que o parlamento, no seu alto espirito de justiça, não quererá que por mais uma hora se possa com razão afirmar que «a desigualdade na administração da justiça é sempre a maior das injustiças».

Que os votos do sr. dr. José de Castro sejam exalçados, tal é o nosso sincero desejo.

A ALLEMANHA E OS ALIADOS

A questão das reparações

As declarações do sr. Briand—A ocupação do Ruhr vae ser um facto —O concurso militar e naval da Gran-Bretanha

PARIS, 1.—Segundo um telegrama que a Agencia Havas recebeu de Londres, o sr. Briand, antes de ir esta tarde para o conselho supremo, fez as seguintes declarações aos jornalistas francezes:

«Está resolvido a exigir que sejam aplicadas novas sanções a partir de hoje. Quero dizer com isto que seja determinada ainda esta noite a necessaria mobilisação. Se no prazo de 8 dias, indispensaveis para pôr em pratica a medida que tivermos resolvido, os alemães não fizerem propostas, veremos se ha logar para os ouvir. E' bem evidente que por propostas entendo em primeiro logar a aceitação pura e simples dos algarismos fixados pela comissão de reparações e depois a aceitação das modalidades de pagamento que vão ser determinadas. Mas para serem tomadas em consideração, as propostas alemãs deverão ser caucionadas de maneira que preparam ser equivalentes aos penhores da Alemanha. Os penhores são de diferente natureza e compreendem principalmente a creação de uma comissão da divida alemã, a fiscalisação das alfandegas, uma percentagem sobre as exportações, etc. Tal é a situação a que estou reduzido e é impossivel poder proceder de outra fórma.—(H).

LONDRES, 1—O conselho supremo, que se reuniu hoje de manhã e de tarde, examinou a proposta do ministro dos negocios estrangeiros, da Belgica, sr. Jaspar, a qual comporta o começo de execução imediata das sanções. Esse exame deve continuar amanhã de manhã. Os circulos francezes declaram-se satisfeitos com a solução proposta, que mantem a solidariedade interaliada. Se os alemães persistissem na sua atitude intransigente, tratar-se-hia então do concurso militar e naval da Grã-Bretanha.—(H).

PARIS, 2.—A Agencia Havas recebeu noticias de Londres, dizendo que, conforme se esperava, a França poderá desde hoje adoptar as medidas necessarias para uma acção militar e economica no Ruhr. Os peritos foram de parecer que a chamada das tropas que hão de ocupar a região levará quatro ou cinco dias e a ocupação doze ou quinze. Durante este prazo de preparação das operações, a Alemanha terá ainda o tempo necessario para aceitar sem reservas as modalidades da comissão de reparações para o pagamento dos 132 biliões, as condições do desarmamento e as garantias de execução.

Expirado que seja este prazo, se o Reich persistir na sua má vontade, a ocupação efectuar-se-ha automaticamente. Esta solução transaccional satisfará os meios britanicos, que tinham vontade de deixar á Alemanha a ultima possibilidade d'ella mostrar a sua boa vontade sem prejudicar nem retardar a acção militar que o governo francez julga necessaria.—(H).

LONDRES, 2.—Em vista do projecto transaccional que prevê que os preparativos de ocupação imediata do Ruhr somente serão suspensos se a Alemanha aderir sem reservas, antes de 8 do corrente, ás condições fixadas pela Comissão de reparações, os peritos aliados estabeleceram as modalidades de pagamento que comportam 3 categorias de bilhetes do tesouro alemão.

Uma na importancia de 12 biliões a entregar imediatamente e pagaveis dentro de 9 meses ou um ano.

Uma outra de 50 biliões emitida em 11 de novembro futuro que seria distribuida pela Comissão de reparações.

A terceira de 80 biliões exigiveis quando, o mercado mundial poder tomal-os e a Alemanha se encontrar em condições de pagar.

O numero de anuidades será de 30 ou 42 conforme as circunstancias.—(H).

VIDA ARTISTICA

Exposição Eduardo Viana

Inaugurou-se hoje, com excepcional concorrencia de elegancia e de mundanismo intelectual e literario, a exposição dos trabalhos deste distinto pintor modernista. E' da caloutar, pelo interesse que já esta tarde o bizarro e sensacional certamen despertou, que a concorrencia aos Salões das Artes decorativas, na rua do Almada, 53, nos dias que se vão seguir, esteja em relação com o merito real das obras do estranho artista.

Ao que nos consta, Eduardo Viana, cujo certamen no Porto constituiu um assignalado triunfo, parte brevemente para o estrangeiro, contando realisar em Madrid uma exposição que decerto muito honrará no concerto geral o nosso Paiz.

A amnistia

Entraram já em Portugal, ao que consta, todos os emigrados politicos que estavam na Galiza e que foram abrangidos pela ultima amnistia.

Namôros

Pergunta-me você se não será pecado ter muitos namôros ao mesmo tempo. Não é. Descance. E' apenas um mau habito. Os rapazes, minha amiga, são os cigarros das raparigas. Em se fumando o primeiro, ou não se fuma mais—ou nunca mais se deixa de fumar. Você gostou, sorriu, achou imensa graça ao seu primeiro cigarro—e desde então fuma, fuma sempre, desalmadamente, perturbadoramente, excessivamente como qualquer de nós. E' um pecado? Seguramente não. Eu fumo imenso e nunca fui pecador — senão quando estou ao pé de si. Quer um conselho? Fume os seus cigarros com boquilha. De contrario, minha amiga, pode queimar os dedos—e não ha nada mais feio para uma rapariga bonita do que uma queimadela.

O animatografo

Mario Viana veiu trazer-me ha dias o seu ultimo trabalho—vinte paginas interessantes onde o seu autor estuda as influencias perniciosas do animatografo na sociedade. Este estudo é curioso. A arte do silencio—de que talvez por isso, toda a gente fala—é na opinião de Mario Viana uma verdadeira fatalidade. E' necessario evita-la—diz-nos ainda ha pouco o jovem autor da V da. Parece-me entretanto que ha pessimismo demasiado nas conclusões do meu amigo. Perigosa não é a imoralidade do animatografo: perigosa é a falta de moral dos espectadores.

A beleza imortal

Deu-se agora em França um caso curioso. Cecile Sorel processou o caricaturista Bib exigindo-lhe dez mil francos de indemnisação por perdas e damnos. E porquê? Por que Bib fez—por sinal maravilhosamente—a sua caricatura. Cecile Sorel considerou a irreverencia do caricaturista como um ultraje á sua beleza e ao seu orgulho de mulher. Se o precedente vinga e Cecile Sorel ganhar a questão está aberta uma tremenda fatalidade para os artistas—e uma admiravel fonte de receita para as mulheres.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Assuntos de instrução

Abrem-se concursos para pretensas vagas, mas os professores dos cursos nocturnos continuam com 16$00 por mez

Ex.mo Sr. director de «A Capital». —Duas palavras, se V. me permite, acerca dos já celebres concursos para os 11 logares de professores das escolas de Lisboa.

De facto, sr. redactor, esses concursos foram abertos nos termos legais. Os logares estavam vagos e, não sendo extintos, deviam ser providos. Está certo.

Mas deviam esses logares ser extintos? Sem duvida.

Devia em seguida fazer-se uma remodelação dos quadros do professorado da capital? Sem duvida tambem.

Pelos calculos dum distinto colega, baseados em documentos oficiais, após a remodelação, cada professor ficaria com 18 alunos... e, se lhe desem 36, maximo do numero legal, ficariam á boa vida... 140 professores.

Pois, em face disto, abrem-se concursos para 11 vagas!

E, enquanto assim se elevam inutilmente as despesas publicas, os professores dos cursos nocturnos continuam com 16$00 por mez!

Estas mesmas considerações já foram apresentadas, ha tempo, ao chefe de gabinete do actual ministro da instrução, pelo representante do Gremio dos Professores de Lisboa, e s. ex.ª não discordou.

Remodelar os quadros, extinguir logares vagos, aumentar a dotação dos cursos nocturnos e ao tornecimentos de expediente, eis o que reclamavam os interesses do professorado de Lisboa, conjugados com os interesses do ensino.

Argumenta-se, porém, com um procedente:—ter sido aberta ha meses concurso para uma vaga—e diz-se que esse acto obrigava, impunha a abertura dos concursos para as 11 vagas.

A' primeira vista assim parece, mas... o diabo é o «mas» terrivel palavra... mas:

1.º—Não teria diminuido ainda mais a frequencia no periodo que decorreu entre a abertura dos 2 concursos?

2.º—Era obrigado o actual ministro a seguir o mesmo criterio do seu antecessor, estando, portanto, impossibilitado de extinguir os logares?

Respondam os entendidos. Eu é que, sem entrar em apreciações que podiam ter um cunho pessoal, julgo ter provado que «a classe» devia pedir, em nome dos seus interesses legitimos, conjugados com os interesses do paiz, a extinção dos referidos logares, pois entendo que, acima dos interesses individuaes, devem pairar os interesses colectivos.

Terminando, sr. redactor faço 2 perguntas:

Os professores dos cursos nocturnos continuam a receber 16$00 mensaes?

Os professores continuam com o mesmo subsidio de renda de casa e de residencia que tinham antes da guerra?

Dir-me-hão compungidamente: «A situação financeira do paiz impõe sacrificios».

Está bem. Estringam então os cursos nocturnos e os subsidios e... abram mais concursos; é remedio «infica».

De v. etc.—*J. C. Gomes.*

Vapor "S. Vicente"

PENA, (Cintra) 2.—Dizem de bordo do vapor «S. Vicente» que esperam chegar a Lisboa na terceira de arde.—(Estudantes).

Estudantes de Coimbra

A sua visita a Vila Real

VILA REAL, 2. — Acabam de chegar os estudantes da Universidade de Coimbra tendo os academicos vilarealenses preparado uma ruidosa manifestação, seguindo em direcção ao Liceu Camilo Castelo Branco, onde foram recebidos pelo corpo docente, dando o reitor as boas vindas aos visitantes.

A' noite haverá espectaculo de gala no Teatro-Circo estando a sala belamente adornada sob o cuidado do emprezario Francisco Agarez.

PELO TELEGRAFO

A colaboração da Syria com a França

BEYROSTH, 1.—Em presença de notabilidades da Syria e do Libano; o general Gourand inaugurou oficialmente a feira, que é uma manifestação evidente da estreita colaboração da Syria com a França.—(H.)

Tumultos no Egito

CAIRO, 1.—Produziram-se tumultos em Tantah, contando-se 20 mortos e muitos feridos.—(H.)

O herdeiro do Japão em viagem

CADIZ, 30.—Seguiu para Gibraltar o torpedeiro n.º 20 para receber o navio que conduz o principe herdeiro do Japão, que vem em viagem á Europa.—(H.)

Prejuizos causados pela gréve dos mineiros inglezes

LONDRES, 1.—Calcula-se que os prejuizos sofridos pelo tesouro inglez por motivo da gréve mineira ascende a 345 milhões de libras por semana.—(H.)

A federação dos transportes vae tomar medidas a favor dos mineiros

LONDRES, 2. — A comissão executiva da federação dos transportes deve examinar na sua reunião de 3.ª feira o pedido dos dockers escocezes, feito em reunião do conferencia dos delegados dos transportes para tomar medidas a favor dos mineiros. Examinará tambem a situação creada no Clyde pela recusa dos dockers em descarregarem carvão que chegou ao porto de Clasgow.—(H.)

A Italia não reconhece o plebiscito do Tirol

ROMA, 1. — Informa o «Corrieri d'Italia» que o governo italiano renovará a sua recusa em reconhecer o plebiscito do Tirol que foi favoravel á união com a Alemanha. — (H.)

Desordens na região de Bombaim

LONDRES, 1. — Segundo o «Times», as regiões oficiaes chegaram noticias de graves desordens na região de Bombaim.—(H.)

Incendio violento

SEYAZ, 1.—Um violento incendio destruiu completamente a egreja da Boa Morte desta cidade, reduzindo tudo a cinzas, tendo-se perdido quadros e outros objectos historicos de grande valor.—(A.)

A imigração alemã no Equador

QUITO, 1. — O governo resolveu dispor do valor de 50 mil sacas de aguoar para o pagamento das passagens de 50 familias imigrantes alemãs vindas de Hamburgo.

Os proprietarios decidiram de comum acordo a repartição de terrenos para esse contingente de colonos.—(A.)

Melhoramentos no porto de Valparaizo

VALPARAIZO, 1.—Constituiu-se nesta cidade uma sociedade anonima com o capital de 10 milhões de piastras para a construção de duas docas secas cuja falta aqui muito se faz sentir e que prestarão inestimaveis serviços á navegação.—(A.)

Acordo comercial russo-alemão

HELSIEGFORD, 2.—A imprensa de Moscou anuncia que o conselho de comissarios aprovou o acordo comercial preliminar russo alemão, tendo tambem autorisado o comissario dos estrangeiro Ticherine a firmar convenio comerciais com os governos da Noruega e Dinamarca.—(H.)

CONVERSAR...

1 DE MAIO DE 1921

Esta comemoração a um tempo incomoda e sol-ne que ao 1.º de maio decidiram dedicar os proletarios da viação electrica talvez por que nos fizesse calcurrear involuntariamente um dos desapiedados morros de Lisboa, trouxe-nos sobre as crescentes reivindicações da comodidade proletaria, o mau humor que toda a gente sente, bolchevista ou talasse, ao ter de subir para uma visita de pezames, a calçada abracadabrante de Santo André.

Sentimos, e ha muito tempo, pelos batalhadores incansaveis do «dia a dia», a justa inclinação de quem moureja «hora a hora», pelo equilibrio honesto da sua posição social na vida. Ha em nós, desde muito antes da exportação da «conserva bolchevista de Lenine», deteriorada e apodrecida nas alfandegas da velha Europa, um grande fundo de rasgada tendencia socialista, em que o culto pelo «bem-estar» da multidão, sobreleva, numa ancia natural de justiça, os exibicionismos de certos criminosos, ambições, pessoas, autocratas, retrogradas, deprimentes, que se fundaram o fundam sobre os velhos fetichismos politicos por um lado e se encostam comodamente por outro nas compensações materiais imediatas.

Mas... que diabo! Isto de subir «á pata» a colçada de Santo André, debaixo deste inclemente e triunfal sol de primavera, não é justo, nao é humano, não é rasoavel, não é socialista!

Meus amigos — não ha teorias de politica que resistam á puxavante calçada de Santo André!

Os camaradas dos electricos que riam, como quaisquer honestos proletarios, comemorar o seu glorioso dia de trabalho, não trabalhando?

Admitamos, mas resolvessem o problema de maneira que esta martir população de Lisboa — «martirs é o termo — não sofresse com essa gréve festiva de 24 horas. Se a maioria dos carros ao domingo se aproveitam para ir ao peixe frito das hortas, ha muita gente que o come em casa e que tem mais que fazer. Ha muito pobre diabo que, meus amigos, teve que subir a sua calçada de Santo André — que todos nós temos mais ou menos na vida, a nossa calçada de Santo André...

Por isso, não ha o direito de comemorar desta maneira incomoda e solene, o 1.º de maio...

O comicio no Parque Eduardo VII

Uma moção reclamando a liberdade dos presos por questões sociaes— Bandeira vermelha aprendida pela policia

Das comemorações com que a classe operaria festejou o dia de hontem em Lisboa, a mais importante e a mais concorrida foi o comicio realisado, pelas 16 horas, no Parque Eduardo VII, para o qual, como se sabe, tinham sido convidados todos os organismos operarios pela U. S. O.

Presidiu o sr. Carlos Araujo, estando a autoridade representada pelo capitão sr. Antonio Ferreira.

Lido o expediente, que constava de saudações de várias colectividades operárias, o presidente protestou contra as tiranias que, disse, veem sendo feitas á classe operaria e diz que ali veem demonstrar aos trabalhadores de todo o mundo que os trabalhadores portuguezes estão a seu lado, acrescentando que a massa operária deve opôr uma forte barreira á burguezia.

Um incidente qualquer, sem importancia, que n'esse momento ocorre e que nem se soube o que era, faz com que se pronuncie entre a assistencia um movimento de panico, começando tudo a fugir. Mas, momentos decorridos, restabelecia-se o socego, continuando o presidente no uso da palavra.

Dis que a amistia foi dada para os monarquicos, esquecendo o parlamento os presos por questões sociaes. Refere-se ás bombas que rebentaram no Porto, facto que quizeram atribuir á classe operária.

A seguir fala o sr. Manuel Joaquim de Sousa, secretario da Confederação Geral do Trabalho. A classe trabalhadora, diz, devia juntar-se sempre como hoje, para comemorar factos como este, mas ainda mais largamente representada, pois não se compreende que a classe se possa conservar indiferente quando se trata dos seus interesses. Ataca a burguezia pela opressão que exerce sobre o operariado e ataca o operariado pelo indiferentismo que manifesta pela data, do 1.º de maio, não citando ali em maior numero.

Fala sobre o conflito da imprensa e sobre as 8 horas de trabalho.

O sr. João Pereira, da Federação do Livro e do Jornal e um dos grevistas do «Seculo», refere-se á greve dos trabalhadores de jornaes.

O sr. Santos Aranha, da Federação do Mobiliario, diz que o 1.º de Maio representa uma data de sangue, sangue vertido por operarios, por quererem mais liberdades para os seus irmãos. Fala sobre os tribunaes de Defeza Social, cuja instituição combate.

O sr. João Miranda, da Federação Nacional da Construção Civil, diz que o dia 1.º de Maio tem uma tradição universalmente comemorada, esplaindo-se sobre a origem dessa data.

O sr. Raul Batista, da União dos Sindicatos Operarios, entende que o dia normal das 8 horas de trabalho tem sido espesinhado pelos proprios trabalhadores. A liberdade de imprensa e do pensamento teem de ser um facto. Faia tambem sobre a explicação da lei da amnistia, protestando contra a manutenção de camaradas seus nas prisões, que não foram beneficiados por ela.

O sr. Belo Redondo, um dos ex-redactores do «Seculo» que declararam a gréve, fala, em nome do jornal dos grevistas, sobre o conflicto aberto com as emprezas e diz que a manifestação do 1.º de Maio é de todos os trabalhadores, acrescentando que os dos jornaes não tinham ainda as 8 horas, assim como não usufruiam outras regalias.

O sr. José Esteves, das Juventudes Sindicalistas, vem saudar os trabalhadores ali reunidos e apresenta uma moção na mesma ordem de ideias de uma outra apresentada pela classe, que juntamente com aquela foi aprovada.

O sr. Fausto Gonçalves, da Federação dos Caixeiros Portuguezes, fala sobre as 8 horas e o conflicto da imprensa.

O sr. Vitor Martins, ha pouco posto em liberdade, agradece a manifestação de que foi alvo ao tomar a palavra, dizendo que o 1.º de Maio não é um dia de festa, mas sim uma data de sangue. Segue-se no uso da palavra o sr. Alberto Dias, tambem ha pouco posto em liberdade e que afirma não saber a razão por que foi preso.

O representante da F. N. Metalurgica, sr. Zacarias Pinho, fala sobre as 8 horas e a liberdade de reunião. O sr. Henrique Fernandes, do Sindicato Ferro Viario, diz-se um revoltado pelas tiranias que afirma teem-se praticado e fala sobre as 8 horas.

Os srs. Manuel Marques Pimenta, do Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos, diz que os camaradas do Oriente lutam por uma nova era e por novas liberdades, e Jeronimo de Souza, da Federação de Couros e Peles, que a classe operaria deve fazer mais do que tem feito até aqui.

Esgotada a inscrição, o presidente regosija-se pela boa ordem com que decorreram os trabalhos, sauda os assistentes e lê uma moção, que é unanimemente aprovada, a qual será levada junto do governo e em que se pede a libertação imediata dos presos por questões sociaes, retirada dos ti pogratos militares ás empresas jornalisticas, revogação das leis de excepção e cumprimento do horario de trabalho, sendo no fim soltados mais vivas e diversos vivas.

Terminado o comicio, os manifestantes, com uma bandeira vermelha, desceram a Avenida da Liberdade, cantando hinos operarios. Ao seu encontro sairam forças da Guarda Republicana, que se encontravam postadas nas ruas que convergem á Avenida, a fim de os dispersar.

Como quer que se esboçasse um gesto de resistencia, em determinada altura, a policia distribuiu basta pranchada, havendo alguns feridos, efectuando-se prisões e sendo apreendida a bandeira.

Pelas 19 horas tudo tinha serenado, debandando a multidão.

No estrangeiro

Em França o dia de hontem decorreu tranquilamente—Na Italia houve algumas desordens

LONDRES, 1.—O 1.º de maio passou-se na Inglaterra, Suissa Noruega sem incidente. Na Italia deram-se algumas desordens.—(H).

PARIS, 2.—O 1.º de maio passou-se em França da forma mais pacifica possivel, todos os serviços publicos funcionaram normalmente havendo só o descanço habitual dos domingos. Em Paris sairam quasi todos os jornaes, e todos os serviços de transportes, salvo uma parte dos taxis estiveram em andamento.

Foram raros os comicios e os que houve foram pouco frequentados, não dando ensejo a incidente algum.

O mesmo sucedeu nas provincias e os cortejos que se formaram passaram pacificamente.—(H).

Antiqualhas historicas

Com este titulo geral estamos publicando uma série de estudos sobre o adagiario portuguez, devidos á pena do erudito professor, publicista o deputado sr. Ladislau Batalha.

São excerptos respigados numa Historia Geral dos Adagios Portuguezes, em que o nosso colaborador tem vindo pacientemente a trabalhar.

O primeiro volume, já prestes a entrar no prelo, constitue a Introdução a essa Historia que deverá completar-se numa serie de cinco ou seis volumes, todos independentes, por cada um tratar de materia especial, embora sempre correlacionada com a obra, devendo o primeiro ser prefaciado pelo dr. Agostinho Fortes.

Conferencias

Depois d'amanhã, pelas 21 horas, na Faculdade de Medicina, realisa o sr. dr. Carlos Santos (filho) uma conferencia sobre o «estado actual de radiografia».

—Na Associação Comercial realisa no proximo dia 11 uma conferencia o sr. dr. José Augusto de Magalhães.

A gréve dos jornais

A assembleia das emprezas dos jornais deliberou que reapareçam o «Diario de Noticias», o «Seculo», a «Patria», a «Epoca», a «Capital» e a «Vanguarda», cessando assim a publicação de «O Jornal», que representava na imprensa os referidos diarios e ainda o «Mundo», a «Manhã», a «Lucta», a «Noite», a «Opinião», a Victoria», a «Situação» e o «Radical», jornais estes que reaparecerão oportunamente e a cujo espirito de sacrificio prestam homenagem os seus camaradas que primeiro voltam a ter contacto directo com o publico. Ocioso se torna acentuar que se mantem, entre todos os jornais mencionados, a mesma união da primeira hora, na defesa do que reputam os seus direitos e justos interesses.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Os desafios de amanhã

Amanhã, no Campo de Palhavã, realisam-se dois bons desafios de 1.ª categoria.

A's 15 horas, disputa-se a 3.ª eliminatoria da «Taça Mutilados da Guerra» entre o Sport Lisboa e Carcavellinhos e ás 17 horas Vigo contra Imperio.

REMO

As escolas do Club Naval

As escolas de remo do Club Naval principiaram hontem sob a direcção do sr. Albano dos Santos, que dará a instrucção todos os dias ás 17 horas.

De manhã, funcionarão as escolas todos os dias sob a direcção dos Srs. Raul Xavier de Brito, José A. Cardoso Leitão e José Martinho Gonçalves.

Lá por fóra

Um novo Stadium

BUENOS AYRES, 1—O governo concedeu um credito de 40.000 piastras á comissão de educação fisica para a construção d'um vasto stadium n'esta cidade.—(A).

Touradas

Campo Pequeno. — A' corrida de amanhã, em homenagem ao Brasil, assistem o embaixador dessa nação e o sr. presidente da Republica. Tomam parte os cavaleiros José Casimiro e Rufino da Costa e o matador de touros José Garcia «Alcalareno», nuevo em Lisboa. Os bandarilheiros são, além do «Alcantarilla», que é da «cuadrilla» do espada, Tomaz da Rocha, R. Tomé, Alfredo, Custódio, José da Costa, F. Felix e «Malagueno».

MUSICA

No sabado passado, realisou-se, como haviamos noticiado, no salão do teatro de S. Carlos, a apresentação dos discipulos do distinto professor e violinista Francisco Beneti.

Entre os trechos executados, os que mais aplausos conquistaram foram: «Concerto», de Bach, por Francisco Alberto Beneto e Francirco Beneto; «Adios a la Alhambra», pela menina Maria Madalena de Sousa Lima, uma encantadora creança de 11 anos, que revelou uma verdadeira vocação para o violino; «Polonaise en la maior», pela sr.ª D. Emilia Leiria, e «Canzoneta» e «Jota Valenciana», pelo sr. Mario Simões Dias, um cego, que recebeu uma oração.

Os restantes executantes houveram-se tambem muito bem, tributando-lhes bastos aplausos a numerosa e selecta concorrencia.

Liberdade de comercio

Informações fidedignas dizem-nos que se pensa na absoluta liberdade de comercio.

Caso, porém, isso se não possa conseguir, em virtude da oposição, aliaz justificada por abusos que se cometeram quando ela foi decretada pelo governo Granjo, dizem-nos ainda as nossas informações que serão então tabelados todos os generos.

Desordem entre ebrios

Homem com uma facada no ventre

No Campo Grande, envolveram-se hoje em desordem varios individuos, que, ao que parece, estavam mais ou menos embriagados.

Da contenda sairam feridos, com uma facada no ventre, Manuel Marques, trabalhador, morador na rua Occidental do Campo Grande, 213, e João Marques da Silva, residente na mesma rua, 45, com uma facada na mão direita.

O primeiro deu entrada, em estado grave, na enfermaria de S. Francisco, do hospital de S. José.

Almoço de confraternisação

No restaurant 1.º de Maio, do sr. Constantino Gil Antão, reuniram hontem, em almoço de confraternisação, grande numero de frequentadores desta casa tendo o seu proprietario sido de uma estrema amabilidade para com todos.

Durante o almoço fez-se ouvir uma troupe de guitarristas.

Intercambio Universitario

Sob o tema «Du Naturalisme au symbolisme: les grands courantes d'idées et d'art de la seconde moitié du XIX siécle», realisam-se na Sociedade de Geografia depois d'amanhã, seguindo-se nos dias 6 e 7, as conferencias do professor da Faculdade de Letras de Strasburgo Mr. Hubert Gillot, sendo acompanhadas de projecções eletro-luminosas.

A provincia n'«A Capital»

PENACOVA, 29. — Respondeu hontem o sr. Alipio Rodrigues Coimbra, presidente da camara deste concelho, servindo de Administrador por lhe ter sido levantado um auto pela Guarda Republicana pela apreensão que lhe fez do assucar do celeiro a seu cargo.

A audiencia, que terminou ás 19 horas, deu como não provada a arguição, tendo sido absolvido sem pagar qualquer despeza.

Foi seu advogado de defeza o sr. dr. Alberto de Castro, que fez um brilhante discurso.

A' saida, o arguido foi muito abraçado pelos seus amigos.

A distribuição do assucar, que estava sendo feito irregularmente, foi sustado, bem como a de milho, até nova resolução.

—O tempo continua pessimo para a agricultura.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h.—«Leonor Teles»
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
GIMNASIO — A's 21,30—«Negocios são Negocios»
EDEN-A's 21—«Cerco ao Rei»
APOLO — A's 21,30—«O Burro em pé».
AVENIDA — A's 21,30 — «Chuva de Filhos»
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Circo e variedades.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

Serviço telegrafico da tarde

Uma gréve em Nova York

LONDRES, 2. — Comunicam de New-York ao «Daily Telegraf» que em consequencia da decisão do «Shiping Board» de reduzir 15 °/₀ nos salarios do pessoal de bordo, os sindicatos maritimos resolveram recorrer á ordem de grêve imediata.—(H).

A luta entre gregos e kemalistas

ATHENAS, 2.—O jornal «Protewoussa» diz que a coincidencia da chamada das classes de 1912 a 1904 e a partida do chefe do governo para a frente de batalha é uma nova confirmação da decisão da Grecia em alcançar uma victoria definitiva sobre os kemalistas.—(H.)

Á estada do delegado dos «soviets» na Italia

ROMA, 2. — A «Idea Nazional» comentando a que deu logar a presença do delegado dos «soviets» faz-se eco de um boato que tem circulado e segundo o qual determinada personalidades politica teria declarado que qualquer ofensa ao referido delegado seria considerada como feita ao representante de uma nação amiga.—(H.)

O restabelecimento da paz entre os Estados Unidos e a Alemanha

WASHINGTON, 2.—Os membros da comissão senatorial dos negocios estrangeiros, pertencentes ao partido democratico apresentaram o seu parecer sobre a moção Knox tendente ao restabelecimento da paz com a Alemanha. N'esse parecer declara-se que a referida moção encerra grandes dificuldades e que produzirá uma grande desilusão ao ser discutida, mesmo entre os partidos da moção.—(H.)

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passou ontem o aniversario natalicio do bemquisto fiscal geral dos hospitaes civis de Lisboa sr. José Simões, que foi muito felicitado.

Academia Recreio Artistico.—Amanhã, ás 22 horas, ha baile.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3772 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 4 de Maio de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — Rua do Seculo, 43

Preço, 5 centavos

COISAS SOBRE AVIAÇÃO

A aviação colonial

Se o que até agora tem acontecido com a aviação portugueza do continente se póde chamar desleixo, falta de compreensão ou má vontade da parte dos poderes publicos, o que se tem passado com o emprego da aviação nas colonias portuguezas sómente se póde qualificar com verdade, com uma unica palavra—crime.

Crimes sobre crimes teem sido praticados com a aviação colonial, não só pelas altas esferas do Terreiro do Paço como tambem por quem, por vezes, tem dirigido mais directamente os serviços das colonias quer como autoridades civis quer como dirigentes militares de expedição que ali se teem enviado.

E' triste dizel-o mas a dentro das altas esferas militares ainda ha um pouco de ignorancia sobre o que seja a aviação como arma e das vantagens do seu emprego na guerra, principalmente no grande auxilio que ela poderá prestar numa campanha colonial.

Vem a proposito contar uma pequena e sugestiva anecdota passada, ha tempo, num campo de aviação da Zeelandia que se póde aplicar ao que acima fica dito.

Um dia, visitou o referido campo uma falange «des gros... galons» que contemplou estupefacta os varios tipos e modelos de aviões que por lá havia.

Um deles, prespicaz, curioso e avido de sciencia, olhando uma helice e bastante preocupado com tão estranho objecto, desfecha a seguinte pergunta ao piloto que lhe servia de cicerone:

—Isto quando vae para o ar, tambem leva esta «coisa»?...

Esta coisa era a helice...

São dotadas de um espirito scientifico muito semelhante a este, as creaturas que teem mais directamente superintendido a aviação nas colonias e assim teem pautado as suas ordens e atendido as inumeras notas, oficios e relatorios que em seu tempo lhes teem sido feitos sobre o assunto.

Mas vamos á historia e... aos factos.

Em 1917 estando o actual ministro da guerra governando a Provincia de Moçambique e cumulativamente comandando as tropas portuguezas que operavam no Niassa, entendeu sua ex.ª e muito bem, que a aviação poder-lhe-hia prestar um grande auxilio na campanha que então se desenrolava por aquelas paragens. Conseguiu que a metropole lhe enviasse uma esquadrilha, sendo a primeira unidade de aviação que se organisou em Portugal.

Apezar das dificuldades existentes nessa epoca para a aquisição de material, ainda se enviaram para Moçambique uns cinco «Farmans» acompanhados de seis oficiais aviadores, um mecanico francez e mais pessoal. Em meados de 1917 começou o embarque da esquadrilha e, como de costume na aviação portugueza, a unidade nasceu «torta»...

Não houve possibilidade de embarcar o material duma só vez, o que a logica e a bôa orientação mandavam que se fizese, por não haver logar nos barcos que para lá costumavam seguir.

Começaram por mandar dois aparelhos e parte do pessoal navegante ficando na metropole dois dos pilotos.

Uma vez no Niassa, apezar de se lutar com dificuldades que só quem conhece a engrenagem dos nossos serviços expedicionarios a qualquer parte póde fazer ideia, conseguiu-se pôr um aparelho no ar «um» mez depois do desembarque da esquadrilha!...

E' bom frizar aqui a bôa vontade e o entusiasmo de que estava animado todo o seu pessoal, para se poder conseguir esta «tour de force» num meio portuguez e em Africa.

Quiz o azar que ao segundo vôo de ensaio, perdesse a vida o primeiro piloto aviador militar portuguez e ao mesmo tempo o primeiro portuguez que voava em terras d'Africa.

Jorge de Sousa Gorgulho se chamava esse bravo.

A sua morte foi a morte da esquadrilha expedicionaria a Moçambique.

Começa aqui a odisseia.

O unico mecanico da unidade o francez, cae abatido pelo clima e pela impressão moral do sucedido.

Dá se a mudança nos altos comandos da expedição tomando-se nova orientação.

Chega o restante pessoal da metropole. As operações militares parecem querer tomar uma feição mais de harmonia com o fim para que foram ali mandados tantas centenas d'homens que por lá se viam apodrecer de febres por todos os cantos.

Era natural, era logico, era dos mais rudimentares principios da sciencia militar moderna, que se lançasse mão d'aquela meia duzia de oficiaes, animados do entusiasmo e audacia que a aviação lhe comunicasse e os atirassem por ahi fóra, além Rovuma, á procura de novas do inimigo, quanto mais não fosse, pois que se vivia positivamente ás escuras, confiados no acaso e nas informações que nos davam, por gentileza os nossos aliados.

Pedia-se, implorava-se quasi de mãos postas e joelhos em terra... que dessem mecanicos á esquadrilha expedicionaria, para poder cumprir a verba que lhe tinham pôsto na guia quando a mandaram embarcar para a Africa, mas nada se conseguia.

E, d'ahi, talvez houvesse razão para isso... Era bem mais importante e util para as operações, saber-se com quantas duzias de palmatoadas tinha sido castigado o indigena A B ou C (não fosse a civilisação indigena estar em perigo...) ou se algum oficial teria mandado bater no seu moleque, do que ter noticias concretas sobre os deslocamentos do inimigo!...

A grande e horrivel ofensiva ia ser um facto (dizia-se...) mas a aviação não tomava parte. Para que serviria porém a aviação? Nas grandes batalhas travadas entre Bemfica, Maura Sul, Moinhos de Carenque e Calçada d'Ajuda, nunca a aviação foi empregada e venceu-se sempre...

O inimigo avança para o nosso territorio. Continua-se ás escuras.

Deixam-se manchar as paginas da nossa historia da guerra com Ngomano; os alemães operam no nosso territorio como em sua casa, os inglezes pediam a cooperação da «aviação portugueza», pedia-se o contacto com o inimigo, sofria-se o revez de Naamacurra etc; etc; mas para que serviria a aviação e para que iria ela tomar parte na campanha da Africa Oriental Portugueza?!...

Gastou-se dinheiro, perderam-se vidas e energias, cometeram-se erros no decorrer das operações por não haver aviação, mas por maldade, inveja, ignorancia ou que lhe queiram chamar, não se utilizou a esquadrilha expedicionaria a Moçambique e, o que é peior de tudo, mais escandalôso e a todos causava engulhos, a ponto de, ter sido necessario comunicar urgentemente para a metropole em carta que «os oficiaes aviadores de tal esquadrilha «ganhassem tanto dinheiro»!!!

A eterna questão. Lá como cá... o ôsso...

Z. (aviador)

SEGREDOS Á TODA A GENTE

Chuva de maio

Choviscou esta manhã. Chuva de maio remoça. E os bosques azues e os campos doirados e os jardins em flor palpitaram na benção carinhosa do orvalho.

A atmosfera adelgaçou-se e arrefeceu; envolveu nos n'uma caricia um halito fresco de terra humedecida; as arvores como pequeninas catedraes floridas dir-se-hiam bailar e cantar e sorrir na névoa que caía—enquanto nós meus amigos, cujos cabelos vão embranquecendo na vida, viemos para a rua apanhar a chuva—de chapeu na mão.

Oscar Wilde

O iminente escritor inglez está positivamente na berlinda. Dois espiritos curiosos—Alfredo Pimenta e Hemeterio Arantes—batem-se mais literariamente possivel por causa do «homem dos cravos verdes.» Um acusa-o sob o ponto e vista moral; o outro defende-o sob o ponto de vista artistico—e de tal maneira colocaram o problema que me parece já inadmissivel uma reconciliação literaria.

Entretanto Oscar Wilde continua a ser a despeito de tudo, o homem cujo girasol doirado se voltará eternamente para ele proprio.

Arco de Almedina

Pensa-se em arrazar o Arco de Almedina. A velha cidade de D. Diniz vae talvez assistir á demolição d'essa obra encantadora do seculo XVI—e eu que adoro Coimbra, a Coimbra das noites de luar e das raparigas bonitas; não posso deixar de levantar o meu protesto e, de apresentar lhe, se essa demolição fôr um facto, o meu cartão de pezames. Que horror! Tenho por vezes a impressão de que os portuguezes estão por toda a parte—a destruir Portugal.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Cruzador americano

Entrou hoje no Tejo o cruzador americano «Pittsburgh», trocando os cumprimentos do estilo com a terra e com o navio almirante.

NOTAS FALSAS

Explicação

Não prima esta secção pela originalidade do titulo mas, embora isso péze a quantos andam em busca de coisas inéditas, optei por ele pela simples razão de não ter encontrado outro de maior vulto e peso.

E' um titulo brêve, modesto e onde cabe tudo, porque tudo é falso, segundo a opinião de Socrates que tambem era falso como judas.

Depois, n'um paiz onde a circulação fiduciásia tem um corpanzil com muitas cabeças, muitos troncos e muitos membros, não é obra de grande monta uma meia duzia de notas a mais, embora falsas segundo se declára, e que, mesmo atirador á divulgação, não acarretam ao epotetico tesouro portuguez, responsabilidades de banca rôta.

Eu sei que mais sinteticamente poderia chamar á secção «litas», mas isso tinha dois contras: O primeiro era a pequenez da palavra, o segundo a semsaboria que me poderia causar o ouvir alguem chamar-lhe «tittas», n'uma deficiencia de pronuncia ou em apôdo ás nossas senhoras elegantes. Quanto ao primeiro senão, confesso que facilmente poderia ceder, mas ao segundo já não acontecia o mesmo porque tenho pelas femeninas uma grande admiração e pelas alcunhas um desprêzo só comparado ao que elas teem por mim.

O programa das «Notas falsas» é vasto como todos os programas nacionaes, podendo no entanto sofrer alteração caso o auctor julgue conveniente, como se diz nos menús dos cinematografos. E' minha tenção comentar todos os dias um facto, um acontecimento, um qualquer caso e com ele dar ao publico meia duzia de linhas galhofeiras, sem que isso lhes transtorne o itenerário das ocupações ou lhe incurte a duração do sôno.

As «Notas falsas» são falsas mas não enganam ninguem. Não ha portanto necessidade de as passar ao primeiro maloio a geito, como em tempos velhos se fazia com os vintens hespanhoes e hoje se faz com as comições politicas e demais maleitas luzitanas.

Alarmam os jornaes que, não sei quem, descobriu que a nota é um dos grandes transmissores de doença infeciosa e que o perigo que d'ahi resulta á saude humana, é obra para ser pensada trez vezes seguidas. Devo declarar que as notas da minha fabrica não teem esse perigo. São desinfectadas antes de postas em circulação e como apenas duram um dia não existe grande possibiudade de aderencias sociaes, qualidade de que nem mesmo a nota-oficiosa póde muito bem entrar por um ouvido e sair por outro, ou ficar no meio dos dois, que não me causa grande mossa. Nem eu disponho de munições filosóficas para colocar o mundo na sua situação definitiva nem os leitores são obrigados por lei a concordar comigo. Questões de principios, sempre tive em grande apreço as teorias alheias, não deixando por isso de só concordar com as que me agradam. Sirva isto de aviso aos que me possam acoimar de gatafim de opiniões e me preparem na sombra a chapelada traiçoeira.

E agora que a lebre está levantada, póde o leitor começar a dizer mal de mim chamando-me cronista de trez o vintem ou passador de notas fals s, o que vem a bater no mesmo...

Henr.que Roldão.

A invasão americana

Milhares de turistes virão este ano visitar os locaes celebres da Europa

Este ano, ao que se diz, dar-se-ha a invasão da Europa pela America, acontecimento de ha muito previsto e até agora retardado. A mobilisação de que se trata compreenderá de cento e cincoenta a tres [illegible] mil americanos e americanas, que teem um unico alvo: vêr os logares onde se passaram grandes coisas. Antes de voltarem a atravessar o oceano, contam admirar os locaes mais celebres da Europa ocidental.

Assim, uma multidão de jovens que se combinavam para visitar juntos o velho continente estabeleceram o seguinte itenerario: Cherburg, Paris, Nice, Genova, Roma, Napoles, Florença, Veneza, lagos italianos, Strasburgo, Metz, Verdun e Londres.

Outr'ora, o americano começava sempre por se dirigir a Londres: a guerra inverteu o programa. Ocioso é dizer que os paquetes que esta primavera sairão dos Estados Unidos não teem já um unico logar disponivel. Já em janeiro custava a arranjar logar para o mez de junho. Para o regresso mesmo teem de tomar já precauções, visto que dos navios que se dirigiram a Nova York em agosto, setembro e outubro alguns teem já 60, 70 e mesmo 80 °/° dos seus logares tomados.

A simples viagem da America á Europa, que antigamente custava uns 1.000 francos em primeira classe, custa agora 2.500, quando não é mais cara.

A Liga das Nações

O movimento no Japão

Num pequeno opusculo, em inglez, editado pelo comité da Liga das Nações no Japão e que amavelmente nos foi enviado pelo nosso presado amigo e ilustre ministro de Portugal naquele paiz, sr. Fernão Boto Machado, dá-se conta do movimento havido depois da formação da Liga das Nações. Vê-se da leitura, que a *élite* intelectual daquela prospera e progressiva nação dá todo o seu apoio á Liga.

AUTENTICAS

Até que emfim!...

Foi no «Trianon». A Condessa de... dissera que levaria ali uma senhora ingleza educada no «convent des Oiseaux», instituto religioso, onde só teem ingresso raparigas d'alta linhagem.

«Você não imagina»—acrescentou a Condessa,—é o que se chama uma pessoa chic».

Duvidei. Eu cá tinha as minhas rasões. As inglezas que vêem para Portugal, como os seus classicos macharrões, são tudo o que ha de mais bacalhaus. Grandes pés, mal calçados, «toilettes» em tecido de bananeira e, pelos seus rostos hilariantes, é sempre dificil descobrir o sexo.

Podia lá ser... E depois a vida barata entre nós ainda tem depreciado mais esta importação de pinguins louros e sardentos.

Mas a condessa cumpriu, e quando entrei naquela casa de chá, muito limpa e de bom gosto, sem nodoas nos tapetes nem moscas, como é do uso e de proverbial encanto para os nacionais, ela lá estava com a sua «Lady» prometida.

Apresentação feita, a conversa seguiu sobre literatura. Falámos de Dickens e de Carlyle e porque ela me pareceu «a lovely Being» até por Oscar Wild, nos interessámos.

Com efeito, a Inglesinha tinha cultura e espirito, coisas raras em cerebro bretão de tão exiguas dimensões. E pensava bem, com graça e originalidade. Comecei então a reparar em tudo, e a pretender descobrir, para alem do agrado da sua aparencia, qualquer mundo desconhecido e oculto, como a fina psicologia que se encerra, em certos escriptos dos seus compatriotas.

Estava bem vestida, com gosto, discretamente; outra raridade entre as suas companheiras de emigração. Olhei para o seu rosto, para as suas mãos e vi muita brancura e beleza. A minha formosa amiga e parente tivera mais uma vez razão: estava ali uma mulher encantadora.

Quando no fim do chá a ouvi interessada na campanha feminista que não largo da mão, pareceu-me completa e foi quasi em extase que contemplei a sua linha pouco saxonia, dando a beijar os seus dedos agudos e claros a uns amigos meus que ali a conheceram tambem.

O gesto airoso e natural, leve e sereno, como se destende a aza de longa envergadura, o hombro compondo-se em ligeiro declive, o sorriso, a propria cabeça, o chapeu, tudo se envolvera momentaneamente em tão harmonioso ritmo que bem merecera a fixação historica de uma tela.

«Talvez estudado...» dirão. Póde ser; mas de feliz estudo, é certo.

Quando partiram não pude conter me e exclamei:

«Até que emfim!»

Até que emfim, o quê? inquiriram os amigos que ficaram.

«Até que emfim que aparece em Portugal uma ingleza com geito.»

«E' verdade»—assertaram todos, e logo se puzeram a recordar as suas perfeições.

D. Thomaz de Noronha.

Machado Santos

Sessão e banquete de homenagem

Como já dissémos, no proximo dia 8 realisa-se, pelas 15 horas, nos salões do Centro da Federação Nacional Republicana, da rua do Jardim do Regedor, uma sessão solene em homenagem ao vice-almirante sr. Machado Santos.

No mesmo dia, pelas 21 horas, no Ritz-Club realisa-se um banquete em honra do mesmo oficial.

Imprensa

Em Beja começou a sua publicação um novo semanario, «O Lidador», orgão do Partido Reconstituinte naquela cidade.

Saudamo-lo, desejando-lhe longa e prospera vida.

ARTISTAS DE HOJE

A compositora Antonieta de Lima

Ha meia duzia d'anos, n'uma tarde de primavera, apeei-me á porta dum predio na Graça e premi o botão eletrico.—«A sr.ª D. Adelaide de Lima Cruz?»—Faz favor...

A creada conduziu-me a uma salinha pequena, as janelas semi-cerradas. Esperei uns instantes. Um fio de voz, suave, triste, acolhedor, vinha até mim, da sala contigua. Era talvez uma canção de Granados—daquelas vagas canções que se chamam alegres por serem de Espanha, mas onde passa um fremito de dolorosa e comovida tristeza—da tristeza das catedraes tragicas de Sevilha, dos morros amarelos de Cordova, d'essa sensualidade morta das mesquitas doiradas de Andaluzia...

E o fiosito de voz, terno, suave acolhedor, surpreendido no meu pigarro indiscreto, calou-se de repente. Uma nuvem toldou vagamente o sol claro, e a sala na semi-obscuridade das janelas cerradas, pareceu-me infinitamente mais soturna e mais vulgar.

Foi então que na sombra da porta, um molho de ilustrações da mão, surgiu o grande laço azul d'um «baby» de postal inglez, que me preguntou, incisivo, com a mais encantadora naturalidade: «O que está o senhor aqui a fazer?»

E, como quer que o meu encantador «baby» simpatisasse comigo, decidiu fazer me as honras da casa, como uma d'essas maravilhosas creanças que aparecem ensaiadas nas peças de Nicodemi, com uma intuição feminina cheia de «charme» e de distinção, que não é nem amaneirada como a das merencoreas meninas do ultraromantismo da Lisboa do bico auer e do Passeio público, nem pretenciosa com a das hirtas creanças «bem educadas» pelas «frauleín» de indigesta importação alemã.

Era encantadora, a filha mais nova d'essa graciosa e nobre figura de Mulher que é a sr.ª D. Adelaide Lima Cruz — e essa creança — creança ainda hoje—é a caricaturista pessoal e intensa que expoz ha pouco os seus trabalhos na fotografia Bobone.

O fiosito de voz, suave, triste, acolhedor, era... Antonieta de Lima, a compositora, vibrante, espiritual, dum perturbador e perfumado espirito de feminilidade, d'um «smartisme» de eleição fecundo e insinuante, que Lisbôa vae ouvir, no domingo, entre casacas e joias, no salão sumptuoso e tradicional do palacio do Calhariz.

E' o poder de retylisação rithmica, dos Nocturnos em que ha o que quer que seja da armonia estranha e alada de Debussy, que naquele intimo «atelier» da Rua da Graça mais me perturbou e mais me comoveu.

No «Santo Antonio»—a maravilhosa e colorida pagina de Antonieta Lima mistica e sonambula como certas baladas rituais de Brahams ha toda a doçura d'esse desabrochar glorioso de mulher, d'essa mulher «mignone», deslocada e tremula como uma sécia antiga que trocasse a berlinda doirada de brazões pela vulgaridade actual e grosseira d'um Hudson cinzento.

«A noite de S. João» que Antonieta Lima executará tambem na Liga Naval é, com os «cantares na rua», «fogueiras» e «danças de roda», uma vibrante e uma admiravel sugestão rithmica e pictural do sensualismo pagão e lusitano das populações sentimentaes das regiões litoraes—e nas notas sentidas e cristalinas dos «cantares da rua» ha, efectivamente, a sugestão aquatica e humida das vielas e dos caes desta Lisboa bemdita de emoção, dende ainda, do morro da Sé, pelas tardes quentes de Julho, parece ver se, na poeira d'oiro do orisonte descobrir-se a véla latina e branca d'uma caravela perdida...

Finalmente na «Lenda» com que abre precisamente o recital do dia 8, ha todo o halo luminoso e branco que envolve na penumbra d'um passado perante as mil evocações antigas da Raça, amorosos ou sinistros, épicos ou galantes, futeis ou gloriosas...

E, na noite de 8 de maio—como premio florido desta primavera maravilhosa de luz, Lisboa vae ouvir, comovida e contricta, as primeiras, balbuciantes, tremulas, virgens, e admiraveis vibrações d'arte, d'uma gloriosa e excepcional artista portugueza.

O HOMEM QUE PASSA

A gréve dos jornais

A assembleia das emprezas dos jornais deliberou que reaparecessem o «Diario de Noticias», o «Seculo», a «Patria», a «Epoca», a «Capital» e a «Vanguarda», cessando assim a publicação de «O Jornal», que representava na imprensa os referidos diarios e ainda o «Mundo», a «Manhã», a «Lucta», a «Noite», a «Opinião», a Victoria», a «Situação» e o «Radical», jornais estes que reaparecerão oportunamente e a cujo espirito de sacrificio prestam homenagem os seus camaradas que primeiro voltam a ter contacto directo com o publico. Ocioso se torna acentuar que se mantem, entre todos os jornais mencionados, a mesma união da primeira hora, na defesa do que reputam os seus direitos e justos interesses.

A ALEMANHA E OS ALIADOS

A questão das reparações

O texto da carta da missão alemã dos encargos de guerra

PARIS, 4.—Publica-se o texto da carta dirigida no dia 29|4 pela comissão alemã dos encargos da guerra: «Em resposta á nota da comissão de reparações pedindo que o Reich efectue «in-continenti» o primeiro pagamento de 1 bilião de marcos-oiro e convidando-o a fazer propostas a respeito das datas e modalidades do pagamento dos depositos ulteriores, esta comissão responde que a nota pretende que as obrigações dependentes do artigo 235 do tratado não poderiam considerar-se senão como uma parte integrante do conjunto das obrigações de reparação.

A carta recorda as propostas transmitidas pelos Estados Unidos nas quais a Alemanha se declara pronta a pagar um bilião de marcos-oiro dos quaes 150 milhões em oiro ou prata e «devises» e 850 em letras sobre o tesouro, as quais serão pagas o mais tarde em 3 meses em «devises» provenientes de valores estrangeiros. A carta conclue supondo que não se tratará de manter o pedido de entrega a comissão de reparações de 1 bilião de marcos-oiro, exigencia que o Reich considera irrealisavel, tanto sob o ponto de vista legal como material. A comissão de reparações respondeu no dia 31|3, enumerando as diferentes correspondencias trocadas entre as duas comissões e lembrando a Alemanha a obrigação de pagar 20 biliões de marcos-oiro antes do dia 1 de Maio tendo passado esta data a comissão chama formalmente a atenção do Reich para o facto de que ele não cumpriu as obrigações que lhe são impostas pelo artigo 235 do tratado. Na sua resposta a comissão de reparações expôem em poucas palavras os pontos essenciais da questão, tais como ressaltam da correspondencia trocada. No dia 26 de Fevereiro a comissão informou a «kriegslaten kommissionde» que em virtude do artigo 235 do tratado havia um deficit de pelo menos 12 biliões de marcos-oiro sobre os pagamentos devidos pela Alemanha antes de 1|5|1921.

No dia 15|3 a comissão recordou oficialmente a Alemanha a sua obrigação de prencher esse deficit antes de 1|5|1921, e pediu alem disso, por conta do primeiro pagamento, 1 bilião de marcos-ouro antes de 23|3|1921.

Tendo a «kriegslaten kommission» respondido em 22|3 que não havia logar para esse pagamento a comissão de reparações notificou formalmente ao Reich em 24|3 que havia faltado a uma das obrigações do tratado. Esta falta foi simultaneamente notificada a cada uma das potencias interessadas em harmonia com as estipulações do tratado em 18|4 e a comissão propoz que a existencia metalica do Reichbank fosse transferida para as sucursais de Colonia ou Coblentz, devendo aquela existencia constituir um penhor para a execução por parte da Alemanha das obrigações que lhe são impostas pelo artigo 235 do tratado. A «kriegslaten kommission», em carta de 22|4|1921, recusou aceder a esta proposta. A comissão em carta de 25|4 pediu á Alemanha que entregasse ao Banco de França o mais tardar até 30|4 a importancia de 1 bilião de marcos-oiro. A resposta alemã de 29|4 foi simplesmente dilatoria e pede a comissão que o pedido fique sem efeito. Por conseguinte a comissão declara formalmente que a Alemanha faltou á obrigação que lhe incumbe em virtude do artigo 235 do tratado e isto pela importancia de pelo menos 12 biliões.

A comissão deu a conhecer imediatamente esta falta ás potencias interessadas na conformidade do tratado.—(H.)

A reunião do conselho supremo

LONDRES, 3.—Oficial.—O conselho supremo esteve reunido das 15 ás 20 horas. Houve completo acordo pelo que respeita á base da comunicação á Alemanha. Constituiu-se o comité de redação que deve preparar este documento.—(H.)

Convocação dos representantes da comissão de reparações

PARIS, 3.—A agencia Havas recebeu noticias de Londres, que a habilitam a dizer que a sessão d'esta tarde foi preenchida em preparar os detalhes tecnicos do projecto financeiro, especialmente os relativos aos poderes da comissão de garantias, ao tipo das obrigações e a liquidação dos juros acumulados. O conselho convocou para Londres os representantes dos aliados na comissão das preparações, os quaes devem chegar ali amanhã de manhã. A comissão poderá assim tomar imediatamente resoluções em harmonia com o plano estabelecido pelo conselho supremo e em concordancia com o tratado de Versailles. D'esta forma poderá ela notificar á Alemanha o prazo previsto e as modalidades do pagamento da sua divida.

O conselho deve reunir amanhã para registar o acordo definitivo dos aliados sobre o envio á Alemanha da decisão do conselho.

O acordo é completo, tanto no que respeita a resolução politica como no acordo para o pagamento das obrigações da Alemanha a respeito das reparações. O sr. Briand pensa em sair de Londres na quarta feira de tarde.—(H.)

O texto da nota americana

WASHINGTON, 3.—A rectificação oficial do texto precede tem ate comunicado da nota americana á Alemanha, indica quaes as palavras das propostas que não podem ser tomadas em consideração e devem ser suprimidas.—(H.)

O acordo definitivo para o pagamento da Alemanha

PARIS, 4.—Segundo um telegrama que a Agencia Havas recebeu de Londres, embora na sessão de ontem á noite fosse completo o acordo entre os aliados, a conferencia não poude considerar-se encerrada e os aliados preferiram convocar para Londres a comissão de reparações a fim de fixar imediatamente os termos da notificação que a comissão deverá fazer á Alemanha antes do dia 6 do corrente. Desta maneira, quando os aliados se separarem todas as questões estarão reguladas nos maiores detalhes e o atrazo de 24 horas não representa senão vantagens. O facto digno de registo da sessão da manhã e o convite feito aos Estados Unidos para enviarem representantes á conferencia dos embaixadores e á comissão de reparações. Este facto facilitará o restabelecimento da paz do mundo. Cada um dos embaixadores aliados exporá ao secretario de Estado a opinião do seu governo sobre a situação da Europa. Por outro lado o acordo definitivo para o pagamento da Alemanha estipula que o Reich não pagará senão o juro de 2 1|2 °/° a partir do dia 1 do corrente sobre a parte da divida não coberta pelas obrigações em logar de 5 °/° a partir de 1926, como tinha sido fixado primitivamente. Para compensar a redução da taxa de 26 °/° essa cobrada sobre as exportações alemãs em logar da de 25 °/°. Em caso algum a Alemanha pagará de 6 °/° da importancia total das obrigações.

Fora destas alterações secundarias, o projecto subsiste inteiramente, tal como o deu a Agencia Havas. A notificação que os aliados devem fazer a Alemanha deve conter a carta de envio e as resoluções tomadas pela conferencia.—(H.)

PELO TELEGRAFO

O incendio na estação Central do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 3.—O incendio que destruiu parte dos edificios da Central do Brazil, produziu maiores estragos na gare maritima onde havia grande quantidade de mercadorias acumuladas. Parece que os prejuizos não são tão importantes como a principio se julgou. Uma grande parte das mercadorias ficou intacta.—(A).

Emigração para o Brazil

RIO DE JANEIRO, 3. — Estão encetadas negociações com a Republica da Ukrania para proteger a emigração para o Brazil.—(A).

A comemoração do centenario de Napoleão no Equador

QUITO, 3.—Os oficiais da guarnição desta cidade resolveram comemorar o centenario do falecimento de Napoleão 1.º organisando no dia 5 do corrente mêz grandes festas em cujo numero entra uma grande revista militar a que assistirão o presidente da Republica Tamayo, as autoridades civis e militares, as mais altas personalidades da cidade, corpo diplomatico, etc.

O ministro da França no Equador, associando-se ás festas, instituiu um concurso original, oferecendo uma espada de honra ao oficial que mais desenvolvidos conhecimentos demonstrar sobre as campanhas napoleonicas.

A população mostra grande entusiasmo pelas projectadas festas que serão decerto mais um excelente pretexto para o povo equatoriano expandir as suas simpatias pela França.—(A).

Assembléa da Liga das Nações

PARIS, 4—O embaixador sr. dr. Gastão da Cunha, presidente do conselho da Liga das Nações, fixou o dia 5 do mez de setembro para a segunda reunião, em Genebra, da assembleia geral da Sociedade das Nações, comunicando aos diferentes governos as questões que vão ser submetidas á apreciação da assembleia.—(A).

Soldados de Wrangel que seguem para São Paulo

MARSELHA, 4—A administração do transito maritimo recebeu instrucções do Estado de S. Paulo para o transporte para ali de 20 mil soldados do exercito de Wrangel nos vapores «Batavia», «Austria», «Manhein» e «Cassel» onde serão arranjadas disposições especiaes para se efectuar o transporte nas melhores condições possiveis de higiene.—(A).

A independencia do Perú

PARIS, 4.—O almirante Pugliesi Conti embarcará no cruzador «Jules Michelet», como enviado extraordinario do governo francez nas festas do centenario da independencia do Perú.—(A.)

A posse do presidente de Cuba

HAVANA, 3.—No proximo dia 20 reunir-se-ha em sessão extraordinaria o congresso para proclamar solenemente e dar posse ao novo presidente da republica, Alfredo Zaias.—(A.)

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Não é de mais, voltarmos a falar na grande necessidade que ha de crear as Federações por especialidade de sport. E' certo que já temos a federação de Remo, bem ou mal organisada, mas bem ou mal regulamentada, temo-la. Faltam-nos as Federações dos restantes sport, principalmente d'aquelles que mais incremento teem no nosso meio, como, por exemplo o box, a esgrima, o tennis, e os sports atleticos.

Sobre sports atleticos está em via de conclusão o trabalho da comissão nomeada para a organisação da respectiva federação mercê da propaganda feita por um jornal da especialidade sendo provavel que dentro de um mez ella já funcione, quer organisando provas, quer fiscalisando e dando incremento á pratica dos exercicios atleticos, tão abandonados, teem estado nestes ultimos cinco annos.

A guerra! sempre e ainda a guerra serve, serviu e continuará a servir de pretexto á F. P. S. que nada, mesmo nada fez, quando podia fazer pouco... mas fazer.

Temos portanto, quanto a sports atleticos o caso em via de conclusão.

Sobre box teem sido infrutiferos os esforços do nosso bom amigo Francisco Guedes, para a reorganisação da respectiva Federação simplesmente por os clubs não comprehenderem ou não quererem comprehender a sua enorme vantagem.

Sobre a Federação de Esgrima, ideia lançada ha tempos pelo C. N. E. e acolhida pela imprensa com jubilo, ficou apenas em ideias.

Ora de ideias estamos nós fartos, do que necessitamos é de trabalho, de trabalho util e proveitoso.

O Centro de Esgrima nomeou uma comissão (sempre e mais uma vez as comissões) para elaborar os respectivos regulamentos, estatutos, etc. O que tem ella feito? Nada, até agora.

Portanto, só um caminho nos está indicado: as salas de armas tratarem quanto antes da sua organisação.

Quanto á federação de tennis, compete ao Club Internacional e ao Lawn-Tennis Internacional tratarem dela. Só eles poderão organisa-la.

Assim, por este caminho, que é com certeza o melhor, poderemos dentro em pouco progredir e egualarmos os nossos atletas aos atletas lá de fóra, poderemos sem desdouro concorrer a torneios internacionaes, exalçando o nome portuguez.

Criadas as Federações por sport, pensaremos então na Confederação das Federações, e estamos certos de que a ideia em marcha... vingará.

A. de Campos Junior.

FOOT-BALL

Os desafios de hontem em Palhavã

Realisaram-se hontem, no campo do Palhavã, mais dois desafios O primeiro, ás 15 horas, pouco interesse despertou, pelo mau jogo que qu lquer dos teams desenvolveu. Este desafio termnou pela victoria do Carcavelinhos dos 2 goals a zero sobre o Sport-Lisboa.

Foi a penultima iliminatoria da «Taça mutilados da Guerra», organisapo pelo jornal *Os Sports*.

O segundo encontro foi superior. Os hespanhoes combinaram muito bem o team do Imperio jogou com grande energia. O resultado deu a victoria aos hespanhoes por 2 goals a um.

Amanhã, pelas 19 horas realisa-se no mesmo campo, novo desafio entre Carcavelinhos e o team de Vigo.

TIRO AOS POMBOS

O torneio da «Taça Sabrosa»

Disputou-se no passado domingo a «Taça Sabrosa» que chamou grande concorrencia ao Stand do Gun Club.

A classificação geral foi a seguinte:

1.º premio e taça Sr. Luiz Oliva
2.º » sr. Sequeira
3.º » sr. Araujo e Gama
4.º » sr. dr. José da Cunha.

NOTICIARIO

No domingo deve realisar-se novo encontro de foot-ball do torneio da «Taça mutilados da Guerra» entre o Casa Pia e Imperio Lisboa Club no Campo Grande ás 15 horas. E o ultimo desafio das eliminatorias. Para os meios finaes já estão apurados Belenenses e Sporting, e Carvalhinhos que jogaram respectivamente com o Victoria de Setubal e Internacional o Sport Lisboa e Benfica.

—O Concurso Hipico Internacional do Palhavã inicia-se no hipodronio de Palhavã no dia 4 de Junho.

—No proximo domingo realisa-se o desafio para apuramento d finalista entre os teams do Sporting e Belenenses. O vencedor deste desafio disputará a primeira mão da final no dia 15 do corrente. A segunda mão realisar-se-ha no domingo seguinte.

—Causou boa impressão no nosso meio o ultimo numero do bi-semanario «Os Sports» que volta a publicar quatro paginas ao domingo.

—Parece que a epocha de natação se inaugura oficialmente no dia 15 deste mez, iniciando-se o campeonato de water-polo de 1.ªs categorias.

—Os Campeonatos de box e luta organisados pelo G. C. P. foram transferidos respectivamente para 21, 22, 27 e 28 deste mez.

—Consta que o 1.º team do Casa Pia Atletico Club vae jogar a Vigo.

—Não está ainda afixada a data em que jogará em Lisboa o 1.º team do Barcelona Foot-Ball Club, convidado pelo Club de Foot-Ball «Os Belenenses».

—Parece que o gerente do Colyseu dos Recreios, na sua ultima viagem ao estrangeiro, fechou contrato com alguns boxeurs, projectando levar a efeito varios combates naquela casa de espectaculos. Esperemos pelos acontecimentos...

—A direção do Club Internacional de Foot-Ball tenciona organizar hontem no dia 7, 8, 14 e 15 do corrente o torneio preparatorio de «lawn-tennis» para melhorar a forma dos tennistas que concorrem ao 3.º Concurso da Primavera, que se realisará como já noticiamos, nos dias 18 a 22 do corrente.

—Ao «rink» do Liceu Passos Manuel, onde provisoriamente o Hockey Club de Portugal tem dado as suas sessões de patinagem, continua a afluir grande numero de socios. Brevemente este Club realisa nos Recreios da Amadora uma elegante festa de patinagem.

—Parece que o boxeur Silva Ruivo abandona por algum tempo, os encontros pugilistas, dedicando-se com medo a um treino rigoroso da «nobre arte».

—Consta que a final do torneio da «Taça Mutilados da Guerra» se realisará no magnifico campo atletico do Stadium, gentilmente cedido pela nova direção d'aquelo velodromo.

—O team dos Belenenses que jogou no Porto no domingo ultimo e hontem conseguiu duas vitorias:

Venceu a selecção do Porto por 9 goals a tres e o Foot-Ball Club do Porto por 3 a zero.

Bancos & Companhias

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.—Do relatorio agora publicado vê-se que o saldo na gerencia finda foi de 32.432$82,5, a que foi proposta a seguinte aplicação: p ra fundo de reserva, 1.568$45; porcentagem aos corpos gerentes, 3.768$28; fundo de reserva, 2.160$50; dividendo de 2 1/3 por acção, 21.301$85; caixa de socorros aos empregados, 1.200$00; fundo de pensões e socorros, 2.000$00; contribuições e conta novos, 1.133$05,5.

Monte-pio Comercial e Industrial.—Reuniu em assemblea geral o Monte-pio Comercial e Industrial e Caixa Economica, apresentando um fundo permanente e de reserva que foi elevado pela ultima gerencia a 357 contos, sendo pago de pensões 134 contos.

A direção composta dos srs. Antonio Bastos, Jeronymo Augusto Pacheco e Luiz Antonio Diniz, respetivamente, presidente, secretario e tesoureiro, comunicou a assemblea, que tinha comprado o predio onde esta instalado o Monte-pio, o que foi acolhido com entusiasmo pela assemblea, sendo no fim da sessão feita uma manifestação de simpatia á direção, pelo desenvolvimento que deu ao Monte-pio durante a sua gerencia.

MUSICA

Concerto viana da Motta

Em consequencia de alguns musicos da banda de marinha terem de tomar parte no festival do jardim Zoologico, não se realisou hontem este concerto, que ficou transferido para o proximo domingo.

Theatros e Cinemas

Reclames

Hoje, em recita da moda volta a representar-se, no Nacional, a farsa, peça historica «Leonor Teles», que a administração do teatro fez exibir com o maior deslumbramento e aparato. A «Leonor Telles» é, em conjunto, um espetaculo soberbo, e requintadamente artistico, que ninguem de bom gosto, deve deixar de ir admirar. Amanhã repete-se a mesma peça.

Noticiario

Estando restabelecida da enfermidade que a impedia de trabalhar, a talentosa actriz Amelia Rey Colaço, efectua-se amanhã a inauguração da temporada no teatro da Trindade, com a «première» da peça «O pescador de perolas», adaptação dos espirituosos escritores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, duma peça que é dos maiores e mais brilhantes exitos parisienses.

Alem da artista a que já nos referimos, reaparece, tambem, nessa peça o ilustre actor José Ricardo, que a ensaiou com a sua proverbial competencia.

«O pescador de perolas» tem a seguinte a distribuição:

«Ginette», Amelia Rey Colaço; «Amelia», Albertina d'Oliveira; «Madame Berneux», Acacia Reis; «Ninette», Ofelia Brochado; «Joana», Maria Helena; «Berta, creada», Rosalina Sayal; «Quiteria», Amelia Croner; «Conde Estanislau de La Ferroniere», José Ricardo; «Labaume», Robles Monteiro; «Roberto», Eduardo Freitas; «Raimet», Tomaz Vieira; «Florencio», Seixas Pereira; «Um cocheiro», Octavio Bramão; «Augusto groom», José Tavares.

—Causou muito bôa impressão, no nosso meio teatral a pagina teatral de «Os Sports» dos domingos. Insere variada e escolhida colaboração do nosso colega Armando Ferreira, Henrique Roldão, José Tocha, etc.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — As 21 h.—«Leonor Teles».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
GIMNASIO — A's 21,30 —«Vertigem»—«Irmãos Unidos».
EDEN—A's 21—«Cerco ao Rei».
AVENIDA — A's 21,30—«O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

VIDA ARTISTICA

A exposição de bellas artes

Com a assistencia do sr. presidente da Republica e do corpo diplomatico, realisa-se amanhã, pelas 15 horas, na séde da Sociedade Nacional de Bellas Artes, rua Barata Salgueiro, a inauguração da 18.ª exposição anual de bellas artes, pintura, escultura e arquitectura, organisada pela Sociedade.

PARA OS ESTUDANTES FAMINTOS

Sessão de propaganda

A Federação Academica de Lisboa promove amanhã uma sessão de propaganda a favor dos estudantes estrangeiros que em consequencia da guerra atravessam uma vida de miseria e privações de toda a especie.

A sessão realisa-se no pavilhão anexo á Faculdade de Sciencias, ás 21,30 horas, falando varios oradores, entre os quais D. A. Davis e T. Hurrey, que de perto conhecem o estado verdadeiramente desesperado em que se encontram muitos estudantes dos paizes que a guerra assolou.

O ilustre pianista ilustre sr. Vianna da Motta executará ao piano as obras de Scubert-Liszt *Soirées de Vienne* e de Chopin *Polonoise em la bemol*.

A casa Oliveira, do Rocio, cedeu amavelmente um magnifico piano Bechstein.

NO BRAZIL

A mensagem presidencial

aluse aos incidentes luzo-brazileiros

RIO DE JANEIRO, 3.—A mensagem do Presidente da Republica sr. Epitacio Pessoa, ao congresso, na sua sessão de abertura, alude em primeiro logar á politica externa, assinalando os felizes resultados das visitas dos soberanos belgas e dos srs. Orlando e Colby, respectivamente enviadas dos governos italiano e americano. Anuncia que «cabendo á Inglaterra de reconhecer os direitos do Brazil, conforme o estipulado no tratado de Versailles, na questão da propriedade dos navios, ex-alemães, essa questão fica, assim, definitivamente regulada, fazendo a França pontualmente o pagamento mensal dos navios que lhe foram alugados. A mensagem refere ainda que um espirito de malevola oposição tentou crear entre o Brazil e Portugal uma atmosfera de hostilidade que o bom senso da opinião dos dois paizes dissipou imediatamente.

A mensagem rendo uma homenagem á alta competencia da missão militar franceza no Brazil. Sobre politica interna regista os felizes resultados da repressão contra os manejos anarquistas.

O governo pedirá ao congresso os necessarios creditos para a acquisição de novas unidades navaes. A agricultura apresenta um desenvolvimento apreciavel devido á emigração e aos trabalhos de interesse geral. A situação financeira, infelizmente, agravou-se em 1920. As receitas foram de 110.383 contos, ouro, e 459.764 contos, papel. Nas exportações verifica-se uma diminuição de 22.564:000 libras esterlinas em relação a 1919. As importações ultrapassaram na mesma quantia as de 1919. Os «stocks» em ouro existentes elevam-se a 62.538 contos. A divida externa é de libras 103.635:000 e 322.249:000 francos. A divid interna está em 1.113:000 contos, papl. Torna-se absolutamente necessaria uma redução nas despezas.

A mensagem conclue por recomendar á atenção do congresso as reivindicações operarias.—(H.)

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Cronica Poligrafica.—D'esta importante revista das artes graficas, que se publica em Barcelona, recebemos e agradecemos o numero 9.

Boletim de Presidencia Social.—Saiu o numero 9 do 3.º ano d'este Boletim, publicado pelo Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios e abrangendo de janeiro a dezembro do ano findo. Dá um resumo da obra realisada pelo Instituto no seu primeiro ano de gerencia.

Revista do Instituto Superior de Comercio de Lisboa.—Traz um magnifico retrato do professor dr. Mattoso Santos, ha dias falecido, e escolhida colaboração e numero correspondente a março d'esta revista.

Revista Internacional de Dun.—Recebemos o numero relativo a abril findo d'esta publicação da casa R. G. Dun & C.ª, de Nova-York.

Triangulo Vermelho. — Saiu o numero 6, correspondente ao mez corrente, d'este mensario ilustrado, orgão das Associações cristãs da mocidade de Portugal. E' quasi todo dedicado á consagração dos «Soldados desconhecidos» e traz uma pagina em inglez.

Guarda Nacional Republicana

Companhia de Trens

Conselho Administrativo

ANUNCIO

O Conselho Administrativo d'esta C. T. faz publico que no dia 22 do corrente, pelas 13 horas, se procederá á venda em hasta publica de um automovel, marca RENALT-50|60 HP., 6 cilindros, 7 l gares, fechado, em bom estado de conservação e funcionamento.

As condições do leilão, bem como o referido carro, encontram-se patentes no quartel da referida companhia todos os dias uteis, das 11 ás 18 horas.

Aceitam-se propostas em carta fechada até ao referido dia, que serão abertas na ocasião do leilão, sendo tomada com base de venda aquela que for egual ou superior ao valor arbitrado ao carro pelo conselho administrativo.

Quartel em Lisboa, 2 de Maio de 1921.

O Tesoureiro Interino
José Ferreira Flores

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Presidencia do sr. Abilio Marçal, abrindo a sessão á hora regimental. Lidos a ata e o expediente, o sr. Eduardo de Sousa pregunta se já existe algum parecer na meza sobre os orçamentos. Responde o sr. presidente dizendo estar na meza o parecer do orçamento do ministerio da Agricultura, com o que o sr. Eduardo de Sousa, exulta, dizendo que é motivo para se dizer Aleluia!

O sr. Cunha Leal manda para a meza um projecto de lei beneficiando o sr. Jaime de Figueiredo.

O sr. João Gonçalves manifesta o desejo de que esteja presente o sr. ministro da agricultura para lhe ouvir o que pensa acerca do que com ele se passou no seu ministerio. Depois fez largas considerações sobre a questão do azeite, ficando com a palavra reservada para amanhã.

Entra-se na ordem do dia.

O sr. ministro da guerra manda para a mesa duas propostas referentes á amnistia, pedindo que elas entrem ainda hoje em discussão, o que é aprovado.

O sr. presidente põe em discussão a proposta referente á Agencia Financial do Rio de Janeiro.

O sr. Cunha Leal está proferindo um discurso veemente apreciando a proposta.

No Senado

Presidencia do sr. Correia Barreto.

O sr. Julio Ribeiro refere-se aos Transportes Maritimos do Estado, afirmando que é incapaz de caluniar ou injuriar pessoalmente seja quem for como se insinua, querendo apenas cumprir o seu dever de parlamentar e saber se o que ha de verdade no que dizem colegas do Senado Deputados e imprensa e gente até lá de dentro.

Não injuria ninguem o nobremente, lealmente, retirará qualquer frase que pelavra que possa parecer pessoalmente imperiosa, mas quero saber o que ha de verdade, repete, o que se diz das irregularidades atribuidas áquela administração.

São menos exatas as afirmações que se fazem? Ele será o primeiro a proclama-lo, se d'isso o convencerem.

Custa-lhe que navios onde flutua a bandeira portugueza, sejam arrestados ou retidos em portos estrangeiros por dividas injustificaveis.

Requero a seguir muitos documentos pelo ministerio do comercio respeitantes aos Transportes Maritimos do Estado.

O sr. Pereira Osorio protesta contra a prisão do dr. João Moreira de Almeida, de quem faz o elogio, afirmando que taes arbitrariedades só pódem ser praticadas por inimigos da Republica.

O sr. ministro da justiça responde dizendo saber apenas o que os jornais referem, mas que comunicaria ao seu colega do interior as considerações do ilustre senador.

O sr. Alvares Cabral pede ao sr. ministro da justiça que faça preencher o lugar de juiz de direito de Ribeira Grande (Açores).

O sr. ministro da justiça promete providenciar.

O sr. Raimundo Meira requere que entre imediatamente em discussão a proposta de lei abrindo um credito de 80 contos para auxilio á situação dos tuberculosos da guerra.

Foi aprovado.

Discute-se a seguir o projecto de lei regulando as promoções no exercito. Foi aprovado com algumas emendas.

A sessão continua.

NOTICIAS DA CAPITAL

Gatuno ferido a tiro

A policia procurava ha muito os gatunos de largo cadastro Francisco Mendes, o «China», morador na rua da Fabrica da Polvora, 99, e José da Costa, o «Chora», residente no Casal Ventoso, acusados de varios roubos, entre os quaes o de dois caixotes com tabaco em valor superior a 2,000 escudos, praticado por meio de arrombamento nos armazens da firma Leite & Teles.

Hontem, os habeis agentes da 4.ª secção de investigação criminal Coelho e Esteves prenderam-no, mas o José da Costa pôz-se em fuga, pelo que o agente Coelho, como os jornaes da manhã noticiam, disparou contra ele um tiro, que o atingiu na espinha dorsal.

Diversos companheiros dos gatunos tentaram agredir os agentes, em auxilio dos quaes acudiram uma patrulha da guarda republicana e dois guardas da esquadra dos Terramotos que puseram os meliantes em fuga.

Hoje, pelos agentes Coelho e Esteves foi apreendido n'um estabelecimento de Alcantara o tabaco roubado O «China» está incomunicavel o governo civil.

Roubo de lenha

A firma Dias de Carvalho, Limitada, com escritorio na Praça dos Restauradores, 13, queixou-se á policia de que tendo encarregado João Pires Guencoso de ir ao Barreiro buscar 49,200 quilos de lenha de azinho, ao chegar a fragata em que foi feito o transporte a Lisboa faltavam 4,200 quilos. Mais tarde apareceu uma outra fragata a fazer venda de lenha e como recaissem sobre ela suspeitas desapareceu. A policia maritima procura-a. O valor do roubo é de 300$00.

Proezas da gatunagem

Foram presos João Batista, calçada da Ajuda, pateo do Pinzel, e Mateus Pedro Pimenta, rua das Casas de Trabalho, 74, por terem furtado 5 lavatorios e 2 fechaduras, tudo no valor de 315$00, a Canuto Carlos de Almeida, rua do Alvito, 69, r|c.

—Queixaram-se á policia Albino Alves, Estrangeira de Baixo, 5, loja, de que na Avenida Marginal, quando estava a dormir numa carroça, os gatunos lhe roubaram a carteira com dinheiro, a matricula de carroceiro a licença da carroça e um cordão de ouro, tudo no valor de 280$00.

A explosão de hontem

O estudante Alvaro Batista, que ontem ficou ferido com estilhaços da bomba que explodiu debaixo dum carro eletrico na avenida da Liberdade, voltou hoje a receber curativo no posto da Cruz Verde, na praça da Alegria, verificando-se que o ferimento não apresenta gravidade.

Apesar das diligencias a que tem procedido, a policia não conseguiu ainda saber quem foi o auctor do atentado.

O Arco de Almedina

A sua demolição não deve ser permitida

Sr director de A Capital.—Permita v. que no seu popularisado jornal, embora tardiamente, eu venha juntar a minha humilde voz de artista, em defesa do velho arco de Coimbra. Já muita e grada gente tem vindo a publico protestar contra as formais intenções da Camara conimbricense já mesmo a propria camara pela boca dum dos seus vereadores, fez publicar no *Diario de Noticias* uma pseudo defesa daquelas malfadadas intenções.

Não sou daqueles pessoas que teem por tudo quanto é antigo um culto incondicional; nem tão pouco «bric-a-bracomania» que impede de descernir a escolha entre as obras de arte antiga.

Neste caso não sei se juridicamente a Camara de Coimbra tem já compromissos tomados, se o velho e pobre Arco de Almedina «tirava a vista» como diz hoje Alberto Souza no «Noticias», a alguma nova cervejaria.

O que sei é que aquela luz de calçada antiga, aquele éco dos passos no lagedo, o poder de evocativa tristeza daquele recanto conhecido de Coimbra, se perdiam.

E, em vez da côr cinzenta das pedras velhas, da «patine» bôa, das rugas vetustas do Arco de Almedina, viria uma cervejaria, nova, irritantemente nova, de mau gosto, daquele estupido mau gosto, que tem pejado toda ou quasi toda a nossa moderna arquitetura.

O que sei, o que sinto é que já é tempo sr. director de, uma vez para sempre, sairem das Camaras Municipais, as ineptas mentalidades de todos os «conceituados comerciantes das varias praças» que para continuarem a ser classicamente «bemquistos» se deverão limitar a vender os seus «artigos», a arranjarem a sua vida, e a deixarem-nos fazer o «arranjinho».

De v. etc. *Leitor de Barros.*

Congresso Beirão

Na séde da Sociedade Propaganda de Portugal reunem hoje, pelas 21 horas, todas as comissões organisadoras deste Congresso, que se realisa de 7 a 15 de junho proximo.

Vae ser aberta na secretaria central a inscrição dos congressistas, os quaes teem em todas as linhas a redução de 50 %.

Musica no quartel de marinheiros

Realiza-se amanhã, pelas 16 horas, no quartel do corpo de marinheiros em Alcantara um concerto publico com o seguinte prgrama:

«Lo Canto del Valencio», Sozs; «Oberon», abertura, Weber; «Balada Oriental», Dereme; «Palhaços», selecção da opera, Leoncavalo; «Les Erynies», suite, Massenet; «Rienzi», marcha, Wagner.

Conferencias

Na Associação dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 19, e a convite do Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, realisa amanhã, ás 21 horas, a sr.ª dr.ª Paulina Luizi uma conferencia sobre «Mulheres no Uruguay». Presidirá o ministro dessa republica sul-americana, sendo a entrada publica.

Serviço telegrafico da tarde

LONDRES, 4.—O embaixador da Alemanha esteve esta tarde no «Foreign» office onde disse que a demissão do dr. Von Simons e de Fehreback, ha muito anunciada, seria agora provavel, mas que ainda não era um facto. O principe Sapiera conferenciou hoje com os ministros aliados.—(H).

WASHINGTON, 3.—O senado aprovou a lei restringindo a emigração.—(H).

CONSTANTINOPLA, 4.—O principe Omar Farouk, herdeiro presumptivo do throno da Turquia, embarcou clandestinamente a bordo de um vapor italiano. Parece ter intenção sua chegar a Angora para fazer causa comum com Kemal Pachá. Diz-se por outro lado, que o governo d'Angora tomou providencias para evitar o desembarque do principe na Anatolia, desconfiando que se queira unir aos anti-kemalistas.—(H).

PARIS, 4.—A «Liberté» diz que a questão da embaixada no Vaticano será solucionada dentro de breves dias pelo governo. Já o governo anterior havia pensado na nomeação do embaixador antes de apresentar o projecto ás camaras. E' crença geral que o actual governo seguirá o mesmo processo, considerando-se adiada a nomeação do novo embaixador sem esperar pelo voto do Senado, que protelado a questão, sob varios pretextos. Parece que a nomeação do novo embaixador recairá em uma personalidade parlamentar que prestou relevantes serviços ao paiz.—(H).

A CAPITAL

3773—11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Quinta-feira, 5 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O IMPOSSIVEL

Em materia de extravagancia, ainda não se observou por certo nada mais curioso do que o proposito do governo, revelado ha dias por uma sensacional noticia do «Seculo», decidindo decretar a revogação do decreto de 9 de dezembro de 1917, o qual dissolveu o parlamento que então funcionava.

Anuncia-se mesmo que o governo continuará, depois d'isso, a publicar decretos anulando todos os decretos da chamada situação dezembrista, e que já tiveram plena execução. Se, dentro do absurdo, uma logica existe, ao menos esta continuação justifica-se pelo acto inicial.

Mas, realmente, que pensamento preside a esta fantastica resolução que ou procura, de facto, anular a acção do tempo, e reconduzir-nos a 5 de dezembro de 1917, ou, se tal não é o seu fim, tem então o aspecto d'uma brincadeira de creanças, caso não optemos por uma rematada loucura?

Ninguem o sabe, dizem os jornaes. Todavia, a nós, o que nos cumpre é fixar as consequencias, que deveriam ser fataes, da promulgação d'um decreto que vem anular outro, evidentemente por ser considerado absolutamente ilegitimo.

N'esse caso, a anulação do decreto que dissolveu o parlamento de 1917 só pode dar um resultado: a recondução d'esse parlamento.

E com a recondução desse parlamento tudo deve voltar á situação anterior, porque certamente o governo, uma vez entrado nessa senda, não considera menos ilegitimo o decreto que destituiu da presidencia da Republica o sr. Bernardino Machado. Como é natural que considere a demissão do governo, que em 1917 ocupava as cadeiras do poder, o fructo duma coacção, pela violencia revolucionaria exercida, e que não menos deverá merecer uma reparação condigna.

Logo, as consequencias logicas da orientação que o governo manifesta levam-nos a curiosos resultados, por que na realidade, tudo está viciado desde 5 de dezembro de 1917 para cá. O parlamento actual tem de ser expulso pelo parlamento de 1917; o sr. Antonio José de Almeida tem de ser expulso de Belem pelo sr. Bernardino Machado que irá reocupar o logar que em 1917 ocupava, depois de ter sido expulso da presidencia do governo pelo sr. Afonso Costa que era o chefe do governo em 1917!

Chegados a este ponto, a situação afigura-se tão extravagante, tão ridicula, tão picaresca, apesar de não ser mais do que a forçosa consequencia da orientação do governo, o qual a si proprio se vae varrer das suas cadeiras, que perguntamos a nós mesmos se todo este castelo de cartas não se desmoronaria desde logo com a acção soberana do parlamento que se não deixaria liquidar por um simples decreto.

E agora, muito singelamente: isto é serio?

Não é serio.

E' verdade que logo apoz a queda do dezembrismo, o sr. Bernardino Machado, ainda então no estrangeiro, expressou o parecer de que deveria ser chamado a reocupar o seu logar o parlamento de 1917. O seu afastamento de Portugal levara o sr. Bernardino Machado a desconhecer as circumstancias politicas que tornavam extremamente dificil uma tal medida, mas em todo o caso, nessa ocasião, ele não saia fóra dos conceitos da inteligencia normal.

Mas não! Foi preciso, apoz uma dissolução parlamentar que não seria trabalho de Hercules provar carecer tanto de legitimidade como a de 9 de Dezembro de 1917, foi preciso apoz essa dissolução parlamentar consultar o paiz para que ele se pronunciasse, findos o sidonismo e a revolta monarchica, não só sobre o systema politico da Republica como sobre a propria Republica, dando a sanção dos votos á victoria alcançada pelas armas. E desde esse momento qualquer tentativa de regresso ao passado se tornou absolutamente impossivel.

Pareceu compreende-lo assim o proprio sr. Bernardino Machado, aceitando um logar no novo parlamento, o que desde logo lhe tirou toda a auctoridade para reclamar a recondução do antigo.

Agora, que se quer fazer?

Triste é dizel-o, mas no fundo não ha mais do que o desejo de representar uma comedia que, todavia, só pode iludir os seus auctores.

A ninguem é dado n'este mundo conseguir que factos consumados se não tenham consumado. Comtudo é esta a pretensão do governo, o que somente faria sorrir, se não chegasse a comprometer, como todos os actos governativos podem comprometer, a dignidade das instituições e do paiz.

Ninguem ignora que ha uma cousa que o sr. Bernardino Machado não pode sofrer: é que tenha havido um movimento que o arrancou ás suas funcções de Chefe do Estado, e que um outro homem, por cuja vontade tal acto se praticou, o tivesse substituido n'essas funcções, sendo, como ele, reconhecido Chefe do Estado pelos representantes de todas as nações amigas. Se pudesse, o sr. Bernardino Machado teria, como Josué, mandado parar o sol desde o dia em que teve de trocar o palacio de Belem pelo caminho do exilio.

Foi a destituição do sr. Bernardino Machado um acto violento, ilegitimo, injusto? Foi um audacioso crime politico? Tudo poderá ter sido, mas o caso é que foi um facto sobre o qual a ninguem é dado passar uma esponja por cima. Mais violenta, maior crime foi a usurpação hespanhola, e nós não saltamos sessenta anos na nossa historia para apagar a dominação filipina. Não menos violenta foi, não menor crime constituiu a invasão franceza, e todavia não nos lembramos de negar que Junot dominou durante alguns mezes em Portugal.

A' falta de se poder levar á obediencia o mundo fisico, fazendo parar o sol, procura-se levar á obediencia d'um dogma oficial a população portugueza por meio de alguns decretos publicados no «Diario do Governo».

Julga-se assim anular factos consumados?

Que ilusão!

Pensa-se assim desagravar o amor proprio ofendido?

Que puerilidade!

Para conseguir o que o sr. Bernardino Machado deseja, com a passividade indulgente dos seus colegas; só uma acção poderia ser eficaz: a de Deus, visto ser ella a propria omnipotencia. E ainda assim, como dizia o hespanhol a respeito do cerco de Victoria, quando lhe observaram que Deus poderia entrar na cidade sitiada: «Dios?!... Si; pero con alguna dificuldad!»

A actual crise economica

Todas as classes procuram ganhar muito :: e trabalhar pouco ::

Na secção competente referimo-nos á saida do numero do «Boletim de Previdencia Social» abrangendo de janeiro a dezembro de 1920. Dessa publicação transcrevemos o seguinte, que descreve com precisão a actual crise economica e diz com clareza as suas principaes causas:

«A alta vertiginosa dos preços continua. Em outubro de 1919 o aumento do preço dos principais generos alimenticios em Portugal era de 238 % em relação aos preços de 1913; em Maio de 1920 esse aumento era de 343. Em 7 meses houve, portanto, um aumento de 105 % o que é alarmante.

Se esta alta progressiva de preços e salarios contribuisse para o aumento da produção nacional ou, pelo menos, não a atrofiasse, as suas consequencias não seriam de temer; assistiriamos apenas a uma corrida interminavel e vã de preços e salarios em que todos ficariam afinal na mesma situação, desde que se mantivesse o paralelismo nos preços e salarios de todas as classes.

Não sucede, porém, assim.

O grande mal está em Portugal não produzir o suficiente para as necessidades de consumo dos seus habitantes.

Portugal possue todas as condições naturais para ser um paiz abastado, mesmo sem contar com as suas vastas colonias. Infelizmente as nossas riquezas naturaes não estão devidamente aproveitadas, porque a nossa actividade profissional não atinge a intensidade e o aperfeiçoamento necessarios e porque parte das nossas principais fontes de riqueza se encontram nas mãos de estrangeiros, estando como que perdidas para a Nação. E, havendo deficit de produção, alguem terá de suportar a miseria, por mais que aumentem os salarios e ordenados.

Parece que a exagerada elevação dos preços a que temos assistido depois dos meados de 1916 deveria ter como resultado provocar a intensificação da produção; mas tal não tem sucedido. Pelo contrario, a produção tem-se atrofiado.

Em Portugal preferiu-se a especulação á produção para enriquecer; tem-se procurado ganhar muito dinheiro e não produzir mais. Individuos e classes, sem distinção, encerraram-se dentro do seu egoismo, e tem achado mais cómodo enveredar pelo systema da espoliação reciproca a aumentarem a produção, em vista dos interesses de toda a comunidade. Todas as classes procuram ganhar muito e trabalhar pouco.

Com tão estupido e egoista modo de vêr a sociedade portugueza caminha decididamente para a ruina e, se não mudar radicalmente de orientação, só tem a esperar a emigração em massa e o aniquilamento fisiologico da raça.»

ALTA DA BORRACHA

RIO DE JANEIRO, 4. — Aumentou mais 100 reis por quilogramma o preço da borracha cuja alta parece persistir.—(A.)

FESTA DIPLOMATICA

QUITO, 4. — O ministro da França no Equador deu uma brilhante festa á qual assistiram o presidente da Republica Tamuyo e sua familia, o ministro dos estrangeiros, e corpo diplomatico, e chefe do estado maior do exercito e um representante do episcopado e outros altos dignitarios.—(A.)

NOTAS FALSAS

Segredos

Pélo-me por saber um segredo! E' talvez um defeito gráve, uma pécha que não vai bem aos do meu sexo, mas a verdade é que para saber um segredo sou capaz de dar a minha parte deste mundo e a problematica parcela a que tenha direito no outro!

Saber um segredo e passal-o confidencialmente aos outros exigindo palavra d'honra como penhor do sigilio, é um crime com certeza, mas um crime que nos dá fóros de pessoa notavel e que quasi nos elége no conceito publico como mortal fadado para grandes e atrevidas empresas. Depois, é a vida alheia que nós trazemos nos labios; saber-se que, com um sorrisinho traiçoeiro e um inclinar de cabeça, podemos atirar com a cotação de qualquer de pernas ao ar, ou fazer com que sob a camada dos p s d'arroz, se mostra a nodoa secreta de determinada dama.

O homem tem um unico fim na vida, digam o que muito bem entendam os filosofos. O unico idial do humano é dominar, e assim se explicam as tareias que apanhamos em pequenos e as que levamos quando grandes

Uns dominam pelo dinheiro; é a receita mais facil e a que dá maiores resultados, como porém o dinheiro está pela hora da morte, poucos são os que seguem a doutrina. Outros dominam pela força, outros pela argucia, outros pela inteligencia, alguns pela imbecilidade alheia, e conta a lenda que houve gente que dominou pela honestidade.

Ora saber um segredo, seja ele qual fôr, é dominar. Um homem com um segredo é um ditador, é um general comandante em chefe, é um grão-mestre de maçonaria. Com um segredo abrem-se as fechadoras mais complicadas, com outro segredo abrem-se as almas mais refratarias. Um segredo de Estado pode fazer uma guerra, um segredo de alcova pode ditar um divorcio.

Desde o segredinho bailariqueiro das meninas namoradeiras ao pesado e suculento segredo do arrojado comerciante da nossa praça, que infenidade de pequeninas armas secretas passadas aqui e alem, na curva lenta d'uma valsa da moda, ou no cerimonioso com licença do café! Pequenos punhaes brilhando entalados nos dentes, uns a furto, esperando a vez segura, outros fingindo indiferença, a gosar o espectaculo da ferida abrindo aos poucos.

Sendo o segredo a alma do negocio segundo reza um antigo rifão ele é tambem o «Abre te Sezamo» de todas as coisas. A moeda que se passa subtilmente ao servidor prestavel, o segredo que se colhe sem querer, n'um passeio ao acaso ou n'um abrir de janela, a confidencia, irmã gemea do segredo, que um dia nos faz senhor de certa escandaleira que a nosso belo-prazer pode rebentar com estrondo, só com um pequeno mover de labios! Como tudo isto nos envaidece! E no entanto, todos nós, homens e mulheres, somos egualmente escravos do segredo! Todos nós temos um, muito recondito, longe de todos os ouvidos e ás vezes tão bem guardado que até temos medo de o dizer a nós proprios! (Esta frase creio que é minha mas se alguem lhe quizer chamar sua, não vejo n'isso inconveniente.)

Qual de nós, mortaes sujeitos ao flagelo do terceiro inimigo ao mundo, não tem na vida o segredo d'um beijo dado a furto, segredo que é esse beijo vivo e que no fundo da nossa alma continúa nosso, muito nosso, eternamente nosso!? E a par d'esse, outro segredo completamente diferente, que quando vem á lembrança queima como lagrima por ninguem vista, segredo que nos tortura continuadamente porque ninguem o pode saber!?

Eu adoro o segredo. Tenho-lhe quasi uma veneração exaltada e tanto, que quando estou muito tempo sem saber algum, digo um a qualquer amigo para que ele depois m'o conte a fingir que é novo.

Henrique Roldão.

Na Alta Silesia

A organisação alemã de combate

Ha mais os seguintes pormenores acerca da organisação alemã de combate na Alta Silesia:

O comando superior tem a séde em Breslau, estendendo-se a organisação egualmente á visinhança do territorio do plebiscito nas provincias contiguas á Pomerania. O territorio da Alta Silesia está dividido em trez sectores denominados respectivamente norte, centro e sul.

Os alemães dispõem, em toda a Alta Silesia, d'uns vinte batalhões providos de numerosas metralhadoras.

Conferencia Parlamentar

Internacional de Comercio

Como se sabe, está já em Lisboa o sr. Brale, secretario geral da Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio, cuja setima assembléa plenaria se vae realisar entre nós nos dias 24, 25, 26 e 27 do mez corrente.

Em volume, escrito em francez, foram agora publicados os relatorios e noticias relativas aos assuntos que a assembléa vae tratar e que são:

O cambio (circulação fiduciaria), participação nos lucros, a questão dos transportes, simplificação das formalidades alfandegarias e acordos comerciaes.

Como se vê, todas as materias a tratar são da alta importancia.

Conferencias

Como já dissemos, é hoje, pelas 21 horas, que, a convite do Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, a sr.ª dr.ª Paulina Luzi realisa, na Associação dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 19, uma conferencia sobre «Mulheres do Uruguay». A entrada é publica.

Os gazes asfixiantes

empregados para vencer a resistencia de um bandido

Na rua de Pantin, em Paris, no numero 27, habitava na companhia de sua mãe, no 4.º andar, um individuo chamado Eugenio Duspeaux, de 29 anos.

Esse homem, que já cumprira sentença judicial, inspirava verdadeiro terror no bairro. Maltratava a mãe e ameaçára-a já por diversas vezes de morte.

De ha tempos a esta parte perseguia com os seus galanteios uma senhora casada, madame Membot, moradora na rua Lesault, 12. Na quinta feira passada, pelas 19 horas, o bandido entrava no cubiculo do porteiro d'essa rua e pedia-lhe para mandar entregar a madame Membot uma carta em que pedia a essa senhora para lhe vir falar. Como o porteiro se recusasse, Duspeaux saiu, dizendo que voltaria d'ahi a pouco. Com efeito, voltou momentos depois e subiu ao segundo andar, ao patamar da habitação ocupada pelos esposos Membot.

Como estes se recusassem a abrir a porta, apezar de Duspeaux dar punhadas e pontapés, ele derceu, ameaçando com um revolver que brandia o porteiro e os visinhos, que tinham ocorrido ao barulho feito. Já na rua, disparou um tiro para as janelas dos esposos Membot, bala que passou rente de madame Membot e foi despedaçar o espelho d'um guarda vestidos.

Na sexta feira, o sr. Membot dirigiu-se ao comissariado de policia a pedir auxilio e protecção contra o bandido, o qual, apoz a scena que narramos, voltára para sua casa e se deitára.

O comissario de policia, sr. Humez, dirigiu-se, acompanhado de tres agentes, a casa de Duspeaux, que, tendo-os avistado, lhes gritou do alto da escada:

—Subam! Andem, subam!

A mãe, por sua vez, disse aos agentes:

—Não entrem, olhem que ele vae fazer alguma das suas!

Com efeito, o bandido acabava de fechar a porta e de dentro de casa gritava aos representantes da lei:

—O primeiro que entra, mato-o!

Depois, foi pôr-se á janela que dá para a rua e começou a arengar á multidão que se juntára, brandindo o revolver. Em seguida voltou para dentro e atravez da porta disparou um tiro, que por pouco não atingiu os agentes.

O comissario preveniu telefonicamente a policia judiciaria, a qual deliberou enviar á rua Lesault uma brigada de operadores de gazes asfixiantes, que chegaram ali pelas 11,30.

Como era impossivel operar directamente em casa de Duspeaux, fez-se um orificio na parede da casa contigua e os gazes entraram em acção. Duspeaux percebeu do que se tratava. Da janela, gritou para a multidão:

—Vão asfixiar-me! Adeus!

Voltou para dentro de casa, ouvindo-se momentos decorridos tres detonações. O miseravel fizera a si mesmo justiça. Dissipado o fumo, entraram em casa e encontraram-no agonisante. Duas balas haviam-no atingido na região do coração. Morria alguns minutos depois.

PELO TELEGRAFO

Bolsa de Paris

PARIS, 4.—A Bolsa de Paris estará fechada todos os sabados d'esde 7 de maio até ao fim de Setembro.—(H).

A descoberta do Brazil

RIO DE JANEIRO, 4.—Para comemorar o descobrimento do Brazil realisaram-se grandes festas n'esta capital, tendo sido feriados os dias 2 e 3 de maio.—(A).

Manifestação popular ao sr. dr. Epitacio Pessoa

RIO DE JANEIRO, 4.—O presidente da Republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, foi entusiasticamente recebido no seu regresso de Petropolis pela população e pelas autoridades civis e militares, tendo-lhe feito as classes operarias uma grande manifestação de simpatia. Saudado por Alcibiades Delémare, que pronunciou um brilhante discurso em que exaltou os beneficios da acção do seu governo e a sua politica de grandeza e prosperidade do Brazil, o sr. dr. Epitacio Pessoa respondeu, agradecendo comovidamente, e explicando n'um admiravel discurso, impregnado de espirito democratico, o seu procedimento em face dos incidentes sobrevindos nos primeiros tempos do exercicio das suas altas funcções e exprimindo o firme desejo de vêr o Brazil sempre forte e respeitado e gosando de grande prosperidade.—(A).

A aliança conhecida pelo nome de A. B. C.

SANTIAGO, 4.— Acompanhado de 20 oficiais partiu para o Rio de Janeiro em missão especial e oficial do presidente Alessandri para o presidente dr. Epitacio Pessoa, o ministro dos estrangeiros Jorge Matto, que vai tratar da tão falada aliança do Chile, Argentina e Brazil, geralmente designada por A. B. C. O sr. Jorge Matto irá tambem depois a Buenos Aires e Montevideu.—(A.)

AUTENTICAS

As corôas austriacas

Nos dias 21 e 22 de abril só o Banco Colonial vendeu cinco milhões de corôas austriacas.

Cinco milhões de corôas austriacas a trez centavos e meio!

Tive de ir ao Porto e não sei se o disparate continuou. E' natural. O tipo aventureiro e amante da jogatina dos portuguezes deve ter perpetuado a sandice. Já assim foi quando de fóra veiu para cá e foi para o Brazil a sugestão da compra de marcos. Esta tremenda aluvião de patetas que pululam pela Bolsa empatou na aventura 22 mil contos de reis; a economia nacional assistiu em horas dificeis a essa imobilisação.

Agora volta a mesma gente, a reboque de qualquer especulador sem escrupulos a despenhar-se mais uma vez victima da obsessão ruinosa de que vae obter grandes lucros, comprando dinheiro dum paiz em liquidação.

A corôa valia antes da guerra qualquer coisa como trezentos e cincoenta reis. Compravam-se geralmente a quatrocentos. E os batoteiros da Bolsa vendo-a tão baixa atiram-se a ela tão denodada e parvamente que o nosso descalabro economico aumenta duma maneira assustadora.

A esses milhões ter-se-hão juntado outros por outros bancos e nos outros dias, todos arrancados á economia nacional d'um povo, a braços com uma terrivel crise financeira.

Até onde irá esta parvoiçada? Nem eles, mesmo em suas consciencias, o sabem. Entretanto o papel ficará entre nós; o levissimo perfume de ouro que poude atrair os encantos ambiciosos depressa se deslocará para o estrangeiro. Cá, ficarão apenas uns montes mais de papelada sem valor. E comtudo que facil seria reflectir:—comprando-se a corôa a trinta e cinco reis com dinheiro portuguez desvalorisado, como está, a como se adquiriria essas mesmas corôas com dolars ou com pesetas? A proporção é facil de estabelecer e, sem trasladar os numeros, posso assegurar que ao portador de dolars e das pesetas ainda os negociadores das corôas tinham de dar um premio para aqueles lh'as aceitarem.

Quer dizer, quem tenha dinheiro hespanhol ou americano fará um grande favor em o receber de graça, pois que não pode haver conversão positiva. Seria assim como quando nos entregam na rua um prospecto, um anuncio, um reclame de espectaculo ou casa comercial que faça o seu leilão.

Entretanto, que alguem apareça a pretender fundar uma industria, a aproveitar qualquer força viva do nosso solo, qualquer ramo novo de comercio, e verá como os batoteiros lhe voltam as costas. E foi para isto que se trancaram os clubs.

Por isso fico na minha. Eram eles menos nocivos á nação. Ali o dinheiro, a riqueza passava de portuguezes para portuguezes; de altos funccionarios publicos e de comerciantes para as empresas recreativas; mas tudo ficava cá dentro áquem fronteiras. Com este novo tipo de batota os fundos dos nossos compatriotas ficarão a dormir nos cofres á espera da ruina, emquanto os seus legitimos detentores vão suportando as colicas e vendo progredir os seus sofrimentos cardiacos a cada telegrama da Havas que lhes anuncie tudo quanto ha a esperar de lá, das bandas do Danubio.

D. Thomaz de Noronha.

Dia da espiga:

E' hoje o maior dia do ano porque é o resumo dos outros todos. Todos nós passamos mais ou menos a vida a colher espigas Não ha ninguem, creio eu, que não tenha no boudoir da sua alma uma arca com elas. E' interessante que as espigas nascem muitas vezes junto das papoulas. Mas (como é diferente!)—as papoulas passam—e as espigas ficam.

Seguir mulheres:

Vou dar-lhe, meu amigo, algumas indicações sobre a arte complicada de seguir mulheres. E' o que você quer, não é? Ora oiça: Quando seguir uma mulher repare sempre se algum homem o segue. Mas nunca siga uma mulher ás cinco horas da tarde. Lembre-se d'isto: As mulheres que se seguem ás cinco horas da tarde são muito mais perigosas do que as que se seguem á uma hora da noite. As mulheres que se seguem á uma hora da noite—não são nunca mulheres com quem se case; as das cinco horas da tarde... Mas que interesse tem você em escorregar—e cair no casamento?

Napoleão:

Passa hoje o primeiro centenario de Napoleão. Santa Helena não foi, como se supõe, o ponto final da sua audacia: foi a reticencia da sua gloria. O seu capote cinzento viverá eternamente dependurado no cabide eterno da historia. E a sua historia foi o seu cavalo branco. Toda a gente a conhece. Mas se alguma conclusão ha a tirar da sua vida essa conclusão não pode deixar de ser esta: todos aqueles que vivem em plena gloria morrem quasi sempre em plena tristeza.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

DOIDA NÃO E NÃO!

A proposito da gréve dos jornaes

Aprendendo a compôr á maquina — «Gralhas» e falta de palavras

E' muito possivel que, com a prolongada gréve jornalistica que me tem obrigado a um não menos prolongado silencio, o meu caro leitor imagine que morri.

Pois tal não sucedeu; estou viva e de perfeita saude, estimando muito que as pessoas que fazem o favor de se interessar por mim tenham passado bem.

Como nada me tem sido possivel dizer-lhes, porque a gréve me cortou a palavra e, como estou convencida de que o leitor estimará saber o que a meu respeito se passa de novo, dir-lhe-hei que, pouco mais ou menos, está tudo na mesma: os meus processos continuam a fingir que caminham.

E, assim andamos e andaremos, até que o sr. dr. Alfredo da Cunha se resolva a lutar lealmente ou a terminar esta questão, pela unica forma honrosa e decente para ele e para mim—o divorcio.

Emquanto isso não suceder, como nada mais posso fazer, não me calo, a menos que morra entretanto; e sei que, embora me chame doida, ao sr. Dr. Alfredo da Cunha não lhe agrada nada que eu fale...

Deve êle ter estimado imenso esta grveézinha, que me impoz silencio; e deve tê-la estimado muito mais do que uma que houve ha anos e que o preocupou muitissimo.

N'esse tempo já, segundo resa o livro «Infeliz», eu não devia ter muito juizo, visto que, do que se depreende das suas paginas, nunca abundei n'ele; mas o facto é que o sr. dr. Alfredo da Cunha, quando se declarou a gréve tipografica a que me refiro, quiz que eu aprendesse a compôr á maquina; e andei, em aprendizagem, no «Diario de Noticias».

Era, então, gerente da Tipografia Universal o falecido encarregado das caixas das esmolas o sr. Antonio Mauricio.

Todos os dias eu ia ao «Diario de Noticias» dar a minha lição e já me entendia menos mal com a tarefa.

Pensava o sr. dr. Alfredo da Cunha utilizar-se do meu trabalho, para caso houvesse uma necessidade urgente e inesperável eu compôr o que fosse preciso.

A gréve entretanto solucionou-se; deixei as lições; mas conservo da minha aprendizagem uma recordação que se não pode dizer grata—a cicatriz de uma pequena queimadura, produzida por um pingo de chumbo derretido que me caiu no braço esquerdo.

Devo estar um tanto esquecida desse trabalho; já lá vão bastantes anos; mas creio bem que, sentada de novo diante de um desses interressantissimos aparelhos, recordar-me-hia depressa.

E' claro que para a composição á maquina dar bons resultados, é indispensavel compôr muito depressa e essa rapidez só pode adquirir-se com a pratica pela qual se chega á perfeição.

Voltemos, porém, ao assunto do principio desta carta.

Disse eu que a gréve me cortou a palavra e é certo; mas antes dela se declarar, nas minhas cartas, principalmente nas ultimas, já algumas palavras e algumas letras tinham feito gréve, porque não só das primeiras brilharam pela ausencia bastantes, como das segundas, tambem muitas se não dignaram aparecer nos seus devidos lugares.

Só posso atribuir a duas causas os erros que nelas se notam—digo notam, porque estou convencida de que não fui só eu a notá-los; ao leitor decerto não passaram despercebidos, certamente—o tê-las eu escrito um pouco á pressa e, portanto, com uma caligrafia menos legivel ou a terem sido, talvez, compostas um pouco a correr. Se a culpa foi minha, que o tipografo me desculpe; se foi êle o culpado, eu já o desculpei e conto que o leitor nos desculpe a ambos.

Procurarei de hoje em diante aperfeiçoar a caligrafia, mas tenho, todavia, um pedido instante a fazer aos tipografos de «A Capital»—que tenham dó de mim.

Se escrevendo regularmente, não comendo num trocando palavras, não dando muitas faltas na pontuação, nem esquecendo os pontos nos i i, os Ex.mos Srs. Psiquiatras nossos conhecidos não tiveram duvida em me chamar doida, que me chamarão eles se lerem algumas das minhas cartas, nas quais as gralhas são tantas, tantas?...

Que, diga se de passagem, eles, os tais srs. Alienistas, julgo que já não terão muito mais que me chamar. Teem-me chamado tanta coisa...

Em todo o caso o meu pedido aos tipografos meus colegas—visto que em tempo me dediquei á composição tipografica posso chamar-lhes assim—fica de pé.

Para «gralha»... cá estou eu e... continuemos a conversa interrompida.

Maria Adelaide

A questão da Agencia Financial

A campanha nativista no Brazil, que de ha muito se vinha desenhando mas a que pouca ou nenhuma importancia se ligava, porque na realidade importancia não tinha, redobrou desde que se agitou a questão da Agencia Financial do Rio de Janeiro e que se soube que ela ia ser tirada ao Banco Portuguez no Brazil.

Por que motivo essa campanha? E' facil de compreender.

Queria-se assim assustar, coagir mesmo a opinião publica, de fórma a que se não tirasse a essa casa bancaria um privilegio que para ela representava uma verdadeira mina de ouro.

As coisas chegaram a ponto do governo brazileiro, segundo hontem o sr. Cunha Leal declarou no parlamento, introduzir na sua legislação disposições que se podem aplicar á Agencia Financial, não para nos favorecer, mas para nos prejudicar. Quer isto dizer que se lançou mão de todos os recursos para que a Agencia Financial continuasse em poder de quem estava. E o que mais admira é que houvesse entre nós quem favorecesse semelhante pretenção, sobrepondo-se assim os interesses particulares aos do Estado.

A campanha nativista chegou a ponto de durante um momento se supôr uma possivel ruptura de relações entre os dois paizes irmãos. A tal grau de acuidade as coisas chegaram que o presidente do Brazil, o sr. dr. Epitacio Pessoa, se viu forçado a na mensagem dirigida ao parlamento, por ocasião da sua reabertura, ter de dizer que «um espirito de malevola oposição tentou crear entre o Brazil e Portugal uma atmosfera de hostilidade que o bom senso da opinião dos dois paizes dissipou imediatamente».

Ao banquete que depois de amanhã se efectua, oferecido pela embaixada do Brazil ao nosso ministro dos extrangeiros, liga-se uma grande significação politica: a do restabelecimento completo das boas e cordeaes relações que entre os dois paizes sempre existiram e que durante um momento estiveram em risco de se empanar.

E' deploravel, é mesmo anti-patriotico que, para se favorecer os interesses de uma casa particular, quem faça taboa raza dos do Estado e mais deploraveis são ainda os processos de que tanto essa casa como os seus defensores lançam mão.

A ALLEMANHA E OS ALIADOS

A questão das reparações

O governo alemão demite-se—A reunião do conselho supremo—Os Estados Unidos em completo acordo com os aliados

BERLIM, 4.—O governo alemão pediu a demissão em consequencia da situação que lhe foi creada pela resposta do governo dos Estados Unidos.—(H).

LONDRES, 4.—A comissão de reparações resolveu adoptar e notificar á Alemanha as modalidades de pagamento que foram fixadas pelo conselho supremo. O comite de redacção, que se reuniu esta noite, harmonisa-as sob o ponto de vista juridico com os termos do tratado de paz.—(H).

PARIS, 5.—Segundo noticias que a Agencia Havas recebeu de Londres, o conselho supremo reuniu-se esta noite ás 9|30. A' meia noite era completo o acordo entre os seus membros. Amanhã ás 9 horas da manhã serão trocadas as assinaturas do protocolo e ás 11 horas as diversas delegações partirão de Londres.—(H).

WASHINGTON, 4.—Julga-se que a resposta americana ao governo de Berlim mostra que os Estados Unidos estão em completo acordo com os aliados a respeito das reparações e que outros acordos estão em bom caminho de se realisarem entre a America e os aliados para se obter a liquidação definitiva das reparações. A comissão do senado encarregada de dar parecer sobre o projecto pedindo ao presidente Harding para reunir uma conferencia internacional para o desarmamento rejeitou o dito projecto.—(H).

As novas secções de «A Capital»

No intuito de animar com a vivacidade dos novos elementos literarios do jornalismo as colunas d'este diario, cuja tradição tantos gloriosos nomes de escritores cimentaram, *A Capital* iniciará brevemente uma espirituosa secção sob o titulo de *Dize tu, direi eu...*, diaria, em que colaborarão os seguintes jornalistas e escritores: D. Tereza Leitão de Barros, Armando Ferreira, Henrique Roldão, Luiz d'Oliveira Guimarães, o Homem que passa & Ruy de Veras.

Machado Santos

A inscrição para o banquete de homenagem ao sr. vice-almirante Machado Santos, ao que nos comunicam da Federação Nacional Republicana, encerra-se amanhã.

Os convivas já inscritos podem procurar os seus bilhetes na séde da Federação, rua do Jardim do Regedor, 24, 1.º.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO AVENIDA. O Pato, *3 actos de Feydeau, tradução de Cunha e Costa* : :

Reprise da fresquinha peça de Feydeau, conversada em frescura pelo dr. Cunha e Costa, Maria Mattos numa creação, uma verdadeira *trouvaille*; o seu papel de *Meggy Soldignac* é mantido até final com graça, e verdade. O seu estudo do tipo é do melhor que ha na sua galeria de papeis comicos.

O valor dum artista denota-se em dois traços. Emquanto esta ingleza excentrica era interpretada magistralmente por Maria Mattos, o seu marido, era assassinado barbaramente por *João Lopes*.

Joaquim Almada com alegria e vivacidade, Joaquim Costa e Farrusca nos seus papeis, fizeram rir a plateia com facilidade. Berta de Albuquerque com muita juvenilidade e graça fresca, amplia o seu bom nome. Gil Ferreira... Mas Gil Ferreira está abusando do publico; repete-se; não passará daqui? Aquele gesto do pescoço, aquele repisar de frases, o riso alvar por vezes, do recruta que primeiro lhe lançou o nome... Dina Pereira, boneca falante, sem a minima préga, no corpo ou na voz. Mendonça de Carvalho vidé. *Alfaiate de Senhoras, O amigo do seu amigo, Chuva de filhos e... Menina do Chocolate* (1918).

Os restantes a sabôr do publico do nosso Palays Royal Avenida.

A. F.

TEATRO DO GINASIO. A Vertigem, *1 acto de Otelo de Carvalho* : : : : : :

N. R. — *Um fauteuil mais barato: preço 3$20 custou o nosso logar hontem neste teatro.*

A *vertigem* é um acto leve, despreocupado que Otelo de Carvalho escreveu, ao que nos dizem, afim de fazer o papel de *Zé da Vinha*, de intensidade dramatica. Teve muitas palmas, houve canções portuguezas e brindes ao festejado. Em virtude do estado em que a empreza se acha... para comnosco, Otelo de Carvalho não lhes fez, como de costume, convites especiaes.

A. F.

ANTE-PRIMEIRAS

Lécole des Cocottes

Lécole des Cocottes de Armont e Gerbidon subiu á scena em Paris no Teatro Michel em 1918 e teve uma feliz *reprise* em 18 de setembro de 1919. O publico parisiense conhecendo o meio e os personagens da peça agradou-se da comedia, onde se pode encontrar desde a ironia, á filosofia e ao sentimento. Em resumo os 3 actos representam 3 *etapes* duma rapariga de Mont-martre, tornada cortezã casa, habitando sucessivamente 3 casas, as quaes marcam 3 *étapes* da sua carreira ascencional.

Ela é *ginette masson* na rue Lepic; *Genoveva de Forlanges* na rua Malesuf e *ginevra Forlandi* Na Avenue du Bois. Em hora bonita e dominadora a sua ascenção deve-a principalmente aos conselhos do seu professor, um homem que ensina ás *cocottes* a arte de reduzir e as maneiras de... fazerem cair os homens. Graças a ele, a pequena *montmártroise* está sempre á altura da situação e chega aos braços dum ministro.

O coração não morreu porém em Ginette, o mais uma vez se prova que o dinheiro e o triunfo não dão a felicidade. Ginevra relembra o seu passado, o tem saudades, mas é vivo livre, e tinha um amante joven de que guarda belas saudades! A sua lamentação ao professor é uma lição de filosofia... pelo menos parisiense.

O publico gostará? Os costumes francezes, o meio de *cocottes*, de escandalo de Paris, interessará assim a Lisboa que um bom reclame tem dispertado para o Pescador de Perolas?...

Ouçamos e depois falaremos.

CINEMAS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

O Condenado, *no Olimpia.*

Com um persistente reclame, uma apresentação movimentada—convites, casa cheia, conferencia — no sabado «O Condenado».

Porque não confessar que o «film» é fraco? Porque é português? Mas dizendo-se a verdade estimula-se muito mais do que louvaminhando-se a torto e a direito. As boas intenções merecem palmas, mas as deficiencias, os erros não devem ser elogiados para que não medrem mais.

«O Condenado» é tirado da peça de Afonso Gaio, um dramaturgo persistente que é mais facilmente irritavel com as opiniões alheias contrarias ás suas obras do que capaz de criar uma peça agradando por completo.

Tivemos ensejo de ha dias nos referirmos em tom despreocupado e leve ao ultimo drama do sr. Afonso Gaio, o que nos mereceu uma carta com varias «articulistas» e algumas ameaças nos cafés onde o sr. Afonso Gaio troca as suas impressões de arte. E'-nos indiferente o titulo que o excelentissimo teatrista nos deu, tendo nós, no nosso «dossier» um cartão amavel do mesmo senhor, com varios «distintos» a adjectivar-nos, com que o mesmo senhor nos agradeceu as referencias á publicação do «Abel e Caim».

Mas, «O Condenado»... «O Condenado» teatro convertido em «O Condenado» fita levou comsigo a sua fraqueza de acção e de enredo. Diluido ainda em 9 partes, repetindo scenas com frequencia, acaba de cançar por completo o espectador. Não tem o «film» grandes expressões, porque tambem não existem na peça: apenas o olhar cobiçoso, sanguinario, dum homem para a navalha; o braço que se ergue; o sacrificio de amor banalisado até ao extremo em todos os folhetins, e disse.

A parte artistica do «film» revela um desejo grande de propaganda de monumentos. Vêem-se sucessivamente varios castelos, a Torre de Belem, o Convento de Cristo; alguns até aproveitados sem outro pretexto senão a visita a esses monumentos. Mas parece-nos bastante ensombrada a fita, tendo-apenas como esplendidas scenas cinematograficas e de paiz gem um canto da estrada perto de Tomar, a paizagem do rio Nabão, um poente sobre a barra.

A *festa dos Taboleiros* aparece-nos como um *film de atualidades*, isto é, com o publico, o nosso publico sabio dizendo adeus ao operador, levantando os barretes..., perfeito cinema... *films* ramaceiros, os bons *films* modernos não nos lembram a existencia da maquina cinematografica. Foi um erro Excesso de popularidade. Quando lá fóra se fazem *mise-en-scenes* desta natureza contratam-se as massas e ninguem diz adeus á... objectiva.

Depois, porque não confessar, se esse futuro *film* não apareçam a empanar o seu brilho, ha scenas ingenuas em extremo que contribuem para perder a acção e diminuir o interesse. Por exemplo «Ricardo senta praça», e ahi temos 10 minutos, os soldados a andar para cá e para lá, etc.

São pequenas fraquezas que fazem mal ao *film*.

Resta-nos falar da interpretação. Para esta como para o restante abusou-se, houve o excesso de patriotismo. Quiz dar-se ao film o mais belo dos nossos nomes de teatro.

Virginia, Ana Pereira, Chico Redondo... mas sem se lembrarem de que o cinema não vibra das glorias passadas. A simpatica figura de Virginia no *film* nada faz; não tem máscara cinematografica e o seu rosto pequeno, desaparece sem interesse nem gloria na pautalha branca. Joaquim d'Oliveira foi talvez o melhor; conseguiu uma vez ou outra dar boas expressões. Joaquim Costa em poucas scenas foi com a sua naturalidade um... verbo de encher na *fita*. Almada Negreiros encarregado de estar em cima do muro, desempenhou-se com elegancia e sobriedade do seu papel. Souza Coutinho, outro verbo de encher, teve uma pequena scena feliz. Ana Pereira passa quasi imperceptivelmente, e apenas da gente nova Maria Sampaio tem alguma coisa a fazer no *film*. Os restantes e comparsas ensaiados com cuidado. Ainda nos lembra uma particularidade.

A filmagem, com muito sol ou com pouco (não sabemos), apresenta-nos os rostos escuros, dificeis de se perceberem as feições, quando os artistas estão a mais de 5 metros da objectiva.

* *

Em resumo das nossas apreciações temos a dizer que louvamos em absoluto todas as tentativas de cinematografia nacional; que louvamos a propaganda dos nossos monumentos e costumes que se faz no *film* «Condenado»; que louvamos a ideia de procurar nomes queridos das plateias para os interpretes. E, embora não correspondendo os trabalhos obtidos a esta soma de boas vontades, não deixaremos de classificar o «Condenado» como um bom exemplar da nossa arte do cinema. Melhor seria que tivesse surgido antes do «Fidelpio», desde o entrecho, encantador e genuinamente tipico, a interpretação e «mise-en-scene» sem uma falha.

... *do verdad!*

A. F.

O «Trindade» vae afinal desaparecer?

Como se sabe é no dia 31 do corrente mez que a Companhia dos Telefones toma posse do «Teatro da Trindade». Até agora as nossas fidedignas informações dizem-nos que o teatro vae ser demolido para construção duma estação telefonica. Depois de varias propostas de compra em que nenhuma respeitou á Companhia, esta desistiu de transacionar o teatro, resolvendo dar-lhe o destino que primeiro pensava.

*

Em compensação na Avenida no mesmo talhão onde está o atual teatro está já a construir-se a nova casa de espetaculos que se destina a *Augusto Pina*, o mais a baixo um pouco vae ser edificado ainda este ano, em cigarro em breve um outro teatro, em teatro armado onde... reaparecerá uma artista que o publico de Lisboa muito oplaudiu.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — As 21 h.—«Leonor Teles».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
GINASIO — A's 21,30—«Duas causas» «Um entreacto».
EDEN—A's 21—«Cerco ao Rei».
AVENIDA — A's 21,30 —«O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h. —«Paris-Monte Carlo».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

Salão Central

De Roma ao Niagara

Foi recebido com o maior agrado o terceiro episodio desta deslumbrante pelicula, intitulado «O Ataque», dois actos soberbos, com deliciosos aspectos fotograficos das cataratas do Niagara. A scena do naufragio, ocasionado por uma das quedas de agua, é dum efeito surpreendente e causou verdadeira sensação no publico.

Repete-se no espectaculo desta noite, devendo estrear-se na matinée de amanhã, 6.ª feira, o 4.º episodio, «O bosque em chamas», de que nos dizem maravilhas.

Vida Sportiva

Nota do dia

A empreza do Coliseu dos Recreios, n'uma nota que publicou n'alguns diarios da manhã, volta á carga contra Silva Ruivo, o «boxeur» que n'estes ultimos tempos foi o melhor cooperador d'aquela empreza.

Não compreendemos a razão por que se pretende colocar mal um homem que não fez, ou não poude fazer—isso é lá com ele—um combate contra Mario, quando afinal o publico já apreciou bem o valor de Ruivo em relação a Mario Gall.

Continua a empreza a dizer que Mario Gall veiu propositadamente a Lisboa para combater com Ruivo. Mas então, a empreza não colocou Faustino no «ring» em substituição de Ruivo? Para que é que continua a chamar Ruivo á liça, alegando assim com ares de choradeira que a permanencia do francez em Lisboa lhe está a acarretar grandes despezas? Então a ultima festa não pôz ponto na questão Mario-Ruivo?

Se a empreza do Colizeu pretende fazer um encontro com Mario e Pedrini, faça-o, mas deixe Ruivo trabalhar, deixe Ruivo estar n'uma melhor forma e depois ele dará o seu concurso á empreza.

Nós não somos o «menager» de Ruivo, nem procuração nos foi passada para falarmos d'esta maneira, mas conhecemos bem Ruivo para nos convencermos de que com o seu novo metodo de vida, de treino, etc., Ruivo nunca se escusará a combater seja com quem fôr.

Sobre o combate Mario-Padrini esperamos os oito dias....

A. de C.

LAWN-TENNIS

O Concurso Internacional da Primavera

A' medida que se aproximam as datas do Concurso Internacional de Lawn-Tennis da Primavera, organisado pelo Club Internacional de Foot-Ball, aumenta o interesse no nosso meio sportivo.

Dá-se já como certa a vinda dos srs. conde de Gomar, Manoel Alonso, Eduardo Flaquer, mademoisele Rosa Torres, Turubusl-Clow e quasi todas as boas «raquettes» portuguezas tomam parte no grande concurso.

No sabado continua o torneio intersocios nos «courts» das Larangeiras, devendo terminar no proximo domingo.

Para o Concurso Internacional, que se realisa como temos noticiado, nos dias 18 a 22 deste mez, está já aberta a inscrição.

PATINAGEM

No rink do Sport Lisboa e Benfica

Realiza-se depois de amanhã no rink deste club pelas 21, 30 horas, duas provas d'obstaculos, sendo uma para senhoras e outra para homens.

A prova para homens compreende 30 obstaculos, muito dificeis e de novidade para o nosso meio desportivo.

São elas passagens de pontes, lagos, banquetas etc.

A inscrição já conta os nomes de muitos patinadores, sendo de crêr que feche com 30 pouco mais ou menos.

E' indiscutivel que a patinagem tem progredido extraordinariamente nestes ultimos anos, se não veja-se o sucesso que obteve a ultima festa que aquele club realisou.

AS «FLORINHAS DA RUA»

Grande festival no Jardim da Estrela

com o concurso de varias senhoras do corpo diplomatico e da nossa sociedade

Vae o povo de Lisboa ter, nos proximos sabado e domingo, no Jardim da Estrela, uma sensacional diversão, a que decerto acorrerão milhares de pessoas de todas as condições.

A favor da benemerita e simpatica associação protectora das «Florinhas da rua», uma comissão de senhoras promove uma grande festa ao ar livre, das 15 ás 20 horas, em ambos os dias, havendo barracas de sortes, tombola, pescas, curiosidades, chá, dança, musica por duas bandas da Guarda, teatro, etc.

A Espanha, o Brazil, a Inglaterra e a America do Norte terão cada uma a sua barraca, todas de grande originalidade, encarregando-se das vendas distintas senhoras d'aquelas nacionalidades, entre as quaes algumas das ilustres diplomatas que actualmente se encontram entre nós.

No teatro ao ar livre representar-se-ha uma deliciosa fantasia internacional, em 10 quadros, constante de danças e canções, por figuras e córos, estando os principaes personagens assim distribuidos:

«Quadro americano»: danças por oficiaes do cruzador da mesma nacionalidade, que hontem entrou no Tejo; «Argentino»: tango em que é primacial figura Madame Pondal; «Brazileiro»: canto e dança por mademoisele Ana Margarida Fontoura Xavier, gentilissima filha do sr. embaixador do Brazil, e D. José Morales de los Rios; «Espanhol»: um numero de grande surpreza, que ainda está sendo preparado pela Comissão; «Chileno»: canto por madame Carvajal, ilustre consuleza do Chile; «Holandez»: por 25 creanças dirigidas pelos meninos Emilia Reis Ferreira e José Antonio de Campos Henriques; «Inglez»: canto e dança, por mademoiselle Fontoura Xavier e D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor); «Italiano»: canto e dança por D. Helena Castelo Melhor e Pedro Freitas Branco; «Romaico»: canto pela ilustre ministra da Romenia, madame Greciano; «Portuguez»: pela sr.ª D. Adelaide Castilho e J. Fontes.

Na fantasia desempenham os papeis de «compére» e «commére» o engraçadissimo amador sr. Guilherme Stret Caupers e a gentilissima sr.ª D. Adelaide Castilho. A musica, no teatro, está a cargo do eximio sexteto Serra e Moura, do Jansen; e o numero portuguez será acompanhado a preceito pelos melhores guitarristas, sendo as danças e os trajos á moda de Pombal.

Por todos os motivos, deve esta festa marcar como um dos acontecimentos mais sensacionaes da temporada.

O bilhetes vendem-se á porta do Jardim, custando a entrada geral no primeiro dia 1$50 e no segundo $50, pagando em ambos os dias as creanças apenas $50.

Ultima Hora

NAPOLEÃO I

Passa hoje o primeiro centenario da sua morte

O dia de hoje marca uma data memoravel para a França. Morreu o grande imperador que levou a sua patria ás culminancias da gloria. Morreu no penhasco de St.ª Helena preso ás ordens da Europa coligada que incumbiu á Inglaterra as funções de carcereiro.

D'entre os grandes genios militares que teem assombrado o mundo, Alexandre, Cesar, Anibal e Napoleão os dois ultimos fulguram com mais intenso esplendor, porque tiveram de se haver sempre com adversarios de civilisação egual á sua. Foram até identicos os seus destinos, pois ambos foram, depois de uma brilhantissima carreira militar, vencidos por generais de muito merito inferior.

A data de hoje não é, porém, memoravel sómente para a França. E'-o para toda a Europa que a ele deve a constituição moderna dos seus Estados. Se não fôra Napoleão, a revolução franceza teria morrido afogada na lama da dissolução dos costumes que campeou infrene durante o regimen do Directorio.

Napoleão consolidou as conquistas da revolução, desembaraçando-as de extremismos inadaptaveis; e, fazendo tremer o solo sob as patas da sua numerosa cavalaria e sob as rodas da sua potente artilharia, levou aos quatro cantos da Europa as ideias novas sobre os direitos do homem e a emancipação dos povos.

O apogeu da sua gloria foi a paz de Tilsitt onde reis e imperadores, dos chamados de direito divino, se gloriavam da sua amizade ou mendigaram a sua protecção.

Nós, portuguezes, não temos na verdade, motivos para lhe sermos gratos. Se é verdade que tratou muito bem a legião portugueza que serviu sob as suas ordens, dando-lhe por vezes provas de consideração especial, não é menos certo que tratou o nosso paiz como... «roupa de francezes» dividindo-o em tres minusculos Estados no celebre tratado de Fontainebleau com a Hespanha.

O heroico esforço dos nossos soldados e o poderoso auxilio da nossa velha aliada impediram que fosse levada a efeito a extorsão.

Já decorreu, porém, tanto tempo sobre taes acontecimentos que não nos póde impedir o patriotismo de prestarmos o nosso preito de admiração e uma das mais potentes organisações humanas que a Historia regista.

Provedor da Assistencia Publica

Uma sessão de homenagem

Uma comissão de republicanos leva a efeito no proximo dia 15 do corrente, pelas 14 horas, no Centro dr. Egas Moniz, rua Voz do Operario, uma festa de homenagem ao provedor da assistencia publica, sr. José Pais de Vasconcelos Abranches.

Faz-se-ha a inauguração, no salão nobre, do seu retrato, serão recitadas poesias por distintos amadores, havendo musica e canto, alem do concerto executado por uma excelente banda de musica que presta o seu concurso á festa. A guarda de honra é feita por uma deputação de Bombeiros Voluntarios de Lisboa.

Para saudar o homenageado, usarão da palavra diversos oradores e far-se-hão representar todos os asilos e outras obras sob a superintendencia do sr. Paes Abranches. A' sessão presidirá o deputado sr. Ribeiro de Carvalho.

Noticias da Capital

O PERIGO DE ACEITAR CONVITES A ESMO.—Francisco Angelino reside na rua José Fontana, 19, 3.º, mas, com franqueza, parece que veiu hontem da Lourinhã. Ora imaginem que sendo convidado por um individuo que não conhecia, a quem naturalmente nunca tinha mesmo visto, para ir dar com ele um passeio, aceitou. E ei-los ahi, «bras dessous, bras dessus», em paterno convivio, correndo as locandas, provando onde o vinho era melhor e acabando o Angelino por ficar como um cacho.

O peor foi quando acordou, pois que se viu sem o seu rico relogio e corrente de ouro no valor de 300$00. Queixou-se á policia e jurou aos seus deuses nunca mais aceitar convites de quem não conhece.

MONTAGEM DE OFICINA... GORADA.—A policia é ás vezes deveras abelhuda e não deixa um cidadão «governar» a sua vida. Ora imaginem que Joaquim Gomes, residente na calçada de Arroios, 69, 1.º, de camaradagem com um «socio», se lembrou de montar uma oficina e, como não tinham nem ferramentas, nem madeiras, lembraram-se de as ir buscar a casa de Augusto Marques Ascenso, da Avenida Almirante Reis, 51, verdade seja que sem consentimento d'este.

Vae a policia e prende o Gomes! Afinal por uma «mizeria» de 100$00, valia lá a pena entravar os vôos a quem assim pretendia começar o seu «comercio»!

Novo ministro da agricultura

Tomou hoje posse, cerca das 15 horas, da pasta da agricultura, o capitão tenente sr. Portugal Durão, tendo-lhe a posse sido dada pelo sr. dr. Bernardino Machado.

Falaram o sr. Albert Macieira, pela Associação Comercial, Alfredo da Silva, pela Associação Industrial, Lisboa de Lima, pela União Comercio, Industria e Agricultura, e Christovam Moniz, pelos empregados do ministerio, agradecendo o novo ministro as saudações que lhe eram feitas.

O acto foi muito concorrido.

Exposição de rosas

Abriu hoje, pelas 14.30, n'um dos salões da Camara Municipal de Lisboa, a exposição de rosas dos jardins municipaes.

Foi muito visitada. A exposição encerra-se segunda-feira.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Preside o sr. Abilio Marçal. Lidas a ata e o expediente, usa em primeiro logar da palavra o sr. ministro do comercio, que manda para a mesa duas propostas, uma reformando a Escola Fernando Caldeira, do Porto, e outra criando uma «Junta Autonoma» da ria e barra de Aveiro.

Aproveitando a ocasião de estar no uso da palavra, deseja comunicar á Camara que o que se tem dito acerca dos Transportes Maritimos do Estado nem sempre são verdades, como ha pouco teve ocasião de verificar.

Falando dos 6 mil contos que o Estado entregou aos Transportes, disse que esses 6 mil contos foram entregues para amortisação duma divida maior que o Estado tem para com eles. Lembra á Camara que seria conveniente tomar conta da questão e assentar em qualquer resolução nesse sentido.

Ha realmente, diz, deficiencias nos T. M. E. como o disse o proprio relatorio da ultima sindicancia que se fez.

Por isso alvitra que o Parlamento nomeie uma comissão encarregada de estudar o assunto. Ele, ministro, fará apenas o que o Parlamento mandar. Se mandar alugar os navios, alugal-os-ha. Se os mandar vender vendel-os-ha.

O que é conveniente é a camara ocupar-se do assunto e habilital-o a proceder neste caso de forma a não ter de perder do seu trabalho.

Pede a presidencia que inste junto da camara para que, com a maxima urgencia, se ocupe deste assunto.

O sr. Presidente lembra que por emquanto se não poderá tratar do assunto por causa da proposta da Agencia Financial e que o melhor seria uma proposta nesse sentido

O sr. ministro do comercio alvitra então que em vista de existir no Senado uma proposta nesse sentido, talvez se pudesse abreviar a sua discussão.

Aprovam-se a ata e o expediente e entra-se na ordem do dia.

Põe-se em discussão a proposta do sr. ministro da guerra sobre a anistia.

O sr. Plinio Silva diz que razão tinha ele para querer uma anistia ampla, pois que tendo a anistia sido aprovada ainda não ha um mez, já varias alterações no sentido de a ampliar teem sido apresentadas. Recorda o que se passou quando da discussão do projeto da anistia, salientando que se sente satisfeito com a atitude que tomou. Termina mandando para a mesa um projeto pelo qual a anistia seria o mais ampla possivel.

Ficou para ser discutido amanhã antes da ordem do dia.

No Senado

O sr. Afonso de Lemos lembra a conveniencia de se discutirem os orçamentos, fazendo varias e criteriosas considerações sobre o assumpto.

Muitos oradores pedem a palavra para quando estivessem presentes varios ministros, que como de costume, brilham pela ausencia n'aquella casa do parlamento, o que dá logar ás vezes a que certos assumptos se não discutam com a brevidade que era para desejar.

O sr. Rego Chagas manda para a mesa o projeto de lei sobre a nomeação de professores efectivos da Escola Militar, Colegio Militar, Instituto Profissional dos Papilos do Exercito e Instituto Feminino de Educação e Trabalho.

O sr. Ramos Preto pede urgencia e dispensa do regimento para o projecto que reconhece de utilidade publica a exploração d'uma nascente no concelho de Castelo Branco (Louriçal do Campo).

Foi aprovado.

Espera-se meia hora por qualquer ministro. Nem meio.

Talvez se apresente o novo titular da pasta da Agricultura que sendo um ilustre oficial da armada, com certeza fez a sua aprendizagem e preparação no... mar,

Finalmente, entra-se na ordem do dia.

Entra em discussão o projecto de lei regulando a promoção ao posto de general.

O sr. Dias Pereira não se conforma com o parecer da comissão de guerra por isso quer regular a forma de promover, não é tratar de alterar a organisação do exercito. Discute e defende o seu projecto.

O sr. Raimundo Meira por não estar presente o relactor do projecto, entende que se deve esperar por ele para se discutir.

O sr. Dias Pereira requer que o projecto vá á comissão de legislação.

Aprovado.

Entra nesta altura o sr. ministro da Justiça, que defende a interpretação do artigo 7 da lei da amnistia.

A sessão continua.

"Doida não,,

Sob a epigrafe «Lagrimas de Mãe», o nosso presado colega do Porto *A Tribuna* vem publicando, ha dias, uns artigos nos quais a sua autora, a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, trata do processo crime que se relaciona, directamente, com a causa «Doida não», em que essa senhora e protagonista.

A CAPITAL

3774—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Sexta-feira, 6 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

CRIMES

Em 1919, quando o então ministro das Finanças, o sr. Ramada Curto, entendeu que devia modificar o funcionamento da Agencia Financial, entregando os respectivos serviços a um estabelecimento bancario que, a despeito de todos os sophismas architectados, não deixava de ser estrangeiro, levantámos n'estas mesmas colunas um protesto tanto mais vehemente quanto previamos o que desgraçadamente se constatou depois. Não fomos ouvidos, ou antes fomos ouvidos para o insulto, para o vitupério, para a calunia. E' o processo comodo, e já tradicional entre nós, por meio do qual se procura tapar a bôca a todos os que divergem de certas manobras e não querem ser cumplices em certos planos.

Mais tarde, quando o sr. Cunha Leal, mercê d'um d'estes imprevistos da politica não menos frequentes no nosso paiz, foi guindado com espanto de toda a nação ás cadeiras do poder, entregando-se-lhe a pasta de mais grave responsabilidade, nos ultimos tempos, continuamos combatendo o desastroso contrato da Agencia Financial que o mesmo ministro se não propunha remediar, mas sim agravar ainda mais.

Contra nós redobrou o clamor da furia dos honestissimos patriotas, mas chega sempre uma hora de justiça, e essa hora, se nos fôsse permitido gozal-a em momento de tão afflictivas incertezas para o futuro do paiz, bastar-nos-hia irmos assistir ás ultimas sessões do parlamento para plenamente a usufruir.

E' que já, de todo o lado, se reconhece que o contracto da Agencia Financial foi um crime, crime tremendo de que porventura derivam todas as nossas dificuldades economicas e financeiras, conduzindo-nos a uma situação que, no instante que passa, não pode apresentar mais entenebrecidos horisontes.

Não será, com efeito, dificil ir buscar á especulação desenfreada que o contracto da Agencia Financial forneceu, a causa mais profunda do agravamento cambial que nos asfixia, que nos mata!

Agora já todos reconhecem que se cometeu um crime. E, todavia, esse crime, houve meia duzia de vozes em Portugal que contra ele protestaram e o quizeram evitar.

Mas pôz-se logo a questão pessoal, desviou-se o eixo de toda a discussão serena e sincera, levantaram-se suspeições de toda a natureza para reti rar a autoridade aos impugnadores do contracto, — o contracto fez-se, para ruina de Portugal.

E' costume dizer-se: mais vale prevenir do que remediar. Entre nós, porem, se raras vezes se remedeia, ainda mais raras vezes se evita.

As questões publicas teem de ser tratadas sob pontos de vista impessoaes. Procurar tapar a boca a toda a gente, apontando honorabilidades melindrosas, é, na realidade, impedir que se exerça sobre os factos de administração publica a critica necessaria que n'um regimen de democracia não é só um direito, mas um dever.

Que nos sirva ao menos de escarmento esta lição terrivel! Que nunca mais se deixe passar, sem um exame em que a todas as considerações pessoaes ou designios de partidos prefeçam os interesses nacionaes, medi das que mais tarde tenham de se re conhecer como crimes contra a propria patria!

Os prejuizos causados pelo contracto da Agencia Financial são incalculaveis, e irreparaveis. Eles só podem ser compensados por uma noção exacta de civismo que não permita nunca mais a repetição de taes crimes. A administração publica tem de ser ponderada e honesta, e isto sob todos os regimens, e acima de todos os partidos. Em questões que com ela se prendam não pode haver melindres nem considerações de especie alguma. O que é preciso é administrar bem, e a esta condição devem atender os governos, os parlamentos, os partidos e a opinião publica.

Dr. José Augusto de Magalhães

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso distinto compatriota, ha muito residente no Brazil, sr. dr. José Augusto de Magalhães, director e professor de higiene da escola pratica de comercio do Pará.

O sr. dr. Magalhães, que no dia 11 fará uma conferencia na Associação Comercial de Lisboa sobre as relações luso-brazileiras, é um dos membros mais considerados e de maior destaque da colonia portugueza do Pará, tendo por diversas vezes prestado assinalados serviços ao nosso paiz e ao proprio Brazil.

Saudamol-o e agradecemos a gentileza dos seus cumprimentos.

Intercambio Universitario

E' hoje que, pelas 21 horas e meia, se realisa na Sociedade de Geografia a 2.ª conferencia do professor da Faculdade de Letras de Strasburgo, mr. Hubert Gillot, cujo tema será o seguinte: «Le decadentisme». Será acompanhada de projeções electro-luminosas.

Marinha de guerra

Entrou hoje no Tejo o vapor da marinha de guerra portugueza «Pato Lopes».

NOTAS FALSAS

Inovações

Os jornaes trazem o seguinte telegrama que bastante me intrigou pela extranheza:

MADRID, 5. — O Director da Segurança prohibiu que nos cinematografos os homens estejam junto das mulheres.

Que demonio terá acontecido lá por terras de Hespanha que obrigue as autoridades a uma sentença d'estas? ! Que casos se terão dado nos cinemas para que o tal Director obrigue os espectadores á divisão pelo sexo ?! Francamente, não sou capaz de atinar, não obstante ter empregado toda a bôa vontade.

Não sei a que ideia prezide uma tal resolução, desconheço o bem que d'ela resulta para o equilibrio da humanidade, mas não se me dava de apostar que, se a ideia segue, temos em pouco os casos de exibições de fitas, entregues apenas á frequencia das moscas.

O homem não pode passar sem a mulher e isso explica-se com duas tretas: Sendo a mulher como é, oriunda de uma costela roubada ao nosso bemdito e estupido pae Adão, logico se torna que o homem procure por todas as formas não largar de mão a possuidora de tão necessaria particula humana, na ancia de um dia a topar a geito de reentregá. Esta é que é a verdade e o mais são historias de moralistas pouco espertos e sem amor ao que era seu e lhes faz falta.

De resto, os antigos comprehenderam tão bem a questão que, não podendo conseguir o desideratum, na maxima força, do desejo humano, descobriram a plataforma do casamento, pelo qual o macho é meio dono da costela tendo sobre ela direitos de antiguidade, cabendo apenas á mulher os trabalhos de conservação e administração.

Contudo, ainda d'esta não se resolveu o problema, pois reconheceu-se que, para alguns homens dotados de maior egoismo que o normal, era insuficiente a agregação d'uma costela e d'ahi derivam os chamados amores clandestinos que são uma especie de restaurant onde cada um pode ir comer as costoletas que melhor lhe dér na gana.

Um dos melhores e mais afamados menús d'essas casas de pasto é o cinematografo. N'ele, alem do serviço á lista, com o preço marcado á direita, encontra-se um outro de mesa redonda nada inferior e onde o freguez póde encher a barriga á vontade sob os aperitivosos olhos de Menicheli ou a ajuda digestiva das graças do Charlot.

Cortar o convivio do homem e da mulher é querer matar o primeiro á fome em proveito da segunda, não deixando tambem de ser a proteção descarada a um roubo cometido ha seis mil anos no Paraizo e que, apezar de todas as provas em desfavor da criminosa, tem gosado a alta benevolencia das autoridades.

Por mim falo. Se a policia de cá entende tambem fazer o mesmo que fez a policia hespanhola faço um levantamento popular que pode ter serias consequencias, e depois avenham-se. No entanto creio que não venho a ter esse trabalho, porquanto, apezar de todo o mal que se diz dos nossos homens publicos, eles sabem muito bem que, se amanhã um edital obrigasse a separação de machos e femeas nos salões cinematograficos, as primeiras vozes erguidas para protesto, e os primeiros braços levantados em ameaça, seriam os femeninos. Porque isto de mulheres são muito caprichosas quando ninguem lhes vae á mão.

Henrique Roldão

A festa das «Florinhas da rua»

A colaboração do corpo diplomatico e de oficiais e marinheiros americanos

E' ámanhã e no domingo que, no Jardim da Estrela, se realizam, das 15 ás 20 horas, os festivais a favor das «Florinhas da rua», os quais vão atrair áquele recinto milhares de pessoas, visto que ha muitos anos se não realiza outra festa tão simpatica e tão cheia de atractivos.

Como já dissemos, as senhoras da nossa primeira sociedade e muitas estrangeiras, entre as quaes algumas do corpo diplomatico, com as sr.as ministras da Inglaterra e da Romenia, consules de Chile, a esposa do secretario da legação argentina e a joven filha do sr. embaixador do Brasil, dão mui to gentilmente a sua mais desinteressada e valiosa colaboração a esta festa que organizando barraca de sortes, tombola, pesca, chá e curiosidades nacionais e estrangeiras, que deverão concorrer com inexcedivel brilho alguns numeros de canto e dança, na fantasia internacional em 10 quadros que se representará num elegante teatro ao ar livre.

O sr. ministro da America e o almirante Niblack, muito amavelmente, autorisaram os oficiais do cruzador «Pitsburgh» a executarem danças americanas no teatro. Além disso, alguns marinheiros do mesmo barco realisarão um «match» sensacional de sôco, tendo ainda o comandante do navio autorisado a ida da orquestra de bordo e de um grande e alegre «Jazz band».

No Jardim fócam tambem duas bandas da G. N. R., amavelmente cedidas pelo comando desta unidade.

A entrada geral custa no primeiro dia 1$50 e no segundo $50, pagando as crianças em ambos apenas $50.

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Ha hoje, ás 21 horas, sessão de assembleia geral, no anfiteatro de fisica da faculdade de ciencias, sendo a ordem da noite: comunicação dos livros de desenho pelo professor sr. Leitão de Barros e apreciação do projecto de lei do sr. dr. Alves dos Santos sobre a reorganisação do ensino publico.

ARTE

O Salon de 1921 — O catalogo teve vergonha de aparecer — Muitos quadros e poucas obras — A influencia das Bertas na pintura — Os Lopes e os Motas fazem progressos — Haja moralidade ou... «pintam» todos

Eu sou absolutamente leigo em pintura, como tambem o sou em culinaria. Mas tenho paladar; dahi as minhas notas, ouvem bem? As minhas notas em materia de arte. As minhas impressões.

Conheço a pintura de vista, visitei-a desde a Tate Galerie e da coleção Wallace ao museu de Napoles, do Louvre á Pinacoteca milaneza. Esqueci-me horas em frente deste ou daquele palmo de tela. E a exposição das Belas Artes vê-se em 10 minutos! Eu não sei pintar, mas juro que farta algumas destas telas que lá estão! O que é que não as expunha. Tinha vergonha.

Que eu saiba as raparigas não são obrigadas a pintar pelo governo, como os rapazes não estão sujeitos a dois anos de vida poetica para bem da patria. Mas o que é certo é que todos os anos um rancho populoso de meninas manda ao «salon» os seus cravos com o competente jarro e a colcha por baixo.

E assim se afunda o «comité» de escolha sob uma avalanche de banalidades tudo quanto ha de mais «pot au feu», comesinho, sem um grito artistico, uma emoção, uma nota de esperança. Dizem-nos que foram excluidas 150 obras ainda piores do que as cento e tantas que lá estão!

Mas que importava que o nosso «salon» tivesse apenas quarenta, duas duzias, se fossem obras prometedoras reveladoras!!

Ainda ha pouco saimos das Belas Artes encantados com a exposição dos mestres. Eram algumas telas maravilhosas, reconfortantes. E ágora? Santo Deus! Que chateza de ideias! Que «pirismo»!

E aquela multidão que hontem lá esteve especada, novos ricos e meninas do passeio publico, olhando as rosas chás e dizendo «estão tão parcidas», amorfanhando por completo a vibração artistica que devia existir naquela tarde tão notavel para a arte dum paiz, como é a da abertura da sua exposição anual.

Mas, sil Que mazombice; nem uma nota de vivacidade...

Uma autentica exposição de... pasteis!

Não ha catalogos, não ha numeros sequer em todas as obras expostas. De forma que é uma dificuldade descobrir os nomes dos Motas, dos Lopes, das Brites atestando a falta de pudor artistico a um canto dos quadrinhos que destronaram, quasi sem vantagem o «bordado a matiz». Vamos pela esquerda. Siga-nos, leitor, seguir num papel e tome notas.

«Berta Costa», aqui temos uns «Peixes» que ao que me dizem foram as... isca para entrarem na exposição todas as outras naturezas mortas... á traição pelos discipulos de Mr. «Tout le mond et son père». Os peixinhos encarnados são duma banalidade estupenda, estão a pedir casa de jantar burgueza, ou reprodução de oleografia barata.

«F. Santos», dá-nos uma cabeça em olhos cerrados e uma dama de amarelo a olhar para a gente com um desassombro inaudito. Como Vasari dizia das mulheres de Corrége: «Elles sont si jolies qu'on les croirait faites au Paradis», as damas que o sr. Santos apresenta, com o seu todo de Lta parecem feitas no... funileiro. Imobilidade, falta de graça, clarídade de gêma de ôvo. E ahi temos uma velhota, em louça da China, com mau desenho; ora reparem com atenção nas louças...

«Berta Durão» expõe-nos «As nesperas». Numa parede duas Bertas. E' notavel a invazão das Bertas na Pintura.

Ao canto, ha uma paisagem de «José Mota», um recanto com bôa luz, tonalidade verdadeira de «Soares Lopes»; não é maguinho.

«Anderson Teodora» tem uma rosa que se destaca nas rosas de... todos os anos, de todas as exposiçoras. «H. Medina» tem uma nota curiosa na Dama de amarelo. Pochades, faceis, e erros de desenho.

«Joaquim Lopes» é um belo scenografo; os seus fundos são bem tratados, as suas paisagens teem bôa luz e aproveitam-se. Um pouco repetido nos assuntos, mas podia retorquir-me que a natureza é sempre igual... e sempre diferente. «Saude» no seu «acenado as velas» dá-nos uma «sécca» de tintas.

«Dordio Gomes»... no 67, adquirido pelo Estado, tem uma regular claridade, soalhenta vibração nas messes, homens ou espantalhos tocados a golpes rapidos mas onde ha qualquer coisa dentro.

«José Leite» uma «paisagem» já vista, talvez até nalguma parede de vacaria.

«Lucio», imita Joaquim Lopes mas é mais lambidinho. Muitas paisagens do Porto, baneas vistas litograficas do Douro... bôas para escritorios dos fornecedores de vinhos do Porto.

«P. Guedes» uma dama miope em tons banaes.

«Madame Souza» tambem portuense teve um palmo de tela com ambiente, «Uma menina lendo»; é infeliz nas cartas e licor azul da outra tela.

«Higino de Mendonça», dá-nos uma das suas marinhas, com as caracteristicas duras do costume.

«Leitão de Barros» parece envergonhado e dá-nos apenas um recolhido silencioso em sombreado interior. E' discreto e perfeito. Mas é pouco...

«Carapinha» dá-nos muitos pecegos, rozas, maçãs que estão — como a outra que diz — muito parecidos. Antes comê-los que expô-los. Fructa de... carapinha.

«A. Ribeiro» toma o logar de honra ao topo da sala; uma tela grande «A Oração da Tarde», será este o titulo? Devemos declarar que os titulos são postos por nós, mas dão certo. Ha tambem «As sôpas», com um velhote, tipo vulgar.

Ao lado Ribeiro Cristino, com a sua pintura muito passada a ferro e o retrato do autor.

Luiz Machado Pereira tem dois quadros grandes que são de assombrar! Aquilo não é pintura; são farturas; é culinaria; ovos mexidos; serpentinas mais baratas! Que lastima!!

O n.º 130 tem um retrato de dama feito aos bocados, e desarticulado. Os hombros não são do pescoço, o pescoço não é da cara.

Germana Patricio Alves Rodrigues, expõe o nome d'este tamanho todo em varios quadrinhos; um fruteiro azul — ainda é do tempo em que os fruteiros eram azues — umas flores e uns morangos enjoativos.

«José Campas», Ciganas de côcoras em varias idades. Tem côr e expressão mas a repetição do assunto faz perder o interesse ao motivo. Disseram-lhe que tinha queda para as ciganas? As duas paisagens são interessantes.

«Almeida e Silva» apresenta-nos uma grande colecção de molduras de massa tenra com recortes. Custou a tirar-nos a vista da moldura para olhar para as cebolas; varias cabeças de velhos, e 1 efeito de luz de petroleo vermelho que é de arripiar. Uma criada gorda com uma manapula em forma de besugo vermelho encostada ao vidro do candieiro. Um autentico quadro ao «rhum». O melhor do artista é a assignatura em monograma de cabo de talheres.

«Salgado», 3 retratos; um n'uma expressão infeliz de quem se expreme dificilmente. Uma paisagem detestavel em molho de broculos.

«Mimi Rodrigues» 1 interior, com mau desenho. Aquele banco por exemplo... Ora repare, minha Ex.ma Senhora.

«Gonçalves» (?) expõe o 293, uma rapariga com o chão algodoado, vago diluso.

«Pitta» tem nestes arredores um mau desenho.

«Santos» tem uma paisagem de arvores estilisada, decorativa, na escola de Puvis mas para a qual lhe faltou a lingua.

E o seu «nú» tratando dos calos? E' um frouxo exemplar.

«Nery» apresenta-nos a bataria da cosinha lá de casa. Muito gôsto.

«Julio Ramos», varios postaes, ampliados, poentes de litografia.

«Malhôa»... alto! A tela central, com as arribas, o mar é interessante. Mas, porque não hei-de confessar que aquele primeiro plano, com uma massa branca de farolias não me dou ideia nenhuma nem de espuma nem de nada? E a sua pequenina tela, o 124, não é uma «pochade negligée», confusa um «divertissement» dum dia fatigado. Os olhos pouco vêem ali dentro. Mestre Malhôa está muito longe desta exposição.

«A D. Aurora de Figueiredo» cá nos dá as suas rosas, a sua jarra e o cobertor...

«Luiz Salvador» no «hall central» tem uma tela grande «o bote de Cacilhas ou do Seixal» com pouco ou nenhum movimento, muita banalidade e perdido nos detalhes em vez de cuidar melhor do todo. O assunto é frouxo e sem grandeza.

«A. Santos» dá-nos um «Outono» onde se apanha um resfriamento.

«Narciso Moraes», uma cabeça de minhota, sem nada que a recomende.

«Helena Bourbon Menezes» uma tela confusa e mal definida.

«Albertina», é curiosissimo, dá-nos a Avenida da Liberdade, o casal de pombos. Ela é ela são pombos, a Avenida é um «boulevard» parisien se com a neblina doutro paralelo mais septentrional! Uma arvore que é uma vergonha!

«Sant'Ana» tem umas banalidades, ao pé duma tela grande, outoniça, amarelada, que mais lembra um caju do que bananas, visto de longe.

Dizem que é do «Alves Cardozo».

«A. de Faro» tem meia duzia de quadrinhos com mau desenho.

Em frente «Souza Leitão» um pas tel com algumas rozas... as de todos os anos.

«D. Brites de Castro» com uma rapariga a catar cebolas, sem expressão, nem movimento mas — dizem — com dotes reveladores para futuro artistico risonho.

«D. Aurora de Figueiredo» dá-nos mais duas cebolas e 1 tacho.

«Fonseca»... Mas que é isto? A estrada militar? As arvores que eu fazia quando me deram os primeiros lapis de côr?!

«Constante» duas «pochades» agra daveis.

«Uf!»

Vamos passar á sala imediata. Mas para descançar a vista, paremos um pouco.

Armando Ferreira.

AUTENTICAS

O agio da libra

Já por várias vezes me tenho referido a esta coisa torpissima, — o alto preço da libra; mas o açambarcamento continua exactamente, como o dos generos alimenticios. Por um natural impulso de guloseima o ouro e o assucar manteem a sua alta.

Para aguentar o sr. Seixas, para engordar o sr. Souto Maior, prolonga-se a calamidade. Todos o sabem; tenho o escrito bastas vezes: a exportação dos vinhos, do cacau, da cortiça, das conservas de fructas, legumes e pescado... durante os quatros anos de guerra e durante o armisticio, a menor importação de carvão e trigo, os dois sorvedouros maximos da riqueza nacional, a comcomitante valorisação das madeiras, a falta de farinhas deram um activo colossal, enriqueceram os portuguezes sem que dai tenha vindo qualquer beneficio de ordem cambial.

Muito ao contrario, agravando-o cada vez mais.

Teem concorrido para isso os politicos e a imprensa. Uns transigindo com os potentados da finança, outros apregoando a toda a hora e por varias formas a nossa falencia; mas realmente toda essa sanha propria para nos intimidar resultaria inutil se, por baixo, oculto, á sombra das suas caixas fortes não estivesse alguem aproveitando-se da obra estulta de descredito e vilipendio.

Esse alguem são os banqueiros, os açambarcadores das cambiaes.

Os governos não tentando sair d'estes «gachis» teem culpa igual, e assim sem caminhos cheios de riqueza, com um vasto imperio colonial, com a frota alemã, com os portos livres da metropole e das colonias, abarrotados de productos de plantas ricas, como se fosse o triste pária sem camisa nem que comer.

E é tal o descaro, tão larga a «sidance» dos vampiros que tripudiam sobre todos, nós, que nem mesmo os apuros em que se encontra a Inglaterra, a sua circulação fiduciaria, toda papel, como a nossa, a tragica efervescencia irlandeza, a greve negra e tantos outros pruridos que ela tem de coçar, lhe desvalorisam em relação a Portugal o seu papel moeda!

A libra papel, que outra não circula, continua oscilando em volta de 46 escudos, — embora as casas bancarias a não comprem a mais de 36!

Que quer isto dizer? Como se mantem esta ficção?

Por imbecilidade, por pouca vergonha? Não sei. Sei que tudo isto se manterá até Julho, até á liquidação do caso do Agencia Financial para gloria e atufalhamento de certos banqueiros nacionaes e estrangeiros com negocio montado entre nós.

D. Thomaz de Noronha.

A exportação brazileira para Portugal

O relatorio da directoria da Camara Portugueza de Comercio e Industria do Pará, o primeiro que se publica e que gentilmente nos foi oferecido por intermedio do sr. dr. José Augusto de Magalhães, e no qual se dá minuciosa conta dos actos por essa patriotica colectividade praticados, vê-se que a exportação do Estado do Pará para Portugal em 1920 foi:

Madeiras, no valor de 3.384.865$000 reis, tabacos no de 909.661$00 arroz no de 2.813.440$000 e diversos no de 687.273$000, ou seja um total de reis 7.885.239$000.

Caixa de aposentações

Os funcionarios aposentados que apresentarem até o dia 20 corrente mez a declaração de não exercerem cargo algum civil, podem a partir de hontem receber no Banco de Portugal a ajuda de custo de vida do mez de abril.

EXEMPLO A SEGUIR...

Fartos de gréve

Cinco mil homens armados contra os grevistas

BUENOS AIRES, 5. — Declarou-se a gréve geral em Gualeguaychu. A Liga Patriotica protestou contra esse facto, dando-se um conflito de que resultaram dois mortos. A Federação Operaria de Buenos Aires vai reunir para deliberar a atitude a tomar. Entretanto 5000 filiados na Liga Patriotica em armas estão acampados nas proximidades de Gualeguaychu. A policia declara-se impotente para impedir um ataque á séde da Federação Operaria. — (A).

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

Roupas brancas Numa destas manhãs, um cronista revolucionario, um proletario do espirito, descobriu, após ter dado alguns «traços» uma cronica do sr. Luiz d'Oliveira Guimarães que este nosso elegante camarada, não tinha caspa, fazia a barba, não usava a Lavaliére classica em que se afogam os idealistas, revolucionarios, mas podia ter, em compensação «calças de renda» e perfumar-se de Lubin...

Em tudo ha compensações. Ninguem na vida se pode considerar «perfeito», a não ser o cronista espirituoso e azedo do orgão libertario — cronista aliás «mais que imperfeito» embora «indefenido» naquela «indicativa» cronica...

Já alguem afirmou que um escritor notavel, como quem comete um crime estetico, usa de inverno ceroulas de malha».

Ha portanto, em roupa branca, uma superioridade marcada de Luiz d'Oliveira Guimarães sobre o iminente homem de letras. E mesmo em perfumes segundo um manifesto ao passo que um «cheira mal da bôca», o outro perfuma-se de Lubin. Emfim, só é de lamentar que nem todos sejam «perfeitos», e que estes lugares de «calças de renda», na realidade não sejam mais «rendosos»...

Americo Durão O auctor dos da «Maria Isabel» acaba de lançar para o tabelado literario do Chiado um belo livro de versos: «Tantalo».

Americo Durão, parece-me a mais forte afirmação de valor poetico dos recemvindos.

«Tantalo» dá-nos a impressão de que o seu autor se acha instalado completamente na sua forma d'arte — maravilhosa fórma é essa e que escreve sobre a mesma inspiração nobre e profundamente humana que ditou os primeiros e admiraveis versos do «Poema d'Humildade». Seja bemvindo Americo Durão, porque poetas da sua ampla envergadura dignificam-nos e continuam com orgulho a nossa sumptuosa tradição lirica. «Tantalo» é mais um grande e firme passo na Arte de Americo Durão, e um belo livro de Alma, de Mocidade e de transcendente sentimentalismo.

Os coiros e a questão social Ha 2 anos — guardo desse dia uma tragica lembrança — fui ao meu antigo sapateiro naquela disposição dos sacrificios heroicos que antecede os grandes gestos. Sentia que as bases do meu ser, como as bases do teatro Nacional, precisavam reforma, e dispuz-me, na realidade, a reformal-as. Entrei resoluto na loja. Estava á sonha. Sobre o balcão, em parada de forças, estacionavam batalhões de botas — desde os corpos de élite dos sapatos de baile, até á artilharia pesada dos canhões de duas solas. Inquiri, risonho, simpatia cheios de kistos, baixou levemente a cabeça para me ver por cima da luneta e mandou-me esperar. Esperei. Esperei com paciencia, com esperança, com má disposição, com nervos, com raiva, com furia. Esperei duas horas. Fez-se noite, acendeu-se a luz, mas nos meus olhos, a verdadeira luz só se fez quando aquele proletario das botas me declarou que me não podia atender, não só pelas excessivas encomendas dos seus novos freguezes, para os quais não tinha mãos, nem, sobretudo, pés a medir, como tambem pela notavel falta de coiros no nosso mercado, a que ninguem chegava, dizia êle.

Aquele colorido de delicadeza que enternece as pessôas mais agrestes: «Desejava ver um par de sapatos... o costume... Uma coisa sólida... faz-me favor?»

— Reparei que o bemquisto comerciante, bemquisto até, porque, coitado Preguntei, ainda a medo, como quem arrisca uma ultima esperança, a voz cava, uma lagrima no olhar:

«E um concertosinho nestas botas?... Umas meias solas, umas gaspeasinhas, só um indiferente dos tacõesinhos...?»

— «Concertos?!» — Eu não ando nos caidos! Isso foi tempo! Novo e é para quem quer! Tomára eu poder servir os meus Ex.mos freguezes novos, que me entram, todos os dias e que gastam «a boa bota» de verniz, «o bom sapato» do caif, e que pagam, e que não regateiam a miseria duns escudos, como... como os freguezes antigos, era ai está!»

Saí corrido, envergonhado pela pelintrice escandalosa da minha pregunta e até agora nunca mais lá voltei.

Na 2.ª feira, por acaso, olhei a montra e observei que de dentro algum cumprimentava afavel, sorria, num inexplicavel «agite antes de usar». Não tive tempo de reflectir, porque apareceu á porta o ekistose proletario com a sua mais iluminada expressão de alegria, a saudar-me, numa grande simpatia de acolhimento: «Ora viva por esta sua casa! Com estes é que me quero, os meus bons freguezes antigos. Então o que hade ser hoje? «Concovi-me. Entrei, escolhi sapatos amarelos. Na casa não havia ninguem. Sobre o balcão, tristes, abandonissimas, á espera de gaspias, e tacões estavam umas botas de elastico.

«Quando está pronto?»

— «Sabado.

Cumprimentamo-nos, sai.

Ainda hoje é 6.ª feira e já lhes escrevo, de sapatos novos.

Moralidade: A questão social começa a resolver-se pelos coiros. Ha mais oferta que procura.

O HOMEM QUE PASSA.

SEGREDO A TODA A GENTE

As rosas:

Inaugurou-se hontem na Camara Municipal uma exposição de rosas. Para mim as rosas são como as mulheres. Ainda hontem tive a impressão nitida de que assim era. Até se vendem como as mulheres. Disia Fialho d'Almeida não me lembro aonde, que as rosas só se deviam vender por dinheiro á gente velha; a outra que as pagasse com beijos — e com a obrigação de receber o troco. Tal e qual como as mulheres, meus amigos.

Ambos os sexos:

O director da segurança publica de Madrid prohibiu, com o melhor sorriso d'este mundo, que nos animatografos os homens estejam junto das mulheres. Que horror! Se os proprietarios de «cinemas» não protestarem e o precedente vingar por todo o mundo — podemos ser ainda que os animatografos estão em breve condenados a ficar ás moscas...

Ponto final:

A minha secção vae deixar de ser diaria — com que v. ex.ª lucrarão indiscutivelmente. E apezar de tudo esta meia duzia de linhas, n'uma cidade que se repete de cinco em cinco minutos — custa muitas vezes a alinhavar. O grande publico para quem os escritores são apenas canetas de tinta permanente — não o reconhece, nunca o reconheceu e decerto não o reconhecerá nunca. C'est le vieu jeu de l'amour. Pois bem. Ao despedir-me de v. ex.ª até amanhã — porque a minha secção agora é apenas aos sabados — tiro-lhes rasgadamente o meu chapéu, e a ti, minha leitora, peço que não te esqueças de mim e me dês a tua mão — para a beijar, meu amor.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Universidade Popular Portugueza

Começa amanhã, n'esta instituição de educação popular, uma nova serie de conferencias pelo medico, sr. dr. João Camoezas, que tratará das *Instituições de Medicina Social; sua importancia na educação do povo.*

As conferencias começam ás 21 horas e a entrada é publica.

PELO TELEGRAFO

Ratificação do tratado de paz

LONDRES, 5. — A camara dos lords aprovou em seguida leitura a ratificação do tratado de paz. — (H).

Os socialistas italianos vão ás urnas

ROMA, 5. — O partido socialista italiano resolveu tomar parte nas eleições legislativas. — (H).

A insurreição na Alta Silesia

BERLIM, 5. — A Agencia Wolff está informada que os insurgentes da Alta Silesia tomaram Lublinitz e Rosemberg, tendo sido morto um oficial francez. — (H).

Desenvolvimento da viação na Venezuela

CARACAS, 5. — O ministro das obras publicas publicou uma estatistica da qual se conclue que foram construidos 6000 quilometros de estradas que hoje se encontram em serviço e outras que ainda não estão acabadas. O ministro das obras publicas propõe-se pedir á Camara os creditos necessarios para a abertura de novas vias de comunicação. — (A).

No Brazil tende a normalisar-se a situação financeira

RIO DE JANEIRO, 5. — De informações obtidas nos meios autorisados conclue-se que se manifesta de novo uma marcada tendencia para maior movimento comercial, parecendo conjurada a crise economica, normalisada a situação financeira e atenuada a depreciação dos produtos brazileiros, registando-se em alguns uma acentuada alta, como, por exemplo, no café e na borracha. — (A).

Congresso postal pan-americano

QUITO, 5. — Manuel Bustamante foi nomeado para representar o governo do Equador no congresso postal panamericano que brevemente reunirá em Buenos Aires. — (A).

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Terminámos hontem a nota do dia sobre o caso Ruivo e a empreza do Coliseu dos Recreios nos seguintes termos:

«Nós não somos o «manager» de Ruivo, nem procuração nos foi passada para falarmos d'esta maneira, mas conhecemos bem Ruivo para nos convencermos de que com o seu novo metodo de vida, de treino, etc., Ruivo nunca se escusará a combater seja com quem fôr.»

De facto, assim acontece, Ruivo não se escusa a combater seja com quem fôr e tanto assim é que hoje O Seculo *diz:*

«O «boxeur» sr. Silva Ruivo, a proposito de uma declaração da empreza do Coliseu dos Recreios, publicada nos jornaes de hontem, dirigiu-nos uma carta, em que declara estar pronto a bater-se com Mario Gall, apesar d'aquele ser de categoria superior. Admira-se tambem de que a empreza o queira forçar a combater n'esta ocasião, visto encontrar-se doente, e, por fim, dá-nos a entender que prefere fazer o combate n'outra casa de espetaculos que não seja o Coliseu dos Recreios.»

O que é lastimavel é que a direcção da empreza do Coliseu dos Recreios, tendo tido em Silva Ruivo um dos seus melhores auxiliares, esteja agora a procurar apoucar o seu nome, comprometendo-o perante o publico, quando afinal Ruivo prova que não se encontra em estado de poder combater.

Quanto á estada de Mario em Lisboa e ás despezas que a empreza diz lhe acarretam, repetimos não passa de uma defeza que tanto a nós como ao publico não comove...

De resto se a empreza não tem apenas em mira negociar com o box, como, segundo declarou, deseja fazer a sua propaganda, tem uma boa oportunidade para cumprir a sua promessa, mantendo Mario Gall em Lisboa mais alguns dias, porque os nossos amadores e profissionaes alguma coisa podem colher dos seus ensinamentos.

Mas qual! A empreza, dando-nos combates como os ultimos que organisou, não pretende desenvolver entre nós o box...

A. de Campos Junior.

FOOT-BALL

Os desafios de domingo—Belemenses contra Sporting—Casa Pia contra Imperio

Depois de amanhã realisam-se os seguintes desafios:

1.ª categoria—desempate para apuramento do finalista.

Belenenses contra Sporting no Campo Grande, ás 17 horas; juiz o sr. Rogerio Peres.

4.ª eliminatoria da Taça Mutilados da Guerra. Imperio contra Atlético, no Campo Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Luiz Rebelo da Silva.

3.ª categoria—1.º desafio para apuramento do Campeão, Bemfica contra Foot-ball Bemfica, no Campo Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Alberto Burnay Mendes Leal.

2.ª categoria—Taça Especial—Portugal contra Bemfica, ás 11 horas: juiz o sr. Eduardo Costa Belenenses contra União do Comercio, ás 13 horas; juiz o sr. Antonio dos Santos (do G. F. B.)

Sporting contra União Lisboa, ás 15 horas; juiz o sr. Lidio Nogueira.

Royal contra Sacavenenses, ás 17 horas; juiz o sr. Arnaldo Motta.

O desafio de hontem

Hontem, no campo de Palhavã, jogou-se mais um desafio entre o team hespanhol que se encontra entre nós e o carcavelhinhos vencendo este por 3 goals a zero.

Amanhã em Palhavã—Casa Pia contra o team de Vigo

O *team* hespanhol que se encontra entre nós ficará em Lisboa até depois de amanhã para assistir aos jogos oficiais, visto que só jogará em Madrid em 15 do corrente. Por esta razão e por que desejasse defrontar-se com o Casa-Pia convidou-o para efetuarem um *match* amanhã em Palhavã. O grupo dos Casapianos aceitou imediatamente este convite apesar de no domingo ter de jogar com o Imperio, por estar desejoso de afirmar o seu valor, e de desfazer a impressão causada com o recente revez contra o Pontevedra.

Por tudo isto e porque o *team* já esteja mais acostumado ao terreno e mais descançado deve ser um belo desafio.

NOTICIARIO

E' depois de amanhã que ás 14 horas na R. da Victoria se efectuará o descenamento da lápide a este iniciador de Educação fisica entre nós. Assistirão o sr. ministro da instrucção, Camara Municipal, Escola Academica, Colegio Militar, Bombeiros Voluntarios, Colegio Arriaga, Asilio S. João, Escola Nacional, Ginasio Club Portugues etc. Falará sobre a sua obra o sr. dr. José Pontes. A comissão pede-nos para aqui convidar-mos a assistir todos os que se interessam pela causa dada a sua ignorancia sobre muitas moradas e rêdes.

—Despertou grande interesse entre os vendedores de jornaes, a ideia de «Os Sports» organisar torneios de box e luta, iniciando-se por isso dentro em breves dias o seu ensino.

Pelo Estrangeiro

FOOT-BALL

Uma brilhante victoria dos francezes

PARIS, 5.—Perante uma enorme multidão a «équipe» nacional franceza da Foot-Ball «Association» bateu esta tarde no Stadium Qershing a «équipe» nacional inglesa por dois pontos contra um. A vitoria francesa é devida á sciencia dos jogadores francezes e é o corôamento e de uma estação bem preenchida. E' a primeira vez ha vinte anos a esta parte que a França bate a Inglaterra, o que é devido, não a um conjunto de circunstancias favoraveis, mas sim á superioridade assinalada do jogo e da vontade de vencer dos homens da «équipe».

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

Numero	Premio
6664....	40.000$00
7139....	6.000$00
923....	2.000$00
1978....	1.600$00

Numero	Premio	Numero	Premio
3663...	972$00	3580...	200$00
6665...	972$00	3698...	200$00
1798...	500$00	4479...	200$00
5287...	500$00	4602...	200$00
5976...	500$00	4743...	200$00
6428...	500$00	5044...	500$00
367...	200$00	5077...	200$00
9378...	200$00	6394...	200$00

Nota do dia

O livro de Carlos Leal

Levou algum tempo a referirmo-nos ao volume *No Palco e na Rua* que Carlos Leal fez imprimir logo apoz á sua chegada do Brazil, e levou tempo não porque menos interesse nos desperte mas porque... porque... só hoje calhou bem.

E' muito fraca a literatura de gente de teatro entre nós. São raros os volumes que tratam da vida de scena, muito raras as obras de memorias, ou porque o trabalho consuma realmente todas as horas da vida do actor, ou porque á maioria falta a cultura necessaria para se embrenhar em literatices. Mas todos eles, maus ou bons, de critica ou de recordações, firmados por gente de teatro tem sempre o interesse que desperta no publico qualquer coisa que diga respeito á vida teatral e seus elementos.

A carteira do artista de Sousa Bastos, os livros interessantes de Augusto Rosa, o volume de Antonio Pinheiro, o livro de Azevedo Neves, as memorias escandolosas de Mercedes Blasco, as lições do professor Moniz, o livro de Lucinda do Carmo, um prefacio interessante de «Os Comicos» por Antero de Figueiredo, e pouco mais.

O livro de Carlos Leal, é interessante, mas não tanto como desejariamos. E' um livro sem directriz, nem objectivo. Não tem recordações curiosas da vida teatral, não nos dá notas da sua vivacidade, nem apontamentos sequer da sua carreira, das suas figuras e criações. E' um livro para adjectivar a bohemia, o fado, alguns emprezarios, os patriotas do Brazil, tudo escrito no ar embora com um cunho de sinceridade que é caracteristico em Carlos Leal. Tem trechos inteiros de «Pontas de Fogo» e «Beijos de Burro».

Algumas ferroadas leves a colegas e o resto são piadas, «bontades», palavras em francez, cavaqueio com o publico conforme, Carlos Leal anuncia num dos capitulos. Tem o livro muitas verdades, embora crueis para os proprios artistas taes como as que versam a disciplina, a educação, a moral...

Em resumo, «No palco e na rua» que, com uma cortezia amavel Carlos Leal nos ofereceu, entretem uma cavaqueira facil durante duas horas. Presta-se a discussões o livro no meio teatral? Não corresponde literariamente ao Carlos Leal que nós admiramos da ribalta?

Não é senão uma divagação dos seus trabalhos artisticos, pela qual muito sinceramente o felicitamos.

Carlos Leal é um «bon vivant» e merece um «shake-hand», como artista e como homem.

A. P.

Medalhões

Abreu e Souza : :

Ascensão Barbosa

São os autores da revuette Trólaró *que hoje atinge as cem. Em Paris é costume festejar-se com uma ceia, ceia artistica e baile, esse acontecimento aliaz frequente na vida teatral parisiense. Entre nós uma centessima passa desapercebida quasi o que é uma flagrante ingratidão.*

Os autores do Trólaró *conseguiram pelo menos fazer qualquer coisa leve, que marcou no publico dos nossos teatros populares; salpicaram de graças frescas e leves, e de numeros de fantasia a sua revistinha, sendo de resto uma parceria portuense já bastante consagrada em exitos consecutivos. Porque não havemos de os festejar tambem, na modestia do seu nome e na honestidade dos seus processos?*

A nova epoca no Apolo

O Apolo reabre amanhã as suas portas para estreia da Companhia Ruas que no inverno findo conseguiu no Nacional do Porto uma epoca de exitos. O nucleo d'artistas que Lisboa vai ver foi organisado sem amor e carinho. Ha muito que não encontram uma companhia de revista tão homogenea e num tão perfeito equilibrio artistico. Qual o seu elenco o que será a futura epoca de verão no Apolo?

Luiz Ruas o incansavel emprezario do velho Principe Real dos dramalhões com a sua eterna bonhomia responde-nos ás duas perguntas.

Ha uma azafama de vespera de première. Repregos que se afinam, fundos que se ajustam retoques da ultima hora. O palco atravancado de caixas do guarda roupa e de montes de scenarios regorgita de carpinteiros que trabalham.

Do elenco duas palavras, diz-nos Luiz Ruas. Deolinda Saial, uma interessante figurinha que no Porto fez duas epocas brilhantes no Olimpia e ultimamente no Nacional Alda Teixeira, graciosa e vivaz, Candida Rosa que se revelou uma impressa de declamação na opereta «Pereira», Evangelina Bastos já aplaudida em várias peças de teatro alegre, Zulmira Vargas, Sofia de Sousa, Josefa Levienti e Tereza Leviento, que são dos explendidos elementos em revista. Dos homens Alfredo Ruas, rubi de artista dramatico e rabulista consciencioso Alberto Miranda com uma já longa galeria de tipos humanissimos e originaes, Agostinho Lopes, Santos Carvalho, que dia a dia progride e estuda Antonio Bastos. Monteiro Fernandes Oliveira, Raul Barreira etc;

E do reportorio que me dá?...

A peça de abertura é o ultimo exito garantido dos ilustres escriptores do Norte, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «Porto tantos de tal...» uma originalissima fantasia de costumes onde o nosso grande Portugal surge cheio de beleza no colorido das suas paisagens e no regionalismo dos seus costumes. O Porto aplaudiu-a durante 130 noites. Veremos se Lisboa tambem a aplaudirá. Conto mais com a opereta «Poveiros», de Henrique Roldão e Roberto Sales, musicada por Luz Junior, opereta onde a alma dos poveiros surge nimbada de heroismo e de amor patrio é a velha «A' Procura do Badalo» do mestre Diniz, remodelada e actualisada por Penha Coutinho o feliz auctor da «Leiteira de Entre Arroyos» e de outros originaes. Como ensenador o nome de Jayme Silva é uma garantia de exito, Fernando Athos dirige a orchestra, Jayme Valverde vestirá as peças e agora só resta que o publico de Lisboa reconheça todos os esforços dispendidos e todos os obstaculos que a organisação de uma companhia como a que dirijo tem que demoler para conseguir um triunfo completo.

Noticiario

Entre nós

Continuam, com grande entusiasmo, os ensaios da peça fantastica *Por ares e ventos*, da autoria dos srs. Jaime Ferreira e Henrique Ponte, que subirá á cena no dia 21 d'este mez, no teatro de S. Carlos, em recita de caridade promovida por uma comissão de empregados do Banco Nacional Ultramarino, a favor dos mutilados da guerra.

—Albertina d'Oliveira é natural que faça a epoca de inverno no *Ginasio*, largando o *Nacional* onde tem adormecido sob o pó da parteleira.

—O papel principal da peça «Adão e Eva» de Jaime Cortezão é o de um revolucionario civil, fazendo um papel de marquez o ator Otelo de Carvalho.

—Estiveram hontem no governo civil as duas partes na causa «A Sombra» que atualmente se discute. Luiz Ferreira d'um lado e Mendonça de Carvalho do outro. Tanta discussão afinal para... dois estenderetes!

—Henrique Roldão está completando uma revista que destina a um teatro de Lisboa.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — As 21 h.—«Leonor Teles».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO — A's 21,30 — «Os Irmãos Unidos».
EDEN-A's 21—«Cerco ao Rei»
AVENIDA — A's 21,30 — «O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Boletim comercial e maritimo.—Pela 2.ª repartição da direção geral da estatistica, do ministerio das finanças, foi publicado este boletim, abrangendo de janeiro a dezembro de 1918.

Teatro e Sport.—D'esta bela revista brazileira recebemos o numero 336 do 8.º ano, que vem muito interessante.

A propriedade privada.—Em separata, foram publicados os artigos que o sr. José Carlos de Sousa publicou «n'A Batalha» sob este titulo. Edição da secção editorial do mesmo jornal.

Efemerides astronomicas do Observatorio de Coimbra.—Acabamos de receber e agradecemos o volume publicado pelo Observatorio Astronomico da Universidade de Coimbra sobre as efemerides astronomicas do ano corrente. Como sempre, é uma publicação que honra aquele estabelecimento de ensino.

Joaquim Pedro Guerra dos Santos

FALECEU

Miguel Pedro da Silva, Alberto Francisco Pereira Irmãs e Francisco Manoel Alves na qualidade de testamenteiros, participam a todos os seus amigos e do finado que o seu funeral se realisa no dia 7 pelas 11 horas da sua residencia Avenida da Liberdade, 186, 2.º para o cemiterio dos Prazeres.

NOTICIAS DA CAPITAL

LIMPEZA... AOS BOLSOS.—Como o sr. Francisco Rodrigues, morador na rua do Almada, 34, 2.º, andava com os bolsos um tanto sobrecarregados, pois que neles trazia um relogio de bom e belo ouro, metal precioso neste tempo, e uma bolsa de prata, houve alguem que o quiz «aliviar» e, assim, subtilmente, sem que ele desse por isso, tirou-lh'os. Mas como a prender o relogio estava uma corrente tambem de ouro, era até uma heresia deixal-a a ostentar-se no colete, sem ter já que segurar. Por isso, levaram-na tambem.

Quem não gostou do caso foi o sr. Rodrigues, a quem custa a ficar assim sem o valor de 220$00, e lá foi pedir á policia que lhe valesse.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Aberta a sessão e depois de lidos a ata e o expediente, o sr. presidente poz em discussão a proposta do ministro da guerra alterando o decreto da amnistia.

O sr. dr. Costa Junior manda para a mesa um artigo novo que não é posto á aprovação por não haver ainda numero suficiente para votações.

Por esse motivo entra em discussão o parecer 727 referente á lei n.º 7-6-C, da autoria do sr. ministro das finanças, que tende a reforçar algumas rubricas da proposta orçamental para o ano economico 1919-1920 na importancia de 800.314$42.

O sr. Antonio Granjo declara que não aprova.

O sr. Manuel José da Silva em nome da Comissão do Orçamento faz declarações.

O sr. ministro das finanças responde aos oradores antecedentes prestando esclarecimentos.

Os srs. Costa Junior, Manuel José da Silva, Ministro das finanças e Antonio Granjo trocam impressões sobre o assunto, dizendo este ultimo que é um mau procedente só se pedir á Camara autorisação para se gastar certa e determinada verba depois de ela ester gasta.

Nesta altura, o sr. presidente nomeia uma comissão para introduzir na sala o novo deputado sr. Prestes Salgueiro, que é muito cumprimentado.

Aprovam-se a ata e o expediente.

O sr. ministro das finanças manda para a mesa duas propostas de lei, uma sobre contribuições de registo e outra sobre os direitos alfandegarios do papel para os jornaes.

Continua-se a discussão da proposta do sr. ministro da guerra referente á amnistia.

Usa da palavra o sr. ministro da Guerra que manda para a mesa duas propostas.

O sr. Orlando Marçal apresenta e justifica uma emenda que diz respeito a castigos dados a militares e civis até 13 de fevereiro de 1919, a fim de serem anulados, desde que, como o major Aurelio Cruz, um dos combatentes da linha do Vouga, defenderam a Republica em Monsanto e norte. Admitida.

Entra-se na ordem do dia: Proposta da Agencia Financial.

Entra no uso da palavra o sr. Antonio Granjo, que acha estranho não se saber ainda qual a opinião dos vários grupos representados no governo sobre o assunto.

No Senado

Como de costume, a sessão abre sem a presença de qualquer membro do governo.

O Senado é formado de gente grave, circunspecta, e calma. Por isso os ministros, contando com a brandura daquela camara, só quando de todo não pode deixar de ser é que lá vão.

Pensa-se, porem, em terminar com essa indiferença... para não lhe chamarmos outra coisa.

Aberta a inscrição para antes da ordem do dia, pedem a palavra para quando estiver presente o sr. presidente do ministerio os srs. Pereira Osorio e Julio Ribeiro.

Espera-se.

As bancadas ministeriais continuam desertas.

Espera-se mais um quarto de hora.

Anunciam que o sr. dr. Bernardino Machado virá fazer a apresentação do novo ministro da agricultura.

O sr. Julio Ribeiro manda para a meza o projecto sobre a promoção a general do tenente coronel Barbosa da Costa, com parecer desfavoravel.

O sr. Pedro Chaves pede para ser discutido o projecto de lei sobre oficiais milicianos.

O sr. presidente diz que vai ser marcado para ordem do dia.

E ministros?

Nem o da instrução que tem de responder a interpelação do sr. Silva Barreto.

Espera-se ainda.

Quasi 16 horas.

Aparece o sr. dr. Julio Martins.

O sr. Silva Barreto inicia a sua interpelação.

Faz largas considerações sobre o curso de aperfeiçoamento dos inspectores escolares.

Estudantes de direito

Para tratar da revisão dos estatutos da sua associação e do Estatuto Universitario, reuniram esta tarde os estudantes da faculdade de Direito.

Machado Santos

Encerrou-se hoje a inscripção para o banquete de homenagem ao sr. Machado Santos. Foi de 250 o numero de inscritos.

Serviço telegrafico da tarde

DUBLIN, 5.—Prestou solemnemente juramento no palacio de Dublin o novo vice-rei Lord Tablot, que espera fazer uma politica de apasiguamento na Irlanda e tem certas simpatias da opinião catolica.—(H).

PARIS, 6.—A mobilisação parcial da classe de 1919 continua a fazer-se com toda a regularidade na perspectiva de se proceder a partir do dia 13 á ocupação do Ruhr. Tem sido tomadas todas as providencias para que os mobilisados que vão chegando ás unidades não sejam contaminados pela "gripe" que grassa em alguns regimentos embora sem o caracter alarmante que se julgou ter nos primeiros momentos.—(H.)

HELSINGFORS, 6.—Os bolchevistas projectam modernisar a cidade de Moscou fundando para esse fim o "Soviet Scientifico" da "Nova Moscou" que deve elaborar o plano de reconstrução da antiga capital russa, que os comunistas denominam já de "Roma Socialista".

MUSICA

A audição de domingo

Já *A Capital* noticiou que depois de amanhã, no salão da Liga Naval Portugueza, pelas 21,30, se fará ouvir a jovem compositora sr.ª D. Maria Antonieta Lima Cruz em composições suas, sendo auxiliada pelas sr.as D. Adelaide Lima Cruz e D. Irene Gomes Teixeira e pelo sr. Fernando Botelho Leitão.

O programa do belo serão de arte é o seguinte:

Primeira parte: Lenda; Noite de S. João: a)—Cantares na rua, b)—Fogueiras, c)—Dança de roda—pela autora.

Segunda parte: Nevicata, canto por D. Adelaide Lima Cruz; Noturnos n.os 2, 3 e 4, pela autora; Noturno n.º 5; L'Enchanteur (d'aprés le tableau de Watteau) Allegretto avec charme—Vif «Réplique» —Chaque fois avec plus de séduction,— pela sr.ª D. Irene Gomes Teixeira.

Terceira parte: Santo Antonio (sobre a sua vida milagrosa): a)—Santo Antonio prégando aos peixes, b)—Contemplação, c)—Milagre dos sinos, pelo sr. Fernando Botelho Leitão.

Touradas

«Alé», «Rodalito», José Casimiro e Antonio Lapa

São do conceituado creador sr. Antonio Lapa os oito touros que no domingo os aficionados virão lidar pelo belo grupo artistico, em que figuram o inegualavel artista José Casimiro e os «espadas» «Alé» e «Rodalito», cujos temperamentos valentes vão dar logar a uma emocionante competencia de arrojo. Os touros são lindissimos estampas, como só Antonio Lapa capricha em apresentar. Sabido é que estes touros são descendencia apuradissima da famosa casta hespanhola de Miura.

Tourada dos Estudantes de Medicina

E' na proxima quinta-feira 12 que os alunos de Medicina levam a efeito a sua costumada tourada anual. O programa, d'esta digreção está organisado com numeros d'um comico inexcedivel, de maneira a manterem a assistencia em permanente gargalhada. E' mesmo espectaculo aconselhado com o tratamento de doenças nervosas. Os bilhetes encontram-se a venda na Faculdade de Medicina, ao Campo de Sata Ana.

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSOCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A CAPITAL

3775 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Sabado, 7 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

SEMPRE NA MESMA!

Consumou-se a trapalhada. O famoso decreto, revogando o que dissolveu o parlamento de 1917, já foi publicado no «Diario do Governo».

Para quê?

Ninguem o sabe, mas como hontem disse no parlamento, onde não ha sidonistas, a não ser algum que, tendo adherido ás correntes preponderantes do momento, seja por isso mesmo considerado d'uma orthodoxia irreprehensivel, o diploma agora publicado não pode deixar de ter intenções occultas.

E' interessante constatar que o parlamento, a quem cabe a confecção das leis, não sabe o motivo da resolução governativa, e não deve surprehender-nos que elle proteste, porque na realidade é o parlamento actual o affrontado com o decreto de hontem.

Revogado o decreto de 9 de dezembro de 1917, a consequencia logica de tal revogação deve ser o regresso imediato dos parlamentares de 1917 ás suas cadeiras em S. Bento.

De contrario, que mystificação é esta?

Sidonio Paes, apoz um movimento triumphante, e quando ainda os canhões fumegavam, dissolveu esse parlamento por um acto revolucionario, que era consequencia fatal da sua victoria.

Foi uma violencia? Foi uma iniquidade? Foi um ataque á Constituição?

Admitamos tudo isso. O facto é que mercê d'esse acto, os deputados e senadores de 1917 foram expulsos dos seus logares.

Reconhecendo-se a violencia, a iniquidade, o ataque á Constituição, o governo do sr. Bernardino Machado publica um decreto revogando o de 9 de dezembro de 1917. Vão regressar os parlamentares de 1917 ás suas cadeiras?

De forma alguma.

Ficam cá fóra, na rua, e se o sr. Sidonio Paes os expulsou dos seus logares, contra a Constituição que os protegia, o sr. Bernardino Machado não os deixa voltar a esses logares, contra a propria letra do decreto que ele firmou!

Ao mesmo tempo, como muito bem disse o sr. Oliveira e Castro, o decreto mostra claramente considerar o parlamento actual como ilegitimo. E é esse o parlamento que elegeu o sr. Antonio José de Almeida para a suprema magistratura da Republica! E é esse o parlamento onde o sr. Bernardino Machado foi buscar os seus ministros, e de que ele mesmo fez parte!

Nunca se vio uma situação semelhante.

O sr. Bernardino Machado declarou-se surprezo por ser criticado por um acto que em seu entender virá dar força moral á Constituição. E acrescentou: «O chefe do Estado de então foi destituido e entende-se que se deve elogiar tal procedimento»! Ninguem elogia esse procedimento; mas o que toda a gente tem é o direito de observar que se o parlamento actual não é legitimo, mas sim apenas o de 1917, então tambem o actual chefe do Estado não está legitimamente no seu logar, porque n'ele deve estar o chefe do Estado de 1917. Conjugando as duas questões, o sr. Bernardino Machado não fez mais do que revelar como seu critério, e n'este caso logico, o pensamento intimo que o levou a conjugal-as.

Mas é preciso ponderar ao sr. Bernardino Machado que a sua surpreza traduz porventura uma noção pouco exacta do que seja o sentimento republicano geral.

Quem ouvir o sr. Bernardino Machado ha-de supôr que só ele é republicano, que só ele zela a Constituição, que só ele se sentiu afrontado com o dezembrismo e que com esse dezembrismo ele sómente sofreu.

Não é bem assim.

O sr. Bernardino Machado tem, no proprio parlamento que em tão deprimente situação moral colocou com o decreto hontem publicado, republicanos de todos os matizes que sofreram durante o periodo dezembrista, e passo a passo o combateram.

Esses republicanos, porem, não entendem que seja servir a Republica publicar decretos extravagantes e mysteriosos que não passam de meras mystificações, ou cujos intuitos podem envolver ameaças de desconhecido alcance. Esses republicanos pensam que se amanhã, por uma das reviravoltas politicas a que infelizmente ja estamos tão acostumados, o decreto que dissolveu o parlamento sidonista fôr egualmente revogado, nunca mais haverá n'este paiz senão um circulo vicioso em que todas as boas inspirações, todas as iniciativas uteis e necessarias, estarão destinadas a systematico insucesso.

E' o espirito de intolerancia persistindo em infelicitar a sociedade portugueza. São os despeitos pessoaes, sobrepondo-se ás necessidades do paiz. E' a contumacia em processos que só teem ferido a Republica, desgostando os proprios republicanos, quanto mais a grande massa da opinião publica!

Ainda outro dia se promulgou uma amnistia sobre a revolta monarquica de 1919. Amnistia quer dizer esquecimento. Esquece-se o acto monarquico. Não se quer esquecer o acto sidonista.

Mas, ao menos, ataca-se o periodo dezembrista cara a cara, com desassombro, com honestidade, com intransigencia?

Não!

Sidonio Paes está nos Jeronimos, e a unica consolação dos que o odeiam está em dar o nome da egreja paroquial da templo onde os seus restos descançam.

José Julio da Costa está na Penitenciaria, e ainda a estas horas se não sabe se será julgado ou internado como louco.

Por mais decretos que se publiquem, o parlamento de 1917 continua expulso de S. Bento.

Para que havemos então de estar com certas ficções, que só podem satisfazer creanças? Para que havemos de simular que queremos realisar o impossivel, quando nem para o possivel, por estar dentro do campo das realidades, o animo não abunda em resolução?

Não se anula o tempo, onde se rasgam as paginas da historia, e o que authentica nos homens a energia mascula que os deve distinguir, é saber encarar os factos como elles são, e proceder em conformidade com o seu caracter real. O contrario não os engrandece, amesquinha-os, amesquinhando a sua propria causa, e prejudicando os seus proprios interesses.

SEGREDOS Á TODA A GENTE

Feministas

Um rapaz, meu amigo, que o grande publico desconhece ainda porque ele é ainda muito novo, realizou ha pouco numa das salas da Liga Naval uma conferencia curiosa sobre o papel social da mulher. Que a modestia do meu amigo me perdoe o revelar lhe o nome: Jorge Marinho da Silva. Pôude assistir a essa conferencia—e não posso deixar de agradecer aqui, ao moço orador, a gentileza captivante de se ter referido, cheio de amabilidade e da indulgencia, ao meu nome e aos meus trabalhos. As mulheres interessaram-me sempre—desde o saguinho de mão á ponta do nariz, desde os buracos das meias ao direito do voto. «Mas porque diz você tanto mal das mulheres»—ainda hontem me pergunatava desdenhosamente mais uma encantadora rapariga das minhas relações. E' simples como todas as coisas infinitamente complicadas. Nós só diremos mal daquilo que nos interessa. Abro apenas uma excepção para as feministas de que lhes venho falar hoje e que—perdoem o paradoxo—não me interessam nada e cada vez me vão interessando menos. Eu sou incapaz de falar aelas como sou incapaz de ler as paginas de M.me Avril-Saint Croix—sem um frasquinho de saes. Pois bem tenho-o aqui á meu lado. Convercemos. Eu não sei se V. Ex.a sabem o que é o feminismo? E' natural. E porque assim é com mais familiaridade podemos falar d'ele. A questão do feminismo é de hoje e de sempre. Nasceu talvez de duas vaidades, que não sabendo esgrima, cruzam impertinentemente a sua espada. O problema sob todos os seus aspectos, com todos os seus argumentos, as suas atitudes, as suas futilidades, não é mais do que uma forma de historia que em certas mulheres reveste o desejo, irresistivel, da exibição politica, que aparece hoje com viva frequencia em todas as cidades e em todos os paizes e que nem por isso e talvez por isso mesmo não passa para nós, a'uma epidemia curiosa que Lacour encontrou, depois da sua chicara de café com leite, a expressão interessante de «humanismo integral». Os argumentos que possam tornar aceitavel esta egualdade plena ente as calças e as saias talvez desconcertassem a ingenuidade do seculo XVIII, mas parecem-me hoje suficientemente futeis para que seja necessario refutá-los um a um. Que nos importam as excepções de gimnundrismo psiquico, se nós sem desdenhar a teoria dolicocefala de Quatretages nem adotar o frachitetalismo de Topinnard, temos precisamente essas excepções—para confirmar a regra? Não quer isto dizer que eu negue totalmente a essas «terribles mervetlles» como dirin Anatole as qualidades essenciaes aos grandes politicos. Ate pelo contrario. O que é certo tambem—pelo menos para mim—é que o feminismo da mulher (e bem o acentuou o conferente de que lhes falei ha pouco) está na compreensão do seu papel de anjo-do-lar, um pouco na sua fraqueza, muito na sua voluptuosidade, tanto n'essa delicioa timidez que caracterizava as nossas avosinhas romanticas que eu não compreendo ainda hoje uma mulher que não saiba corar—a tempo. A evá moderna deslocada da familia para a secretaria, para o boulevard para as camaras, para o ministerio — quem sabe? — procurando chegar onde só ha pouco compete chegar, perde seguramente em frescura e em beleza o que não ganha em impertinencia e em ridiculo. De mulher ficam-lhe apenas—as saias; dos homens nem sequer lhe copiam os defeitos. Nesta lucta violenta corps-á-corps—lembrem-se as feministas—entre V. Ex.as e nós—são V. Ex.as quem hade socumbir. Porque são mais fracas? Não. Porque não sabem servir-se da sua fragilidade. Escutem. Em quanto em Londres misstress Pankusrt deslavada e feia fazia estalar as estações de caminho de ferro e tentava raptar Asquith; enquanto as italianas pela mão da marqueza de Pelicano se preparavam para a lucta; enquanto as americanas louras de Abel Hermant procuravam destruir o sexo forte negando-lhes violentamente as delicias do amor—a mulher franceza continuava a preocupar-se apenas com as saias pelo pescoço, com os decotes pelo joelho e com os homens—pelo braço. Pois foi a franceza que venceu, com o seu melhor sorriso. Mas supondo que «notre souer farouche» fazia vingar por todo o mundo o seu ponto de vista—não será licito perguntar que especie de mulher nos dominará amanhã? Os meus leitores nunca pensaram nisso? Nunca? Então permitam que lhes diga — que nunca pensaram em coisas tristes. Não seria de certo a mulher bonita. Ainda se a fosse. Não seria ainda a mulher inteligente. Seria apenas a mulher-banal, a mulher impertinente, a mulher-fait divers, a mulher a quem faltam todas as qualidades dominantes do sexo fraco e quem sobra apenas, como dizia Strinzberg uma qualidade excessiva do sexo fraco: os cabelos compridos. Eu sei que as senhoras feministas vão dizer mal de mim; adivinho mesmo que por centessima vez na minha vida terei de os mandar, em carta registada de presente ao diabo—meu amigo; mas fico-me a consolação enternecedora de que as mulheres que não são feministas, aquelas que eu adoro e as que me interessam, as que me encantam e as que me perturbam—essas estão de absoluto acordo comigo. Pois não é assim? Para estas—a minha mão; para as outras—a minha bengala.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

DIZE TU DIREI EU

Apresentação

2.as feiras

«Dize tu, direi eu»... Numa associação de classe das senhoras visinhas seria a unica divisa aprovada para o inevitavel «ex-libris», simbolisado numa janela de vidrinhos com mangericos enfezados. Mas as folhas largas dos jornaes modernos janelas abertas sobre a indiscreção das gentes, teem de ser, forçosamente, senhoras visinhas que saibam cuidar com bôa vontade, com carinho, com graça, o mangerico sempre verde da curiosidade alheia. Sem exceptuar a fresta do saguão—o artigo de fundo pardacento e grave,—cada coluna, cada secção, cada simples linha dum jornal amigo e complacente, deve contribuir na sua quota parte para a satisfação do inconfessado desejo de «saber novidades» ou de conhecer opiniões, que heroicamente se fixem em letra redonda, sobre assuntos que mal flutuam e logo se perdem no mar largo do desinteresse, abismo voraz do que «passou da moda para a historia».

Para o grande publico que devora simultaneamente o almoço e o jornal, o reporter do «fait divers», do caso da rua, é o suprá-sumo da «bisbilhotice»—a porteira tagarela e simpatica desse prédio grafico que, dentro da «mise-en-scène» duma refeição matutina, consegue manter-se de pé, encostado ao assucareiro, amparado pelo cesto do pão e por uma cafeteira prestável. Ao publico que lê com vagar, interessa mais o cronista literário,—a menina do quarto andar que só á tardinha deve aparecer, bem penteada e pregadinha, regando com estilo novo, no seu varandim tradicional, as exploradissimas flôres duma retorica incolôr. Dentro da parte que me compéte no «dize tu, direi eu»... cá deste prédio da «Capital», procurarei arejar o melhor possivel o velho quarto andar de cronista, que tão graciosamente me foi concedido. Inquilina nova que, por uma anomalia inacreditável, não pagou trespasse para entrar numa casa bem afamada, com vizinhos escolhidos e com linda vista sobre um futuro amplo, sinto-me quasi feliz, quasi á vontade, neste sempre dificil momento duma apresentação. Sinto-me quasi feliz porque —verdade, verdade!—eu nunca tive geito para estas coisas do «dize tu, direi eu»...

Tereza Leitão de Barros.

3.as feiras

Eu escrevo
Tu escreves
Elle escreve
Nós escrevemos
Vós escreveis
Eles leem...

Henrique Roldão

4.as feiras

Pergunto: Se para ministro se exige um frack em vez d'um programa, para um cronista que se poderá com justiça exigir?

Palavras... Só palavras.

Uns, como outros, no teatro da vida, d'esta sociedade teatral limitada em que todos vivemos, desempenhamos papeis de opereta.

Tudo é portanto voz e guarda-roupa.

Fundamentalmente estructuralmente, todos nós temos um fundo natural de jornalistas e de ministros.

A unica dificuldade é encontrar a secção propria, o ministerio adequado.

Está pois assente: sor cronista.

Fica mesmo combinado: Sou ministro, ás 4.as feiras—nem isto de ministro-a-dias é já novo.

Como tal não tenho programa:

Tambem programas são palavras que passam...

E, se todos somos por natureza jornalistas ministeriaveis, quem não estiver contente: é mudar de jornal, escolher ministro novo, para o que lhe basta chegar á janela, e chamar...

O homem que passa

5.as feiras

Pois se até o namoro
(Já alguem o escreveu...)
E' apenas, meu thesouro,
Um «dize tu, direi eu...»

Luiz d'Oliveira Guimarães.

6.as feiras

Apeia-se? Não senhor! O senhor apeia-se?

Irra, já disse que não. Isto anda ou não anda?

O' cavalheiro saia do estribo... O' seu guarda...

Este malandro... Malandro é você... E assim nasce o «dize tu, direi eu...»

A «Zilda»! Oh! Maravilha! A «Heda Gabler!» meu deus, que arrojo! Você não percebe nada. Ora o critico das duzias. E assim nasce o «dize tu, direi eu».

O Vianna... Um artista! E' pena não se perceber... Dizem que as meninas andam agora a tomar... Ferro! E a questão Financial? Que me diz, ó D. Eulalia? O Nascimento mandou 4 contos do Gomes por não ir ao Brazil!

— Ouve lá um «segredo».

— Segredos? Não me oliveiraguimarãesizes a existencia.

Oh! mas ainda ha mais e melhor: o Bonança sae do «Tempo», o Simão não lhe pagou.

Cale-se ahi não diga isso. E que o...

— O' menino, «Dize tu...»

— Eu? E as consequencias.

— Ah não dizes?

— . . . . . .

— Pois então... «direi eu».

Armando Ferreira

Sabados

Isto de pedir a um critico que gosta de fazer a sua critica, que colabore n'uma nova secção é uma ideia agradavel e feliz, muito mais feliz ainda porque essa secção se intitula—para ele pleonasticamente—«Dize tu... direi eu». «Dize tu... direi eu» é a nossa critica, são as nossas cronicas. Sou eu a louvar o F., e trez ou quatro toupeiras lá de fóra, a pretenderem contradizer-me palavra a palavra... E' o A. P., a detender a A. p. A., realçando a figura artisticamente gentil do O. W., e o H. A., a dizer pretenciosamente que não ha só dois vaidosos que se julgam os unicos conhecedores da obra d'esse O. W., mas sim trez,—em que ele, H. A., é o terceiro!—e a P. V., é que é a unica que a gente fina de sala, deve aprender e seguir. E' o F., a dizer mal da peça O. C., e o A. G., auctor muito cheio de mimos, a desafiá-o para um duelo. E' o L. V., a defender quichotescamente os mutilados e o J. M., logo a deitar agua na fervura. E' o F., a publicar a novela em fragmentos L., e a Col.— C. W.—Col.—e a ser brindado amigamente n'um almoço pelo N. A., e este N. A., d'ahi a dias a jogar pedras de traz d'um muro, n'um artigo sobre o pintor E. V., que não tem culpa do rivalidades...

«Dize tu... direi eu» é pois mais um optimo campo para continuarmos n'estes pequenos assaltos da mais bela esgrima... Pela minha parte serã todos os sabados—o meu dia—o logar d'um «prexexto» ou d'uma «reflexão» sobre qualquer d'estas pequenas polemicas que em geral passam despercebidas ao publico e que são o «ragoût» da nossa vida literaria dos jornaes...

Ruy de Veras

Museu Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, fundado pelo sr. Cruz Magalhães.

O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

AOS SABADOS

A semana literaria

As Sinfonias Morbidas, *Alfredo Pimenta* (Ed. Portugalia Lim.) — **Trovas Simples**, *Laura Chaves* (Ed. autora) — **13**, *Arnaldo Forte* (Ed. autor) — **Cancioneiro Popular**, *Catarino Cardoso* (Ed. Portugal Brazil) — **A Velhice e a Mocidade**, *Branca Silveira e Silva* e *Alberto Bramão* (Ed. autores) — **A Lenda do Rei Boneco**, *Pedro Menezes* (Ed. autor) — **Douda não, doudo sim**, *Nemini* (Ed. autor) — **Folhas Caidas**, *Anibal Inez* (Ed. Portugalia Lim.) — **Jardim Interior**, *Valeriano Campos* (Ed. autor) — **A Princeza Muda**, *Ana de Castro Osorio* :

Alfredo Pimenta interessa-me. Os seus livros quer de prosa oude versos, tem dentro de si ideias, poesia, requintes de beleza e perfeição de estilo. E' um trabalhador e um estudioso. Um pertinaz, um vencedor. Um insatisfeito e um artista, um observador e um filosofo. Debruça-se tambem do seu monoculo, mas mais sobre uma outra vida toda indefinida, irreal, de sonho e arte, do que sobre a vida que passa sob os seus olhos quando desce ao povoado.

Alfredo Pimenta é ainda, um intolerado das maiorias; dai um dos predicados da sua forma; escreve para os eleitos «para os olhos dos que o souberem ler e para a alma dos que o puderem sentir».

As «sinfonias morbidas» leem-se como quem bebe um licor de travo desconhecido, não se sabe se perfeitamente bom se definitivamente venenoso, mas que nos é agradavel de sentir deleitando. Qual é mais bela, mais atraente das «sinfonias»? A primeira é feita em catalogo talvez mais fria menos sentida pelo chamamento dessas joias que a voz do poeta vae fazendo levantar da sua erudição e da sua historia. Mas a sinfonia das «horas», «Os cabelos de oiro», a sinfonia intensamente dolente da «Tristeza», e o punhado de sonetos que fecham o volume, são paginas que ficam numa geração e na curva ascencional dum nome que deseja impor-se pelo seu incontestavel valor.

*

O 2.º volume de versos da poetisa Laura Chaves é de «Quadras, trovas simples». Em tão dificil genero de poesia, que só os grandes mestres ou o ingenuo e cantante povo sabem perfeitamente conseguir o encanto e a perfeição, a sr.a D. Laura Chaves consegue manter-se até final com sentimento e algumas felizes imagens. A mulher que faz versos só pode neles pôr um motivo: o seu coração, o amor. E no livro da sr.a D. Laura Chaves esse motivo vem exuberante, talvez até excessivamente livre. As quadras referem beijos, muitos beijos, num impudor poetico que por vezes chega a cançar quem só os apanha literariamente. Mas, é um coração feminino transbordando, e ha a obrigação de o respeitar.

Sob as suas quadras como rigor metrico haveria faltas a notar. Ao lado de quadras como,

Aves são penas que voam,
E que voam a cantar,
Penas são aves que pousam
E que nos fazem chorar.

ha muitos outros versos mal cuidados naharmonia, com alguns deficiencias ligeiras a que a autora não ligou a importancia precisa para retocar ou corrigir, quando deixou o seu estro precipitar-se fluente, mas que fazem mal ao livrinho. Alem de muitas sincopes, crásea, até mais do que uma no mesmo verso, tomando pouco melodica a dicção, ha a repetição de silabas, de consoantes que são verdadeiramente desarmonicas. Por exemplo os versos

Que *te estou* beijando *a ti*
Andaram os *astros todos*.
Ter por ti tanto carinho
Olha que a flor *mesmo murcha*.
Um *tom tão triste* e magoado
Prendeu-*me mais* sendo Flor
Fazes *tu tua* alegria.

etc., não vale a pena enfadar os leitores. Estamos certos de que estas dificiencias devidas a uma precipitação e a uma fogosidade da mocidade, desaparecerão por completo em futuro volumes, mais calmos, feitos com com mais socego, e em que a autora acarinhe melhor os seus sentimentos poeticos e a sua efeminidade muito digna dum louvor unanime de critica.

*

O «13» de Arnaldo Forte são «13» sonetos, a começar por «Dia 13», escrito a «13» de março de 1916 e terminado a «13» de março de 1921, pelos «13 lirios». Com este «porte-bonheur» na fachada do livro, posto á venda a «13» de abril deste ano, Arnaldo Forte dá-nos algumas bôas rimas e sentidos versos.

Ha amôr; «Uma viciosa, esterica e perversa, com olhos que são taças de absinto», e que morreu um dia não se sabe como, se com sublimado... ou com uma romantica golfada de sangue pela bôca. O que é certo é que o poeta fica e sem remorsos porque confessa.

Enchi a tua vida de ternura
E vou encher o teu coval de lirios

Assim se volta á pagina a um pequeno romance intimo em 13 sonetos pos tumos.

*

O «Cancioneiro popular» de «Nuno Catarino Cardozo» entretem-me durante algumas horas e repousa ao lado dos seus mais velhos e dignos irmãos. Quadras portuguezas e brazileiras populares, pesquizadas com paciencia erudita dos folklores respectivos, entrando mesmo pelo cancioneiro de Cabo Verde no seu dialecto original, eis o que agora nos dá aquele pequenino e fagulha sr. Catarino Cardoso.

Mas, ha um poder de discernimento extraordinario neste autor, e um desejo de ser util tão grandemente afincado no seu trabalho que não se satisfez em organisar a sua colectanea. Reuniu-a e tirou dela ensinamentos, nas suas quadras psicologicas, no seu grupamento pelos varios aspectos que os trovadores populares deram ao Amor, ou cheios de malicia, ou graciosos ou repassados do nosso sentimentalismo. E' muito curioso este livro: Os «males que o amor provoca», «o que o amor concede», «os pós e os contras do casamento», tantas mais filosofias metidas em 20 palavras e 4 rimas faceis e cantantes como... mas não ha resistencia... o sabor popular é tão belo...

Larangeira do pó d'oiro
Que dás raminhos de prata;
Tomar amores não custa
O deixa-los é que mata.

A moça para ser secia,
Deve ter quarenta amantes:
Dez tenentes, dez alferes,
Dez frades, dez estudantes.

A capa graciosa e original. Um abraço.

*

«A velhice e a mocidade» é um torneio interessante entre a sr.a D. Branca da Silveira e Silva e o D. Alberto Bramão.

«Giesta», a D. Branca, defende a mocidade, «A. B.» exulta a velhice, e eis um motivo para um degladiar feroz entre dois temperamentos poeticos que lançam mão de todos os argumentos para se contundirem literariamente. Apreciamos assim muito justamente o estilo e a forma literaria dos dois contendores que terminam em duas «odes» perfeitas com que fecham o interessante jogo geral.

*

«A lenda do rei boneco», na escola do «Mundo dos meus bonitos» é do senhor Pedro de Menezes já anteriormente experimentado noutros volumes de versos.

Mentiria se dissesse que este livro me satisfez; ou antes eu é que não cheguei para o livro, para muitas das suas imagens, especie de impressionismo, ou cubismo literario onde ainda o meu tacanho espirito não chegou. Quando percebo aprecio. E no seu livro, na «lenda do rei boneco», nas evocações da infancia ha versos sentidos, verdadeiramente interessantes; mas ha divagações onde não entro.

Era de ambar a tarde.
Horas de mãos esguias.
No longe, entre a Saudade o meu
Passado arde...
Lembro o palacio, as salas, os portões...
A lagôa, um colar de pedrarias
Cravejado de cisnes e pavões.

Arte? Sinceridade? Eu confesso, era miope mas agora reforcei e uso oculos. Cada vez vejo menos. Mas disso não teem culpa os autores.

*

«Douda não, mas doudo sim», por Nemimi é em verso uma historia antiga em prosa; e começa

Esta vida é um sonho horripilante
Por entre vendavais.

O leitor calcula o resto. Felizmente nós... ainda não.

*

As «Folhas caidas» de Anibal Inez leem-se num folego sem cansaço mas tambem sem se receber grande emoção. São as «canções» de todos os dias, em rimas por vezes forçadas maculando a ideia.

Inverno! Sê bondoso!
Tu és tão rigorôso...
. . . .
A cama da Miseria—a pedra da calçada
'stá sempre enlameada!

São banalidades em verso. Mas ha um sentimento grande atravez o livro, uma carinhosa expressão para as «perdidas» para as «tuberculosas»! «Folhas caidas» é um livrinho pequeno...

*

«Valeriano de Campos», o poeta do «Fremito de Chamas» e dum volume de cronicas da guerra cheias de interesse, vibrantes, impressionantes, publica um novo trabalho «Jardim Interior» onde a sua forma larga, o seu estro profundo, dão largas á sua fantasia aláda. Todos os seus «sonetos» são perfeitos, completos, rescendem uma vida de recolhimento, uma bondade ingenua de poeta verdadeiro.

A «princeza muda» é uma historia para crianças de originalidade de Ana de Castro Osorio, e ilustrada a traços largos por Leal da Camara.

Uma bela edição, uma ideia esplendida, uma pena que seja só um volume, e que essa colecção «Para as crianças» não seja ainda uma fonte de alegrias e risos.

Armando Ferreira.

NOTA.—Afim de se colocar em dia com o movimento literario, e dar razão á grande quantidade de volumes ultimamente recebidos, excepcionalmente a *Capital* publicará esta secção na proxima 4.a feira.

Registo de entradas

«Colette», por Antonio Ferro.—«A expiação», Manuel Ribeiro—«Folhas» Mario de Carvalho.—«Noivado pobre» Fernando Castro.—«Trabalhos jornalisticos», Martins de Carvalho.—Milagres de Portugal», Souza Costa.—«O Concilio dos Deuses», José Augusto Correia.—«Tantalo», Americo Durão.—«Lições de Higiene», de J. A. Magalhães.—«Sensações e reflexões», Mateus d'Albuquerque.

NOTAS FALSAS

Banquetes

Para a semana, lá temos outro banquete com trezentos e cincoenta talheres e respectivos pratos.

Isto de encher a tripa em nome do talento d'este ou d'aquele, parece que entre nós pegou de estaca ou antes de garfo, que tambem não é má forma de enxerto.

Não entendo como, para testemunhar o apreço, a consideração, a admiração ou outra zumbaia de qualquer especie, se enveréde pelo caminho do enchimento do estomago. Ainda quando o motivo da comezaina provem de qualquer aniversario natalicio, vá; é habito velho desejar muitos e bons *só depois do arrôto anunciar que o estomago está atulhado, e, como o habito faz lei, passe de barato; agora n'uma consagração intelectual, misturar a inteligencia com a necessidade organica do bife, incensar o talento com cabidela queimada no turibulo do esofago é que não me parece obra de grande geito.*

Porque, de duas uma, ou a inteligencia é grâu superior, elevado, nobre, e então o prosaismo do alimento não enquadra bem no ambiente, ou os banquetes de facto representam apenas um nome bizarro de casa de pasto ambulante e então a inteligencia não é para ahi chamada.

Um pintor faz uma obra, um escritor apresenta um livro, um tribuno faz um discurso e ahi temos nós a fatal inscrição e, consequentemente, os estafados filetes de peixe com todo o cortejo de carnes assadas e salada de agriões. Será isto derivado da antiga lenda que diz que os artistas nunca teem que comer e quererão os admiradores escangalhar d'uma forma mais airosa essa ideia, aplicando ao eleito uma empanzinadela para oito dias? Ou será o caso que só mediante a influencia do vinho do Porto e do Champagne cada um se sinta sem vergonha para dar livre curso ás bôças discursivas?

Qualquer das hipoteses não faz grande sentido, o que não impede de serem mais ou menos possiveis.

Certo é que isto dos banquetes de homenagem vai tomando proporções avantajadas. D'antes era nos aniversarios ou nas festas de inauguração de tratos comerciaes que aparecia a comida como indispensavel laço de afinidades. Hoje por quaesquer dez reis de mel coádo, ou porque fulano apanhou a cana dum foguete ou porque cicrano tem um filho que obteve nove valores na aula, ahi vem logo o almoço inevitavel com um sujeito a dizer no fim que não tem dotes oratorios e que, para puxar á lagrima, embórca um calice de licor pela mãezinha do festejado que está lá em casa...*a contas com a falta do azeite.*

E então, se um paciente não concorda em ir á festa gastronomica, voltam os banqueteiros—oficiaes com adjetivações de invejoso e mau amigo e cinico, que um desgraçado vê-se atonito, embora explique que razões do suco gastrico não lhe permitem pagodes.

Portugal é lauta bôda *disse o D. Martinho com alguma razão. D'acordo, mas especializem as bôdas porque seguindo-se como até aqui, acontece irmos hoje a um banquete em honra de um mestre d'Obras que fez um pau de fileira na perfeição e amanhã a outro, onde se admira o talento creador de um grande artista.*

Que se deem almoços e jantares, mas que se tome em conta que isso não se deve fazer apenas por dá cá aquela palha...

Henrique Roldão.

Machado Santos

Sessão e banquete de homenagem

E' amanhã que, como temos noticiado, se realisam a sessão solene e o banquete de homenagem ao vice-almirante sr. Machado Santos.

A sessão solene realisa-se ás 15 horas na séde da Federação Nacional Republicana, rua do Jardim do Regedor e o banquete ás 21 horas, tendo-se inscrito, como tambem já dissemos, 250 convivas.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

DOIDA NÃO E NÃO!

A beleza e a edade

Ai da mulher que só conta com os dotes fisicos!

Acha o «Infeliz» que sou velha.

Não me tenho na conta de menina e moça, nem preciso de que ninguem lisongeiramente, tente convencer-me de que os anos passam por mim sem deixar vestigios, mas tambem não preciso que me lembrem que o tempo não pára.

O espelho que tenho no meu quarto, embora não seja «biseauté», nem do fino cristal, é bastante sincero para me não deixar ilusões.

Mas, apesar dos sulcos que as lágrimas deviam deixar nas minhas faces, apesar das rugas que os martirios por que me teem feito passar, deviam vincar no meu rosto, não sou, nem pareço, uma velha a caír da tripeça, como se pretende fazer crêr, para me meter a ridiculo.

Ha anos e não muitos, ainda eu passava por namorada de meu filho e por sua irmã, servindo isso até, como pretexto, á graça de algumas pessoas das minhas relações antigas, me perguntarem—como estava o namoro—e não sucedeu isto uma vez apenas. Portanto é porque não aparentava a minha verdadeira idade.

E' evidente, e eu sou a primeira a reconhece-lo, que os anos não passam debalde; mas o que lhe garanto, leitor, é que, ainda hoje, apesar de tudo por quanto tenho passado, de tudo quanto tenho sofrido (pondo, por instantes, de parte a modéstia natural) não me troco, mesmo «doida» e «velha», como eles dizem, por certas pessoas mais novas e de juizo... Não, porque me julgue formosa; mas se não sou bonita que espante, não sou, tambem, feia que meta mêdo.

E, afinal, o que é a mocidade? A quadra mais linda da vida, é certo, mas que nós não apreciamos devidamente, senão depois dela passada.

E o que é a formosura? Tudo quanto ha de mais fugaz.

A mulher mais bela do mundo pode, de um momento para o outro, tornar-se um monstro; para isso basta uma doença ou um desastre. E, se essa mulher não tiver no peito um coração ornado de nobres sentimentos, se essa mulher não tiver uma alma meiga, compassiva e generosa, que atractivos lhe restam perdida a formosura?

Como serão futeis e passageiros o afecto e a admiração que apenas se inspirem na beleza fisica!

Os anos passando pelo mais fino e admirável rôsto de mulher, hão-de, fatalmente, deixar-lhe vistigios que o «maquillage» mais perfeito não consegue esconder. Mas, se o olhar foi suave e acariciador, se a sua voz foi melodiosa, quando ela era nova, essa mulher ha-de sempre conservar esses encantos e, talvez, aumentados com a experiencia da vida que dará ao seu olhar uma suavidade envolta em tristeza, que o torne mais atraente e expressivo e a sua voz, como que escondendo as saudades da juventude, imprimirá ás palavras uma doçura infinita, que subjugará quem as escute.

Ficam-lhe, pois, esses dois poderosos elementos que, aliados á bondade de coração e á finura de espirito, a defendem de se ver desprezada, mesmo depois de velha.

E, não será possivel inspirar-se a alguem um sentimento admirativo, que se converta, a breve trecho, numa simpatia irresistivel e depois num amor ilimitado, quando se não seja formosa e já se não esteja na primavera da existencia?

Será, porventura, indispensavel que, para que dois corações se prendam um ao outro pelo mais puro e veemente afecto, tenham vivido o mesmo numero de anos?

Como eu poderia, leitor, citar-lhe milhares de exemplos de paixões nascidas em corações juvenis inspiradas por pessoas no outono da vida! Mas é escusado. Muitos desses casos o leitor conhecerá, tambem, e não é isso que eu discuto agora.

O que eu pretendo demonstrar e, de resto, não é dificil, basta um retrato tirado agora, e que apesar da idade não sou a velha que dizem.

Bem sei que eles ou ele, os autores ou autor do «Infeliz», são muito competentes para afirmar que o retrato está favorecido ou até que não fui eu que pousei...

Não será dificil, no entanto, mostrar que sou a propria.

Reconheço que o sr. dr. Alfredo da Cunha tem feito bem a diligencia para que eu me fizesse mais velha do que a Sé, se não de facto, ao menos na aparencia; mas, apesar de eu não possuir nenhum elixir de eterna juventude e só porque a natureza o quer arreliar, não o tem conseguido.

Quem sabe se isto não será, em mim, mais um sintoma de loucura?

E' preciso ouvir o sr. dr. Julio de Matos, pois só ele, com toda a «sua sabedoria», no-lo poderá dizer.

Em todo o caso, meu caro leitor, o que lhe digo é que, mesmo que eu seja e pareça muito velha, não me apoquento; ao contrario, porque tudo quanto é antigo está muito valorisado, tem muitos apreciadores e quanto mais velho mais vale.

E a prova é que o sr. dr. Alfredo da Cunha, conhecido amador de velharias só agora se lembrou, agora que já não estou nova, de me querer... talvez para a sua coleção de antiguidades.

Maria Adelaide

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DA TRINDADE — O Pescador de Perolas, *3 actos de Armont e Gerbidon, adaptados por Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos*

Prefacio

Uma autoridade sem força num camarote e que não soube impedir o desrespeito a um edital! E' estupendo! Que se faça pouco do policia imberbe que ganha 8 tostões e se vê abandonado e só num beco escuro da cidade vá. Mas duma autoridade civil, de colarinhos e catana!

Um reclame estrondoso. Durante 15 dias, especie de reclame á americana, os jornaes discutiram a possibilidade de ir este «vaudeville» simplorio, vazio, imoral no Teatro Nacional. Nem mesmo o regulamento autorisa que ali vão á scena adaptações mas persistiu-se na ideia de lá levar a «Ecole des cocottes». E' claro que este puritanismo melhor assentaria se o Teatro Nacional fosse o... «Teatro Nacional» Mas depois do «Morcego», dos «20 mil dollars», da «Pecadora» e outros mamarrachos do teatro extrangeiro, o «Pescador de Perolas» abria o caminho ao «Oscar... tu le seras», e o restante reportorio dos «Casinos» de Paris.

O «Montmartre», vá, admitiu-se. O autor de «Maison Cernée» tem um nome. Ha mesmo na peça, vida, sentimentos, estudo. Mas estes senhores Armont e Gerlidon, colhidos do «boulevard», nados de «Montmartre» com que direito iam ao nosso Nacional? E porquê? Onde a moralidade, a ação, a vida, o estudo, qualquer coisa de recomendavel na «Ecole des cocottes?»

O facto viu-se. Juiz supremo, o publico sorriu. Mais uma vez a montanha pariu o rato. E se não se fez uma chamada ao sr. Santos Tavares foi por excessiva modestia.

Peça

Se o leitor lesse os recortes das criticas firmadas por Brisson, Antoine, Colette, Robert Flers, Gregh veria como o proprio Paris recebeu em meia duzia de linhas mais esse pretexto para uma parisianada, onde só ha amantes, muitos amantes e uma figura incompreendida no nosso meio, o «professor de dança».

Nós não conhecemos, não admitimos essas profissões que os decaidos de Paris descobrem para levar a vida mundana, professores de esperanto, professores de *fox-trot*, professores... de «cocottes». Aquilo é Paris puro, e embora com piadas nossas, algumas frazes da parceria, embora galantemente vestida na elegancia moderna de Amelia Rey Colaço, morre como morreria o fandango numa festa dos «Champs-Elisees» ou uma palmeira na Groelandia.

Vista em Paris cheguei mesmo a encontrar graça, a graça imoral, perversa destituida de qualquer fundo que é o acepipe de Paris, apoz a caminhada diaria sob um clima realmente excitante, e se encontra a no te nos seus teatros, ferteis em mercadoria a empacotar breve para o estrangeiro.

O 2.º acto é ridiculo, é longo, ha uma diluição de interesse, descenao quasi á pantomima. Tudo é inverosimil ali, pretextos, pretextos para os beliscões na imoralidade. E' em resumo uma peçasita franceza, vulgar como tantas que teve um sucesso grande, graças a um desempenho brilhante e «tout á fait» parisiense.

A adaptação

A adaptação não, a versão livre, porque afinal a peça não está adaptada ao nosso paiz, mas sim traduzida, e arranjada com liberdade por vezes até excessiva. E porque dizemos isto?

Porque quasi as figuras nos aparecem abastardadas, retocadas em olaria diferente da que fez a forma elegante, parisiense. Ha mesmo, se bem nos recorda coisas a mais, personagens alteradas, sem falar nas graças que a parceria, a nossa notavel parceria sabe tão bem espalhar e foi tão feliz, por exemplo, na «Chouquette et ou as». Aquela piada de Arniches: «da corda para toda a vida», aquelas flagrantes oportunidades aos «jantares de homenagem» e a «entrada tarde» para o teatro.

Um pouco repisada a «taboa dos bifes na sala» e subsequentes graças.

Desempenho

As honras da noite foram para José Ricardo que se manteve no seu papel de fidalgo. Não costumamos vaticinar mas quasi garantimos que José Ricardo não poderá manter a linha de hontem por muito tempo. Via-se nele um esforço. Chegou mesmo a esboçar um gesto daqueles que empregava na opereta, e dentro de dias a sua «veia comica» não se dominará e o personagem morrerá sem a linha que em Paris sempre lhe foi mantida. Oxalá nos enganêmos.

A' seguir Robles Monteiro num belo tipo, uma figura bem composta, uma cabeça bem estudada. Foi dos uraros que se salvaram. Segue-se-lhe Albertina de Oliveira, bastante á vontade, com inteligencia e graça. Compreendeu o seu personagem, no primeiro acto vem muito bem, e na scena do 2.º acto disse com malicia as suas «gaffes» da sociedade. No 3.º manteve-se discreta embora numa «nuance» diversa do papel que desmancha o personagem.

De Amelia Rey Colaço, não gostei, ninguem gostou senão a sua «claque» especial e fina de mulheres bonitas que recheavam os camarotes. Tenho a impressão que Amelia Rey Colaço lendo a peça franceza imaginou outra aquela personagem. De resto eu nunca compreendi como uma actriz que se destaca um dia por não querer entrar no «Divorçons» de Sardou, se preste com tanto entusiasmo a fazer o papel duma horisontal banal, cuja inteligencia é nula, fazendo carreira com auxilio de muletas alheias. Nem a creadora de «G nette» em Paris chegaria á «Zilda», nem Amelia Rey Colaço apesar da exuberancia de gestos, do baile perpetuo do seu primeiro acto, nos deu a mais leve ideia duma «garçonnette de la butte».

Acacia Reis fez o seu papel marcando-o com os traços grossos que a caracterisam, e um outro actor, cujo nome não nos recorda nunca (é um que costuma dizer que não precisa da imprensa para nada, sabem quem é?) la andou com o seu papel as costas sem dar nas vistas.

He a destacar com a probidade Eduardo Freitas.

Os restantes afinados. Ofelia Brochado e a sua parceria bem ensaiadinhas. As blusas patrioticas: uma «verde», outra... «rozea»!

Scenarios. Mise-en-scène

São absolutamente louvaveis os intuitos da empreza na montagem da peça. Não só os scenarios são cheios de luz, modernos, como o mobiliario é cuidado, *de verdad*. Ha um cunho artistico nos panos de fundo das peças em que Rey Colaço e Robles figuram. A disposição dos interiores é verdadeiramente de gosto. O crescente de riqueza d'uns actos para outros entusiasma.

A marcação é muito boa.

Uma nota curiosa.

Reaparecia José Ricardo da sua tournée ao Brazil e do seu descanço de scéna.

Quando entra á vista do publico, uma salva de palmas acolhe-o. José Ricardo diz duas frazes e rebenta o borborinho. O pano desce; a representação suspende se. Eduardo de Freitas vem ao proscenio e fala ao publico: *Schius*. Vae recomeçar. Volta a entrar em cêna José Ricardo. E ahi temos uma nova salva de palmas. José Ricardo só reapareceu duas vezes... Ha-de ser sempre extraordinario.

Um bravo pois á claque, que compreendeu a... sua missão.

Armando Ferreira

ULTIMA HORA

Letras a praso

Uma transposição de graneis fez com que hontem esta secção do nosso brilhante colaborador *O Homem que passa* saisse de modo a dificilmente se perceber.

Da primeira linha da ultima coluna da primeira pagina passe-se para o 19.ª e volte-se da 25.ª á 2.ª e obter-se-ha assim o sentido completo.

Subvenção a empregados do Estado

A comissão eleita na ultima assembleia geral da Associação de Classe dos Empregados do Estado avistou-se hoje com o sr. ministro das Finanças para solicitar o aumento da subvenção diferencial. O sr. Antonio Maria da Silva disse aos comissionados não estar o thesouro habilitado a satisfazer o que lhe era pedido, aguardando a discussão duma proposta apresentada no parlamento.

A festa das «Florinhas da rua»

Inaugurou-se hoje, no Jardim da Estrela, a festa em favor das «Florinhas da rua». O tempo chuvoso prejudicou a obra carinhosa que se tinha em vista realisar. Na rapida visita que fizemos ao jardim, apenas encontramos alguns rostos desolados das gentilissimas senhoras que promoviam aquele piedoso certamen de bom gosto e arte. E' de crêr, que se continua a chuva que bate nos vidros da nossa sala da redacção, só os marinheiros do «Pittsburg», com as suas botas de duas solas, resistirão ao lamaceiro do parque da Estrela.

Tribunal Militar do C. E. P.

Reuniu hoje para julgar os soldados Bernardino Cortinhal, de infantaria n.º 14 e João Tavares Bento, de infantaria n.º 1, acusados respetivamente dos crimes de agressão e deserção. O segundo foi condenado em 4 anos de prisão maior celular seguidos de 8 de degredo ou na alternativa de 15 anos de degredo, e o primeiro foi mandado por em liberdade.

Busca que não dá resultado

Uma brigada de agentes da policia de segurança do Estado, sob as ordens do director adjunto, sr. Pinhão, foi hoje de tarde passar uma busca no predio n.º 13, da praça dos Restauradores, onde ha uma casa de pensão e diversos escritorios.

Apenas foi apreendido um revolver Smith ao porteiro.

Origens historicas da decadencia nacional

E' este o titulo sugestivo de uma serie de conferencias semanaes que o deputado, publicista e professor sr. Ladislau Batalha vae realisar no proximo mez de Junho nas salas da Universidade Popular. Parece que n'este trabalho o nosso colaborador tenciona examinar a historia nacional sob o ponto de vista das origens etnicas, influencias religiosas, navegações, administração publica, etc.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Para Paris partiram hoje os srs. Alexandre Mendonça Alves e Adriano Gueixão Ferreira, proprietarios da farmacia Formosinho.

Noticias da Capital

PARA SE AFORMOSEAR...—As mulheres gostam sempre de parecer bonitas e, quando não teem os adornos precisos, tratam de os adquirir seja de que modo fôr. Foi o que sucedeu com Maria Luiza, moradora na rua da Rosa, 223, 3.º, que estando como creada em casa do 2.º tenente da armada sr. Jaime Henriques, se apossou d'um casaco e d'um travessão de ouro com pedras, no valor de 100$00.

Nem o amo nem a policia tiveram em conta as circunstancias atenuantes, e a Maria Luiza lá está a estas horas n'um calabouço do governo civil. Que barbaridade!

FOI UM AR...—Da rua do Arco do Limoeiro, 11, 2.º, residencia da escritora sr.ª D. Ana de Castro Osorio, desapareceu misteriosamente uma pulseira de ouro, no valor de 200$00.

Como n'estes tempos de descrença, Santo Antonio já não faz milagres, recorreu se á policia, que de quando em quando consegue fazel-os.

SE O COBRE SE TRANSFORMA EM OURO...—O cobre tem não só actualmente, grande valor, como pode ás vezes pelo brilho, para quem não conheça bem os metaes, parecer ouro. E quando assim não é, pelo menos vendendo o transforma-se em ouro, ou no equivalente de notas.

Foi por isso naturalmente que Alberto Alves, do beco da Cardosa, 7, loja e Antonio Vicente, do pateo das Canas, se apossaram, no entreposto do Jardim do Tabaco, d'uma barra do precioso metal no valor de 300$00.

Valeu-lhes o gesto o estarem a contas com a policia, que lhes deitou a «luva».

Serviço telegrafico da tarde

Importações e exportações brazileiras em 1920

RIO DE JANEIRO, 6.—No ano de 1920 as exportações brazileiras atingiram a importancia de 1752000 contos e as importancias 2076000 contos. O desequilibrio da balança comercial denunciada por estes numeros foi determinado principalmente pela baixa do preço das mercadorias exportadas pela depreciação da moeda de alguns paizes importadores de produtos brazileiros e pela falta duma organisação bancaria eficaz para a valorisação da circulação monetaria. Os direitos aduaneiros renderam 99405 contos em ouro e 90658 contos em papel; os impostos de consumo deram 174432 contos, e imposto de selo 61420 contos; correios 13253 contos; sobretaxas 12350 contos.

O Banco do Brazil tem de lucros liquidos 17669 contos, possuindo uma reserva de 32280 contos. A sua carteira de desconto facilitou extraordinariamente creditos ao comercio, agricultura e industria. Andam em circulação 19328 contos em bilhetes das caixas de conversão.—(A).

Vida Sportiva

Homenagem

Vae ser prestada amanhã ao iniciador da gymnastica em Portugal

Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, o descerramento da lapide comemorativa do falecido professor Luiz Costa Monteiro, iniciador da educação fisica em Portugal, na casa onde faleceu, na rua da Vitoria. A comissão conta com a assistencia do sr. ministro da Instrução, imprensa de Lisboa, dos antigos discipulos de Monteiro, das associações de sport, dos bombeiros, etc. Falará sobre o acto o sr. dr. José Pontes.

Associamo-nos á manifestação que a achamos de todo o ponto justissima, e aproveitamos a ocasião para felicitar Carlos Fernandes, o seu incançavel promotor.

FOOT-BALL

Os desafios de ámanhã

Como temos noticiado, realisa-se amanhã, pelas 15 e 17 horas, no Campo Grande, respectivamente, os encontros de foot-ball entre Casa Pia—Imperio e Belenenses—Sporting.

Outros desafios

Marcados pela A. F. L. tambem se efectuam mais os seguintes:

Taça Especial (2.ª categoria). Portugal contra Bemfica, ás 11 horas: juiz o sr. Eduardo Costa Belenenses contra União do Comercio, ás 13 horas; juiz o sr. Antonio dos Santos (do G. F. B.)

Sporting contra União Lisboa, ás 15 horas; Juiz o sr. Ilidio Nogueira.

Royal contra Sacavenenses, ás 17 horas; juiz o sr. Arnaldo Motta.

3.ª categoria—1.º desafio para apuramento do Campeão, Bemfica contra Foot-ball Bemfica, no Campo Grande, ás 13 horas; Juiz o sr. Alberto Burnay Mendes Leal.

NATAÇÃO

Club Nacional de Natação

E' na proxima segunda feira, 9 do corrente que o Club Nacional de Natação abre as suas Escolas na doca de Alcantara (lado norte).

O Conselho Tecnico deste club já elaborou o regulamento de instrução que é dividido em 3 periodos.

O ensino será ministrado na sua jangada todos os dias uteis das 7 ás 9 e das 18,30 ás 20 horas pelos srs. J. R. Serra, Gustavo Pereira da Costa, Jaime Raussado dos Santos e Jorge Black que se prestaram obsequiosamente a instruir os seus consocios.

A abertura realisa-se amanhã, ás 14 horas.

NOTICIARIO

Reina grande contentamento na classe dos vendedores de jornaes, em virtude do jornal «Os Sports» se propôs cultivar entre elles, a pratica do box, da corrida pedestre e da lucta. As classes devem iniciar-se no fim da proxima semana.

—Não se confirma o telegrama ha dias publicado nos jornaes, sobre a realisação de um Concurso de tiro internacional, a realisar em Lisboa.

—Está despertando interesse extraordinario, o Concurso de Tennis da Primavera que se realisa de 18 a 22 d'este mez nos «Courts» das Larangeiras.

—Estão quasi concluidos as obras de melhoramentos por que tem passado o Stadium do Lumiar.

Agenda de amanhã

HOMENAGEM—A's 14 horas, homenagem ao iniciador da Gymnastica em Portugal.

FOOT-BALL—A's 15 e 17 horas, desafios de foot-ball no Campo Grande (Campeonato de Lisboa e «Taça Mutilados da Guerra».

TIRO—A's 15 horas, final do torneio de tiro na carreira de Pedrouços.

TENNIS—Torneio inter-socios nas Larangeiras, organisado pelo Club Internacional de Foot-Ball.

As sanções contra a Alemanha

A representação dos Estados Unidos na reunião do conselho supremo

WASHINGTON, 6.—Os Estados Unidos resolveram fazer-se representar, a titulo oficioso, no conselho supremo e no conselho dos embaixadores. Na comissão das reparações serão os Estados Unidos representados pelo Sr. Rolland Boyden, comissario americano em Paris.—(H).

WASHINGTON, 6.—O coronel Larvey, embaixador dos Estados Unidos em Londres, representará os Estados Unidos no conselho Supremo, esperando a chegada do sr. Herrick, novo embaixador em França. O sr. Hughes Wallace, que deixa o posto de embaixador, ficara representando os Estados Unidos no conselho de embaixadores.—(H).

Pela instrução

Universidade Livre

Na séde desta Universidade, realisa amanhã o sr. dr. Agostinho Fortes a terceira conferencia da serie «O problema da miseria atravez da historia», versando o seguinte tema: «Os tempos medievais.—Feudalismo.—Comunas.—Revoltas dos Camponeses.—Organisação dos mestéres e oficios.—Utopias sociais baseadas em tendencias de reformas religiosas.—Os franciscanos.—As republicas comerciais e o seu poder financeiro».

Touradas

Campo Pequeno.—Antonio Lapa enviou para a corrida de amanhã oito belos exemplares da sua casta espanhola, Muruve. A' boa escolha dos touros alia-se a boa escolha dos artistas, entre os quais se destacam o cavaleiro José Casimiro e os espadas «Alé» e «Rodalito», que banderilham um touro a ferros de palmo. E' completado o cartaz com o bandarilheiro «Mavarrito», da «cuadrilla» de «Alé», e Luciano, Alfredo, Custodio, A. Carvalho e «Punteret».

A corrida começa ás 17,30.

EXPOSIÇÃO E CONCURSO DE GADOS

Em Elvas, realisa-se nos dias 15 e 16 do corrente a exposição e concurso de gados cavalar, asimino, bovino, suino, ovino e caprino, havendo para os creadores e possuidores do gado que fôr premiado medalhas de *vermeil*, de prata e de cobre, menções honrosas e premios pecuniarios.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—As 21 h.—«Leonor Teles»
S. LUIZ—A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO—A's 21,30—«Os Irmãos Unidos».
EDEN—A's 21—«Cerco ao Rei»
AVENIDA—A's 21,30—«O Pato».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

A CAPITAL

3776—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Segunda-feira, 9 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

COISAS SOBRE AVIAÇÃO

A aviação colonial

Descrevendo no passado artigo o que foi a aviação na campanha da Africa Oriental Portugueza, é justo que mostremos agora o que se tem passado na provincia d'Angola, que, infelizmente, não compreendeu, até ha pouco tempo, o que seja aviação e para que serve.

Em 918 foram enviados á costa ocidental um nucleo de oficiaes-aviadores, alguns mecanicos e aparelhos que se destinavam aos serviços d'Aviação Expedicionaria a Angola.

Depois de enorme trabalho e falta absoluta de elementos, lá conseguiram desembarcar o material e leva-lo até ao Lubango, onde começaram a instalar o seu futuro campo d'aviação.

A' custa da sua boa vontade e de muito esforço, conseguiram montar dois aparelhos dos que lhes tinham enviado, uns seis mezes depois do desembarque convictos de que a aviação na provincia d'Angola iria ser um facto e de que lhes enviariam tudo o que na metropole lhes tinham prometido.

Mas... triste desilusão...

Começou por lhes faltar aquilo que em aviação é mais rudimentar, mais preciso e sem o qual a aviação não pode «voar»: a «gazolina»!...

Parece troça ou brincadeira de rapazes, mas é a expressão da verdade... Pois a gazolina para a aviação, não havia maneira de chegar á provincia d'Angola!

Passa-se o tempo a trocar notas, oficios e telegramas (a classica e bem portugueza papelósa...) e, passado algum tempo, uma alma caridosa lembra-se de lhes enviar gazolina, mas, infelizmente, propria para... «camion»!

O desejo de voar era grande, as «más linguas» já falavam, esboçava-se já, como em Moçambique, a campanha dos vencimentos escandalosos dos aviadores e, contra todos os principios d'aviação e risco da propria vida, vá de voar para honra da profissão que se escolheu.

Mais uma imprudencia em aviação. A quem atribuir as responsabilidades? Nunca aos aviadores, mas unica e exclusivamente ao Terreiro do Paço e ao governo central da provincia que, como de costume, não se preocupam com coisas minimas e que d'aviação conhecem apenas o que teem visto nas ilustrações e o que os jornaes lhes relatam diariamente...

Hoje como sempre, infelizmente... incompetentes em assuntos d'aviação.

A gazolina enviada era de tal qualidade que os motores, uma vez a trabalhar, deram a impressão de locomotivas de caminho de ferro... tal era o fumo que a sua impureza produzia.

Ia-se para o ar com a certeza de «panne», pois as velas dos motôres ficavam completamente sujas alguns minutos depois de trabalhar.

Mas não só com a gazolina isto se passou, os altimetros (instrumentos indispensaveis em aviação) estando o campo situado a 1500 metros d'altitude foram enviados sem a respectiva correcção, de maneira que para nada serviam.

Muitos outros elementos faltaram aos serviços d'aviação expedicionaria o que deu em resultado que desde 1918 até principios do ano corrente sómente se tivessem realisado meia duzia de vôos de treino, estes mesmos com um desastre devido a «panne» de motôr, sem qualquer fim ou objectivo realisado, de maneira a que a provincia de Angola tivera lucrado com as despezas com que a aviação estava sobrecarregando o seu orçamento.

Em face deste estado de coisas alguns dos oficiaes aviadores foram obrigados a fazer serviço das suas armas com prejuizo do seu treino de pilotos e observadores e contra todos os regulamentos, uma vez que não era por culpa sua que deixavam de utilizar a sua especialidade.

As coisas mantiveram-se assim até fins do ano passado, começando o pessoal a retirar para a metropole, parte arrazado pelo clima e outra parte desgostôso por nada poder fazer em face de tanto desleixo e má vontade.

Eis, a traços largos, o que foi até fins do ano passado a aviação na provincia d'Angola.

A quem pedir, depois do que ahi fica dito, responsabilidades pelo que se passou em Moçambique e Angola no capitulo d'aviação?

Os nossos legisladores, sempre promptos a tomar a peito qualquer escandalo barato, porque não teem tratado deste assumpto que tanto interessa o paiz e a aviação?

Como seria interessante saber-se quanto a metropole e as colonias gastaram com as suas esquadrilhas enviadas a Moçambique e Angola, qual o seu trabalho util e a quem pedir responsabilidades!

Onde estão esses representantes das colonias que teem assento no palacio de S. Bento?...

Felizmente, que depois de tantos erros e crimes praticados em 917 e 918 em Moçambique e Angola, os governos centraes dessas provincias se resolverem a olhar a sério para a aviação.

Assim, em 918, os restos da esquadrilha expedicionaria a Moçambique foram instalados em Lourenço Marques, estando presentemente a tratar-se de arranjar elementos para o seu bom funcionamento, se bem que isso ainda custasse um pouco a compreender a certas pessoas.

O alto comissario d'Angola, creatura inteligente, homem d'acção, que tem ideias fixas e orientadas sobre aviação e a quem esta alguma coisa deve em Portugal, resolveu reorganisar os serviços aeronauticos da sua provincia e partiu para ali acompanhado de um nucleo de oficiaes animados da melhor boa vontade e entusiasmo, cheios de esperança no futuro d'aviação na provincia d'Angola a quem está reservado um brilhante papel se lhe derem todos os elementos de maneira a não arrefecer esse entusiasmo e boa vontade.

Uma vez que se pensa em manter a aviação nas nossas provincias coloniaes, porque se não trata de arranjar uma direcção unica para esses serviços, que possa orientar da metropole essas formações, fornecendo-lhes elementos de estudo e trabalho, pondo-a ao corrente de todos os progressos da aviação e ao mesmo tempo mostrar junto das autoridades de cá as suas necessidades e a urgencia na satisfação de todos os seus pedidos?

Presentemente, temos nada menos do que quatro entidades superiores a dirigir o mesmo assunpto, ou sejam a aviação terrestre, maritima e agora a das duas colonias, ao passo que em paizes que se interessam seriamente por coisas d'aviação tem-se seguido o criterio de as reunir numa direcção unica.

Porque não se pensará da mesma forma cá por casa?...

Z.
(aviador)

Quando se tenta o fabrico do gaz da agua?

Se toda a gente estava de acordo, porque não se trata da sua producção?

Ha quasi um ano que escrevemos neste jornal alguns artigos, que mostravam as vantagens de se fabricar em Lisboa o gaz da agua. Como os nossos leitores devem recordar-se, apresentámos a opinião do sr. dr. Antonio Centeno, por parte da Companhia do Gaz e do sr. Alberto Toto, por parte da Camara Municipal de Lisboa.

Tanto um como outro, estavam de acordo, que este problema tão importante, sobretudo para as industrias, fosse resolvido.

Por parte do governo, o sr. Anibal Lucio de Azevedo, então ministro do comercio, dos mais activos e emprehendedores que teem passado pelo poder, tambem se mostrou a favor da idéa e prometeu auxiliar a sua realisação. E' certo porem, que os mezes teem decorrido, a capital do paiz continua ás escuras e as industrias vão atravessando uma crise cada vez maior por falta de energia.

E ainda outro aspecto deploravel, vergonhosissimo da questão é o facto dos laboratorios de bacteriologia e outros serviços scientificos, que possuiam os seus aperfeiçoados motores para funcionarem com o gaz, não poderem actualmente trabalhar, visto que o aquecimento com o petroleo ou gazolina não satisfaz na generalidade. Vão-se passando os anos, a vida tende a normalisar-se em todos os paizes e só entre nós vemos esta indiferença calamitosa pelo estudo da producção de energia, que tão importante é para a vida das industrias. E no que respeita á iluminação da cidade, que continua como se no a, quasi ás escuras, é tanto mais sensivel a sua deficiencia, quanto maior é o contraste que se nota com a iluminação e electricidade na maioria das terras de provincia.

Ha poucos dias estivemos, em Portimão, Faro e Tavira e ali vimos como estas localidades se encontram á noite iluminadas por forma que nunca foi egualada pela capital, nem mesmo quando aqui havia a luz de incandescencia, espalhada por todas as ruas.

Poderia haver duvidas no emprego do gaz da agua, para a iluminação da cidade, por se receiar que seja muito torico mas não deve haver hesitação nas suas vantagens, como fonte de energia para as industrias.

Como em tempos dissemos, na America consumiam-se diariamente em 1914, 600.000 metros cubicos de gaz da agua, sem 147.000 na cidade de Nova-York.

Tanto o governo, como a commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa já deviam ter procurado informações acerca das condições em que se fabrica e se emprega o gaz da agua nos paizes estrangeiros. Ainda ha pouco tempo, o nosso ministro em Hespanha, o sr. dr. Couceiro da Costa nos disse, que lera um artigo interessante em Madrid, acerca do emprego do gaz da agua no paiz vizinho.

E' um assumpto importante que não se pode abandonar. Voltamos pois a insistir n'ele, a ver se conseguimos fazer despertar os que teem a obrigação de o fazer por em pratica.

J. Correia dos Santos

Os simbolistas na Arte e na Literatura

Apontamentos tirados na ultima conferencia de Mr. Hubert Gillot

«Le Disciple», «talvez» a obra prima de Paul Bourget — Robert Greslou.— A filosofia de Adrien Sixte é a filosofia de Bourget. Ela afirma a infalibilidade da sciencia. Do pólo oposto ao de Bourget, vem o agrupamento literario de que vae tratar, e á frente dele Anatole France, que, ao contrario de Bourget, o scientifico, é o sceptico da sciencia. Anatole: o conhecimento da Natureza não é mais do que a fantasia dos nossos sentidos. E' esse o dilletantismo intelectual, adversario da sciencia. E' a «faillite» da sciencia, é o odio ao scientismo. O simbolismo e a penetração deste odio á sciencia na intelectualidade. Os simbolistas adoptaram a expressão de Jacques Tournebroche, o porta palavra de Anatole, que já tinha sido a expressão de S. Francisco de Assis, de que a solução intelectual é a meditação interior, a contemplação mistica. E' a chamada solução mistica. Influencia dos prerafaelites e do esteticismo inglez (nomenclatura de Bourget) e influencia de Ricardo Wagner, do wagnerismo. Caracterisação e definição destes movimentos esteticos. A França apaixonou-se por essas correntes de Alem Mancha e de alem-Reno. Todas as lendas aproveitadas por Wagner são francesas: Lohengrin, Parsifal, Tristão. A musica de Wagner tambem nasceu da musica italiana e de musica franceza. Curiosidade: foram dois alsacianos os reveladores de Wagner aos francezes; são eles Schuré e Lichtenberger. Os seus livros são considerados os melhores sobre a obra wagneriana. A França, cançada do parnasianismo de Heredia, que pretendia rivalisar com a escultura, visita a Inglaterra e a Alemanha e volta-se para os primitivos. Os estetas de 1890—Huysmans, o naturalista «détroqué», vem instalar-se deante da catedral de Chartres. Huysmans apaixona-se pelo archaismo pictoral, pelo archaismo esculptural e pelo archaismo musical. Fra-Angelico, a Catedral, Palestrina. A sua religião artistica levou o descrente Huysmans á conversão ao catolicismo.

Assim se originou a Arte Christã — A contemplação da cathedral de Chartres e o romance «La Cathedrale»—Na musica Charles Bordes e Vincent d'Indy propuzeram-se tambem ressuscitar os primitivos—Primitivismo de algumas lendas de Vincent d'Indy, de Debussy, de Maeterlinck, e dos frescos de Chavannes no Panteon—O fervôr mystico e o recolhimento espiritual são os caracteristicos d'esta Arte symbolista—Verlaine tambem é o grande mestre do mysterio e da vida interior—Uma outra variante do symbolismo é aquela que traduz o mysterio exterior, aquela que Whistler resumia nos titulos dos seus quadros—Definição final da Arte symbolista e os motivos da Cathedral de Chartres: é uma arte que, com elementos materiaes e concretos, traduz dogmas os mais mysteriosos, os mais mysticos e os mais abstractos—Fins do symbolismo—Foi o caso Dreyfus, foi o ano de 1900, que arrancou ao seu esthetismo, ao seu symbolismo, Anatole France, Remy de Gourmont e todos os nóvos que hoje andam na «mélée» literaria procurando fazer a resurreição da França—O que a victoria de 1918 poderá trazer á literatura não se póde predizer, mas apenas avaliar pelo que se seguiu a 1790 (Chateaubriand.) Projecções: Retrato de Baudelaire (Courbet); Danças de Salomé (Gustave Moreau); Le jeune Homme et la Mort (Gustave Moreau)—Une Maternité (Carrière); Santa Genoveva velando Paris e Les travaux de la Paix (Puvis de Chavannes).

Mr. Gillot deve ser um convicto christão que tem Huysmans por sacerdote preferido—Na 1.ª conferencia tratou o assunto com uma certa indiferença; na 2.ª manejou-o com ironia; na 3.ª doirou-o com um leve humorismo.

7. V. 921.

R. de V.

Imprensa

Reapareceram os nossos prezados colegas «Mundo» e «Opinião». Tambem depois de amanhã reaparece o «Republica», sob a direcção do sr. dr. Antonio Granjo e tendo como chefe de redacção o nosso antigo colega de imprensa sr. Oldemiro Cesar.

Musica portugueza

A *tournée* Julio Camacho, composta d'esse distinto tenor e dos violinistas Romulo Ribera e maestro Cesare Magliano, parte no dia 15, a bordo do *Beira*, para a Africa Oriental, onde vae fazer ouvir musica exclusivamente portugueza. Percorrerá não só as cidades da Costa oriental, como as da ocidental, prolongando tambem a sua excussão a algumas cidades da União da Africa do Sul.

DIZE TU DIREI EU

"Leonor Teles e as Leonores de agora"

Episodio irrepresentavel

Scenario: os Armazens Grandela na secção de luvaria para senhora.

(N. B.—O scenario não representa um cantinho do «Trianon» ou da «Garrett» e nêle não tomará parte activa, de modo algum, «aquela meza discreta que você, minha encantadora amiga, tão bem conhece» e junto da qual se travam todos os dialogos dignos de passar á cronica literaria).

Figuras: duas meninas «signées» dactilografas ou «Arte de Representar».

(Ponto final nas Mesdames alfabeticas que tendo começado muito bem na grande Madame X., já deslisaram até ás misses H. H.—Auxiliemos as artes graficas, poupando as iniciais, reservando-as para os vates dos «Galeões de Sonho onde as tuas Mãos são Velas»... de iluminar poetas mortos de... vontade de recitar).

1.ª Menina (depois de trocar com a outra um «shake-hands» á «cow-gril», porque o cinematografo até fez sentir a sua acção sobre a moda lisboeta—1900—dos beijos repenicadinhos, tanto a caracter com as D. Ritinhas que se encontravam na Baixa):

—Adeusinho, como estás..?! Tem graça..! Vi hontem, no Nacional, o primo militar do teu cunhado Julio. Está mais...

2.ª Menina (que cultiva a ironia fina e está tola por a outra ter visto o primo militar do seu cunhado):

—Bravo! Com que então, hontem, meteste Nacional e «Leonor Teles..?! Não vieste apaixonada pelo rei Formoso? Não mandaste ainda aumentar os saltos, para chegar ao nivel da «Flor de Altura»..?

1.ª Menina (mal disposta porque reconhece a superioridade da outra, no capitulo ironia e em conhecimentos de historia patria):

—Ora! E' uma «Flôr de Altura» tão atarracada... Uma flôr com o pé pequeno... E o D. Fernando já foi formoso ha tanto tempo... Agora, o primo do teu...

2.ª Menina (quasi cortante):

—Sabes? Adoro a figura de Leonor Teles... Para mim, é o unico vulto feminino que se destaca na Historia! Não sei porquê, mas admiro a energia feroz daquele coração de mulher que soube ir até ao fim, no caminho do Mal... Quem me dera...

1.ª Menina (que já percebeu que é precisamente no coração que a outra se dóe):

—Crédo! Não te julgava tão bem falante! Pois, «a proposito», tenho uma novidade a dar-te... Que, dahi, talvez que tu já saibas... Talvez a tua irmã te contasse, porque como o teu cunhado é primo...

2.ª Menina (afiada como uma maquina de cortar fiambre e vermelha como êste, na fase «ante-bellum» da supremacia germanica):

—Que vontade, que alma de ferro e que coragem para o crime—mais dificil do que a resignação para perdoar—tinha essa figura majestosa da minha adorada «Flor de Altura»...

1.ª Menina (já fartissima de Historia e sem entrar com o «double-sens»):

—Oh, filha, por amôr de Deus! Basta de Leonor Teles... Ouve lá a minha novidade... Vais ficar «passada»... admirada, é que eu queria dizer...

2.ª Menina (elevada ao rubro da má creação e do despeito):

—Basta de Historia e de fingimentos, menina Alice de Noronha! Foi a menina que fez com que o Chico Fernandes, o primo militar do meu cunhado Julio, acabasse o namoro comigo! Julga que eu não a conheço bem, por dentro e por fóra..? Fique sabendo que se não fosse eu morar na rua Gomes Freire e ser preciso esperar meia hora por um carro, e ter ainda que ir comprar uns «tules» ao quinto andar, dava-lhe aqui mesmo uma boa lição... E já que é tão estupida que não percebeu onde eu queria chegar, saiba tambem que é só por isto que eu admiro a Leonor Teles: Porque essa senhora, ao menos, teve coragem para perder tempo a fazer cerco a um rei, teve coração para mandar matar uma irmã e enforcar um alfaiate... E eu, por causa do eletrico e dos «tules» não arranjo nem tempo para a esbofetear, nem alma para me esquecer que já fomos amigas, que andámos no mesmo colegio, num quarto andar do Arco Bandeira, por cima do escritorio do meu padrinho... Que Deus a faça feliz com aquele que me roubou, sr.ª D. Alice de Noronha...

(A 1.ª Menina volta as costas e finca o cotovêlo direito na almofadinha vermelha de experimentar as luvas; a outra, em passo de futura suicida, enxugando a conhecida lagrima rebelde, vai escolher «tules» para o seu véu de abandonada).

Tereza Leitão de Barros.

NOTAS FALSAS

BRUXAS

Hoje de manhã, houve grosso escandalo na minha rua. Foi o caso que uma das minhas visinhas ao abrir a porta, deu fé de não sei que feitiçar a deixada na soleira por mão desconhecida, feitiçaria que, segundo ouvi-dizer, era da marca peor do genero e que implicava um d'estes azares de pôr as mãos na cabeça.

Aos gritos da enfeitiçada apareceu a policia houve ajuntamento, parou uma mudança com os respectivos galegos, discutiu-se, alvitrou-se e, por fim, tudo recahiu em socego menos a mistura misterioza que foi atirada com imprecações para o fosso inocente d'um caixote de lixo.

Eu sou dos que respeitam as crenças alheias para que não venham bulir nas minhas e, por isso, afiz-me a não acreditar nem a deixar de acreditar em bruxas. Conservo me no campo neutro que ainda é o melhor «maple» para a mandrice do raciocinio.

Ha porem uma coisa que constáto e que marca até certo ponto o gráu embruxado em que vivemos. Raro é o jornal que não traz pelo menos oito ou nove anuncios de buena-dicheiras, cartomantes, videntistas e sonambuleiras que apregoam aos sete ventos a eficacia da sua sciencia como remedio supremo para cura de maleitas do corpo e tumores da alma, o que me faz chegar a esta conclusão que não é uma Africa por ahi além. Se existe tanta porção de bruxas é porque alguem as alimenta, se alguem as alimenta é porque são necessarias, e se são necessarias é porque a bruxaria não é uma palavra vã e tem fóros de coisa indispensavel na vida privada de muita gente.

Eu não sei de mulher que não tenha consultado bruxa, ou para saber o que é, ou na convicção de que um sápo com a boca cosida a retroz preto com a mão esquerda e a uma sexta-feira do quarto crescente, vai de parelhas com a finalisação da vida d'uma pessoa alvejada.

Esposa abandonada pelo marido ou menina a que o fiato do namorico entupa o apetite ao almoço, se o dezastre toma proporções de avantajado dilema, não está com meias medidas: indága poriso de mulher carteante e se as «mas palavras» do cinco de espadas, a «porta da rua» do seis de paus e os «dinheiros grandes» do oito de ouros, lhe são propicios aos fados, esportula os mil reis da praxe de boa-sombra e ela ahi vem para casa com uma banda a tocar dentro do peito aliviado, bemdizendo a «Voisin» de quarto de aluguer que tão manifestamente lhe deu alivio aos engulhos.

Depois, não é só para casos de amor que a bruxaria conserva lenitivos e porções. Tambem inventa pomadas para berzundar a soleira das portas para que o azar veja impedida a entrada, panaceias que tiram o mau olhado e livram alguem de sesões depois de morto, rezas que curam o cicio do alcool e fazem um homem «voltar-se» para caza, untadelas de camisolas para que os tacões das botas não entortem, toda uma vasta farmacopeia de remedios santos e eficazes muito mais valentes que o bicloreto de mercurio ou a agua sedativa.

E não se julgue que tudo isto que fica dito são tretas de pantomimeiro de praça. Sei de grandes casos em que o bruxedo tem aparecido como tabua salvadora e d'outros não menores, em que o azar é completo por não se atender o conselho das bruxas. Por exemplo:

Um meu amigo teve a desgraça de matar um gato preto. Vai a esposa a uma vidente que lhe mostra o catalogo das feitiçarias onde, no capitulo «morte», estava escrito que o assassinato d'um gato faz recuar uma casa sete anos.

Volta a esposa do meu amigo com o remedio para o mal, remedio que o meu amigo despreza e atira aos confins d'um cano de exgoto; pois não lhes digo mais nada! Ha dois anos que o desgraçado procura uma casa e ainda não arranjou nenhuma, nem mesmo com trespasse!

Henrique Roldão

Sociedade de Geografia de Lisboa

Realisa-se hoje na «Sala Algarve» da Sociedade de Geografia a sessão ordinaria mensal para leitura de expediente, admissão de socios e comunicação da direcção.

ARTE

Quem acaba o resto? — Desbarretemo-nos ante Carlos Reis — Panelas e cafeteiras — Cebolas, alhos, e... adeus, c' rosas — A 2.ª sala da... «Saleta» do Belas Artes em 1921 : : : : :

Uf!

Vamos passar á sala imediata, já que descançámos a vista e parámos um pouco.

A sala da direita é mais bem contemplada; logo em frente, tres boas telas de mestre «Reis». E' reconfortante.

Na Central, a maior, apanha-se um trecho de paisagem, uns longes suaves, uma luz quente sobre uma estrada; uma sombra de arvore, uma figura caminhando, em que tudo é harmonico, tranquilo, verdadeiro. A tela «á hora do chá»—será este o seu titulo?—tratada com carinho é toda um estudo de figuras numa penumbra discreta. No primeiro plano «o chá», ao fundo as figuras; a transição da luz é esplendida e o ambiente calmo.

Sigamos agora em volta. No n.º 100 o sr. «Batista» explica no proprio quadro que são efeitos de luz no «Menino Deus». A technica não é perfeita, ha durezas, asperezas, más linhas; logo no quadro seguinte, tambem do «Largo de Menino Deus» ha um caixilho roxo a cair, deformidadesinhas pelo meio.

«Luiz Salvador» continua, e aqui melhor do que no seu outro quadro do «hall», a expôr-nos tipos do mar; ha em Luiz Salvador qualidades para o futuro; até agora nas «pochades» que expõe, nos quadros completos que mandou ás Belas Artes ha ainda indecisões, falta de fixidez, muita frialdade na pintura. E a arte do retoque, muito completa mas talvez pouco sentida.

«Mámia» tem aqui os seus quadros, originaes, leves, naquele seu processo quasi estilisado, fresco, onde o desenho é rigoroso e a côr quasi simples. Pintura candida.

«Azevedo e Silva» dá-nos duas telas, uma com um clerigo, outra com 1 maritimo, torso nú.

«Sant'Ana» expõe uma arvore. E' certo que a arte com que essa arvore está feita é que daria o valor á tela. Mas neste caso é só a arvore que temos de ver. E' só uma arvore.

«Maria Luiza Reis» apresenta-nos 5 paisagens que nos fazem supor serem a mesma tela recortada em 5 quadros. O motivo repete-se, a luz é quasi a mesma em todos. Os primeiros planos em grandes pastas de tinta não são tão perfeitos como os longes.

João Reis, digno continuador da obra de seu pai, tem uma soalhenta vista sobre os «telhados seus visinhos», um interior cheio de perspetiva e fundo com bôa luz, mais uns trabalhos de relevo, embóra áquem dos seus melhores.

Helena Bourbon, uma velha com ...fôgo, revela qualidades.

Ortigão Burnay dá-nos os seus dois processos, em dois retratos contiguos. No do dr. Moreira, o escuro, ensombreado que lhe é particular e lembra alguns fundos da pintura moderna hespanhola, no outro retrato é a claridade, uma fresoura de tintas agradavel.

«Abel Santos» expõe 3 telas de Portalegre. A fonte está um tudo nada torcida, tem um pequeno erro de desenho. As figuras do namoro não teem vida, nem ar. Estão em «retrato». A «côr» nos seus quadros é bôa.

Martinho da Fonsêca dá-nos 3 trabalhos que impressionam bem. Leves, de «nuances» calmas, pode-se dizer afoitamente que é do pouco bom que lá aparece. Uma cabeça bem estudada, e o «Arco do Carrasco» com esplendidas tonalidades.

Mestre Vaz faz-nos a graça de mais uns trechos de «Setubal».

E' sempre belo. Parece que João Vaz vive as suas telas, sente-as profundamente. Deliciosas manhãs, tranquilidade da beira mar, e trechos conhecidos embebidos do ar maritimo.

«Germana Rodrigues» tem o logar de honra ao topo desta sala; lá ao alto. Um ramo de rozas em tamanho natural, entornado com muito encanto e perfeição. Ha á venda iguaes no Paulo Guedes & Saraiva...

«H. Oliveira» em dois grandes quadros assesta a bateria de cozinha. Panelas, tachos, cafeteiras, bronzes, ferro, chumbo, ou...

«Soares Lopes» tem duas telas regulares; tem ar, ambiente.

«Alves Cardozo» tem varios retratos bons, entre os quaes o do sr. Sotto Maior... Oferta do sr. Simão Laboreiro. O retrato de sua «filha» é um belo trabalho; as suas paisagens, os seus bons prendem a atenção.

«Berta Durão» tem aqui um perfil em pastel, perfeito e uma roza banal.

«Clementina Carneiro de Moura» (?) expõe algumas telas com côres berrantes; rozas crus, verdes claros, e até um retrato com pretensões a paisagem.

«Nery», chavenas menos más.

«Albertino», destaca-se no seu trabalho. A sua «pochade» é feita a golpes violentos.

«Constancio» dá-nos uma «velha» e um «ribeiro», muito azul e banal.

«Bazalinha» portas de Cintra e dá-nos um trecho da sua paisagem muito retocadinha.

«Adriano Costa» tem uma «apoteose» fantastica e mirabolante, e algumas telas de paisagem bem trabalhadas e com boa luz.

«Romero» duas pequenas telas que não aumentam nem diminuem o nome do auctor.

«Rebelo» tem um retrato torcido nos braços. O seu «mercado» tem movimento e luz; está bem tratado.

«Alexandrina Chaves» uma cabeça do velho, sem importancia; (não o velho, o quadro).

«Henrique Tavares» dá-nos trez telas sem se destacar nenhuma. Uma «cabeça» fraca.

«Bonvalot» duas telas grandes, uma das quaes em grande sinfonia de cores.

«Fanny Mouró» trez paisagens das quaes uma com 5 centimetros de tela é dum espantoso arrojo e sensaboria artistica! O «sol»!! ...

«Maria Rodrigues» admiradora do dr. Julio Dantas aproveita as «Rozas de todo o ano» para motivo duma tela que nem mesmo pela grande tiragem do dr. Julio Dantas... deve ter saida.

«Azevedo e Silva» apresenta-nos o ambiente pardo do «Somme» e uma «motocicleta» correndo. O tema da «guerra» é comezinho, não lhe dá nem grandeza, nem beleza. A sua «cabeça saloia», e o «caminhando» teem luz e movimento. Destacam-se.

«Santos Junior» dá-nos uma tela cheia de «sombras» e fraca, terminando esta parede m.me Zoé Batalha Reis com duas te'as cheias de claridade, flôres, muitas flores e uma figura. Alegra a vista apenas.

*

Da escultura não resta duvida que a perfeição está na pequena figurinha «Recordando...» de Francisco Santos. A «Aza de Sonho» não lhe chega nem em beleza, nem em simplicidade.

Ha ainda um arrependimento, ou Remorso, com expressão, cabelos á Teixeira Lopes, dum seu discipulo. «Retratos» de João Silva, e de Costa Mota o busto de Antonio Pedro. Quanto ao «Adamastor», a visão do estatuario achamo-la mais grotesca que impressionante. Aquele braço direito onde vae ter? Que gesto feio está o «Adamastor» completando, emquanto põe as barbas de môlho?

*

Em resumo, O nosso «salon» é fraco. Não ha o direito de levar a uma exposição, embora de novos, e, novos nomes, os frutos do trabalho piegas e banal das lições avulso ao domicilio. Não ha em nós nenhum desejo de deprimir; pelo contrario desejariamos que, embora com deficiencias, se encontrasse nesses quadros admitidos á exposição qualquer coisa que indicasse uma promessa, uma esperança. Não sucede assim. Na maioria, na quasi totalidade, não ha nada, alem daquelas pinceladas insensiveis que ali estão ou representando uns metaes, ou uns pecegos, umas rozas, ou um ribeirinho poetico. E isto é que nos desanima. Não ha o direito de vir a publico com tanta «chateza» e «banalidade».

Oxalá para o ano...

E assim se vae vivendo.

Armando Ferreira

General Pedroso de Lima

O general sr. Pedroso de Lima, que, conforme se noticiou, pedira a exoneração de comandante da Guarda Nacional Republicana, foi hoje, pelas 15 horas, apresentar as suas despedidas á oficialidade daquela guarda, que compareceu na sua totalidade no quartel do Carmo.

O sr. Pedroso de Lima teve palavras de reconhecimento para a dedicação e zelo de todos os oficiaes, incitando a que continuassem a bem servir a Patria e a Republica.

O general sr. Correia Barreto proferiu em seguida umas ligeiras palavras de saudação, tecendo o elogio do general sr. Pedroso de Lima, o qual foi acompanhado até á porta por todos os oficiaes.

PELO TELEGRAFO

A luta na Irlanda continua implacavel

DUBLIN, 8. — Treze sinn-feiners atacaram esta manhã uma patrulha, perto de Cavan; ficou morto um sinn-feiner, dois feridos e nove prisioneiros. Dos soldados ficou ferido um. Em outros ataques contra a policia ficou morto um agente e feridos tres —(H).

Os incidentes da Alta Silesia

ROMA, 8.—O ministro da Polonia em Italia exprimiu ao conde Sforza o seu pesar pelos incidentes da Alta Silesia, que custaram a vida de 19 homens das tropas italianas e deixaram feridos 34.—(H.)

Refugiados politicos na Bolivia

LIMA, 8.—Informações da Bolivia dizem que as autoridades daquele paiz notificaram a alguns refugiados politicos peruanos que deveriam abandonar o territorio da Bolivia num praso que lhes foi marcado.—(A.)

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO APOLO — Porto, tantos de tal, *fantazia regional em 1 prologo, 2 actos e 10 quadros original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Fernando Athos e Bernardo Ferreira* : :

Peça

A pretensa rivalidade teatral entre Lisboa e Porto desaparece de dia para dia graças á troca constante entre as companhias e aos aplausos reciprocos das plateias aos auctores das cidades distantes. Esta parceria Arnaldo Leite, Carvalho Barboza tem tido fartos aplausos em Lisboa, dos quaes os ultimos na revista «Porto, tantos de tal», agora no Apolo.

E' curioso como uma revista toda localisada, regional em extremo porque só desce até Aveiro e sóbe até á Regua e Braga, feita de costumes, tipos, curiosidades locaes, consegue interessar tanto; e isto deve-o á leveza, ao colorido, á «graça» em todos os generos, do «double sens» preparado, ao «calembourg», da pi-ada politica á critica flagrante, á mocidade dos artistas, á frescura d'algumas raparigas que sem reclames basófios são elementos hoje raros na revista, á musica repassada de acordes populares, com «refrains» que ficam no ouvido e bailam dentro de nós. O primeiro acto é mais feliz do que o segundo, onde encontramos a menos um quadro,—dizemnos que cheiinho de coisas do Porto; —mas, no conjuncto, a «fantasia regional» agrada, dá-nos um espectaculo distrahido, excepcionalmente honesto porque não andou lá por fóra, a roubar numeros de fantasia e tudo é feito numa apoteose á nossa gente e ás nossas coisas.

O «Porto» póde pois orgulhar-se d'esta peça toda em sua honra, em seu louvor. Nunca «Lisboa» se lambeu com uma oração alegre tão carinhosamente murmurada.

Musica

Já o dissemos: é alegre, movimentada, farta em motivos populares. O «couplet» da «Phiphi» dispensavel... emfim.

Desempenho

Gente nova, gente moça, vozes sonoras, sotáque do norte ás vezes, e boas gargantas. Das damas destacamse «Deolinda Sayal», com uma linha interessante, um sorriso atraente, uma graciosidade de estrella sem... próa.

«Evangelina Bastos» cuja veia comica muito aplaudimos no «Reino da Estampilha» no Porto, tem vido; «Candida Roza» é outra artista de futuro largo, como é agradavel «Zulmira Vargas», como são interessantes as irmãs «Doriente», e «Alda Teixeira» e as mais.

E' notavel o registo que se faz; enquanto por cá ultimamente a «febre» das grandezas subindo ás primeiras artistas de revista as poz a abalar, este rancho vem a sorrir, vem a cantar e voltamos aos bons tempos da «revista» em que a mulher tinha uma acção predominante no sucesso.

E o mesmo dos homens. Que belo rabulista, que esplendido artista de detalhe se formou esse Alfredo Ruas, aquele galãsito comico, lembram-se?, que no «Genio Alegre» andava sempre de «caquinho no olho», e um dia abalou, á fortuna, para o Brazil!

Os seus tipos são diversos são vividos com carinho; qual melhor? «O Caldo Verde», espalitando e cuspindo? a caracterisação do «Policia da Regua»? a tirada do «Poveiro»? a vivacidade do «Almocreve das petas»?

«Soares Correia», tambem o conheciamos do Porto, é um comico natural, e tem juventude. E' um «compère» que não cae em «canastrão». Calcule-se. «Miranda» faz umas rabulas felizes, não devendo exagerar nem apalhaçar o seu «Longuinhos». «Santos Carvalho», no «Cicerone» tem um bom tipo, com graça, e todos mais ajudaram a folia com vontade e viveza.

Scenarios. Mise-en-scène

Guarda-roupa

Scenarios fraquissimos. Estamos mal acostumados. Apenas com belo efeito de luz o claustro da Batalha. As apoteoses chôchas. O guarda-roupa vistoso. A marcação cheia de movimento. Os córos afinados.

Ha a notar que a peça está muito certa por mais de um cento de representações. Não houve *falhanços* nem papeis mal sabidos.

E agora, digam-nos que somos contra as revistas? Somos contra aquilo que nada tem dentro, ou só tem perversidade e aborrecimento, que representa miseria de espirito com titulos de cartaz e deprimindo, abandalhando tem decaido de dia para dia até... ao *Cerco ao Rei*. Não haja mesmo nada dentro, sejam sete canções, tres bailados, movimento, luz, fascinação que entorpeça e distraia o pensamento por uma hora e a revista será apreciavel, terá o seu logar e o seu devido aplauso.

Armando Ferreira

Amanhã: a critica das criticas.

A Critica das Criticas

O PESCADOR DE PEROLAS, no Trindade

Repetimos o nosso programa. Esta secção, não foi feita para dizer mal. Reune apenas o modo de ver de todos os jornaes, afim de pormos em contacto a justiça de cada um dos nossos criticos e a sua propria opinião quando foi ver a peça.

Unanimemente a imprensa foi contra o parecer do conselho teatral e deu agora razão ao sr. Santos Tavares. Apenas o «Diario de Noticias», pela critica de Cristovam Ayres, não assignada, não toca no assunto e superficialmente diz que «tem requisitos para agradar á nossa plateia.» Acrescenta que «com traços de farça, tem viveza, distrae».

Mas, já mais sincero é Acacio de Paiva no «Seculo», que diz «como o espirito francez não é a graça portugueza, resultaram tres atos palidos, apesar da bôa vontade de todos...»

No «Seculo da Noite» José Ferreira, não escreveu como ia encarregado de o fazer porque só assistiu ao 2.º acto e saiu satisfeito.

No «Diario de Lisboa», Antonio Ferro diz:

Santos Tavares tinha razão. E quando razão não tivesse por se vir a demonstrar que «L'Ecole des cocottes» uma escola de honestidade, tinha uma outra razão mais forte: a falta de criterio, de inteligencia e de espirito com que adaptou a peça. Eu não posso acreditar que «L'Ecole des Cocottes», um dos maiores sucessos do Teatro Michel, seja a nela semsaboria que eu eu tive que ouvir até ao fim, por dever de oficio.

Mario Bonança no «Jornal do Comercio» escreve com humor:

E nem os adaptadores, sobejamente conhecidos pela sua graça inconfundivel, conseguiram animar com o seu espirito aquelles tres actos que se arrastam sem interesse que desperte no espectador o desejo de ver o desenlace da acção, frouxa durante toda a peça, e que nem a boa vontade dos interpretes consegue arrancar duma monotonia insipida. Para nós, a noite de sexta-feira no Trindade, foi a noite de maior gloria dos ultimos tempos do Nacional.

Na *Imprensa de Lisboa* escreve-se:

«O Pescador de Perolas» é porém uma peça de entrecho facil e sem interesse que desperte e bem disponha o espectador, porquanto a sua acção monotona gira em redor de uma figura senão apagada pelo menos sem brilho que a faça realçar para durante tres actos sem enredo, sem graça, sem pruridos literarios e numa constante repetição de scenas que nada justificam, prender o espirito da plateia que por vezes se mostrou irrequieta.

Jaime Vitor no *Correio da Manhã* diz:

Resulta dai ser ela apagada e frouxa, não despertar interesse, bater sempre no mesmo ponto. Acresce que, para nós, a acção e o meio em que ela decorre, as personagens, é tudo desconhecido, extranho, está tudo deslocado, não obstante a competencia e o esforço dos tres ilustres adaptadores da peça franceza.

Diogo Tavares no «Tempo» diz:

E bem arrastados e sem interesse esses actos, a despeito dos muitos ditos de espirito e de graça que irrompem de espaço a espaço, e a despeito da linguagem que os adaptadores fizeram limpa, com grave «desapontamento» dos «gourmets» de escandalos.

Na «Epoca» Manuel Vila Verde diz:

No decorrer da representação, tive saudades d'uma Actriz, e pena dos actores.

Anteu de Lima na «Batalha» acha que tem «um segundo acto muito bom» e que «tem umas conclusões que o puritanismo burguez não desdenhará perfilhar».

Na «Monarquia», «Diario da Tarde» e «Mundo» tambem as opiniões são unanimes, mas não as transcrevermos por serem... suspeitas.

Do desempenho temos:

«Amelia Rey Colaço», «dando relevo á personagem» «Diario de Noticias» prejudicada por precipitação de dicção e vivacidade demasiada «Seculo» por mais que se esforçasse não conseguiu parecer uma «cocotte», ficando-se em coquette «Diario de Lisboa) exageros e desenvoltura, précipitações de frases (J. Comercio) foi a primôr (Tempo) e poz em acção todos os seus recursos artisticos (Correio da Manhã) e foi a Zilda do principio ao fim (Batalha).

Para «José Ricardo» aplausos geraes, e para os restantes opiniões tambem unanimes embora pouco acentuadas visto não terem grande relevo os papeis.

Injustiça do «mundo» quando diz «miseria de» mise-en-scene. Injustiça da empreza não dando ingresso ao nosso colega Jorge Ortiz, da «Patria», cujo valor critico é por todos os motivos notavel.

E agora esta noticia do «Mundo» de hoje:

Consta que em vista do insucesso da peça «O Pescador de Perolas», o sr. Julio Dantas e os vogais do Conselho Teatral, que com ele assinaram o parecer favoravel á representação daquela peça no Teatro Nacional, vão apresentar os seus pedidos de demissão ao sr. ministro da instrução publica.

Efeitos de realmente se ser leve em opiniões, e fazer juizes sem... a leitura total do corpo de delito. E com a licença repetira já dizia Antonio Ferro ante-hontem:

Convem não esquecer qual foi a atitude do sr. Julio Dantas em toda esta questão. Este senhor afirmou em reunião do Conselho Teatral, que, se acaso, a peça não fosse representada no Nacional ele seria forçado a retirar todas as suas peças do reportorio daquele teatro... O sr. Dantas explicou-nos com essa atitude o sentido oculto da sua obra.

Nesta altura entra um muito aproposito. «etc».

O Gato preto

Director da aeronautica militar

O tenente-coronel sr. Freitas Soares tomou hoje posse, pelas 15 horas, do cargo de diretor da aeronautica militar, assistindo ao acto grande numero de oficiaes aviadores, alem de amigos pessoaes do novo director.

O sr. Freitas Soares agradeceu a sua escolha para aquele lugar, prometendo envidar todos os esforços no sentido de melhorar tanto quanto possa a aeronautica militar, dizendo que na proxima segunda-feira tenciona apresentar ao sr. ministro da guerra as justas aspirações da aviação, para o que conta desde já com a boa vontade do ministro.

Ultima Hora

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Com o sr. Jorge Nunes na presidencia abre a sessão ás 15,20, depois de se fazerem duas chamadas. Na segunda galeria muitos sargentos da marinha e a terceira repleta de marinheiros.

Lêem-se a acta e o expediente.

O sr. coronel Aguas trata de assuntos algarvios, principalmente da questão da pesca, para a qual pede a atenção do governo, dizendo que os espanhoes nos prejudicam bastante, talvez porque as multas que lhes são aplicadas não correspondem ás importancias que eles auferem, mesmo pagando-as.

O sr. ministro da marinha promete providenciar.

O sr. ministro da guerra manda para a mesa uma proposta referente aos vencimentos dos oficiais do exercito, aumentando-os.

O sr. Domingos Cruz interpela o sr. ministro das finanças acerca do estado do funcionalismo, dizendo que não se deve estar a conceder ao mesmo funcionalismo certas vantagens como até aqui, quando é certo que muitos nada fazem.

O sr. ministro das finanças responde dizendo que no que respeita aos funcionarios publicos não esta na disposição de lhes aumentar os ordenados, porque o Estado não póde. Mal se esboça um pequeno aumento de receita, diz, logo todos aparecem a pretender sugar aquilo que só para as necessidades do paiz é exigido ao contribuinte.

Isto assim não póde continuar; não é possivel administrar-se desta forma. Acha urgente uma remodelação nos serviços, porque ha gente de mais. Estamos cheios de directores gerais e de chefes e sub-chefes. (*Apoiados de todos os lados da Camara*).

Ao passo que com o funcionalismo nós gastámos tanto dinheiro, há por esse paiz fóra tantas escolas fechadas. Nao póde ser, repete.

O sr. Domingos Cruz congratula-se com as considerações do sr. ministro das finanças.

O sr. ministro da marinha manda para a mesa, pedindo para entrar imediatamente em discussão, uma proposta concedendo aumento aos oficiais da marinha de guerra.

O sr. Orlando Marçal propõe que conjuntamente com a proposta seja discutida uma outra, a n.º 6494 e apresentada em 12 de Janeiro de 1920 pelo então ministro do marinha sr. dr. Julio Martins e que diz respeito aos sargentos e praças da mesma corporação.

Aprovado, assim como o requerimento do mesmo deputado para que a proposta do sr. ministro da marinha baixe á comissão de finanças.

Entra-se em seguida na discusão da proposta sobre a Agencia Financial estando no uso da palavra, ao fechar este extrato, o sr. Barbosa de Magalhães.

EM VIAGEM

BOAS NOVAS

Um radio recebido hoje de Las Palmas diz o seguinte:

LAS PALMAS, 7.—Os oficiaes e tripulantes do vapor «Inhambane» em viagem para Montevideu, seguem bem e saudam suas familias—«Capitão Camacho».

Faculdade de Letras

Homenagem á memoria dos mestres falecidos

Os alunos da Faculdade de Letras levaram hoje a efeito uma manifestação de solidariedade intelectual e de respeito pela memoria dos mestres falecidos, a qual, sob todos os aspectos, é digna de menção e de louvor. Passando o aniversario da fundação da Faculdade—antigo Curso Superior de Letras—pensaram os actuais alunos em comemorar esse facto recordando a memoria dos ilustres mestres falecidos—como Jaime Moniz, Adolfo Coelho e outros—que, por terem prestado á sua escola o melhor de um vasto saber e de uma inexgotavel boa vontade tanto contribuiram para a engrandecer e tão bem merecem o eterno reconhecimento das sucessivas gerações que por ela passaram.

Depois de duas missas rezadas por alma dos colegas e dos professores mortos e em que foram oficiantes o padre Santos Gradil, aluno do 3.º ano da Faculdade, e o sabio lente dr. José Maria Rodrigues, um grupo de estudantes foi em piedosa romaria, depor flores sobre as campas dos antigos mestres; pelas 16 horas, o dr. Vieira de Almeida, assistente da secção de Historia, recordou sentidamente os nomes e a obra desses mortos ilustres. Apezar de singela, a homenagem dos alunos da Faculdade de Letras é um consolador testemunho de que a afectividade respeitosa e o saudoso e nobre culto dos mortos ainda reside, felizmente, na alma entusiasta e sã da mocidade portugueza.

NOTICIAS DA CAPITAL

PNEUMATICO QUE VOOU.—Se os automoveis andam com uma velocidade vertiginosa, não admira que, os acessorios sigam o exemplo, chegando mesmo a ponto de voar. Foi o que sucedeu com um pneumatico que estava n'uma garage da rua Rodrigues Sampaio, 25, que *voou* d'ali para sitio ainda ignorado. O gerente da garage, o sr. Antonio Augusto Costa, é que não compreendendo como isso pudesse suceder sem ele dar consentimento, meteu a policia no caso, a vêr se se descobre quem foi o *piloto*.

JÁ SE NÃO PÓDE GOZAR A VIDA! —O mez de maio é o mez das flores, o céu é tão azul, o ar tão tepido e perfumado! E com este feitio de meridionaes que todos nós temos, não apetece trabalhar, aqui o dizemos á puridade.

Pois os agentes da autoridade—vejam que foras!—entendem que é isso um crime e, vae d'ahi, o agente Coelho, da 4.ª secção de investigação criminal, encontrando na rua da Gloria, Raul Dias, que andava a *flânar*, convidou-o a acompanhal-o ao governo civil, acusando-o de vadiagem e, ainda por cima, de ser amigo do alheio.

Decididamente, está tudo ás vessas.

COM O CRANEO FRACTURADO.—Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José deu hoje entrada, em estado grave, Antonio Joaquim da Silva, de 60 anos, maritimo e residente na rua do Cura, 12, loja, que caiu da muralha de Santos para dentro de uma fragata, fracturando o craneo.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje, no paço de Belem, o embaixador do Brazil, que o foi convidar oficialmente a ir assistir ás festas do centenario da independencia, e o encarregado de negocios do Chili, que lhe foi oferecer uma medalha de ouro comemorativa do quarto centenario de Fernão de Magalhães, em nome do presidente d'aquela republica.

Entrega de credenciaes

Com o cerimonial do estilo realisou-se hoje, pelas 16 horas, no paço de Belem, a entrega de credenciaes do novo ministro da Servia em Lisboa, sr. Tressitch-Parichtich, trocando-se discursos muito afectuosos e referindo-se o novo diploma a á entrada de Portugal na guerra, o que extreitou os laços entre os dois paizes.

Serviço telegrafico da tarde

A alta da borracha

RIO DE JANEIRO, 8.—Continua a acentuar-se a subida do preço da borracha, registando-se novo aumento de 100 reis em quilograma.—(A.)

Uma bela colheita de algodão

RIO DE JANEIRO, 8.—Segundo informações das regiões algodoeiras a colheita excedeu toda a espectativa e os calculos mais optimistas, tendo sido duma abundancia extraordinaria. Tem-se feito grandes transações especialmente com inglezes e belgas.—(A.)

O centenario de Napoleão na Argentina

BUENOS AIRES, 8.—No dia do centenario da morte de Napoleão 1.º fizeram-se grandes e calorosas manifestações á França.

Houve uma missa no colegio Lassale e á noite realisou-se no teatro Colon uma grande festa a que assistiram os mais altas personalidades da colonia franceza. No centro Naval o general Germandia fez uma conferencia sobre as guerras napoleonicas, o professor Rivarola falou sobre a legislação do primeiro imperio e o professor Ronze sobre Napoleão, como homem do Estado, tendo sido todos trez aplaudidissimos.—(A.)

VIDA SPORTIVA

O Concurso Internacional de Lawn-Tennis

Está despertando grande interesse no nosso meio sportivo, o proximo concurso internacional de lawn-tennis da Primavera que se realisa nos dias 18 a 22 deste mez.

A inscrição de assignaturas de bilhetes começa hoje na séde provisoria do Club Internacional, rua do Crucifixo, 68 1.º.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h.—«Leonor Teles»
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO — A's 21,30 — «Negocios são Negocios».
EDEN-A's 21—«Cerco ao Rei»
AVENIDA — A's 21,30 — «O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Conses.

Touradas

Campo Pequeno. — No proximo domingo virá tourear o valente matador de novilhos Joaquim Monzanares, *Mella*, sendo cavaleiros José Casimiro e Ricardo Teixeira.

O gado é de Emilio Infante.

Quem alvitra? Quem reclama?

Nos armazens reguladores servem-se os «compadres»

Sr. redactor d'«A Capital» — No seu numero de 3 do corrente, dizia alguem, que se assignou *A. M.*, que no armazem regulador da rua das Flores se praticavam verdadeiros escandalos.

E' mais que verdade, infelizmente. Ali atende-se principalmente aos compadres e amigos, e depois da hora regulamentar de fechar, ou seja depois das 17, se se fôr amigo e compadre basta uma leve argolada na porta, para esta se abrir e o *freguez* levar o que muito bem lhe apetece e quer.

Ao sr comissario dos abastecimentos pedimos que ponha côbro a semelhante vergonha.—*J. M.*

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 24:000.000$00
Fundo Reserva Esc. 24:900.000$00

Assemblêa Geral Ordinaria

Por ordem do Ex.mo Sr Presidente da Meza da Assemblêa Geral do Banco Nacional Ultramarino, é convocada a mesma Assemblêa a reunir-se no edificio do Banco, no dia 28 do corrente mez, ás 14 horas, para os fins designados no artigo 24 dos Estatutos.

Lisboa, 9 de Maio de 1921.

O Secretario
da Meza da Assemblêa Geral
(a) *Francisco Mendonça de Sommer*

Guarda Nacional Republicana

Companhia de Trens

Conselho Administrativo

ANUNCIO

O Conselho Administrativo d'esta C. T. faz publico que no dia 22 do corrente, pelas 13 horas, se procederá á venda em hasta publica de um automovel, marca RENALT-50|60 HP., 6 cilindros, 7 logares, fechado, em bom estado de conservação e funcionamento.

As condições do leilão, bem como o referido carro, encontram-se patentes no quartel da referida companhia todos os dias uteis, das 11 ás 18 horas.

Aceitam-se propostas em carta fechada até ao referido dia, que serão abertas na ocasião do leilão, sendo tomada com base de venda aquela que for egual ou superior ao valor arbitrado ao carro pelo conselho administrativo.

Quartel em Lisboa, 2 de Maio de 1921.

O Tesoureiro Interino
José Ferreira Flores

A CAPITAL

3777—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Terça-feira, 10 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Em pleno absurdo

Foi abafado, hontem, na Camara dos Deputados, rejeitando-se a generalisação do debate, a já famosa questão do decreto ministerial anulando aquele que, em 9 de dezembro de 1917, dissolveu o Parlamento então constituido.

Não nos resolvêmos a acreditar que a Camara dos Deputados quizesse, por essa forma, tornar-se solidaria com um acto do governo que, não se querendo considerar uma violencia, s terá de considerar, pelo menos, uma inutilidade. O que a Camara quiz evidentemente foi livrar-se duma discussão que ameaçou tornar-se bizantina, sem que, no fundo, lhe fosse licito des conhecer que o acto do governo não tinha nem tem justificação possivel.

O sr. Bernardino Machado, que foi o paladino do fantástico decreto, não teve um unico argumento serio, ou mesmo sequer habilidoso, para o defender dos ataques do sr. Antonio Granjo. O *leader* liberal disse-lhe que o pensamento geral a que esse diploma parêce ter obedecido perigáva com as proprias condições historicas que se observam no advento a democracia em Portugal. E teve cem vezes razão para o dizer.

O regimen liberal implantou-se entre nós, merce de revoluções e guerras civis, e, triunfante, criou uma força juridica pela propria força das armas. O regimen republicano da mesma forma procedeu.

Seria curioso que amanhã, restaurada porventura, a monarquia constitucional do sr. D. Manuel, ela désse por nulos e revogados todos os actos da Republica que já tivessem surtido o seu efeito. Tentou-o, é certo, Paiva Couceiro, no regimen da Traulitania, mas essa pretensão não foi por ninguem tomada a serio, como nina lar gada que era. Não menos interessante seria que, victorioso o neo-miguelismo de D. Duarte, ele se lembrasse de declarar nulos ou revogados todos os actos da monarquia liberal, e da Republica, fazendo tabua raza dum seculo de democracia e liberdade.

Note-se que estamos falando de modificações radicaes das instituições politicas, e não de sucessos revolucionarios que não alterem a essencia do regimen. Nesse caso, a seguir-se o estupendo criterio do sr. Bernardino Machado, quantas anulações de actos governativos teria sido necessario fazer no periodo do constitucionalismo e agora mesmo na Republica, visto que, tomando para exemplo o caso presente, não é de certo o decreto, dissolvendo o Parlamento, o unico diploma sidonista que o sr. Bernardino Machado reputa ilegitimo.

A verdade é que, em politica, ha sempre o sestro de apreciar os factos só pelo ponto de vista das ideias ou paixões que nos norteiam. Assim, o sr. Bernardino Machado não quer reconhecer a legitimidade duma medida revolucionaria tomada pelos vencedores dum determinado movimento que derrubou um governo da Republica. Entretanto, sem duvida considera legitimo o decreto que dissolveu o parlamento sidonista e que só podia basear-se nas aspirações dos vencedores do momento. O sr. Bernardino Machado, como todos os politicos mais ciosos do predominio do que da logica, tem dois pezos e duas medidas para a apreciação de factos desta natureza.

Mas o governo não podia cometer um acto inutil sem resvalar no ridiculo. Segundo o decreto agora publicado, o parlamento de 1917 devia ser reconduzido a S. Bento. E' o proprio sr. Bernardino Machado que o confessa, alegando, porem, que não valia a pena, porque ele já tinha pouco tempo de existencia legal. E' mirabolante tal afirmação na boca do rigoroso legalista! Então, em reparação do ordem moral, em actos de satisfação ao estatuto constitucional, subordina-se o procedimento a usar a uma questão de mezes, de semanas, ou até, simplesmente, de dias? Uma hora só que lhe faltasse para o encerramento da sua legislatura, o parlamento de 1917 devia reunir, para que a suposta reparação legal se cumprisse, para ele, numa mistificação que seria, como é, um novo agravo. Estamos convencidos de que se fosse ua o ao sr. Bernardino Machado recuperar, por um dia só que fosse, em Belem, a sua cadeira presidencial, de que foi esbulhado por um decreto sidonista, quasi da mesma data, s. ex.ª julgaria não só do seu direito, mas do seu dever, não renunciar a essa reparação pelo seu espirito certamente considerada muito mais feita ao Constituição do que á sua propria pessoa.

Desenganemo-nos. A logica tem os seus direitos de que não abdica, e a opinião publica o seu bom senso que não despreza. Num, uma, nem outra se sustentam com ficções. Em face dum caso como o sidonismo, ou tudo se anula de facto, ou tudo tem de se aceitar como uma realidade inapagavel. E' assim que normalmente se procede quando ha governos que preferem aceitar os factos como eles são a procurar desfigura-los com nabilidades mesquinhas. Já outro dia *A Capital* acentuára que, por se dizer que Sidonio Pais esta numa egreja paroquial, ele não deixa de jazer sob as arcadas manuelinas dos Jeronimos considerados, desde que lá repousam Vasco da Gama e Camões, como o *Panteon* Nacional. Por mais que se queira fazer acreditar que não existiu um periodo sidonista, ou dele nada subsiste, nem por isso a lei da Separação deixa de continuar amputada nas suas exorescencias sectarias, nem de existir uma representação diplomatica da Republica portugueza junto do Vaticano. Faça-se o que se fizer, o que sucedeu não pode deixar de ter sucedido, e até, como nos casos apontados, permanece e continua.

Não se póde iludir a historia. Nem é necessario faze-lo. Aos proprios crimes politicos não se lhes pode desconhecer a existencia. O que podemos é repudia-los, é combate-los. Nós somos republicanos, mas seriamos simplesmente uns loucos se quizessemos persuadir alguem de que a monarquia não teve oito seculos de existencia entre nós, ou se viéssemos dizer que anulavamos os actos que ela praticou. Semelhantes pretensões só se podem admitir como birras de creanças.

No mesmo estilo...

DE

AFONSO LOPES VIEIRA

Animaes nossos inimigos

NOTA:—As caricaturas que aqui se vão fazer não devem ser lidas como prova de menos consideração do auctor pelos caricaturados. Vá este aviso de encontro ás possiveis malquerenças que o caso possa motivar.—*H. R.*

O canario,
Sem mudar de horario,
Faz dias a fio
Pio! pio! pio! pio!
Já de manhãzinha
Mal o sol se avista,
Ele péde alpista
Lá na gaiolinha!
E vendo um talinho
Come sem fastio,
Pio, pio, pio, pio!
Tão devagarinho
Como pequeninos
Sinos!

O mosquito!
Que bonito?
Que harmonia
Noite dia
No zumbido!
E não sabe musica,
Canta d'ouvido!

As baratas
Só andam de gatas,
Não fazem barulho!
Logo á noitinha,
Vão ao entulho
Da cozinha
De léz a léz,
E é um regalo
Ouvir-lhes o estalo
Debaixo dos pés!

Tau! tau! tau!
Que bicho tão mau!

E a pulga?!
Ninguem julga
Que tão pequenina
Ela dê saltos
Tão altos
Que, coitadinha
Embora não pareça,
Póde quebrar pela espinha
E ás vezes parte a cabeça!
Quando o vento
Num lamento
Ruge
Muge
Na janela,
A gente salta da cama
E chama a ama
Que vem logo á caça d'ela!
N'uma arremetida
Faz d'ela uma torcida
E deita-a no brazeiro
Sem dó algum!
Coitadinha
Da pulguinha!
Bicho de mau agoiro,
Dá um estoiro
Que nem um pandeiro!
Pum!

Henrique Roldão

Amanhã dirá... O Homem que passa.

"Florinhas da Rua"

Uma soberba e inesquecivel festa de caridade

PORTO, 4.—Realisou-se na noite de ante-hontem, no elegante teatro de S. João, d'esta cidade, uma brilhante recita em favor da benemérita instituição «Florinhas da Rua». O espetaculo organizado pelas damas da primeira sociedade portuense, elevou-se, n'um cunho nobre e puro d'arte que só intelectuaes sabem e pódem realizar.

Na Cidade Invicta, como em Lisboa, mãos delicadas, mãos de fadas, corações de anjos trabalham e lutam pelo bem: suavizar, a essas pobres florinhas sem lar, a dôr que as consome.

N'um lindo e sentido prólogo, que abria a segunda parte do soberbo espectaculo, dizia em frases repassadas de ternura a sr.ª D. Maria Van-Zeller, referindo-se á protagonista da scena mimica da sua autoria: «tem fome, tem frio e tem mêdo»... para, no final, apresentar, ante os olhos atónitos da pobresinha da rua, o simbólico quadro da Fé, Esperança e Caridade, sublime palavra Caridade doce harmonia que embriaga as almas bôas, que conquista os corações mais duros, que enobrece quem sabe exerce-la!

A festa de Arte a que tivemos a fortuna de assistir é d'aquelas que dificilmente se esquecem. Não era a vulgar de amadores, a que muitas vezes corremos só para mitigar a sêde de fazer bem que sente o coração feminino, não; a festa do S. João era mais, era uma manifestação de Arte pura, elevada e nobre pela harmonia, concepção e criterio da entidade que a organizou e valor dos seus executantes.

As damas, as creancinhas, os cavalheiros que passaram ante os nossos olhos extasiados, nada tinham de amadores, eram Artistas, Artistas na mais estricta e verdadeira concepção da palavra.

Pena é que alguns profissionaes e aqueles que teem este titulo precedido de varios adjetivos laudatorios não assistissem a estas recitas. Talvez que nas suas almas adormecidas despertasse o estimulo... indispensavel ás boas interpretações e reconhecendo a propria inferioridade se dedicassem a estudar, na esperança de igualar os amadores!

Abria o espectaculo um lindo «lever de rideau» de Guy de Maupassant, tradução encantadora de Mayer Garção, repleto de perfume e graça, que nos recordou a manhã de sol.

Interpretes excelentes, de dicção correcta e clara, imprimindo-lhe relevo, foram a snr.ª D. Isabel d'Almeida Coutinho e Lemos (Seixo) e o sr. José Cyrne.

A segunda parte preencheu-a «O Sonho, da pobresinha», um quadro de mimica encantador. A scena, artisticamente ornada, representava um jardim com estatuas vivas; adoraveis creancinhas em lindas «poses»; mais que estatuas nos pareceram flores; surge então a pobresinha, Mlle. Maria Carlota Noronha de Campos, bela intuição d'artista, que nesse jardim encantado treme, adormece e sonha. O quadro dá-nos n'esse momento a impressão real da dôr amparada pelas mãos bemfazejas de muitos anjinhos e de mulheres de coração de ouro. Imaginem os leitores 61 creanças, de varias edades, desde os quatro anos, em deante, lindamente «de guisées,» umas «pierretes» e «pierrots», outras com cabeleiras empoadas, dançando minuetes, esvoaçando em ondulações ritmicas e fluidas, quaes avezinhas, vozes limpidas entoando coros e uma apotheose final de grande efeito, onde tres lindas damas representavam a Fé, a Esperança e a Caridade, e terá uma palida ideia do que foi esse lindo quadro mimico.

A ultima parte, composta de coros japonezes, maravilhou-nos, o mais exigente espectador se teria extasiado. Formosas senhoras, ostentando vistosos kimonos, cantavam alegres coros, em inglez; a scena cuidada com fino gosto, iluminada a balõesinhos, produzia lindo efeito.

M.me Cyrne, que já aplaudiramos com entusiasmo em Lisboa, cantou tambem em inglez, com muita arte e bela voz, duas canções de soberbo efeito. Mrs. Florence Charles igualmente brilhou, pelo «charme» que derrama de toda a sua pessoa, elegantissima; disse e dançou de forma a mostrar claramente possuir um temperamento notavel de artista. Mr. Bruns Cowan deu sentimento a uma interessante canção.

Os cavalheiros formavam, com as sedutoras geishas, grupos vivos, animados, briosos, desse brio que infelizmente os coristas profissionaes nunca poderão possuir! Que belo seria o teatro assim! Que soberbas companhias se poderiam organisar com os amadores de Portugal! E... leva-los por esses mundos fóra, mostrar com orgulho que neste velho e pequenino paiz ha muita intelectualidade, muita intuição, muita arte nobre e elevada!

Sonhos... sonhos. Perdoem-me, ilustres senhoras, perdoem á artista que anhela, pelo grande amor que professa á sua patria, eleva-la perante as outras nações. Enviamos a todos os notaveis interpretes da bela recita os nossos aplausos mais sinceros que a todos envolve; mas principalmente merecem a nossa admiração e felicitações as organisadoras de tão brilhante festa, as ensaiadoras e ensaiadores e todos os que, com abnegação e altruismo admiraveis, souberam obter taes resultados, que os devem orgulhar e que são gloria de Portugal.

Maria Judice

NOTAS FALSAS

Anuncios

Não sei quem, disse que na pagina de anuncios de um jornal está a vida escrita e detalhada de um povo. Eu, e uma coisa que muito gosto de lêr, quando tenho vagar, são as paginas de anuncios.

N'elas se sabe quem empresta a juros e quem precisa de uma carroça, quem não tem creada e quem se quere ver livre de uma casa. Analisar com preceito uma pagina de anuncios é ficar conhecendo o grau moral e intelectual d'uma cidade.

Lá vemos o «cavalheiro respeitavel» *que pede quarto e comida em casa de familia honesta,* a ama chegada da provincia *que deixou o filho a contas com a boroa de milho para vir armada em leiteira ambulante, vender o sustento legitimo do petiz por uns vintens mensaes e lá temos a* Rosa murcha *dizendo ao* Cravo silvestre *que não vae ao dentista provar o chapeu e por isso lhe envia muitos b. em 1 do 5 de 1921.*

Ha sobretudo uma classe de anuncios que sempre me faz sorrir. São aqueles de «Senhora honesta *pede um emprestimo com urgencia a pessoa de respeito». Se a maldade humana não fosse propensa a fazer uzo de todas as armas, eu teria a ingenuidade de perguntar o que tem a honestidade de uma senhora com o dinheiro de uma pessoa de respeito. E o mais engraçado é que me informam que, a estes anuncios, ha sempre quem responda e quem d'eles aproveite.*

Ha dias, li um em que uma «Menina» absolutamente seria se oferecia para casamento por se encontrar em circunstancias afilitivas. Se bem que isto de matrimonios seja esparrela em que poucos caem devido á falta de subsistencias e á abundancia de meninas absolutamente honestas *não me dava de apostar que por estas horas já a anunciante deve ter sentido algumas melhoras nas* circunstancias aflitivas *porque sempre lhe apareceu um leitor constante que a pôz no segundo estado.*

Ora isto faz-me lembrar que talvez eu tambem possa tirar resultados do processo e por isso aqui deixo á luz da estampa o seguinte

Anuncio

Homem, de vinte e oito anos, com um metro e setenta e cinco de alto, sem defeito, em estado de novo, oferece-se para casamento com menina rica e prendada. Não se importa de ir para fóra. Resposta a este jornal a

Henrique Roldão.

Tenente coronel Freitas Soares

Demos hontem, resumidamente, porque o espaço e o adeantado da hora nol-o não permitiam fazer d'outra forma, a noticia da posse do novo director de Aeronautica Militar.

Hoje acrescentaremos que melhor não podia ter sido a escolha para tão importante cargo. O tenente coronel sr. Freitas Soares é um oficial disciplinador com uma larga folha de serviços, e um entusiastico propugnador da aviação. Mercê de todos estes predicados, de esperar é que a aviação tome sob o seu impulso uma nova fase, a que é preciso mesmo que tome para honra do exercito portuguez.

Ao ilustre oficial apresenta *A Capital* os seus cumprimentos.

O 14 de Maio

No Centro Escolar Democratico «Antonio Luiz Inacio»

Para solemnisar o 5.º aniversario da fundação deste Centro e a data gloriosa de 14 de maio realisar-se-hão no proximo domingo brilhantes festas comemorativas, para as quaes foram convidadas outras agremiações.

A's 15 horas haverá uma sessão solemne na qual farão uso da palavra distintos oradores.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

FE ACONDICIONADA

Santa Barbara quando faz trovões. Deus em tempo de inverno. — —

Seria interminavel esta secção dos nossos estudos, se acaso tiveramos o intuito de colecionar tudo quanto em materia de anexins existe no nosso riquissimo patrimonio tradicional a demonstrar o movimento de reacção que surgia na consciencia popular contra as arbitrariedades da intolerancia religiosa em Portugal imposta violentamente com o caracter do mais repugnante fanatismo.

Neste violar metodico das consciencias com a ameaça dos horrores do Inferno e das penas do Purgatorio, o ser humano assumia um aspecto de estranha psicologia, feita de terror, hesitação, sofrimento e medo.

A duvida, porém, ia automaticamente germinando, e de boca em boca se transmitia a crença de que quem em todos crê, erra, e quem a nenhuns, acerta.

Com este preceito que se fez proverbio, abriu-se a porta á descrença, criou-se a heresia intima, concentrada, latente na consciencia que, em adagios adequados, exteriorisava a revolta disfarçadamente para se furtar ás iras do Santo Oficio.

Ficou assim inaugurado o periodo da hipocrisia que até hoje nunca mais nos abandonou.

Creara-se uma casuistica especial entre o sério e o jocôso, mal disfarçando a nascente desconfiança do poder da intervenção divina.

«Só lembrar de Santa Barbara quando faz trovões» dá a ideia de uma fé mercenaria, uma especie de contrato bi-lateral entre o profano e o sagrado, mediante condições reciprocamente convencionadas.

«Rogar ao Santo até passar o barranco» tambem é proverbio antiquissimo, correlativo dest'outro:

«O rio passado, o Santo não lembrado».

Era doutrina corrente que, emquanto ha saude, quedos estão os Santos.

Nem sempre o fervor religioso dos navegantes tinha tanta intensidade como ás vezes se pretende inculcar:

—«Se queres aprender a orar, entra no mar». (1)

No seculo XVIII encontramos um outro conceito identico, a demonstrar que era ainda e sempre o interesse o principal regulador da Fé. Resava do seguinte modo:

— «Quando o Cossairo promete missas e cera, por mal anda o galeão.

Tudo isto revela um afrouxamento de Fé a invadir as consciencias mais confiantes.

—Não ha que fiar em Deus em tempo de inverno! ainda hoje não falta quem diga.

Deante da ameaça de uma intriga, ou de qualquer perturbação de ordem moral ou material, logo os do Minho profetisam ironicamente: — lá cae o sino e o sacristão! — envolvendo n'esta frase um sarcasmo deveras revelador.

Cá ao sul diz-se zombeteiramente: —Olhe não caia algum Santo do altar a baixo!

Emfim, «tão bom é Deus como o Diabo» costumam os filhos do povo dizer nas suas horas mais mal humoradas.

A este proposito se conta uma anedota, que, ainda mesmo que não seja inteiramente verdadeira, será sempre bem achada, como dizem os italianos.

Tral-a-hemos para aqui, reduzida á sua maior simplicidade, por distrahir do pezadelo de tão heresiarcas citações.

Foi o caso de alguem que atravessava uma tosca ponte de páu, mal posta e pouco solida.

Receioso de uma possivel desgraça, ou porque a ponte desse de si, ou porque ele proprio pudesse perder o equilibrio na estreiteza d'aquelas mal postas taboas, ao sentir-se pouco á vontade, pé aqui, pé acolá, ia monologando:

—Deus é bom, mas o Diabo tambem não é mau.

Assim, porem, que acabou de passar a perigosa ponte, e dissipado o risco da travessia, logo se empertigou, e disse, já muito senhor de si, e em termos de fanfarronice:

—Ora adeus, tão bom é um como o outro.

Esta já velha historieta contem em sintese toda a psicologia religiosa inherente ao povo portuguez.

Com efeito, ainda hoje em dia, os proprios catholicos, os mais devotos mesmo, de quando em quando não hesitam em confessar que o Diabo não é tão feio como o pintam.

Ladislau Batalha.

(1) Registrado por Antonio Delicado.

A seguir um estudo sobre origens e significado historico do antiquissimo adagio **Roupa de Francezes.**

AUTENTICAS

As Florinhas da Rua e as Florinhas das Salas

A maior parte da gente vive em plena barbarie. Nutre-se de sentimentos herdados e, espraiando-os pelas multidões, sem consciencia clara do seu feito, torna-se em agente de muita infelicidade.

Quero falar-lhes da festa que no sabado se realizou no jardim da Estrela. Trata-se de arranjar dinheiro para *As florinhas da rua.*

Mas quem são as Florinhas da rua? Creanças descalças e andrajosas, mal alimentadas e doentes que o amor livre atirou ás lobregas vielas de Lisboa.

Quem lhes oferece a esmola? Senhoras a quem coube na lotaria da vida os regalos maximos da civilisação.

Para mim, porem, como critico e como filosofo que acha ambos os grupos interessantes, ha todavia uma interrogação tremenda:

Se eu não levaria á paciencia que *As florinhas da rua* quizessem apear *As florinhas das salas* de seus regalos e grandezas, como tolerarei que *As florinhas das salas* venham propôr-se a altear *As florinhas da rua* da sua sagrada miseria?

Eu bem sei que é lindo o logar comum dos crónistas da moda, pintando os anjos da caridade a cobrirem com as suas azas rutilas de diamantes e engrinaldadas em flôres caras esses tiritantes e infelizes bocadinhos de nós mesmos, da nossa raça, que povôam as calçadas, anémicas e magrecentas.

Mas tudo isso é velho como as fadas e as princezas das lendas, e a humanidade tem mais alguma coisa a esperar do seu longo e interminavel existir do que a repetição constante da mesma teatralidade.

Alem disso, aquela doce religião que inventou a caridade nunca lhe creou o tipo material. Talvez não reparassem ainda.

Não admira: não se pode ver tudo para alem dos aspectos.

Cristo só fez bem aos espiritos. Consolo dos tristes, mas consolo espiritual.

«Sinite parvulos venire ad me».

E as crianças rodearam-no felizes; mas não consta que lhes desse fatos novos, domingueiros, nem codeas macias a roer.

Não, que elle era grande e sabia o que dizia e executava. O seu reino não era cá, neste mundo, e o bem-estar, as grandezas da terra só tinham para elle o contra de aliciarem ao pecado, ao vicio, á maldade.

Tolstoi, o purista neo-cristão, viu-se a braços com uma terrivel contradição, porque não entendeu a caridade cristã. Teve de a negar, no seu livro *La Ressurection*, como contraria ao aperfeiçoamento moral.

Nesse livro os favorecidos pela esmola perdem a simplicidade,—paradisiaca ventura, para se transformarem em verdadeiros monstros sociais.

As almas de pouca elevação abateram o conceito e, em vez de acudirem aos espiritos do infortunio, para que o saboreiem como uma prelibação celeste, inventaram esta coisa comoda de lhes tratar dos corpos. Não sabendo leva-las á perfeição, á felicidade na desgraça, o que seria uma grande obra, contentam-se em lhes minguar a miseria.

A pobreza dos crapulosos contrapõem a pobreza dos seus espiritos e, a ser eficiente o seu gesto, quantas figuras biblicas teriam sido sacrificadas ao egoismo e á ostentação dos dadores em todos os tempos!

Ah! que, se eu fosse *Florinha da Rua*, nunca lhes perdoaria o virem bolir com a minha indigencia, que teria, pelo menos, tanto caracter como a sua abastança.

Não haverá meio desta gente se capacitar de que o mundo seria um enorme pesadelo, se só houvesse ricos e remediados; que os pobres, os nómadas, os tarados, teem tanta razão de existencia e talvez mais interesse do que os cerebros gordorosos ou excitados que os não compreendem?

Eu bem sei que este meu rugido yokannahanico, solto do fundo da minha cova, na Parede, não grangeará acolitagem.

Ficará só como todos os gritos da verdade.

Os proprios que me levaram a proferir o anatema, me negarão tres vezes antes do cantar do galo vespertino. Subornados pela irresistivel fascinação das salas e do joiame, acabarão por me condenar o lance; mas que importa, se, na solidão da tarde, ouvindo o mar, eu tive dois companheiros augustos neste meu protesto, — a Natureza dos pensadores, a Providencia dos crentes, a convocarem as chuvas, a fazerem em charco o logar dos folguedos?

A que distancia vai já da piedosa instituição educativa do sr. Arcebispo de Mitilene e da sr.ª D. Mariana Soveral essa baralhada da Estrela, com fifias diplomaticas e vagidos nacionais. Até os passaros, acostumados áquele remanso frondoso, se julgaram em perigo.

A verdadeira caridade é a que ensina a olhar com simpatia para o sofrimento proprio; é aquela que nos guia na construção, dentro de nós, duma trincheira feita de dôr, mais altiva e forte do que o orgulho edificado pelo prazer.

D. Thomaz de Noronha.

Uma velha aspiração da Hespanha

Trata-se de conseguir a liberdade de pesca nas aguas territoriaes portuguezas.

O meu ilustre comprovinciano, deputado pelo Algarve sr. Estevam Aguas, ocupou-se hontem no parlamento de um assunto que muito interessa á economia do paiz: a questão da pesca, feita pelos hespanhoes, em aguas territoriaes portuguezas. E' uma questão que se tem debatido n'estes ultimos anos e que vae ser ventilada de novo n'um Congresso em Santander a que devem assistir delegados portuguezes.

Vamos tratar resumidamente dos antecedentes e do estado actual das pretensões dos nossos visinhos á liberdade de pesca nas aguas portuguezas.

Em 1915 suscitou-se uma questão importante entre Portugal e Hespanha acêrca das nossas aguas territoriaes. A nossa visinha pretendia, que fossem comuns para a industria da pesca dos portuguezes e hespanhoes as aguas desde o cabo de S. Vicente ao de Trafalgar e do cabo Mondego ao norte da Galiza.

A Hespanha, n'este proposto regimem de comunidade, tinha em vista apanhar o peixe, que abunda nas nossas aguas, dando-nos em troca agua salgada sem peixe.

A proposta hespanhola era inaceitavel, por ser um desastre para a nossa industria de conservas. A questão foi debater-se n'uma conferencia de pesca realisada em Madrid, na qual os nossos representantes fizeram valer os nossos direitos. A Hespanha foi levada a reconhecer que a sua pretensão era indefensavel, por ser profundamente ilicita.

Já decorreram cinco anos desde que os nossos delegados em Madrid conseguiram arredar a ameaça que se preparava, para serem permitidas as incursões dos hespanhoes nas nossas aguas territoriaes. E até agora ainda não se legislou convenientemente, para se reprimirem os abusos cometidos diariamente pelos pescadores hespanhoes. Eles aparecem constantemente e apesar dos incansaveis esforços da nossa marinha de guerra ao serviço da fiscalisação, levam-nos mais peixe do que vem para Portugal.

Governo, associações comerciaes e industriaes, autoridades maritimas, comissão central de pescarias deviam já ter planeado, sugerido quaesquer medidas, para se fazer pôr de parte a ideia da doutrina da comunidade de aguas para o livre exercicio da pesca. E para lamentar é o facto que se dá com os hespanhoes encontrarem toda a benevolencia perante delictos, que quando cometidos por portuguezes encontram penalidades severas e rigorosas.

E, assim, um portuguez que infrinja os regulamentos de pesca tem, pela primeira vez, a detenção, por quinze dias, dos seus barcos. Se reincide, o castigo dura por toda uma temporada de pesca. Pois os hespanhoes, quer transgridam, uma ou mil vezes, pagam uma pequena multa, hoje irrisoria pela diferença cambial, e são detidos por algumas horas, apressando-se as capitanias a despacha-los com a maior brevidade.

Em vista da nossa inercia em Hespanha tomou-se alento para uma nova tentativa de se conseguir a liberdade de pesca contra os nossos interesses. Sabe-se que no congresso que se vae efectuar em Santander vão ser debatidas questões importantes relativas á pesca. Fortes interesses espanhoes estão sendo movidos para se alcançar a conquista da pesca livre em aguas territoriaes portuguezas. Se a Espanha sair triunfante d'esse Congresso, impondo a sua vontade, para ver realisada a sua velha aspiração, será para nós uma calamidade de consequencias muito funestas.

Um nosso colega do «Correio do Sul» declara que por detraz do citado Congresso se urde um trama especial, para enfraquecer no nosso paiz, o movimento de reacção. Renovaram as pretensões espanholas, com uma ofensiva no sector do Algarve. A Espanha prepara-se para arrancar desse «urgente» e «especial» Congresso, em nome de especiosas conclusões scientificas, o voto terminante de que a pesca deve ser livre, para portuguezes e espanhoes, desde o Cabo de S. Vicente ao de Trafalgar.

Se isto se conseguir vae-se vibrar um golpe na capacidade productora, na riqueza economica de Portugal. Vae-se causar a ruina de uma das poucas fontes de riqueza com que se tenta o equilibrio da nossa balança comercial.

Trata-se de uma questão grave; não se pode alegar ignorancia acerca do golpe que se procura vibrar. Os antecedentes e os manejos actuais, que se estão pondo em pratica, levam-nos a estar alerta. Os mais altos e sagrados interesses nacionais exigem que em nome do direito e da justiça se oponha ao plano que se esboça uma reacção intransigente, viva, indomavel, que faça recuar os que animam as ilicitas pretensões espanholas.

J. Correia dos Santos

Theatros e Cinemas

A Critica das criticas

APOLO—Porto, tantos de tal

Nota-se realmente uma unidade de vistas na critica; nem podia deixar de ser. Quando uma peça é boa todos dizem bem, e quando é má todos dizem mal, excepto os que teem medo de o dizer ou receiam susceptibilisar amizades e arranginhos.

Vejamos da revisia do Apolo o que dizem os jornais.

Acacio de Paiva nota:

«que as scenas dos dois actos não têem ligação mas como são alegres e vivas, agradaram.»

Cristovão Aires rubricando a sua critica no «Diario de Noticias», porque diz bem, escreve:

«A peça é repousante. Faz sorrir, quando uma vez ou outra um dito feliz a não corôa com uma gargalhada. Fere aqui e além notas sempre do agrado das plateias».

Antonio Ferro, no «Diario de Lisboa», diz:

«Tem graça, tem mocidade, tem movimento. Os seus autores compreenderam, e muito bem, que as revistas pertencem mais á Dança do que ao Teatro... Para ser boa, uma revista deve ter o andamento dum «fox-trot.»

Noel, na «Vanguarda», confirma:

«Especialmente o primeiro acto, evidentemente o melhor, possue todos os requesitos, aliás dificeis de juntar na maioria das vezes, para obter o exito que alcançou.»

Mario Bonança, no «Jornal do Comercio, põe nos devidos termos os elogios:

«Não deve depreender-se do que deixamos dito, que a peça seja uma impecavel maravilha, mas o que afirmamos é que é das melhores que no genero teem subido á scena nos ultimos tempos.»

No «Tempo», Lorjó Tavares escreve:

Poderia chamar-se-lhe uma revista eletrica. As scenas, os episodios, os numeros, as figuras sucedem-se fugazes como miragens de sonho, saltitantes, numa roda viva, escoam-se precipitadamente, toucados de brilhos, de granciosidade, mal deixando que na retina e na memoria se fixem os arabescos da fita e os ditos que a esmaltam.

Jaime Vitor no «Correio da Manhã»:

Mas o que a revista tem, sobretudo, é um grande poder de analyse, um gosto apurado na escolha dos acontecimentos que perpassam, leves toques de finura e observação sobre os que mais avultam.

E' desnecessario transcrever o parecer dos restantes. A bitola é a mesma. Todos falaram verdade afinal. Para o desempenho tambem foram geraes os louvores, como todos viram a apoteose do 2.º acto a pedir... substituição.

O Gato preto

Noticiario

Entre nós

E' estemporanea a noticia dada hoje no «Correio da Manhã» sobre uma revista do nosso colaborador Armando Ferreira que realmente foi convidado a escreve-la, sem compromissos.

—A tradução do «Simone de Brieux» que sobe á scena para a semana, no Nacional, em festa artistica de Ilda Stichini é do Dr. Horta e Costa.

—Parece destituida de fundamento a noticia que hontem o «Mundo» dava sobre o «Conselho de Arte Teatral». O «Correio da Manhã» chama-lhe «forma original de ferrar o dente no sr. Dr. Julio Dantas».

—Abreu e Souza e Ascenção Barboza auctores do «Trolaró» estão trabalhando numa fantazia revista «Colombine» que subirá á scena no Porto, no «Nacional», a seguir á revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barboza.

—A companhia Satanela Amarante vae levar em Lisboa, no principio da epoca de inverno uma adaptação da celebre «Phiphi».

—A companhia Palmira Bastos inaugurará os seus espectaculos dentro de 15 dias.

—Subiu hontem á scena no Sá da Bandeira do Porto «O Emigrado» em 4.ª recita de assinatura, as restantes foram preenchidas pelo «Thermidor», «O Grande Magico» e «Primeira Causa». O «Thermidor» foi proibido de ser representado pelas autoridades afim de evitar manifestações.

—A «bombonière» que tem sido anunciada nos jornaes vae ser construida por iniciativa de Lino Ferreira. Mas outra surpreza ainda se espera para breve..

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — As 21 h.—«Leonor Teles»
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO — A's 21,30 — «Negocios são Negocios».
AVENIDA — A's 21,30 — «O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

Salão Central

Jack, coração de leão

Os dois primeiros episodios desta esplendorosa pelicula; intitulados *A luva vermelha* e *Os lobos nocturnos*, despertaram um tal interesse no publico, que se tem sucedido as enchentes, como raras vezes se tem visto.

E é justo o seu exito, não só pelas novidades que o famoso *film* apresenta, como pelo seu desempenho, a cargo da eminente actriz Ana Little e do distinto e valoroso actor Jack Hokie.

Aventuras, passagens cheias de audácia, verdadeiros actos de heroismo; aspectos surpreendentes, scenas emocionantes, emfim, um conjuncto de maravilhas que subjugam por completo o espectador.

Ambos estes episodios figuram no programa desta noite, o que é uma boa noticia para os nossos leitores.

Para a matinée de amanhã anuncia a empreza a estrêia do terceiro episodio, *A pista perigosa*, que nos garantem ser a ultima palavra da fotografia animada.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Presidencia do sr. Abilio Marçal, que abre a sessão depois das 15 horas. Leem-se a acta e o expediente. A's 15,30 ainda não ha numero para os trabalhos poderem prossoguir.

Cinco minutos depois, o sr. Eduardo de Souza pede a palavra para um negocio urgente. E'-lhe concedida, pelo que mandou então para a mesa projecto revogando um outro com o n.º 1158 de 30 de abril ultimo sobre varias vantagens concedidas aos militares de terra e mar por serviços prestados em 5 d'Outubro.

Entra em seguida em discussão a proposta do sr. ministro da guerra alterando o decreto da amnistia aos oficiaes e praças do C. E. P.

Falam sobre o assunto os srs. Plinio Silva, ministro da guerra e Orlando Marçal, que, em seu nome e no do deputado Afonso de Macedo, manda para a meza um artigo novo respeitante a infrações e penas disciplinares de oficiais e praças do pret, que justifica. São depois aprovadas as seguintes alterações da proposta:

Art.º 1.º—São eliminadas da lei 1146 de 9 de abril de 1921 as seguintes palavras:—«com exceção dos previstos nos artigos 69.º a 80.º inclusive e no § 1.º do artigo 82.º», que foi proposto pelo sr. Plinio Silva.

Artigo novo: «São abrangidos pelas disposições desta lei os funcionarios civis e os militares que tenham sido castigados até 13 de janeiro de 1919, sendo-lhes trancadas e tornadas de nenhum efeito as punições disciplinares desde que provem ter defendido a Republica no periodo insurrecional monarquico do norte e Monsanto em janeiro de 1919», proposto pelo sr. Orlando Marçal.

O «Proponho que se substituam os numeros romanos do art.º 1.º da lei 1145 pelos seguintes: V, VII, VIII, X, XI, XII», mandado para a mesa pelo sr. ministro da Guerra.

Novo artigo:—«Fica revogada a legislação em contrario», proposto pelo sr. Plinio Silva.

Em seguida o sr. João Gonçalves mais uma vez se referiu ao caso dos trigos e da campanha que um funcionario superior do ministerio da agricultura lhe tem movido. Como fossem horas de se passar á ordem do dia, o orador termina rapidamente as suas considerações prometendo voltar ao assunto.

O sr. Arlando Marçal, em negocio urgente, pergunta á meza porque não entrou ainda em discussão o seu projeto sobre a amnistia.

O sr. presidente promete pol-o ámanhã em discussão.

E' em seguida posto á aprovação o projecto do sr. Eduardo de Sousa que revoga o decreto n.º 1.158.

Ficou a votação empatada, pelo que será novamente posta á aprovação.

No Senado

Abriu a sessão á hora regimental. Não estava presente o chefe do governo.

O sr. Velez Caroço agradeceu a sua eleição para o governo de Timor.

O sr. ministro das colonias pediu que se sobreestenha na eleição do major Curado para o governo de S. Tomé. Assim foi resolvido.

O sr. Julio Ribeiro pediu que se pordoasse as contribuições á povoação de Raigada (Beira Baixa) assolada por tempestades.

O sr. ministro das colonias prometeu recomendar o caso ao seu colega das finanças.

O sr. Sousa Varela apresentou um projecto, que obteve urgencia, autorisando os assalariados a trabalharem mais duas horas.

O sr. Rodrigo de Castro declara que teria votado a proposta de lei da amnistia.

O chefe do governo não compareceu.

Foi votado o projecto de lei sobre a rede complementar dos caminhos de ferro e seus respectivos estatutos.

Varios projectos voltaram para as comissões.

Entra depois em discussão o pertonce ao n.º 808 (oficiaes milicianos). Usam da palavra os srs. generaes Silveira e Hipolito.

A sessão continúa.

Linha ferrea Setil-Peniche

Para se tratar da construcção da linha ferrea Setil-Peniche, melhoramento que interessa a uma vasta região e cujos beneficios seriam enórmes, realisa-se na proxima segunda feira, pelas 17 horas, na camara municipal das Caldas da Rainha uma reunião de todas as entidades interessadas na construcção d'essa linha, reunião que promete revestir grande importancia.

Conferencias

Depois d'amanhã, na séde do Gremio do Professorado Primario, rua Eugenio dos Santos, 175, realisa o tenente sr. Saldanha Carreira uma conferencia sobre «O esperanto debaixo do ponto de vista pedagogico».

Cruzador «Pittsburgh»

Saiu hoje para o alto mar este navio de guerra americano, que ha dias se encontrava no Tejo.

Carroceiro ferido a tiro

Perto da estação do Rocio travaram-se esta tarde de rasões André Mateus, de 27 anos, carroceiro, morador na Vila Alegre, 2, (ao Alto do Pina), com um individuo conhecido pelo «Antonio das Cebolas», proprietario de carroças, morador na quinta dos Apostolos, (ao Alto de S. João).

A contenda foi originada, ao que parece, em questões de trabalho.

O carroceiro ficou ferido com um tiro na cara, pelo que foi operado no hospital de S. José e o agressor foi preso.

O perigo das congregações religiosas

Um manifesto do Gremio Montanha

Com o titulo «Aos liberaes» acaba o Gremio Montanha de distribuir profusamente um manifesto, em que chama a atenção de todos os liberais para os manejos da seita jesuitica. São desse manifesto os seguintes trechos:

«As congregações religiosas, verdadeiras agencias da «seita negra», apresentam-se sob variadas formas, usando de nomes diferentes.

Em Braga, é o colegio dos padres do Espirito Santo um dos principaes baluartes da ordem jesuitica. Noutras terras são os hospitaes, os asilos, as escolas e as créches que estão nas mãos dos jesuitas. Em Caminha e nos Arcos, existem colégios de freiras. Em Coura e em Ponte de Lima ha egualmente colegios de freiras. No asilo de Gandarinha, em Cascaes, tambem existem freiras. Em Valença do Minho, entram todos os dias freiras hespanholas, vindas de Tuy, disfarçadas com trajes domésticos, para ensinarem as creanças da vila e dos arredores. Em Lisboa e no Porto teem os sectários de Loyola numerosas casas congreganistas. Em muitos pontos do paiz professa-se clandestinamente. Nos vários antros da «seita» comprem-se votos religiosos e tomam-se os graus de Postulantes, Irmãos Coadjutores, Irmãos Escolasticos, etc.

Todas as congregações teem os seus Superiores ou Provinciaes, que residem atualmente em Portugal.

O ensino dogmatico e congreganista, que envenena o cerebro das pobres creanças, é ministrado em todas as sucursaes da Ordem, as quaes se encontram espalhadas pelo paiz.

Como se tudo isto não bastasse, criam-se organizações novas, taes como a «Ala de Santa Izabel», composta de senhoras devotas da nossa primeira sociedade, para fazerem a propaganda da seita. E, com verdadeiro pasmo, assiste-se á formação da «Cruzada do Nun'Alvares» onde se encontram, juntamente com padres, conegos e bispos, monarquicos militantes e, até, republicanos!

Pois, essa Cruzada, verdadeira salada russa de elementos eterogéneos, pretende salvar a Patria com a evocação dum santo que morreu ha muitos seculos, com missas, vérzas e indulgencias!

....

Todas as forças da Reacção estão dispostas, ja em linha de combate para metralharem a Liberdade e a Republica.

E' deveras alarmante o que se está passando. Não podemos acreditar, nem mesmo admitir, que o Estado, que deve ser neutral em materia religiosa, tenha caido nos braços da Egreja Catolica. Mas, a inércia dos governantes tem dado motivo a lamentaveis comentarios que urge desfazer.

A Republica Portugueza não póde, nem deseja emparceirar com certas republicas da America do Sul, que de republicas só teem o nome, visto que são simples oligarchias reacionarias e jesuiticas.

Os liberaes portuguezes não querem frades, nem freiras, nem irmãs da caridade. Não consentem na existencia de Missões coloniaes, nem de casas religiosas permitidas pela lei, sem uma rigorosa e permanente fiscalisação. Finalmente, não toleram a interferencia da Egreja em nenhum acto de vida civil.

Liberaes de todos os campos e de todas as nuances, alérta! Que cada um ocupe o seu posto porque é preciso pugnar, desde já, com altivez e desassombro, pelo ensino laico nas escolas e pela Supremacia do poder civil. Que o nosso grito de guerra seja este, e só este:

Abaixo a nefasta e tenebrosa Companhia de Jesus!

Viva a Liberdade!

Viva a Republica!»

Poeira da Arcada

Reclamações operarias

Estava aprazada para hoje, ás 13 horas, uma entrevista entre o sr. ministro da marinha e uma comissão do Sindicato Unico dos Operarios da Construção Civil. Como, porem, o sr. Fernando Bredorode não estivesse a essa hora no ministerio, a comissão voltará a procural-o depois d'amanhã.

Noticias da Capital

A'S VEZES VOLTA-SE O FEITIÇO.. —Os papalvos são muitos, é facto, mas ás vezes os cavalheiros que lançam mão do «conto do vigário» para enganar o proximo dão com gente mais fina do que eles. E então lá se vae o «negociosinho» por agua abaixo. Foi o que sucedeu com um «respeitavel» individuo de nome Alfredo dos Santos, morador no beco das Cruzes, 11, loja, que teve a infelicidade de ser preso ao tentar «vigarisar» a bonita quantia de 1.800$00 a Domingos José da Cunha, morador na calçada da Tapada.

Se ele mora no beco das Cruzes, cruzes, canhoto!

QUEM O ALHEIO VESTE... — Já se não póde uma pessoa apresentar com decencia. Irra, que é demais!

Ora imaginem que Alfredo—tantos Alfredos, hoje—de Souza Martins, residente na rua do Arco do Marquez do Alegrete, 68, 1.º, quiz mudar de fato, mas como os alfaiates levam couro e cabelo pela mais simples andaina, foi-se a casa de Feliciano Henriques, na rua do Bemformoso, 124, 3.º, e ele ahi vae com algumas peças de vestuario.

O resultado é facil de prever. O legitimo proprietario não gostou... e o Alfredo está a estas horas carpindo as maguas n'um calabouço do governo civil.

QUEM O MANDA TRAZER TANTO DINHEIRO? Isto de se trazer muito dinheiro comsigo, se é ás vezes conveniente, tambem tem inconvenientes. Que o diga João Alves Barroso, da rua das Olarias, 41, cave, que viu desaparecer-lhe do bolso, sem saber como nem aonde, uma carteira recheiada com a bonita quantia de 600$00. Foi um ar que lhe deu.

FURTO

Bilhetes de tesouro ao portador

N.os 79779, 79780 e 79781

Previnem-se todas as casas bancarias e o publico em geral, que foram furtados os bilhetes acima referidos, do montante de dez mil escudos cada, afim de não serem transacionados ilegitimamente o ser detido quem o pretender fazer.

A queixa está entregue á policia de investigação de Lisboa, para onde tudo deve ser comunicado. Gratifica-se.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 10. — Uma alta personalidade do Quay d'Orsay declarou ao «Eclair» que qualquer ação das tropas alemãs sobre a Alta Silesia constituiria uma violação do tratado de Versailles e seria considerada como um «casus belli» pelos aliados.—(H).

LONDRES, 10.—Informa o «Daily Cronicle» que os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros reunem hoje, sendo provavel que peçam para se encontrarem novamente com os ministros. Vinte mil operarios electricistas puzeram-se em gréve em vista da divisão que se deu na Federação dos electricistas motivada pela oposição a qualquer redução de salario.—(H).

LONDRES, 10.—O coronel Harvey, novo embaixador dos Estados Unidos em Londres, que representará a America no Conselho Supremo, é esperado hoje n'esta capital.—(H).

LONDRES, 10.—O «Daily Express» julga saber que em diversas reuniões dos partidos da coligação em Berlim foi decidida a aceitação das condições estipuladas no «ultimatum» dos aliados.

Será formado um governo favoravel a essa aceitação de que o sr. Stresunau será o novo chanceler.—(H.)

JERUSALEM, 10.—Tem-se produzido ultimos dias novos tumultos entre judeus e musulmanos. (H).

LONDRES, 10—A Federação dos operarios de Transportes e o Sindicato de Ferroviarios publicaram um manifesto convidando todos os filiados a recusarem-se a carregar, descarregar ou tripular navios que transportem para Inglaterra carvão extrangeiro. (H).

PARIS, 10.—A proposito de uma comunicação de Berlim que deixa prever que o primeiro acto do governo alemão que se formar será o pedido aos aliados de uma nova demora para responder ao «ultimatum», O «Petit Parisien» diz que se os alemães pensam em tal, correm para um novo chéque, pois que o acôrdo de Londres não concéde á Alemanha adiamento para a sua resposta.

Permite lhe, sómente, o praso de 12 dias necessarios á concentração das tropas aliadas para dizer se aceita completamente e sem reservas as condições dos aliados em que se incluem as clausulas relativas ao desarmamento e ao modo de pagamento da sua indemnisação.

Se não oferecer garantias seguras proceder-se-ha imediatamente a ocupação do Ruhr a partir da meia noite de 12 para 13 do corrente.—(H.)

LONDRES, 9.—Na conferencia interparlamentar dos comités parlamentares comerciais, que deve realisar-se em Lisboa de 24 a 27 do corrente, tomarão parte 27 membros do parlamento britanico.—(H.)

GENEBRA, 9.—O presidente do conselho da Sociedade das Nações convocou os membros da Sociedade para a proxima assembleia geral, que se deve realisar nesta cidade no dia 5 de setembro. A Belgica assinou o estatuto referente ao tribunal permanente de justiça internacional.—(H.)

ROMA, 9.—Todos os jornaes se ocupam do tragico fim do sr. Tedesco, antigo ministro do tesouro, encontrado morto na rua. Aumentam os indicios de que o lançaram da janela á rua.—(H).

PARIS, 10.—O ministro das finanças sr. Doumer recebeu uma delegação dos grandes agrupamentos comerciaes e industriaes que pediu para serem mais favoraveis as modificações á taxa dos lucros de guerra que vão ser discutidas na camara. O ministro respondeu que procuraria dar um melhor funcionamento á lei, mas que lhe era completamente impossivel reduzir um centimo que fosse na taxa dos lucros de guerra, pois é preciso salvar o Estado da ruina. A lei de 1916 tem tido até agora uma aplicação muito benevola, pois muitas das novas fortunas tem escapado ao imposto. Em 1918 apenas 20 000 novas fortunas foram tributadas e em 1920 esse numero elevou a 80 000, estando, porem, ainda longe de atingir todos aquelles que fizeram fortunas rapidas sem grande esforço, sendo justo que tanto sob o aspecto moral como material tenham a parte que lhes corresponde nos pesados encargos impostos a toda a nação, aceitando os sacrificios da guerra.—(H).

RIO DE JANEIRO, 9.—O governo desmente formalmente os boatos que correram de que o ex-kaiser pedira para fixar residencia no Brazil, acrescentando que, no caso de vir a ser formulado, em qualquer ocasião, aquele pedido, a republica não se prestava a auxiliar quaisquer desinios do ex-imperador.—(A).

RIO DE JANEIRO, 9.—O ministro dos transportes, sr. Pires do Rio, enviou á delegação do tezouro brazileiro em Londres 4:552.658 francos para pagamento de material da sociedade de construção do Porto de Pernambuco e 569.082 francos para pagamento de juros vencidos em agosto de 1919 e outubro de 1920.—(A).

RIO DE JANEIRO, 9. — O paquete *S. Paulo* encalhou nuns recifes da baia de Guanabara, nada tendo sofrido felizmente o seu pessoal. Ha boas esperanças de pôr o navio a nado e em estado de poder seguir ao seu destino dentro de curto praso.—(A)

RIO DE JANEIRO, 9.—A Cruz Vermelha russa pediu á Cruz Vermelha brasileira auxilio e protecção para 40 mil cidadãos russos que muito brevemente emigrarão para o Brazil.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 9.—Foi autorisada a funcionar no Brazil a sociedade anonima The Pearson Corporation.—(A.)

SANTOS, 9.—Café typo 4, 10$00; vendidas 9000 sacas, ficando um stock de 2.703.304.—(A)

Vida Sportiva

TIRO

Terminou no domingo passado, na Carreira de Tiro de Pedrouços, o torneio de Seniors e Juniors, organisado por um grupo de atiradores.

Os resultados foram os seguintes: *Juniors*: 1.º Augusto Carlos Silva Martins; 2.º, Mario Augusto Vieira, e 3.º Luiz de Almeida. *Seniors*: 1.º Joaquim Augusto da Silva Martins; 2.º alferes Henrique Guilherme da Silva; 3.º, Adolfo Ferreira Lima; 4.º, capitão Antonio Soares de Andréa Ferreira, e 5.º Antonio Duarte Montez.

FOOT-BALL

Resultados de desafios de domingo

Os resultados dos dos desafios realisados no domingo passado, foram os seguintes:

Taça Mutilados—Casa Pia vence Imperio 3 a 1.

Campeonato—1.ª Categoria—Sporting vence Belenenses 1 a 0; 3.ª categoria Foot-Ball-Benfica vence Sport Lisboa 3 a 1.

Taça Especial—Sport Lisboa vence Portugal 4 a 2; União de Setubal vence Belenenses 3 a 1; União Lisboa vence Sporting 4 a 2; Royal vence Sacavenense 3 a 1.

A CAPITAL

3778—11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43 | LISBOA—Quarta-feira, 11 de Maio de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

INQUERITOS

A camara dos deputados, na sua sessão de hontem, nomeou mais uma comissão de inquerito. Dá vontade de perguntar: Para quê?

A verdade é que o parlamento não cessa de nomear comissões d'este genero, mas não é menos verdade que essas comissões que chegam a dar sinal de si por os resultados dos seus trabalhos serem absolutamente nulos.

Que quer isto dizer?

Isto quer muito simplesmente dizer que os escandalos que se pretendia reprimir continuam impunes e que o parlamento, em vez de se prestigiar, se desprestigia visto que as suas resoluções nenhum efeito eficaz produzem.

E' já bem triste que seja necessario nomear tantas comissões de inquerito. Isso não significa outra cousa que não seja a existencia de constantes irregularidades e fraudes, que necessariamente criam um ambiente de corrupção em que as proprias seivas da nacionalidade se estiolam e fenecem.

Não podemos desgraçadamente contá-lo. Se tantos inqueritos se impõem, se tantas comissões são nomeadas para os realisar, é porque a imoralidade campeia, e a especulação, as delapidações e os roubos se multiplicam, gangrenando os serviços publicos. Não ha tribunais senão porque ha criminosos. Não se pode pensar em repressão senão porque ha abusos.

Mas já que, infelizmente, esta situação existe, e ela não é mais do que o reflexo da doença universal que atacou as sociedades convulsionadas pela guerra, uma segurança pode e deve existir para os Estados que em principios justos e normas de honestidade se baseiam. E' a de que o castigo seguirá a culpa, constituindo fulminante escarmento para os prevaricadores cujos maleficios são patentes.

O parlamento portuguez assim o pensa. Entende, e entende bem, que numa democracia, numa Republica, não são admissiveis favoritismos e compadrios que furtem á acção da justiça os criminosos que devem sofrer as suas sanções.

Que sucede, porém?

Sucede que as suas resoluções ficam sendo letra morta, que os seus designios se não efectivam e que os seus inqueritos, que deviam servir de base ás sanções necessarias, só ficam nas colunas, facilmente esquecidas, do «Diario do Governo». E os que deviam ser castigados zombam da acção do parlamento, complicando com o escarneo com que afrontam a representação nacional os abusos de que são réus.

Dir-se-hia que uma vasta complicidade assim os exime ás punições merecidas, porque, na maior parte dos casos, nem as comissões se manifestam, nem os governos actuam, nem as autoridades procedem, nem os tribunaes julgam e condenam. Se á força de exemplos este estado de cousas se patentear como indelevel, a sociedade portugueza mostrar-se-ha corroida até á medula por um mal que não poupa á morte e que liquida o proprio brio nacional.

Afigura-se-nos que o parlamento tem de tomar uma resolução firme e energica perante uma situação desta ordem. Não basta nomear comissões de inquerito e não pensar nunca mais nos seus trabalhos e nos resultados desses trabalhos. E' preciso, já que a relaxação ou fraqueza evitam o cumprimento de graves deveres, que o parlamento fiscalize com atenção e severidade a maneira como se executam os seus mandatos. Só assim poderá realisar os seus designios, que são honestos, e salvar o seu prestigio, sem o qual toda a sua autoridade falece.

O que não pode continuar é esta comedia com que parece que se pretende unicamente lançar poeira aos olhos do publico.

PELO TELEGRAFO

Os incidentes da Alta Silesia

OPPELN, 10.—Pelo lado dos alemães continuam os incidentes na Alta Silesia, tendo alguns desertores da Reichswehr organisado corpos francos entre Breslau e a fronteira. No circulo de Kreuzburg estão reunidos uns 10.000 homens sob as ordens do comandante Arnim. Receia-se que estes 10.000 homens desçam até Rosenberg, que está ocupada pelos polacos.

Pelo lado dos polacos a situação melhorou.—(H.)

LONDRES, 1..—Esta tarde o conde de Sthamer, embaixador da Alemanha procurou o sr. Lloyd George durante a sessão do conselho de gabinete.

Diz-se que se tratava dos negocios da Alta Silesia.—(H.)

As gréves em Inglaterra

LONDRES, 10.—A comissão executiva da federação dos operarios dos transportes resolveu reforçar o embargo sobre a manutenção do carvão de importação.

A comissão vai conferenciar a este respeito com os ferroviarios.—(H.)

O FAMOSO DECRETO DE REVOGAÇÃO

O que disse á "Capital" o sr. dr. Antonio Granjo

Ha quem lhe chame já para ahi o decreto famoso do Josué.

Não vemos muito bem porquê, e demais, encará-lo como agente de efeitos consideraveis, é tomar a nuvem por Juno.

Em boa verdade, este decreto, tão discutido, tão comentado, visto por uns como satisfação moral dada a quem a não solicitou, encarado por outros como uma subtileza ardilosa com escaninhos e desvios onde se irão atolar todos os poderes legalmente constituidos, não deve ser, e com certeza não é, mais do que uma manifestação de caracter pessoal ou uma afirmação de principios supostamente verdadeiros.

Em torno do decreto de revogação que tanta celeuma levantou, teem-se bordado as mais opostas e fantasticas considerações.

Não nos compete, a nós, colher sequer, a titulo de curiosidade, essas informações que apenas serviriam para mais complicar e agitar um problema que ha todo o interesse em não vêr ressuscitado.

O sr. dr. Antonio Granjo levantou no parlamento a questão.

Fê-lo no ponto de vista juridico, e as suas considerações não poude rebatê-las, apezar de toda a sua arguçia, o sr. presidente do ministerio.

O ilustre parlamentar fixou a face do assunto que pode oferecer real interesse para o publico. Fez uma afirmação de principios, apresentando a verdadeira doutrina a unica admissivel n'um regimen democratico e parlamentar.

Fomos portanto ouvi-lo a fim de arquivar a sua opinião.

—Evidentemente o decreto de revogação do que foi publicado no «Diario do Governo» de 11 de dezembro de 1917, e assinado por Sidonio Paes em nome da Junta Revolucionaria, tem um caracter ditatorial que a ninguem será licito negar ou sequer diminuir.

«O poder executivo estava então personalisado no revolucionario da Rotunda. E o decreto de 11 de dezembro, diploma emanado do poder executivo e assinado pelo seu mais categorisado representante na ocasião, é portanto um decreto com força de lei e como tal houve de se cumprir e acatar.

«Os seus efeitos são factos consumados e incontestaveis; as suas consequencias fizeram-se, directa e imediatamente, sentir.

«Negar esses factos, amesquinhar essas consequencias, seria negar a marcha do mundo e falsear a nossa vida publica contada a partir do movimento sedicioso de 5 de Dezembro.

«Nem o sr. dr. Bernardino Machado tinha em vista, por certo, anular efeitos ou destruir resultados; e tanto assim é que o decreto da sua autoria se limita a revogar um outro decreto, nada anulando e nada destruindo por consequencia.

«Procedeu mal o chefe do governo fazendo publicar uma medida cujo estabelecimento apenas ao legislativo competia?

«Acerca disso, parece-nos que não pode restar sombra de duvida sequer.

«O decreto de 11 de dezembro era assinado pela pessoa que nesse momento representava o poder executivo, e só podia portanto ser revogado mediante deliberação parlamentar.

«Mas, dando mesmo de barato que o decreto revogado não tivesse força de lei, admitindo mesmo que assim fosse, nem por isso ao chefe do governo assistia o direito de o fazer desaparecer por sua livre vontade, porquanto a materia nele contida é de expressa competencia parlamentar.

«Encarado pois o problema no seu aspecto juridico, e é apenas este que nos pode e deve interessar, o governo procedeu indubitavelmente mal consentindo na promulgação do diploma que tão discutido está sendo.

«O acto praticado pelo governo estará na consciencia de todos os republicanos? Terá ele satisfeito os desejos de todos os democratas que contra a ditadura dezembrista valorosamente se bateram?

«Mesmo que assim fosse, o sr. dr. Bernardino Machado não conseguiria desculpar a atitude resultante do seu procedimento.

«Pode S. Ex.ª invocar em favor do seu procedimento todos os motivos de ordem sentimental que quizer; pode S. Ex.ª trazer toda a sua dialectica poderosa e as suas notaveis faculdades de persuasão, que nem por isso conseguirá desfazer esta verdade: o decreto é uma medida ditatorial e como tal tem de ser encarado e reprovado.

«A ditadura dezembrista está morta e bem morta. Mais do que a bravura dos homens do Monsanto e do Norte, estiolou-a a consciencia nacional.

«O decreto do sr. dr. Bernardino Machado, não fez mais do que galvanisar um cadaver, pondo-o de pé e animando-o durante alguns instantes.

«O chefe do governo afirma que o decreto é um descargo de consciencia prestando justiça a um poder deposto.

«Mas considerem todos que o «Diario do Governo» não é um confissionario, nem o logar mais proprio para fazer afirmações de principios, por mais legitimas que elas sejam...»

Esta é a opinião que o sr. dr. Antonio Granjo amavelmente quiz transmitir aos leitores de «A Capital».

Parece que se podem tranquilisar enfim os timoratos e os que já andavam aventando hipoteses mirabolantes e fazendo contas fantasticas. Socegarão mesmo aqueles que em tudo vêem duplas intenções e sentidos figurados.

O sr. dr. Bernardino Machado tem, por certo, a esta hora, satisfeitos os seus desejos de justificação, e as coisas publicas continuarão a caminhar, como até aqui, por mais que s. ex.ª teime em reviver um passado que todos nos empenhamos em esquecer.

DOIDA NÃO E NÃO!

O LEITOR QUE SE PRONUNCIE

O dinheiro é tão bonito!...

E o sr. dr. Alfredo da Cunha gosta tanto, tanto dele, que prefere tudo a ter de me entregar uns mizeraveis escudos.

Fazem no *Infeliz* um escarceu enorme, porque o meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, requereu 500$000 reis, mensais, para alimentos provisorios, na acção de divorcio; e rejubila o sr. dr. Alfredo da Cunha por ter conseguido que o Tribunal mo negasse; pois que, como se ignora o meu paradeiro, não preciso comer, vivo naturalmente do ar; como o sr. dr. Bernardo Lucas não é capaz de atraiçoar a constituinte, dizendo onde me encontro, estou *alienada e interdita por demencia* não é necessario viver! Enfim, o sr. dr. Alfredo da Cunha entendeu que o seu casal não devia dar 6 contos anuais á sua ex-mulher, sem saber *onde* e *com quem* eles se iam gastar.

Que eu apareça primeiro e depois se verá... Bem sei que o sr. dr. Alfredo da Cunha, naturalmente, pelos seus lindos olhos, tem conseguido nesta questão alguns favores; mas a menos que eu fique a dever ou lhe façam as cousas de graça, com que pagará eu agravos, recursos, certidões, papel selado, selos, reconhecimentos, atestados, advogados, procuradores, edições varias de livros e folhetos, serviços varios, etc., etc?

O sr. dr. Alfredo da Cunha que deve saber, muitissimo bem, quantos contos de reis tem custado esta questão, surpreendeu-se que eu, para não ter de incomodar ninguem e não estar na triste situação de viver de esmolas, requisitasse 500$000 reis por mês para alimentos, o que, como o leitor deve saber quer dizer, tambem, para despezas da causa.

Evidentemente que quinhentos mil reis ou quinhentos escudos seria muito dinheiro, se eu os gastasse, por exemplo, só em bolos; como porem, não sou da familia do sr. dr. Alfredo da Cunha, não sou gulosa, por isso não gasto um centavo em bolos; e não eram de mais para me sustentar, vestir, calçar e continuar a minha defesa, na certeza de que não iria gastar um centavo sequer, em pagar testemunhas falsas... Mas, como justamente o que o sr. dr. Alfredo da Cunha não quer é que eu me defenda, achou uma exorbitancia!...

Diz, então, no «*Infeliz*» ou faz dizer, esse senhor, todo cheio de *dignidade* e *nobreza de alma* que o mesmo meu advogado «não recuando diante de nenhum expediente, por mais repugnante que seja, e tanto por si proprio e por intermedio da sua infeliz cliente e de pessoas que a isso se prestam, chegado a implorar a caridade» a meu favor.

E diz mais que por meio do oferecimento de exemplares especiais do livro *Doida não!*, com dedicatorias minhas—um simples pertence como prova de provar-se—acompanhados duma carta do sr. dr. Bernardo Lucas e de outra minha, se anda a suplicar, de casa em casa, dinheiro para continuar as acções judiciais e que, como se isto não bastasse, recorremos ao pedido de porta em porta «feito por quem se não peja de solidarizar-se com tais processos de induzir incautos a associarem-se a uma obra de vingança, de odio e de verdadeira e impudica deshonestidade».

Leitor, pasmae do que pelo *Infeliz* o sr. dr. Alfredo da Cunha nos diz, e depois dizei: qual será maior vergonha pedir eu, a quem quizesse dar-me, a troco do meu livro que me custou trabalho e lagrimas o que a generosidade de cada um lhe ditasse ou o sr. dr. Alfredo da Cunha tirar-me tudo quanto era meu, pelo mais vil dos processos, e negar-me ainda o pão de cada dia?

Dizei tambem, leitor, quem induz os incautos a associarem-se a sua obra de odio e de verdadeira e impudica deshonestidade se eu que pretendo defender-me e rehabilitar-me, se ele, levando, de casa em casa, no *Infeliz* a sua propria vergonha, e pagando, talvez, a quem lhe pegue, no jornal onde manda escrever artigos que apenas serviram para mais a descoberto pôr os seus baixos sentimentos?

O dinheiro do que eu tenho precisado não tem sido para pagar a advogados, nem a procuradores, nem, tão pouco, para comprar consciencias, mas sim para despezas nos Tribunais onde se sabe quanto a justiça custa.

O dinheiro da venda do meu livro—do meu trabalho—não é para desgraçar ninguem; o dinheiro que me devia ser dado do casal era para evitar ao sr. dr. Alfredo da Cunha a vergonha de, emquanto ele anda de automovel, emquanto ele fuma bons charutos, emquanto ele se não priva de comodidade alguma, emquanto ele satisfaz todos os seus apetites e os de muitos que o teem auxiliado na sua obra destruidora, a mulher que lhe serviu de degrau para ele subir até as alturas onde se encontra, não precisar que a caridade lhe desse o que o marido lhe tirou.

Trabalho e hei de trabalhar emquanto posso; peço e pedirei emquanto precisar, mas tenha o leitor a certeza de que não deixarei de defender-me até ao fim, quer me deem ou me neguem alimentos e de que, nem quando no poder mais fazê-lo, me curvarei ante as imposições do sr. dr. Alfredo da Cunha.

Apresentar-me, nunca!

Morrerei de fome e frio ao canto dum portal, mas reconhecer o sr. dr. Alfredo da Cunha como meu tutor, meu irmão como meu pro-tutor, e reconhecer, como boa, a linda obra que fez o meu conselho de familia, nunca!

Se as leis se fizeram para ser respeitadas, tivessem-nas respeitado primeiro, para me dar o exemplo.

Maria Adelaide

NOTAS FALSAS

"Leviana"

Meu caro Ferro:

Sabe você que a «Leviana» mora em frente da minha casa? Pois é verdade! Dei fé da questão ha cinco ou seis dias, quando me entraram pela janelas umas tantas notas doidas de piano vertical.

Cheguei-me á varanda para conhecer a casa do assassino perigoso e deparo com ela aos murros á maquina de torturas auditivas, tocando o «Hier Mata» ou a «Serenata» de Schumann, não reparei bem.

Está ainda mais magra, mas as pernas são as mesmas do seu conhecimento. O nariz, aquele narigão que você quiz imortalizar chamando-lhe «paraisos de perfumes», é que arrebitou, alargou na base e subiu na ponta, como é proprio de qualquer senhora cazada que não vê entrar o marido antes das dez da noite.

A' tarde tornei a vel-a. Regava uma mão cheia de cravos brancos que, calculo, eram de papel porque a «Leviana» não os cheirava.

Hontem quando sahi, achei-a na rua de sopeira de branco atraz e sombrinha vermelha ao hombro. Cheirou-me a patrulha de exploração pelo campo inimigo da Praça da Figueira. Veja você, Ferro! Você a despi-a com tanto cuidado para ela agora se vestir de burgueza! As mulheres são umas ingratas!

Reparei-lhe na bôca. Ia tão pintada que me lembrou um quadro do Eduardo Viana e, que eu visse, não levava as suas mãos em parte alguma do corpo. Naturalmente mandou-as para a lavadeira.

Hoje disse-me a creada que a «Leviana» passa as noites a olhar para a lua como pantera hipnotisada. Ela sabe que o meu amigo costuma andar por lá?!

Como era natural, a «Leviana» já sabe onde é a minha janela e olha-me de esguelho, mas eu não adianto um centimetro de «sorte» porque sou seu amigo e sei que aquilo é para fazer ciumes ao marido. Hoje reparei nela tão branca que fiquei a pensar se é ela que uza muito pó d'arroz ou se é o pó d'arroz que a uza muito a ela.

Esquecia-me dizer-lhe que a «Leviana», tem dois homens em casa. Não sei qual d'eles é o marido. E' ahi talvez sejam ambos. Nenhum dos dois se parece com você.

Seu amigo

Henrique Roldão.

As festas do centenario no Peru

A melhoria do cambio

LIMA, 10.—Por ocasião das festas do centenario da independencia do Peru que se realisam a 28 de julho, abriu-a exposição internacional na qual se foram representar os industriaes de quasi todos os paizes que são dispensados do pagamento de direitos aduaneiros pelos produtos destinados á exposição. Um jury competente será encarregado de conferir os premios.

Os banqueiros desta cidade, atingidos pelo decreto do poder executivo que proibe a saida para o estrangeiro de capitais nacionaes, ofereceram ao governo subscrever para o emprestimo para as festas do centenario. O presidente da republica regeitou a proposta, respondendo que já tinha contraido o emprestimo com firmas estrangeiras e que, junto com outras medidas, tinha feito subir o cambio ao par.—(A.)

A semana literaria

A Maria Abérola, *Raimundo Esteves* (Ed. Casa Havaneza, Figueira da Foz)—**Primeira Decada da Asia**, *Barros* (Ed. Aillaud e Bertrand)—**O Concilio dos Deuses, Calvario e Tabor**, *José Augusto de Castro* (Ed. do autor)—**Sensações e reflexões**, *Mateus de Albuquerque* (Ed. Portugal Brasil)—**Trabalhos jornalisticos**, *Alberto Martins de Carvalho* (Ed. autor)—**Lições de Higiene**, *J. A. de Magalhães* (Ed. autor)—**Anaes das Bibliotecas e Arquivos** : : :

A Maria Abérola 1.º premio do concurso literario da *Capital*, resolvendo com esta frase que na acta da reunião o jury de fiz que parte assinou unanimemente: *Categoricamente o jury é de opinião que em valor absoluto nenhum dos originaes apresentados tinha as condições exigidas por uma obra literaria rubrica romance*, é uma novela regionalista onde a cada passo se encontram as deficiencias duma estreia. O seu entrecho é banal, muito repetido. A rapariga vaidosa que se entrega a um rapaz; a fuga deste; o castigo da sua culpa; o esquecimento; o *outro* que aparece e se apaixona; o *outro* que *sabe* da falta mas perdôa e deseja esquecer o passado; o casamento; a repulsa dela; a separação de corpos e a separação de espiritos; a acção do tempo; o ciume, a vida em comum e a entrega final que Raimundo Esteves escreve no termo da sua obra:

«Ambos os corpos exigiam, muito juntos, a definitiva e humana consagração do seu amor. Os joelhos vergaram-se-lhes. As bocas muito unidas, queimaram-se sensualmente num beijo que não teve fim. E...

...e tiveram muitos meninos!

Ha um ligeiro desequilibrio no desenrolar da acção; lento e detalhado até meio, acelerado, com precipitação para o final. Como caracteristicas deste joven escritor podemos afirmar-lhe a observação detalhada minuciosa. As scenas, os costumes da Figueira da Foz, pois a novela é absolutamente localisada, vive-se rua a rua, porta a porta, são bem marcados e coloridos com brilho; a prosa corre facil, fluente, galopa em interjeições, frases curtas, numa linguagem chã e popular, adequada ao meio em que a novela se desenrola. Os termos locaes, as palavras que quasi constituem o dialecto da região dão um cunho de autenticidade á pequena obrasinha e o descritivo, a paisagem, embora mais abandonada pelo autor, não deixa de ter passagens escritas com cuidado.

«Lembrava a passada noite de S. João quando o Mario, numa grande vertigem d'amor, lhe pedira que fosse sua mulher. Era uma noite toda salpicada d'estrelas, embrulhada num grande lençol de luar muito branco. Não quizera sair a ver as fogueiras que as pequenas do Vaz haviam feito á porta delas distante da casa de seu tio, um tiro curto de espingarda! Ficára-se no quintal junto das rozeiras em flor, da chaga vermelha dos cravos abertos. Fazia luar tão claro—que nem de dia. Chegava-lhe nitida como se fosse ali mesmo, a seus ouvidos, a fôlga dos cantares, etc.

Mas o que o autor deve corrigir é a sua propensão para os diminuitivos; contam-se ás duzias em cada pagina do principio da obra. São os *rapazitos*, a *Aberolazinha*, o *Alvarinho*, o *lencinho*, *cestinho*, *amorzinho*, *tolita*, *mulherzita*, *buraquito* e até *freguezíasinha*, *ventinho*, *feitinhas*, *bemzinho* etc, com repetição do vocabulo *migalho*, *pifio*, e uso do *envelopado*, a par de *ennapairam*, *taratas*, o *pico*, *gramar*, etc.

A facilidade da linguagem tendente a dar o cunho e o sabor de realismo tomba num excesso que prejudica porque confunde e fere por vezes o ouvido. Mas, são estes os senões da obra, a limar em futuras para que o autor venha a corresponder á missão que o jury da *Capital* lhe indicou, apontando-lhe o nome e descobrindo-lhe o pseudonimo modesto.

E por curiosidade ahi vae a *Zilda* que é tambem *Maria Aberola*:

«O meio vesgo em que vivia empurrava-a, levava-a áquilo, tão facilmente, como uma nortada rija de desabrido inverno, a qualquer pobre folha amarelada. Depois, mais conselhos d'amigas—que são sempre a perdição duma pessoa! como senhora Joaquina afirmara. E, sobretudo o seu temperamento irrequieto, a sua educação livre, sem pae nem mãe, toda entregue a seus cuidados soltos, num crescendo,—pondo-lhe o sangue tal qual como um fermento a levedar.

* *

Ainda não tivemos ocasião de nos referir ao volume da *Antologia Portugueza* consagrado á primeira decada da Asia de *Barros*, cuidado e revisto por Agostinho de Campos.

E' um volume em cheio, interessando largamente alguns trechos da obra de João de Barros, cuja capacidade filosofica, o seu selecionador põe em evidencia e reconhece, e igualmente interessando pelas paginas de estudo sobre todos os aspectos que Agostinho de Campos anteriormente faz, não se importando de criticar por vezes, com ironia, e justiça os que berraram ou foram injustos para com o autor das *Decadas*. Esperamos com agrado os restantes volumes da *Antologia*, obra de excepcional valor e realce na nossa literatura.

* *

O sr. José Augusto Correia mandou-nos mais dois livros da sua vasta produção anual.

O sr. Correia deve ser um escritor fecundo pela quantidade que produz mas nem sempre é um escritor feliz pela qualidade e genero do que produz. Com uma longa lista de obras em verso (esgotadas) e prosa (livros esgotados) mostra este senhor a sua dupla predisposição para a rima ou para a prosa. *Calvario e Tabor*, um dos livros, são um poema dedicado ao dr. Afonso Costa literariamente muito parecido, e uma poesia, onde se pode ler

Da Republica sempre o estremo paladino
seja em frente do Esbirro ou em frente do Rei...

e termina assim:

Viva ou morta será como a luz duma estrela,
que morrendo no ceu ainda brilha no ceu!

E entra-se então na prosa, constituido por artigos politicos, cheios de patriotismo, com referencia a pessoas em evidencia no pensamento sobre a Patria, a Humanidade e a Civilisação.

Cocilio dos deuses é outro volume, que abre com a *Invocação á Omnisciencia*; trata de *Brahma*, *Zoroastro*, *Budha*, *Confucio*, *Christo*, *Mahomet* e depois de os pôr em *concilio*, tira os comentarios o sr. Correia. E diz:

Certamente, o instante mais solemne e sensacional do concilio dos deuses foi quando o omnisciente, depois de ouvir a exposição de todas as divindades convocadas, quiz ainda documentar-se com a opinião do mais *sabio entre os imortaes*. E toma a palavra Socrates.

O livro tem 228 paginas e está muito bem impresso. Do mesmo autor um volume *Cidades de Portugal* especie do nosso *Baedecker* unico no genero e util a todos os viajantes.

* *

O livro *Sensações e reflexões* do escritor e jornalista brazileiro Mateus d'Albuquerque interessa mesmo depois de dobrar o cabo Tormentoso d'uma 2.ª edição. As suas cronicas sensatas, regradas, metodicas, não excluem o ponto de vista artistico e chegam por vezes a constituir paginas de arte e filosofia critica como as que se filiam na rubrica *Politica e letras* e *Um trio de bohemios* e o *Dominio da caricatura*.

Outras ha que nos tocam e aos nossos politicos como *Embaixadas* e que, verdade, melhor fora não figurarem n'uma reedição feita em *Lisboa*... tantos de tal...

Mateus d'Albuquerque lembra a frase do Chiado quando se cantou pela primeira vez entre nós o *Guarany* «Pois não é que o raio do *macaco* tem geito para a coisa» e vae escolhendo no dizer de Camilo os seus brazileiros para... para... Mas, basta de literatura!

Alberto Martins de Carvalho apresenta-nos e anota-nos os seus *Trabalhos jornalisticos* em Coimbra. São artigos e pequenas novelas opiniões de imprensa, controversias e até cartas, bilhetes e dados biograficos. A edição é um pouco confusa e mistura os bilhetes de agradecimento com algumas paginas de tentativa literaria, isto devido as deficiencias actuais da imprensa, mas não deixa de ter o seu valor relativo. Do mesmo autor as alfarrabios trabalhos a sahir e muitos trabalhos a entrar no prelo.

Lições de Higiene de J. A. de Magalhães, professor de Manaus e Pará é um volume explicativo e educativo em linguagem corrente e de salutares destinos. *A higiene* bem compreendida—diz o outro—é a felicidade das familias.

Tambem *Le Bon* disse *Querer ensinar muitas coisas é impedir o aluno de aprender algumas*. Fecha-se o livro.

Relativo a *Janeiro-Março* publicou-se a revista de bibliografia, Biblioteconomia, etc., dos *Bibliotecas e Arquivos*. Insere artigos de Julio Dantas, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortezão, Carolina Micaeli Raul Proença, etc., alem dos de, as depositados no primeiro trimestre na Biblioteca Nacional e suas aquisições.

Recomendamos a leitura aos estudiosos, e aos que desejem ver ser dedicado o sr. Fidelino de Figueiredo.

Armando Ferreira

Registo de entradas

Teoria da indiferença (2.ª edição), Antonio Ferro.—*A Cine-Politica em Portugal*, Pedro Fazenda.—*A lição dos mortos*, Mario de Campos.

Festa de confraternização luzo-brazileira

Promovida por uma comissão de homens de letras, jornalistas, artistas e da iniciativa do nosso colega «Jornal da Europa» realisa-se a 22 do corrente, no teatro de S. Luiz, uma grandiosa matinée elegante de confraternisação luzo-brazileira, na qual tomam parte alguns dos nossos melhores artistas.

Assistem a esta festa, que deve revestir grande imponencia, o sr. Presidente da Republica, Embaixador do Brazil e governo.

A procura de bilhetes tem sido enorme, estando os principaes logares marcados pelas primeiras familias da nossa «elite».

O leilão do palacio Ameal

Antiguidades e obras de arte que vão dispersar-se

No proximo mez de julho vae realisar-se em Lisboa o leilão das preciosidades contidas no palacio do Ameal. Entre artistas e criticos vae já por ahi grande animação a proposito de este acontecimento. Natural é que assim seja, atento o valor e a qualidade do recheio existente naquela casa fidalga.

Do extrangeiro chegam amadores e simples comerciantes atraidos por um anuncio que a venda de raridades vae justificar em breve.

Do resumo que em seguida damos, se pode avaliar toda a importancia e riqueza de taes objectos, que em grande parte irão certamente para fora do nosso paiz.

E' um tesouro que se dispersa, ingloriamente perdido na voragem da ganancia e do mercantilismo.

Nem a nossa terra é tão prodiga em coleções d'esta especie, que assim as deixemos dispersar sem acentuar ao menos o nosso protesto de magua.

Quadros, gravuras, faianças, porcelanas, todo esse estendal de bom gosto e delicadeza será entregue ao leiloeiro e levado por quem mais der no meio da nossa indiferença.

Causa pena, mas é assim mesmo.

Diz o catalogo:

Colecção de quadros em que avultam cêrca de sessenta tabuas dos seculos XV e XVI das escolas Flamenga, Portugueza, Alemã, Espanhola e Olandeza. Todas dos mestres portuguezes, dos seculos XVIII e XIX, assinados por Diogo Pereira, Joaquim Marques, Volckmar Machado, Joaquim Manoel da Rocha, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, Pedro Alexandrino, Domingos Antonio de Sequeira, Anckers, Manuel da Fonseca, Annunciação, Luppi, Metrass, Leonel, Rezende, José Rodrigues, Cristino, Soares dos Reis, Keil e Conde de Almedina, quinze quadros de Silva Porto, entre os quais se destacam as conhecidas telas Conduzindo o Rebanho e as Ceifeiras.

Pinturas portuguezas de Columbano, Salgado, Malhôa, Ramalho, Vaz, José Queiroz, Artur de Melo, Luciano Freire, Vilaça, Augusto Ribeiro, Ezequiel Pereira, Newton, Rodrigues Vieira, Thomasini, Augusto Gameiro, Alberto Nunes, Conceição Silva e A. Baeta.

Entre os pintores estrangeiros, estão Rubens, Murillo, Teniers, Goya, Bassano, Giordano, Guido Reni, Caravaggio, Salvator Rosa, Rosa Tivoli, Filippo de Champagne, Breughel d'Enfer, Breughel de Velours, Adrien de Brauwer, Bourguignon, Pillement, Van-Heissen, Jean Nollosart, Ribera, Zurbaran, Fortuny, Viviani, Greuze, Van-Huissen, Van-Hier, Van Thielen, Pedro Antonio Quillard, Van-Bloemen, Carolus Durand, Tony de Bergue.

Figuram tambem aguarelas de Gavarni, Delacroix, Annunciação, Pedro Alexandrino, Cano, Bordalo Pinheiro, Newton, Luppi, Pereira, Gustavo Doré, Infanta D. Antonia de Bragança, gravuras e aguas fortes de Alberto Durer, Rembrandt, Goya, Salvator Rosa, Callot, Condini, Taylor, Boucher, W. Warb Christian Ruysdael, Vogel Wiegand, Pierre Morghen, desenhos de Rembrandt, Durer, Gustavo Doré, Sequeira, Annunciação, Vieira Lusitano, Bartolozzi, Yvon, Fortuny, Bourguignon, P. di Cortona, Manuel de Macedo, Silva Porto, Pillement, Gerome, Eug. Forest, Pradier, Casanova, Ezequiel Pereira, A. Andrade, Valença, Colaço, J. A. Correia, Lopes J., Heitor Manuel de Souza, el-rei D. Fernando, Infante D. João, infanta D. Antonia; faianças portuguezas das fabricas lisboetas do Rato, Bica do Sapato, e outras, de Darque, Viana, Miragaia, Rocha Soares e mais oficinas portuenses, Juncal, Coimbra e Caldas. Mais de oitocentas peças constituindo a maior colecção do paiz. Faianças estrangeiras de Rouen, Marseilha, Alcora, Talavera, Savona, Delft, Robbia, e faianças da China e Japão. Esplendido núcleo de peças decorativas de Wenceslau Cifka, e de pratos e outras peças hispano-arabes. Porcelanas orientaes, da China e do Japão, e europeas de Saxo, Frenkenthal, Derby, Sèvres, Vieux Paris, Vienna, Capo di Monte, Buen Retiro, e Wedgwood; Azulejos arabes, hispano-arabes e portuguezes dos seculos XV, XVI, XVII e XVIII. Esculturas em marmores de Carrara, assinadas por Spertini, Prosper d'Epinay, Cugliecero, Gianni di Como, Steenackers, Simões de Almeida, Calmels e Alberto Nunes, em bronze, em madeira e em barro entre as quais um precioso grupo de Machado de Castro. Bronzes orientaes, e europeus, de Mène, Fremiet, Antonio Manoel da Fonseca e outros; jarrões, vasos, estatuetas, esmaltes antigos, representando scenas religiosas e assuntos profanos.

O centenario de Napoleão I no Equador

QUITO, 10.—O exercito equatoriano comemorou com sumptuosidade o centenario de Napoleão I, realisando no teatro principal da cidade um grande torneio literario historico sobre aquele extraordinario genio militar ao qual assistiram o presidente da Republica, os ministros, o corpo diplomatico e consular, altas personalidades politicas, literarias e artisticas, a imprensa e a colonia franceza. Louis Clavery, ministro da França no Equador, organisador do concurso, conferiu ao vencedor, capitão Machuca uma espada de honra e ao tenente La Torre o segundo premio que consta das obras de Arsenio Houssaye.

O ministro do interior, general Treviño e o ministro da guerra Octavio Icaza pronunciaram tambem eloquentes discursos.

Durante o torneio a Marselheza e o hino equatoriano ouviram-se frequentes vezes. A imprensa publica extensos artigos em homenagem á França.—(A.)

Imprensa

Reapareceu hontem o nosso colega da manhã *A Situação*.

A' noite foram suspendidos os jornaes *A Vanguarda*, *O Tempo* e o *Diario de Lisboa*.

VIDA SPORTIVA

LAWN-TENNIS

O Concurso da Primavera

Pela concorrencia que tem tido a venda de bilhetes de assinatura, o Concurso Internacional de Lawn-tennis da Primavera, deve despertar grande interesse no nosso meio, tanto mais que já se sabe que a ele concorre grande numero de jogadores estrangeiros.

O Club Internacional, organisador do concurso, está vendo coroados de exito os seus esforços. A inscrição do magnifico jogador José Belo é certa, o que vem dar grande brilhantismo aos encontros que se hão de efectuar contra Flaguer, Conde de Gomar e outros. Na séde provisoria do Club Internacional, rua do Crucifixo, 86, 1.º, continua até sabado a venda de bilhetes de assinatura. O torneio inter-socios, de preparação, continua depois de amanhã e termina no proximo domingo nos magnificos «courts» das Laranjeiras, onde tambem se realisará o Concurso internacional.

FOOT-BALL

Os desafios de domingo

No proximo domingo, no Campo Grande, pelas 17 horas, realisa-se o primeiro encontro da final do Campeonato de Lisboa, entre o Sporting e Casa Pia, arbitrando o sr. Rogerio Peres. Em terceiras categorias jogam no mesmo campo, o Foot-Ball Bemfica e Sport Lisboa ás 13 horas, arbitrando o sr. Albertino Gomes.

Taça Mutilados da Guerra

No proximo domingo não se realisam desafios do torneio da Taça Mutilados da Guerra, devendo a comissão reunir com os delegados dos clubs semi-finalistas na redacção do jornal *Os Sports* afim de elaborar o calendario dos jogos a efectuar.

NOTICIARIO

Parece que o Lisboa Gymnasio Club vae realisar brevemente um sarau gymnastico no Colyseu dos Recreios.

—Estão ja marcadas as datas de 2 a 17 de Junho, para os torneios da Semana d'Armas portugueza organisada pelo Centro Nacional de Esgrima.

—A direcção da A. F. L. resolveu augmentar ligeiramente os preços dos bilhetes de entrada dos desafios das finaes do campeonato de 1.as Categorias.

—Está despertando grande interesse o inquerito que o jornal «Os Sports» abriu sobre qual deverá ser o team representativo de Lisboa em futuros encontros nacionaes ou mesmo internacionaes. O numero de votos já excede a sessenta.

—Realisa-se no proximo domingo pelas 21 horas uma festa sportiva no Ritz Club a favor dos mutilados da guerra.

A. de C.

Concertos populares

No quartel dos marinheiros

Realisa-se amanhã, pelas 16 horas, no quartel de corpo de marinheiros, em Alcantara, um concerto publico com o seguinte programa:

«Marcha militar», Eduardo Ferreira; «Le songe d'une nuit d'été», ouverture, Thomas; «Impressons d'Italie», «serenade» e «a miles», Charpentier; «Dansas hungaras, n.os 5 e 6», Brahms; «Aida», selecção da opera, Verdi; «L'entrá de la Murta», Giner.

MUSICA

Sociedade de Concertos de Lisboa

Realisam-se ámanhã quinta-feira e no sabado 14, no Teatro de S. Carlos, os ultimos concertos promovidos por esta Sociedade na presente epoca e em que se apresenta o celebre pianista Edouard Risler.

No primeiro concerto consagrado a Beethoven serão executadas as sonatas op. 26 em lá bemol; op. 27, n.º 2, (Clair de lune) op. 57 (Appassionata) e op. III em dó menor.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

As damas das camelias

Hoje no Nacional reaparece A dama das camelias. *Em breve, no Avenida, Palmira Bastos dar-nos-ha outra Dama das Camelias.*

Ainda o velho Dumas e as suas figuras apaixonam as multidões a ponto de num paiz pequeno como o nosso de exiguos recursos artisticos se darem numa epoca duas damas das camelias *diferentes.*

E quantas damas tem havido, hoje já meio transformadas não em dama das camelias, *mas em* senhora das camelias *e até* D. Fulana das Camelias *porque instintivamente os temperamentos romanticos se foram transformando nas figurinhas de burguezia e de actualidade tudo quanto ha de menos Dumas Filho.*

Palmira Torres é uma das raras artistas que ficou, que resistiu, a sua Dama das Camelias *deve ser bem adaptada ao seu temperamento e o espectaculo de hoje no Normal, pelo menos pela sua parte, um espectaculo coerente e... romantico.*

A dama das camelias... *ainda e sempre as damas das camelias.*

Noticiario

Segundo nos consta o sr. Santos Tavares comissario do governo no Teatro Nacional pedirá a sua demissão em junho proximo.

Quem o substituirá?

—Amanhã no «Ginasio» um novo original do autor desconhecido e não anunciado. «Agencia Texugo».

—Sexta-feira e dia 13 foi a data escolhida por Mendonça de Carvalho para levar á scena a «A Sombra» cujo litigio com Luiz Pereira representante de Aura Abranches ainda não está solucionado. Como se sabe, Aura Abranches adquirira os direitos da tradução diretamente da sociedade dos actores italianos e Nicodemi, emquanto Mendonça de Carvalho os adquiriu do sr. «Boreta» representante dos mesmos em Espanha que se... esqueceu de enviar o dinheiro para Italia. Parece pois que ambas as empresas nacionaes estão libadas de culpa.

—No Porto no «Sá da Bandeira» a companhia do Trindade leva hoje á scena «Ao Telefone» e «Morgado de Fafe».

—Uma companhia franceza vinda do Brazil telegrafou a Luiz Pereira oferecendo para uma serie de espectaculos no «Politeama», não sendo a sua proposta aceite em virtude do seu compromisso com a actual companhia.

—A peça que «Antonio Ferro» está escrevendo intitula-se «Naufragos».

—Americo Durão, o autor da Maria Izabel e do «Perdoar» tem um novo original que será publicado na «Novela portugueza», no 1.º numero consagrado aos «noivos».

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — As 21 h.—«Dama das Camelias».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO —A's 21,30 — «Negocios são Negocios».
AVENIDA — A's 21,30 — «O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22.30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes.

A campanha nativista no Brazil

Um confronto curioso no actual momento

Ha dois dias, o sr. embaixador do Brazil foi convidar oficialmente, em nome do presidente da Republica Brasileira, sr. dr. Epitacio Pessoa, o presidente da Republica Portugueza, sr. dr. Antonio José de Almeida, a visitar aquela nação.

Pois no momento em que parece deverem deixar de existir quaesquer mal entendidos, quaesquer divergencias entre os dois paises, no nosso colega «Primeiro de Janeiro», de hontem, Guedes de Oliveira transcreve a seguinte carta, que lhe foi enviada do Rio de Janeiro:

«C. A. «José Bonifacio». Serviço de Pesca e Saneamento do Litoral. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1921. Ao director do «Jornal Português»:

Para vosso governo e fins convenientes, vos comunicamos o seguinte:

1.º Esse jornal só poderá ocupar-se de coisas e homens de Portugal.

2.º Fica terminantemente proibido a esse mesmo jornal discutir e analisar actos do Governo, das Autoridades e dos Brazileiros, e muito particularmente qualquer coisa que se refira á politica interna e externa da Nação Brazileira. Essa faculdade só é permitida á imprensa brazileira que gosa de todos esses e outros direitos.

3.º Qualquer artigo—ou leve referencia—á campanha «Pro Confederação Luso-Brazileira», ou contra qualquer campanha nacionalista, nativista, ou doutro qualquer caracter de interesse nacional brazileiro, fica expressamente proibido nesse jornal.

4.º Fica igualmente proibida nesse jornal a transcrição de qualquer artigo ou publicação de jornaes portuguezes, useiros e vezeiros na injuria contra o Brazil, seu governo e particularmente contra o cruzador auxiliar «José Bonifacio» e os brazileiros em geral. Fica permitida a publicação desta carta no «Jornal Portuguez» ou em outro qualquer periodico de Portugal.

(aa) *Frederico Vilar*, capitão de fragata, *Armando Pinna*, capitão-tenente, *Gumercindo Portugal Lotery*, primeiro tenente».

Não faremos comentarios. Limitar-nos-hemos apenas a dizer que o sr. Frederico Vilar é o capitão do porto, é o mesmo oficial que parte tão activa tomou na questão dos povoeiros. Nada mais.

Banco de Portugal

A Administração do Banco de Portugal, resolveu emitir notas de 5 Escudos de nova chapa para circularem conjunctamente com as de egual e outros valores, actualmente em circulação.

Os principais caracteristicos destas notas pelo que respeita a côr, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas delegações nas capitais dos outros districtos.

Lisboa, 9 de Maio de 1921.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

Antonio José Pereira Junior
Fernando Emidio da Silva

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 15,15 abriu a sessão, estando na presidencia o sr. Pires de Carvalho.

Lendo-se, como de costume, a ata e o expediente.

As galerias estão quasi desertas e na sala apenas 23 legisladores. Entra o sr. Abilio Marçal, que assume a presidencia.

O sr. Plinio Silva, alvitra que reunam em conjuncto todas as comissões que teem de emitir os seus pareceres sobre a proposta de fomento nacional apresentada ha tempo pelo sr. ministro do Comercio.

O sr. presidente dá explicações, o mesmo fazendo o sr. ministro do Comercio, que declara não concordar pelo motivo da proposta ter de ser estudada sob varios aspectos e portanto ser mais conveniente a proposta ser apreciada pelas varias comissões.

O sr. Plinio Silva novamente sustenta o seu ponto de vista, dizendo que já no caso dos Transportes Maritimos se procedeu do mesmo modo.

Prevalece o ponto de vista do ministro.

O sr. Manuel José da Silva chama a atenção dos srs. ministro do trabalho e do comercio para varios assuntos referentes ao Bairro Social do Porto e dos Seguros Sociaes.

Respondem-lhe os respectivos ministros, que prestam esclarecementos.

Aprovam-se a ata e o expediente.

Discute-se em seguida a proposta n.º 727 (autorisação do parlamento para algumas verbas pagas pelo ministerio das finanças).

O sr. Anibal Lucio de Azevedo, em nome da comissão de finanças, declara aprovar. Posta á votação na generalidade, é aprovada. Na especialidade dispensa-se a leitura da ultima redação.

Procede-se então á contra prova sobre urgencia e dispensa de regimento para o projecto do sr. Eduardo do Souza, que anula um outro referente a beneficiados da Revolução de 5 de outubro.

O sr. Vasco Borges requer que o projeto baixe ás comissões.

Vozes: — Não pode ser! Trata-se apenas duma contra prova!

O presidente: — V. Ex.ª está em erro. Trata-se duma contra-prova, simplesmente.

O sr. Eduardo de Sousa faz considerações. A Camara chama por ordem.

O sr. presidente chama o orador á ordem.

Procede-se á contra prova.

O sr. Jorge Nunes:—Então o sr. Eduardo de Sousa tambem reprova!

Faz-se a contagem.

Reprovam 42 legisladores e aprovam 33.

O sr. dr. Vasco Borges deseja novamente fazer considerações sobre o assunto.

Isto porem ocasiona grande confusão, pois que uns entendem que se pode falar sobre o projecto depois da votação e outros que não.

Os srs. Carlos Olavo e Jorge Nunes discutem.

O sr. Paes Rovisco protesta batendo na carteira. Resolve-se então separar a urgencia da dispensa. Mas o sr. Ferreira da Rocha complica o caso com um requerimento, que ocasiona protestos.

Por fim ninguem se entende. O sr. Ferreira da Rocha fala por entre apoiados duns e protestos de outros.

Fica por fim resolvido que só a urgencia fique aprovada.

No Senado

Uma tempestade... n'um parecer

Abre a sessão ás 15 e 30. Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. drs. Ramos Pereira e Dias Pereira. Estão presentes 29 senadores e o chefe do governo.

Tem primeira leitura um projecto de lei do sr. Pereira Osorio, revogando o art.º 2107 do Codigo Civil.

E' lido na mesa um oficio do sr. Alfredo Gaspar pedindo escusa do membro da comissão de portos por motivo de não ter sido ouvido sobre o parecer relativo á anulação do decreto da concessão do porto de Montijo.

O sr. Afonso de Lemos declarou que a camara precisa de ser esclarecida sobre o caso.

E eis que, acidamente, o assunto é tratado pelos srs. Herculano Galhardo, Alvares Cabral, Fernandes de Almeida, Celestino de Almeida e Rodrigo Gaspar. Tudo se cifra em apurar se as comissões funcionam ou não «com todo o meticulismo» e se ha ou não parecer sobre o caso do Montijo. O sr. Celestino de Almeida declara que como presidente da comissão de fomento já encarregou o sr. Fernandes de Almeida de o relatar e este diz que amanhã o apresentará. Entre mesmos partidarios não ha harmonia. Estão divididos.

O sr. Afonso de Lemos apresentou uma moção convidando as comissões do senado a seguirem á risca os preceitos regimentaes.

Depois faz-se uma intrepelação ao sr. ministro da agricultura sobre o contracto para fornecimento de trigo e farinhas do Canadá em troca dos nossos productos, respondendo o ministro que a firma proponente é desconhecida e que comercialmente ainda não abonou a sua idoneidade.

Em seguida o sr. Pereira Osorio trata da questão dos abastecimentos, censurando o que se tem feito, principalmente na questão do arrôz, no Porto.

A sessão continúa.

NA GUARDA REPUBLICANA

Tomou hoje posse o novo comandante

Pelas 13 horas de hoje, tomou posse do cargo de comandante da Guarda Nacional Republicana o coronel sr. Victoriano José Cesar, sendo-lhe a posse conferida pelo comandante interino da Guarda, o general sr. Correia Barreto.

O acto realisou-se na sala do Concelho do quartel do Carmo, perante toda a oficialidade da G. N. R., que para esse fim fora convidada.

O general sr. Correia Barreto, ao entregar a posse do comando, fez o elogio do novo comandante, a quem saudou com palavras de admiração pelas altas qualidades que sempre o teem distinguido e, despedindo-se dos oficiaes, disse ter sempre encontrado neles a melhor colaboração e a maior lealdade e fidelidade ás instituições.

O novo comandante, tomando a palavra, fez o elogio do sr. Correia Barreto e disse esperar da oficialidade a mesma dedicação que o seu antecesor encontrára o mesmo amor á Patria e á Republica.

Em seguida, o sr. Correia Barreto saiu do Carmo sendo acompanhado até á porta por todos os oficiaes presentes.

Tomaram tambem posse do cargo de chefe do Estado Maior o tenente coronel sr. Azambuja Martins, que vae substituir o coronel sr. Roberto Batista, e de sub-chefe do mesmo estado maior o major sr. José Cortez dos Santos, que foi substituir o tenente coronel sr. Carminé Ribeiro de Melo Nobre.

Foram nomeados ajudantes de campo do novo comandante o capitão de infanteria sr. Florentino Coelho e oficial ás ordens o tenente do secretariado militar sr. Artur Guedes Bastos dos Reis.

Conferencias

Mr. Henry de Semberg, jornalista belga, faz depois d'amanhã, ás 21,30 horas, uma conferencia na séde da «Propaganda de Portugal», a qual será presidida pelo sr. Melo Barreto e mr. Baie, secretario geral da Conferencia Inter-parlamentar do Comercio. Essa conferencia, sob o titulo «Comité de Estudos Economicos Luso-Belgas», tem por fim estabelecer os meios para o intercambio comercial entre a Belgica e Portugal, sendo, portanto, de grande interesse para os nossos comerciantes, industriaes, e agricultores.

A entrada é publica.

Serviço telegrafico da tarde

ATHENAS, 11.—De regresso da sua visita a frente de batalha, o sr. Gounaris fez declarações em que elogia o superior espirito que anima as tropas gregas e a sua firme vontade de vencer. Muitas centenas de desertores turcos dizem que a derrota sofrida em Toulon-Bonar afectou muito o moral das tropas turcas.

Kemal Pachá estava tão seguro de obter ahi uma assinalada victoria que a anunciou antecipadamente.—(A)

LONDRES, 11.—Sir James Craig convidou o primeiro ministro dos Dominios a assistir á inauguração do Parlamento irlandez do norte.—(H).

LONDRES, 11.—Informa o «Daily Herald» que a personalidade importante que havia sido presa ha dias pelas auctoridades britanicas e que a imprensa tem apresentado como um caso sensacional, é o secretario do partido inglez, acusado, ao que parece, de manejos bolchevistas.—(H).

PARIS, 11.—Informa a «Chicago Tribune» que os herdeiros das victimas do «Lusitania» resolveram emprehender uma ação conjuncta, perante o governo americano, para que este obrigue a Alemanha a uma indemnisação pelos prejuizos sofridos, dando-se prioridade a essa indemnisação e tomando como garantia os navios alemães emburgados pelos Estados Unidos.—(H).

PARIS, 11.—Consta que a conferencia dos Embaixadores discutiu a proposta dos representantes britanicos que tende a solucionar, ainda que provisoriamente, a questão da Alta Silesia atribuindo imediatamente á Polonia os districtos de Plese e Rybuik e á Alemanha os districtos da margem esquerda do Oder.

A zona industrial em litigio ficaria, de momento, sob a administração dos aliados.

A conferencia adoptará ainda hoje uma resolução sobre esta proposta.—(H).

MONTEVIDEU, 10—A assembleia nacional aprovou o projecto de lei que estabelece que os alugueres das casas de habitação deverão retrogradar para os preços que tinham no dia 31 de dezembro de 1919.—(A).

ASSUNCION, 10—Os conductores e guardas-freios dos tramways em greve solicitaram a solidariedade dos chaufeurs, ferroviarios e de outras classes receando-se, por isso, que a gréve se torne geral.—(A).

Noticias da Capital

O DINHEIRO E' TÃO TENTADOR... —O lidar com dinheiro é sempre perigoso, principalmente para os que não sabem resistir a tentações. Aqui temos hoje um exemplo: Manuel Vilas, morador na rua da Alegria, 40, foi-se a gaveta de seu patrão, José Fernandes, com estabelecimento na morada indicada, e tirou-lhe 200$00. Pelo menos assim o afirma o patrão, que mandou prender o infiel caixeiro.

PARA O QUE LHES HAVIA DE DAR...—Sempre ha cada uma! Ora imaginem que um grupo de individuos, que até agora se não sabe quem sejam, ao passar hontem á noite pela rua dos Douradores, lhes deu para birrar com as vidraças da tipografia que n'aquela rua existe, pertencente á Grafica Limitada, e não estiveram com mais tirte nem guarte. Foram-se a elas e fizeram-nas desaparecer. O resultado é claro: queixa na policia, que trata de averiguar quem foram os engraçados.

MUSICA POPULAR

O cancioneiro do Traz-os-Montes

D'um artigo do sr. Armando Leça inserto na «Revista do Conservatorio Nacional de Musica», transcrevemos o trecho que abaixo segue e que descreve os costumes d'uma região para muitos desconhecida em absoluto, ao mesmo tempo que revela as belezas da nossa musica popular.

Diz ele:

«Num dos primeiros dias de Outubro na noitinha, de volta dos campos e das sementeiras, os bons mirandezes procuravam a ceia. Após a refeição, para os terreiros, cabanas ou portaes, encaminhavam-se as fiadeiras. Acafretam giestas e ramos e as fogueiras alteiam um pouco as suas chamas, destacando-se no escuro povoado. Mulheres, umas de pé, outras sentadas nos troncos, fiam, emagrecendo o «manolo» emquanto junto ao braseiro brincam os filhos.

Vistos um pouco atrás estão circulos de silhuetas humanas que as labaredas caprichosamente recortam e obscurecem, lembramo-nos num sei quê de fantastico, de lendária dança de bruchas... E ouve-se então cantar...

Das melodias individuaes fez-me especie—como se diz no sul—o arcaismo das loas. «Notas longas, lisas», duma sonancia estranha para quem desconhece os velhos «modos eclesiásticos».

A «lôa» mirandeza é, pois, musicalmente, especime dos mais antigos que ainda tem Portugal! E nos jogos de roda, cantos ruraes como nos do Natal e S. João, sempre o mesmo purismo que é neste caso, a secularisação.

A solfa é o inicio dos cantos em que ha «harmonização» de vozes. Surpreendido ouvi fiandeiras cantarem a «duas» e a «trez vozes», inclusivé ao são João que no seu vagaroso, só assim se encontra no Alemtejo.

Mas, na fogueira, faz-se uma aberta para se ver dansar o «fandango», mais pudico e moderado que o extremenho.

Calára-se uma «frauta» pastoril num dos casebres para se ouvir a gaita de fole. Depois, pancadas surdas de bombo e um rufar de caixa quando não é «tamboril». Eis, com as castanholhas, apresentado o instrumental da «dansa dos paulitos».

No campo dos dansarinos, duas alas com seus guias, atentos; o «caixeiro» mestre do ritmo, prepara-se, e o «gaiteiro» principia então suas variações amoldadas ao «tempo de marcha moderada». Marcam-se os «laços» e para cada ha uma variante, uma figuração do assunto que, a meu lado, um mirandês, num recitar cadenciado, vae metrificando. Mas figuração frisante é talvez mais apropriada a do «laço dos oficios». Com os paulitos enfeitados—pequenos paus com laços vistosos—cada dançarino com eles imita o barbeiro, o carpinteiro serrando, sapateiro etc... e isto sem que jámais os pés deixem de perder o ritmo coreografico.

Falar por mimica.

Este «laço dos oficios» fez-me pensar que talvez esta dansa se incluisse nas nossas medievas procissões de Corpus-Christi. Ha um todo de ginástico, estético na gesticulação dos dançarinos; mas para mim, a figuração como no «laço do canário»—em que ha saltos de ave—maravilhou-me.

Os paulitos chocam-se em pancadas de alternativas eguaes espaçam-se, baixam e acompanham o voltear e o cruzar dos dansarinos até que para finalizar, se substituem pelo trilar das castalholas.

O gaiteiro amolda suas improvisadas variações ao ritmo binário da dança; o tangedor do bombo espaça suas pancadas para precisar instinctivamente o caracteristico ritmico de cada «laço». Chefe supremo dos instrumentistas é o caixeiro.

Rufando seguido, trilam os paulitos; rufando espaçados, a cada acentuação, ha estalos sêcos.

O caixeiro é pois, o eixo do ritmo dessa dansa que só Trás-os-Montes ainda guarda e que por si só vale um cancioneiro.»

Touradas

A DOS ESTUDANTES DE MEDICINA.—São todos os anos esperadas com anciedade pelo publico as festas taurinas que os estudantes de medicina organisam a favor do cofre da sua associação. Amanhã, em Algés, a alegria e o espirito dos estudantes, improvisados lidadores de todas as especies, farão rir o publico, com as mil coisas imprevistas que surgem. Anunciados, ha picadores, cavaleiros, espadas, mono-sabios, bandarilheiros, forcados, campinos, Tancredos, um *sr. Infortunio*, operações auxiliadas por vacas, massagens chifricas etc. E não anunciam mais coisas—dizem os chistosos programas—porque as vacas se recusam a dizer as suas intenções.

A festa principia ás 17 horas. Tomé e Luciano auxiliam a lide.

CAMPO PEQUENO.—Como já noticiamos, na corrida do proximo domingo vem tomar parte o extraordinario artista Joaquim Manzares «Melia», considerado o melhor bandarilheiro de Espanha. A cavalo toureiam José Casimiro e R. Teixeira e na lide de pé veremos os nossos melhores artistas.

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSOCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental. na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A CAPITAL

3779—11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43 | LISBOA — Quinta-feira, 12 de Maio de 1921 | DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O poder pessoal

Lê-se no *Seculo* de hoje:

«O sr. presidente do Ministerio solicitou de todos os ministros uma nota discriminada de todos os decretos, portarias e despachos efectuados pelas respectivas pastas».

Sucedendo ao famoso decreto sobre o parlamento de 1917, esta determinação do sr. presidente do Ministerio veiu provar que S. Ex.ª está na disposição de se arrogar a maior soma dos poderes do Estado, iniciando uma politica que infelizmente é raro não descambar no exercicio do poder pessoal.

Um dos sintomas dessa lamentavel inclinação patenteia-se já no facto do sr. presidente do Ministerio ter mandado apreender, ante-ontem, nada menos de cinco jornais que se atreviam a criticar os processos governativos de S. Ex.ª.

A irritação contra a critica da imprensa, provando que os governantes se não conformam com essa critica que é um dos principais atributos da liberdade, é desgraçadamente um estigma dos poderes tiranicos, e quando ele se revela numa democracia, essa democracia está em perigo.

Custa a crer que o sr. Bernardino Machado enverede por tal caminho. Inteligencia culta, espirito educado nas boas normas da monarquia liberal, contemporaneo duma imprensa que, apesar das suas violencias de pensamento e de linguagem, duma ilimitada liberdade gozou, todos tinhamos o direito de presumir que o sr. Bernardino Machado nunca se decidiria a estrangular a opinião de jornais, simplesmente por ela lhe ser adversa.

As perseguições dos governos contra a imprensa são a pedra de toque onde se verificam as suas tendencias para o arbitrio. E parece impossivel que ainda se não tenha reconhecido que, nas lutas entre os governantes e a imprensa, são sempre os governantes que acabam por ser esmagados.

A guerra trouxe-nos, como uma consequencia logica e necessaria das operações militares, o estabelecimento duma censura, a que a imprensa patrioticamente se sujeitou. Na sua vaidade, na sua arrogancia, na sua mesquinha visão politica, na sua autentica mediocridade que lhes não consente os grandes combates, cára á cára, com lialdade e com desassombro os nossos governantes aproveitaram-se miseravelmente dessa censura para, atráz dela, se eximirem aos mais justificados ataques contra a sua politica despótica e a sua ruinosa administração.

A primeira manifestação do poder pessoal está sempre na repressão á critica dos actos governativos quando precisamente por se açambarcar o maior numero dos poderes do Estado, maior latitude a essa critica deve ser concedida. Nós não estamos numa sociedade de escravos; estamos numa democracia, estamos numa Republica, onde a opinião nacional não deve ser abafada em nenhum dos orgãos pelos quais legitimamente intervem na direcção politica do país. Esta doutrina era a do sr. Bernardino Machado, esta doutrina era a de todos os republicanos no tempo da propaganda, no tempo em que, perante o espectaculo hediondo de todas as liberdades postergadas, se forjavam as armas que haviam de ferir no coração a monarquia tiranica e corrompida.

Num país livre como o nosso, nunca estes atentados ficam impunes, nem o poder pessoal pode nunca julgar-se triunfante. Politica de poder pessoal fez o sr. Afonso Costa, no seu ultimo ministerio, quando governou Portugal mais como o feitor duma quinta do que como um estadista republicano. Por sua ordem apareciam os jornais quasi todos em branco, mercê duma censura abjecta e servil. No seu desvario da sua omnipotencia, o sr. Afonso Costa, nos ultimos tempos, nem sequer ouvia protocolarmente o sr. Bernardino Machado que era o Presidente da Republica. O resultado desta situação violenta foi o descalábro das finanças, a desordem na administração publica e a revolução dezembrista.

Vencedor no parque Eduardo VII, um dos primeiros actos de Sidonio Paes foi abolir a censura á imprensa, tão nitidamente ele compreendera que a principal razão do seu fulminante sucesso estava na reacção do espirito publico contra o estrangulamento da imprensa. Não tardou, porém, que, enveredando por sua vez pelo caminho do poder pessoal, ele restabelecesse a censura, com a mesma deturpação dos seus fins, para evitar que a imprensa lhe clamasse no rosto a apostasia de que se tornara reu em meia duzia de dias. Com a imprensa estrangulada, o poder pessoal de Sidonio Paes engendrou um regimen de atrozes perseguições.

Trouxe desterros aos milhares, prisões aos milhares, exilios, assaltos, espancamentos, mortes. O aspecto de Lisboa metia medo. A cada canto, facinoras fardados ou á paizana, armados, pareciam prestes a caçar os cidadãos, como se caçam lobos nas florestas.

O resultado desta tirania sabe-se. O poder pessoal, em que o sidonismo se estribáva, caiu, como ha de cair todo o regimen governativo que, de longe sequer se lhe assemelhe.

Nós não podemos caminhar para o poder pessoal, nem de qualquer fórma admiti-lo, embora ele se pretenda mascarar com sorrisos e boas palavras. Se o sr. Bernardino Machado, por uma inacreditavel reviravolta do seu espirito, se deixa vencer por uma funesta inclinação em tal sentido, suspenda, detenha-se já!

O declive é tremendo e conduz a um abismo. Diz-se que não ha muito o sr. Bernardino Machado declarára que desta vez só cairia a tiro. A experiencia infelizmente mostra que isso não é dificil em Portugal. Detenha-se o sr. Bernardino Machado no caminho que parece ter encetado! Para isso confiadamente apelamos para o seu espirito patriotico, para a sua elevada intelegencia, para a sua consciencia republicana.

Alguns milhares de contos para Angola

Um importante trabalho feito na Casa da Moeda

Na Casa da Moeda trabalha-se activamente, trabalha-se febrilmente, diremos mesmo.

Bem entendido que nós estamos a abarrotar de cedulas de todos os tamanhos e de todos os feitios e da moeda, da autentica moedasinha, metal sonante e cantante como nos versos de João de Deus se diz, já perdemos ha muito a verdadeira noção; temos d'ella a impressão vaga de um ente que nos foi familiar ainda não ha muitos mezes, mas que os acasos de uma ruim sorte arrastaram implacavelmente para a vala commum do esquecimento.

Não é portanto para nós, fica o aviso desde já feito, que se labora com actividade nunca vista pelos casarões da Casa da Moeda.

Desta vez é a provincia de Angola que vae ter direito a receber alguns milhares de contos amoedados no mais valioso cobre.

Como se trata de um facto pouco vulgar, fomos ouvir o sr. Anibal Lucio de Azevedo, ilustre director d'aquele estabelecimento do Estado. Queriamos saber o que havia de verdade n'esse fenomeno de desencatamento conseguido pelo Alto Comissario de Angola, e queriamos tambem d'elle, com a devida autorisação, fazer a narração veridica aos leitores da «Capital».

—Nas nossas provincias ultramarinas a moeda portugueza circulante existe em pequena quantidade.

E' do dominio publico o que, escandalosamente, se estava passando em Moçambique com o dinheiro inglez, e todos sabem tambem que nas nossas colonias da Asia as moedas são quasi todas de procedencia estrangeira.

Ora o nosso Alto Comissario em Angola entendeu, e muito bem na minha opinião, que não havia o direito de assim se proceder, quando a cunhagem da moeda constitue um titulo incontestavel de soberania. N'essas condições, S. Ex.ª houve por bem mandar fazer o amoedamento da importancia que julgava necessaria para ocorrer ás primeiras necessidades da possessão entregue ao seu governo.

Ao mesmo tempo, como o Banco Nacional Ultramarino apenas pode fazer emissão de valores nunca inferiores a um escudo, o Alto Comissario mandou emitir tambem cedulas de cincoenta centavos n'um total de tres mil contos.

—E onde se foi buscar a materia prima para fazer tanta moeda metalica?

—Essa não falta hoje felizmente. Posso afirmar que ha metal preciso para fazer a cunhagem dos valores julgados necessarios.

Aqui recolhidas encontravam-se dez toneladas de cobre proveniente de moedas antigas da provincia, tendo alem d'isso o Estado cedido á provincia de Angola mais duzentas toneladas de metal.

—Mas essa cedencia não vae de qualquer forma brigar com as necessidades da metropole, onde a falta de moeda metalica se fez sentir notavelmente?—perguntamos nós.

—De maneira nenhuma. O Estado possue agora um total de 1300 toneladas de cobre provenientes do apresamento de um navio alemão.

—E quaes são os valores das moedas emitidos para a provincia de Angola?

—Estão-se fazendo moedas de um, dois e cinco centavos de bronze, e de dez e vinte centavos de cuproniquel. Como deve compreender, os trabalhos desta natureza são muito morosos. Entretanto já estão cunhados mais de duzentos contos de moeda de niquel, estando para se fazer brevemente uma remessa importante para a provincia.

Tudo isto tem sido feito desde a partida do Alto Comissario, o que me parece constituir trabalho para tomar na consideração devida, atenta a sua dificuldade.

—De uma maneira geral qual é a qualidade e a quantidade dos valores emitidos?

—Consta tudo isso da propria nota em primeiro logar enviada pelo Alto Comissario.

São seis milhões de cedulas de cincoenta centavos com a legenda «Angola», a data de 1921 e os dizeres: «o alto comissario, J. M. Norton de Matos; o secretario provincial de finanças, E. E. Goes Pinto».

Quanto ás moedas de cupro-niquel, do que fôr enviado pelo Arsenal do Exercito deverão ser cunhadas um milhão e duzentas mil moedas de vinte centavos, e o restante de dez centavos, tambem com a legenda «Angola», e a data de 1921.

O cobre velho será todo transformado em moedas de cinco centavos.

Além disso são aproveitadas duzentas toneladas de cobre para a cunhagem das seguintes quantidades: doze milhões de moedas de dois centavos com o peso total de sessenta toneladas, dez milhões de moedas de um centavo com o peso total de trinta toneladas, e o restante, ou sejam cento e dez toneladas, aproveitadas em moedas de cinco centavos.

E' como se vê uma emissão importantissima e que garante por algum tempo a laboração da Casa da Moeda.

E agora ainda uma informação final: Para a provincia de Moçambique, o sr. dr. Brito Camacho está em negociações para chegar a resultados identicos aos que alcançou o seu colega da costa ocidental.

Estamos em regimen de alto comissariado. Começa ele a fazer sentir os seus efeitos, e não se poderá dizer que eles revistam pouca importancia. Descentralisar para governar, é lema de democracias, e oxalá ele produza aqueles resultados beneficos de que tanto necessita a nossa terra e a nossa gente.

A lei 1040

deve ser revogada, porque é iniqua e inconstitucional, diz um oficial do exercito

Sr. Director da «Capital».—Provado que a lei 1040, em nada consentanea com os puros principios republicanos, é attentatoria do espirito de justiça por que devem nortear-se as nações livres e cultas, provocou protestos geraes, pelas iniquidades e injustiças que originou, o Parlamento só tem um caminho a seguir: revogal-a totalmente, anulando os seus efeitos.

Por mais emendas que lhe introduza, ficará sempre um aleijão. Que outras razões não houvesse para propôr a sua revogação bastariam as seguintes: A oposição que lhe fez toda a imprensa republicana, independente e monarchica, que justamente a interpretaram como uma arma para ferir apenas adversarios politicos, pondo asim o futuro de um oficial, que legitimamante conquistou os seus galões, á mercê do facciosismo de alguns intolerantes, para quem as leis ordinarias nada valem, servindo os seus intuitos apenas as despoticas leis de excepção, como é esta. O actual ministro da guerra, ha bem pouco tempo, chamou a atenção do Senado, quando este se propunha introduzir-lhe umas emendas, para as injustiças a que a lei em discussão deu logar.

Nessa mesma ocasião, os illustres Senadores republicanos, e distinctos oficiaes do Exercito, srs. Generaes Silveira e Hipolito á lei 1040 se referiram nos seguintes termos: Esta lei «desprestigia o Exercito», disse o primeiro; esta lei desprestigia a Republica», afirmava o segundo.

O sr. tenente-coronel Helder Ribeiro, sendo ministro da guerra, declarou na camara dos deputados que algumas das suas disposições eram em demasia severas. O sr. tenente coronel Mendes dos Reis, relator da referida lei no Senado, afirmou no seu parecer que «por ela iam ser injustamente demitidos e reformados alguns oficiaes». A comissão de oficiaes encarregada pelo ministro de lhe dar execução não oculta a boa discordancia por esta lei; conhecedora das iniquidades e injustiças a que deu logar. O exercito recebeu-a como uma afronta ao seu brio. Ha cerca de duzentos oficiaes que esta iniqua, injusta, e inconstitucional lei, atirou, com as suas familias, para a miseria. Ha oficiaes republicanos e patriotas sinceros, que sem justificação alguma foram por tal lei violentamente afastados das fileiras do Exercito.

Tem-se pretendido mostrar que esta fora promulgada para afastar aqueles que desertaram para não ir para a guerra e os que hostilisaram o regimen. Não é isto verdade, porque ha oficiaes republicanos, que não estando em nenhum daqueles casos foram demitidos e reformados, só porque teem o odio da demagogia. Para prestigio do Exercito e da Republica, a revogação e anulação dos efeitos desta lei seria um acto que significaria quem o praticasse. Quererão o Parlamento e o sr. ministro da guerra pratical-o? Por mais emendas que lhe introduzam, subsistirá iniqua, injusta e inconstitucional. Revogal-a será o remedio e nunca é tarde para remediar um mal.

Agradecendo a publicação, sou de v. etc.—*Um oficial do Exercito.*

Pernas tortas

Minha amiga:—Escrevo-lhe do meu pequenino gabinete de trabalho cheio de sol e de rosas. Como a primavera se parece comsigo! Recebi ha cinco minutos a sua carta. Beijo-lhe a mão. E' curioso: recebia-a precisamente quando procurava esquecer-me de si. Achei-a interessante. Mas já reparou? As cartas das mulheres não são aquilo que elas escrevem: são aquilo que elas dizem. E o que vocês dizem, minha amiga, é precisamente o contrario do que vocês pensam. Encoste a cabecita leve na sua almofada japoneza de setim preto—e oiça. Faz hoje oito dias que você me deu o prazer de se zangar comigo. E porquê? Porque eu lhe aconselhei, com a maior naturalidade deste mundo, a que não usasse as saias curtas. Isto não se acredita, não é verdade? E entretanto passou-se absolutamente assim. Você corou, amuou, não me disse mais nada durante toda a tarde—e só hoje, ha cinco minutos, é que a sua carta me trouxe com muitas «pâtes-de-mouches»—a impertinencia carinhosa do seu perdão. Não, minha amiga, não. Eu não aceito o seu perdão. Você é que deve aceitar o meu conselho. São os meus olhos que lho pedem. E' a minha amisade que lho suplica. Sou eu e todos os seus amigos que lho exigem. Porque seguramente você ainda não reconheceu—que tinha as pernas tortas... Vê? Quem tinha razão? Os homens são muito mais amigos das mulheres—do que elas proprias julgam. Adeus. Tenho a certeza de que você vai ficar zangada comigo para sempre. Não ha mulher nenhuma que perdoe—ás verdades que se lhe dizem! Emfim. ¡Que tudo seja em desconto dos nossos pecados! Amen.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

N. da R.—*Por motivo de se ter partido um granel ao paginarmos ontem a nossa pagina, não nos foi possivel publicar a cronica do nsssso camarada* O Homem Que Passa, *e para não alterarmos a ordem estabelecida diariamente para esta secção, segue hoje a colaboração das 5.ªs feiras.*

NOTAS FALSAS

RIQUEZA

Se o leitor fosse rico, que fazia?

Já sei! Protegia casas de caridade, dava esmolas a toda a gente, mandava fazer escolas, e, primeiro do que tudo, comprava um automovel e deitava uma aventura com casaco de peles caras, de maneira que talvez não lhe sobrasse nada para dar á casa de caridade, nem para mandar edificar a escola.

Não esteja com basofias de filantropia! Todos nós somos assim. Emquanto mourejamos o pão de cada dia, muita ideia altruista, muito projecto caritativo em incubação, mas, se um dia nos apanhamos ricos, compramos um ataque de amnezia... e os pobres continuam a ser pobres.

Ser rico, ter dinheiro e atiral-o ás mãos cheias pela janela fóra! O leitor conhece o prazer de gastar muito, n'uma vaidade de dizer aos outros:—Tenho dinheiro!—Não conhece? Nem eu!

Dinheiro! O Vil Metal como lhe chamam os que o não possuem! Pensar a gente que lhe estamos sujeitos, presos como grilhetas e, pior do que isso, pensar que o não temos!

Porque a final o dinheiro é tudo! Ser celebre... mas ter dinheiro! Ser um grande artista... mas ter dinheiro, ser amado, querido... mas ter dinheiro, muito dinheiro!

De resto, temos razão. Não sei de obra prima feita com a barriga a «dar horas» e «Amor e cabana» é frase que não dá nada depois que se inventaram os Rolls-Royce e os colchões de arame.

Dinheiro! Mas é tudo o maldito! Talento, alegria, amor, tudo dá o dinheiro, embora aqueles que o não avezam digam o contrario!

Se eu fosse rico!... se eu fosse rico! e o estribilho é sempre o mesmo, sempre o mesmo «refrain».

O dinheiro!

A riqueza!

Agora por dinheiro: O leitor é capaz de me emprestar dez mil réis?

Henrique Roldão.

PELO TELEGRAFO

PARIS, 11.—Os jornaes publicam, sob reserva, telegramas de Londres, dizendo que na conformidade do voto expresso pelo Reichstag, o embaixador da Alemanha pediu ao sr. Loyd George garantias sobre a sorte da Alta Silesia e sobre a acção eventual da Polonia. O sr. Loyd George respondeu que submeteria a questão aos governos aliados e insistiu na necessidade para a Alemanha de aceitar o ultimatum dos aliados, sem reserva.—(H.)

ROMA, 11.— Faleceu madame Giolitti, esposa do presidente do conselho

Depois de um conflito que se produziu em Castelverano, foram presos todos os membros da municipalidade, incluindo o sindico.

Em Ascalepiceno houve desordens entre os socialistas e os fascistas, resultando ficarem 2 mortos e 3 feridos —(H.)

MEMORIAS DUM LIVRO

Souza Costa, o escritor consagrado por um punhado de obras exgotando-se sucessivamente acaba de pôr á venda o seu ultimo volume de cronicas «Milagres de Portugal». E' escusado dizer que o seu valor incontestavel se afirma nas variadas formas que as novas cronicas apresentam: quer no colorido das paisagens, como certas paginas do Algarve, *quer no espirito observador com que escreve os trechos como o* Medo da epidemia, a mulher hespanhola *e... todos mais. Ha porem uma cronica que nos toca muito sensivelmente e que não podemos por esse motivo deixar de transcrever com muita satisfação e jubilo. E' o capitulo* Memorias de um livro. *Ei-lo:*

O portuguez, não sei porque, raro escreve para o publico falando de si mesmo—a não ser quando lhe dá para se erigir altares—o que torna duma escassez desoladora a nossa literatura de memorias, noutros paizes tão abundante de informações e tão rica de pitoresco. Vou falar dum livro meu, o *Coração de Mulher*—não para o apreciar ou comentar, claramente, mas para não perder de vista certos episodios ocorridos durante a sua publicação em folhetins.

O *Coração de Mulher* apresentou-se aos seus primeiros leitores no *rodapé* d'*A Capital*—um dos raros jornais que á literatura entre nós consagram tempo, espaço e numerario. E dai a maior parte daqueles episodios, ora fulminando ameaças, ora prodigalizando afagos.

Como a sua acção decorra paralelamente com acontecimentos politicos, que se produziram dêsde fevereiro de 1912 a outubro de 1913, *A Capital* comunicou-o aos quatro ventos nos anuncios que precederam a publicação. Alguem, que eu não suspeito quem seja, supoz logo, tambem não vejo o motivo, que o meu livro vinha denunciar movimentos conspiratorios até ali ignorados. E esse alguem apressou-se a escrever a Manuel Guimarães, Padre-Mestre ilustre do nosso jornalismo, o director d'aquêle jornal, ameaçando-nos de morte se comprometessemos... o anonimo *signatario* da carta.

Rimo-nos da ameaça, ele e eu—e o nosso riso nem chegou a ser forçado, querendo mascarar de força a nossa talvez ingenita fraqueza. Porque o livro não tinha em vista denunciar, comprometer, e por isso seriamos poupados pelo ferro que assim nos apontavam ao peito detraz de misteriosas sombras.

A 5 de abril de 1914 começa a sair do prélo o meu pobre romance. Era a primeira vez que um livro meu aparecia em publico fracionado em folhetins—e devo dizer que tive a impressão arrepiante duma nudez lesiva dos meus bons costumes provincianos, ao vel-o sem copa, sem parra sequer, na pagina aberta da gazeta. Passados dias, habituado já a essa exibição paradisiaca—a tudo nos habituamos, afinal, até a não ter vergonha! —recebo uma carta, e outra Manuel Guimarães, com a vaga assinatura de *Um grupo de republicanos.* O que quereria esse grupo epistolar? Felicitar-nos—a mim pelo parto enfermiço de uma gestação febril de tres mezes, a Manuel Guimarães pelo agasalho que lhe deu nas colunas afectuosas d'*A Capital*? Não senhor. Esse grupo, esses republicanos, queriam apenas—ameaçar-nos. E ameaçavam-nos de facto. A mim chamavam-me *thalassa*, condemnando-me ao seu *index* expurgatorio. A Manuel Guimarães prometiam-lhe um empastelamento sumario, se o folhetim mantivesse, dai em diante, o mesmo tom heterodoxo.

—Então...—e eu não conseguia explicar-me o confuso da situação—um monarquico ameaçava-nos de morte no receio de que o comprometamos, e um grupo de republicanos ameaça-nos de empastelamento porque lhe somos desagradaveis?!

E lamentei o triste significado da situação tristissima—que vinha afiançar-me, sem eufemismos hipocritas, que, tendo nós, em Portugal, pouco mais de meia duzia de leitores, metade dessa meia duzia nem ao menos sabia ler! Miopia desalentadora—que transformava em intuito politico a mais modesta e a mais inofensiva aspiração literaria! Mas, de subito, a correspondencia relativa ao *Coração de Mulher* avulta, multiplica-se. Em certa manhã, ao entrar na redacção para rever as provas do dia seguinte, Manuel Guimarães brada-me do seu gabinete:

—Você, hoje, tem aí... veja lá quantas ameaças de morte!

Ao primeiro sobrescrito verifiquei, porém, que a letra do endereço, agil e fina, era de uma leveza de vôo de andorinha. Devia ser de mulher. Abri curioso. Uma *admiradora* pedia-me, sinceramente, que tornasse feliz Maria do Carmo—uma das personagens maximos do romance. Fiquei num aturdimento de redemoinho—vendo-me de repente elevado á consideravel qualidade de Destino ou de Senhor Todo-Poderoso. Abro segundo sobrescrito, na ancia de atenuar o aturdimento da carta anterior...Esta era de desvanecer um Cesar—porque eu continuava guindado ás alturas do Arbitro Supremo, não já da felicidade duma mulher, tambem da vida dum regimen politico. Numa fôlha de papel côr de malva, com um halito discreto a *Rose d'Orsay*, alastrava em caracteres firmes esta suplica: *Ao encerrar o capitulo V restaure a Monarquia.*

Abro a terceira, a mais logica—exalando da sua logica um aroma denunciador de serraino. Perguntava-me, amavelmente, se depois da scena de Maria do Carmo com Carvalhosa, no Limoeiro, não viria uma scena que désse aos dois *a ventura dum amor completo.* A quarta e a quinta continham, estas palavras duma brandura de caricia, aquela arremeços duma dureza de cutilada.

Manuel Guimarães sorria, desvanecia-se diante dêssa afloração de interesse, refluindo dum publico do ordinario tão desinteressado de frivolidades literarias.

Mas o drama substitue, no decorrer da acção, os episodios politicos que lhe dão origem. O herói, o meu herói, o meu Manoel, preso, da sua casa segue entre dois agentes policiais para o governo civil, do governo civil transferem-no para o Limoeiro—denunciado, caluniado por um amigo, o seu maior amigo, que o denuncia e calunia na necessidade de desviar de si culpas e responsabilidades graves. Esse *amigo* chama-se Nicoláo. E começo a receber cartas instando pela condenação de Nicoláo, o *traidor*, o *irmão de Judas*. Uma delas exige a morte do homem nêstes termos decisivos: «Esse Nicoláo é uma deshonra para o genero humano. E' preciso matal-o sem demora.» A seguir á prisão define-se o sacrificio e a dôr de Laura, a mulher de Manuel—e são as cartas de piedade que surgem, na sua simplicidade comovente. «Não faça sofrer mais a pobre Laura!» E outra, indignada: «E' por força uma alma perversa quem martiriza tanta alma bôa!» E dias depois, esta, duma ingenua e sentida anciedade: «Diga-me o que vem amanhã. Responda já, por mão propria, a R. J.—R... n.º...»

Eu não tinha acerca do meu livro, como não tenho hoje, uma idéa lisongeira. No entanto, o interesse anonimo que em volta delle refluia, espontaneo e vivo, sensibilizava-se. E estava justamente no periodo acariciante dêsse banho tépido de favor anonimo, tão propicio ao bom humor, quando recebo... Perdão, antes de dizer o que, devo declarar que sou casado, á face da Madre Igreja, que me revejo nos olhos de dois filhos, e que observo, tão escrupuloso como Lucrecia, as obrigações morais contraidas pelo matrimonio... Recebo... um alfinete de ouro, uma garra de ouro segurando nervosamente a luz trémula dum diamante, E com o alfinete, no mesmo estojo, aconchegado na macieza do mesmo setim, um bilhete modelar na seriedade e no misterio: «Duma sua admiradora!»

O romance chega ao fim. E não tinha passado uma semana sobre o seu ultimo capitulo, encontro-me com um graduado politico evolucionista—que declará lamentar que o meu livro não tivesse vindo a publico antes dois mezes da amnistia aos criminosos politicos. Porque tel-a-ia apressado um mez—tão dolorida era a tragedia que palpitava nas suas paginas. Isto foi de tarde, num dos passeios da rua Nova do Carmo. A' noite, pouco abaixo, no Rocio, cumprimento um velho monarquico muito da minha amizade. Para diante de mim. Olha-me de sobrecenho repreensivo. Afirma-me que eu havia escrito um *romance republicano*, retintamente republicano. Porque? Porque carregara de antipatia todos os personagens monarquicos, porque só tivera tintas amaveis para os personagens do regimen. E não me refizéra ainda, por completo, do assombro em que me colocava esse choque de opiniões contraditorias, diz-me um outro amigo, sem filiação partidaria, mas de predilecções avançadas:

—Li o *Coração de Mulher*. Que diabo! Inclinaste-te demais para os monarquicos.

—Han?!

—E' verdade. O unico personagem republicano, a valer, o Almeida, vestiste-o de grotesco. E os capitulos da Penitenciaria, com os seus presos politicos, constituem o pior dos libelos contra a Republica...

Ah, fiquei satisfeito! Politicamente eu não havia agradado nem a brancos, nem a vermelhos—quer dizer, havia-me equilibrado na ressaca das paixões que perturbam o equilibrio duns e doutros. E isso me bastava para meu contentamento. Porque, não falando nem a linguagem dêstes, nem a daquêles, tinha adotado a linguagem que reclama a paz e a harmonia no lar e no coração da familia portugueza.

Apezar da minha satisfação, porém, jurei e juro que nunca mais farei girar personagens de romance sobre a bola instavel da politica...

A situação agricola mundial

As colheitas das chamadas sementeiras de inverno estão ou terminadas, ou quasi. A não falharem as previsões feitas, nos Estados Unidos da America do Norte a do trigo deve ser superior em 9°/ₒ á media dos ultimos dez anos. No principio do mez passado, as provisões eram egualmente favoraveis quando á Alemanha, Belgica, França, Hespanha, Inglaterra, Polonia, Romenia e Africa setentrional, e medianas na Italia e no Japão.

A falta de chuvas tinha prejudicado a sementeira de trigos em alguns pontos da India ingleza.

As sementeiras da primavera apresentavam-se em boas condições na Belgica, Bulgaria, França, Inglaterra Italia; Romenia e Japão, ao passo que estavam atrazadas na Hespanha, Irlanda e Tcheco-Slovaquia.

No hemisferio do sul, a colheita do milho na Argentina é de 59 milhões de quintaes, com uma diminuição de 11°/ₒ, comparativamente com a do ano passado, mas com um aumento de 21°/ₒ sobre a media dos cinco anos anteriores.

No total, a producção mundial do milho é de 948 milhões de quintaes, isto é, 9°/ₒ mais do que na estação passada e 15°/ₒ superior á medida dos 5 anos anteriores.

A questão das reparações

A resposta alemã foi entregue hontem em Paris e Bruxelas

PARIS, 11. — O presidente da delegação alemã da paz entregou esta tarde ao sr. Briand o texto da nota alemã aceitando os termos da declaração dos aliados do dia 5 do corrente. A mesma «demarche» foi feita em Bruxelas junto do sr. Jaspar pelo encarregado de negocios da Alemanha.—(H).

O que a França tem adeantado á Alemanha e o que ela deseja

PARIS, 11. — Continuando a serie de conferencias organisadas por Daniélou na casa da Imprensa, o sr. Loucheur ocupou hoje os correspondentes estrangeiros da questão das reparações. O sr. Loucheur mostrou os esforços consideraveis que a França tem feito para a reconstituição da zona devastada. Havia 500.000 casas inabitaveis e no entanto voltaram mais de 1 milhão de habitantes. A questão financeira — proseguiu o sr. Loucheur — domina todo o problema. O orçamento das reparações deve atingir para a França 8 biliões, tendo a França adeantado já 27 biliões por conta da Alemanha e vendo-se impossibilitada de fazer mais; Mesmo no caso da Alemanha pagar a totalidade da sua divida, a França terá que arranjar só por si e para reparações nada menos de 25 a 30 biliões. O sr. Loucheur declarou que o fim que os negociadores tiveram em vista na conferencia de Londres foi a manutenção da união entre os aliados, ao fazerem concessões mutuas, e a Alemanha perdeu a partida, jogando a cartada da nossa desunião.

O ministro declarou, ao terminar, que o desarmamento da Alemanha deve ser completo, absoluto e selo-ha, e, para que o seja, os francezes ficarão vigilantes. O que a França deseja só é que a Alemanha desarme e pague.—(H).

A opinião da imprensa franceza sobre a constituição do gabinete alemão e a aceitação do ultimatum dos aliados

PARIS, 11.—A imprensa desta capital comenta a constituição do novo gabinete alemão e a aceitação por parte da Alemanha do ultimatum dos aliados. O gabinete, segundo diz o «Petit Parisien», é formado pelos partidos que votaram sem reservas a constituição de Weimar, a qual representa actualmente a menos má das combinações se não se quizer entregar a Alemanha ás mãos dos Stinnes, Ludendorff e consortes. Na opinião do «Journal» foi a ameaça as sanções eficazes e a certeza de que não encontraria para se a Alemanha esquivar a elas nenhuma contemplação nem de Londres nem de Washington que fizeram com que a Alemanha fechasse os ouvidos ás excitações dos pangermanistas. O «Figaro» duvida que se trate da conversão a uma politica de bom senso e boa fé e aconselha os francezes a que leiam todas as restrições mentais que revelam as declarações do governo e dos partidos. Segundo diz o «Petit Journal», os aliados não pedem mais do que uma coisa ao gabinete Firth, e que renuncie á politica de moratorias, expedientes e promessas dilatorias e se conforme puramente e simplesmente com as clausulas do tratado de Versailles, definidas e precisadas pelo acordo de Londres, numa palavras que a Alemanha cumpra completa e sinceramente as suas obrigações O «Avenir» reclama da Alemanha a aceitação sem a menor reserva, pois a restrição mental é um sport apenas bom para os alemães e está certo de que essa aceitação seria acompanhada de uma multidão de comentario não expressos. O «Echo de Paris» faz salientar as diferentes mudanças de ministerio nos ultimos tempos, a queda de Scheidemann quando o tratado do Versailles foi sujeito á assinatura do Reich, a demissão de Bauer e o golpe de estado de Von Kapp.

Estas mudanças de figurantes, escreve o mesmo jornal, traduzem-se na revolta do povo alemão perante as legitimas exigencias perante as quais lhe é forçoso curvar-se, mas que no seu intimo não aceita. Por isso aconselha o «Gaulois», mostremo-nos inflexiveis, suportemos sem desfalecimento nem hesitações os mil «trukes» de que se serve o adversario para se furtar ao cumprimento das suas obrigações. O *Echo de Paris* reproduz a resposta dada pelo sr. Lloyd George á pergunta que o sr. Briand lhe fez no fim da sessão do ultimo conselho supremo. «No caso do governo de Berlim a sanção e ao Ruhr seria aplicada na conformidade do relatorio da comissão inter-aliada a fiscalisação militar em harmonia com a falta cometida».—(H),

O que diz o coronel americano House

WASHINGTON, 11.—O correspondente do *Daily Mail* entrevistou por ocasião do seu desembarque em Cherburgo o coronel americano House, o qual constatou e sublinhou a moderação imposta á Alemanha pelos Aliados e lamentou que o tratado de Versailles não fosse aplicado mais cedo e mais energicamente.—(H.)

Pedido de demissão

PARIS, 11.—Diz o *Echo de Paris* que sir John Bradbury, representante da Inglaterra na comissão das reparações pediu a sua demissão e que seria substituido pelo actual ministro da guera, sr. Evans.—(H.)

OIDA NÃO E NÃO!

QUEM OS NÃO CONHECER...

Como d'um momento a outro se deixa de ser boa administradora

Não quero, nem posso, gastar muito tempo com o livro «Infeliz», porque tenho mais em que o empregue, mais e melhor.

Podia, seguindo-lhe o exemplo, dizer não é verdade isto, não é verdade aquilo, mas para que?

Parto do principio de que, apenas, tinha esta resposta a dar-lhe: não estou, nem nunca estive doida, portanto, diante da sua afirmativa em contrario, ligo-lhe a importancia que se liga a um grande mentiroso—viro lhe as costas.

Não resisto, porém, á tentação de falar de certas cousas... para me «distrair».

Os «tres sabios» de Lisboa, que me fazem recordar, não sei bem porquê, tres finórios duma célebre zarzuela—«eu el sábio primero! Y Yo el segundo! Y Yo el terceiro!—entenderam, de acôrdo com os seus colegas do Conde de Ferreira, que eu era «incapaz» de reger a minha pessoa e os meus bens; porque, nos meus bens é que está, como nós sabemos, a «minha loucura».

Não sei se o meu caro leitor se lembrará do tudo quanto eu aqui lhe tenho dito. Confio em que não o terá esquecido e, sendo assim, diga-me o que pensa da decisão dos tais sabios?

Eu sou hoje a mulher que fui sempre como administradora. Ha 20 mezes que saí do Conde de Ferreira, sem dinheiro e sem roupas; ha 20 mezes que faço prodigios para poupar o pouquissimo que tenho; ha 20 mezes que trabalho sem descanço para ganhar uns bens miseraveis centavos; ha 20 meses que não fujo a economias, mesmo as que mais insignificantes parecem; ha 20 mezes, emfim, que eu tenho provado, indiscutivelmente, que me sei governar.

Podem dizer-me, talvez, que quem tem tão pouco, pouco tem que governar; mas é ai que está o engano.

No tempo presente é bem mais dificil a vida para os pobres, do que dantes; e, portanto, a dificuldade de administração é mil vezes maior.

Para comprar certas cousas, indispensaveis, mas carissimas, ganhando pouco, só pode conseguir-se poupando muito e quasi fazendo milagres.

Até ao dia 13 de Novembro de 1919, fui sempre considerada, por todos que, de perto, me conheciam, uma boa dona de casa, economica e arranjada, e isto mesmo quando a «loucura» devia, segundo dizem no «Infeliz», já andar incubada!

Mas depois do celebre exame dos «ilustres sábios» e do exame de interdição, foi-me negada, em absoluto, a competencia para me governar!

Recusaram-me alimentos, porque tinham medo que eu estragasse o dinheiro que me dessem; e, ainda por cima, teem o descaro de censurar por eu promover a venda do meu livro, tentando, honradamente, á custa do meu trabalho, ganhar alguma cousa!

Emquanto eu, a «doida», a «interdita», a «demente», a *maluca* como muito «amavel» e «delicadamente» me chamou o sr. Conselheiro Francisco Fernandes, n'uma das vezes que se reuniu o «meu conselho de familia», faço o que fica dito, no que continuo, apenas, o meu modo de ser de todos os tempos, o sr. dr. Alfredo da Cunha, o meu tutor e, portanto, o «administrador» dos meus bens, gasta á grande e atira ás mãos cheias o dinheiro pela janela fóra.

Não me quer dar, a mim, a quem devia fazê-lo se fosse outra especie de homem, aquilo de que preciso e que me pertence; mas enche as algibeiras de quem não precisa, ou antes d'aquêles que escolheu para cumplices na sua obra do odio e de vingança.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, que é tão «boa» pessoa, que tem um coração tão «amoravel», que é tão «caridoso», não se importa que a pobre «louca», que pela sua doença «tanta piedade» lhe inspira, passe privações!

Avalie-se por este «carinho» todo o carinho que elle me dispensava n'outras enfermidades!...

Administrar os meus bens do casal, não posso, não estou em estado d'isso», pela minha «doença mental», mas posso administrar o que ganho.

Já me tenho lembrado muita vez se o sr. dr. Alfredo da Cunha, ainda um dia me virá pedir as minhas modestissimas economias, alegando ter direito a ellas! E' muito competente para o fazer.

Ora os taes senhores «sabios», que nem sequer experimentaram se eu sabia que dois e dois são quatro (ou vinte e dois!); que não trataram, sequer, de ver se eu diferençava uma cedula de cincoenta centavos d'uma nota de cinco escudos; que não me perguntaram mesmo, se eu sabia quantas laranjas eram precisas para formar uma duzia, deram-me por incapaz de reger a minha pessoa e bens!

Mas, leitor, porque quem elles são sabemos nós e quem é o sr. dr. Alfredo da Cunha tambem nós não ignoramos, é que eu digo que: quem os não conhecer que os compre!

Maria Adelaide

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

O torneio da «Taça Mutilados da Guerra»—As meias finaes

Como já noticiamos hontem, a comissão organisadora do torneio de foot-ball da «Taça Mutilados da Guerra», reune na proxima segunda feira, pelas 21 horas, na redacção do jornal *Os Sports*, afim de elaborar o calendario dos jogos a efetuar nas meias finaes entre os «teams» do Sporting, Casa Pia, Belenenses e Carcavelinhos.

Torneio Infantil

Inicia-se no proximo domingo o Torneio Infantil de foot-ball que o Sporting Club de Portugal organiza entre «teams» compostos de menores seus associados, encontrando-se ás 10 horas da manhã os grupos D e A e ás 11 e 15 os grupos C e B respectivamente arbitrados por Antonio Nunes Soares Junior e Eduardo Costa.

CONGRESSO DE COMITÉS

Portugal far-se-ha representar

«Os Sports» de hoje dá a seguinte informação:

«Sabemos que, nos dias 2 e 7 de Junho, se realisa em Lausanne o congresso dos Comités Olimpicos Nacionaes, tendo Portugal recebido convite para se fazer representar por intermedio do sr. conde de Penha Garcia.

Ao que parece, a nossa representação vae recahir sobre os srs. H. Dias de Oliveira, adido da legação portugueza em Berne, e Roque da Silva.

Parece que este congresso pensa abolir dos proximos jogos olympicos o foot-ball, o tiro de guerra e a esgrima de espada.»

ESGRIMA

Os torneios da Semana d'Armas

Os torneios da Semana d'Armas Portugueza, que o Centro Nacional de Esgrima, vae fazer disputar nos dias 2 a 17 de Junho, são os seguintes:

Dias 2, 3 e 4—Campeonato de Juniors.

Dias 5 e 6—Campeonato escolas.

Dias 7, 8 e 9—Taça Castello Melhor.

Dias 10, 11 e 12—Campeonato Nacional de espada.

Dias 13 e 14—Campeonato de Sabre amadores e profissionaes.

Dias 15, 16 e 17—Taça Lancho por equipes.

SPORTS ATLETICOS

O Campeonato do Sport-Lisboa

A Comissão de Sports Atleticos de S. L. B., resolveu marcar os dias 24 e 31 de Julho, para a realisação do 4.º ano dos provas deste campeonato.

A inscrição faz-se na secretaria do club e abre no proximo dia 15, encerrando-se um mez depois.

Espera a Comissão, obter inscrições da provincia, para que este ano o campeonato seja revestido do maior interesse.

O S. L. B., resolveu concorrer ao Campeonato da Legoa do Porto, enviando os srs. Ilydio Nogueira e Felesiano Gonçalves, como seus representantes.

Pelos clubs

Comunicações oficiaes

Federação Nacional de Remo—Pede-se a todos os seus delegados a sua comparencia no proximo sabado pelas 21 horas na séde da Associação Naval de Lisboa, Largo do Calhariz para assunto urgente.

Lá por fóra

Foot-Ball—A final do campeonato de Hespanha disputada no domingo passado entre o Atletico de Madrid e Atletico de Bilbau foi ganha por este ultimo, por 4 *goals* a um.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Monna Delza

Ha 8 dias que a scena franceza perdeu a figura interessante de Monna Delza.

Lisboa conheceu-a porque aqui passou em tournée, no palco celebre do D. Amelia, então já Republica e poude apladui-la pelo seu valor artistico e pela sua figura plenamente parisiense.

Monna Delza, ouro verdadeiro nome é «Condessa de Patrimonio» debutou em Paris em 1907 no Vaudeville na «Patachon». Dentro em pouco creava algumas das principaes peças francezas como «L'Exileé, L'Enjoleuse, da Fille, Maison de Danses» e finalmente «Vierge Folle» de Bataille que lhe mereceu da critica um renome considerável. O seu ultimo trabalho foi ainda uma peça de Bataille, a «Inès de l'homme á la Rose».

A imprensa teatral franceza lamenta a perda desta estrela que era uma esperança da arte parisiense; Mona Delza morreu devido a uma «gripe infecciosa».

Noticiario

Entre nós

E' a seguinte a distribuição da peça «Simone» que sobe á scena para a semana, no Nacional, em festa artistica de Ilda Stichini:

«Eduardo de Sergeac», Erico Braga; «M. de Lorsy» Eduardo Brazão, «M. de Sergeac» (pae) Rafael Marques, «Miches» Matos Reis, «M. Mignes» Jaime Zenoglio, «O doutor» José Cardoso, «Simone» Ilda Stichini, «Hermance» Elvira Costa, «Georgette» Sara Lima, «Bartin» Antonio Nascimento, «Chaintreaux» Antonio Melo.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21,30—Recital da Sociedade de Concertos.
NACIONAL—A's 21 h.—«Leonor Teles».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO —A's 21,30 — «Negocios são negocios».
AVENIDA — A's 21,30 — «O Pato».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Pora-Monte Carlo».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
CINEMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes...

ULTIMA HORA

A saida do sr. governador civil

Ha muita gente que a espera ancio-samente, mas ha muito mais gente, com certeza, que a veria com profundo desgosto.

Deram-na como certissima alguns jornaes da manhã, e houve até quem aventasse nome do substituto. Pois parece que, felizmente, não se verifica a profecia.

O sr. capitão Lelo Portela tem revelado no desempenho do seu alto cargo excepcionaes qualidades de inteligencia e bom senso. Ora estas qualidades são, ao que se encontram por ahi todos os dias aos pontapés, são mesmo muito raras, rarissimas. Alem d'isso, o sr. Lelo Portela é um autentico republicano, um democrata de boas maneiras, recebendo com amabilidade as pessoas que o procuram e dançando, de vez em quando, no Palace.

Ora isto é imperdoavel nos tempos de autentica «democracia» que vão correndo.

De ahi uma certa inimizade, suscitada muito principalmente entre aquêles que só concebem uma Republica virago de cacete em punho e clavina aperrada.

Varias vezes junto do atual chefe do governo tem o sr. governador civil instado pela sua demissão sem que ella lhe haja sido dada e tendo muito pelo contrario sempre instado o sr. dr. Bernardino Machado para que o ilustre oficial continue á frente do distrito. Mas d'esta vez, e a pesar de tudo o que para ahi se diz, o sr. Lelo Portela não chegou mesmo a manifestar o seu desejo de sair do elevado cargo que ocupa.

Ha muito quem, pretendendo desvirtuar factos e malsinar intenções procure misturar a personalidade do chefe de distrito com a apreensão recentemente efectuada de alguns jornaes da capital.

A bem da verdade devemos dizer que o sr. Lelo Portela se tem sempre manifestado intransigentemente, não só contra a apreensão dos jornaes, como tambem contra as prisões todos os dias realisadas a todos os dias dadas sem efeito. Junto do sr. ministro do interior, tem ele por diversas vezes manifestado o desgosto causado por semelhantes factos que apenas podem concorrer para desacreditar a Republica.

A P. S. E. tem absoluta independencia de acção para efectuar essas apreensões e para determinar as prisões a que nos referimos; ficou isso que estava assente numa reunião efectuada a quando do gabinete Liberato Pinto, assim mesmo se tem procedido desde então.

Não tem, nem pode ter consequentemente o governador civil de Lisboa a minima interferencia nestes casos lamentaveis. Procurar atribuir-lha é cometer uma deslealdade que em nada justifica o recto proceder e a conhecida hombridade de caracter do sr. Lelo Portela.

E a proposito convem dizer que, tendo em consideração a maneira elevantada e digna como o actual governador civil se tem conduzido no exercicio do seu cargo, o ilustre deputado reconstituinte sr. Prestes Salgueiro fará brevemente no Parlamento algumas considerações tendentes a demonstrar toda a vantagem que ha para bem do proprio governo do distrito, em que aquele funcionario não abandone um logar que tão brilhantemente tem ocupado.

Reunião de ministros

Em casa do sr. presidente do ministerio reuniram hoje os ministros das varias pastas, com excepção dos titulares das pastas das Finanças e Instrução, para se tratar, ao que consta, do assunto de abastecimentos, do orçamento do Estado e de outros assuntos de administração publica.

Um roubo de 35 contos

O gatuno é preso em Santarem

Hontem de tarde esteve no Governo Civil, a sr.ª D. Maria do Carmo, enfermeira, vinda de Lourenço Marques a bordo do paquete «Beira», a queixar-se de que tendo confiado a Bernardino José Rodrigues um cheque de 650 libras, para ser descontado no Banco Colonial, ele fugira para fóra de Lisboa com o produto cheque, que rendera nada menos de 35 contos. Entregue o caso na 4.ª secção, partiu em automovel o agente Robalo, acompanhado da queixosa, para Santarem com tanta sorte que foi encontrar ali o gatuno no Hotel Central, prendendo-o e aprehendendo-lhe ainda 13 contos.

O preso deu esta manhã entrada nos calabouços do governo civil.

POEIRA DA ARCADA

Delimitação de fronteiras

Foram hoje apresentar ao seus despedidos ao sr. ministro da marinha os srs. capitão tenente Martins Pereira e 1.ºs tenentes Raul Frade e Baeta, que partem para Angola, onde vão fazer a delimitação da fronteira da Lunda.

Operarios do Alfeite

Uma comissão delegada do Sindicato unico dos operarios da construção civil esteve hoje com o sr. ministro da marinha, a quem foi solicitar melhoria de situação dos operarios que trabalham nas obras do Alfeite.

O sr. Fernando Brederode ficou de estudar o assunto, devendo ouvir a Junta Autonoma das Obras.

Conferencias

Na séde do Gremio Tecnico Portuguez, rua de Santa Marta, 217, realisa amanhã, ás 21 horas, a sr.ª D. Maria O'Neill uma conferencia sob o tema «A influencia da tisnagem na mulher».

Imprensa

Reapareceu hoje o jornal a *Republica*, que, como se sabe, suspendera ha tempos temporariamente a publicação.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Os deputados srs. João Salema, Maldonado de Freitas e Alberto Jordão tratam de varios assuntos. O sr. ministro da guerra declara que o processo relativo ao sr. coronel Silva Reis está á disposição do sr. Alberto Jordão.

Entra em discussão a proposta 635 M, autorisando o ministro da guerra a conceder um credito especial de 1000 contos para o parque de aviação militar em Alverca. Falam os srs. Plinio Silva, Cunha Leal e ministro da guerra, sendo a proposta aprovada na generalidade e na especialidade, com dispensa da ultima redacção.

Na ordem do dia continua a discussão da proposta do deputado sr. Orlando Marçal referente á amnistia a crimes comuns filiados em questões politicas, falando contra ele o sr. Vasco Borges.

A sessão continúa.

No Senado

Torna a ventilar-se o caso do projecto de lei que anula a concessão do novo porto do Montijo, declarando o sr. Fernandes d'Almeida que o processo lhe fôra entregue apenas para o estudar e não para o relatar. Por isso o envia novamente para a comissão de obras publicas.

O sr. Pereira Osorio insiste sobre a concessão da queda d'agua no rio Leça—districto do Porto. Referiu-se ao processo promovido pela «Société Minière» (belga) que se julgou preterida nos seus direitos pela «Sociedade Industrial» (portugueza).

O sr. ministro do comercio explicou como o caso se passou, declarando que não lia motivo para inquerito.

Entre o sr. Pereira Osorio e o sr. ministro do comercio trocaram-se ainda explicações.

Na ordem do dia entra em discussão o projecto de lei n.º 776 que promove a general o sr. Xavier da Costa por motivos de guerra.

A requerimento do presidente da comissão de finanças sr. Herculano Galhardo o parecer volta aquela comissão para ser apreciado sob outro aspecto.

O sr. Alfredo Gaspar referiu-se ao facto de ainda não terem sido apresentados os orçamentos dos serviços autonomos.

Trocam-se explicações entre os srs. ministros das finanças, comercio e Herculano Galhardo, apurando-se que estão a imprimir, com urgencia, na tempo, na Imprensa Nacional.

Foi aprovado o projecto de lei que promove a 2.ºs tenentes os guardas marinhas que terminam os seus cursos.

As victimas do automobilismo

Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, deu entrada, em estado grave, o estudante João Antonio Soares, morador na travessa da Portugueza, 48, 3.º que no largo do D. Estefania foi atropelado pelo automovel n.º 2003, ficando com fractura da perna e braço direitos e muito ferido na cabeça.

O uso e porte de armas

O decreto, que foi mandado suspender, sobre uso e portes de armas, e que foi publicado no «Diario do Governo» de 23 do mez findo, resava assim no seu artigo 15.º:

«E' expressamente prohibido o uso de armas brancas.

§ unico. Entende-se por armas brancas todas as que, não sendo de uso domestico, são destinadas especialmente a ferir, como punhaes, navalhas de ponta, estoques com (ou sem) bengala, varapau com choupa, boxes e outras semelhantes.»

NOTICIAS DA CAPITAL

Queriam montar casa...—Como se sabe, tudo está pela hora da morte e não ha dinheiro que chegue para comer. Ora alguem, que se não sabe ainda quem seja, mas que a policia tinha de vêr se consegue descobrir, foi-se á residencia de Maria das Neves, em Bemfica, e levou d'ali roupa e talheres no valor de 380$00. E' um principio de vida, mas o diabo é se a policia lhe entrava as vazas!

Mais outro que tambem achou que era mais facil vestir-se á custa alheia do que á sua. Trata-se de Henrique Peres, morador na rua Maria Pia, 15, que, servindo-se duma gazua, entrou em casa do dono do predio n.º 20 da mesma rua e carregou com roupas no valor de 36$00.

A policia e que não atendeu a circunstancias atenuantes e lhe deitou a mão, pondo-o a bom recato nos calabouços do governo civil.

Uma acusação infundada. — Procurou-nos o sr. Manuel Pedroso Pimenta, morador na rua das Casas do Trabalho, 147, para nos dizer que era infundada a acusação de ter furtado lavatorios e fechaduras a Canuto Carlos d'Almeida, da rua do Alvito, tendo sido posto em liberdade por se reconhecer a sua inocencia.

Jack, coração de leão

Noites de verdadeira festa, as que se passam no sumptuoso Salão Central.

Tribunas repletas; camarotes cheios; plateia e promenoir sempre a cunha.

A isso tem direito o bonito cinema, não só pelos enormes comodidades que ali se disfrutam, como pelo encanto das suas peliculas, sempre cheias de novidade.

No programa desta noite figuram os tres primeiros episodios da do colossal *film* de aventuras *Jack, coração de leão*, que o publico recebeu com notavel agrado e que continua sendo um grande sucesso cinematografico dos ultimos tempos. Amanhã, na matinée estreia do 4.º episodio, intitulado *Ao extremo da corda*.

A CAPITAL

3780—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Sexta-feira, 13 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O culto da violencia

Segundo noticiam os jornaes, A Federação Nacional Republicana, em reunião realisada hontem á noite protestou contra o projecto do sr. Orlando Marçal, tornando responsaveis pelas consequencias da sua aprovação os membros dos poderes legislativo e executivo que lhe derem o seu voto.

O projecto do sr. Orlando Marçal é aquele que, tornando extensiva a amnistia a certos crimes considerados comuns, na realidade não tem em vista senão eximir o auctor do atentado contra o dr. Sidonio Paes á liquidação das suas responsabilidades perante o tribunal a que está afecto o seu processo.

Com razão disse hontem um parlamentar na camara dos deputados que com o projecto do sr. Orlando Marçal, se ele fosse aprovado, não seriam julgados tambem os assassinos do visconde da Ribeira Brava e de outros republicanos, implicados no processo da sangrenta «Leva da Morte».

Está decerto na memoria de toda a gente que, por ocasião do atentado que vitimou o sr. dr. Sidonio Paes, os directorios de todos os partidos constitucionaes da Republica, sem excluir o democratico, a que o sr. Orlando Marçal pertencia, e sem protesto de nenhum dos seus membros, se apressaram a vir publicamente condenar esse atentado como um acto de violencia absolutamente inadmissivel.

E' certo que depois disso, pelo que se conclue de certas manifestações registadas nos jornais, as opiniões parecem ter-se dividido; mas isso não constitue senão mais uma razão para que o atentado de 14 de dezembro de 1918 seja devidamente apreciado nos tribunais.

Com efeito, se ha quem considere José Julio da Costa um libertador benemerito e se ha quem o repute um assassinio odioso, é evidente que só pelo esclarecimento nos tribunais de toda a verdade sobre as determinantes do seu acto se póde firmar uma convicção que a todos legitimamente se imponha, de maneira a não deixar constituir um novo e gravissimo pomo de discordia na sociedade portugueza.

Nós não podemos continuar sob o regimen cronico da protecção e do incitamento á violencia. A prova de que ele se perpetua está na resolução da Federação Nacional Republicana, que, por sua vez, nem ameaçar tambem, apresentando-nos a triste perspectativa duma enextinguivil «vendetta» politica.

Vivêmos sob constantes ameaças, umas que veem de cima, outras que veem de baixo. E' uma coisa desoladora.

Ameaça-se a imprensa, ameaçam-se os partidos, ameaçam-se as classes, ameaça-se a propriedade, ameaça-se a propria lei. Com «ukases» no «Diario do Governo», ou com bombas de dinamite ás portas dos cidadãos, a verdade é que se faz uma rodilha dos verdadeiros principios republicanos e até das normas da humanidade.

Ameaçam-se os tribunaes, ameaçam-se os parlamentos, ameaça-se a justiça. O sectarismo mais feroz a nada atende senão aos seus interesses e ás más paixões. Para satisfazer o espirito de intolerancia, que a todos por igual domina, não se duvida até rolar no absurdo. Pode dizer-se que cultivamos sistematicamente o mal. E' uma coisa tremenda.

Emquanto se não reconhecer que se não pode perder de vista a dignidade nacional, porque sobre nós estão fixados os olhos do estrangeiro, não é facil antever maneira de sair da situação desgraçadissima em que nos encontramos. O que nós precisamos de fazer é exactamente o contrario do que estamos fazendo, porque, na realidade, não fazemos senão retrogradar para a barbarie quando devemos avançar para a civilisação.

Banquete ao sr. ministro do comercio

A direcção da Associação Comercial de Lisboa, em acôrdo com a da Associação Industrial Portugueza, deliberou, em sua sessão de quarta feira ultima, promover um banquete ao sr. ministro do Comercio como homenagem á sua invulgar, patriotica e inteligente iniciativa, apresentando ao parlamento diversas propostas de lei do maior alcance para a economia nacional. Este banquete deve realizar-se no dia 18 do corrente, no Monumental Club.

Associando-se a esta homenagem, inscreveram-se já numerosas individualidades do meio comercial, industrial e agricola.

As listas de inscrição encontram-se na Associação Comercial de Lisboa, Palacio do Comercio Rua Eugénio dos Santos, 89, e Associação Industrial Portugueza, Rua do Mundo, 20 1.º.

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

Coimbra e os portuguezes: Lisboa poderá ser, pretenciosamente, acaciamente, o cerebro de Portugal. Coimbra é, por direito, rigorosamente, o coração dos portuguezes. «Quem passou por Coimbra traz de lá alguma coisa, nos habitos, e nos pensamentos».

Porquê? Que magico poder de sugestão se evola das aragens mansas do Mondego, e perpassa, efluvio subtil, nas folhagens doiradas dos choupos, na verde-prata dos salgueiros esguios, na mancha branca dos areaes, das roupas estendidas, no recorte senhoril do morro azul e denso da cidade?

O que ha de triste, de evocativo de pobre, de socegado, no lagedo cinzento das calçadas da Alta, onde, ainda hoje, nas noites de Coimbra — azues-e-brancas — a mancha airosa das capas negras, se agita difusa e lendaria?

Não sei. Deve ser alguma coisa de forte — voz de raça, profunda e perturbante. A alma das coisas fala mais fundo que a alma dos homens, — talves porque os homens passam, e as coisas ficam.

*

Alguem—a Camara de Coimbra,—tentou, estupidamente, desnaturadamente, destruir um recanto da cidade, tirando-lhe o encanto que o tempo,—o velho mestre da estética—lhe tinha emprestado. Que lhe dava em troca? Um café de «lepes», do péssimo gosto e da autoria, dum arquitecto desastrado: o sr. Coelho.

O sr. Coelho, saiu da toca e veio dizer que o projecto era belo, e o velho Arco de Almedina, não prestava.

O espirito culto e superior de Trindade Coelho tomou a defensiva: ei-l'o a caustizar, á Camilo, os seus antagonistas.

E, então, em unisono, sem ser preciso chamal'os, quantos belos espiritos não vieram á lide, contra as ameaças da Camara de Coimbra—e sobre tudo quantos corações de portuguezes, quantos pobres e bons corações de portuguezes, honestamente se não indignaram, contra o atentado de sentimento, e de coração, que era a morte da velha barbacan.

Mas... «o arco não caiu, o arco não cairá», pode dize-lo Trindade Coelho, que foi, em verdade, o seu segundo arquitecto. As velhas pedras não cairão ainda—quem caiu, e já, foi a Camara de Coimbra.

Os anacronismos teatrais: Em teatro, a cada passo, pela ignorancia e pelo descuido dos directores de scena e até dos actores, são servidos ao publico, a frio, os mais espantosos anacronismos, sem que ninguem reclame, da parte do mesmo publico ignorante ou comodista. Lembra-nos que ha pouco no Politeama, com a companhia da Aura Abranches, na «Maestrina» de Nicodemi, o actor Sacramento chegava ao proscenio, com uma cadeira de vulgarissimo D. João V, e declarava para a protagonista, felicissimo: «E' da mais pura Renascença, pode sentar-se nela!»

Contam-nos tambem que a Sr.ª Palmira Bastos, ao estrear no Municipal do Rio a «Leonor Teles», compoz a protagonista logo na primeira noite com um relogio de pulseira... «Longines».

Poderá ser «blague», mas o que é um facto é que a mesma notavel atriz representou o «D. João Tenorio», num papel de freira, localisado no seculo XVII, com sapatos Luiz XV, de salto altissimo.

Em primeiro logar será levar muito longe a estetica teatral e sobretudo a estetica pessoal o trocar as sandalias ou os «razos» conventuais pelos sapatos mundanos, e em segundo lugar, a moda dos chapins «bergères» é dos principios do seculo XVIII, e os fatos de D. João eram de 1600 e tal...

Mas, o que é isso, cem anos em teatro... Nacional?

Ecos mundanos: E' um facto que a nossa Sociedade elegante, aquela sociedade «Smart» da gramatica mundana de Clarinha, cada vez mais assustadoramente se sacrifica pela pobresa desvalida e digna de melhor sorte.

Agora são os extenuantes «garden-parties»—extenuantes para todos—logo as trabalhosas operetas, depois os quadros-vivos, os concertos, os saraus, as kermesses, os pic-nics—porque até ha pic-nics de caridade.

Ultimamente, partiu para Coimbra, em passeata de piedosa beneficencia, um ruidoso e caritativo grupo, sob o comando geral da sr.ª Condessa de Almedina, que alem de ir verificar se o seu arco estava em terra, foi tambem explorar o mercado coimbrão com o seu grupo furioso-aristocratico.

O secretario da «tournée» — «pic-nic» de caridade—foi o sr. Vasco Falcão, indo tambem o nosso colega sr. Vasconcelos e Sá, como «reclamista» da «troupe». Trata-se, como se vê, duma expedição de caridade em forma.

Alem de alguns bailes, festas em sua honra e outras trabalhosas canceiras—porque, estas coisas dão muito trabalho!—houve tambem um passeio ao campo, que deu um trabalhão. Emfim, bem hajam os corações de oiro (poderão simultaneamente ser diamantinos) das ilustres damas e rapazes da nossa primeira sociedade, que assim, prodigamente, espargem por sobre a pobreza desprotegida as petalas piedosas das flores sacrosantes da bondade (sic).

O HOMEM QUE PASSA.

AUTENTICAS

Mais um "truc,,

Nas casas bancarias ha sempre um personagem encarregado de mostrar interesse por aquilo porque oficialmente a casa não se interessa.

Chega uma pessôa, propõe um negocio, a venda ou a compra de dinheiro estrangeiro, e se a sua aparencia oferece ingenuidade, candura ou necessidade, a casa não transaciona.

Indica todavia o cavalheiro que ali está. Este com soberano ar de indiferença permite á sua dignidade que olhe para o caso. Indaga do que se trata, simula o negocio dificil ou destituido de utilidade, mas, no fim, transige, talvez se possa fazer... e faz-se, quer dizer compra-se arrastadissimo, ou vende-se pela hora da morte, sempre fóra da tabela.

Como os martingaes são frequentes, parece que já devia haver um certo espirito de defeza no publico, mas como no conto do vigario ha sempre gente nova, gente aflita que, não conhecendo o truc nele se emaranha e se deixa defraudar.

São uma nova especie de contratadores, como os dos teatros. Nem originalidade tem a «ficèlle». Nos teatros não ha bilhetes na casa, senão para os amigos, e quando um espectador devolve uma cadeira tambem é do uso ficar nas mãos do intermediario.

Mas estes nem sempre trabalham por conta dos teatros; o que não acontece na rua dos Capelistas e suas adjacencias.

Outro dia foi uma senhora vender uns duros. A casa não se interessou, e o tal sugeito, ali, ao lado, o que pode fazer propostas fóra da tabela, sem comprometer o caracter oficial do estabelecimento, ofereceu 1$20 por cada duro!

Nesse dia estavam os duros a 8 escudos.

Pobre senhora!

D. Thomaz de Noronha.

Guerra entre o Paraguay e a Bolivia?

LA PAZ, 12.—Em sessão secreta a Assembleia Constituinte ocupou-se da invasão do territorio boliviano por tropas do Paraguay na região de Chaco pretendendo tomar posições em quatro enormes planicies a oeste dos limites fronteiriços actuaes correspondendo a uma penetração em territorio boliviano de 300 quilometros n'uma zona rica de petroleo.—(A).

Camara Municipal de Lisboa

A demissão da sua comissão executiva

Como os jornaes da manhã noticiaram, a comissão executiva da camara municipal apresentou na sessão de ontem o pedido da sua demissão.

Como quer que se bordassem comentarios em volta dessa resolução, tratamos de nos avistar com o presidente da comissão, o sr. dr. Alberto Vidal, o qual nos recebeu com toda a gentileza, mas que terminantemente se negou a dar-nos quaesquer outros esclarecimentos, repetindo o que aliaz é já conhecido: que a comissão se demitiu para deixar ampla liberdade ao Senado Municipal na questão do acordo entre a Camara e os Bairros Sociaes quanto ao aproveitamento de parte dos serviços do parque Eduardo VII, contracto feito por escritura em 21 de outubro do ano findo.

Tendo recaido acusações sobre a comissão executiva acêrca da fórma como teem sido interpretadas e executadas algumas clausulas d'esse acôrdo, entendeu a comissão executiva que não tinha outro caminho a seguir senão o de se demitir.

A' pergunta que lhe dirigimos sobe se a comissão poderia, dadas determinadas circunstancias, retirar o seu pedido, o sr. dr. Alberto Vidal respondeu-nos categoricamente que não.

Os que morrem

PARIS, 13.—Faleceu o sr. Etiénne.—(H.)

DIZE-TU DIREI-EU

... O elogio da virtude

Senhor Diabo—porque era ele certamente que me fitava de olhinhos scintilantes e pera de opera bufa—deu uma gargalhada *signé Satin* e retorquiu:

—Outro meu caro senhor, outro; a mim é que você não embaça com esse tal seu amigo.

Lussi que encavaquei.

—Pois eu juro-lhe meu caro senhor que conheço um homem feliz em amôr. Passa pelo braço de sua mulher ha 6 anos, debaixo de minha janela. Parecem eternamente noivos e sorriem como eternamente amantes.

—E' cego?

—Como eu...

—E' surdo?...

—Como você...

—E' tolo de nescença?

—Tambem ainda não.

—Nesse caso não creio. A vida é hoje um *cake-walk* de paixões. Tudo anda trocado; o amôr e um instante; a tentação está por todos os lados. As raparigas usam saias pelo joelho e sabem coisas que fariam ruborizar um granadeiro no tempo das suas avós. Não ha senão a beleza momentanea, não ha senão o triunfo d'alguns minutos; para que se inventaram todos os *films* de amor, em lições de dança, para que se aplicou o nome de Arte a tudo que seja sensual, nevrotico? A perversidade segreda-se a cada instante, no anuncio ou no cartaz, baila nos olhos de todos que passam. Só um ermitão...

—Não o é... Vive feliz, porque quiz ser feliz.

—As mulheres que passam, os perfumes da carne fresca, as seduções das aventuras...

—Tudo ele repete com a unica que possue. As desilusões não veem; veste-a de mil formas e ouve os elogios a sibilar-lhe aos ouvidos. Ha dias lhe disseram naquela escandalosa perversidade dum mundo todo invertido: «Parabens! Que belo gosto? E' uma franceza com que você está?» E ele contou-lhe, gargalharam e apertaram o abraço firme que os prende...

—E' uma reedição do velho padre que ao rei aconselha virtude. Nem vae ao teatro? Nem frequenta a sociedade? Ha laços, ha ciladas, em olhares que se cruzam...

—Vae a toda a parte e é forte, e sorri: a felicidade de um dia não vale a felicidade de sempre. Passa sem medo em todas as tentações que lhe surgem. Diz ele que basta reflectir; ser o «homem» superior ao «animal». A eterna duplicidade dos sêres. As mulheres são pretextos... uma mulher é a vida...

—Mas não se abre um museu para dar entrada a esse monstro indigno deste seculo? E os chás? os concertos? as recitas de caridade? as meias de seda?

—Tudo ela tem, tudo ela colhe na parte de isca; mas, se tudo é obra do demo, o anzol não o tem preso nem a ela.

—E o tedio desse *menage* a dois tão antigo, tão fastidioso; as horas de *spleen*, as horas em que os corpos anceiam outros corpos, a ancia do ignorado, o vago duma novidade...

—Não vivem sós. Passam ás vezes com seus dois bébés. Uma carita alegre dum anjo de Murilo, uma silhueta em côres tão cheias de claridade que Reinolds assinaria. 4 crianças ao todo. E a vida sorri-lhes; e tudo vem ao seu chamamento. O seu trabalho é a sua fortuna, a sua saude, a maior riqueza...

—Como nos epilogos dos romances... E anda uma pessoa a semear pelo mundo os encantos, a conseguir a lei do divorcio, a inventar o *Jazz band*, a publicar nos jornaes malicias com ar de castidade «para desenvolver os seios», preparei eu o *Roses d'Orsays* e a *Furlana*, ensinei os beijos da *Bertini*, crio a *hora do chá*, faço soar acordes de volupia nas noites de agosto, descubro os *Rolly-Royce* e as *velas Derbon*, cubro de ridiculo o *Amaury*, trago de longe as peles de pobres animaes, as penas mais belas das aves mais exoticas, instituo a morfina, industrialiso a agua oxigenada, a mãos rotas espalho batons de *carmin* e... segredos profissionaes de beleza... para quê... para quê!!...

—Para que um cazal seja abençoado no bom senso e na felicidade pelo desvalasorido e cachetico *Deus* dos...

Foi então que eu vi uma grande nuvem de fumo—como do charuto que não costumo fumar—e o tal senhor desaparecer para a loja de baixo, onde se instala um pacifico sr. Simões & C.ª, impossivel de se dedicar á magia ou prestidigitação.

E eu fiquei a scismar se seria ou não o Senhor Diabo, ao mesmo tempo que com pena de não lhe dizer que esse maduro... era eu!

Armando Ferreira

"Os Sports,,

O magnifico numero de domingo

E' posto ha venda, depois de amanhã mais um numero do bi-semanario de propaganda de Educação Fisica «Os Sports», que se apresentará com quatro paginas cheias de ilustrações e colaboração dos principaes jornalistas da especialidade como seja dr. Salazar Carreira, Mario Roberto, Francisco Nobre Guedes, tenente Castro Cabrita, «time», Fernando Viegas, Pinto d'Almeida, Farinha Beirão, Artur Santos, Americo da Silva, etc.

A pagina teatral dos domingos está «marcando» pela forma brilhante e imparcial como se apresenta.

VIDA TEATRAL

"A Sombra"

Vae hoje representar-se A Sombra, *a peça de Nicodemi, que pertencendo á Empreza Aura Abranches, consegue ser posta em scena pela Empreza Mendonça de Carvalho. O pleito interessou toda a gente de teatro e parecendo ter sido resolvido hontem pelo governador civil, ainda não teve contudo o seu termo.*

O publico não sabe pormenores e eles veem da entrevista que Luiz Pereira nos quiz hoje conceder, depois de ter exigido perdas e danos *á* Associação dos Autores Italianos. *O que concluimos do caso é o seguinte: Que os documentos valem menos do que os empenhos; que o sr. governador civil, depois de pedir um parecer ao ministro de Italia em Lisboa, resolveu sem esperar a resposta; que o sr.* ministro de Italia *hontem no seu gabinete punha as mãos na cabeça, tal o numero de empenhos recebido; que é vexatorio para Portugal haver em Hespanha um representante dos interesses italianos, para os dois paizes, e que se «esquece» de enviar os direitos a quem pertence; que, finalmente, nada ha melhor do que ser tradutor e ter um filho que já foi* ministro...

Luiz Pereira confessa-nos a sua situação com clareza:

—Eu fui vencido, como é por vezes o jogador que tem todos os trunfos na mão. Mas não fui vencido definitivamente, apezar da peça se representar hoje no theatro Avenida. E não o fui porque já telegraphei á Sociedade Italiana de Autores, comunicando-lhe que os seus documentos foram dados como inuteis pelas auctoridades portuguezas ao passo que eram aceites como bastantes os de um intermediario que, não só com esta peça mas com muitas outras, não se tem posto em comunicação com a referida Sociedade, dando-lhe conta da especie de contractos que em nome d'ela faz.

«Os meus documentos são muitos, a começar pela carta do director geral da Sociedade de Autores Alessandro Varaldo, datada de 24 de dezembro de 1920, que, como vê, me manda depositar a importancia «a valoir» no Banco Lombarda de Milão. A seguir o Ticket do Banco Ultramarino datada de 6 de janeiro p. p. representando a expedição d'essa importancia (Mendonça de Carvalho só pagou a importancia de «a valoir» ao representante em 11 do mesmo mez). Depois uma nova carta da Sociedade de 28 de janeiro do ano corrente dizendo ter recebido a comunicação do deposito. Mais tarde telegrama de 31 de janeiro que diz: «Auctorisamos representações SOMBRA» e finalmente um telegrama da mesma Sociedade de 1 de abril do corrente ano, por mim provocado por causa de duvidas que apareceram em face dos contractos provisorios do representante BOCETA ou do seu delegado em Lisboa D. Manuel Valle, pela propria Sociedade considerado sem valor, (Vidé carta dirigida a BOCETA, de 20 de abril, traducção feita agora no Governo Civil). O telegrama dizia: «Fica convencionado tem o exclusivo para lingua portugueza da peça «Sombra» de Nicodemi».

«Já vê que a Sociedade não foi consultada para o contracto que a empreza do Avenida fez com o seu representante, segundo dizem ha perto de 2 annos... mas se houvesse ainda duvida tinhamos a carta do Consulado Italiano, como se vê perfeitamente autenticada com o numero do registo (n.º 137), carimbo, assignatura do senhor secretario da Real Legação Italiana e Regente do Consulado, datada de 18 de abril passado, que é concebida n'estes termos:

«Ex.mo Sr. Director da Companhia Aura Abranches. Em resposta ao seu pedido apresso-me a comunicar a V. Ex.ª que acabo de receber da Sociedade D'Egli Autori de Milão o seguinte telegrama: «Confirmo que Aura Abranches tem o exclusivo da peça a «Ombra» do auctor Niccodemi pelas representações em lingua portugueza».

«Depois d'isto, não sei que mais ha de ser! Dirigi-me ao legitimo defensor dos interesses Italianos em Portugal: fiz que se movessem em volta de sua Excellencia o Senhor Ministro de Italia, vozes que lhe demonstrassem a justiça de minha causa; depois voltei-me para as auctoridades nacionaes, e afinal ellas decidiram a favor de documentos fóra de ordem, consentindo a representação da peça... assim não ha possibilidade, e isto só prova que no nosso pobre paiz, tudo se rege apenas pelo empenho, e que a coisa alguma preside a Justiça.

«Para terminar, dir-lhe-hei que na semana passada o Governo Civil dirigiu ao senhor consul de Italia um oficio detalhando-lhe o pleito que se debatia entre as duas emprezas, rogando-lhe novamente perguntasse á sociedade de Autores Italianos a quem pertencia de direito a peça. Parece que se devia esperar pela resposta da Sociedade, não é assim?

«Tal não sucedeu, e a peça foi autorizada a representar-se hoje».

*

Nestes casos em que dois interesses degladiam se costumamos pôr-nos em imparcialidade absoluta. Não ouvimos ainda as razões que assistem ao sr. Mendonça de Carvalho, nem os grandes documentos que pezaram sobre o sr. governador civil para que ele modificasse a sua atitude pondo-se a seu lado.

Mas o que não poderemos deixar de registar é o facto dos auctores italianos, cuja estima por Portugal é grande: cujo numero de peças representadas entre nós é talvez superior ás representadas em Espanha, não terem um membro da sua colonia entre nós que os representantes e com o qual directamente as nossas emprezas se entendam. O sr. Boceta é um arrandatario de direitos que em Espanha consente que peças italianas apareçam como hespanholas e nos manda até para nós, peças como hespanholas, que são traduções do inglez e do italiano. E' ainda ao sr. Boceta, esquecendo-se de enviar para a Sociedade dos Autores Italianos, os pedidos da Empreza Mendonça de Carvalho para exclusivo da *Sombra* (e as competentes liras) como se esqueceu de fazer registar *El Titon, Maestrino* etc da empreza Aura Abranches, que se deve todo este conflito em que as duas emprezas presentemente se debatem e com naturais prejuizos.

A' nossa Sociedade dos Autores—que ás vezes costuma interessar-se por pequenas coisas—não devia escapar este pormenor e dar os passos necessarios para que ficassemos livres daquela tutela incomoda e prejudicial.

PELO TELEGRAFO

A entrega da nota alemã ao conde Sforza

ROMA, 12.—O embaixador da Alemanha fez hoje entrega ao ministro dos negocios estrangeiros, conde de Sforza, da nota alemã, aceitando os termos do declaração dos aliados de 5 do corrente.—(H).

Na Alta Silesia—Gréve que termina cessação de combates

BERLIM, 12.—Dizem de Oppel que os alemães proclamaram a gréve geral sob o pretexto de que o general Le Rond não usou da necessaria energia para com os insurrectos. Por outro lado o general Le Rond confirmou ao encarregado de negocios da Alemanha que é inexacto que se tenha feito um acordo entre a comissão interaliada e os insurrectos.—(H).

BERLIM, 12.—Dizem de Oppel que, tendo-se confirmado a noticia de que o general Le Rond pediu reforços para dominar a insurreição e manter a ordem na Alta Silesia, os alemães resolveram terminar a gréve geral.—(H).

LONDRES, 13.—A «Agencia Reuter» esta informada de que Kerfanty ordenou aos insurgentes polacos para cessarem o combate.—(H).

WASHINGTON, 13.—Declara-se que os Estados Unidos se absterão de participar na discussão sobre a delimitação da Alta Silesia se esta questão fôr submetida á apreciação do Conselho Supremo.

O representante americano sr. Harvey participará, sómente na discussão das questões que afectem directamente os interesses americanos.—(H).

A união austro-alemã

VIENNA, 13.—Continuam os esforços politicos dos partidarios da União da Austria á Alemanha.—(H).

VIENA, 13.—Apezar da oposição dos pangermanistas, que não aceitam a supressão da data do plebiscito sobre a união da Austria á Alemanha o Conselho Nacional aprovou a lei que estipula a consulta ao povo para este indicar se deseja que o governo peça á Sociedade das Nações autorisação para aquela união com a Alemanha.—(H).

Os belgas em Katanga

BRUXELAS, 13.—Uma companhia belga acaba de obter a concessão de 15.000 hectares de terreno na região de Katanga onde se dá com abundancia o papyro, com 3m,5 de altura e 68 t. de celuloso.—(H.)

As gréves em Inglaterra

LONDRES, 13.—O comité executivo da Federação dos Transportes depois de acalorada discussão deliberou tornar ainda mais rigorosa a proibição de carregar ou descarregar carvão extrangeiro, considerando que d'essa resolução dependerá o exito final da gréve dos mineiros. O governo toma novas medidas para fazer face á situação.—(H.)

Na republica da Cuba

HAVANA, 12.—O chefe do partido conservador, Alvarez, foi eleito presidente do senado e Pedro Suarez da camara dos deputados.

Foi inaugurada a linha telefonica que liga a ilha de Cuba ao Canadá.

O presidente Menocal que termina o exercicio das suas funções em 20 do corrente, partirá no dia seguinte para França, por via New-York, acompanhado de sua esposa e filhos.—(A).

Oposição na Torquia á ratificação da convenção franca-turca

CONSTANTINOPLA, 13. — Depois do regresso a Angora da delegação a conferencia de Londres, supunha que a Assembleia Nacional se manifestasse em grande maioria favoravel á ractificação da convenção franco-turca estipulada n'aquela conferencia. Os nacionalistas extremistas partidarios da aliança com a Russia Bolchevista ganham, porem, terreno, opondo-se á ractificação d'aquela convenção.—(H.)

NOTAS FALSAS

PEROLAS

Eu acho a joia uma coisa linda de vêr. Nas senhoras suporto-as, mas admiro-as mais nas montras, nas montras com vidro á frente.

O rubim por exemplo, encanta-me, tem qualquer coisa de bolchevista! E' uma bandeira de revolta, ha na sua côr, maldições, barricadas, cargas de cavalaria, bombas estoirando, carros da cruz vermelha! E' o retrato-miniatura d'uma revolução. Desprezo o brilhante, acho-o agressivo como arrôto de burguez enfartado, cheira a balcão forrado de zinco e a livro de chéques.

A esmeralda é simpática, lembra um passeio ao campo em dia de sol. Já não gosto tanto da safira, acho-a piegas, sensaborona, recorda uma cazadeira de quarto andar com suspiros á lua, caderno de versos escritos á mão e olheiras reforçadissimas. A ametista tambem não me agrada, parece uma corôa de enterro com fitas de «Eterna saudade».

Da perola é que gosto mais, acho-a simples, comovida, modesta, incapaz de mentir. Se não se chamasse «Perola» deveria chamar se «Maria».

E no entanto, segundo afirma um jornal a maior parte dos colares de perolas que por ahi enrugam os cólos das senhoras endinheiradas, são falsos como juramentos de amor eterno!

Parece que as ostras não dão vazão suficiente á folbia da pedra preciosa e que d'ahi os japonezes, sabios mestres n'estas trapalhadas de imitações, fazem-n'as tão bem feitas, que, para serem totalmente verdadeiras, só lhes falta não serem totalmente falsas.

O peor é que a noticia alarmou as diversas «Zildas» que possuem o objecto e amanhã é natural que um colar de perolas ande mais barato do que a honestidade de qualquer salteador de estrada.

Porque motivo fariam os japonezes essa partida? Questões de negocio? Nos tempos de sangue que vão correndo, era muito mais lucrativo fazer pedras-hume do que pedras preciosas!

Só se os «nipons» sabedores do numeroso exercito de novos-ricos que enxameia o mundo, quizeram dar cumprimento á sentença que manda deitar perolas a porcos...

Pode muito bem ser.

Henrique Roldão.

O sr. Bernardino Machado e a liberdade de imprensa

No Senado, hontem, o sr. presidente do ministerio foi interpelado sobre a ultima apreensão de varios jornaes.

A tal proposito, diz o «Seculo», no seu extracto parlamentar:

«O sr. dr. *Bernardino Machado* cita a lei em virtude da qual a policia procede, que só entre nós ha a liberdade de caluniar sem responsabilidades; é pela maxima liberdade de imprensa: que se deve votar uma lei de maxima liberdade de imprensa, mas tambem de maxima responsabilidade; por ele, deixaria toda a grita, que isso só traduz o desespero dos adversarios; que faz falta uma imprensa republicana; não tem recebido reclamações e só hontem, na Camara dos Deputados, lh'o disseram, e repete o que já lá disse: não ha defeza para os poderes publicos: a opinião publica é bastante para corrigir os que só tentam denegrir a Republica, que está no sentimento nacional: que se inventa tudo e ao publico só se dá conta do que os adversarios supõem ser desfavoravel. Por si, não se importa, pois nem sequer os lê».

E o «Diario de Noticias», por sua vez, diz:

«Esgotada a ordem do dia, o sr. Jacinto Nunes (liberal) interpela o sr. presidente do ministerio, insurgindo-se contra a apreensão recente de varios jornais, citando ao Senado artigos da Constituição e diferentes diplomas punindo os jornalistas que abusam da liberdade que dentro da lei lhes é concedida.

—Essas apreensões são irrisorias, arbitrarias e absurdas!—exclama energicamente.

O sr. presidente do ministerio (Bernardino Machado)—E' preciso que a Camara saiba, que a imprensa actualmente apenas cuida em criticar os actos de todos os governos...

O sr. Abel Hipolito (liberal); Apoiado! E' a guerra aos governos!

O orador — continuando:—... Além de não se preocupar com os assuntos de interesse para o país, ela só tem o fito de caluniar os homens publicos.

E' a propria consolidação do regime que faz desesperar os nossos adversarios que, dia a dia, proseguem nas suas campanhas dissolventes. Não são jornalistas os que assim procedem, são agitadores.

O sr. Jacinto Nunes, num aparte:

—Ai de nós se não fosse a imprensa hostil. Toda a oposição é necessaria a certos governos».

Razão tinhamos nós ao escrever o que hontem se lê no nosso artigo de fundo. As declarações do sr. presidente do ministerio mostram como ele encara a liberdade da imprensa.

Morte tragica duma septuagenaria

Palmira d'Oliveira Martins, de 70 anos, moradora na Avenida Wilson, 138, 3.º E., quando andava hoje estendendo roupa a uma das janelas da sua residencia, debruçou-se de tal forma que, perdendo o equilibrio, caiu, vindo estatelar-se na rua e tendo morte instantanea.

Conduzida ao hospital de S. José e verificado o obito pelo medico de serviço no banco, foi o cadaver enviado para a Morgue.

DOIDA NÃO E NÃO!

UMA DECLARAÇÃO TERMINANTE

Lutar até ao fim e, se ficar vencida, desaparecer para sempre

Diz o «Infeliz» que o sr. dr. Alfredo da Cunha, desde que «eu entrei» (como se fosse eu quem para lá quiz ir!) no Conde de Ferreira, não pensou senão em de lá me transferir para uma casa de saúde—e não manicómio—do estrangeiro ;e que ainda não mudou de intenções.

O sr. dr. Alfredo da Cunha ainda não mudou de intenções; mas não terá remedio senão mudar, porque eu tambem ainda não mudei da tenção em que sempre estive de não sair de Portugal; e, quanto a «casas de saúde...» j'en ai assez!

O sr. dr. Alfredo da Cunha, desde que me meteu no Conde de Ferreira, no que menos pensou foi em me melhorar a situação; ao contrario, do que ele primeiro cuidou, foi da sua pessoa, porque a caridade bem entendida começa por nós...

Mas quer o sr. dr. Alfredo da Cunha cuidasse de me transferir do Conde de Ferreira, para outro manicomio do estrangeiro—sim, porque eu não esqueço que o sr. dr. Balbino Rego me disse, em novembro de 1919, que eu ia dar entrada em uma casa de saude que me saiu, nem mais nem menos do que um hospital de doidos, e, portanto, calculo que a casa de saude onde o sr. dr. Alfredo da Cunha me queria meter, fóra de Portugal, (imaginava ele que sempre seria mais seguro...) deva ser no genero daquela onde estive—quer o sr. dr. Alfredo da Cunha não cuidasse dessa tal transferencia, o que é facto é que, se eu não tratasse, por mim, de me transferir cá para fóra, ainda agora estaria a gosar «as delicias» do «Eden» Conde de Ferreira!

Eu julgo, pelo que o sr. dr. Alfredo da Cunha diz, que ele imagina as cousas muito diferentes do que afinal elas são.

Provavelmente esse senhor crê que o que eu aqui tenho dito, nas minhas cartas, é para armar ao efeito, para me dar ares; mas não é nada disso. O que eu tenho escrito n«A Capital» é a expressão fiel do que penso e das minhas intenções.

Tenciono defender-me até ao fim com a mesma coragem e a mesma fé; conto provar que não estou doida e que nunca o estive e espero que os tribunaes me façam justiça.

Admitamos, porém, por instantes que, apesar da minha coragem, da minha fé e das minhas provas, os tribunaes se manteem fieis ao sr. dr. Alfredo da Cunha.

Imagina o leitor que este senhor ou a minha familia tornam, sequer, a saber que eu existo? Que tornam algum dia a pôr-me a vista em cima, como vulgarmente se diz?

Não tenha essa ilusão, meu prezado leitor; porque, sem pensar na interdição, nem mesmo no divorcio, a Maria Adelaide Coelho afiança-lhe que leva tal sumiço que nunca mais se lhe encontra a pista.

Então, depois de tudo quanto me teem feito e consentiram que me fizessem, eu perdida a causa, esqueceria tudo e, muito satisfeita, ficava ás ordens do meu tutor e do meu protector, não é assim?

Ao pensar no meu protutor, pergunto a mim mesma, como é que meu irmão, que nunca foi considerado pelo cunhado como pessoa capaz de se governar, poderá governar-me?

Quanto ao sr. dr. Alfredo da Cunha, se ele foi o marido que se sabe, calcule-se o que elle seria como tutor.

Não; só se eu fosse doida, como elles dizem, é que me ia meter na bocca do lobo.

O sr. dr. Alfredo da Cunha é teimoso, mas encontra alguem que o é mais ainda e esse alguem sou eu, que, para maior garantia, sou mulher, haja em vista a que estava dentro do poço!...

Portanto, com interdição ou sem ella; divorciada ou por divorciar; com os bens que me pertencem ou sem elles; ganha ou perdida a questão; apresentarei as minhas despedidas a todas as pessoas que me conhecem de nome ou pessoalmente e... o mundo é grande.

Espero que hei de sair victoriosa d'esta tremenda luta, apesar de todos os obstaculos levantados pelos meus adversarios; mas se o sr. dr. Alfredo da Cunha e os meus «cuidadosos» e «carinhosos» parentes teem ilusões ácerca dos meus intentos, podem bem perde-las. Aqui ficam bem claros.

O que está dito, está dito.

Maria Adelaide

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Aprovam-se diversos pareceres e a paz com a Austria

O sr. dr. Abilio Marçal abre a sessão ás 15 horas.

Depois de lidos a acta e o expediente, os srs. coronel Agnas, João Camoezas e Alberto Cruz tratam de varios assuntos.

Entra em discussão o parecer 580, do projecto que concede pensão ás viuvas d'alguns oficiais.

O sr. Domingos Cruz manda para a mesa duas emendas. Não ha numero para votações. Espera-se. Os legisladores não chegam. Entretanto lê-se o parecer 685. Ninguem pede a palavra sobre ele. Novo compasso de espera.

O sr. ministro da guerra manda para a mesa uma proposta de lei.

O sr. Alberto Jordão pede que entra em discussão o parecer 766 referente ao hospital das Caldas da Rainha.

Tambem ninguem sobre ele usa da palavra.

Continua a não haver numero.

O sr. Antonio Francisco Pereira faz algumas perguntas ao sr. ministro do trabalho, que responde, elucidando o deputado socialista.

Já ha numero, finalmente. Aprova-se o parecer 580, assim como os numeros 766, abrindo um credito especial de 81:472$50 para o hospital das Caldas da Rainha, 685, abrindo um credito de 350:000$00 para a aviação militar, 762, que concede uma pensão de 2:400$00 á viuva e filhos do tenente José Martins, 720, que aprova o tratado de paz com a Austria, e 661, que torna extensivo a todos os contratos definitivos e pendentes o decreto n.º 4076 de 10 de abril de 1918.

Entra-se depois na ordem do dia.

No Senado

Varios assuntos—Modificações na lei 1040

Abre a sessão ás 15 horas e 10 minutos. Preside o sr. Correia Barreto, servindo de secretarios os srs. Ramos Pereira e Rego Chagas. Acham-se presentes apenas 19 senadores, visto estarem reunidas as comissões de instrução e guerra.

Foi concedida licença ao sr. Pereira Osorio para ir ao Porto em serviço das comissões parlamentares de inquerito.

O sr. Travassos Valdez apresentou o parecer da comissão de marinha sobre os conselhos legislativos coloniaes. Mandou-se imprimir.

O sr. Velez Caroço apresentou um projecto de lei revogando o § 1.º do art. 8.º do decreto com força de lei n.º 3632.

Este paragrafo limitava a 5 anos o praso dentro do qual as viuvas, filhas e mães dos militares mortos em campanha podiam requerer as suas pensões de sangue.

Obteve as dispensas regimentaes, sendo aprovados, sem discussão.

O sr. Celestino d'Almeida mandou para a mesa o processo sobre o porto do Montijo por parte da comissão de obras publicas. Anda-se á procura do relator.

Passa-se depois á ordem do dia: modificações á lei n.º 1040.

O sr. Raimundo Meira afirma que os principios basilares da lei n.º 1040 devem ser mantidos. Só são obrangidos pela lei os que fugiram á guerra ou os que combateram a Republica. Ha só discordancia sobre a sua redação.

A comissão de guerra, suavisou agora os rigores, no actual pertence.

O sr. Julio Ribeiro acha a lei 1040 injuridica e deshumana. Aprova o actual pertence pois os tribunaes militares praticaram iniquidades.

O sr. Oliveira Santos felicitou o sr. Abel Hipolito pela sua iniciativa. O projecto foi aprovado na generalidade. Na especialidade são apresentadas emendas.

Foi proposto que os novos recursos sejam apreciados por uma comissão.

Revisor caído á linha

Entre as estações de Serpa e Quintos foi hoje encontrado o cadaver do revisor de bilhetes dos caminhos de ferro do Sul e Sueste Antonio José de Souza.

Supõe-se que ao passar d'uma para outra carruagem, em serviço, tivesse caido tão desastradamente que encontrou a morte, sem que a ocorrencia tivesse sido presenciada por quem quer que seja.

Visitas de estudo

Os alunos do 4.º ano do Curso Comercial da Escola Academica visitaram hontem e hoje, em turnos diferentes, ás fabricas da Sociedade Industrial Aliança, á rua 24 de Julho.

Acompanharam os estudantes o secretario da Escola e o professor de sciencias sr. engenheiro Bernardo Vila Nova.

E' com esta a quarta visita de estudo que o referido curso faz no presente ano lectivo.

«A Historia d'Arte nos Liceus»

A comissão encarregada de escolher os livros para o ensino secundário aprovou por unanimidade o livro de «Elementos de Historia d'Arte», do sr. Leitão de Barros, artista e professor do liceu de Passos Manuel.

Trata-se dum livro que vem preencher uma lacuna não só no ensino secundario, mas na cultura geral portugueza, visto que se encontravam esgotados todos os manuais de conhecimentos gerais de estetica e historia da Arte.

AMORES TRAGICOS

A proposito do drama de hontem

E' já conhecido o drama que hontem se deu na rua do Bemformoso: o alferes da Guarda Republicana Tulio Ferreira Botelho matou com um tiro de pistola Laurentina Augusta, sua ex-amante, e tentou em seguida suicidar-se, disparando um tiro no peito, saindo a bala pelas costas e fazendo-lhe um ferimento no pulmão.

O desvairado oficial foi operado de madrugada, dando depois entrada, em estado grave, na enfermaria de S. João Baptista, do hospital de S. José.

Não nos refeririamos ao caso, visto os nossos colegas da manhã já o terem narrado pormenorisadamente, se se não desse um facto digno, por todos os motivos, de veemente censura.

O drama passou-se hontem de tarde. Pois, pelas 16 horas de hoje, ainda o cadaver de Laurentina não fôra removido, por ali não terem comparecido as competentes auctoridades.

Chega a parecer inacreditavel, mas é assim mesmo. Não queremos fazer comentarios, porque nos levaria isso longe, muito longe mesmo.

Só deixamos o facto apontado a quem de direito.

A guerra civil na Irlanda

Em Belfast no dia 7 de manhã cedo um destacamento de soldados e policias partiu de Casau, e foi atacado por rebeldes a 16 kilometros, aproximadamente desta cidade. Apoz um combate de duas horas os rebeldes foram expulsos das sua posições.

Um soldado foi gravemente ferido, e alguns revolucionarios mortos. Este combate que durou aproximadamente meia hora teve repercusões mais tarde, nas principaes ruas da cidade. Os estudantes fizeram «quêtes» em favor do exercito republicano irlandez.

Quando a policia chegou foi recebida á pedrada pela multidão. Os agentes dispararam as suas pistolas havendo novamente varios feridos e sendo uma mulher morta instantaneamente por um automovel.

Ainda á saida da egreja de São Paulo o inspector da policia, da cidade foi ferido a tiro, sendo o seu estado desesperado.

POEIRA DA ARCADA

Navios de guerra

Entrou hoje no Tejo o *Aviso Cinco de Outubro*.

Ministro da agricultura

Acompanhado do sr. Peres Trancoso, comissario dos abastecimentos, o sr. ministro da agricultura visitou hoje os armazens reguladores de preços.

Ao que nos consta, o sr. Portugal Durão está na intenção de estabelecer novos armazens.

Funcionalismo publico

A comissão delegada da Associação de classe dos empregados do Estado é amanhã, ás 14,30, recebida, no ministerio do interior, pelo sr. presidente do ministerio, a quem vae solicitar aumento de subvenção, para fazer face á constante carestia da vida.

NOTICIAS DA CAPITAL

SEM CARTEIRA E SEM RECHEIO... Não era lá muito para os tempos que vão correndo, diga-se a verdade, mas emfim sempre eram 310$00 em notas que o sr. Francisco Domingos, morador no Campo dos Martires da Patria, 56, rez do chão, trazia muito bem acamadas na sua carteira. Mas naturalmente esqueceu-se de que são precisas todas as precauções para guardar uma carteira, visto que qualquer pé de-vento arrebata esses papeis a que convencionámos dar diferentes valores.

O certo é que a carteira lhe desapareceu, e com ela o recheio, sem saber como e nem aonde.

E vá lá agora a policia á procura do homem das calças pardas!

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 12. — O embaixador da França no Brazil partiu para S. Paulo. O ministro da guerra sr. Pandia Calogeras rejeitou a proposta da casa Dreyfus fréres para a venda ao Estado de material medico e farmaceutico.—(A).

BUENOS AIRES, 12.—A federação da gente de teatro convidou os autores ainda não filiados, a incorporar-se na associação. Visto que ficou vencida no recente conflito, está na intenção de não fornecer pessoal algum para os teatros onde trabalham os independentes. A sociedade dos emprezarios protestou contra tal decisão produzindo-se novo conflito. Emprezas estrangeiras tomaram conta de alguns teatros. A federação pode dispôr de poucos teatros, e vae constituir uma cooperativa para resistir aos independentes. Estes contam entre si alguns actores que são emprezarios e que trabalharão em alguns teatros.—(A).

LA PAZ, 12.—A assembleia constituinte aprovou o contracto com uma companhia norte-americana para a construção da linha ferrea de Quiaca a Terpiza e Atocha.—(A).

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO NACIONAL—«A Dama das Camelias» *drama em 5 actos de Dumas, filho, tradução de João Antonio Lopes*

Toda a peça que assenta n'uma boa e solida base psycologica, eminentemente pulsatil que nos fale ao coração tem vida permanente.

«A Dama das Camelias» é um intenso quadro d'alma cuja beleza moral se eleva, sensibilisando e nos domina até aos reconditos da nossa alma e por tal, atravez de todas as gerações a sua consagração será immorredoira.

A existencia do romanticismo vae até segundo reza a chronica parisiense, a aparecer juncada de flores a campa da febril heroina do pungente drama de Dumas.

Dois artistas de merito superior são necessarios para a sua representação.

Artistas inconfundiveis na scena se teem encarregado do principal papel: Sarah Bernhardt e Duse. Mais tarde Blanche Dufresne, Tina di Lorenzo, Mimi Aguglia etc.

Presentemente em Paris, Madelaine Sorie, 24 anos empolga o publico que enche em massa o teatro Sarah Bernhardt.

Entre nós Adela de Coutinho, Adelina Abranches que nos lembre e a homenageada de hontem.

Palmira Torres é uma actriz com notavel nome no drama e tragedia. Detalhista inteligente, não tem contudo a «silhouette» precisa para o papel. O mesmo se pode aplicar a Henrique d'Albuquerque. Evidentemente que um apaixonado n'este genero tanto pode ser alto, baixo, obeso ou seco, porem o Armando Duval teatralisado, meridional até á medula tal como o auctor o idealisou, e com aquele «charme» que o publico exige não tem a silhueta de Albuquerque que como todos nós lhe fazemos justiça é um actor de belos recursos, merito superior mas adaptavel a outro genero.

E. Rodrigues deficiente no pae Duval e n'um quadro de curiosa bohemia Mello Laura Hirsch e os restantes desenharam regularmente os seus papeis.

A «mise-en-scene» fraca e deem a impressão que o conde toca, pondo o piano mais perto dos bastidores, para o som não ser tão longinquo.

Palmira Torres foi ovacionada ao entrar em scena recebendo imensas flôres.

H. A.

Noticiario

Entre nós

E' intitulado "O bolchevista» o original de José Paulo da Camara que sobe á scena em 16 em festa de João Lopes.

—A atriz cantora D. Elvira Costa, entregou ao sr. governador civil, uma queixa contra a empreza do Eden Teatro.

—No Apolo seguirá ao «Porto tantos de tal» a revista «Benza-te Deus» de Henrique Roldão e Roberto Sales.

—No Nacional durante o verão—diz-se—que subirá á scena a peça policial «Barão Bateze». Rialmente o Nacional está a pedir... policia.

CINEMAS

Em Hespanha

A separação dos sexos nos cinemas, ordenada pelo director geral de segurança, em Hespanha, não tem podido ser cumprida á risca.

Os agentes de policia entraram na segunda feira no «cine» da rua da Flor e tentaram proceder a essa separação. Originou isso uma enorme balburdia, o que obrigou os agentes a desistir do seu proposito.

O cinematografo Palacio de Projecções fechou, em virtude da empreza não poder cumprir as ordens dadas pelo director da segurança.

No domingo, de tarde, alguns electricos tiveram de suspender as carreiras pela Puerta del Sol, sem que, porém, haja a mencionar acontecimentos graves.

Festas associativas

Centro Dr. Bernardino Machado.—Realisa-se amanhã, n'este Centro, uma recita, em favor do cofre escolar, subindo á scena o drama *Como Deus castiga* e as comedias *A esperteza d'um saloio* e *A sorte d'um galego*, desempenhadas por amadores do Grupo Dramatico Musical Apolo.

No fim ha baile.

Touradas

Campo Pequeno—A corrida de depois d'amanhã deve resultar magnifica, pois n'ela, como já dissemos, toma parte Joaquim Manzanares *Melta*, um extraordinario toureiro em sortes de bandarilhas, José Casimiro e Ricardo Teixeira, os aplaudidos cavaleiros, e Rocha, Tomé e outros dos nossos melhores bandarilheiros. O curro é de Emilio Infante.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

BOLETIM DAS MISSÕES CIVILISADORAS.—Saiu esta publicação do Instituto de Missões Coloniaes, reunindo os n.os 8 e 9. Traz, entre outra e variada colaboração, o discurso que o sr. dr. Abilio Marçal proferiu na Batalha, por ocasião da cerimonia dos soldados desconhecidos, e uma ligeira noticia, acompanhada d'uma bela gravura, sobre a missão «Republica» enviada para o Alto Molócué, Moçambique.

DESMASCARANDO — Assim se intitula um pequeno opusculo, da autoria do sr. Henrique Martins Vagueiro, em que trata da debatida questão dos Bairros Sociaes. Sendo um caso particular, limitamo-nos a noticiar o aparecimento do opusculo.

THE MANCHESTER GUARDIAN—Este conceituado jornal inglez publicou um numero comemorativo do centenario da sua fundação, belamente ilustrado e com magnifica e escolhida colaboração. Traz um «fac-simile» do primeiro numero, pelo qual se vê quantos progressos esse jornal tem realisado.

Agradecemos a gentileza da oferta.

CAMARA PORTUGUEZA DE COMERCIO EM PARIS—Foi publicado o relatorio do exercicio de 1920, em que se dá minuciosa nota dos trabalhos realisados por essa instituição, que já tantos serviços tem prestado ao comercio portuguez.

SEMAINE SOCIALE DE FRANCE—Constitue um grosso volume o comptrendu da sessão realisada no ano findo em Caen. Para os que se ocupam de questões sociaes é um livro magnifico como elemento de consulta, interessando mesmo todos os estudiosos. E' editado pela livraria J. Gabalda, da rua Bonaparte, Paris.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

6579....	40.000$00
208....	6.000$00
2576....	2.000$00
5474....	1.000$00

6578...	972$50	2904...	200$00
6580...	972$50	3904...	200$00
4007...	500$00	4028...	200$00
4558...	500$00	5158...	200$00
5003...	500$00	6162...	200$00
5577...	500$00	6227...	200$00
2113...	200$00	6744...	200$00
2947...	200$00	7301...	200$00

Secretaria da Guerra

Repartição do gabinete

ANUNCIO

Por ordem de Sua Ex.ª o Ministro da Guerra se anuncia que todos os militares, com ou sem serviço de campanha, que se julguem com direito á reforma, ou as familias de militares falecidos que se julguem com direito á pensão de sangue, deverão apresentar as suas pretensões, verbalmente ou por escrito, nas unidades mais proximas, ou aos Administradores do Concelho da sua residencia, as quaes as enviarão ás respectivas unidades dos pretendentes, a fim de terem o devido destino.

Secretaria da Guerra, Repartição do Gabinete, 11 de Maio de 1921.

O Chefe do Gabinete
Alvaro Teles de Azevedo
major

A CAPITAL

3781—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. Seculo, 43

LISBOA — Sabado, 14 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

O 14 DE MAIO

Passa hoje o 6.º aniversario da revolução de 14 de maio. Parece que já é tempo de encarar esse acontecimento com a serena justiça que é o mais belo dos atributos da Historia.

Para que se fez o 14 de maio?

O 14 de maio teve varias razões a determiná-lo, mas a principal foi a da intervenção na guerra.

Logo apoz o rompimento das hostilidades entre a Alemanha e a França, á qual a Inglaterra imediatamente se juntou, a nação portugueza teve a intuição nitida e clara do caminho que lhe cumpria seguir, da atitude cuja demonstração se lhe impunha.

Essa atitude era a de se colocar ao lado dos aliados.

Esse caminho era o da guerra.

Na memoravel sessão de 7 de agosto, cinco dias depois do inicio da conflagração mundial, o governo da Republica declarava, no Parlamento, e com o apoio de todos os partidos, que seguiria a sorte da velha aliada de Portugal, a Inglaterra, no conflicto assombroso em que ela entrára e cujo desfecho ninguem podia prevor.

Esta resolução teve imediatamente a consagração popular. Inúmeras manifestações o comprovaram.

Daí a dois meses, no celebre «memorandum» de 10 de outubro, o governo inglez pedia a cooperação das nossas forças nos campos de batalha da Europa.

Estava-se preparando essa cooperação, quando se deram factos como o do pronunciamento monarquico de Mafra e o chamado movimento das espadas, dando origem á ditadura Pimenta de Castro e cujo resultado foi paralisar toda a acção intervencionista.

A situação criada a Portugal era desonrósa. Nós já tinhamos praticado actos que tornavam impossivel a nossa neutralidade. Tinhamos de ir para a beligerancia, sob pena de podermos ser considerados como o povo mais vil de todo o globo.

A revolução de 14 de maio fez-se sobretudo, para salvar a honra nacional.

Depois dela, os acontecimentos seguiram um curso logico, cujo desfecho foi a declaração da guerra entre Portugal e a Alemanha.

No dia em que essa declaração se efectuou, todos os verdadeiros patriotas, e verdadeiros patriotas só são aqueles que põem acima de tudo o bom nome da sua patria, respiraram. Apezar de todas as incertezas do futuro, Portugal poderia perecer, mas deixaria de si uma memoria gloriosa.

A revolução de 14 de maio, que produziu este resultado dignificador, tem-se chamado o maior crime da nossa Historia!

Hoje, que todos os partidos, todas as correntes da opinião publica, todas as classes da nação, o paiz inteiro desde as suas camadas mais humildes ás suas esferas mais elevadas, não faltando até a sancção da Egreja e o preito dos proprios adversarios do regimen, saudaram nos Soldados Desconhecidos a gloria rediviva de Portugal, alcançada pela intervenção na guerra, os apodos infamantes á revolução de 14 de maio já não teem nenhuma especie de pretexto, sequer, que os explique e muito menos os justifique.

Depois da revolução de 14 de maio, houve outra revolução: a de 5 de dezembro. Não investigarêmos agora em que circunstancias os factos se produziram, mas a verdade é que, depois dela, o nosso sector se reduziu e deixaram de seguir mais tropas para o «front». Esse é que foi o triste espectaculo que contemplámos depois da revolução de 5 de dezembro.

Salvou-nos o heroismo demonstrado pelos nossos soldados, na grande batalha do Lys. Exaustos pela longa permanencia nas trincheiras, mal municiados, quasi completamente votados ao abandono pelo governo do seu paiz, os heroicos filhos de Portugal supriram com os testemunhos da sua bravura e da sua dedicação os meios que lhes escasseavam. Os nossos aliados apreciaram, em toda a medida do seu excepcional valor, a intrepidez desse punhado de valentes que só tinha um pensamento: honrar a bandeira da sua Patria.

Esse heroismo coroou os esforços de todos aqueles que, desde o inicio da guerra, tinham devidamente aquilatado as responsabilidades na cionaes. Entre esses, os revolucionarios de 14 de maio ocupam um logar de merecido destaque. Defenderam a liberdade que um autentico golpe de Estado conculcára e souberam garantir, com a honra, o futuro de Portugal.

Deve ser-lhes feita, hoje, justiça, e a revolução de 14 de maio, em vez de ser considerado um crime ficará na nossa historia como um acto consciente e firme dum povo livre.

Acontecimentos da Alta Silesia

OPPELIN, 13.—Durante as recentes desordens, as perdas dos aliados elevam-se a 2 francezes mortos e 7 feridos; 20 italianos mortos entre os quais 1 oficial, e 40 feridos, entre os quais 2 oficiais, e 1 sargento, da policia ingleza morto.—(H.)

A QUINTA ARMA

O corpo de aviação

E' precisa uma rêde de campos de aterrissagem espalhada por todo o Paiz — O Estado é pobre e não póde adquiril-os — Não haverá um grupo de patriotas e de apaixonados da aviação que acuda a este apelo e que faça doação desses campos? — A necessidade de crear o corpo de aviação e de o dotar com as verbas suficientes

Em cinco anos de existencia que a aviação já conta entre nós, já se poderia ter pensado na constituição dum corpo de aviação ou coisa semelhante, muito embora o numero de oficiaes e praças que por emquanto fazem parte das tropas aeronauticas não seja ainda muito grande.

A lista de antiguidades sobre cujas bases deve assentar esse futuro corpo, deverá ser suficientemente solida e equitativa de maneira a não lesar interesses adquiridos e não vir a ferir susceptibilidades tão frequentes entre nós e, principalmente, no meio de azas.

Creou-se em tempos o actual corpo do estado maior do exercito, que veiu dar inumeras vantagens e regalias, sem que esse facto viesse afectar a disciplina do exercito, em face da grande desegualdade que passou a existir entre oficiaes da mesma arma ou armas diferentes, que possuem essa habilitação, e os que, sendo por vezes mais graduados e antigos, a não tenham adquirido por qualquer razão.

Em qualquer parte do mundo um curso, uma especialidade que se organise, dá sempre direitos e vantagens que vão directamente ferir quem não consiga ou não queira obtê-las, que são, por assim dizer, o juro do capital tempo e trabalho empregados. Em aviação as coisas passam-se de maneira identica.

Só é aviador quem pode e não quem quere.

Exigem-se qualidades moraes e fisicas que nem todos podem possuir, sendo justo, por essa razão, que sejam dadas bem regalias vantajosas a quem as tenha.

A aviação não é só um «sport». E' uma escola de coragem e sacrificio que só uma élite pode frequentar com aproveitamento. Vem a proposito recordar que muito boa gente considera a aviação, não como um modo de vida, mas como um modo de... morte...

Sendo assim, é humano que quem seguiu esta profissão seja recompensado de uma maneira bem nitida a não poder confundir-se com o grande numero de inuteis que por ahi vegetam.

Se se chegar á conclusão que é impossivel, para a constituição do corpo d'aviação, torna-se porém urgente que se organise uma lista de antiguidades, a fim de que existe em aviação, a bem do serviço e da disciplina.

Sendo extremamente dificil achar termo de comparação entre os individuos que praticam presentemente aviação, baseado nas suas aptidões profissionaes, pela ausencia completa de classificações, o unico criterio a seguir será o da data da obtenção do seu diploma de aviador, muito embora se entre em linha de conta com o posto e antiguidade, que cada um possua na sua arma d'origem.

Dentro destas normas cabem, em nossa opinião, todas as soluções possiveis e equitativas, uma vez feitas com lealdade, e essa lista de antiguidades viria a ser a pedra fundamental do futuro "Corpo d'Aviação Portuguez".

A organisação desse corpo viria, além disso, dar a conhecer aos futuros candidatos a pilôtos e observadores a sua situação a dentro d'aviação e que hoje ainda é um pouco problematica.

Deve-se em seguida tomar uma orientação definida sobre a distinção, que ainda, por vezes, se faz, entre competencia tecnica e disciplinar de pilôtos e observadôres.

Durante a passada guerra, o papel de observadôr foi bem nitido e viu-se que não ha aviação militar sem observadôres. Se bem que os comunicados oficiaes só falassem em pilôtos e poucas vezes se referissem ao trabalho modesto mas cheio de responsabilidade e valôr que os observadores dos aviões das nações fizeram é fóra de duvida que não houve aviação, em paiz algum, que não tivesse o seu quadro de observadôres.

Habilitado ou não com «brevêt» de pilôto, o observador tem que existir a dentro do Corpo d'Aviação. A sua responsabilidade, uma vez no ar, é egual á do pilôto, e no ar, é das maiores e o seu «brevêt» não se adquire mecanicamente mas sim com competencia e inteligencia. Não é segredo para ninguem que, lá fóra, o recrutamento dos pilôtos era feito, indistinctamente, entre oficiaes sargentos e praças ao passo que observadores somente podiam ser oficiaes.

Se assim se procedeu alguma razão houve e, sem querer depreciar o valor coragem e trabalho dos pilôtos, essa razão baseou-se certamente na responsabilidade e competencia necessarias para bem desempenhar o papel de observadôr.

Em Portugal o criterio a seguir tem de ser pautado por estas considerações e a função do observador terá de ser mantida, mas de uma maneira mais pratica do que a seguida até agora, pois torna-se indispensavel que lhe deem ocasião a que ele faça o seu treino, tão necessario á sua missão como o treino de pilotagem o é ao piloto.

Depois da guerra, nunca a nossa artilharia teve ocasião de fazer um exercicio combinado com a aviação e cuja realisação seria de grande vantagem para a ligação intima que, tanto na Paz como na guerra, deve existir entre o observador-aereo e o artilheiro.

Ao mesmo tempo que se tratar do quadro de pilôtos e observadôres, tambem se não deve pôr de parte o quadro de mecanicos que tão necessarios são á aviação e cuja falta, entre nós, se faz sentir a cada passo. Terá esse quadro de ser formado de maneira a dar regalias aos que já existem e condições d'accesso, baseadas nas suas aptidões profissionaes, aos que de novo entrarem.

E' tambem ocasião de pensar em lhes melhorar as condições de vida de maneira a poder-se-lhes exigir as responsabilidades a que a seu cargo obriga e, ao mesmo tempo, a estimular-lhes a entrada para o corpo d'aviação, pois, de contrario, esses homens encontrarão facilmente na vida civil quem lhes ofereça mais garantias.

O corpo d'aviação viria a acabar de vez com a situação imoral em que se encontram os individuos que, praticando todos serviços identicos, com as mesmas responsabilidades e correndo os mesmos riscos, percebem vencimentos diferentes só pelo simples facto de serem oriundos de armas diferentes!

E' ocasião de se esclarecer nitidamente o que existe sobre pensões de sangue e olhar a sério para a situação em que ficará um aviador que amanhã se inutilize ao serviço da aviação, e que, até agora, não está bem patente nas diferentes leis que para ahi estão em vigôr, em nossa opinião.

Uma vez resolvida a creação do corpo, urge fazer-se a distribuição das unidades que se devam constituir e, acima de tudo, dotar as existentes dos elementos indispensaveis para o seu pratico funcionamento, de maneira a que a aviação, entre nós, possa vir a ser alguma coisa de util e proveitoso para a defeza nacional.

Muito se tem dito e escrito sobre aviação em Portugal, varias subscrições se teem aberto com maior ou menor exito, mas ainda não apareceu um grupo de patriotas e apaixonados pela aviação que viessem oferecer ao Estado terreno para campo d'aterrissagem. A sua acquisição e manutenção torna-se urgente e indispensavel no nosso Paiz.

Sem eles a aviação não poderá caminhar e o futuro corpo d'aviação não poderá manter, com regularidade, o treino dos seus pilôtos e observadores, a quem a pratica de viagens aéreas é absolutamente necessaria e só poderá ser feita quando existir uma rêde de campos convenientemente espalhada por todo o Paiz, evitando-se além disso os insucessos e desastres tão frequentes em aviação.

O Estado é pobre. Os locaes proprios para campos não abundam mas, mesmo assim, quem virá ao apêlo das nossas palavras?...

Z. (aviador)

Lêr amanhã:

"Os Sports"

O Arco de Almedina

Procurou-nos o arquiteto sr. José Coelho afim de nos elucidar sobre um trecho hontem publicado na secção «Letras a Prazo». O sr. José Coelho é o arquitecto que está tratando da construção duma sucursal bancaria junto do Arco de Almedina e não o auctor do projecto do «Café de Ieper», a que o artigo se refere.

"A Sombra"

Do actor empresario Mendonça de Carvalho recebemos o convite para uma entrevista sobre o nosso artigo de hontem. Conforme dissémos, teem muito empenho em ouvir a justiça que assiste aos dois lados d'essa questão; 2.ª feira publicaremos pois os argumentos de Mendonça de Carvalho n'esse caso que tanto tem interessado o meio teatral.

Aos Srs. Directores dos jornaes

Não se póde ter duvidas sobre a actual existencia de um extraordinario movimento litterario, artistico e critico que a todos os momentos se reflecte nas colunas dos jornaes. Todos os dias se succedem novos titulares nas respectivas pastas de critica e todos os dias se inauguram novas secções sobre esses assumptos, tratados melhor ou peor decoradas por cabeçalhos mais ou menos artisticos.

Ora ha poucos dias aconteceu que em trez jornaes appareceram, dentro de cada um, opiniões desencontradas, até contrarias, sobre um mesmo assumpto. E' entre dois d'elles isso do mesmo motivo a um jôgo mutuo de ironias, muito finas e muito educadas, que foram o regalo de varias familias «amies du dehors» d'estas luctas jornalistico-litterarias, e cujos pudores burguezes as impedem de seguir polemicas em que se fale por exemplo do Wilde, do Baudelaire ou do Zola.

E' natural que entre se tenha pensado no que dirá de taes desacordos o director d'um jornal em que isso acontece. E tão natural o acho que eu proprio me lembrei logo d'isso. E conclui, depois da respectiva «objectivação do meu eu», que o director se deve regosijar o mais possivel... Não é um paradoxo, ir-se-ha ver. Quanto mais não seja, o incidente mostrará ao publico que no jornal não ha «partipris» contra ou a favor d'uma ideia ou d'um auctor... E é o que sempre se deve dar, em litteratura e em arte, em critica litteraria e em critica artistica, desde o momento que o jornal não seja o órgão de uma determinada escola ou de uma determinada individualidade, litteraria, artistica ou critica.

O exemplo d'essa imparcialidade dos dirigentes do jornal, aceitando simultaneamente apostolos de todas as feições, vem-nos lá de fóra...

E' ver o caso de França, onde no *Figaro* dois criticos litterarios frequentes vezes se contradizem a proposito de um mesmo livro—e um d'eles é nada mais neda menos que Henri de Régnier—ou na *Comedia* onde outro tanto acontece quasi todas as semanas, chegando ao ponto extremo de abrigar polemicas entre dois ou mais colaboradores. E' ninguem nega a sympatia e consideração geraes de que gosam os respectivos directores d'esses diarios, e ninguem nega o interesse e a consequente prosperidade que os anima.

Eu entendo que o critico de um jornal não representa nunca o modo de pensar, absoluto, do jornal. E' uma ideia tirana e irrisoria. Se em politica, desde o momento que não saia da modalidade, por exemplo conservadora, tanto lhe faz que o articulista entenda a sociologia sob o aspecto do positivismo rigido do Comte, como sob o aspecto do positivismo atenuado de Littré, assim na Arte, tanto lhe deve fazer que o critico a encare á maneira dos simbolistas como á maneira dos naturistas desde que não seja de um campo opposto ao jornal, e de cada individualidade, E ser-lhe-ha indiferente depois qualquer «de *tu dizes* assim... *eu direi* assado...».

E é irrisoria tal ideia porque um jornal é uma nação que não tem voz em Arte ou em Litteratura. E' um bloco de individualidades e a Arte sendo uma emoção absolutamente pessoal não póde ser inteiramente comum a um grupo de sensibilidades diferentes por melhor que elas se entendam.

Isso estaria certo para a politica. Por isso o critico d'Arte ou de Litteratura fala por si não fala pelo jornal. O jornal paga-lhe a sua opinião e não as colunas que ele preenche. O critico não é um empregado do jornal mas um... «precioso empernador»...

Alem d'isso, um jornal querer ter voz propria sobre esses questões seria expôr-se ás peores situações, ás mais imoraes, ás mais tristes... Fazia a figura de muitos mulheres muito faceis que apregoam com vehemencia a sua virtude (se méfier toujours d'une femme qui parle de sa vertu— Balzac—)... Todos sabem que no dia seguinte, a seis tostões a linha diria tal e qual o contrario...

Já se vê, pois, que, moralmente, o jornal até tem vantagens em que o caso se dê. Pois tambem se vê que em certos casos podem vir-lhe egualmente vantagens materiaes.

Aqui mesmo, nesta albergante «Capital», sempre indulgente na sua maneira de acolher todos os originaes das mais oppostas escolas esteticas, o Armando Ferreira publicou ha dias a sua critica teatral em que se referia com desagrado a uma peça estreiada na vespera no Ginasio. Pois veiu a empreza e zás... cortou o bilhete ao jornal. O Armando criticou o o jornal... foi quem pagou! O mar batem na rocha e o jornal foi o mexilhão... Porisso eu proponho ao nosso director que permita que um segundo critico, um supro, mais benevolente, venha agora dizer nova opinião sobre essa mesma peça. E se Ele aceitar e a critica agradar á empreza, estou certo de que para liquidar a questão teremos no nosso jornal o direito ao bilhete e a minha proposta entrará em vigor em todas as *premières*...

—«E se se aceitar fico cometido—*dizes tu*, Armando Ferreira.

—«Mas é que ele não aceita»—*direi eu*, o

Ruy de Veras

Moralidade:

1.º Um jornal *pode* ter varios criticos na mesma secção.

2.º Um jornal *deve* ter varios criticos na mesma secção.

§ unico: O director é que não póde nem deve pagar mais.

R. de V.

AOS SABADOS

Semana literaria

Teoria da Indiferença — Leviana — Colette, por *Antonio Ferro* (Ed. H. Antunes, Lisboa-Rio de Janeiro). — **A Expiação**, por *Manuel Ribeiro* (Ed. da «Novela Vermelha», Lisboa). — **Lição dos mortos**, por *Mario Campos* (edição do autor). — **A crise politica**, por *Pedro Fazenda* (Ed. de Lumen, Lisboa)

Antonio Ferro é um fecundo trabalhador. Com uma obra ainda fracionada, sem fixidez, conseguiu contudo pela sua original forma de escrever, pela ousadia dos seus paradoxos e pela tradução exata dos sentimentos modernos, alcançar um nome, um nome que se procura com interesse. E' o escritor de hoje, feito dos pedaços de frases certas incisivas, de «boutades» do Chiado, de flagrantes da arte, relampejando um conceito e pirueteando duas imprevistas reflexões duma filosofia nova, profunda e... ôca.

Mas trabalha; neste ano já são 3 livrinhos, sem contar a labuta diaria. Daqui o aperfeiçoamento; daqui o equilibrio ainda não encontrado até agora mas inevitavel.

Como um guarda fiscal ponho as luvas brancas para vêr até ao fundo o que Antonio Ferro nos mandou ha dias. Em primeiro logar a 2.ª edição da «Teoria da Indiferença». Mas para uma segunda edição, uma segunda edição do que dissemos: a «Teoria da Indiferença» com base no humorismo, é o a b c do seu processo. E' o livro mãe, perfeito, mantido na forma que o gerou de principio a fim, desde a gravura desproposidata, á «Errata»... muito a proposito. Foi a revelação.

A «Leviana» foi a «resvalação». A sua fogozidade foi alem dos limites. A sua novela não é novela; admite-se como nalguns dos romances humoristicos de Max e Alex Fisher a diversidade de processos de capitulo para capitulo, animando, interessando a acção; mas os fragmentos sem unidade, sem coherencia, contradizendo a personagem em cada linha porque a fantasia do autor e a mobilidade do seu pensamento são superiores á sua resistencia ao... costume e ao logar comum açambarcados pelos «tatebitates» do meio termo (vide pag. 54 Colette) é prejudicial para a sua obra.

O que se aproveita na «Leviana»? Meia duzia de frases originaes que sobejaram da «Teoria da Indiferença» alguns vocabulos dos taes que são as maças e os alteres com que Antonio Ferro faz os seus exercicios de «jongleur das letras», «colecionar aitudes», «beijos, migalhas da carne» «á boca, abreviatura do corpo» etc.

Ha ainda na «Leviana», uma segunda categoria de graças feitas para o humor apenas, trocadilhos de Eduardo Garrido, que se leem sem enfado e polvilham a prosa. Não tazem corar ninguem e denotam o lado umoristico de Antonio Ferro «senhor morto... por ti», «O meio dos livros é a terra de ninguem» «Cumprir uma pena—uma pena de tinta permanente» «Os fins justificam as meias.» «Minhotas não do Minho mas minhas etc».

Mas ha finalmente uma terceira dóze de frases duma irreverencia que fareja o escandalo, e já um critico quiz comparar ao do "Primo Bazilio" quando apareceu! Tão longe e tão diverso! No «Bazilio» era o realismo que se escondia; na «Leviana» é a brejeirice sem outro fim, que se esconde para reclamo do livrinho. Que não nos escaimem de pudicos ou moralões. Só para homens, «Leviana» é esplendido. Tem o «double-sens» picante, e tem mesmo as suas garotices, sem o «double-sens». Se o jornal não fosse para todos, eu abriria a porta a algumas das melhores e mais inofensivas que lá ha: «O amor afinal é uma lingua viva»; «Não faltes logo á noite. Cresce e apareço»; «Nua pareço um carrinho de linhas»; «Jogar a sardinha com a lingua» e o «misturar das partes» no animatografo, «seriam tão proprias do velho Baptista Diniz que não duvido de me colocar ao lado de alguem que classificou já Antonio Ferro um otimo revisteiro do Eden.

Mas não; Antonio Ferro tem sobejo talento para nos dar melhores livros, mais honestos processos. Deixemos o lado imoral da «Leviana», essa sua leviandade de rapaz, mesmo porque estou a adivinhar-lhe um sorriso ironico sobre estas notas apressadas; a moralidade!... Mas onde começa, onde acaba? Se o proprio casamento é a moralidade da imoralidade, para que acoimar a «Leviana» de desrespeitadora dos bons costumes. E se a Leviana comungasse e em Cristo não procurasse ás vezes as fórmas humanas, deixaria de ser a Leviana. Seria a... Pires.

* *

«Colette», sim. Meia duzia de paginas onde ha trechos que são migalhas do seu valor. Esta conferencia que eu li e saboreei apoz a conferencia cheia de indecisão, de graças velhas, duma mazombice longe de qualquer assomo artistico de Cunha e Costa, naquela tarde do «Olimpia», poz-me em confronto, bem evidente, o espirito de hoje e o espirito de hontem.

E a essencia toda da conferencia, da arte de Antonio Ferro reside neste trecho arrojado, sentido e quasi heroico.

Sejamos malabaristas. O ilusionismo é a grande formula da arte moderna. A humanidade é a plateia dos artistas. A arte é o tablado da vida. Novos da minha idade—escultores d'este momento... Viva mos a nossa Hora. Encerremos o passado n'um museu, com uma etiqueta... Iremos ve-lo piedosamente um dia por semana... Oscar Wilde—fakir de frases—afirmou, em defeza de todos nós, que só os novos teem razão, que só elles estão com a sua epoca, que a vida lhes reserva as ultimas maravilhas... A velha ironia: cresça e apareça», é uma «blague» infeliz. Crescer é desaparecer. A mocidade é o sol do inverno. Os vinte anos são o meio da da vida.

Antonio Ferro, o «Leviano...» Com o seu valor a esfacelar-se em obritas de 80 paginas. Frazes,... perfumes... poesia... nada.

*

A «Novela vermelha», editada pela «Batalha» vae-nos dar uma serie de novelas das principaes penas... sociaes de Portugal. A primeira chamase «A Expiação» e é de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral». A novelasinha no genero "Gorki" passa-se na "Penitenciaria" por exemplo. Um preso fala... e fala bem por que diz: "Ri-se talvez d'este romantico estiosismo de sacrificio e de renuncia?" e narra a sua historia. O homem é condenado por "incendio" e "assassino" quando apenas é uma victima de um amor. Em suma mais uma "injustiça social" profundamente a lamentar.

*

"A lição dos mortos" pelo tenente-coronel Mario de Campos é a oração proferida na Escola Militar em comemoração dos seus mortos na guerra. E' uma boa peça literaria e oratoria que vem confirmar o nome do autor de "Portugal na Quadrela Flamenga".

*

O sr. Pedro Fazenda dá-nos 137 paginas dedicadas á "Crise Politica" em Portugal. Não nos interessam no bosquejo literario as obras politicas. Mas, não podemos deixar de apresentar aos leitores um specimen da prosa:

Na tela gasta da Nacionalidade, sobre sae em relevo tosco o corpo descarnado do nosso organismo politico.

Compreende-se facilmente. O sr. Pedro Fazenda literariamente é um pseudonimo do conselheiro Acacio.

Armando Ferreira

A posse do novo comissario geral da policia

Pelas 10 horas, tomou hoje posse, no governo civil, do cargo de comissario geral da policia o tenente coronel sr. Domingos Patacho, tendo assistido ao acto, entre muitas outras pessoas, os srs. tenente coronel Azambuja Martins, chefe do estado maior da guarda republicana, oficiaes em serviço na policia, pessoal superior do governo civil, chefes de secção da policia de investigação criminal, inspector da policia administrativa, chefes de esquadra, etc.

O sr. governador civil, ao dar a posse ao novo comissario geral, congratulou-se com a sua nomeação, exalçando as qualidades de caracter do sr. Domingos Patacho, dizendo que era o homem de que, pelo seu prestigio, a policia necessitava, visto que essa instituição apenas tem o papel de manter a ordem, conservando-se alheia á politica.

O tenente coronel sr. Azambuja Martins tambem fez o elogio do novo comissario, falando em nome do comandante e oficialidade da guarda republicana, saudando-o, dizendo que era com saudade que a corporação que ali representava via afastar-se o distincto oficial.

O sr. comissario geral agradeceu as lisonjeiras referencias que acabavam de lhe ser feitas e disse que a corporação da policia podia contar com ele, como ele contava com ela.

Seguiu-se a assinatura do auto de posse, sendo o sr. tenente coronel Patacho efusivamente cumprimentado.

Museu Bordalo Pinheiro

Como de costume em todos os domingos, está amanhã aberto ao publico, das 15 ás 19 horas, este museu, instalado no Campo Grande, lado oriental, 382. O produto das entradas reverte, como se sabe, a favor do Asilo de S. João.

Frades e freiras:

Um amigo meu, ainda novo—e que talvez por isso tem a mania encantadora das coisas velhas—enviou-me, ha dias, a copia curiosa duma decisão passado em julgado na Casa do Civel do Porto e que tem a data de 11 de novembro de 1793. Mais dum seculo. Refére-se a uma pitoresca questão suscitada entre as freiras do Real Convento de S.ta Clara de Amarante e os frades Dominicos da mesma vila. Estou a vêr a caixa dos senhores desembargadores, muito solenes na sua luneta de punho d'oiro e na sua caixa de rapé, pesando, entre os reposteiros antigos de bactão vermelho, a gravidade juridica do litigio. Não resisto á tentação de transcrever a decisão, tão interessante ela é para o estudo das relações entre os frades e as freiras, relações que nem sempre foram como muita gente supõe, demasiado excelentes. Vão vêr. A titulo de curiosidade dir-lhes-hei ainda que os autos a que se refére a decisão seguinte se encontram arquivados nos cartórios de Amarante onde a indiscrição erudita de v. ex.as poderá aprecia-los:

«Vistos os auctos, etc...

As auctoras Dona Abadessa, Discrétas e mais religiosas do Real Convento de S.ta Clara de Amarante mostram ter um cano seu próprio por onde despejam as suas imundices e enxurradas o qual atravessa de meio a meio a fazenda dos frades Dominicos da mesma vila. Provaram as auctoras a posse em que estão de o limparem quando precisarem. Os reus D. Prior e mais Religiosos do Convento de S. Gonçalo assim confessam e se defendem dizendo que lhes parece muito mal que lhe bulam e mexam na sua fazenda sem ser á sua satisfação, que conhecendo a necessidade da limpeza do cano das Madres tinham feito unir o seu cano ao delas para mais facilmente se providenciarem as coisas por cujo modo vinham a receber proveito. Por tanto e o mais dos autos vendo-se claramente que aquela posse só poderá nascer do abuso, vendo-se mais a bôa vontade com que os reus D. Prior e os mais Religiosos se prestam e obrigam a limpar o cano das Madres autoras, e que outrosim da reunião resulta conhecido beneficio—conclue-se visivelmente que ha duvidas e questão da parte das Madres autoras que podem nascer dum capricho sublime, dum temperamento ardente que precisa instigar-se para bem de ambas as partes.

Pelo que mandam que o cano das auctoras Dona Abadessa, Discréta e mais Religiosas, do Real Convento de St.a Clara de Amarante seja conservado sempre corrente e desembaraçado, unido ou não unido ao cano dos reus segundo a sua antiga e primitiva posição, sem que as freiras authoras possam intrometer-se no dia ou na hora, nem nos modos ou maneiras da limpeza a qual fica entregue á vontade dos réus que a hão de fazer com muita prudencia e bem, por terem bons instrumentos seus proprios, o que é bem conhecido das Authoras que o não negam nem contestaram e quando acontecer, o que não é presumivel, que os réus de proposito ou por omissão deixem entupir o cano das Authoras, em tal caso lhes deixem o direito salvo contra os reus podendo desde logo governar na limpeza do dito caus mesmo por meios indirectos usando de suspiros e ainda usando do cano dos reus procedendo primeiro a uma vistoria feita pelo Juiz de Fóra com assistencia dos peritos louvados sobre os canos das Authoras e réus».

Curioso, não é? E quantos documentos interessantes como este não dormem esquecidos nos archivos dos cartorios do paiz! Que se lhe ha de fazer? Esta mais ou menos provado que, em Portugal, as unicas creaturas que se interessam pelos papeis velhos—são as traças...

Luiz d'Oliveira Guimarães.

O renovar de uma tentativa

A proposta de um deputado inglez — Onde se fazem algumas considerações historicas

Dois telegramas, de uma qualquer agencia de especialidade, trouxeram-nos ha dias por entre a confusão de sorientadora de reparações e mortes, a noticia de mais uma tentativa de aproximação anglo-hespanhola. Não são de ontem nem de hoje estas tentativas; datam de longos anos reeditando sucessivamente uma prova sempre posta de banda por inconveniente ou menos oportuna.

O primeiro telegrama anunciava que, na Camera dos Comuns, um deputado britanico se levantara perguntando ao ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra se não haveria conveniencia em tornar efectivas as protocolares relações de boa amizade existentes entre a Hespanha e o seu paiz, completando-as com um tratado de aliança que de qualquer forma pudesse concorrer para a manutenção da paz no Oriente da Europa. Não se vê muito bem, pelo menos a quem superficialmente, por nao andar metido nos segredos e mais partes da diplomacia, tem de tratar estes assuntos, o acrescimo de segurança que, para a boa paz da influencia oriental, traria uma aliança entre estes dois paizes; mas, a não ser que queiramos filiar em motivos muito diversos a proposta do parlamentar inglez, devemos aceitar como boas as razões por ele apresentadas, considerando apenas os factos e não pretendendo discuti-los. A resposta do deputado interpelante, o ministro dos negocios estrangeiros, não se escusando de assinar semelhante tratado, ou de para ele concorrer afirmou a ao pouco interesse que para a nação ingleza oferecia e considerando da

vidamente a cordealidade de relações anglo-hespanholas.

Poucos dias depois um novo telegrama, de origem oficial, proclamava aos quatro ventos o desejo existente nas esferas governamentaes britanicas de apenas manter os tratados de aliança já existentes com os paises amigos, Japão e Portugal.

O incidente ficou assim encerrado, não deixando por isso de se prestar a alguns comentarios oportunos.

A politica do *explendido isolamento* tão discutida e tantas vezes posta em fóco a proposito do imperialismo inglez, que uns supõem não existir e a que outros querem atribuir uma existencia real e efectiva, não é como muitos pretendem consequencia das mais ou menos disfarçadas conveniencias que para o dominio inglês se vão suscitando; e embora ela haja sofrido variantes diversas, naturalmente trasidas com o decorrer e o caracter dos tempos, mantem-se apezar de tudo enraizada na alma do povo.

Assim a politica internacional britanica tem oscilado em torno de *ententes* ocasionaes formadas ao saber das conveniencias e dando á Inglaterra uma invejavel liberdade de movimentos sempre procurada e sempre conseguida.

Da ahi tambem o desejo manifestado por parte do povo inglez de manter as pequenas nacionalidades, de as proteger e de as conservar. Ha nesta intenção, verificada atravez da historia, uma afirmação de vantagens. ? Ha sem duvida. Mas para ela devem tambem concorrer factores de ordem moral que não são para desprezar numa epoca em que os imponderaveis decidem a sorte dos povos.

Povo essencialmente tradicionalista, tendo na tradição um dos segredos da sua incontestavel superioridade, o povo inglês olha o passado e não o despreza nem o renega, condicionando os seus ensinamentos ás circunstancias imperiosas do presente. E' esta uma das razões, a mais forte sem duvida porque se mantem a aliança anglo-lusa.

As alianças, dizia Asquith, firmam-se entre povos e não entre reis. E' o principio da imortalidade de raça posto perante o da transitoriedade do homem.

Os homens passam, e com eles passam os seus desejos e os seus intuitos; só a vontade dos povos permanece indicando caminhos a seguir na tormentosa vida da humanidade.

Ora a aliança anglo-lusa data da guerra dos cem anos.

Então franceses e ingleses procuravam estabelecer-se na peninsula. De um lado a França conluia-se com a Castela dos Trastameras e fá-la entrar no campo dos seus interesses e das suas ambições; do outro, a Inglaterra busca, junto ao mar, o apoio de um Portugal estabilisando-se por entre a desorientação de um fim de mundo, e faz um tratado depois mantido pelos seculos fóra.

Os campos de ligação extremam-se na Europa; os factos seguem o seu curso natural e a aliança mantem-se. Entre os portuguezes nasce a politica de ambição e de absorpção injustificada; veem os monarcas D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, e é a serie de casamentos de conveniencia sempre com um objectivo politico a provoca-los.

E' então que os interesses do franceses e ingleses se encontram no campo comum da guerra aos Filipes.

As pretensões do Prior do Crato são apoiadas por ocultos interesses; e a derrota da Invencivel Armada põe ponto final a um louco sonho de dominio.

Richelieu e os Stuarts restaurados apoiam os revolucionarios de 1640, ainda numa inconfessavel conjugação de interesses.

Vem depois a guerra de Sucessão, e nós seguimos ligados á Inglaterra, apenas sendo digna de menção a tentativa infrutifera de Pombal para um entendimento luso-castelhano.

Finalmente veem as lutas napoleninas e a campanha da Peninsula pondo mais uma vez em fóco a aliança inglesa.

De uma maneira geral pois e em presença do perigo hespanol o entendimento de ingleses e portugueses tem-se mantido.

Depois do periodo do liberalismo e da propaganda republicana, proclamado o novo regimen e durante a grande guerra, é ainda a aliança anglo-lusa que serve de base á nossa politica internacional.

Deste simples resumo historico não será dificil concluir uma garantia historica afirmada para a aliança do nosso povo com a Inglaterra; ela é consequencia de interesses mutuos e sobretudo da tradição.

Mas é sempre para ter na devida conta as tentativas de ligação feitas pelos hespanhoes sobretudo quando elas vão tocar com um povo cujos interesses aos nossos estão de ha muito intimamente ligados.

Movimento associativo

Operarios confeiteiros e pasteleiros de Lisboa.—Para apresentação do relatorio de contas e tratar de assuntos de interesse para a classe, reune hoje a assembleia geral, ás 21 horas.

Touradas

Campo Pequeno—A corrida de ámanhã começa ás 17,30. N'ela entram o notavel novilheiro Joaquim Manzanares *Mella*, os cavaleiros José Casimiro e Ricardo Teixeira, os bandarilheiros T. Rocha, *Afarero*, Luciano, Tomé, Custodio, Jaime Dias e *Chatillo*, sendo cabo de forcados Casimiro Daniel.

A liberdade da pesca nas aguas territoriais portuguezas

A questão tem de ser resolvida sob o ponto de vista diplomatico e tecnico

Além dos assuntos mais importantes n'este momento para a economia nacional é o que preocupa actualmente a opinião publica algarvia, por causa do risco que corre a industria da pesca, se fôr permitido aos hespanhoes que venham pescar nas aguas territoriais portuguêsas.

Já dissemos que em 1915 esta questão foi debatida em Hespanha e desejava-se conseguir a liberdade de pesca, desde o Cabo de S. Vicente ao de Trafalgar e do Cabo Mondego ao Norte da Galiza. E, segundo nos informaram ha pouco, a situação esteve muito arriscada, em vista de compromissos tomados em Madrid, na ocasião em que se procurava negociar um tratado de comercio.

O nosso ministro dos estrangeiros d'então viu-se em serias dificuldades para atender os justos protestos dos pescadores portuguêses, sem ficar em má situação perante os compromissos que se tomaram com o governo hespanhol.

—Mas como se tomam compromissos d'essa natureza tão impensadamente? inquirimos nós.

—Eu lhe digo. Como se estava negociando um tratado de comercio, a nossa visinha fazia-nos algumas concessões vantajosas, tais como a exportação de madeiras, gados etc., e em troca desejava que lhe permitissemos a liberdade de pesca nas nossas aguas, podendo nós tambem ir pescar algas ás aguas hespanholas.

—E como foi que se saiu d'essa situação?

—Por uma forma habil,—diz-nos o nosso informador.—O ministro dos estrangeiros portuguès, que nos parece ter sido o sr. Freire d'Andrade, pôz a questão no seguinte pé:

«—Não tenho duvida alguma em apresentar ao parlamento um tratado de comercio com a Hespanha, no qual uma das clausulas seja a comunidade da pesca; mas para nós é preciso que se entendam primeiro os pescadores dos dois paizes.

«Logo que cesse o litigio e mostrem que chegaram a um acordo, tudo ficará encaminhado para uma solução satisfatoria.»

E' claro que esse acordo nunca se estabeleceu e o tratado de comercio não se fez.

Ficou pois a questão no mesmo pé, os hespanhoes continuaram exercendo clandestinamente a industria da pesca nas nossas aguas, pagando uma multa insignificante, quando são apanhados pelos barcos da nossa marinha de guerra, ao serviço da fiscalisação.

Nunca mais se estudou este assumpto tão importante, que exige uma atenção especial dos que teem o dever de encontrar uma solução para os grandes problemas nacionaes.

Esta questão da pesca precisa de ser estudada sem demora, não só sob o ponto de vista diplomatico, para arredar aspirações que são contrarias aos elementares principios de direito e da justiça, mas ainda sob o ponto de vista technico.

E' preciso que, aos estrangeiros que veem buscar o peixe ás nossas aguas e que infringem as leis, tenham uma penalidade, que não seja inferior á que se aplica aos portugueses.

Tambem não se deve permitir que o peixe pescado nas aguas portuguesas siga por mar para os portos estrangeiros. Deve vir para as fabricas nacionaes ou para a venda ao publico ou então para fabricas estrangeiras com pessoal portuguez. De forma nenhuma se deverá consentir essa concorrencia, que só tem inconvenientes.

Tambem é preciso com urgencia fazer respeitar o tempo defeso para a pesca da sardinha. Se assim não se fizer, dentro em pouco, suceder-nos-ha o mesmo, que nas costas da Bretanha. Sobre este assumpto devem ter a palavra os technicos naturalistas. E segundo a opinião auctorisada do principe de Monaco, dentro de alguns anos, não aparecerá uma sardinha na nossa costa.

Estas questões precisam ser resolvidas com ponderação, estudo, mas nunca abandonadas, porque d'elas depende consideravelmente a vida economica do paiz.

J. Correia dos Santos

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Amanhã disputa-se o primeiro desafio da final do Campeonato de Lisboa

Sporting contra Atletico

Amanhã, o campo do Sporting, do Campo Grande, vae ser pequeno para conter todas as pessoas aficionadas do foot-bal, que desejam assistir á primeira mão da final do Campeonato de Lisboa, que se joga ás 17 horas entre o Casa Pia Atletico Club e Sporting Club de Portugal.

Vae ser uma luta renhida: qualquer dos teams que se apresentam, estão em forma, devendo resultar uma das melhores tardes de foot-ball.

A direcção da A. F. L. de acordo com os clubs finalistas resolveu aumentar ligeiramente os preços dos logares, devido ás grandes despezas que os desafios das finaes lhes acarretam.

LAWN-TENNIS

Termina amanhã o torneio de preparação do Club Internacional

Termina amanhã, principiando ás 14 horas, o torneio de tennis, para preparação dos jogadores para o Concurso Internacional que se iniciará na proxima quarta-feira indo até ao dia 22.

Tem sido grande o numero de assignaturas vendidas na séde do Club Internacional.

A inscripção de jogadores deve ser superior aos ultimos concursos, tanto nacionaes como estrangeiros.

NOTICIARIO

Realisa-se amanhã pelas 21 horas na séde do Sport Lisboa e Bemfica uma festa de patinagem.

—Na piscina da Casa Pia, realisa-se amanhã pelas 13 horas uma festa de natação organisa pela L. P. C. N.

—Publica amanhã o bi-semanio «*Os Sports*», inserindo variada colaboração sobre Fisica, noticiario de foot-ball do estrangeiro, provincias e de Lisboa.

ULTIMA HORA

Os caminhos de ferro em Hespanha

Um projecto de lei que permite a sua expropriação pelo Estado—Material e engenheiros tudo nacional

MADRID, 13.—Camara dos deputados.—O ministro das obras publicas, sr. Lacierva, mandou para a mesa o projecto relativo aos caminhos de ferro, bem como um projecto relativo a obras publicas. Este ultimo prevê a despeza de 648 milhões de pesetas para estradas e pontes, 493 milhões para reparação e conservação das estradas, 157 milhões para caminhos vicinais, 900 milhões para obras hidraulicas, 60 milhões para farois e suas dependencias; 110 milhões para estabelecimentos agricolas e maquinas e 44 milhões para a industria mineira.—(H.)

MADRID, 13.—Camara dos deputados.—O ministro das obras publicas declarou que o projecto de lei relativo aos caminhos de ferro estabelece o seguinte: O estado poderá assumir, quando o julgar oportuno, a exploração dos caminhos de ferro, sem que se lhe possa opôr qualquer entrave; o estado constituirá no entanto um consorcio com as companhias actuais. O capital de cada companhia será calculado pela media da cotação das acções durante os 10 ultimos anos. As tarifas de transporte serão estabelecidas pelo estado de acordo com as companhias e o conselho cuja creação o mesmo projecto prevê. As tarifas serão calculadas segundo as despezas da exploração, mas o governo terá a faculdade de as alterar se assim o julgar necessario e de as tornar mais baratas que as despezas provenientes da exploração. Neste caso o deficit será coberto pelo estado. Todas as companhias serão consideradas nacionalisadas e sujeitas ás leis espanholas, podendo o estado adquirir todas as acções. As companhias pagarão todas as despezas da exploração e depositarão num banco do estado 5% do remanescente.

Pelas suas acções receberão um dividendo que nunca poderá ser superior a 3%, mas terão direito de prioridade sobre 2% desse dividendo.

Será estabelecido um premio de exploração ás companhias e igual premio ao pessoal.

Todo o material será construido em Espanha. O ministro acrescentou que o estado adoptará todas as medidas que forem necessarias para melhorar os serviços dos caminhos de ferro. Para este fim terá o estado que desembolsar 2 biliões e meio a 3 biliões e entretanto solicitará do parlamento outros creditos para a construção de novas vias ferreas e para electrificar algumas. Todas as suas obras serão executadas exclusivamente por engenheiros espanhois.

Para pôr em pratica este programa ferroviario e o dos trabalhos necessarios que se conteem no projecto que o governo acaba de mandar para a mesa, o governo poderá tambem fazer emissão de uma divida perpetua ou amortisavel. O ministro foi muito aplaudido pela maioria dos deputados e terminou dizendo que a Espanha tem grandes riquezas naturais; o que é preciso é explora essas riquezas a fim de que o paiz possa viver como deve.—(H.)

Ao passo que a Espanha ainda a serio, como se vê, do instante problema da melhoria da viação acelerada, entre... entre nós é melhor nem falar n'isso.h.

Tribunal do C. E. P.

Foram hoje julgados José Rodrigues Macho, Antonio Paulo e Joaquim Gouveia, soldados de infantaria 21, acusados do crime de revolta.

O primeiro foi amnistiado e posto em liberdade, ficando os dois ultimos ainda presos para cumprimento da pena que lhes foi imposta no mesmo tribunal em janeiro findo, quando responderam pelo crime de direcção.

Poeira da Arcada

Funcionarios publicos

Mais de quatrocentos funcionarios publicos acompanharam a comissão delegada da Associação de classe dos empregados do Estado que pelas 14,30 se devia avistar com o sr. presidente do ministerio, para tratar do aumento de subvenção.

Só cerca das 17 horas, tendo já retirado a maioria, é que os comissionados foram recebidos.

Conselho de ministros

Reuniu hoje o conselho de ministros, ocupando-se principalmente da questão dos abastecimentos e da troca de farinha e trigos do Canadá por produtos portugueses.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu o sr. Joaquim dos Santos Costa, antigo empregado das escolas oficiaes e que era muito bemquisto. O funeral realisa-se amanhã, ás 10 horas, da rua das Gaivotas, 8.

A demissão do conde Sforza

ROMA, 14.—Desmente-se oficialmente a noticia do pedido de demissão do ministro dos extrangeiros conde Sforza que teve origem em certos meios extrangeiros e com fins mais ou menos tendenciosos em vista dos incidentes com as tropas italianas na Alta Silesia.—(H).

Serviço telegrafico da tarde

BERLIM, 14.—A imprensa anuncia que as auctoridades da região do Rheno tem comunicado ás auctoridades alemãs que cessaram já todos os preparativos de invasão do Rhur, por ordem do ministerio da guerra, em vista da Alemanha ter aceitado o «ultimatum» dos aliados.—(H).

PARIS, 14.—Comunicam de Berlim que o governo de Munich, de acordo com o novo chanceler do Imperio, se esforça por se iniciarem negociações com o governo francez sobre o desarmamento das guardas civicas da Baviera.

Parece que a Baviera se acha disposta, como base das negociações a dar todas as garantias e por as guardas civicas sob a fiscalisação das autoridades francezas.—(H).

ROMA, 14.—A delegação italiana á conferencia inter-parlamentar de Lisboa é constituida pelos srs. Marconi, Barzilai leader republicano, Miliani ex-ministro, Nava ex-ministro, Zupelli ex-ministro da guerra, Crispi ex-ministro e Angelo Paiva.

O secretario é o sr. Damiani. O presidente de honra é o sr. Titoni, ex-ministro dos extrangeiros e antigo presidente do Senado.—H

PARIS, 14.—Comunicam de Roma que o ministro dos Estrangeiros, conde Sforza, apresentou a sua demissão, embora consinta em continuar no exercicio do seu cargo até que se realisem as eleições e reuna a nova camara.—(H).

STOCOLMO, 14.—As camaras aprovaram o projecto de lei que reduz o serviço militar a 165 dias.

Espera-se que, como consequencia da votação, o ministro da guerra peça a demissão.—(H).

PARIS, 14.—O Presidente da Republica ofereceu um almoço ao sr. Nilo Peçanha e esposa.

LONDRES, 13.—O sr. Lloyd George, continuando o seu discurso na camara dos comuns sobre a Alta Silesia, declarou que não se trata somente de uma questão de honra, mas sim de uma questão de salvaguarda e segurança para os aliados, o que lhes impõe a necessidade de respeitarem o tratado de Versailles, quer este seja a seu favor quer seja contra. Aconteça o que acontecer, terminou o sr. Lloyd George, a Inglaterra não aceitará como bom o que se passou na Alta Silesia, porque isso seria um desafio ao tratado de Versailles, que poderia ter consequencias desastrosas.—(H.)

Theatros e Cinemas

Por absoluta falta de espaço, não pode hoje entrar a critica da peça de Nicodemi A SOMBRA, *hontem levada á scena no Avenida. Sairá depois de amanhã.*

Noticiario

Entre nós

A fantasia *Ideal*, de Arnaldo Leite e Carvalho Barboza, que sobe á scena para o mez que vem no Eden, têm como «compéres» *D. Quichote e Sancho Pança*, sendo o 1.º acto o ataque aos moinhos. *D. Quichote* é feito por Alberto Ghira.

—No dia 3 realisa-se a festa artistica de Elisa Santos, uma das estrelas do Salão Foz.

—O *Trolaró* vae ser ampliado com o quadro novo *Escola de arte de... namorar*.

—O novo trabalho teatral de Julio Dantas será uma adaptação do «Romeu e Julieta» de Shakespeare, em que o distinto homem de letras está trabalhando.

—Para a semana sobe á scena no Politeama a opereta «Amor de Mascara».

—A empreza Macedo do Salão Foz, além da revista «Tic-Tac», de Luiz d'Aquino e Alberto Barbosa, tem outra, «Toda Triques» de dois autores novos.

—No verão, no teatro do Ginasio não trabalha Silvestre Alegrim. Os comicos serão Joaquim Prata, Augusto Machado, Otelo de Carvalho e Pestana de Amorim. Otimo.

—Foi contratada para o Ginasio a atriz Amelia Pereira.

—Em ensaios no Nacional, encontra-se a peça «O Cardeal». Deve subir á scena a seguir á «Simone».

—A festa artistica do tenor da companhia Armando de Vasconcellos, Fernando Pereira, realisa-se na noite de 25 do corrente, com a «reprise» do «Reisinho». Completa o espectaculo a primeira representação da opereta «Boa Viagem» original de Pedro Bandeira e Guedes Vaz, com musica de Neuparth Vieira e Kjonar, em que tomam parte a notavel actriz Auzenda de Oliveira, o homenageado, a distincta actriz cantora Beatriz Gouveia, a engraçada actriz Sofia Santos e o magnifico baritono Armando Saraiva.

—Amanhã, no Nacional, os alunos do «Liceu Camões» realisam uma «matinée» em que se apresenta o seu «Orfeon», sob a direcção do professor Silva Reis, representando a peça «Historia Antiga» e a Zarzuela «La Viejecita».

—Parece tomar incremento a noticia de que o sr. Alfredo Cortez vae intentar um processo contra o emprezario sr. Luiz Galhardo por se terem interrompido as recitas da *Zilda*. Parece-nos isto impossivel porque como se sabe a *Zilda* interrompeu as suas recitas por doença da atriz Rey Colaço, e depois pela saida dela do *Nacional*. O que poderá suceder é o sr. Luiz Galhardo pergunta ao sr. Cortez se deseja que a *Zilda* continue com a sr.ª Laura Cruz ou Augusta Cordeiro.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21,30—Recital da Sociedade de Concertos.
NACIONAL—A's 21 h.—«A dama das camelias».
S. LUIZ—A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO—A's 21,30—«Duas causas», "Agencia Texugo».
AVENIDA—A's 21,30—«A Sombra».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 horas—Companhia Grant Carmo.

A CAPITAL

3782—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 16 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

Governos de concentração

Todos os dias se fala em crise.

Umas vezes é por causa da substituição do Comandante da Guarda Republicana; outras vezes, porque deixa o comando da policia um determinado oficial; outras vezes ainda porque o parlamento não se apressa a votar os orçamentos, ou porque o sr. ministro das Finanças não concorda com augmentos de despezas que alguns dos seus colegas entendem ser indispensavel fazer nos seus ministerios.

N'uma palavra, crise, sempre crise.

Mas quem attender apenas a estas circunstancias ocasionaes julgará que o governo se encontra em crise por factos imprevistos, e, fazendo-o, laborará n'um lamentavel equivoco.

O governo não está em crise por causa d'este ou d'aquele incidente da sua existencia ministerial.

O governo está em crise desde o proprio momento que se constituiu.

Poderiamos mesmo ir mais longe, acentuando que desde Monsanto, ou seja ha mais de dois anos, não tem havido ainda em Portugal um unico governo que não tenha estado em crise permanente.

E' que, por muito que a teimosia dos homens procure vencer a logica da situação, o facto irrefragavel é que, desde Monsanto, a politica portugueza tem estado sempre errada.

A crise está acima de todos os governos, porque resulta da obstinação de se não querer atender ás necessidades nacionaes, sobretudo sob o ponto de vista do entendimento social.

O país requer uma politica definida, um programa governativo em que meia duzia de homens, irmanados pelas mesmas aspirações, orientados pelo mesmo pensamento, realisem uma obra forte que só pode resultar da homogeneidade dos principios, dos sentimentos e das vontades.

Para satisfazer as ambições dos partidos entendeu-se que se devia fazer precisamente o contrario, isto é, permanecer nas situações indefinidas, não dar a supremacia a nenhuma norma politica e administrativa expressa, clara, nitida e inconfundivel.

O resultado é vivermos ha dois anos num regimen de caxaroletes governativos, mistela que o país já não traga, e em que nem sequer se ligam, embora numa burundanga insipida, os diversos ingredientes que a compõem.

Chama-se a estas mistelas governos de concentração, e tão patente é o seu artificio que, devendo significar força só denunciam fraqueza, e devendo representar união só redundam em desunião.

Quando cahiu o gabinete Liberato Pinto, estava toda a gente farta até aos olhos de governos de concentração. Reclamava-se vida nova. Acabou-se por fazer um novo governo de concentração sob a presidencia do sr. Bernardino Machado, que se vê doido para juntar os seus logares-tenentes.

Não nos iludamos. Se cahir o sr. Bernardino Machado, é natural que se experimente de novo—um governo de concentração.

Mas o país não anda; os governos não governam. No parlamento, reduzido ha muito a uma ficção, não ha maioria para ninguem.

Não ha maneira de levar a cabo nenhuma reforma urgente; não ha maneira de encarar a serio os grandes problemas nacionaes. A grande questão é saber quantos governadores civis ha de ter este ou aquele partido. E os cambios agravam-se; não ha exportação para os nossos principaes produtos; estamos na perspectiva d'um anno de fome.

Emfim! Não percamos de todo a esperança. Ainda se ha-de experimentar um novo governo de concentração...

Banquete de homenagem

O banquete em homenagem ao sr. ministro do comercio, promovido pela Associação Industrial Portugueza, foi transferido para quinta feira, encerrando-se a inscrição amanhã, ás 15 horas.

Como se sabe, o banquete realisa-se no Monumental Club e é por inscrição, podendo os bilhetes ser requisitados amanhã e na quarta feira na séde da Associação Comercial, rua Eugenio dos Santos, 69.

Comandante da Guarda Republicana

O novo comandante da guarda republicana, coronel sr. Victoriano José Cesar, acompanhado dos seus ajudantes, passou hoje uma demorada revista ao quartel do Carmo, devendo amanhã e nos dias seguintes visitar os restantes quarteis da guarda.

Teve o novo comandante a gentileza de nos enviar o seu cartão de visita, o que agradecemos.

DOIDA, NÃO E NÃO!

Um "alvitre"

O que a autora destas cartas pensa á respeito do «Generoso alvitre» a paginas 137 do livro «Infeliz».

Como se procura envolver uma ilustre senhora na questão que se derime.

O que a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho pensa a tal respeito e o que diz.

Depois do que disse na minha ultima carta, quasi que era inutil dizer mais nada, se no «Infeliz» não houvesse a pagina 137 onde vem o «Generoso alvitre».

Esqueci, propositadamente, o nome da senhora que teve a lembrança de imaginar possivel uma reconciliação entre mim e minha familia e não estranhe o leitor que eu não aluda mais a essa senhora.

Não estranhe, tão pouco, que não cite o nome de uma dama ilustre que quizeram arrastar a envolver-se no meu caso.

A primeira senhora nada me inspira, mas a segunda inspira-me admiração, já pela sua vida de trabalho honesto, já pelo brilho do seu talento e pela bondade da sua alma.

Não conheço pessoalmente a dama a que me refiro, mas nem é preciso, porque, se a fama além sôa, a sua chegou até mim, envolta numa atmosfera de veneração que me faz curvar respeitosa, diante do seu vulto inconfundivel.

Portanto, sem alusões ás duas senhoras, vou apenas ocupar-me das palavras, transcritas no «Infeliz», duma resposta dada pelo sr. dr. Alfredo da Cunha.

«Animam-me, assim como a todos os que me acompanham nesta desgraçadissima questão, unicamente sentimentos de estima e bemquerença em relação á vitima de inconfessaveis interesses e manejos que, segundo depreendo da sua ultima carta V. Ex.ª tambem presente e receia.

«Por isso mesmo o seu alvitre não podia ser regeitado por mim, tanto ele se coaduna com o que todos nós almejamos.

«Vou reproduzi-lo, «ipsis verbis», para que sirva de regulador e norma, não tendo duvida, caso viesse a converter-se em realidade, em rodear a sua observancia de todas as garantias e seguranças:

«Depois de conseguir saber onde está a doente, faze-la aproximar de alguem que subtilmente a convença a desistir de pensar no homem que fez a sua desgraça.

«Teria que ser uma pessoa que se impuzesse ao seu animo e ao seu coração e que reuna intuição, sentimento, bondade, meiguice e nome prestigioso.

«Ha em Portugal uma só pessoa capaz desse milagre. E' a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

«Que se conseguiria da doente? Decerto que renunciasse a esse passado para entrar numa vida de benemerencia, se não junto dos seus, ao menos em relativa harmonia. E depois tratar de a convencer a ir tratar-se no estrangeiro, fazendo uma agradável cura de repouso junto de alguem que a sugestione para o bom caminho».

«Desde que v. ex.ª consiga da senhora em quem me fala e por quem tenho, a todos os respeitos, a maior consideração e de quem formo o mais alto conceito, a sua anuencia, eu iria ao Porto, se assim então o julgassem conveniente.

«Quanto á minha atitude, se porventura v. ex.ª descobrisse o paradeiro da doente, seria a de quem continuava a não saber onde esta se encontra.

«Porque, para me pôr ao abrigo de rumores ou de suspeitas, eu nem sequer realmente desejaria sabe-lo emquanto durasse a intervenção da ilustre parlamentária que v. ex.ª indica».

O sr. dr. Alfredo da Cunha, falando na victima de «inconfessaveis interesses», esqueceu-se de dizer o nome dela, mas a victima sou eu e por certo os interesses inconfessaveis são os dêle, pois que outros não ha.

Quanto ás «garantias e segurança» que o mesmo senhor não tinha dúvida em observar, ninguem tem duvidas tambem de quais elas seriam, sendo como é o sr. dr. Alfredo da Cunha um homem que só faz as cousas pelo seguro...

A sua atitude se «porventura» diz êle, (por desgraça digo eu) se descobrisse o paradeiro da «doente» (!) seria a de quem continuava a não saber onde esta se encontra!

Mas, leitor, por quem nos tomará o sr. dr. Alfredo da Cunha?

Então o ex-marido «modêlo», se soubesse onde me encontro, «tinha coração» para me deixar, nem mais um minuto, sem as «atenções» do agente Arnaldo e do cabo Azevedo? Não me mandava logo prestar as «devidas honras» por uma força de cabo?

Meu caro leitor: ninguem me dissuade de que o sr. dr. Alfredo da Cunha julga que ainda engana os outros com as suas espertezas.

Esse senhor ou diz certas cousas para nos fazer rir a nós ou di-las para se rir á nossa custa.

Amanhã direi eu o que penso acêrca do «generoso alvitre».

Maria Adelaide.

Em volta da crise ministerial

Governo para mais cinco anos—A reunião da Conferencia Interparlamentar de Comercio

O que ha, em boa verdade, de crise ministerial? Ninguem o sabe, e ninguem pode sobre ela afirmar coisas seguras e definitivas.

Só o sr. presidente do ministerio, com aquela confiança em si proprio que é uma das caracteristicas inconfundiveis do seu talento politico, poude dizer que por muito tempo ainda havemos de ter no poder o actual governo.

Pelo menos cinco anos, na frase de S. Ex.ª, talvez um pouco mais mesmo se a força das circunstancias e as necessidades nacionaes assim o exigirem.

Entretanto os partidos não parecem animados da mesma confiança no futuro, que as palavras do chefe do governo tão consoladoramente afirmam.

Alguns jornaes dão mesmo já a crise ministerial como mais ou menos proxima, e, ao que parece, não andam eles muito afastados da verdade.

O principio da crise está estabelecido como uma necessidade imposta á situação transitoria creada pelo sr. dr. Bernardino Machado; é preciso apenas condicionar essa necessidade atendendo ás circunstancias de momento e abstraindo um pouco do fervilhar das paixões partidarias.

O sr. ministro das finanças voltou hoje ao Parlamento, tendo tratado, á hora que escrevemos, de questões de interesse nacional como se nada de extranho se houvesse passado na ultima sessão parlamentar. Venceram, em ultima instancia, os que esperavam demover o sr. Antonio Maria da Silva dos seus propositos de demissão a que alguns atribuiam já origens longinquas e poderosas, mas absolutamente extranhas aos factos ocorridos.

Não abriu brecha por consequencia o governo, aparentemente pelo menos, continuando a singrar em maré de rosas, de acordo com as afirmações do seu chefe...

E', como se sabe, a questão dos governadores civis que mais fundas dissenções tem provocado no seio do gabinete; ela continua latente, e a seu respeito já alguns dos agrupamentos com representação governamental tiveram ocasião de, publicamente, emitir opiniões.

E embora alguns desses agrupamentos estejam dispostos a contemporisar, outros ha que manteem irredutivelmente os seus pontos de vista primitivamente apresentados.

Não é facil que o sr. dr. Bernardino Machado consiga remover as dificuldades que assim se levantam no seu caminho, é mesmo quasi certo que com elas esbarrará, apesar de todos os adiamentos e de todas as tentativas de cordeal confraternisação.

Deve ser portanto questão de tempo a declaração oficial de uma crise, latente desde o dia da organisação do ministerio atual.

Vae reunir-se dentro de poucos dias em Lisboa a Conferencia Interparlamentar do comercio. Talvez nem todos vissem ainda a altissima importancia que semelhante acontecimento vae revestir.

A Portugal virão representantes de todos os paizes aliados e amigos, honrando-nos com uma visita que a todos os portuguezes deve egualmente interessar.

Não quererão certamente os politicos dar a extrangeiros o espectaculo de mais uma crise laboriosa e lenta em que á superficie venham de novo todas as conveniencias particulares e todos os interesses partidarios.

Isto mesmo devidamente considerarão, se é que o não consideraram já, os homens que nos governam.

Consigamos ao menos aparentar aquilo que, na verdade, não somos. Que por um momento, se calem as suas paixões em presença do bem comum, porque todos terão a lucrar profundamente com isso.

E dahi, talvez este acontecimento, consiga afastar, por dias, as nuvens densas que se acastelavam em volta do governo. Se assim fôr, deve ser um adiamento, e apenas um adiamento, porque os partidos não se esquecem que o governo a que preside o sr. dr. Bernardino Machado, é mais um daqueles governos de concentração que a historica lição de Monsanto infelizmente nos legou.

A certeza, porém, só a pode dar o chefe do governo, e esse já afirmou que temos ministerio para mais cinco anos, *pelo menos*...

DIZE TU DIREI EU

Os olhos curiosos do mundo que se diverte

Toda a gente que tinha cinco tostões no bolso e uma hora livre foi ao «garden-party» do Jardim da Estrela, em favor das Florinhas da Rua. Duas tardes escuras em que as arvores choraram com pena de fazer pena ás Florinhas, mas em que estas não choraram nem riram porque—coitadas! — nem souberam que se trabalhava em seu favor, nem ousaram misturar a nota plebeia da sua trigueira infancia de sombra com o sol nado da infancia rica e rosada, com a alegria ensaiada dos «babies»—flôres de estufa, já diplomatas, já louros por dever de oficio, já mascarados de holandezes com aquele mesmo ar de absoluto desinteresse com que, aos vinte anos, se hão de vestir á Luiz XV para ir a qualquer baile de embaixada. Muita gente, muito barulho, muito ruido de musica e de risos, para dar em conjunto a rubrica jornalistica de «animação indescritivel». Fatos regionais da Europa inteira, vestidos claros que estava combinado «malgré a chuvinha», aparecerem nêsse dia e, sobretudo, o orfeão vibrante e impavido dos canteiros floridos cantando a hora da Primavera, no fim daquela tarde de extemporanea inverna. Ao levantar da feira, o jardim era um enorme e desordenado tabuleiro de xadrez em que as peças dançavam o bailado final dum curto poema coreografico, apoteose de movimento a que os platanos gigantes abriram bastidores de quietitude. Numa barraca triangular; num scenario escrupulosamente tradicional, entre caveiras brunidas de defuntos ainda caritativos e gatos negros e teatrais, sobre peles de tigre «ao natural», uma cigana lia a sina na palma das mãos generosas... Diante da barraca, num dado momento, um grupo de clientes esperava a vez, com a inegualavel resignação lisboeta posta á prova e bem treinada pelo ensino obrigatorio da arte de bem figurar em todas as «bicas» de subsistencias ou de tilheteiras animatograficas.

Já as «kermesses» e as barracas de rifas estavam vasias, já o ultimo acorde da banda americana se amortecera na copa mais baixa das arvores, e ainda a cigana tinha gente á espera da vez... Seria porque, atravez a sua serenidade sibilina e o seu bem estilisado «costume», os mirones tivessem logo adivinhado a encantadora figura e o lindo espirito duma rapariga que meio Lisboa conhece, pelo andar leve que o Chiado fixou ou pelas amostras risonhas do seu talento serio, prodigamente esbanjado na literatura apressada dos jornais? Seria porque, apezar do seu cosmopolitanismo de boemia e dos seus olhos cinzentos em fundo de brocado vermelho de ouro escudo—que pareciam feitos de encomenda para uma cigana verdadeira—ela representava a nota mais imprevista mas a mais nossa conhecida e familiar, mais embaixatriz do «Trianon» e da «Garret» na côrte verde, insipidamente bulhenta, do Jardim da Estrela em festa? Seria simples curiosidade? admiração, simpatia? Sem falar em Gustavo Le Bon nem na psicologia das multidões que está ao alcance de todas as bibliotecas filosofico—barateiras, sem usar da citação de nomes ou teorias ortograficamente assustadoras, não será facil deduzir que não era uma simples intenção caritativa—que podia exercer-se mais eficaz e rapidamente em qualquer outro ponto da bem organisada «party» —nem a natural simpatia que os tão conhecidos olhos claros da cigana já mal justificariam, que prendia e demorava o grupo paciente dos que esperavam a sua vez de estender a mão para dentro da barraca de scenario tetrico? Ainda e sempre e apezar de tudo, quem os chamava e os prendia aos que esperavam resignados, sob a fina chuva miudinha—não era a figura interessante da cigana conhecida, não era o desejo curioso de vêr de perto uma das nossas escritoras pre-celebres, mas o qualquer cousa de misterioso e de impreciso, que deslumbra, que inquieta e que conseguiu pairar no ambiente negro da barraquinha triangular, agora mais terrivel e mais funebre, sobre a claridade rosea do fim do dia tristonho.

Eterna «enfant terrible», na volubilidade cruel e na curiosidade importuna, a multidão — que assistira, na vespera, ás experiencias extranhas e perturbantes do misterioso Stevenson — esperava que a mão nervosa da joven jornalista cujo espirito moço a fazia sorrir quotidianamente, lhe apontasse, brincando, o bom caminho de melhor piso, a restea de luz tranquila que ilumina a estrada nevoenta de todos os destinos; esperava que o lindo olhar calmo daquela cigana, que nem sequer assustou nem roubou nenhum dos tentadôres «babies» holandezes, fosse o nitido e complacente traço de união entre os olhos fixos e agoirentos do velho «angora» sonolento—estatua viva do Sobrenatural pontificando, ao fundo, na praça publica da barraquinha negra—e o seu olhar ancioso de multidão que espera para estender a mão á cigana, que espera para conhecer o «terminus» da linha da Vida e os meandros complicados da curva da Fortuna e o sulco fundo ou apagado, vinco doloroso ou leve, dos amôres de perdição e dos «flirtes» inofensivos, — que espera porque acha que vale a pena esperar e fazer aquela espera ao destino traiçoeiro, mesmo debaixo da chuva miudinha, sobre a humidade crescente da terra ensopada sob o olhar esfingico da cigana que ria para dentro, compassivamente, caritativamente, pensando nas Florinhas que não foram á festa.

Tereza Leitão de Barros.

QUESTÃO TEATRAL

"A Sombra"

«Nestes casos em que dois interesses se degladiam costumamos pôr-nos em imparcialidade absoluta.

Não ouvimos ainda as razões que assistem ao sr. Mendonça de Carvalho»—escreviamos nós na 6.ª feira passada.

Mendonça de Carvalho quiz-nos contar o que se passou com ele. Ouçamo-lo, pois, e o publico que julgue:

Teria desejado grande silencio sobre o caso, mas, desde o momento em que o sr. Luiz Pereira tinha julgado dever falar entendia não poder ficar calado. Assim procuraria narrar-nos os acontecimentos conforme se tinham passado. Ha cerca de dois anos, antes da sua *tournée* á Republica dos Estados Unidos do Brazil, dissera ao sr. D. Manuel do Valle, legitimo representante em Lisboa dos auctores dramaticos italianos que desejava fazer representar pela sua companhia a peça *A Sombra* de Dario Nicodemi. Passado tempo disse-lhe aquele cavalheiro, que é um homem que toda a gente de teatro conhece e respeita pela sua honestidade e pelos primores do seu caracter, que a sociedade dos auctores italianos lhe tinha cedido a auctorisação pedida e indicou-lhe as condições em que deveria realisar-se o respectivo contracto. Em 16 de agosto do ano findo a *Capital* publicara uma entrevista do sr. Alvaro Lima com a actriz Maria Mattos em que se liam as seguintes palavras: «E como remate a este soberbo «bouquet» interpretarei as duas mais belas peças de Nicodemi: *A Inimiga* e a *Sombra*». O *Seculo* de 26 de agosto confirmava esta noticia. O sr. Luiz Pereira que sabe ler e que na sua qualidade de empresario não deixa de ler as noticias referentes a teatro não podia ignorar este facto.

A sua lealdade para com um colega, que nunca lhe causara o mais leve prejuizo e que respeitara sempre os seus interesses e direitos, deveria obrigal-o a não pensar na *Sombra*.

Não sucedeu porem assim. Regressou do Brazil e a 1 de novembro foi assignado o contracto em que a sociedade dos auctores italianos, por intermedio do seu legitimo procurador, lhe concedia o direito de fazer traduzir e representar em Portugal a peça *A Sombra*. Ao certo sabia o sr. Luiz Pereira que o sr. D. Manuel do Valle era o legitimo representante e procurador dos auctores italianos porque com este contractara a representação das peças *Il Titano*, *La Tolsta* e *La Maestrina* e portanto devia ter aceitado como boa a declaração que este lhe fez de que não podia transacionar sobre *A Sombra* porque estava cedida á empreza Maria Mattos & Mendonça de Carvalho.

Mas de modo nenhum o sr. Luiz Pereira, que tanto lastima a falta de seriedade, quiz desistir do seu intento. Queria a *Sombra* por força. Tinha-o atacado a febre de possuir a *Sombra* e se havia de recorrer a um medico, que para o caso seria um homem serio e honesto, que lhe prescreveria o caminho leal e correcto a seguir, teve a infelicidade de lançar-se nos braços d'um dentista qualquer que o animou a proseguir no seu proposito.

Assim o sr. Luiz Pereira poz em campo a sua esperteza e dirigiu-se directamente á Sociedade dos Autores Italianos, que, por uma leviandade inexplicavel, lhe concedeu autorisação egual á que já tinha sido concedida á empreza Maria Mattos e Mendonça de Carvalho.

Deus nos livre de que se admitisse o principio de poderem os constituintes anular os actos e contractos praticados e realisados pelos seus legitimos procuradores.

Chega a parecer impossivel que o sr. Luiz Pereira, que é um homem inteligente e dotado de muito bom senso, pudesse conceber similhante despropositol Em todo o caso, porque muito estima e considera o sr. Luiz Pereira e no desejo muito sincero de evitar-lhe o desgosto que afinal teve de soffrer e que muito deve ter magoado a sua vaidade de homem rico, propoz a s. ex.ª o sr. governador civil que, desistindo do seu direito de prioridade, ambos os contractos fossem julgados validos e que tanto um como o outro pudessem representar a peça.

Não aceitou o sr. Luiz Pereira o acordo proposto, soffrego de querer só para si a *Sombra*, não ligando a minima importancia aos graves prejuizos que lhe causariam a sua soffreguidão, porque eram grandes as despezas feitas com a montagem da peça e maior o tempo perdido com os ensaios.

N'estas circunstancias entregou o pleito ao exame de s. ex.ª o sr. governador civil e esperou calmo e tranquilo a sua decisão.

Todos que conhecem o caracter e a probidade do integerrimo magistrado sabem que não ha empenhos que o demovam ou exerçam influencia no seu espirito.

E se para recomendar a justiça da sua causa precisasse de algum empenho bastar-lhe-hia talvez o facto de, durante o já longo praso da sua vida de emprezario, nunca ter sido chamado ao governo civil para responder por uma irregularidade ou uma incorrecção.

Foi esta a primeira vez que ali entrou. O mesmo nem a todos succede. Emquanto ao officio d'um empregado do consulado, com que o sr. Luiz Pereira procura fazer muito barulho, o distincto artista pede-nos para que o dispensemos de emittir a sua opinião.

S. ex.ª o sr. ministro de Italia, que é um abalisado jurisconsulto, estudando o assumpto, declarou peremptoriamente que o seu contracto era legal e que ninguem lho podia negar o direito de prioridade. E que a ser verdade que o sr. ministro de Italia no seu gabinete puzesse as mãos na cabeça, tal o numero dos empenhos recebidos, estes empenhos deviam ser forçosamente a favor do sr. Luiz Pereira, porque da sua parte, ninguem, absolutamente ninguem pedira a intervenção do illustre ministro. Mas que é possivel que a tal historia das mãos na cabeça não passe d'uma historia.

O sr. Luiz Pereira, no governo civil deante do sr. governador civil e do sr. secretario geral declarou positivamente que o caso da *sombra*, que julgava incorrecto e desleal, não era obra sua e que fôra praticado unica e exclusivamente pelo seu constituinte sr. Grijó, de quem era procurador, e cujos interesses, muito contra sua vontade, era obrigado a defender, porque elle, por si, repugnava-lhe proceder d'aquelle modo e na entrevista publicada na *Capital* viera declarar-se o autor e responsavel de toda esta meada! Parecia até que o sr. Luiz Pereira tinha pretendido fornecer ao sr. governador civil mais um argumento para justificar a sua sensata e justa decisão. Mas emfim d'esta vez o sr. Luiz Pereira teve a infelicidade de reconhecer que nem todos os caminhos conduzem a Roma.

Triumphou o direito e a justiça. A *Sombra* representou-se e obteve um sucesso enorme e um exito verdadeiramente colossal, como poucas vezes sucede no nosso teatro. E ao sr. Luiz Pereira, como premio de consolação, resta-lhe poder queixar-se ao consul!

Eis o que nos declarou o sr. Mendonça de Carvalho.

⁂

Para finalisar este debate faltava inserir o telegrama que o sr. Luiz Pereira recebeu hontem da Sociedade dos autores italianos e que por ter vindo nos jornaes de hontem não publicamos. Nele se faz justiça a Luiz Pereira.

D'aqui se conclue que em face dos Autores Italianos a peça pertence á companhia Auro Abranches. Em face do governador civil ao sr. Mendonça de Carvalho.

Pela nossa parte, repetimos, lamentamos o facto, e afirmamos que ambos os litigantes teem as suas razões e direitos, tendo apenas procedido indignamente o representante dos Autores Italianos em Hespanha.

Mais uma vez apelamos para a nossa Sociedade dos Autores afim de que termine com a situação deprimente em que nos encontramos.

NOTAS FALSAS

CALVOS

Segundo diagnostica certo sabio (um destes sabios de grandes oculos e queixo barbaçudo que costumam morar nas ilustrações dos contos policiaes), os homens, em poucos anos, serão completamente calvos.

Tal profecia, além de ser um pouco desagradavel para os que teem o cabelo como arma de agrado, vem pôr de sobreaviso a briosa classe dos barbeiros que já não deve ver no oficio coisa de grande futuro.

Afiança o ilustre homem de sciencia capilar, que a grande percentagem de calvos, deriva do trabalho da inteligencia, isto é, que a faina intelectual produz a careca, ou, mais terra á terra, que a inteligencia não faz bom cabelo a ninguem.

A nova não é perfeitamente inedita. Já Schopenhauer disse: cabelos compridos, ideias curtas. Parece que á medida que cresce a inteligencia desaparece o cabelo e vice-versa, o que vem até certo ponto justificar o velho costume da tosquia dos burros em março.

Na verdade, ninguem sabe para que serve o cabelo. Socrates, Platão, Seneca e tantos outros homens com H grande, eram calvos e, com isso apenas perderam... o cabelo. Na modernidade, o homem tido como mais inteligente e mais artista, D'Annunzio, e o mais discutido, Lenine, são egualmente calvos. Em compensação, muitos outros de ideias avançadas e cabelos idem, não avançam um passo no caminho das miras intelectuaes.

O cabelo é um ornamento natural! dirá qualquer sujeito de guedelha poetica. Pois sim, mas além da utilidade de segurar o chapeu, não lhe encontro outra serventia digna de existencia.

Eu sou pela calvicie, já porque segundo a opinião do tal sabio, já porque evita os cortes de cabelo, tortura de paciencia a que certos espiritos não se ajazem.

Além disso ainda a calva traz uma outra enorme e impagavel vantagem Emquanto a humanidade fôr cabeluda, corre-se o risco de mandar recolher o jantar e ficar com o estomago avariado, ao passo que, com todos calvos, não ha grande probabilidade de encontrar uma careca no prato da sôpa.

Henrique Roldão.

PELO TELEGRAFO

Assucar brazileiro para Portugal

RIO DE JANEIRO, 15—O paquete «Traz-os-Montes» dos Transportes Maritimos do Estado, carregou no Recife 7500 arrobas de assucar.—(A.)

A cerimonia da abolição da escravatura

RIO DE JANEIRO, 15.—Revestiram o habitual entusiasmo as festas de 13 de maio comemorativas da abolição da escravatura, fechando Bancos, armazens, estabelecimentos comerciais, Bolsa, etc., havendo na cidade grande animação.—(A.)

O desenvolvimento agricola do Perú

LIMA, 15.—O ministro das obras publicas, acompanhado de alguns membros do corpo diplomatico, foi examinar os grandes trabalhos de irrigação na provincia de Canete, importantissima obra de fomento agricola no sul do paiz.—(A.)

As relações entre o Chile e o Equador

QUITO, 15.—Chegou ao porto de Guayaquil a canhoneira chilena «General Baquedano». O comandante, oficiais e marinheiros foram muito bem recebidos pela população e pelas autoridades.

O comandante e alguns oficiais vieram de visita a esta cidade onde lhes é hoje oferecido um grande banquete pelo governo.—(A)

As gréves na Argentina

BUENOS AIRES, 15. — A gréve dos trabalhadores do porto continua no mesmo pé. O jornal «El Diario» diz que o governo resolveu estabelecer as necessarias garantias para que possa trabalhar quem o pretender fazer. O jornal «La Razon» diz que o governo assegurará o funcionamento dos serviços do porto.—(A.)

Reconhecendo a republica lituania

MEXICO, 15.— O governo vai reconhecer a republica da Lituania.—(A).

A dissolução das guardas civicas bavaras

BERLIM, 16. — Diz o «Tageblatt» que em uma reunião dos parlamentares bavaros a que assistiram von Kahr, Heim e Helferrich que se reconheceu ser inevitavel a dissolução das guardas civicas bavaras, afim de não causar dificuldades ao governo do Imperio e honrar os compromissos deste para com os aliados.

Até ao dia 20 do corrente dar-se-ha cumprimento a todas as clausulas relativas ao desarmamento.—(H.)

Acordo entre inglezes e irlandezes?

PARIS, 16.—O novo lord mayor de Cork, que se encontra nesta capital, desmente que se tenha chegado a acordo entre a Inglaterra e a Irlanda em prejuizo da causa por que tem combatido e continuarão a combater os irlandezes e que é a sua completa independencia. Informações de outras procedencias dizem no entanto que das conversações entre De Valera e James Craig se espera chegar a uma plataforma conciliatoria.—(H)

As sementeiras em França

PARIS, 16. — As noticias sobre as sementeiras são muito animadoras apesar da deficiencia de chuva em abril. Os cereaes conservam bela aparencia, principalmente os trigos. Espera-se que a colheita destes em 1921 baste para as necessidades do abastecimento no proximo ano, pois estão cultivados 5 milhões de hectares ou sejam mais 300.000 do que no ano findo.—(H).

A campanha contra o sindicalismo

BARCELONA, 16.—As autoridades proseguem activamente na sua campanha para extirpar o sindicalismo nas suas ultimas manifestações. As forças de policia teem feito numerosas rusgas nos bairros suspeitos e procedido a buscas domiciliarias. Tem sido presos muitos dos sindicalistas mais combativos.—(H.)

A evacuação de Smyrna pelos gregos

SMYRNA, 16—O porto apresenta uma actividade febril com a chegada e saida de muitos navios dando curso, ao boato de uma proxima evacuação d'esta cidade pelos gregos. A população grega mostra-se muito inquieta. Os feridos estão sendo transportados para o Pyreu e Athenas. O comando militar proibe qualquer alusão á marcha das operações.—(H).

Os operarios de Anvers secundam os seus companheiros inglezes

ANVERS, 16—Em virtude da resolução dos operarios de transportes acudindo ao apelo dos operarios inglezes, estão paralisados muitos navios que deviam ter seguido viagem. Estão igualmente mobilisados milhares de vagons de carvão destinado á Inglaterra. O Sindicato Ferroviario resolveu recusar-se a transportar carvão importado do extrangeiro.-(H.)

As gréves em Inglaterra

LONDRES, 16.—O comité executivo dos ferro-viarios e operarios de transportes continua a empregar esforços junto das organisações internacionaes para que os operarios no extrangeiro procurem embargar o mais que possa as remessas de carvão com destino á Inglaterra.—(A.)

O tratado de comercio germano-bolchevista

PARIS, 16.—A imprensa bolchevista de Berlim publica «in-extenso» o texto do tratado de comercio germano-bolchevista. O «O Petit Parisien», reduzindo e analisando uma parte do referido tratado, considera-o como o preludio de uma dominação economica da Alemanha sobre a Russia.—(H,)

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO AVENIDA — A Sombra, *3 actos de Nicodemi, tradução de Carlos Borges*

Peça

Clemenceau—mas que terá Clemenceau com a Sombra, dirá o leitor? Espere um pouco, por favor.—Clemenceau, tem no seu passado uma peça de teatro. Talvez não soubessem? pois é verdade, até mais do que uma. Mas áquela a que me refiro chama-se «le voile du bonheur» e o seu entrecho é, em duas palavras, o seguinte: Tchang é um china cego que vive feliz na sua cegueira. Um dia, recupera a vista, e, encontra-se em frente da perfidia da mulher, da infidelidade dos amigos, da ingratidão dos homens. O seu desejo é arrancar os olhos, pois para conservar a existencia «il faut conserver lillusion». Georges, Clemenceau exclama: «Tout est mensonge! Tout est mensonge».

Berta Fregnier exclamava tambem hontem no auge da sua dôr: «Tudo é mentira, tudo era mentira». Preza, semi-morta, aos braços duma poltrona, não tendo senão o cerebro o coração vivendo ha dez anos, o dia mais feliz da sua vida, aquele em que volta á mobilidade, é o dia em que o veu das suas ilusões se rompe e todas as esperanças baqueiam ante a cruel realidade.

A ideia não é pois nova, nem mesmo se podem conseguir ideias novas no seculo XX. Mas, interessa, atrae e prende o espectador. Nicodemi, com os caracteristicos que lhe apontamos na «Inimiga» e na «Maestrina» apresenta-nos o conflito sentimental, com uma vitima directa—em geral uma mulher—e uma figura dificil de interpretar, uma «bucha» de personagem—em geral um homem.—Mas tecnicamente, como na «Inimiga», a peça é longa, perde-se em grandes dialogos que em italiano, nessa lingua suave e cantante passam despercebidos, mas vertido para outra lingua, e então mal vertidos, se tornam extenuantes e quasi descoloridos.

O primeiro acto tem como capital a scena da ressurreição. Na lingua em que foi escrita é antes um hino, uma alegoria poetica á vida, com poesias esplendidas como a das mãos, esquecendo o teatro que se perde no prolongamento dêssa scena já de si longa.

No segundo acto, feita a semelhança dos dialogos violentos das peças «fortes» de Bernstein, o seu dialogo não consegue captar por completo a atenção. E' hesitante, entra em minucias, repisa um detalhe, que ao publico não interessa tanto como ao literato. Depois, a scena que vive dum assunto que o publico já conhece, já prevê o desfecho, emquanto no palco se entreteem a disfarçá-lo, a ignorá-lo. Realmente, quem pode supor que Berta, uma criatura inteligente, esteja vinte minutos a ignorar que um facto enorme acabrunha o marido no momento em que devia ser só feliz, e que esse facto enorme só pode ser a amante, o pequenito?... Que papel de «estupida» num personagem até ali pelo menos medianamente inteligente!

No 3.º acto ainda a peça é hesitante. Aqui porque se reconhece a indecisão do proprio autor. Realmente é mais facil construir um conflito do que dar-lhe um desenlace. A urdidura é boa até um ponto; a situação cria-se. Mas como sair dela?

E neste 3.º acto, indeciso e impreciso, vê-se o autor coçar a cabeça, rasgar quartos de papel, vacilar, sem por fim dar uma saida clara ao «bico de obra» que criou.

Fica então o travo de amargura, um estoicismo quasi incompreendido, um final diluido, de sensibilidade levesinha e que faz chorar as senhoras.

E no fazer «chorar as senhoras» é que Nicodemi se perde e se repete constantemente.

Desempenho

Não resta duvida que a empreza do Avenida procura corresponder ás exigencias de hoje dando-nos bom teatro. Errou por vezes, [illegible] entre a «Malvalouca», a «Inimiga» e a «Sombra», duas ou tres lamentaveis censaborias, até verdadeiros atentados de arte. São os erros que se relevam aos que de quando em vez nos dão o fruto do seu honesto trabalho.

Maria Mattos tem um bom trabalho na sua «Berta Fregnieri. Não é igual e completo, mas é o mais perfeito da presente epoca. No primeiro acto, nessas longas scenas em que toda a sala, todos os olhos, se concentram na sua cabeça falante, porque nem um movimento disperta e distrae as atenções, scenas exigentes duma mascara, só mascara, foi bem. Disse mesmo com perfeição, com encanto, as falas do renascer, a narração ao doutor. Um digno trabalho.

No 2.º acto teve quebras, teve falhas; as tiradas fatigantes, a meia violencia para a qual o timbre da voz de Maria Matos não a ajuda, esmoreceram as scenas capitaes como o do seu choro convulso e quasi de epilepsia, os seus gritos de dôr e de surpresa em que conseguiu empolgar a plateia cheia de seus admiradores. No 3.º acto teve um trabalho de resignação e calma tambem digno duma perfeita artista. De resto sempre considerámos Maria Matos uma artista inteligente, e se o valor sem inteligencia não consegue triunfar, a deslocação n'um genero, com a inteligencia pode conseguir impôr-se. E' muito dificil para uma artista que o publico e acostumou a ver em caracteristicas, fazer com que a violencia tragica não caia na violencia comica, e Maria Matos consegue-o quasi sempre. E' um valor, tem os seus «tics» de pronuncia. Carrega nas silabas em «p», expressa-as batendo muito as agúdas, mas equilibra-se quando quer e á força de nos impôr o seu trabalho dissipa esses senões. Não deve dizer «impudíca» mas «impúdica» como por precipitação sucedeu.

A Mendonça de Carvalho caiu-lhe em sorte um papel afitivo. Um papel de condenado, ter de ouvir de todos os lados, ter deante de si um dilêma inexoravel, ter de estar calado, mastigando principios de frazes... A sua caracterisação pareceu-nos bôa. Deve fazer a diligencia por entrar, ao menos na primeira scena, de corpo direito, sem as costas curvadas que costuma usar; e isto porque o publico acaba de ouvir dizer «Gerardo é elegante... agrada a todos, ...agrada sempre». Tambem deve emendar uma frase que disse «Não.., não, ficamos por aqui», deve ser «fiquêmos», pois não é?

Joaquim Almada, muito composto, com acerto, tem um bom trabalho, a sua filosofia amena dil-a sem se desconcertar e sem sorrir. E' um artista inteligente que o prova a cada passo.

João Lopes, equilibra o personagem e não destoa no conjunto.

Hortense Luz tem nos 3 actos entradas arrebatadas, com vida; parece que lhe deram corda lá dentro, mas, depois, arrefece. O papel é muito, muito pesado para a sua inexperiencia. Vê-se em cada posição, em cada inflexão o ensino de Maria Matos, mas está ainda muito fraca. Contudo afirmo-lhe que vae muito melhor do que no «Pato».

Regina Montenegro com verdade e Carolina Maldonado sem que se repare... nela.

Tradução

E' uma lastimosa versão. Porque seria que Mendonça de Carvalho, depois de fazer traduzir uma das peças de Nicodemi por Schwalback, deu outra ao sr. Carlos Borges? A prosa de Nicodemi convertida em banalidade triviaes, cheia de logares comuns e frases mal soantes.

«Meia volta á direita, marcho não é?, dormiu com um olho fechado outro aberto,» um «valente» que arripia os cabelos, um «nunca acabe» desastroso; em seguida a uma scena violenta a frase: «ensarilhemos armas», que até engasga e faz perder a logica a Maria Mattos, «a mim fizeste-me uma colecção», e outras tantas que arranham, hostilisam, fazem perder toda a graça e ligeireza da prosa tão delicada de Nicodemi.

Scenarios. Mise-en-scène

Cuidados. O «atelier» está bem arranjado. A pequerrucha filha de Almada com muito juizo.

Se se pudessem mandar pregar ou substituir os forros das cadeiras do 1.º acto não seria mau. Vêem-se cá de fóra todos rotos e caidos.

Armando Ferreira

Amanhã: *a critica dos criticos.*

TEATRO DO GINASIO — A agencia Texugo, *1 acto de Artur e Lagardère*

Calculem os leitores o que será esta peça que vae no «Ginasio», e que nos cartazes se chama «farça burlesca»!

«Burlesca», porque vem de burla, filia-se naquele genero de teatro muito usado no Brazil em coisas de pôr os cabelos em pé, com graças insuportaveis e erros de gramática aos pontapés. Como um dos autores, Lagardère, ou seja o atleta-boxeur secretario da empresa Rui da Cunha, lhe costuma chamar, é uma «bexigáda».

O desempenho apropriado. Assim é que se abandálha um teatro e uma empresa. Mas nós é que sômos injustos...

A. F.

Noticiario

Lucinda Simões e a sua bisneta

Uma noticia em primeira mão. Lucinda Simões é desde esta manhã bisavó. A sua neta, a ex-actriz Julieta Simões, dotou-a com mais um rebento d'uma familia a que a Arte Nacional muito deve. Os nomes do actor Simões, de Lucinda Simões, de Lucilia Simões, mesmo de Julieta Simões não esquecem facilmente ao publico de Lisboa, nem mesmo por decreto ministerial.

A «Capital» felicita «Lucinda Simões», [illegible] S. Ex.ª o Sr. Ministro do [illegible] realisa-se na 6.ª feira e não 4.ª como estava annunciada em virtude de não estarem completos os scenarios novos que a empreza mandou pintar para a «Simone».

Entre nós

A opereta que segue ao «Paris-Monte-Carlo» é o «Amor de Apaches», já visto.

—A «tournée» Luis Pinto, do teatro Nacional, parte para a provincia nos primeiros dias de junho.

—A «tournée» Silvestre Alegrim tambem parte a 1 de junho, devendo iniciar os seus espectaculos em Santarem.

—Acha-se já restabelecido o distinto critico teatral Avelino de Almeida, que já no sabado assistiu o camarim da actriz Amelia Rey Colaço e do actor Robles Monteiro, no teatro da Trindade.

—A [illegible] peçada estreia da companhia Palmira Bastos, é a «Dama das camelias». A estreia efectua-se no proximo sabado 21.

—A primeira peça a entrar em scena no Politeama, depois da «reprise» annunciada, é a opereta «Cara linda», de Alvaro Santos e Bento Faria.

—A' mesma empreza está entregue e sobe em seguida á scena a opereta de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, «Maria Cachucha».

—Na epoca de verão—diz-se—virá para o teatro S. Luiz uma companhia extrangeira, de passagem para a America. Dará um mez pelo menos de espectaculos antes de embarcar.

—Tendo abandonado a companhia do Ginasio, o actor Cunha Moreira organisou uma companhia com figuras muito conhecidas nos teatros da capital para fazer uma «tournée» artistica pela provincia, devendo principiar provavelmente pelo Algarve.

—Por doença grave da actriz Emilia Duarte, a empresa do teatro Gil Vicente contratou a actriz Elvira Martins, que debutará na opereta em 3 actos «A rosa do jardim», original portuguez de Artur Inez e Vencesiau de Oliveira, musica do maestro Raul Porteia, cuja prémière tem sido por este motivo adiada, mas que impreterivelmente terá logar no proximo sabado, 21, em recita do secretario da empreza Almeida Bomba.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—As 21 h. —«Amor de Perdição».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO —A's 21,30— «Duas causas». "Agencia Texugo».
AVENIDA —A's 21,30 — «A Sombra».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22.30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

VIDA SPORTIVA

LAWN-TENNIS

O torneio de preparação do Club Internacional e o Concurso da primavera

Terminou hontem, nos «courts» de tennis das Larangeiras, o torneio de preparação do Club Internacional cuja classificassão foi a seguinte:

PROVA SINGLES.—Dr. José Verda—Victor Ryder ganhou D. José Verda 6-3.:-8-6-:-6-8; Juiz—D. João Vila Franca.

PROVA DOUBLES.—D. José Verda—Ricciordi, contra, Antonio Pinto Coelho—José Mascarenhas ganhou D. José Verda, Ricciordi 6-4-:-3-6-:-6-3-:-6-2; Juiz Frederico Vasconcelos.

O Concurso da Primavera deve começar na quarta feira proxima havendo grande entusiasmo.

A "Festa da Flôr" no Porto

vae realisar-se em favor da Misericordia d'aquela cidade

A Misericordia do Porto, como de resto sucede mais ou menos com todas as instituições de caridade no momento presente, lucta com grandes dificuldades, por falta de recursos. Dos serviços que a benemerita instituição tem prestado e continua prestando desnecessario é falar.

Mas ha sempre almas generosas promptas a praticar o bem e a acudirem aos infelizes. E assim é que as senhoras do Porto, tendo organisado uma grande comissão, a qual se dividiu em sub-comissões, vão realisar na proxima quinta feira a «Festa da Flôr», cujo producto reverterá em favor d'aquela casa de caridade.

Idéa tão altruista a que preside á festa que, estamos d'isso convictos não haverá ninguem que a não aplauda e a ela se não associe de todo o coração.

Bem haja o coração feminino, quando assim vem em auxilio dos que sofrem e que teem necessidade de amparo e de carinho.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

O sr. dr. Costa Junior chamou a atenção do sr. ministro do Comercio para varios assuntos, entre os quaes o mau estado dalgumas estradas que como a da Marinha Grande a Leiria está lastimavel.

Chama tambem a atenção do ministro para o facto de ainda não funcionar a escola industrial da Marinha Grande, apesar de já estar nomeado todo o pessoal.

Responde-lhe o sr. ministro do Comercio que promete interessar-se por todos esses assuntos.

O sr. Antonio Francisco Pereira tambem chama a atenção do ministro do Comercio para a situação em que se encontram os ferroviarios vencidos na ultima greve que ultimamente teem procurado o sr. ministro do Comercio sem que tenham conseguido até hoje falar-lhe.

O sr. ministro do comercio responde dizendo que não tem tido tempo para os ouvir, mas promete receber os ferroviarios logo que possa. Se porem eles lhe vão pedir a reintegração, desde já declara que a lei não premite tal coisa e que ele, ministro, não pode ir contra a lei.

Entra em discussão o projecto n.º 761 que cria uma Junta Autonoma para o forte de Viana do Castelo.

Nenhum deputado pede a palavra sobre ele. Como não ha numero para votações, espera-se. São 16 horas.

Entretanto o sr. Lelo Portela chama a atenção do sr. ministro das finanças para um caso que, embora só indiretamente, lhe toca. Trata-se da permuta dos nossos vinhos por outros produtos do Canadá, lembrando ao governo que não se compreende que ao mesmo tempo que se considere o negocio como de varinha de condão, porque transita sucessivamente das comissões para o conselho de ministros e deste para as comissões.

A região Duriense não pode esperar mais tempo pela resolução do problema dos vinhos e o governo nada tem feito nesse sentido.

O sr. ministro das finanças faz considerações, que não conseguimos ouvir, e diz que o assunto é muito complicado. Aproveita a ocasião para responder ás considerações feitas pelo sr. Lelo Portela numa entrevista concedida hontem ao «Seculo» sobre a questão dos tabacos.

Diz que as afirmações do sr. Lelo Portela não são completamente exatas.

O sr. Lelo Portela dá explicações, dizendo que ainda não leu a entrevista, mas que lhe parece que nela não deve haver coisa alguma que tenha de retirar.

O sr. ministro das finanças lê algumas passagens dessa entrevista.

O sr. Lelo Portela sustenta o que disse.

Aprovam-se a ata e o expediente e passa-se á ordem do dia, continuando em discussão o projeto n.º 761.

NOTICIAS DA CAPITAL

JÁ NEM AS MALAS DE MAO ESCAPAM...—Decididamente não ha modo de nos livrarmos dos ardis da gatunagem. Ora imaginem que uma senhora, D. Alice Martins, moradora na rua Renato Batista, 17, 2.º, se queixou á policia de que lhe roubaram a malinha de mão, apezar de a levar bem segura, presa do pulso por uma corrente. Como foi que se deu o desaparecimento é um mistério. Mas o que mais incomoda e preocupa á dona da mala é que ela continha 100$00, e, escusado é dizel-o, foi um ar que lhe deu...

OS SAPATOS E OS RELOGIOS ESTAO TAO CAROS!...—O bom do Mariano de Conceição Marques, morador na calçada da Boa Hora, 188, 1.º, andava com as «palhetas» desafinadas e quando queria saber as horas tinha de andar de nariz no ar á busca de as avistar em qualquer parte, o que é, havemos de concordar, muito incomodativo. Sabendo que na residencia de Alegria R. Izabel, da rua Eça de Queiroz, 3, 1.º, embora ficasse um pouco longe, havia aquilo de que necessitava, foi-se até lá de «passeio»—e—zás!—foi uma beleza! Um par de sapatos, um relogio de prata e ainda alguns outros objectos, tudo no valor de 152$00, desapareceram nos bolsos do nosso Marques. O diacho foi que a dona dos objectos se não conformou com a mudança, que a policia, posta ao facto do que se passáva, tambem entendeu que devia intervir e que o Marques lá está, maldisendo a sua sorte, n'um dos calabouços do governo civil! Já um homem não póde andar com calçado decente e vêr que horas são para regular a sua vida!

POIS SE ELAS SAO TAO BONITAS...—O leitor sabe o que é uma nota de cem escudos, não sabe? Elas realmente são tão bonitas, tão sedutoras!... Nanja que digamos isto por as termos, oh, não!... Lá uma vez por outra é que as avistamos e se por acaso alguma nos vem pagar ás mãos, nem nos chega a aquecer o bolso. Mas a Manoel Henriques, morador na rua dos Bacalhoeiros, 107, sucedeu ainda peor do que a nós, porque tendo uma dessas tentadoras muito guardada, ela lhe desapareceu sem saber como, pelo que se foi queixar á policia, como se esta pudesse fazer milagres. Ora desse pecado estamos nós livres, o que nos serve de consolo.

SO'SE ERA PARA SE APRESENTAR EM «TRAVESTI»...—Ha coisas qué, por mais que parafusemos, se não compreendem bem. Para que é que Maria Isabel, residente na rua do Castelo, 2, loja, fez desaparecer um fato, no valor de 170$00, a Francisco Lopes, morador na mesma casa. Seria para se vestir de homem e assim poder passear livremente, sem estar sujeita aos inconvenientes e precalços que advêem do uso das saias?

Misterio é esse que a policia vae tratar de desvendar.

ATE O FERRO LHES SERVE.—Aos senhores gatunos antigamente só serviam coisas que facilmente se podessem transportar. Agora, porém, tudo absolutamente tudo lhes dá a conta. Imaginem que da quinta das Pedralvas, na estrada de Bemfica, pertencente ao sr. Domingos Martins Gomes, morador na Avenida da Liberdade, 200, r/c., levaram uma porção de ferro no valor de 60$00. Que trabalho e que peso com que carregaram, afinal para tão pouca coisa!

POEIRA DA ARCADA

Viagens ministeriais

O sr. ministro da guerra, acompanhado do seu chefe de gabinete major sr. Teles, e ajudantes, alferes srs. Cabral e Braga, partiu no comboio das 8 horas para as Caldas da Rainha, onde, como se sabe, foi impôr as insignias com que foi condecorado o estandarte da camara municipal daquela vila.

—O sr. ministro do trabalho regressa no rapido da noite a Lisboa.

Revogação d'uma lei

A comissão de guerra da Camara dos Deputados deu a sua opinião favoravel ao projecto ha tempo apresentado pelo sr. dr. Eduardo de Sousa e relativo á publicação de uma lei que ainda não obtivera aprovação parlamentar. Não pode porem essa comissão emitir o parecer respectivo, atenta a materia que esse projecto de lei encerra, pelo que sobre ele se pronunciará em definitivo, a comissão de legislação civil.

Inquerito ao ministerio das subsistencias.

Ao que nos consta a comissão de inquerito ao extincto ministerio das subsistencias e transportes apresentará, dentro em poucos dias, o resultado dos seus trabalhos.

O relatorio respectivo é um documento bastante volumoso.

Na Grecia

A queda do gabinete Gounaris

ATHENAS, 16.—A opinião publica mostra-se cada vez mais enervada com as más noticias recebidas da Asia Menor.

A mobilisação de novas classes descontentou a população, sendo as faltas muito numerosas (proximo de 50°/o.

Nos meios politicos considera-se como muito breve a queda do gabinete Gounaris.—(H.)

A carestia da vida

A baixa de preço nos gados francezes

PARIS, 16.—Nas feiras de gado continua a verificar-se grande baixa nos preços. Os cordeiros, que no ano ultimo se vendiam na feira de Albertville a 100 francos, baixaram a de 800 francos a 80.

As vacas de 1.ª classe de 4.000 francos a 2.000.—(H.)

A CAPITAL

3783—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 17 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

ESCANDALOS

O conflicto que se está revelando entre os ministros das finanças e da agricultura é, por muitos titulos, interessante; mas o seu aspecto mais sugestivo é o que consiste na demonstração do parasitismo oficial.

O ministerio da agricultura é constituido por 12 directores gerais! Por muito variados e muito complexos que sejam os serviços desse ministerio, devemos confessar que sempre nos pareceu demasiados directores gerais.

Ninguem ignora que o actual ministerio da agricultura compreende serviços que, na vigencia da monarquia, e mesmo nos primeiros tempos da Republica, se encontravam englobados num ministerio, que tinha muitos outros serviços a seu cargo, o que era, no sistema monarquico, o ministerio das Obras Publicas e foi, no sistema republicano, o ministerio do Fomento.

Não eram só os assuntos da agricultura que nesse ministerio se tratavam, mas tambem os que respeitavam ao comercio e ao trabalho que, igualmente, constituem hoje ministerios á parte.

Quere dizer: o que antigamente constituia os serviços dum unico ministerio está hoje dividido em tres, e ocupam certamente o triplo dos funcionarios que antigamente exerciam tais serviços.

Não podemos, neste momento, fixar rigorosamente o numero dos directores gerais que existiam no antigo ministerio das Obras Publicas, porque estamos recorrendo apenas á memoria para estes confrontos. Afigura-se-nos, porem, não errar sensivelmente, computando em 4 ou 5 o numero dos directores gerais que nesse ministerio superintendiam sobre todos os complexos serviços que ele exerciam.

Pois bem! Só o ministerio da agricultura, ou seja um ramo apenas dessa complicada administração, tem 12 directores gerais!

E estarão os serviços, por isso, mais adiantados? Encontrar-se-ha todo o expediente em dia? Todos os problemas agricolas terão formulados os respectivos estudos e pareceres? Não sabemos; mas o que é certo é que o sr. ministro da agricultura, desejando provar duma maneira flagrante que ainda tem poucos directores gerais, declarou no Parlamento que alguns serviços do seu ministerio andam atrazados quatro anos.

Francamente, isto não é serio. E se é certo que se devem respeitar todos os direitos adquiridos nem deixarmo-nos levar por qualquer impulsivismo exagerado que venha a desorganisar mais a vida nacional, não é menos certo que a todos devemos exigir o cumprimento dos seus deveres, assim como é necessario opôr um dique á corrente de novas despezas com que se está incessantemente agravando o orçamento do Estado.

A par d'isto, ha uma tendencia frenetica pelos ganhos fabulosos que as circunstancias não permitem. Ainda a respeito dos directores gerais, pode-se observar que eles pouco mais ganham do que um correeiro. Mas já se fala em reforma dos contadores dos Tribunaes, e por essa reforma os de Lisboa ficarão ganhando anualmente 20 contos, liquidos, passando os seus ajudantes a ser pagos pelas partes, quando até aqui o eram pelos contadores.

Ao mesmo tempo, elevam-se a seis o numero das Conservatorias do Registo Predial, em Lisboa, para melhor se dividirem as muitas dezenas de contos que esses Conservatorios rendem.

Positivamente, está tudo doido! O escandalo nunca foi maior. O Parlamento fabrica todos os dias logares e aumenta despesas. Os partidos não pensam senão em açambarcar os cargos de maior influencia politica e em distribuir aos seus marechais os mais opiparos cosidos. E' um verdadeiro assalto no qual se exhaurem todas as fontes de vida da nação. E por cima disto, um governo feito de retalhos partidarios, que nem já se pode dizer pegado com cuspo, porque, por todos os lados, se esfrangalha e desfaz.

Como é que querem que o país dê a minima parcela de solidariedade aos politicos que favorecem ou consentem uma situação desta ordem? Como querem que ele se disponha a duros sacrificios para o ressurgimento nacional se não lhe pode merecer confiança uma politica que, de tal forma, se desacredita, não pensando senão em baixos e miseraveis conluios em que se salta por cima de todos os principios e se enrodilham todos os programas?

O país, em presença dum tal espectaculo, faz o que, embora infelizmente, é natural e o logico: alheia-se, retrae-se, cria o vacuo em torno dessa politica sem horizonte e sem nobreza, o vacuo em que ela agoniza mas em que, ai de nós! tambem a sociedade se estiola.

Podem crêlo: enquanto se não obedecer ás aspirações nacionaes, enquanto não prevalecer a unica corrente de opinião que realmente tem valor e significado neste paiz, e que é a duma politica organica, honesta, moderada, tolerante, isenta de todos os sectarismos e firmemente disposta a ligar a Republica ás tradições gloriosas, dentro da liberdade, da justiça e do progresso, não haverá em Portugal um governo que seja governo, nem um parlamento que seja parlamento, nem uma Republica que seja verdadeiramente Republica.

Banquete de homenagem

A inscrição para o banquete de homenagem ao ministro do comercio, sr. dr. Antonio da Fonseca, que hoje devia encerrar-se foi prolongada até amanhã ás 12 horas. E' de algumas dezenas o numero de inscritos.

A PROPOSITO DE STEVENSON

Hipnotismo ou Mistificação?

O que nos disse um medico sobre as experiencias do «Eden Teatro», que tanto interesse e discussão teem levantado em Lisboa

Um dos nossos redactores, ao encaminhar-se hontem para o espectaculo no Eden, encontrou um medico seu conhecido, que pela sua situação junto dos especialistas de doenças nervosas e junto dos clinicos lisbonenses, em geral, lhe lembrou que qualquer coisa de util lhe poderia dizer que o elucidisse sobre o espectaculo a que ia assistir.

—Sim, realmente estive n'um dos espectaculos d'esse hipnotisador, a que fui um pouco por curiosidade scientifica e o resto para poder responder ás continuas perguntas que no decorrer d'estes ultimos dias me teem feito sobre o assumpto.

—E que lhe pareceu, trata-se de um autentico phenomeno scientifico ou de uma mistificação?

—Eu lhe digo. Os trabalhos d'esse Stevenson pareceu-me poderem dividir-se em tres categorias: as scenas de prestidigitação vulgares, feitas com cartas, e sem a minima base scientifica, umas tentativas no dominio da transmissão do pensamento, e que me deixaram muitas duvidas, e factos bannaes de hypnotismo que são o pão nosso de cada dia nos laboratorios de psicologia experimental e nas salas de consulta das clinicas de doenças nervosas, e que hoje aparecem frequentemente nos circos e teatros, apresentadas por experientes mais ou menos habeis.

—Parece-lhe então que Mr. Stevenson é um hypnotisador vulgar e as suas sessões um espectaculo corrente como phenomeno scientifico?...

—Sim, absolutamente. O hipnotismo, como por exemplo o faquirismo ou a aerophagia, outros dois phenomenos muito explorados por artistas de circo, são verdades incontestaveis no campo da sciencia. E dentro d'ella, não vi que o hipnotisador do Eden fizesse qualquer coisa de extraordinario, sequer de mais habilidoso...

—Mas fallou-me ha pouco em duvidas suscitadas por tentativas de transmissão do pensamento?

—Ah, sim. Vi que esse hipnotisador fez lêr, a um hipnotisado que estava n'um camarote, as horas que marcava o relogio d'um espectador da plateia... Deixe-me dizer-lhe, eu duvido muito da «innocencia» d'esse «sujet»! E só acreditaria na experiencia se me fosse permittido fornecer eu o «sujet». E' facto que eu vi o Prof. Egas Moniz sugerir a um hipnotisado seu, coisas que lhe eram, antes do somno, absolutamente extranhas, e com ellas obter actos de caracter consciente da parte d'esse «sujet». Mas ouvi-o acrescentar que individuos n'essas condições de receptividade são extremamente raros. Porisso duvido que o sr. Stevenson tivesse a felicidade de encontrar um... assim a olho!

—E das outras experiencias o que acha?

—Rejeito, absolutamente comuns: a rigidez cataleptica, a anesthesia que permite o trespasse d'um prego de chapeu pela carne do braço ou pela face, inclusivamente aquela sugestão de coisas disparatadas como a de chorar a morte de um amigo que não morreu, a de gritar por socorro a um afogado que não existe, etc. O hipnotisador é quasi um automato, sem espirito critico, sem defeza alguma para as sugestões e ordens alheias... E digo quasi, porque está hoje provado que se se tratar de alguma coisa desagradavel que vá de encontro ao modo de ver do hipnotisado, se se tratar de um acto que repugne á sua consciencia, ele resiste á imposição, o resto do espirito critico que lhe ficou é o bastante para evitar o acto...

—E' interessante isso...

—Muito. E foi um caso bastante discutido e de alta importancia medico-legal. Se o hipnotisador quizer sugerir que ha fogo no predio e que é forçoso que o observado se precipite da janela de um dos andares, ele negar-se-ha ao salto... Do mesmo modo, se se pretender insinuar a uma mulher em sono hipnotico uma toilet'te ou um penteado que sejam muito desvantajosos para a sua beleza, ela resistirá... Ninguem pode levar outrem, sob a acção hipnotica, á pratica de um crime. Mas quanto á possibilidade da violação durante esse estado, discute-se hoje ainda...

Tudo isto encontrará você muito bem exposto num folheto que o Prof. Egas Moniz publicou em 1914 intitulado «As novas ideias sobre o hipnotismo», tão sensacional que se esgotou...

—Mas como explicar as razões que levam o publico desses espectaculos a certas impaciencias e a barulhentas revoltas quando um determinado individuo não adormece, não obedece á ordem do hipnotisador?

—Ora, meu amigo... a mania que o portugues tem de que está sempre a ser intrujado, de que o querem comer... O hipnotismo e a historia estão paredes meias, não se pode falar dum sem pensar no outro... E assim como ha uns individuos mais histericos outros menos, assim os ha, mais facilmente hipnotisaveis e mais dificilmente hipnotisaveis. Eu vi doentes a quem não havia maneira de mergulhar no sono; não se hipnotisa uma pessoa sem ela querer. E estamos em optimas condições, nada aquelas do Eden, que você compreende serem detestaveis... Por outro lado sei tambem dum caso, porque o vi, em que a doente entrou na sala, apertou a mão ao medico, simplesmente, e adormeceu logo... Foi um «coup-de-foudre»... hipnotico!...

—Pelo que vejo, entre nós o hipnotismo tem tido homens de sciencia que se lhe dedicaram?...

—Sim senhor. O «pae» do hipnotismo, permita-se a brincadeira, foi um portugues, o padre Faria, brahman nascido em Gôa e que em Paris, em 1815, fez enorme sensação com as suas conferencias sobre o magnetismo...

Foi elle que arrancou á magica e ás praticas dos bruxos, tão inverosimeis, essa unica verdade de que tudo está na imaginação do individuo que se sujeita a essas praticas.

Até lhe chamou o «sôno lucido»...

—Mas este hypnotismo é muito empregado no tratamento dos doentes nervosos?

—Não, foi um pouco. Hoje preferem-se-lhe methodos mais simples e ás vezes mais vantajosos, por exemplo a psicotherapia em vigilia, ou a psicoanalyse de Freud...

Mas, isso não lhe interessa já, e está a perder a hora do seu theatro. Se quizer esclarecer os seus leitores esclareça-os com estas coisas que lhe disse. Mas não acrescente nada... Não falle em nome, porque desejo fugir a essas indiscreções. Bem bastam aquellas que não posso evitar quando baralham o meu nome profissional em questões de ordem exclusivamente literaria... Sômos uma raça de indiscretos...

E porque tinhamos a consciencia carregada a esse respeito, não dissémos mais nada...

NOTAS FALSAS

Maquinas

Não ha duvida que a arte da mecanica toma proporções de gigante. Dia a dia os inventos, as aplicações e as descobertas veem tirar fôros de coisa absoluta no viver das gentes, arrastando, nos ruidosos movimentos dos engenhos, a atenção e quasi o amor dos mais esquerdos em traças de rodas e engrenagens.

Hoje ha maquinas para tudo. Faz-se uma locomotiva de oitenta mil cavalos, com a mesma facilidade com que se fabrica uma maquineta para cortar as unhas. O braço humano vae perdendo a força do conjunto; uma creança de trez anos, com o auxilio de um botão electrico, faz hoje tanto, como o suor de trezentos homens, e virá tempo, em que um simples assopro de gato fará mexer uma qualquer maquina de fazer predios ou coisa parecida.

Até aqui, a engenharia, lançando os olhos para as coisas materiaes, resolvia os mais complicados problemas com meia duzia de algarismos e uma róda a puxar por outra, mas eis que um engenheiro francez participa que descobriu uma maquina para fazer dormir e ahi temos nós a arte do aço invadindo o terreno do imaterial, atirando com a fama das dormideiras e a acção da morfina para o arsenal das sucatas abandonadas.

Dormir á maquina! Esta não lembrou a Archimedes que, em questão de invenções, gosa fama de grande barra.

Cozer á maquina, descascar batatas á maquina, fazer a barba á maquina, passe, mas dormir?! Uma coisa que muita gente só consegue á força de sono! Entrar um fabiano armado de alavancas e rodas dentadas nos territorios de Morfeu e dizer: — Ora então, muito boa noite! — E' forte!

E o caso leva-me a pensar em proximos dias em que tambem se descubra a forma de nos vestirmos á maquina, de comermos á maquina e até de nascermos á maquina! Estou certo que é tudo questão de esperarmos algum tempo.

Henrique Roldão

A entente franco-belga

O banquete de Lille

LILLE, 16.—Depois do banquete, que se realisou na perfeitura, o rei dos belgas e o sr. Millerand conservaram demoradamente e no final dessa conversação foi fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Depois do banquete, o sr. Millerand e o rei dos belgas conferenciaram demorada e cordialmente no salão da prefeituada na presença dos srs Barthou, Loucheur, Jasqar, Gaiffier, Dhestrey, embaixador da Belgica em Paris, e Margerie, embaixador da França em Bruxelas.—(H.)

DIZE TU DIREI EU

No mesmo estilo...

de Aquilino Ribeiro

Padre Justino, de olho bogalhudo, estendeu a pescoceira palancha na direção da volta da carreteira e, batendo com a palma da mão sapuda no parapeito da janela sorriu, abrindo a bocarra em trejeito manhoso.

Viera-lho á memoria o *Voluptatem castus animus debet oprimere* com que no seminario de Lamego o padre-mestre lhe seringava os ouvidos.

Ao longe, entre as montanhas ajoelhadas em fileira, a hostia do sol resplandecia numa custodia de nuvens de oiro.

Padre Justino de ha muito andava com aquela metida nos cascos. Cada vez que a Zéfa lhe alfiagava fronteira, naquele seu andor sacudindo as coxas diládas por baixo do manaixo que quasi lhe deixava lobrigar a rica carnadura, roliça como casca de melancia, padre Justino deitava o rabo do olho trefego e ficava-se em ancias de possança, dando ao diacho a coróa e o latim.

Lá longe no palio das nuvens rotas de luz, sobre as mãos erguidas dos montes, o calix do sol alevantava-se ao céu.

Já por tres vezes, padre Justino arriscára uma chança procáz na esteira da Zéfa, mas a rapariga, fazendo-se esquerda lá ia sem lhe dar tréla, fazendo saltar os calhaus da estrada que lá ao fundo se sumia nos montes que, de capuz erguido, acendiam lumes sob o reflexo da hostia do sol que avançava a encher o ceu de claridade.

—*Exanimo oxire hoc mihi non potest!* Como diz a São Paulo! O raio da progopa se me cae nas unhas! Deixo-lhe as coxas mais maçadas que abobora dessorada! E é que as deve ter brancas que nem pão alvo! Se eu fariscasse ocasião...

E padre Justino ruminava em quantas vezes tinha mastigado o nome da Zefa no latim que dizia no altar de Nossa Senhora Mãe dos Homens, quando ainda, nos montes distantes, surdos de luz como bruxas, o sol vinho abrindo rasgões no grande veu pardacento.

O marido da Zefa, o Miguel Choninhas, era um cispelho catomolo que só cuidava dos marrões, um marau que todas as tardes se retouçava de papo arriba, bem atafulhado o bandulho com uma fritada de salpicão, quando sobre os montes distantes o sol ia de longada, abrindo com o cajado salpicos de luz nas peças brilhantes dos picos.

—Se ela fosse á desobriga! Se eu como São Mateus: *Te, ut dixi, fero in oculos!* Mas quê? O raio da alagadeira é arisca como bicha de rabiar! O raio até me faz engulhos no folle das migas! Raios a partam!

E ele que gosava fama de bom comer, que d'antes sem mais aquelas embutia uma gaméla cheia de canja de trez galinhas, despejava um pratalhão de cabidela cheirenta como pero temporão e se adregasse tempo e misgasse falatorio, ainda se batia com uma bôa lasca de caliga a estoirar de pingue na certá, andava agora sem ganas de fome, niquento, a dar suspiros ao vento que, lá longe abria redemoinhos de folhas secas que subiam, subiam, como ondas de incenso direitas á hostia do sol que, rolando nas corcovas dos montes, andava distribuindo pedaços de luz sob a umbela azul.

—*Tristetium mitigare et relaxare debes!*

Mal a tope, não estou com mais tretas! Vai de atracção! Estou para aqui atolambado e isto não leva geito!

Nem de proposito, na curva enrugada do caminho, a Zefa apontou de pés ao léo, a grenha ruiva sapecando-lhe a carona larga, cheia de sardas.

Nos montes distantes, a hostia do sol apaga-se lentamente, recolhendo ao sacrário da noite.

—E' agora! Nada de lerdices e vamos a entralhar a tipa!

A Zefa vinha no seu passo egual, sacudindo os nalgas os seios gingando, abrindo no saiote de basta duas grossuras onde as coxas roliças acertavam como lombos.

—*Belum est sua vitia nosse!* E' rapariga! E' Zefa! chega cá a cima que tenho que te dizer duas aquelas para teu bem! Porque não vaes tu á desobriga?

—Foi o meu homem que não me largou!

A' que Deus que a chouriça faz mais falta na venda que o Nosso Senhor Jesus Cristo no corpinho da gente!

Nos picos dos montes, a hostia do Sol principiava desaparecendo, enchendo os longes de sangue.

—O Miguel é um olharapa. Se tu quizesses Zefa! Era um afôgo emquanto atamavas esta freima.

—Sabe que mais seu prior? Diga ao Aquilino que lhe ensine a falar lingua de gente e depois chegue-se á razão!

Os montes distantes, acabavam de papar a hostia...

Henrique Roldão.

A questão da Alta Silesia

A intervenção da America

WASHINGTON, 16.—Os meios autorisados dizem que a America não tomou qualquer atitude na questão da Alta Silesia, que considera como uma questão puramente europeia; mas, com o fim de auxiliar a Europa a voltar ao regimen normal, não teria duvida em intervir em caso de necessidade, com o fim de conciliar os pontos de vista francês e inglês.—(H.)

UM EXEMPLO A SEGUIR

A carestia da vida na America

O grande remedio para corrigir os açambarcadores é imitar o que se tem feito nos Estados-Unidos: a gréve dos consumidores

O director do «Matin», o ilustre jornalista Stéphane Lauzanne, escreve o seguinte:

«A historia da vida cara na America—que é como em toda a parte a mais interessante das historias—não póde ser figurada melhor do que por um gigantesco acento circunflexo: partiu-se, em janeiro de 1919, do fundo da haste esquerda, chegou-se em outubro de 1920 ao vertice do acento, depois voltou a descer-se ao fundo—ou ao meio—da haste direita, isto é, salvo algumas excepções, voltou-se hoje ao nivel d'onde se tinha partido.

A causa da alta de preços é a mesma que se dá em toda a parte: toda a gente está desvairada. Produtores de materias primas, comerciantes por atacado e a retalho, industriaes, operarios, todos querem auferir beneficios exorbitantes ou ganhar salarios elevadissimos. Um relatorio oficial do Ministerio do Trabalho estabelece que, no primeiro de janeiro de 1920, o salario minimo d'um operario intitulado americano (quasi sempre imigrado de fresta data) é de 7 dollars por dia, ou sejam 35 francos ao par, 84 francos ao cambio actual. O operario «skilled», isto é, especialisado, recebe 25 a 30 dollars por dia, ou sejam 300 a 360 francos por dia, ao cambio actual.

E' verdade que o mesmo operario sofreu o seguinte aumento medio de despezas (numeros coligidos pela National Industrial Conference):

Assucar, 382 %; batatas, 368 %; milho, 133 %; arroz, 144 %; pão, 113 %; presunto, 112 %; antracite, 83 %; gaz e electricidade, 25 %; renda de casa, 100 %; vestuario, 166 %; diversos artigos, 85 %.

Alguns d'estes aumentos podem justificar-se ou explicar-se pela diminuição das materias primas ou pela falta de mão de obra, ou ainda pela crise dos transportes. Outros são indesculpaveis e inexplicaveis, como a alta de preço da renda das casas, porque na America não houve moratoria, nem invasão de refugiados, e os novos predios continuaram a ser construidos como antigamente. Não ha explicação plausivel a não ser a dos vasos comunicantes: a alta, como a baixa, atinge tudo, morde tudo, invade tudo.

* * *

Em setembro de 1920, a alta atinge o seu maximo e pára bruscamente: é que entra na luta um elemento ao qual pertencerá sempre a ultima palavra, o elemento comprador. O publico revolta-se. Agrupa-se, organisa-se, obtem o apoio dos jornaes, das autoridades publicas, das casas bancarias. Proclama a gréve geral dos consumidores: não mais encomendas ao alfaiate e ás costureiras até que o preço dos fatos e dos vestidos tenha baixado; não mais jantares no restaurante até que o restaurante tenha baixado o preço; não mais carne comprada no talho, menos manteiga na manteigaria até que a carne e a manteiga tenham baixado. A imprensa auxilia com toda a sua força o publico: dá-lhe os preços exactos, indica-lhe os generos a preço razoavel, exhorta o a conservar-se firme. As casas bancarias cortam ou reduzem os creditos aos comerciantes para os obrigar a vender os seus stocks. O povo americano é magnifico n'esta especie de luta: é disciplinado, é tenaz, mistura-lhe o gosto do sport, deixa-se dirigir...

N'uma palavra, em menos de tres mezes, os preços estouram, diminuem estalam, voltam ao nivel d'onde partiram. Só as rendas de casas é que ainda se manteem, porque, quanto a isso, o publico não tem força. O vestuario tambem ainda não voltou ao preço de antes da guerra, mas ha de voltar, porque o «lock out» dos consumidores não terminou.

* * *

Alguns preços de que tomei nota, ao acaso dos meus passeios em Nova-York, são interessantes.

O calçado para homem custa quasi todo, nos melhores armazens de Broadways de 9 a 10 dollars. (Calçado feito, é claro, porque o calçado por medida custa pelo menos 40 dollars o par). Os sapatos para senhoras são mais baratos. Vi vender em Philadelphia, no maior armazem de novidades da cidade, um stock enorme de sapatos a 2 dollars o par; mas fôra necessario mobilisar toda a policia para regularisar a circulação e opôr uma barreira á multidão dos compradores.

O fato completo de homem vende-se, feito, de 20 a 25 dollars, mas a qualidade pareceu-me bastante ordinaria. Nos alfaiates cotados, um fato por medida antes da guerra custava de 80 a 100 dollars; esse mesmo fato subiu em 1920 a 220 e 250 dollars; desceu hoje a 160 ou 170.

O preço de transportes em caminhos de ferro aumentou sensivelmente, mas os preços dos transportes municipaes em Nova-Yorck (métro, «elevated», tramways, etc.) conservaram-se os mesmos — ou sejam 5 cents, seja qual for a extensão do percurso. Os preços nos hoteis duplicaram quanto aos quartos e salas, mas desceram quasi aos que vigoravam em 1919 para as refeições á meza redonda ou por lista.

E' claro que o calculo é feito em dollars. Se o fizermos em francos, chega-se ao resultado de que tudo aumentou pelo menos duas vezes e meia.

O seguinte exemplo é tipico... Em dezembro de 1918 comprei em Broadway um par de calçado por 8 dollars e meio. Voltei ali ha dias, ao mesmo armazem, para comprar um par egual. Paguei-o, d'esta vez, por 9 dollars, o que é infinitamente rasoavel como aumento e me levou a fazer comparações nada favoraveis entre os sapateiros de Broadway e os do Boulevard. Mas, em 1919, 8 dollars e meio representavam 46 francos e 30 centimos, ao passo que, em 1920, 9 dollars representam 108 francos!

E' lindo, o cambio...»

A instrução primaria

está votada ao abandono

Escreve-nos alguem, conhecedor do assunto e com autoridade na materia:

«Centenas de edificios escolares a desmoronarem-se; ha ano e meio sem se criar uma escola; os professores e os proprietarios dos edificios a gritarem pelos seus creditos; os inspectores transformados em amanuenses sem verba para poderem cumprir a sua missão; as escolas a funcionar pouco mais de duas horas por dia; ferias grandes de 100 dias, exames abolidos; professores com seis crianças na aula e, finalmente, uma lei sem principio nem fim, cheia de ferias, importadas, e de graciosos disparates, para que lá fora se diga que estamos muito adiantados, a amaranhar, a confundir tudo isto!

«Segundo essa lei, as escolas fecham em 29 do proximo mez. Durante 100 dias, as crianças vão esquecer o pouco que aprenderam.

Contra esta vergonha protestaram já o professorado e toda a gente que ama o trabalho. Pois até hoje ainda se não sabe se efectivamente a vergonha subsistirá!

«Está a findar o ano e ainda se não sabe se ha ou não exames!

«Estamos em meiado de maio e não se fez ainda uma inspecção as escolas!

«Não haverá quem olhe por isto a serio?

Navio de guerra francez

Entrou hoje no Tejo o *destroyer* francez *Enseigne Roux*.

A distribuição do azeite

Uma reclamação contra o que hoje se passou no armazem da rua dos Fanqueiros

No Comissariado Geral dos Abastecimentos foram distribuidas senhas para com elas se ir aos armazens reguladores buscar azeite.

Mais de duzentas pessoas, ao que nos afirmou uma numerosissima comissão de consumidores, homens e mulheres, que veiu á nossa redacção, se dirigiram ao armazem da rua dos Fanqueiros, mas ahi o fiscal ou fiel que ali estava não só não aviou as requisições, como ainda começou dizendo que o comissario geral estava doido e que, se quizessem azeite, o fossem buscar ao Alemtejo.

Como quer que se esboçassem protestos, foi pedida a intervenção da policia, a qual ameaçou os que esperavam de os acutilar e, se necessario fosse, lhes dar balas em vez de azeite.

Dirigiram-se as pessoas que assim tinham sido ameaçadas ao Comissariado Geral, no largo Trindade Coelho, a fim de reclamarem providencias, mas os fiscaes que ali estavam não os deixaram entrar e pediram uma força de policia para dispersar os manifestantes.

Tal foi o que nos contou a comissão que nos procurou. A terem se passado os factos como no-los narraram, não podemos deixar de lavrar o nosso protesto. Entendemos mesmo que é perigoso o que se está fazendo. Nunca é bom brincar com o fogo.

Infundado alarme

Receios que se não justificam — A capacidade tributaria

Como precursor do sr. Antonio Maria da Silva veiu ha dias o sr. Thomé de Barros Queirós alarmar o povoado com o tétrico pregão da nossa falencia. Eu não o li; mas alguem, o sr. Coelho negociante de força e honesto beirão, me procurou aterrado com o tal asserto. Para o sr. Coelho aquilo era uma escriptura, o sr. Barros Queirós o dissera.

Tentei pôr-me ao facto das tragicas permissas, das induções dolorosas donde o fatidico homem publico, «doublé, de negociante» tirára a famigerada ilação; e o sr. Coelho só me soube dizer o que o grande, o inclito fazendista proclamara, «que o exercito de terra e mar e o funcionalismo absorvera toda a receita.»

«Sendo assim» fechou o sr. Coelho, «e tendo o Estado muitos e mais onerosos encargos parece não haver campo para duvidas.»

Estava pois o sr. Coelho, como o sr. Barros Queirós, honesta e sinceramente alarmado. Mas como é uma obra perversa alarmar alguem infundadamente, eu que não me presto a fazer o jogo da rua dos Capelistas, dos negociantes poderosos e dos grandes lavradores, numa palavra o jogo do grande contribuinte, tranquilisei aquela alma aflicta, garantindo-lhe que desta vez o sr. Queirós não tinha razão.

Para isso apenas lhe perguntei:

«Capacita-se V. que esteja esgotada a nossa capacidade tributaria?»

«Tem V. a certeza de que o grande contribuinte paga em Portugal o mesmo que pagam por exemplo os francezes?»

«Está convencido de que seja uma distribuição de encargos equitativa aquela com que actualmente se onera o cidadão português?»

Ao seu silencio acrescentei:

«Meu caro sr. Coelho; pode V. pagar mais? Pode.

Posso eu pagar mais? Posso.

Já viu algum português, suicidar-se por não poder com a carga dos impostos? Não.

Mas em França, já mais de um proprietario preferiu o cemiterio aos exageros das contribuições. Ainda outro dia, o narraram os jornais francezes.

E quem lucrou com a morte do homem ainda foi o Estado.

Sobre as taxas a cobrar pelos seus haveres em vida, cobrará ainda os direitos de transmissão com que os seus herdeiros terão de contribuir.

Alem disso talvez V. não saiba da ignobil desigualdade que vigora entre os que pagam para o Estado. Sabe quanto paga cada funcionario publico? Doze e meio a vinte por cento dos seus vencimentos. Doze e meio aqueles que trabalham como subalternos infimos; porque mal os lucros atingem um «quantum» que obrigue da fome, entram logo nos quinze e vinte por cento.

Sabe dizer-me d'alguns desses lavradores, cambistas, altos negociantes, enfim daqueles a que é uso chamar forças vivas, que pague 20 % dos seus lucros?

Outra vez silencio, sempre silencio e um rosto de paz e de resegurança que me animou a continuar:

Em Portugal, como de resto em toda a parte, ha dois grupos de devoristas que se batem tenazmente. Os que pagam e os que são pagos; mas entre nós os governos teem-se deixado iludir pelos que pagam. O orçamento das despezas alarma os ingenuos, e com esse alarme se serve ás mil maravilhas o contribuinte graudo, que não quer pagar mais. E' assim que se faz o espirito, que se consolida a opinião de que é preciso reduzir as despezas; quando eu penso que afinal só temos de alargar as receitas.

Porque hão de uns pagar 20 % do que auferem e outros só 2?

E' triste dizer-se, mas neste pandemonio nacional só teem voz activa os que defendem o bolo dos particulares, bolo arranjado muitas vezes, sabe o diabo como!...

No campo contrario, no que não toma a serio essa grita tremenda, sugestionante, que chega a arrastar os proprios que tudo teem a perder com ela, só se ergue a minha debil voz.

E, na verdade, que me importa que o orçamento acuse grandes despesas, se isto apenas quer dizer que o Estado terá de arranjar maior receita?

Todo o problema está em se saber se isto é possivel: «V. o que pensa, sr. Coelho?»

O meu negociante honesto — achou que sim, que é possivel e foi tão seguro como eu de que a falencia apregoada pelo sr. Barros Queiroz só não é um «truc», por vir dum homem honesto e bondoso, mas que seria ingenuidade de efeitos calamitosos se todos se preocupassem com ela como o sr. Coelho — negociante de força e honesto beirão.

O pior é sempre a subida do franco, da libra, após estas atoardas.

Que bemdito seria o silencio de certa gente, embora por vezes bem intencionada!

D. Thomaz de Noronha.

Conferencias

A ilustre medica do Uruguay sr.ª dr.ª Paulina Luisi realisa hoje ás 21.30, no salão da «Ilustração Portugueza», a sua ultima conferencia em Lisboa sob o tema: «Para uma melhor descendencia». Entre outros assuntos abordará o alcoolismo, a tuberculose e a sifilis, apresentando-os sob aspectos ineditos.

A entrada é publica.

DOIDA NÃO E NÃO!

Quem se não sente...

Concessões, sim; reconciliação, nunca

Sendo, sem dúvida alguma, a causa primordial do incorrecto procedimento do sr. dr. Alfredo da Cunha o não querer desapossar-se dos bens do casal, de que eu mostrei, sem dúvida alguma, tambem, desprender-me, como claramente o dei a perceber na carta de lacre verde, escrita de St.ª Comba-Dão, dias depois da minha saida de S. Vicente, com a maxima lealdade, diante de quem tem sido meu confidente declaro o que eu, Maria Adelaide Coelho, por meu exclusivo arbitrio, sem «sugestões», porque não sou sugestionavel, penso a respeito da unica maneira digna e honrosa, para mim e para a minha familia, de terminar esta questão.

Quando deixei o lar conjugal em 13 de Novembro de 1918, nem eu nem o homem que acompanhei deviamos nada a ninguem.

O Manuel tinha umas pequenas economias, producto do seu trabalho honrado e de um dinheiro que em tempo lhe saira numa loteria. Sendo como é um homem economico e trabalhador, não tendo sabido nunca o que é a ociosidade, o seu modesto capital seria por certo aumentado por êle.

Eu tambem não sou, nem nunca fui, mandriona nem estragada; ajudá-lo-ia, pois, tanto quanto pudesse e soubesse.

Com muito menos começaram meus Pais a sua vida juntos e deixaram uma fortuna.

Diz o ditado que boa economia é melhor do que bom rendimento.

Não tencionavamos levar uma vida falsa de ostentação, mas sim uma vida modesta de trabalho honrado e sem privações.

Calculavamos, e nisso mostravamos a nossa inexperiencia, que o sr. dr. Alfredo da Cunha, em presença da minha carta, adivinhando um misterio que não devia tentar desvendar me votasse ao despreso.

Sendo assim, em nada o casal de S. Vicente seria prejudicado, porque eu tencionava e era mesmo um ponto assente entre mim e o Manuel garantir a meu filho o que só a ele devia pertencer, dado o caso do sr. dr. Alfredo da Cunha requerer o divórcio, em vista do meu abandôno do lar.

Ao contrário, porém, do que imaginavamos e do que nunca poderiamos mesmo imaginar, o mencionado senhor, pensando talvez que eu ia pedir-lhe mundos e fundos, ficando assim reduzida a metade a fortuna, agarrou em mim e atirou-me para um hospital de doidos.

Desiludida de que me libertassem daquêle inferno, consegui fugir.

Ignorando tudo quanto o sr. dr. Alfredo da Cunha fizera depois de me ter metido no Conde de Ferreira, mais do que ingenuamente julguei que êle, em vista do meu procedimento, seguisse o caminho que qualquer homem, mais cioso do seu nome do que de dinheiro, teria seguido.

Enganei-me mais uma vez; fez o sr. dr. Alfredo da Cunha o que o leitor sabe.

A minha familia que devia, pelo menos, manter-se imparcial, tem tomado parte activa na luta, para ver se o ajuda a deitar-me a terra.

Resultado: o Manuel perdeu tudo quanto tinha; está preso ha mais de dois anos, impossibilitado de ganhar a sua vida e de sustentar sua pobre e velha mãe, a quem o auxilio do seu braço nunca faltára até á sua entrada na cadeia.

Eu estou reduzida á miséria, nada tenho, nem mesmo o que o Manuel me tinha dado e que devia ser sagrado para um homem «tão cheio de dignidade» como o sr. dr. Alfredo da Cunha e devo muito a muitas pessoas.

Em face da situação em que me colocaram não aceito reconciliações, aceito unicamente o divórcio, estabelecendo-se determinadas concessões de parte a parte, sem prejuizo de meu filho, unico e legitimo herdeiro.

Isto é que é honroso e digno, isto é que é leal e aceitavel.

Não posso, nem devo perdoar os agravos que tenho do sr. dr. Alfredo da Cunha e dos meus parentes, nem este senhor e a minha familia, se ainda teem uns restos de critério, pódem e devem aceitar outra resolução. No duelo travado entre nós, duelo que ambos os adversários declararam ser a sério, porque se julgam profundamente agravados, não podem eles, como nos duelos de farça, cair nos braços um do outro, reconciliando-se.

Atendendo aos encargos a que, por culpa do sr. dr. Alfredo da Cunha me julgo moralmente obrigada, porque eu tenho consciencia, tenho coração e não gosto de dever nada a ninguem —bem bastam os favores que nunca poderei retribuir—não posso, como quando abandonei o lar conjugal, desprender-me de tudo quanto me pertence; se não quero prejudicar meu filho, não quero, tão pouco, prejudicar outras pessoas, nem prejudicar-me a mim propria, mais do que o tenho sido.

Repito pois: faço e aceito concessões, mas não reconciliações.

Os meus advogados, a quem nunca poderei devidamente agradecer quanto por mim teem feito, conhecem as minhas intenções quanto a meu filho e quanto ás garantias que dou e que exijo que me sejam dadas.

Eis o que tenho a responder, leitor, á pagina 137 do «Infeliz»; nada mais.

O tempo provará que em tudo quanto tenho aqui escrito, tenho sido sincera; nunca armei laços traiçoeiros, nem tentei nunca «induzir incautos».

Continuarei a defender-me até ao fim, sem desfalecimentos, sem covardia; e, o que lhe disse ha dias, meu caro leitor, ficou dito para sempre: ganha ou perdida a causa, ninguem mais me encontrará, nem sequer a sombra.

Maria Adelaide

Theatros e Cinemas

A Critica das Criticas

TEATRO AVENIDA.—«A Sombra».

Póde dizer-se que está quasi ao «complet» a critica teatral. Os jornaes reapareceram quasi todos, os nomes voltam a figurar sób as respectivas secções. Ouçamos, pois, o que nos dizem as penas ilustres dos nossos confrades.

O sr. Cristovam Aires do «Diario de Noticias» não gostou porque... *a.*

A acção falha de interesse se estira por dever de ocupar um determinado tempo, em longos monologos, interminaveis dialogos, constantes e escusadas repetições dos mesmos temas, das mesmas ideias, até das mesmas frases.

De Maria Matos gostou «quando no auge do drama».

No «Seculo», Acacio de Paiva e José Parreira fazem os seus comentarios, o primeiro na edição da manhã, o segundo na da noite.

O da manhã, rem[ata] em tom Acacio, sem aluzão ao nosso colega:

Pela natureza dos sentimentos e casos narrados, a peça encerra os elementos que são de agrado publico.

A da noite diz:

O schema da peça é banal. O seu valor reside mais no esbatimento dos sentimentos que encerra do que nos episodios, na expressão delles. Dai a necessidade impe[rio]sa, já não diremos de os descobrirmas de os fazer realçar.

Da protagonista diz:

A sr.ª Maria Matos, a quem prestamos a nossa homenagem como artista distin[ct]a' não possue no seu apreciavel instrumento as cordas a ferir em semelhante partitura. A sua bôa mascara é mais apropriada a outras modalidades em que se exiga menos maleabilidade de rosto, a vincar-se, a desenhar nos vincados os refolhos dos intimos sofrimentos, dos desfalecimentos da alma. Faz esse papel de Berta' sabendo-o bem e dizendo-o com correcção, sentindo-o, por certo,—mas nem no-lo fez sentir, nem nos deu a impressão de vida diferente da realidade do palco.

Do «Jornal do Comercio», Mario Bonança diz-nos de Nicodemi:

O seu teatro agrada-nos, porque não é dissolvente, não é desmoralisador, e isso é uma qualidade que muito devemos apreciar.

Na *Patria*, Jorge Ortiz:

Das 9,30 á 1,30: tres actos de Nicodemi —a mesma tecnica, os mesmos *trucs*, as mesmas longas tiradas melodramaticas, o enfiar, por vezes entediante das situações e dos dialogos, e por sobre tudo pairando sempre a mesma nuvem de sensibilidade epidermica, superficial, destrambelhando os nervos desprecatos das plateias sempre prontas no segregar da lagrima facil e inconsciente.

e acha bôa e correcta a tradução de Carlos Borges.

Palavras que não acreditamos. Foi erro tipografico.

Vasco Falcão na *Monarquia* diz da peça:

Como todas as peças de Nicodime ela é cheia de teatro e de moral.

da tradução:

—A tradução de Carlos Borges é pessima.

e de Maria Matos

O desempenho por Maria Matos não podia ser melhor.

Tomaz do Eça Lial na *Situação* diz:

A peça é mais uma obra admiravel do autor de a «Migalha». Ha porem alguns dialogos sucessivamente longos—como o do 2.º acto, que é quasi infinito.

Temos a certeza de que amanhã ele será encurtado.

Como se fosse uma revista!

Tambem Eça L[i]al nos comunica que a tradução foi direta do italiano e *com muito brilho!* Ah!

No *Diario de Lisboa* Antonio Ferro escreve esta interessante e justa frase que a empreza já aproveitou para os reclames:

Comtudo, quem ha ai que a pudesse exceder na maravilhosa descrição das suas mãos libertas? N'essa passagem e n'algumas outras, Maria Matos foi grande, subiu, subiu muito alto, subiu para não descer mais...

Jaime Vitor no *Correio da Manhã*, encarou sobre outro aspecto *A Sombra* em festa de Mendonça de Carvalho.

Por isso eu considero um acto de dedicação conjugal de Mendonça de Carvalho levar na sua festa uma peça em que de ante-mão se sabia que a sua mulher cabia o triunfo incontestavel. E sem duvida ele foi grande para a actriz, que teve de se defrontar com um papel que exige recursos especiaes, principalmente de voz.

A Epoca em critica não assignada diz:

A «Sombra» não é mais do que a luta de um homem contra a fatalidade, Nicodemi.

e acha todos correctos.

João Nobrego no *Mundo* depois de achar probridade na peça faz justiça

Todavia, as scenas do segundo acto, do retrato e do encontro das duas amigas antagonizadas pelo amor dum homem, esposo duma e amante de outra, são perfeita para a emoção do publico.

Quanto á interpretação, Maria Matos, um tanto prejudicada por condições fisicas, realisou todavia um retrato absolutamente notavel.

José do Melo na *Republica*, diz que Maria Matos é uma *caracteristica distinta* o

A peça é realmente extraordinaria de carpinteria teatral, devendo ser como todas as do seu autor, um portento de literatura, embora a versão, feita por Carlos Borges, seja antiquada, devido certamente ao afastamento do velho tradutor, da banca de trabalho para os «guichets» das bilheteiras.

Na *Lucta* e *Opinião* não encontramos registo critico.

O sr. Luiz Pere[i]ra tambem não gostou.

O Gato preto

Questões de Teatro

A proposito do incidente entre as duas emprezas que se julgam com iguaes direitos para representação da «Sombra», recebemos uma carta do sr. Mario Duarte que amanhã publicaremos afim de ultimarmos a nossa intervenção no caso.

Noticiario

Entre nós

Na epoca de verão, no Nacional, será levada á scena a peça *Maria Vitoria*, de Liñares Ribas.

—A actriz Lucinda Simões reaparece ao publico de Lisboa na peça *A Raça*, do autor hespanhol Liñares Ribas.

—Angela Pinto foi contratada por Robles Monteiro para a sua companhia.

—O dr. Horta e Costa, tradutor da peça de Brieux *Simone*, que sobe á scena da proxima 6.ª feira no Nacional, entregou no mesmo teatro um original *As Rivais*.

—Na recita de Salles Ribeiro, a 23, com *A Leiteira de Entre Arroios*, tomam parte as s.ras: D. Manuela Pinto Bastos, Maria Matos, Berta de Bivar, Auzenda de Oliveira e Aldina de Souza

—No dia 24 realisa a sua festa artistica o actor Alvaro Pereira, *compère* do *Trólarò*.

—Afinal na epoca de verão no São Luiz, fica uma companhia de magica, sob a direcção de Macêdo e Brito, que explorará a peça hespanhola, tradução de Accacio Antunes, *A mulher artificial*.

No Brazil

Na séde da Sociedade Brazileira de Autores Teatraes, o socio Adolfo Rosa deu uma audição da opereta em tres actos *Zizi*, libreto e musica de sua autoria. A leitura foi feita pelo sr. Ruy Chianca, sendo pelo maestro Adolfo Rosa executada ao piano a respectiva partitura.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—As 21 h. —«A Dama das Camelias».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO —A's 21,30— «Duas causas». "Agencia Texugo».
AVENIDA —A's 21,30 — «A Sombra».
POLITEAMA — A's 21 h.—«Paris-Monte Carlo»
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tés».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22.30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Vida Sportiva

HIPISMO

As grandes provas

Como era de esperar, animada pelo entusiasmo sempre crescente dos amadores de sport hipico, a Sociedade hipica portugueza procura conseguir que o concurso deste ano seja dos mais brilhantes e animados contando já com a colaboração de cavaleiros que ha muito não tomavam parte nos concursos nacionais.

Como dissemos, o concurso começa em 4 do primeiro mez, continuando em 5, 8, 10, 11 e 12.

O total dos premios é de 7000 escudos.

FOOT-BALL

Taça Mutilados da guerra

Foi hontem resolvido pela comissão organisadora deste torneio fazer disputar no proximo domingo o primeiro encontro das meias finaes entre «Os Belenenses» e «Carcavelinhos» no Campo Grande, ás 15 horas.

O segundo encontro será entre Sporting e Casa Pia no dia 29 deste mez.

LAWN-TENNIS

O Concurso da Primavera foi adiado

Foi adiado para 15 de junho proximo o Concurso Internacional de Lawn-Tennis da Primavera, devido a alguns jogadores estrangeiros se encontrarem em Inglaterra.

Na ultima semana deste mez deve realisar-se um «Torneio Nacional» aberto a todos os clubs do paiz.

NOTICIARIO

A empreza do Coliseu dos Recreios está preparando para breve combates de box entre Max Heary e Mario Gull. Tambem ao que parece o hespanhol Andres Bals ha dias chegado a Lisboa fará um combate contra um portuguez da categoria daquele.

Hespanha e Portugal

Vem ao Porto o ministro hespanhol da instrução publica

A Agencia Havas distribuiu esta manhã o seguinte telegrama:

MADRID, 16.—O conselho de ministros acaba decidir que a Hespanha se faça representar no congresso de sciencias do Porto pelo ministro da instrução publica, sr. Aparicio.

Como se sabe, o falecido estadista Dato tencionava vir assistir a esse congresso. O crime de que foi victima fez malograr, infelizmente, essa intenção, mas, ao que se vê pelo telegrama que examos, o governo hespanhol não pôz de parte a ideia do grande estadista, com o que nos congratulamos, pois vem a resolução do conselho de ministros hespanhol mostrar o desejo que anima o governo da nação visinha de estreitar as relações entre os dois paizes

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

O ministro da guerra desmente categoricamente os boatos de alteração de ordem

A's 15 horas, estando o sr. dr. Abilio Marçal na presidencia, abre a sessão com a presença apenas de uns 15 legisladores.

Leem-se a ata e o expediente.

Espera-se que cheguem os deputados, contando-se ás 15,30 só 21.

O sr. Malheiro Reimão:

—Se não fosse haver crise ia perguntar á mesa porque é que agora estavamos sem fazer nada e á noite temos de vir aqui «machucar».

Passam-se mais 5 minutos.

Entra-se finalmente no antes da ordem do dia.

O sr. Eduardo de Sousa mandou para a meza o relatorio da comissão de inquerito ao extinto ministerio dos abastecimentos.

O sr. Ladislau Batalha, referindo-se á greve dos funcionarios de S. Tomé, faz varias considerações exaltadamente sobre a forma como naquela ilha os pretos são tratados por esses funcionarios, dizendo que por lá se cometem muitas infamias que o seculo XX já não consente, e que é preciso terminar-se com este estado de coisas para prestigio da Republica. Pede aos ministros presentes que transmitam as suas considerações ao seu colega das colonias.

O sr. ministro da guerra assim o promete fazer.

O sr. Domingos Cruz diz que teem corrido boatos de alteração da ordem e que desejaria saber o que pensa o governo sobre o assunto.

O sr. ministro da guerra energicamente afirma á camara, em nome do governo, que são tendenciosos os boatos que teem circulado e que ele saberá empregar a força para reprimir qualquer tentativa, feita seja por quem fôr, de alteração da ordem.

Pelo seu passado de respeito ás normas constitucionaes, julga-se no direito de ser acreditado nas afirmações que faz. Fique a camara certa de que o governo saberá manter a ordem

O sr. Domingos Cruz congratula-se com as palavras do sr. ministro da guerra.

Entra em discução o parecer n.º 752, que permite ao acesso aos logares de 32 oficiaes da Direcção Geral de Contabilidade Publica sem dependencia de concurso.

O sr. ministro do Comercio requer que entre hoje em discussão o seu projeto de proteção á marinha mercante nacional, fazendo alguma considerações no sentido de mostrar a necessidade dessa discussão.

O sr. Domingos Cruz pergunta se foi interrompida a discussão do parecer 752, ao que o presidente responde afirmativamente.

O sr. Domingos Cruz:—Parece-me que não ha nenhum preceito regimental que permita tal.

O sr. ministro do Comercio:—Deram-me a palavra, eu só a tinha pedido para este fim; por isso falei sobre o assunto.

O sr. Barbosa de Magalhães fala sobre o modo de votar o requerimento.

Resolve-se por fim que seja a proposta discutida na proxima sexta-feira antes da ordem, com ou sem parecer da respetiva comissão.

Continua a discussão do parecer 752. Esta falando sobre ele o sr. Barbosa de Magalhães.

No Senado

Trata-se do pão, manteiga, tabelamentos e horas de trabalho

Aberta a sessão á hora regimental e sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Rego Chagas, é dada leitura ao expediente.

Estão presentes apenas 20 senadores e por isso ha uma espera para a aprovação da acta.

No seu «fauteuil» vê-se o sr. Mendes dos Reis, regressado d'Africa e que é muito cumprimentado.

O sr. Dias de Andrade pede providencias contra o estado em que se acha ainda o museu de Arte sacra em Coimbra. Que se dê a verba, que é pequena, para a conclusão das obras.

O sr. Pereira Osorio refere-se novamente ao caso do arroz do Porto, vendido mais barato a um intermediario, que o foi vendendo com lucro a outros.

O sr. ministro da agricultura declara que logo que viu no «Seculo» o relato do que o sr. Pereira Osorio havia dito na sessão anterior pedia esclarecimentos ás regiões competentes, que aguarda para providenciar.

O sr. Constancio de Oliveira disse que leu no *Seculo* que o governo estava na disposição de aumentar o preço do pão de forma a atenuar ou eliminar o prejuiso que está dando ao Estado a importação de trigo exotico. Declara esperar que o governo vigias-e e mudasse de sistema nas compras do trigo.

O sr. ministro da agricultura disse o que já tem feito e expoz o resultado da comissão encarregada de estudar o assunto.

Acrescentou que o governo está perdendo actualmente 50 centavos em cada kilo de pão, por causa do cambio e outras causas.

O sr. Vicente Barros ocupa-se das industrias agricolas dos Açores e especialmente dos laticinios e seus preços.

O sr. ministro da agricultura, deu informações sobre o assunto declarando que não se podia acabar com o tabelamento, visto redundar num imediato açambarcamento e desaparição dos generos.

Entrando em discussão o projecto de lei que permite o aumento de mais 2 horas alem das 8 estabelecidas e tendo sido requerida a presença do sr. ministro do trabalho visto o caso ligar com leis internacionaes, foi encerrada a sessão

Policia de segurança do Estado

A posse do novo director provoca incidentes

Noticias da Arcada e do governo civil, dizem-nos que foi nomeado director da policia de segurança do Estado, em substituição do sr. major Marreiros, o capitão do secretariado militar sr. Mario de Campos Rego, o qual, pelas 15 horas, tomou posse desse logar no ministerio do interior, posse a que assistiram os srs. governador civil e Ricardo Covões, além de alguns amigos.

Acompanhado do sr. Lelo Portela, o novo director da policia de segurança do Estado seguiu para o governo civil, mas ahi, ao que nos dizem, por a nomeação não ter saido ainda na folha oficial, o sr. major Marreiros recusou-se a entregar o seu logar, havendo manifestações da parte dos agentes d'essa policia.

A' hora a que escrevemos, o sr. Marreiros está em casa do sr. presidente da Republica, onde foi chamado telefonicamente.

Poeira da Arcada

Conselho de ministros.

Reuniu hoje de manhã o conselho de ministros em casa do chefe do governo, que se ocupou principalmente de assuntos economicos e financeiros.

Ministro da Noruega.

O sr. ministro da Noruega, acompanhado pelo seu secretario, esteve hoje na residencia do chefe do governo.

Noticias da Capital

QUEM O ALHEIO VESTE...—... Na praça o despe, diz o rifão popular. Neste caso, porém, não é bem assim, porque se não trata de qualquer peça de vestuario, mas sim da quantia de 105$00 que José Maria Gonçalves, da avenida Almirante Reis, 82, loja, teve artes de apanhar a Jesus Sanches Cal, da rua Arco do Bandeira, 230 e 232, prometendo-lhe que lhe arranjaria azeite, esse precioso liquido atraz do qual neste momento tanta gente corre, sem poder conseguir obtel-o. Verdade seja que, como ele é oleoso, escorrega por entre os dedos, que é uma beleza.

O mesmo sucedeu aos 105$00, que escorregaram por entre os dedos do Gonçalves, que agora vae saber no tribunal da Boa Hora quanto custa a intrujar o proximo, porque dos dedos da policia é que ele não conseguiu escorregar.

A CARNE E' FRACA... E a tentação é forte, principalmente quando se trata do metal a que os poetas chamam vil, mas a que os que teem o senso pratico da vida chamam precioso—o ouro.

Ora hão de concordar que uma corrente de ouro bem luzidia, bonita, assenta que nem uma luva sobre um colete, e quem a não tem deseja possuil-a, embora não seja senão para deitar figura. Como Luiz Rodrigues Vilela, morador na calçada de S. Vicente, 31, 4.º, viu um d'esses lindos objectos a brilhar no peito de José dos Santos, da quinta de D. Mariana, ao Beato, e entendeu que no seu colete assentaria melhor, foi se a ele e, sem consentimento do legitimo proprietario, bifou-o.

O Santos é que não esteve para ficar sem 100$00 e vae d'ahi queixou-se á policia, que, implacavel como sempre, deitou a gana ao Vilela.

Já um homem não pode fazer figura!

Guarda Nacional Republicana
Companhia de Trens
Conselho Administrativo

ANUNCIO

O Conselho Administrativo d'esta C. T. faz publico que no dia 22 do corrente, pelas 13 horas, se procederá á venda em hasta publica de um automovel, marca RENALT-50|60 HP., 6 cilindros, 7 l gares, fechado, em bom estado de conservação e funcionamento.

As condições do leilão, bem como o referido carro, encontram-se patentes no quartel da referida companhia todos os dias uteis, das 11 ás 18 horas.

Aceitam-se propostas em carta fechada até ao referido dia, que serão abertas na ocasião do leilão, sendo tomada com base de venda aquela que for egual ou superior ao valor arbitrado ao carro pelo conselho administrativo.

Quartel em Lisboa, 2 de Maio de 1921.

O Tesoureiro Interino
José Ferreira Flores

Navio naufragado

SANTIAGO, 16.—Naufragou o vapor *Huemel*. Salvaram-se os passageiros e a tripulação, mas o navio perdeu-se —(A.)

A CAPITAL

3784 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 18 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Processos politicos

O sr. presidente do ministerio disse outro dia a uma comissão de funcionários publicos que o procurou para pedir um aumento de subvenção que o seu governo deveria durar pelo menos cinco anos. Conhecida esta declaração do sr. presidente do ministerio, por intermedio da imprensa, o paiz inteiro sorriu.

Porque sorriu o paiz?

O paiz sorri porque esta declaração do sr. Bernardino Machado surgiu precisamente na ocasião em que, de latente, se patenteava como tendo atingido um estado agudo a crise que ha muito lavra no seio do gabinete a que s. ex.ª preside.

Era precisamente quando se sabia que o sr. Bernardino Machado não podia resolver a questão dos governadores civis; era quando se revelava a discrepancia do sr. ministro das finanças com os seus colegas que entendem necessário aumentar certas despezas nos seus ministerios ou pelo menos conservar n'eles a situação creada, era n'essa ocasião, quando já ninguem dava ao actual ministerio nem cinco semanas de existencia, que o sr. Bernardino Machado vinha falar em cinco anos de existencia para o seu governo, quer dizer um prazo que nem mesmo em tempos mais repousados do constitucionalismo nenhum ministerio conseguiu alcançar.

Os francezes teem uma locução para definir certas expressões, que se poderão considerar d'este genero. Chamam a isso: «payer d'audace». A audacia, porém, conta sempre com uma probabilidade de exito. No caso presente, essa probabilidade não existe. O sr. Bernardino Machado cedeu apenas ao desejo de fazer uma frase, como tantas vezes só confia a sua salvação politica d'uma habilidade.

Hontem, no parlamento, o sr. Bernardino Machado apelou para esse recurso. Como o sr. Jorge Nunes acentuasse o desacordo existente entre o sr. ministro das finanças e o sr. ministro da agricultura, desacordo que, de resto, estes dois ministros não pensaram em dissimular, o sr. Bernardino Machado mostrou-se muito surpreendido com tal noticia, e perguntou em que consistia o desacordo dos seus dois colegas. Resposta do sr. Jorge Nunes: «E' que o sr. ministro das finanças deseja cortar despezas e ordenados no ministerio da agricultura e o sr. ministro da agricultura não quer». Que se ha de lembrar o sr. presidente do ministerio de replicar? «Isso são simplesmente duas teses». O extracto parlamentar consigna que, ao ouvir estas palavras do chefe do governo, toda a camara desatou a rir.

De que riu a Camara?

E' possivel que o sr. presidente do ministerio pense que o riso da camara foi devido a achar espirituosa a sua esgrima politica. E' um erro. A camara riu, porque já não podia esperar que, em pleno seculo XX, com dez anos de Republica, e no momento gravissimo que todas as sociedades atravessam, exigindo muita reflexão e muita nitidez nos pensamentos politicos, se pudesse recorrer a «trucs» que só eram admissiveis nas camaras monarquicas do seculo findo, quando uma existencia placida e segura induzia ao desfastio e ao bom humor.

Tambem se lê nos jornaes de hoje que o sr. Bernardino Machado declarou a um jornalista que ha de arredar todos os pretextos que o sr. Antonio Maria da Silva procurar para sahir do ministerio. Das duas, uma: ou o sr. Antonio Maria da Silva tem razões poderosas para abandonar o governo, ou não tem. Se não tem, mal se comprehende para que esteja sempre a inventar pontos que justifiquem a sua saida. Se tem, a sua sahida é inevitavel, porque motivos poderosos, fundados em realidades porventura tremendas, não podem ceder a habilidades nem a estratagemas de qualquer especie, para manter uma situação impossivel.

Ou nós nos enganamos muito, ou o estado em que o país se encontra não se concilia com os pittorescos processos da politica do sr. Bernardino Machado. O instante é tragico. Necessitam-se soluções imediatas para problemas que ameaçam asphyxiar-nos. E' preciso pôr deante do país toda a verdade, porque da propria perspectiva da catastrophe podem resultar energias collectivas, salvadoras. Todos os portuguezes tem de ser tratados como homens, e não como creanças. A maneira como o sr. presidente do ministerio trata a sociedade portugueza induz a crêr que a supõe inteiramente constituida de creanças.

Visita a quarteis

Pelas 9 horas, o comandante da G. N. R., sr. Victoriano José Cesar, acompanhado do chefe do estado maior, sr. Azambujo Martim, e do ajudante de campo, capitão sr. Florentino Martins, visitou o quartel das Janelas Verdes.

Na parada tocou durante a visita a banda de musica do batalão ali aquartelado.

Vulgarisação scientifica

O que é o gaz da agua — Como se foi aperfeiçoando o seu fabrico

Ahi por 1794, Courbelle notou que o vapor d'agua passando atravez do carvão, aquecido a uns 600°, dava logar á produção do gaz carbonico e hidrogenio; mas quando a temperatura se elevava a 900°, se formava principalmente o oxido de carbone.

A' mistura de hidrogenio, oxido de carbone, anidrido carbonico, com um pouco de azote do ar deu-se o nome de «gaz da agua».

Em 1832, Jobard, de Bruxelas, serviu-se d'este gaz para a iluminação; mas o seu poder iluminante era fraco e tornava-se perigoso por ser toxico, devido á elevada quantidade de oxido de carbone que continha.

Fizeram-se varios aperfeiçoamentos, que tornaram o gaz luminoso, misturando-lhe vapor de hidro carbonetos e gazes; mas o seu consumo não adquiriu n'essa epoca grande importancia. Porem em 1860, Fayos conseguiu construir um aparelho, com o qual preparava o gaz da agua, pobre em oxido de carbone. Com este aparelho obtinham 1200 m^3 de hidrogenio, que saía pelo preço de 1 centavo cada metro cubico. Este resultado, que conseguiu a principio algum exito, foi abandonado, por causa de dificuldades technicas e pela presença de algum oxido de carbone, no gaz preparado. Ahi por 1880 voltou-se novamente a tentar o fabrico do gaz da agua e Hessel em Kilburn (obteve a patente inglesa N.º 3584). Mas outros competidores não desistiam de aproveitar tão tentadora fonte de inergia e assim E. Moore, em Nova York, em 1886, tirou outra patente e ainda Hembert e Henry, apresentaram aparelhos muito engenhosos.

A solução a encontrar para o problema consistia principalmente em obter a mistura iluminante, solista de oxido de Carbone.

Com o sistema Hembert e Henry foi iluminada Boulogne sur-seine custando cada metro cubico 3 centavos o gaz tornava-se luminoso por meio de uma rêde de platina, já aconselhada em 1846 por Gillard.

E ainda para se iliminar mais economicamente o oxido de carbono do gaz da agua, substituindo-o por uma quantidade egual de hidrogenio, foi pedida uma nova patente em Inglaterra, em 1909. Por este processo de fabrico, faz-se passar o gaz a 500,° misturado com vapor de agua, por um cilindro quente, cheio de hidrato de calcio. forma-se o carbonato de calcio e hidrogenio, o anidrido carbonico tambem se fixa á cal. Ficou assim perfeitamente resolvido o problema e o gaz da agua deixou de apresentar os perigos de ser toxico, por causa de conter oxido de carbone.. Como se sabe, este gaz, quando está contido n'uma percentagem de 5 por cento na atmosfera, mata instantaneamente um homem e por isso se evita o emprego de substancias que nos possam fazer correr esse risco.

Mas não se suponha que o gaz da hulha não apresenta o mesmo perigo que o gaz da agua, ou outros perigos quando não seja bem fabricado. Alem de conter cerca de 6 por cento de oxido de carbone, tem ainda o perigo, quando a sua depuração quimica seja descurada, de apresentar o acido sulfidrico, que ao arder nos bicos, se transforma em gaz sulfuroso, que nos pode asfixiar. Alem disso, uma atmosfera de gaz iluminante intoxica-nos pela acção do seu oxido de carbone. Não ha pois motivos para se receiar mais o gaz da agua, do que o gaz da hulha.

Veremos a seguir as condições do seu fabrico, quais os motivos porque não se procura entre nós aproveitar uma tal inergia e se teem deixado as industrias e laboratorios ao abandono.

J. Correia dos Santos

Novos caminhos de ferro

Promovida pelos senadores e deputados srs. Afonso de Lemos, Anibal Lucio de Azevedo, Izequiel do Soveral Rodrigues, José Jacinto Nunes, Jorge de Vasconcelos Nunes e Luiz Tavares de Carvalho, realisa-se, depois de amanhã, ás 17 horas, na sala do Congresso, uma reunião para se tratar da construção dos novos caminhos de ferro. A comissão convocatoria pede a todos os deputados e senadores interessados na conclusão dos caminhos de ferro actualmente em construção, a sua comparencia.

Batalha de flôres

Realisa-se no proximo dia 5 de junho, na Avenida da Liberdade, a batalha de flores organisada pelas Juntas de freguezia de Lisboa a favor das Casas de Beneficencia desta cidade, contando já com a cooperação da Camara Municipal e de uma parte da academia.

Serão distribuidos premios aos carros ornamentados, constando que será pedida a cooperação das senhoras de primeira sociedade.

Foram convidados os poetas a escreverem uma quadra alusiva ao acto, afim de em plaquete serem distribuidas nesse dia na Avenida.

DIZE TU DIREI EU

FIGURAS DA RUA

Oh! Parasitas!

Oh! Porcalhonas!

Porcalhões d'um Povo!

Tendo dados para supôr que o publico se encontra fartissimo de cronicas literarias acabo de arranjar um stock de entrevistas, com que espero vencer em materia de ineditismo o argueto monoculo jornalistico do «Diario de Lisboa».

Vão falar as entidades caracteristicas, lisboetas por essencia, que se encontram todos os dias, a todas as esquinas, e que são a propria fisionomia da cidade.

Mestre de electricos: o «Zé Gordo».

Mestre politica: «A Condessa», filosofia de jardim publico, com principios aristocraticos e fins evangelisadores.

—Mestre artistica: — «A pintora do ar livre» — que todas as tardes consegue improvisar marinhas no Camões, a olhar para os trens de praça, e que outro dia, no Terreiro do Paço, a olhar para o Ministerio do Interior esteve a pintar uma nóra, com boi, poço e tudo...

Para as questões financeiras possuo um «procurador geral da corôa», e finalmente para a questão social se não quizer o «Rico menino do Castelo» tenho o «Oh! parasitas», a quem já esta tarde consegui tirar de dentro da Alcofa que sempre o acompanha alguns pensamentos profundos, que vieram á supuração com meio bife limpo, de alcatra.

O «Oh! parasitas» é o evangensta de rua, o apostolo de esquina.

Usa uma «badine» e uma alcofa. Gesticula com ambas as coisas, e ás vezes mesmo com os pés, se os garotos o perseguem.

Fiz-lhe trez perguntas:

O que pensa do amôr?

O que pensa da religião?

O que pensa das mulheres?

O «Oh parasitas», que se chama Pinheiro encarou-me de frente, levou a alcofa e a «badine» a altura dos hombros, e declarou, balbuciante:

...«O amôr... sim. O amôr é uma porcaria...!

...E eles são
Parasitas de tostão
Sem religião
Por isso eu digo aos meus filhos
que não andem em sarilhos
que eu tambem tenho filhos
E cadilhos
Com religião
Pudera não!

Assustado com esta crise poetica acudi, pressuroso:

E das mulheres e da Religião!

Mas é o Amôr
A religião
da podridão
das mulheres
sem Pão!
Dos parasitas
Todos Catitas!
Pois não vê, não vê?
—E' o que se vê!—
Deixam-se cair nas malhas
As canalhas!
As Parasitas
Todas catitas!
A religião?
Uma profissão
Um ganha pão...
Aô...

—Porque fala em verso? — perguntei-lhe para o obrigar a falar.

Num outro tom, pausado, o homensinho articulou devagar:

—«Os versos são a fala de Deus»!

E, depois, reparando que tinha as mãos sujas das letras dum jornal: «Estes jornais sujam as mãos... e sujam as cabeças... Este «oh parasitas» vale um partido politico.

O HOMEM QUE PASSA.

Conflito academico

Os alunos da Faculdade de Direito resolvem aguardar o momento oportuno para se providenciar definitivamente

Continuou hontem na Faculdade de Direito a discussão da atitude a tomar perante o conflito academico. Depois da declaração de Tito Arantes firmado por mais trinta alunos no sentido de se reservar o direito de se agir livremente mesmo que a gréve fosse declarada e depois de ter sido regeitada a moção Marques da Silva pedindo plenos poderes para os delegados da F. D., uma vez exgotados os meios suasorios, poderem declarar de acordo com a F. A. L. a gréve—foi aprovada, por unanimidade, uma moção de Luiz de Oliveira Guimarães concebida nestes termos:

Os alunos da Faculdade de Direito de Lisboa reunidos em assembleia geral tendo seguido a marcha, por vezes precipitada, do conflito academico e considerando que, apezar de tudo, ainda se não podem considerar esgotados todos os meios suasorios para o solucionar, resolve:

1) aguardar o momento oportuno para se pronunciar definitivamente.

2) no caso da F. A. L. pôr em execução a moção por ela aprovada—os delegados da F. D. á Federação terão de vir dar conta das «demarches» feitas em harmonia com a referida moção e só depois disso a assembleia a sancionará ou não.

3) dar um voto de confiança aos seus delegados á Federação.

AUTENTICAS

A MENINA DO AZEITE

E' uma creaturinha que vive, aqui mesmo, em frente d'*A Capital*. Eu nunca a tinha visto, mas nem porisso ela deixa de ser formosa; formosa e viva como o azougue. Hontem houve grande tumulto e algazarra cá na rua; era a multidão ludibriada no seu intuito e em muitos passos dados para arranjar azeite. Todos tinham senhas, senhas carimbadas, tudo o que ha de mais oficial, mas azeite...?

Emquanto a multidão gritava o seu protesto e uma sua delegação entrava por aqui dentro, levando o dono desta casa e eu para o vão de uma janela, defronte, por dentro dos vidros, uma morena alegre como borboleta na primavera, pulava, sorria, gesticulava, fazendo toda a especie de gaifonices e tregeitos com as feições e com os dedos.

Que infrigados nós estivemos!

Olhâmos para a rua e ninguem vimos a quem tanta jovialidade pudesse interessar.

Nenhum de nós se sentia tambem capaz de a merecer.

O meu companheiro naquela visão alacre, quasi de feiticeria, não acreditava que a nossa gravidade pudesse inspirar aquela muda galhofa; especie de mimica agitada a que uns olhos ardentes, em tez morena, davam coloração e graça.

Aquilo é para o Agostinho; e foi ver se o Agostinho, o continuo estaria por ali, em alguma vidraça gosando as sucessivas garotices, que jamais se interrompiam.

Mas qual Agostinho. O continuo áquela hora nem n'*A Capital* estava —sequer.

Aquela desenvoltura pareceu-nos de mulher extrangeira. Alguem nos esclareceu mais tarde: a menina é franceza.

Mas, franceza ou nacional, ela é o que é, ó o diabo. Como se tratava de azeite, foi buscar uma garrafa quasi cheia do precioso liquido e taes negaças nos fez com a ten ad ra que até chamou a colaborar na pantomima o gato, o bichano da casa. Pegou no feliz gosador dos seus contactos macios e fê-lo abraçar a garrafa do azeite; abraçar, festejal-a, desafiar a turba exaltada com a sua opulencia e por fim acenar-nos ostensivamente com a patinha aveludada — como quem se despede.

E despediu-se; e foi-se ela e o gato e o azeite, ficando nós, os dois unicos espectadores de toda aquela cabriolice quasi estouvada á força de alegria sem saber o que nos fara mais falta, se aquele feliz destempero, se a submissão do gato, se a loira pinga de azeite por ambos exposta á anciedade de tanta gente, insatisfeita.

Disseram-nos que era franceza; portugueza é que não podia ser a menina do azeite, não, que alma portugueza, ainda no mais azado periodo de mocidade, não pode florir aquela ditosa despreocupação a exhalar toda a frescura duma existencia cheia de bem estar.

Os portuguezes acostumaram-se a ser tristes e tão inveterado lhes vai o costume que até ficam grotescos quando se metem a fazer o jocoso. Nela, não; toda a barafustadeia comica lhe ficava a matar.

D. Thomaz de Noronha.

Hipnotismo ou mistificação?

A proposito do artigo hontem publicado na «Capital» sobre este interessante assunto, e que não é devido á pena do nosso colaborador Armando Ferreira, mas sim dum medico distintissimo que tem acompanhado de perto os trabalhos do dr. Egas Moniz, e igualmente literato de valor, recebeu aquele nosso colega uma carta que escrita naquela linguagem despejada e tão portuguezinha de frases mal soantes não podemos publicar na integra por vergonha para ...a sua autora. No entanto para apresentar uma opinião talvez sincera extratamos o periodo que interessa propriamente ao publico. E ele é o seguinte:

«Se v. tivesse assistido a todos os espectaculos do prof. Stevenson não falaria dessa maneira.

Quanto a uma criatura dum camarote ou friza adivinhar as horas que qualquer espectador da plateia marque no seu relogio, devo dizer-lhe que se a primeira noite do Eden estando eu numa friza com minha filha, Stevenson convidou-a para a experiencia. Já V. vê que caso a deixasse, Stevenson faria um verdadeiro fiasco na opinião de V. visto que minha filha não estava comprada. E, note precisamente a senhora que depois se prestou á experiencia é das minhas relações... etc.»

Para declarar isto, como documento, achamos que não eram necessarios nem erros de ortografia, nem palavras feias... E que para ter valor o depoimento devia vir assinado.

PELO TELEGRAFO

A Alemanha começa a pagar

PARIS, 17. — A comissão das reparações fez anunciar que em execução do artigo 5.º do estado de pagamento que no dia 5 do corrente foi notificado á comissão alemã dos encargos da guerra pela mesma comissão das reparações, o governo alemão pôz á sua disposição, por conta, 150 milhões de marcos-oiro, parte em oiro e parte em divisas estrangeiras. O serviço financeiro da comissão das reparações está tomando com a comissão alemã as disposições necessarias para o deposito dessa importancia.—(H).

A «entente» franco-belga

PARIS, 17.—O rei dos belgas telegrafou ao sr. Millerand manifestando-lhe a sua gratidão pelas atenções de que foi alvo na recepção de Lille e declarando que em tal acolhimento via um novo testemunho da amizade que une a França e a Belgica. O sr. Millerand agradeceu, declarando que os habitantes de Lille foram apenas interpretes fieis dos sentimentos que a França inteira experimenta pela nação amiga e aliada e pelo seu nobre soberano.—(H).

Os insurrectos da Alta Silesia

BERLIM, 17.—Korfanty enviou um telegrama á comissão interaliada de Oppeln, declarando-lhe que os insurrectos estão prontos a operar uma retirada que permita a cessação imediata das hostilidades, com a condição de que a zona evacuada seja ocupada pelos aliados.—(H).

Não se pensa em reunião do conselho supremo

PARIS, 17. — Segundo noticias que a Agencia Havas recebeu de Londres, não ha actualmente nenhuma entrevista projectada entre os Srs. Briand e Loyd George e não se pensa em qualquer reunião do conselho supremo para o fim desta semana ou para a proxima semana.—(H).

Diplomatas portuguezes

RIO DE JANEIRO, 17. — Chegou o sr. Alberto de Oliveira, que teve por parte dos seus numerosissimos amigos uma recepção muitissimo afectuosa.—A.

Preconisando uma federação de patrões e camponezes

SANTIAGO, 17. — O presidente Alessandri respondendo á representação da sociedade nacional de agricultura reconheceu que, com efeito, entre os camponezes se intrometeram elementos estranhos e perturbadores e recomenda como remedio para as dificuldades do presente, a organisação duma federação de patrões e camponezes e a fundação de cooperativas agricolas.—A.

Em honra do dr. Nilo Peçanha

PARIS, 18.—O circulo dos amigos das Letras Francezas realisou uma brilhante sessão em honra do sr. dr. Nilo Peçanha, ex presidente da Republica do Brazil, á qual assistiram as mais distintas personalidades do Parlamento e da literatura.

René Boylesve da Academia Franceza leu um admiravel discurso enaltecendo a obra literaria do sr. dr. Nilo Peçanha e referindo-se a largos e magnificos traços a sua brilhante carreira politica.

Nilo Peçanha num arrebatador improviso, frequentemente interrompido pelos freneticos aplausos da assistencia, agradeceu as manifestações de simpatia que lhe eram prodigalisados.—A.

PARIS, 18.—No circulo inter-aliado sob a presidencia da Baroneza Itajuba, realisou-se o jantar que o embaixador do Brazil, sr. dr. Gastão da Cunha, ofereceu ao dr. Nilo Peçanha, assistindo alguns membros do parlamento, e da diplomacia, Clark, secretario da embaixada do Brazil, deputado Raul Fernandes, Souza Dantas consul em Paris; Argelo director de «O Brazil» Sharam, correspondente do «Jornal do Comercio» do Rio de Janeiro, dr. Carvalho Azevêdo director geral da Agencia Americana, Almeida Brandão, ministro do Brazil em Stockolmo.

Nilo Peçanha partiu ontem á noite para Bordeus, acompanhado de sua esposa, devendo visitar alguns interessantes solares das mais distintas familias do departamento de Gironde e embarcará no dia 21 no «Lutetia» com destino a Lisboa e Rio de Janeiro.

O deputado Raul Fernandes segue para Madrid, onde embarcará no dia 24 tambem no «Lutetia» com destino ao Rio de Janeiro.—A.

Confraternisação luso-brazileira

Realisa-se no domingo, como já dissemos, no teatro São Luiz, a *matinée* promovida pelo *Jornal da Europa* e a que deram o seu concurso alguns dos nossos mais distintos artistas. Para a festa escreveu expressamente uma linda poesia a sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, poesia dedicada a mademoiselle Fontoura Xavier, gentil filha do sr. embaixador do Brazil.

Conferencias

No hospital escolar de Santa Marta realisa amanhã, ás 21.30, o sr. dr. Bénard Guedes, assistente do serviço de radiologia do mesmo hospital, uma conferencia subordinada ao titulo «Problemas da cura do cancro-Radircirúrgia-Alguns casos de tratamento pelo radio».

A entrada é livre para medicos e estudantes de medicina.

VIDA ARTISTICA

Exposição de pintura e desenho

Abre amanhã, pelas 15 horas, no salão Bobone, á rua Serpa Pinto, uma exposição de pintura e desenho dos artistas Fernando David, discipulo de Salgado, Varela Aldemira e Mario Santos, discipulo de Conceição Silva.

DOIDA NÃO E NÃO!

Não ha bem que sempre dure

Tendo já dito ao leitor o que penso a respeito do «Generoso Alvitre» inserto na pagina 137 do «Infeliz» (hei de habilitar-me em qualquer lotaria, com este numero, numa cautela de 10 centavos, a ver se me sae algum premio!) nada mais me chama a atenção nesse livro. A resposta a tudo quanto ali se diz está dada e mais que dada; portanto, falemos doutras cousas, que o leitor, por certo gostará de saber.

Eu continuo a mourejar, fazendo por viver, para dar alegria a quem me estima e arreliar quem me quer mal.

Diz o ditado que «mulher doente, mulher para sempre»; ora, como eu sou, segundo diz o sr. dr. Alfredo da Cunha, uma «doente», mal vae a este senhor...

Tem que se conformar que eu vá vivendo e de perfeita saude, mesmo sem ele me dar alimentos.

Existem almas muito superiores á sua, que me não deixam morrer á mingua.

Acha o sr. dr. Alfredo da Cunha muito decente e muito honroso para o seu nome que eu esteja nas circunstancias em que estou. São maneiras de ver.

Recusa-me alimentos, mas está gastando somas muito importantes nos tribunais, o que faz com que, quando o sr. dr. Alfredo da Cunha aparece no cartorio de algum escrivão, não lhe faltem homenagens!...

Pudera! E' um benemerito!...

Avalie o meu caro leitor se não teem razão para isso: o processo de interdição foi agora á conta; e quere saber quanto o sr. dr. Alfredo da Cunha pagou? A «insignificantissima» quantia de «um conto e oitocentos mil reis»!

O que é isto para um milionario? Uma miseria, bem sei.

Por este processo se calcula a despesa dos outros.

O processo crime já está «no quarto volume»!

Ah! Mas o sr. dr. Alfredo da Cunha pode bem com todas essas despesas; o que não pode é dar alimentos á mulher. Que desfalque enorme seria para o seu «modesto capital»!

E depois, o mesmo senhor gasta com tanto prazer o dinheiro nestas questões que diz a isso que mais vale um gosto do que alguns contos de réis na algibeira; e, como o que se faz por gosto, regala a vida, o sr. dr. Alfredo da Cunha vai levando a sua regaladamente. E, abrindo aqui um parentese, deixe-me dizer-lhe, leitor, que á custa da minha desventura tambem umas determinadas pessoas, que antes de conhecerem o dito senhor não tinham sequer onde cair mortas, como vulgarmente se diz, vão passando a existencia com não menos regalias. Isto, porém, não admira: o sr. dr. Alfredo da Cunha tem um coração «tão generoso»...

Mas como não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe, fechemos o parentese para eu lhe dar a saber cousas mais interessantes para quem se interessa por mim.

Está-se procedendo á instrução contraditoria no processo crime: foram ouvidas as testemunhas dadas por Manuel Lopes Cardoso Claro, preso ha 26 mêses na cadeia da Relação, do Porto e que teve de as apresentar nessa cidade, por não lhe permitirem que elas fossem inquiridas nas comarcas das suas residencias.

Em uns artigos escritos por mim, a pedido da mãe do Manuel, sob o titulo «Lagrimas de Mãe» e que por generosa e amavel anuencia do ilustre director de «A Tribuna», nesse jornal veem sendo publicados, em defeza do infeliz prisioneiro, vou tornar conhecidos do publico esses depoimentos, para que se possa apreciar a falsidade com que teem acusado esse homem de crimes que não cometeu.

Tambem, para o mesmo fim, darei publicidade ao resultado de alguns exames que se fizeram.

Nos artigos de «A Tribuna» trato exclusivamente do processo crime. Mas como ha cousas que tanto podem servir a esse processo, como ao de interdição ou ao de divorcio, tratarei, igualmente, aqui de alguns assuntos que a defeza do Manuel poz a descoberto.

Vou ocupar-me agora, por exemplo, do exame que se fez ás cartas e retratos que se encontram em deposito no manicomio Conde de Ferreira e me foram apreendidos, quando da minha segunda entrada naquela casa.

Hoje, porém, fiquemo-nos por aqui.

Maria Adelaide

Ex-combatentes da Grande Guerra

Vae fundar-se em Lisboa uma Liga composta dos que combateram em França, na Africa e no mar e cujo objectivo é auxiliar os que se encontrarem em dificuldades.

A comissão organisadora tem recebido muitas adesões e será convocada brevemente uma assembleia geral para leitura e aprovação dos estatutos.

Toda a correspondencia deve ser enviada para a séde provisoria, Escada do Monte, 1.

NOTAS FALSAS

Tratamentos

Embirro que me tratem por você. Serei pouco moderno, pouco sociavel, pouco 1921, serei o que quizerem, mas embirro com isso e tanto que não trato os outros de outra maneira. Tambem não gosto do vossa excelencia. Leva muito tempo a dizer e não quere dizer coisa alguma.

Senhor não é feio, dá assim pouca confiança e é ao mesmo tempo respeitoso e sóbrio. E' uma especie de forquilha de ponta em braza que se aplica ás intimidades tomadas por pessoas que não nos agradam. Serve de baliza, de arame farpado, de trincheira dificil de saltar.

Para arreliar as senhoras costumo tratal-as por meninas quando até vinte anos e por senhoras donas quando vão alem d'essa «étape».

Senhora, simplesmente, cheira a mulher a dias, a velhota que faz recados ou trabalha de costume a troco de jantar e uns tostões e lembra-me sempre os finaes d'acto dos dramas violentos. Dona faz lembrar parteira ou modista de chapeus e senhora dona, embora mais comprido, não deixa de me recordar umas d'estas femininas por tradição que, apezar de aos vinte e cinco anos terem gritado a toda a força de pulmões, — «Salve se quem puder!» — não lograram salvador disponivel e ficaram na condição de tias que é como quem diz amocidade cronica».

Menina acho engraçado, harmonioso, cheirando a branco, mas o tu é que me quadra ao feitio. E' intimo, é amigo, diz se n'um beijo, é como o eu e não custa nada a pronunciar. Basta fazer um canudinho com os labios e assoprar, fazendo ú!

O leitor naturalmente não concorda com estas teorias. Tenha paciencia e olhe, para não lhe causar desgostos, quando me encontrar, trate-me por compadre que tambem não é nada feio e tem uma certa intimidade

Henrique Roldão

Como se anulam as receitas do Estado

Um projecto que se votou sem protesto, no Senado

Sr. director de *A Capital*—No artigo de fundo do seu jornal, intitulado «Escandalos» dizia-se hontem: «Positivamente está tudo doido. O escandalo nunca foi maior. O parlamento fabrica todos os dias logares e aumenta as despezas». Dizia tambem o mesmo artigo que os partidos não pensam senão em açambarcar os cargos de maior influencia politica e em distribuir aos seus marechaes as mais choradas cobezias.

«E' um verdadeiro assalto, no qual se exaurem todas as fontes de vida da nação.»

Estes factos são desgraçadamente confirmados e dia a dia parece tenderem a agravar-se. E' uma perfeita alucinação! Ora comunique aos seus leitores, um facto, para o que nos chamaram a atenção, quando foi lido numa casa de pessoa amiga, o seu interessante artigo de fundo de hontem e que revela bem a inconsciencia com que se agrava cada vez mais a nossa situação.

Foi votado no Senado um projecto de lei, pelo qual os fóros pertencentes ao Estado, passam a ter todos eles, laudemio de quarentena embora sejam de quinto ou de dezena.

Ora, sr. redactor, isto quer dizer: um individuo que tenha uma propriedade foreira ao Estado e se a quizer remir do fôro, terá de pagar apenas 2,5 por cento. Emquanto se o laudemio fôr de quinto ou de dezena, a quem fica a pagar no acto da remissão é de 10 por cento ou mais.

Ora veja v. como se praticam atentados desta natureza á riqueza do Estado. E não ha um protesto do ministro das finanças em casos de tal natureza, quando se procuram anular as receitas publicas. E' só aumentar as despezas, criar logares, servir as clienteles partidarias e estudar todos os meios a pôr em pratica para anular as receitas do Estado e nos arruinar a todos os que lhes hão de sofrer as consequencias. Por isso acho que v. disse muito bem, quando afirmou que positivamente está tudo doido!—*C. S.*

Barreira que abate

Um operario morto e dois feridos, um gravemente

Pelas 14 horas, abateu hoje, no Bairro Social de Alcantara, que, como se sabe, anda em construção, uma barreira, ficando soterrados tres operarios.

Feito alarme, rapidamente se organisaram os socorros, sendo retirados de sob os escombros os tres homens, que foram conduzidos n'um automovel ao hospital de S. José. Um d'eles, Sebastião de Jesus, de 42 anos, morador em Caselas, falecia momentos depois d'ali ter dado entrada; outro, Prudencio Dias, de 48 anos, morador na Estrangeira de Cima, ficou na enfermaria de Santo Antonio, por apresentar graves ferimentos na cabeça, e o terceiro, Daniel dos Santos, de 58 anos, morador tambem em Caselas, depois de pensado d'uns ligeiros ferimentos que apresentava recolheu a sua casa.

Theatros e Cinemas

Questões teatraes

Ainda a proposito do incidente A Sombra recebemos a seguinte carta do sr. Mario Duarte, fechando com ela o incidente levado para um campo que menos nos interessa.

...Sr. Redactor:

O sr. Mendonça de Carvalho a quem *A Capital* concedeu, uma entrevista, em controversia áquela que o digno emprezário do Polytheama deu a *Capital* em 13 p. p., onde com toda a delicadeza conta a historia referente á «Sombra» de Niccodemi, confirmada absolutamente pela Sociedade Italiana de Auctores, e a conta com toda a isenção e delicadeza, o sr. Carvalho disse, vem pouco delicadamente atingir esse homem de teatro com uma ironia vêsga sem se lembrar, como jamais se lembra, das gentilezas que por ele lhe teem sido prestadas. Claro que a mim pouco se me dá defender o meu particular amigo Luiz Pereira, nem tão pouco ele necessita que o defendam, tão évidente e luminosa é a justiça que só as auctoridades portuguezas não quizeram vêr embora a Sociedade Italiana de Auctores lh'a mostrasse pelos olhos dentro com os documentos apresentados, como representante legitima do proprietario da peça, (que parece ser o seu autor, Niccodemi), que tem mais direito a dispôr d'ela que a auctoridade portugueza, que, depois do telegrama da referida Sociedade, ultimamente publicado, não sei porque espera para mandar proibir as suas representações no Avenida!

Não, eu não venho em defeza de outrem. Venho rebater a parte em que o sr. Mendonça diz: «tinha-o atacado a febre e se havia de recorrer a um medico, que, para o caso, seria um homem serio e honesto, que lhe prescreveria caminho leal e correcto a seguir, tem a infelicidade de longar-se nos braços de um dentista qualquer, que o animou a prosseguir o seu proposito».

Ora o que eu desejo explicar ao publico, é que o *dentista qualquer*, sou eu, que, como amigo de Luiz Pereira, dei alguns passos, em prol de sua razão, e por que o sr. Mendonça que tinha mil razões para ser meu dedicado amigo, me traiu, por varias vezes, abusando da confiança que eu n'ele depositei, utilisando-se de peças que eu lhe havia trazido de Italia, que ele me tinha confiado para traduzir e sem prevenção alguma e ainda depois de me escrever cartas fazendo-me crêr na sua honestidade, deu essas mesmas peças a traduzir a outras entidades que, apesar de serem considerados como escritores theatraes de alta cotação, os seus trabalhos não lograram obter sucesso.

Hoje em vista: o Grande Amôr de Niccodemi, dou no Polytheama, que rende o dobro do teatro Avenida, pela actriz Aura Abranches, 50 representações seguidas e uma reprise do quinze; a Inimiga, outra grande peça do mesmo actor, deu trinta e tantas no Avenida pela actriz Maria Matos e uma reprise de dez, rendendo esse theatro, aproximadamente, metade do teatro Polytheama. Quer dizer que as sessentas e cinco representações do Polytheama, valem por cento e cincoenta, e as quarenta e tantas do Avenida, valerão por dez. O Grande Amor é minha tradução e do meu colaborador dr. Alberto de Moraes. A Inimiga, depois de ter sido regeitada a nossa tradução, traiçoeiramente, foi confiada ao grande escritor portuguez Eduardo Schwalbach!

Qual o motivo de tudo isto?

E com respeito á tradução da Sombra que está sendo representada no Avenida, e que foi preferida á minha, falam eloquentemente todos os senhores criticos. E ainda dizem que não ha Providencia!

Quanto á minha honestidade não ouso fazer apreciações, posto que, tambem, não a trago escondida, como tanta gente que eu conheço...

Agora com referencia á minha profissão de dentista que mereceu ao sr. Carvalho o epiteto de «qualquer» devo dizer que, em tempos e por diferentes vezes, ele se serviu do tal «dentista qualquer» e se «lançou tambem nos seus braços» tendo esse «qualquer» feito varios trabalhos da sua arte a sua ex.ma esposa e filhinho, tendo-se abstido sempre, para lhe ser agradavel, de cobrar os seus honorários.

Mas o sr. Carvalho que é um ingrato mais, já se esqueceu e de quantas outras gentilezas ele se tem esquecido!

Se até já se não lembra de que o oficio do Consulado de Italia sobre o qual pediu que o «dispensassem de emitir a sua opinião», ao contrario do que diz, não é assignado por um empregado do Consul mas sim pelo o Regente do Consulado e Secretario de Real Legação Italiana sr. Gazzara.

Mas enfim, sobre o assunto do dentista sempre deu logar a um reclame-zinho.

Pela publicação d'esta carta se considera unicamente grato, prestando homenagem á sua isenção e justiça, o que é do V.

Mario Duarte.

Noticiario

Entre nós

Desligou-se da empreza Gomes, actualmente no Porto, a actriz Justina de Magalhães.

—A distribuição da encantadora opereta «Sino de Corneville», que depois de amanhã, quinta feira, sóbe á scena no teatro de S. Luiz, em festa artistica do actor Henrique Alves, é a seguinte: «Gaspar»—Henrique Alves; «Gastão de Corneville»—Armando Saraiva; «Nicolau»—Fernando Pereira; «O Bailio»—José Correia; «O Tabelião»—Delmiro Rego; «Gripardim»—Alfredo Paulo; «Funinardo»—Antonio Pinto; «Tabelião»—Luiz Ferreira; «1.º Marinheiro»—João Contreiras; «2.º Marinheiro»—Miguel Orrico; «Germana»—Beatriz Gouveia; «Rosalina»—Aldina de Sousa; «Gertrudes»—Arminda Neves; «Victoria»—Luzalira Neves; e «Suzana»—Filomena Casado.

A ensecução é de Armando de Vasconcelos, direcção musical do maestro Luiz Gomes.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Continua a discussão do parecer n.º 752

Preside o sr. Abilio Marçal, que abre a sessão ás 15,15.

Lê-se a ata e o expediente.

A's 15,45, o sr. Cunhal Leal trata do relatorio da comissão d'inquerito ao extinto Ministerio dos Abastecimentos, dizendo que a comissão não pode julgar definitivamente, motivo porque pede que o relatorio entre em discussão na Camara, na primeira oportunidade, na ordem do dia.

O sr. Eduardo de Sousa em nome da comissão de inquerito, diz que era ao Parlamento que a mesma comissão tinha de prestar contas, e foi isso o que fez. Não contraria os desejos do sr. Cunha Leal.

O sr. Cunha Leal trata de varios assuntos, entre os quaes a questão dos electricos, do pão e da proposta Pindor, protestando contra varias tentativas feitas no sentido de esturquir dinheiro ao Estado.

O sr. ministro das colonias promete transmitir aos seus colegas as considerações do orador e aproveita a ocasião para responder ás considerações ante-hontem feitas pelo sr. Ladislau Batalha sobre o que se passa em S. Thomé, referindo o que ha dias disse no Senado.

Aprovam-se a acta e o expediente.

Entra em discussão o parecer 752, que dá aos atuais praticantes da Direção Geral de Contabilidade Publica o direito de acesso aos logares de 3.º oficiais.

Falam sobre ele os srs. Antonio José Pereira e Ministro das Finanças.

No Senado

A pesca no Algarve. Um museu em Abrantes. O generalato

Abriu a sessão ás 15 horas, e 20 minutos. Preside o sr. Correia Barreto, secretoriado pelos srs. Ramos Pereira e Pereira Gil.

Não está nenhum membro do governo.

São lidos diversos projectos de lei, dos quaes já demos conta, admitidos e enviados para as comissões.

Muitos senadores pedem a palavra para quando esteja presente o sr. presidente do governo.

O sr. Ambrosio d'Oliveira apresentou o relatorio da comissão do inquerito ao extinto ministerio dos abastecimentos. E' egual ao que foi hontem apresentado nos deputados. Vae ser publicado no «Diario do Governo».

Obteve todas as dispensas; entrou em discussão, o requerimento do sr. Abel Hipolito, e é aprovado o projecto de lei que cria um museu regional em Abrantes—D. Lopo d'Almeida.

O sr. Sousa e Faro faz largas considerações sobre a pesca do Atum no Algarve, continuando as armações a serem prejudicadas pelos galeões.

Devia respeitar-se a epoca da pesca, desarmando-se os galiões nesta quadra.

Tinhem os 11 meses para poderem pescar muito bem á sua vontade. Ainda nos ultimos dias a armação do Ramalhete e Cabo de Sant' Maria sofreu graves prejuizos. As companhias estão muito oneradas com contribuições e o sr. ministro da marinha, tomará, por certo, as devidas providencias no sentido da questão apresentada mandando fazer uma rigorosa fiscalisação.

O sr. presidente comunicou que transmitiria as reclamações feitas ao sr. ministro da marinha.

O sr. Rodrigues Gaspar apresentou um requerimento sobre a escolha do general pelo conselho superior.

O sr. ministro da guerra ainda não concordou com nenhum dos propostos... até chegar aquele que o sr. ministro deseja escolher.

O sr. Pereira Osorio refere-se novamente ao processo da concessão da queda d'agua no rio Beça.

O sr. ministro do comercio deu explicações, declarando que o que é preciso é fazer a prova do que os documentos deram entrada na secretaria. Do inquerito resulta que os reclamantes intimados para deporem no respectivo processo não compareceram. Não pode proceder, por simples presunções contra funcionarios que só gratuitamente são acusados.

O sr. Alvares Cabral faz violentas considerações pelo que o caso sej devidamente esclarecido.

A saida do sr. Peres Trancoso

O pessoal do comissariado dos abastecimentos pede a demissão

O sr. Peres Trancoso, comissario geral dos abastecimentos, acompanhado do seu secretario, esteve hoje no comissarinado a despedir-se do pessoal que serviu sob as suas ordens.

Todo esse pessoal se solidarisou com o sr. Trancoso, pedindo a demissão colectiva.

Hoje, no comissariado, já se não aceitavam requisições, nem o pessoal atendia as pessoas que ali iam tratar de qualquer pretensão.

Banquete de homenagem

Realisa-se depois d'amanhã o banquete de homenagem que um grupo de amigos oferece ao sr. Henrique Holanda, vice-consul do Brazil em Portugal. A inscrição encontra-se aberta na ourivesaria Eloy, da Rua Garrett, 43, estando já inscritos, entre outros, os srs. Hipolito Santos, Diolindo Correia Leite, Rego Barros, Estevam Pimentel, Maximiano Foria, Julio Pires, Urbano Rodrigues e José Salgueiro Brandão.

Vinicultores da região do Douro

Reuniram hoje, pelas 14 horas, na Sociedade Propaganda de Portugal, os deputados e senadores da região duriense com a assistencia dos vogais da comissão delegada do comicio da Regua, srs. dr. Antonio Vieira de Sousa, dr. Mota Marques, Amancio de Queiroz e Amandio da Silva.

Trocaram-se impressões para a apresentação de resoluções concretas junto do governo, para se resolver de pronto a situação angustiosa que o Douro atravessa.

Epilogo d'um drama d'amor

Por ter sido dispensada a autopsia, realisa-se amanhã ás 14 horas o funeral do alferes da guarda republicana, Tulio Ferreira, o protogonista do drama ha dias ocorrido na rua do Bemformoso.

NOTICIAS DA CAPITAL

NEM JÁ ESCAPAM AS GAVETAS... —Até agora nos estabelecimentos supunha-se pelo menos que era nas gavetas que o dinheiro que se ia apurando estava bem guardado. Para demonstrar a José Jesus Pereira, estabelecido na rua Moraes Soares, 83 A, que isso não passava d'uma fantasia e que d'aqui em diante ele tem de ter mais cuidado com os seus dinheiros, um rico dinheirinho, Mario Fernandes Pereira, morador na rua Garrido, 8, loja, foi-se-lhe á gaveta e tirou de lá a quantia de 90$000.

Ora experiencia, uma simples experiencia, que o dono do estabelecimento não levou a bem, intrometendo no caso a policia, que não atendendo a circunstancias atenuantes, prendeu o Pereira, o qual jura e torna a jurar que não foi por mal!

A estada do lord-mayor de Cork em Paris

Quiz retardar a morte por alguns dias, declarou ele

Como o telegrafo já anunciou, está em Paris o sr. Barry Egans, lords mayor adjunto de Cork, exercendo as funções de lord-mayor.

O sucessor de Mac Swiney, que morreu de fome, é de Mac Curtain, que foi assassinado, é ainda novo, de rosto tranquilo e sorridente.

Um redactor do «Matin» foi entrevistal-o e perguntou-lhe:

—Qual o fim da sua visita a Paris?

—Simplesmente o de retardar por alguns dias a minha morte. O lord-mayor de Cork está condenado a morrer e nos ultimos tempos tive a impressão de que não tardaria que os Black and Tans me suprimissem...

—Não é então exacto que a Inglaterra e a Irlanda tenham entrado no caminho da conciliação?

—E' absoluto falso. Estive com o sr. de Valera antes da minha partida. Está resolvido, como todo o povo irlandez a lutar até ao fim, isto é, até á nossa plena independencia.

«Não aceitaremos nenhum Home rule, nem compromisso algum. Um Home rule seria para a Inglaterra apenas um meio para nos desarmar, a fim de em seguida nos esmagar mais facilmente.

«Acrescentarei que o sr. de Valera é optimista. Declarou que se, ha seis mezes, o povo irlandez mostrou um certo enfraquecimento, depois das ultimas represalias tornou-se mais forte e mais resoluto do que nunca.

A unanimidade dos cidadãos é pela Republica. Na eleições da Irlanda do sul, foram eleitos 124 republicanos e apenas 4 reacionarios.

O ministro da agricultura demite-se

O sr. Portugal Durão, que ha pouco tempo ainda, tinha sido nomeado para a pasta da agricultura, apresentou hoje a sua demissão.

Esteve no ministerio a apresentar as suas despedidas aos directores gerais.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 18. — Segundo o «Petit Parisien» os governos aliados esforçam-se presentemente, em preparar uma negociação final relativamente á questão da Alta Silesia. O conde de Sforza teria mesmo ultimado já uma solução d'essa questão que espera se torne aceitavel pela Alemanha e pela Polonia.—H.

CONSTANTINOPLA, 18.—O chefe do governo de Angora Sami-Bekir Bey apresentou a sua demissão.—H.

ROMA, 18.—Os jornaes comentam os primeiros resultados das eleições do domingo, frisando que os elementos extremistas foram completamente batidos e registam especialmente, o facto dos socialistas, para evitarem uma maior derrota, terem declarado sempre durante a campanha eleitoral que condenavam os processos dos comunistas, dos quaes se afastaram no congresso de Livorno.—(H).

PARIS, 18.— Informa o «Chicago Tribune» que o ministro da guerra americano se declarou no Senado, contrario a qualquer redução nos efectivos militares. Declara-se tambem oficialmente e que a retirada das tropas americanas do Rheno é, por emquanto muito problematica.—H.

ATENAS, 18. — Comunicam de Constantinopla que os dissenções entre Kemal Pachá e os seus partidarios se agravam dia a dia por motivo das concessões feitas pelo primeiro aos bolchevistas.—(H).

ROMA, 18.—Pelos resultado conhecidos das eleições triunfam por grande maioria os partidos da ordem que constituem o bloco nacional. Os populares catolicos diminuiram muito a sua anterior combatividade. No campo socialista faz-se notar o efeito da scisão com os comunistas, que tiveram exigua maioria. Teem-se realisado manifestações patrioticas em toda a Italia.—(H).

MILÃO, 18. — Nas eleições do domingo concorreram ás urnas 80 0|0 dos eleitores. Pelos apuramentos que se estão fazendo, espera-se que os socialistas conservem as suas posições nos grandes centros industriaes tees como Milão Turin e Florença.H.

LONDRES, 18. — Registaram-se nos arredores de Londres e Liverpool varias tentativas de incendios atribuidos aos sinn-feiners. A policia impediu, que levassem avante o seu intento. As noticias da Irlanda dão conta de grande actividade por parte dos sinn-feiners que teem tido importantes encontros com a força publica.

Das ultimas resultaram 10 mortos e 11 feridos. Em Dublin o inspector geral da Policia foi morto no proprio automovel.—(H).

Lêr amanhã:

"Os Sports"

Bancos & Companhias

Banco Nacional Ultramarino.—Segundo o relatorio agora distribuido, o saldo no ano findo foi de 8.986.143$00,2, quantia de que teem de ser satisfeitos os seguintes encargos: para o Estado, renda fixada 1.357.748$80,3, contribuições geraes 1.215.022$45,3, juros as obrigações de 4 1|2 0|0 42.062$70,0, o que reduz o saldo disponivel a 6.370.709$03,5, saldo a que a direcção propõe a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Permanente, 700:000$00; Para Fundo de Reserva Variavel, 400:000$00; Para os Titulos de Trabalho, 55:049$40; Para Subsidio a Caixa de Reformas e Aposentações dos nossos Empregados, 61:046$67,5; Para dividendo de 20 0|0 ás acções, incluindo os 12 0|0 já distribuidos e ficando de conta do Banco o encargo do Imposto de Rendimento e respectivas avenças de Contribuição de Registo e Imposto do Sello (Dec. n.º 4692, 5.743 e 5.036), 4.800:000$00; Saldo para conta nova, 354:612$95.

A assembleia geral reune no dia 28, ás 14 horas.

=Salão Central=

HOJE—Soirée ás 20 horas—HOJE

2 ESTREIAS 2

Jack, Coração de Leão

3.ª serie—A pista perigosa, 2 partes.
4.ª serie—Ao extremo da corda, 2 p.
5.ª serie—A caverna do dragão, 2 p. Estreia

No PROGRAMA

Vigiar o nosso visinho, 2 p. — Estreia. **Gibraltar**, 1 parte

Tourada em Algés pelos estudantes de medicina.

Concerto Adelaide Paixão

Na proxima quarta-feira, 25, pelas 21,30, realisa esta distincta discipula de Vianna da Motta, no salão do Conservatorio, um concerto em que fará a sua apresentação. N'este concerto toma parte, por deferencia, o professor João Passos.

Os bilhetes são amanhã postos á venda no Conservatorio e nos salões de musica.

Sociedade «ESTORIL»

Thermas do Estoril

Abertura do Estabelecimento Thermal em 15 de Maio.

Agua thermal, hypersalina, chlorurada sodica e magnesica, bicarbonatada sulfatada calcica e lithica, contendo elementos raros: fluor, bromio, arsenico, etc., radio-activa.

Alem das instalações para hydrotherapia, funcionam este ano já as novas instalações para a electrotherapia, photothrapia, mecanotherapia e massagens que vêem alargar consideravelmente as indicações dos tratamentos ministrados no estabelecimento.

Tratamento das doenças das fossas nasaes, da pharynge, algumas do intestino; o rheumatismo cronico, a gôtta, a nevralgia sciatica, as manifestações ganglionares e cutaneas do lymphatismo, outras dermatoses, doenças inflamatorias do utero e annexos, perturbações cardio-vasculares, a obesidade, a prisão de ventre habitual, etc.

Alem dos banhos de agua thermal, o estabelecimento fornece banhos de agua salgada e potavel.

Manucure, pedicure e cabelleireiro.

Sociedade Agricola Valle-Flor, Limitada

Por escritura de 16 do corrente, outorgada hoje perante o notario abaixo assinado, foi modificada esta sociedade, fazendo-se no respectivo pacto as alterações constantes dos artigos seguintes:

1.º

Os lucros liquidos da sociedade, separada a percentagem de 5% para o fundo de reserva legal, enquanto não estiver realisado ou sempre que for preciso reintegral-o, serão divididos por forma que do remanescente se atribuam 10% á quota do socio José Benevides, tanto no caso do § 2.º como no do corpo do art. 9.º da escritura de constituição da sociedade; 10% á quota do socio José Luiz de Valle-Flôr; e 80% ás quotas do socio Marquez de Valle-Flôr.

2.º

Os direitos sociaes inerentes ás quotas, cuja propriedade venha a estar separada do usufructo, serão exercidos pelos usufructuarios, mesmo nos casos de alteração do pacto social, dissolução, liquidação e partilha da sociedade.

3.º

Quando, por dissolução da sociedade, haja de se proceder á liquidação e partilha, o pagamento da quota do socio José Luiz de Valle-Flôr começará a ser feito com os seguintes bens sociaes:—todos os predios rusticos e urbanos, situados na freguezia de Alcantara, em Lisboa, compreendendo o Palacio de Santo Amaro e o predio da garage; a Quinta de Cintra e todas as suas pertenças; o predio da rua de São Nicolau, n.º 105, e rua do Crucifixo, n.º 40, desta cidade, onde está instalado o escritorio social; e os mobiliarios de qualquer natureza existentes na dita Quinta, no Palacio, garage e escritorio;—salvo se ele desistir do direito que assim lhe fica assegurado.

4.º

Em tudo o que por esta escritura não é alterado, ficam vigorando as citadas escrituras de 1 de Julho e de 18 de Novembro de 1912, 8 de Agosto de 1918 e 6 de Outubro de 1920.—Lisboa, 16 de Maio de 1921.—O notario, *Antonio Tavares de Carvalho.*

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta-feira, 19, no Entreposto de Exploração do Porto de Lisboa, em Santos, serão vendidas 15 sacas de arroz desnaturado, proprio para alimentação de animaes.

Sexta-feira, 20, ás 14 horas, nos armazens d'esta casa fiscal, em Porto Franco (Junqueira), proceder-se-ha á venda de mercadorias demoradas e salvadas do incendio ocorrido no Entreposto de Santa Apolonia, que constam de tecidos, chapas de ferro, aduelas, tintas preparadas e outras, que serão presentes no ato do leilão.

Alfandega de Lisboa, 14 de maio de 1921.

O Escrivão
Alfredo Marcelino de Almeida

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSORCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DE PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

VIDA SPORTIVA

LAWN-TENNIS

O torneio nacional do Club Internacional

Foram marcados os dias 26 a 29 deste mez para o «Torneio Nacional» que o Club Internacional de Foot-Ball vae organisar, encontrando-se desde já aberta a inscrição a todos os clubs de Lisboa, Porto, Coimbra, etc., na séde provisoria do Internacional, rua do Crucifixo, 86, 1.º

PATINAGEM

Uma festa nos Recreios da Amadora

Está definitivamente marcado o dia 28 do corrente pelas 21 horas, no Recreios Desportivos da Amadora a festa que o Hockey Club de Portugal leva a efeito.

Ao liceu de Passos Manuel onde este Club tem provisoriamente o seu rink de patinagem continúa a afluir numeros patinadores, o que prova que dia para dia vão crescendo mais adeptos por este lindo desporto.

No domingo passado realisou-se um treino de hockey em patins entre os 1.os grupos do Lisboa Ginasio Club e do Hockey Club de Portugal, estando marcado para o proximo domingo uma sessão pelas 14 horas, para o qual a direção pede a comparencia de todos os patinadores inscritos.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Leonor Teles».
S. LUIZ — A's 21 h.—«J. P. C.».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
GIMNASIO —A's 21,30— «Duas causas» «Agencia Texugo».
AVENIDA —A's 21,30 — «A Sombra».
POLITEAMA — A's 21,30 — «Amigo de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de ta».
EDEN—A's 21, h.—«Professor Stevenson».
SALÃO FOZ—A's 20,30 ...
COLISEU DOS RECREIOS—... —Companhia Great ...

Touradas

CAMPO PEQUENO.—No domingo realisa-se n'este praça uma corrida por amadores, á antiga portugueza e promovida pelo bandarilheiro amador sr. D. Pedro de Bragança. São cavaleiros os srs. D. Alexandre de Mascarenhas e Vasco Anjos (Fontalva), e bandarilheiros os srs. D. Carlos de Mascarenhas, João Coutinho, o promotor, F. Oliveira e Gama Lobo. Os forcados são profissionaes e temos como cabo Chico Marujo. O cargo de neto será desempenhado pelo sr. Joaquim Augusto Taveira Pacha e o de director da corrida pelo sr. D. Antonio de Portugal. Os artistas Luciano, J. da Costa, R. Largo, M. Falcão e «Malagueño» auxiliarão a corrida.

ALGÉS.—No segunda feira é a festa anual de Artur Felix, antigo bandarilheiro inutilizado para a profissão por uma corrida, tomando parte obsequiosamente varios artistas e o grupo de forcados formado pelos bandarilheiros Agostinho Coelho (cabo), Cadete, Falcão, J. Dias, A. Carvalho, J. Frois, F. Foix e Cebolas. Toureiam a cavalo José Casimiro e Simão da Veiga e a pé Tomé, Alfredo Santos, Custodio, J. Costa, Paulo Mascarenhas, R. Largo, «Malagueño» e Rosano, de tambem feitos por artistas e a direcção da corrida está a cargo de Manuel dos Santos.

Serão corridos des touros do lavrador sr. Joaquim dos Santos (da Ribeira de Santo Estevam).

A CAPITAL

3785 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 19 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

O sr. Bernardino Machado e a imprensa

O sr. presidente do ministerio atacou hontem vivamente toda a imprensa, no seu discurso do Senado, insistindo na sua afirmação de que não ha uma imprensa republicana. «Naturalmente — comenta hoje «O Seculo» — porque não ha uma imprensa sua.» A atitude do sr. Bernardino Machado legitima este comentario.

Não, o sr. Bernardino Machado não é justo, acoimando assim de adversarios da Republica ou de alheiados aos seus destinos, jornaes em que o actual presidente do ministerio tantas vezes encontrou um apoio enthusiastico e desinteressado para os seus esforços em prol da Republica. Todos ou quasi todos os jornaes que s. ex.ª quiz atingir o auxiliaram poderosamente na sua obra de propaganda, até mesmo, mais tarde, na sua obra de governo. Com eles manteve o sr. Bernardino Machado muitas vezes um contacto diario, indo ás suas redacções, procurando inspiral-os, e não lhes negando então os seus elogios pela acção que desenvolviam, a favor das ideias e das instituições republicanas no seio da sociedade portugueza.

Dirá o sr. presidente do ministerio que esses jornaes mudaram? Não mudaram. Quem mudou, infelizmente, foi o sr. Bernardina Machado.

Para cumpreender esta afirmação é necessario fazer um pouco de historia em relação á vida politica de s. ex.ª.

O sr. Bernardino Machado veio para as fileiras republicanas, se não estamos em erro, em 1905, e foi recebido de braços abertos. Mais ainda: dentro em pouco, s. ex.ª era já considerado um dos chefes do partido republicano, e ninguem, n'esse partido, onde existiam grandes vultos doutrinarios, republicanos quasi desde o berço, como Manuel de Arriaga, como Theophilo Braga, como Bazilio Telles, como Magalhães Lima como Sampaio (Bruno), ninguem, absolutamente ninguem, levantou qualquer especie de embaraços á irradiação d'esse novo astro da democracia. O seu prestigio, a sua direcção, crearam-se por concenso geral, e n'esse concenso entrou a imprensa que não teve para o sr. Bernardino Machado senão palavras de admição e estimulo.

Por força um poderoso motivo devia justificar este instantaneo sucesso politico. Esse motivo existia. O sr. Bernardino Machado — perdoem-nos a banalidade da expressão — vinha preencher uma lacuna no partido republicano. Todos os grandes democratas que citamos representavam grandes virtudes no credo republicano inspirados.

Mas nenhum d'elles, confinados no dogmatismo dos principios, na irreductibilidade d'um largo combate contra a monarchia, representava as normas da tolerancia. O sr. Bernardino Machado, com a ductilidade do seu espirito, com a bondade do seu coração, até com o seu feitio patriarcal, vinha dar a segurança de que a tolerancia seria uma norma republicana, e o paiz inteiro viu n'elle um penhor da possivel transformação do regimen sem que os candieiros servissem de instrumentos de execução para os inimigos da democracia, como tantas vezes o clamara a exaltada rhetorica dos comicios.

Seria uma profunda injustiça negar que o advento do espirito da tolerancia, personificado no sr. Bernardino Machado, constituio um dos factores mais importantes para a facil e rapida implantação da Republica. O sr. Bernardino Machado chegou a ser adorado. Era um santo. Era a bondade em pessoa. Na sua alma, nenhuma especie de ressentimento. No seu cerebro, nenhum pensamento de revindicta. E até a linha fidalga do seu porte, quando lhe morriam aos pés os improperios dos inimigos da Republica, parecia significar aos olhos do povo o testemunho vivo da selecção que as democracias operam, só enobrecendo os talentos, os sacrificios e as virtudes.

Infelizmente, um sucesso lamentavel destituio o sr. Bernardino Machado de funcções em que constitucionalmente fôra investido. Foi um acto violento, que feriu, em cheio, no coração o sr. Bernardino Machado, e é humano que tal fosse a impressão experimentada. Dera-se uma revolução, e os vencedores usaram do direito dos vencedores, que não estará inscripto nos codigos, mas que é uma realidade nos factos historicos. Isso não justifica a dureza do procedimento adoptado contra o sr. Bernardino Machado. Apenas explica as circunstancias que o tornaram possivel. Em todo o caso, o sr. Bernardino Machado sofreu a sua destituição e o seu exilio com toda a agrura d'uma iniquidade. Ninguem lh'o pode levar a mal. O que é pena é que o seu espirito patriotico não conseguisse subtrahil-o a um resentimento que o azedou, que perturbou as suas naturaes qualidades, e que fez com que, de volta do estrangeiro, nós vissemos surgir na arena politica um outro Bernardino Machado, infelizmente bem diverso do que conquistara todos os corações pela benignidade do seu temperamento e pela doçura da sua doutrina.

O homem de Estado não póde deixar-se possuir pelos seus sentimentos pessoaes, embora justos, porque tem de encarar de muito mais alto, e duma maneira impessoal, as circunstancias politicas e sociaes dos paizes em que a sua acção se exerce. O sr. Bernardino Machado tinha de esquecer os agravos de que fôra victima, como nós todos temos de esquecer os nossos agravos se quizermos que a nação e a Republica se salvem. De resto esses agravos são mutuos, e dificilmente se investigaria a sua origem. Do que Portugal necessita é duma vasta amnistia moral, aquela que se não inscreve em decretos, mas que se estabelece nas consciencias e se imprime nos corações.

Como seria belo que o sr. Bernardino Machado, honrando as suas proprias tradições de bondade natural e de tolerancia reflectida, se apresentasse perante a sociedade portugueza prégando, com o proprio exemplo, essa amnistia geral e urgente! Ninguem mais do que ele, fôra afrontado. Pois bem! Ninguem esqueceria mais depressa do que ele para que a união entre todos, abertamente todos os elementos republicanos, se tornasse uma realidade benefica e fecunda. Propiciava-lhe esta atitude um facto para que não concorrera. Procurando o homem que principalmente o afrontara, o sr. Bernardino Machado defrontava-se com um tumulo.

Tem sido esta a atitude do sr. Bernardino Machado? Desgraçadamente, não o tem sido. Deante do paiz apareceu um outro Bernardino Machado, diverso d'aquele que por uma extremada bondade, por uma superior tolerancia, se impuzera legitima e fulminantemente ao seu culto. Não era o homem de paz, o homem do perdão, o homem da indulgencia que atenua as proprias severidades da justiça. Era um espirito apaixonado, um orgulho ferido, estuando de paixão, que vinha unir os seus despeitos e resentimentos ao côro ululante d'outras paixões. Queixa-se o sr. Bernardino Machado da imprensa. Quem foi que mudou?

O sr. Bernardino Machado não podia contar, n'estas condições, com uma imprensa que o aplaudisse e apoiasse. A imprensa reflecte as aspirações geraes da nação. A imprensa quer a pacificação dos espiritos, a desaparição de todos os rancores que dividem ainda tantos e tantos republicanos. D'esses republicanos muitos erraram? Cometeram mesmo faltas graves? Quem será, d'entre eles, que possa arremessar a primeira pedra aos que procura hostilisar? Voltemos ao tempo antigo. Reintegre-se o sr. Bernardino Machado na sua personalidade de outr'ora, tão elevada e tão atraente. Seja de novo o homem da concordia, não só em palavras, mas em actos.

Vença-se a si proprio, que é a maior victoria que o homem pode alcançar na terra. E se com isso sofrem os seus resentimentos, quanto não ganhará o seu espirito, quanto não ganharão mesmo a Patria e a Republica.

Politica turca

O tratado de paz com a França
Uma vitoria dos extremistas

CONSTANTINOPLA, 19—Segundas ultimas noticias de Angora, a comissão dos Negocios Extrangeiros da Assembleia Nacional aprovou o texto do tratado de Paz franco-turco, sem formular quaesquer reservas. O referido tratado será submetido á Assembleia Nacional para ser retificado. Os nacionalistas acham-se, porem, divididos n'essa questão e a isso se deve a demissão do ministro dos extrangeiros que era partidario da ratificação sem reservas em virtude dos compromissos por ele tomados na conferencia de Londres.

Os nacionalistas extremistas pretendem a introdução de algumas reservas, tendo adoptado esta atitude de intransigencia depois das victorias alcançadas sobre os gregos.—(H.)

CONSTANTINOPLA, 19.—O general Ferid Pachá desempenhará interinamente o cargo de ministro dos extrangeiros do governo de Angora vago pela demissão de Bekir Samy Bey. A demissão deste é encarada como um triunfo dos nacionalistas extremistas.—(H.)

No comissariado dos abastecimentos

O movimento hoje foi nulo

No comissariado dos abastecimentos continuaram hoje a não ser recebidas requisições, mantendo-se o pessoal na atitude que assumiu ao afastar-se o sr. Peres Trancoso.

Dizia-se hoje, sem que contudo o possamos afirmar, que esse oficial voltará a exercer o seu logar, a instancias do sr. dr. Bernardino Machado, acrescentando-se que dependia do conselho de ministros a resolução definitiva do assunto.

O certo é que o pessoal em serviço no comissariado se considera demissionario.

Problema importante a resolver

O fabrico do gaz da agua para industrias e iluminação publica. Quando é que a Camara Municipal resolve pensar no assumpto

Para se preparar o gaz da agua é preciso empregar como materia prima, o carvão, que pode ser o coke, a hulha e a linhite. Um kilogrma de coke, com 90 0|0 de carbone, produz 2,5 metros cubicos de gaz de agua; a hulha 2m3 e a linhite 1m3.

O carvão de madeira pode tambem ser empregado, mas com um rendimento que depende da sua qualidade.

O gaz da agua, em bruto, contem 40 a 50 por cento em volume de hidrogenio, 40 por cento de oxido de carbone, 4,7 por cento de gaz carbonico, 4,5 por cento de azote, e cerca de 1 por cento de oxigenio; o poder calorifico é de umas 2.500 calorias por m3 e custava uns 6 a 10 réis, por metro cubico.

Como se sabe, todas as preocupações dos que teem estudado o fabrico aperfeiçoado do gaz da agua teem consistido em lhe extrair o oxido de carbone, para assim se poder empregar na iluminação.

A ileminação do oxido de carbone foi tentada tambem por Bauer (1887), adicionando ao carvão, oxido de ferro, o qual é reduzido a ferro metalico.

Pritschi e Beaufils, em 1887 proposeram para que o oxido de carbone fosse absorvido com uma solução de cloreto cuproso, que é logo regenerada, libertando-a do oxido de carbone absorvido, por meio do vacuo.

Um gas de agua obtido pela ação do vapor de agua e carvão purificado apenas com oxido de calcio, para absorver o unidrido carbonico, submetido á analise deu os seguintes resultados: Hidrogenio 36 0|0; oxido de carbone 51 0|0; azote 7 0|0; gaz carbonico 4 0|0. Semelhante gaz, pela excessiva temperatura que produz na combustão, por causa da elevada percentagem de oxido de carbone, não se utilisa para a iluminação; mas constitue uma fonte importante de energia para as industrias.

Em 1893, a casa Krupp, de Essen, modificou bastante o processo do fabrico fazendo misturar directamente com o carvão, a cal, para assim ser logo absorvido o gaz carbonico, á medida que se vae produzindo. Assim se evita a formação do oxido de carbone.

Krapp obteve vantagens notaveis, misturando o carvão com carbonatos e hidratos alcalinos ou terras alcalinas: d'esta maneira, já a temperatura bastante baixa, apenas começa a acção do vapor de agua se liberta um gaz, composto só de hidrogenio e anidrido carbonico, sem azote do ar. Este gaz da agua não é venenoso e pode ser empregado directamente como combustivel.

Com ele se pode obter á vontade hidrogenio puro e gaz carbonico puro, liquifazendo o anidrido carbonico por meio de pressão e resfriamento.

A casa Krupp que possue grandes minas de Hulha, em Essen, que explora para o fabrico do coke metalurgico, que emprega na sua industria do ferro e aço viu vantagem economica no fabrico do gaz da agua.

Nos Estados Unidos emprega-se tambem com vantagem esse gaz, em logar do gaz iluminante, carburam-no com petroleos leves, para o tornarem mais luminoso.

Actualmente emprega-se com grande vantagem o gaz da agua, tornando-o luminoso por meio das camizas de incandescencia, constituidas por oxidos de Zirconio, torio etc.

O gaz da agua, o gaz do ar, o gaz pobre teem produzido grandes vantagens nas industrias, permitindo que nos paizes pobres em carvão, o motor a gaz substitua com vantagem, em muitos casos, a maquina a vapor.

Todos estes gazes são empregados para produzir força motriz com os motores para gaz.

O «cavalo hora» sae por um preço que varia com a potencia do motor e custa um terço menos do que o cavalo hora electrico e um quinto a um sexto menos que o «cavalo-hora» vapor, segundo a magnitude das caldeiras e das maquinas.

Com 800 litros de bom gaz da agua pode-se produzir um cavalo hora e a sua potencia calorifica oscila entre 2500 e 3500 calorias por metro cubico, carburando o gaz da agua com benzina a potencia calorifica ascende até 5000 calorias.

Não vemos pois porque motivo não se ha de procurar resolver entre nós, em parte, o problema da energia mecanica, recorrendo ao fabrico do gaz da agua, que talvez podesse ser reproduzido em quantidade suficiente para a iluminação da cidade. O que não se pode compreender é a indiferença em que se conserva a Camara Municipal de Lisboa, perante a solução do problema da iluminação da cidade, que está em peiores condições do que a mais insignificante aldeia da Suissa.

J. Correia dos Santos

«PARIS-NOTICIAS»

Recebemos o primeiro numero deste bem redigido semanario, edição parisiense do nosso prezado colega «Diario de Noticias».

Saudamol-o.

DIZE-TU DIREI EU

A'S «LILIS»

Uma tarde destas quando entrava no «Trianon» para a minha chicara de chá—eu adoro o chá como Racine—tive o prazer de encontrar o meu amigo X... cujo perfil duma nitidez admiravel me faz lembrar certas aguas-fortes de Rembrandt e que eu não via desde um concerto em S. Carlos, ha dois anos, onde se fez musica de Wagner e onde ele me falou da sua paixão por uma franceza conhecida. Abraçamo-nos, convidei-o para o meu chá e cinco minutos depois entre uma chicara de porcelana e uma jarra de flôres conversávamos de tudo—de politica, de literatura, de mulheres. Uma luz do fim de tarde scintilava, palpitava, alastrava, escorria á nossa volta como uma névoa doirada, nos bolos de ovos, nas toilettes frescas, nos assucareiros doces. Nisto chamou-me a atenção um rapaz e uma rapariga: ele muito loiro, muito oleoso, muito cintado; ela muito esperta, muito alegre, muito viva—que conversavam meia duzia de mesas diante da minha, em volta de duas, quasi pequeninas taças de morangos gelados. Olhei-os com curiosidade—com insistencia. Fez-me impressão o contraste. Tudo nele cheirava a mulher, as olheiras pintadas, os seios postiços, o pó de arroz cor de rosa, o proprio fio de ouro da pulseira que lhe mordia o pulso,—pelo contrario, tudo nela era masculino, o vestido, o monoculo, o cigarro, os gestos, a despretenciosa naturalidade com que cruzava a perna—e a indiscreta familiaridade com que mostrava as ligas. Tive a sensação de que era ela que o namorava a ele—e não poude deixar de dizer ao meu amigo emquanto ele comia gulosamente um bolo de creme:

—Você já reparou que os homens estão a transformar-se em mulheres.

—Que mania que você tem de fazer blagues.

—Veja aquele rapaz que ali está. E' o ultimo figurino e entretanto parece recortado das ultimas caricaturas de Sem. Repare. A ultima moda é aquilo. Todos nós estamos assistindo todos os dias—e com que dolorosa evidencia—á virilisação da mulher e a efeminisação do homem. Nunca reparou, meu amigo, nos nossos elegantes que pousam todas as tardes no Chiado, com os seus labios de carmim, os seios de algodão, aquele arsinho de maricas que lhes empresta ao mesmo tempo a configuração duma caricatura—e dum pastelinho de nata? São os meninos da moda. São como ainda hontem lhes chamava uma inteligente senhora das minhas relações—as «lilis» do nosso tempo.

Os homens precisam reagir contra os alfaiates—e contra as modistas. Emquanto os homens se limitaram a uzar o espartilho e as ligas das mulheres—admitia-se. Toda a gente o suspeitava—mas ninguem as via. Mas agora que os homens (os da moda é claro) ameaçam uzar todos os defeitos de «notre sœur farouche»—não, meu amigo, não. E' a natureza que o não consente. São as excelentes relações entre os dois sexos que o impedem. Você não está de acôrdo comigo?

—Estou. Mas olhe lá: o que fazia você se as mulheres, neste delirio de imitar os homens, viessem a uzar calças, como nós?

—Fazia-me alfaiate.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

A Alemanha e os aliados

O governo alemão executará as clausulas do «ultimatum»

PARIS, 18.—O dr. Mayer, embaixador da Alemanha em Paris, teve esta tarde com o sr. Briand uma conferencia de caracter pessoal, na qual lhe renovou a certeza de que o novo governo alemão estava resolvido a executar todas as clausulas do *ultimatum* e lembrou-lhe que o gabinete de Berlim já aceitou as condições da nota da comissão de *contrôle*, relativa á execução para o dia 22 do corrente das clausulas serias do tratado.—*(H).*

A reunião do conselho supremo

LONDRES, 19. — Diz a Agencia Reuter que, segundo informações de fontes bem informadas, sabe que o conselho supremo deve reunir provavelmente lá para o fim da semana corrente; pensa-se que o governo francez estará disposto a encontrar-se com os aliados em seguida ás declarações que o sr. Briand fez na camara.—*(H).*

As recitas e as despezas do Estado

Um alvitre que se nos afigura sensato.—Como pô-lo em pratica?

Sr. director de A Capital. — Todos sabem infelizmente, como a vida encareceu por uma forma aterradôra.

O Estado tem-se visto forçado a auguentar as suas despezas, sem ter encontrado meio de avolumar proporcionalmente as receitas. O valor da moeda ouro é que regula hoje o equilibrio da vida mundial. Para que em Portugal se possa fazer face aos encargos da vida, é preciso que os honorarios das diversas classes sociaes sejam estabelecidos da forma que se acompanhe a depreciação do valor da nossa moeda. Tanto as receitas do Estado como o pagamento a fazer aos seus funcionarios devem ser estabelecidos provisoriamente dentro da seguinte formula: multiplicar as quantias que eram pagas nos vencimentos dos funcionarios, antes da guerra, por um factor que seja egual á relação entre o valor actual da libra e o valor que tinha antes da guerra. Assim por exemplo, quem ganhava 30 escudos em 1914, deverá ganhar hoje 30 escudos multiplicados por 10; visto que é este o resultado da relação entre o valor da libra actual e o que tinha antes da guerra.

Da mesma forma as contribuições deverão ser pagas ao Estado dentro d'essa mesma relação.

E' claro que esta situação será provisoria e á medida que o cambio se for normalisando, o valor do coeficiente vae tendendo para a unidade e os vencimentos tenderão para o que eram antes da guerra.

Agora pergunta-se: Pode o contribuinte pagar uma quantia que seja equivalente a 10 vezes mais do que pagava antes da guerra, por exemplo a contribuição predial, com uma lei de inquilinato como a actual?

E' este um assumpto a estudar e que talvez possa encontrar solução. Emquanto assim não se fizer, a vida do funcionario será sempre atribulada.

E' preferivel, tudo o aconselha, que se faça quanto antes uma redução dos quadros, tanto nos militares como nos civis, se pague melhor aos que fiquem ao serviço e se lhes exija trabalho. Aqui tem v. esta opinião que me parece não ser para desprezar. — Sou de v. ... etc. — *Um seu leitor.*

A questão das subsistencias

Um caso digno de ser devidamente ponderado

Sr. director de «A Capital».—Agora que o sr. Peres Trancoso se licenciou do Comissariado dos Abastecimentos, venho por este meio importuna-lo afim de ver se, com a intervenção do seu excelente jornal, se põe cobro a um verdadeiro contrasenso que atualmente se dá com o abastecimento de manteiga. Sabe V. muito bem, sabe-o toda a gente, qual é o regime actual: manteiga a 4$80 o quilo por cartas de racionamento; toda a gente á procura dela, pelos depositos, pelos seus fornecedores, pelos amigos—mas sem jámais a encontrar.

Ora não sendo possivel encontrar aquele genero em Lisboa, lembrei-me eu—e pode lembrar-se qualquer pessoa—de socorrer-me dum amigo, do Funchal, e pedi-lhe que me arranjasse manteiga e m'a enviasse.

Esse meu amigo prontamente acedeu ao meu pedido, e enviou-me 5 quilos de manteiga. E agora, para o que vou contar, é que peço a V. a fineza de chamar a atenção da pessoa, certamente ajuizada, que vai suceder ao sr. Peres Trancoso: quando eu muito contente da minha vida saia do vapor com a festejada manteiga fui abruptamente, por intermédio dum senhor guarda-fiscal, aliás muito delicado, intimado a devolver a dita ao remetente, porque (dizia ele, e eu depois verifiquei ser verdade) o Comissariado dos Abastecimentos não permitia a sua saida do vapor.

Pergunto, sr. director, este regime de disparate — mas disparate prejudicialissimo, porque implica até com a vida das pessoas, (eu por exemplo tenho uma pessoa de familia doente do estomago, que não póde ingerir outra gordura senão manteiga), — póde continuar?!

Que espantem todas as subsistencias do mercado para fóra, está bem; póde até ser que assim resolvam o famigerado problema das ditas, mas impedirem-me a mim, ou a qualquer, conseguindo arranja-las por outro lado, de as comer, é que não está nada bem. Já que eu, depois de exgotantes trabalhos, consigo arranjar subsistencias, para mim e para os meus, deixem-me subsistir. Não acham isto rasoavel?

Subscrevo-me de v. etc. — *Eduardo Teixeira.*

FRANÇA E PORTUGAL

Uma convenção aduaneira entre os dois paizes

PARIS, 18. — Diz o «Temps» que o sr. Briand entregou ao ministro de Portugal em Paris, sr. João Chagas, um projecto de convenção aduaneira, ha muito tempo em negociações entre a França e Portugal.

O referido projecto contem concessões reciprocas sobre os direitos a que estão sujeitas as mercadorias dos dois paises, sobretaxas sobre os entrepostos tanto em França como em Portugal e garantias mutuas para a protecção das marcas de origem. O sr. João Chagas deve embarcar em Bordeus, na proxima sexta feira, a bordo do «Lutetia», com destino a Lisboa, a fim de submeter o projecto ao seu governo.—(H).

DOIDA NÃO E NÃO!

As palavras voam e os escritos ficam

E é porque ficam que eu posso, leitor, proporcionar-lhe uns bocadinhos de prosa que vai certamente apreciar, como eles merecem.

Declaro-lhe desde já que não deve parecer estranho que sem previa autorisação (que eu não pedi) dos seus autores eu lhes dê publicidade. Tive o cuidado de me informar se podia fazê-lo, junto de pessoa muito competente e a resposta foi afirmativa, visto a copia dessa prosa estar junta ao processo—crime, o que dispensa qualquer autorização especial. Ora, como no referido processo eu tenho um dos principais papeis e a referida prosa me é dirigida, não tenho de que ter escrupulos, nem hesitações.

¿Lembra-se o leitor de eu ter no numero de «A Capital» do dia 23 de Agosto do ano passado, intimado o sr. dr. Antonio Balbino do Rego a apresentar em publico, zincogravada, em qualquer jornal á sua escolha, sob qualquer forma, ainda mesmo como a de anuncio, a carta que eu lhe escrevera, do Conde de Ferreira, pouco depois do meu primeiro internamento e da qual andavam umas palavras nas colunas do «Diario de Noticias», mandadas publicar, sem duvida, por alguem que pretendia com elas explicar coisas e loisas? Por certo que o leitor o não esqueceu e reparou com certeza, tambem, de que o sr. dr. Balbino do Rego ficou silencioso á minha intimação.

Pois eu, muito mais generosa do que esse senhor e muito mais lial, vou publicar na integra, sem que êle me haja intimado, as duas cartas que o sr. Dr. Balbino Rêgo me escreveu, depois de ter em 1918, como um «honesto Iago» aconselhado o sr. D. Alfredo da Cunha a que metesse dinheiro na bolsa e me metesse a mim no Conde de Ferreira.

«Minha Ex.ma Amiga Snr. D. Adelaide: 9-12-918.

Porque havia uma base segura na minha esperança em ter noticias directas de V. Ex.ª?

Mas se o meu direito junto da snr.ª Adelaide não provêsse senão da sua bondade e estima com que sempre me tem penhorado?

Verdade seja que na lista das pessoas que poderiam ter noticias de V. Ex.ª figurava, tambem por amiga concessão o meu nome. Dai a ilusão que me mantive de que lhe não seria desagradável comunicar comigo e um quási nada de desapontamento (tive dificuldade em encontrar o termo) ao saber que havia cartas da snr.ª D. Adelaide, mas que nenhuma era para mim.

Bem sei, bem reconheço o valor da sua objecção: apenas escreveu para pessoas de familia e das mais intimas. Mil perdões, minha Ex.ma Amiga.

Para vingança lhe digo eu, minha Senhora, que, se qualquer noticia tivesse aqui digna do seu conhecimento e interesse, lá lha mandaria.

A' sua prespicácia sei já não escapou o falecimento do pobre Eduardo. Um mofino acaso lho fez saber, quando é certo que, por parte de todos que a estimam, houve o empenho de lhe poupar o grande abalo, certamente provocado com a perda dum irmão extremosissimo.

Aceite v. exª a expressão da minha condolencia e fique certa de que ao Eduardo, emquanto vivo, não faltaram os cuidados e carinhos que exigia o seu estado cada hora mais melindroso.

Da sua casa de S. Vicente não digo por emquanto nada. Espero as suas ordens a tal respeito, confiando que breve chegará a hora em que será agradável a v. ex.ª saber coisas daquela morada aprasivel a que agora falta... o centro á volta do qual roda e vive tudo que é de lá. Aguardemos não é?

Honre v. ex.ª com as suas ordens quem se assina.

De v. ex.ª creado e amigo obg.º
Antonio Balbino Rego.

(A cópia do original desta carta está junta a fls. 658 dos autos).

Não desejando tomar hoje mais espaço a este jornal, para não abusar da muita bondade do seu digno Director, reservo para amanhã os comentários que me sugere a carta que acabei de transcrever. Entretanto peço ao leitor o favor de guardar este numero de «A Capital», até amanhã, para poder seguir, pela leitura deste interessante documento, as minhas considerações.

Muito propositadamente, para que a prosa do sr. dr. Balbido Rego fosse apreciada e conservasse todo o seu sabôr... não a interrompi.

Maria Adelaide

Conferencias

Na Universidade Popular Portuguesa realisa hoje, ás 21 horas, o sr. dr. Faria de Vasconcelos a sua oitava conferencia sobre «Educação das familias».

A entrada é publica.

—Na séde da Liga Naval, realisa no proximo domingo, pelas 21,30, o sr. Zuzarte de Mendonça (Filho) uma conferencia de propaganda sobre a ilha da Madeira. A poetisa sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros recitará poesias.

NOTAS FALSAS

TRISTEZA

Já reparou o leitor que o amor, quando lhe dá para derrancar em cheio o peito d'uma pessoa produz mais tristeza que a morte d'um parente chegado?

Parece que a paixão amorosa — essa picada de mosca Tze-Tzé que põe o coração em quarenta e muitos graus de febre—não é afinal coisa de por ahi alem no caminho da felicidade e que o amor—essa janela que abrimos no coração para o tedio se distrair, como disse um poeta meu amigo—quando a drega de pegar, causa mais aneias do que a aproximação do vencimento de uma letra!

E' flagrante encontrar se um amigo, olheirento e magro, com as faces a escaldar de febre, os olhos em postura mistica, gestos cahidos, sem vida, a dizer-nos com uma voz tarjada de luto carregado:—«Encontrei uma mulher que me adóra e a quem amo com todas as ganas da minha alma! Não calculas como sou feliz!»—e por mais que se olhe e prescute, observe e analize, essa famosa felicidade que o nosso amigo atira aos pincaros do Nirvana, soa como marcha funebre, cheira a cera queimada e até dá vontade de pôr um fumo no braço!

E' o amor uma felicidade? Se é, porque misterio são os que amam mais tristes do que uma fonte sem agua? Se amor e os tratos amorosos, são a maior alegria da terra, porque motivo é que essas alegrias põem uma cara de palmo e meio e dão ao peito umas melancolias de cortar o coração?

Eu sei que, ser triste, é na opinião de muita menina necessitada, vento de bôa catadura para sarpar paixões, se, que a tristeza, segundo dizem, é a unica face autentica do ser humano, nas entrão para que se diz que o amor sabe a nétares, que é o paraiso, que não ha nada melhor e tal, e coisas? Ou é com, ou é mau! Se é mau, paciencia e cade um que se livre, se é bom vamos lá e isso que é que é bom é para se ver. Intrujar é que não vale.

Que, aqui para nós, eu conheço o segredo da moeda. Como o amor contrae sempre dividas que podem ir de uma carga de pau a uma penhora por conta da mercearia, os amorosos se, um ditado «tristezas não pagam dividas» assim se furtam ao pagamento!

Ou não será isto?

Henrique Roldão.

A guerra civil na Irlanda

Uma audaciosa tentativa para libertar o vice presidente da Republica irlandeza

Já o telegrafo noticiou a tentativa feita para libertar o sr. Artur Griffith, vice-rei da Republica irlandeza, mas é interessante a narrativa completa de como essa tentativa foi levada a efeito.

Como se sabe, na prisão de Mountjoy, em Dublin estão encarcerados alguns chefes dos «sinn-feiners».

Na sexta feira de manhã cedo, um automovel blindado, em que se encontravam muitos soldados, acabava de parar em frente do matadouro da cidade, quando foi cercado por homens armados, que dispararam contra esses soldados. Estes responderam vigorosamente ao fogo dos adversarios, mas foram rapida[illegible] vencidos, visto que os «sinn-feiners» eram em maior numero.

Depois de terem amarrado e amordaçado os soldados, dois dos quaes estavam ligeiramente feridos, os sinn feiners tomaram logar no auto, que seguiu com toda a velocidade em direcção á prisão de Monntjoy.

Chegando em frente da porta principal do edificio, o veiculo parou bruscamente e tres sinn-feiners, que durante o percurso haviam envergado o uniforme de oficiais inglezes, apearam-se do auto, avançaram para a sentinela e ordenaram-lhe que mandasse abrir as portas. Julgando tratar com verdadeiros oficiaes, o soldado apressou-se a cumprir a ordem e o auto avançou lentamente no pateo.

Os «oficiaes» penetraram no gabinete do governador da prisão, amarraram-no e amordaçaram-no, depois atravessaram de novo o pateo e tornaram por um corredor que ia ter aos corredores dos prisioneiros politicos.

Mas o que se passava excitou a curiosidade dos soldados que estavam no pateo, os quaes, por sua vez, penetraram nos corredores.

Avistaram os tres «oficiaes», que não estavam sósinhos. Conversavam socegadamente com o sr. Artur Griffith, vice-presidente da Republica irlandeza. Avistando os soldados, os tres «oficiaes» fugiram e, apezar de perseguidos, conseguiram meter-se no auto blindado, que desapareceu.

Devemos concordar em que a aventura não é em cousa alguma inferior ás façanhas dos heroes de folhetins.

Uma entrevista entre Lloyd George e De Valera?

NEW-YORK, 19.—O secretario de De Valera declarou que tanto este como os seus partidarios e colegas se achariam dispostos a discutir a conclusão da paz na Irlanda com o sr. Lloyd George no caso de ser exacta a informação do «Freemans Journal» de Dublin que afirma achar-se o primeiro ministro inglez disposto a realisar uma entrevista com De Valera sem impôr qualquer condição previa.—(H.)

Theatros e Cinemas

Medalhões

Henrique Alves

Pickwic *foi um tipo optimo. Na galeria dos mais diversos generos que Henrique Alves tem criado, ele ficará dum comico irresistivel.*

Mas, é uma injustiça o que acabamos de escrever. O seu rapaz do Petit Café, *os seus galãs alegres, cheios de juventude do velho palco de D. Amelia, nunca esquecerão a todos que acompanham a nossa vida teatral.*

Velhos, novos, cinicos, galãs, na comedia ou na opereta, no vaudeville *e até no drama, Henrique Alves só tem triunfado. E' um artista culto, um artista inteligente, um artista querido.*

O seu Gaspar *vae por certo ser mais uma prova do seu incontestavel valor.*

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO POLITEAMA — Amor de apaches, *opereta em 3 actos de Carlo Lombardo, tradução de Bermudes, Rodrigues e Bastos* : : : : : : : : : : :

Em «reposição» deu-nos hontem Amarante o «Amor de apaches», visto apenas umas seis noites em Lisboa, na epoca passado.

Pertence áquele genero de teatro musicado que os italianos forjaram durante a guerra quando se lhes fechou o mercado viennense, e para a confecção do qual não se importaram, o sr. Lombardo e outros, de ir cortar na fazenda alheia.

Saberão, por acaso, os leitores que na partitura desta opereta havia um trecho inteiro da «Corte del Faraon» e que a empreza muito prudente e honestamente cortou?

De resto, da peça e do desempenho, como na primitivo, já «A Capital» disse no seu tempo proprio.

A. F.

Noticiario

Entre nós

Entrou em ensaios no Politeama a «Miss Diabo», da parceria portuense.

—Segundo nos consta, a parceria lisbonense está com tenções de escrever uma opereta popular para a epoca de verão, e no inverno fazer montar outra opereta que poderá ser «Cow Boy».

—Acha-se em Lisboa o actor Carlos Leal, autor do livro «No Palco e na Rua» a que nos referimos ha dias.

—Mais um original entregue no Nacional. O do sr. Humberto Lima, oficial de cavalaria e poeta, «Lusitania».

—Agradecemos ao «Correio da Manhã» a publicação amavel de todas as nossas noticias teatraes. Os amigos são para as ocasiões.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Leonor Teles».
Camelias».
S. LUIZ — A's 21 h.—«Sinos de Corneville».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA —A's 21,30 — «A Sombra».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21, h.—«Professor Stevenson».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troláró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Estabelecimentos novos

No proximo domingo pelas 15 horas, realisa-se a inauguração da nova fabrica de moagem sita na Estrada da Torre, do Lumiar, pertencente ao sr. Antonio Castanheira Moura.

Agradecemos o convite que recebemos.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

METODO CALIGRAFICO.—Foi publicada a 3.ª edição deste metodo, da autoria do distinto professor de caligrafia sr. Pinto de Mesquita. Se outros requesitos não tivesse a recomendal-o, que tem, bastaria o facto de ser já a 3.ª edição para demonstrar o seu valor.

A edição, da papelaria Guedes, da rua Aurea, é cuidada.

CAMARA DE COMERCIO DO RIO DE JANEIRO.—Recebemos e agradecemos o bolhetim da Camara Portugueza de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, correspondente ao mez de janeiro findo.

CAMARA DE COMERCIO PORTUGUEZA EM FRANÇA.—Está publicado o Boletim relativo a abril findo, trazendo importantes dados para os comerciantes, principalmente exportadores.

PROPAGANDA DOS TRANSPORTES MARITIMOS.—O agente geral em Paris dos Transportes Maritimos do Estado, sr. Marques da Silva, mandou fazer e afixar nas principaes localidades da França um artististo cartaz para propaganda do T. M. E. E' um bom serviço prestado á nossa navegação.

ULTIMA HORA

Instabilidade ministerial

Compressão, revolução e um futuro que ninguem prevê

Pois é verdade, o sr. dr. Bernardino Machado continua na presidencia do governo. Ele mesmo afirmara a segurança do ministerio e as esperanças que o animavam de tão cedo não deixar as cadeiras do poder.

E é que não sai. Pois as indicações são seguras, evidentes, não deixam possibilidades de duvida. Indicações parlamentares, o leitor viu certamente pelos extractos o que se tem passado no Congresso, indicações da opinião publica, porque o leitor certamente viu tambem o que os jornaes de todas as côres teem dito.

Mas o que são indicações num mundo de coisas e pessoas em que tudo se reduz a teses de demonstração mais ou menos facil?

Saiu o sr. ministro da agricultura, o ministro das finanças disse que saía, mas não saiu afinal. Estabeleceu-se um conflito entre os titulares de duas pastas, esse conflito desenrola-se aos olhos de todos em pleno parlamento, e o presidente do conselho com o ar mais natural deste mundo, classifica o ocorrido de *tese*, principio ou formula, como lhe queiram, que S. Ex.ª, que ás nomenclaturas não liga importancia demasiada, certamente se preparava para discutir pacatamente.

A divergencia entre os dois ministros que, ao que parece, servirá de pretexto para a queda de gabinete ha tanto tempo prevista, foi consequencia do criterio estabelecido pelo sr. Antonio Maria da Silva procurando a todo o transe comprimir despezas que vão num crescendo aterrador e significativo. Esse criterio pretende-o o ministro das finanças estender por todas as repartições publicas reduzindo dentro dos limites do possivel e do legal, mas não tendo tambem contemplações perante desperdicios que nada justifica.

Mas na verdade a discordancia a dentro do ministerio reduzir-se-ha a uma questão de pessoas, posta em conflito irredutivel entre dois homens que sobraçam pastas diversas?

De maneira nenhuma. O ministerio, como o nosso jornal tem afirmado constantemente, enferma de um mal de origem insanavel que já agora muito em breve o conduzirá á sepultura. Apontavamos ha dias a todos aqueles que se encontram á frente dos destinos do paiz, proxima a reunião da Conferencia interparlamentar de Comercio, e chamavamos para esse facto a atenção de todos.

O presidente do ministerio teve o cuidado de complicar questões que todos tinham o maximo interesse em deixar repousadas por certo tempo, e provocar novos motivos de discordancia que ninguem sabe até onde levarão.

De momento a queda do governo é uma questão assente, e acerca dela parece estarem entendidos todos os valores politicos, exceptuado, naturalmente, o sr. dr. Bernardino Machado. Porque S. Ex.ª mantem ainda e apesar de tudo, tudo que é em ultima instancia uma these no seu dizer pitoresco e caracteristico, a opinião já manifestada de que teremos governo para, pelo menos, cinco anos.

Não parecem os partidos dispostos a tolerar tão longo periodo de estagnação e improdutividade. Mais cedo ou mais tarde, e não nos parece que a demora possa ser grande, o governo está irremediavelmente condenado por todos. Nada o pode salvar; todas as tentativas são balões de oxigenio de nenhum efeito. Estarão os parlamentares dispostos a aguentar a situação actual por mais algum tempo, ou pretenderão derruba-la desde já?

Eis o que ninguem pode, em boa verdade, á hora a que escrevemos, vaticinar com segurança.

Ou pretenderá o chefe do governo impôr a sua personalidade, prolongando um *gachis* que tanto mal nos está fazendo?

Se assim fôr, não nos parece essa a orientação mais patriotica e mais conveniente aos interesses de todos, porque ela poderá levar muito longe uma resistencia que todos sentem e que nada aconselha a irritar sem proveito nem gloria para ninguem.

Não acreditamos que tal venha a suceder. A reflexão impõe-se a todos os que, nesta hora tremenda, teem sobre os seus hombros a responsabilidade dos destinos dum povo inteiro.

O que se seguirá? pergunta naturalmente o leitor.

Vamos permanecer indefinidamente na serie de ministerios incolores, concentrações desvantajosas, conluios injustificaveis e anti-patrioticos?

Ou pelo contrario estarão os politicos decididos a enveredar finalmente por um caminho aberto onde todas as actividades se encontrem na obra grande da reconstrucção nacional?

E' tempo de reconsiderarmos sobre esta senda dolorosa percorrida desde o Monsanto até hoje, tirando da lição dos factos ensinamentos que apenas ás soluções logicas nos pudessem conduzir.

O Parlamento atual falhou a sua missão, não por falta de valores pessoaes, mas por absoluta carencia de hegemonia e coesão de principios.

Os proprios parlamentares se devem ter, de ha muito, compenetrado desta verdade que está no espirito de todos.

Os liberaes pretendem o governo com a dissolução, não o aceitando em outra qualquer hipotese. A falada fusão de elementos direitistas, abrangendo liberais, reconstituintes e dissidentes, parece estar posta de parte em presença das dificuldades sugeridas pelos partidarios do sr. dr. Alvaro de Castro. Como sempre, e em presença de crises semelhantes, ninguem sabe o que se vae passar.

Interrogado por nós, um deputado liberal, elemento dos mais combativos e energicos do seu partido, apontou-nos a solução de uma combinação democratico-liberal em que, sendo dado o governo ao ultimo d'estes grupos, para o primeiro se reserve a oposição em que ele se robusteceria criando novos alentos.

Entrariamos então de novo no rotativismo por muitos preconisado como o caminho logico e natural em paizes de representação parlamentar como o nosso.

E então os outros partidos?

Esses, observa ainda o nosso interlocutor ficariam reduzidos ás suas proprias forças conquistando na Camara aqueles logares a que teem legitimo direito.

Mas a que veem todas estas considerações, se o chefe do governo afirmou, categoricamente que nós o teriamos por mais cinco anos pelo menos, á frente dos destinos do país?

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Não houve sessão por falta de numero.

No Senado

Trata-se da promoção ao generalato

Abre a sessão ás 15 horas e 15 minutos com regular assistencia: 24 senadores.

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs; Ramos Pereira e Dias Pereira.

Trata-se do expediante, que é bastante.

E' pedida e conseguida a dispensa do regimento para a emenda introduzida pela camara dos deputados no projecto que reorganisa o quadro dos guardas marinhas e conductores de maquinas da armada. Foi aprovada. Passa a ser 75 em vez de 90.

O sr. Pereira Osorio apresentou uma representação da Associação do Registo Civil contra a acção anti-liberal e congreganista que se manifesta cada vez mais. Resolveu-se publical-a no «Diario do Governo», visto o apresentante reportar isso necessario.

O sr. ministro da guerra responde ás considerações feitas na sessão de hontem pelo sr. Rodrigues Gaspar sobre a promoção por escolha ao generalato. Apresenta o processo, que manda para a mesa para ser consultado pelos senadores e acrescentou que o fará publicar no *Diario do Governo.*

Historia o que se tem passado e as escolhas feitas pelo Conselho superior de promoções. Havia 22 coroneis. O primeiro que escolheu foi o sr. Garcia Guerreiro, que não tinha estado na guerra, quando havia outros com serviços de campanha.

O ministro d'então não esteve de acordo com o criterio do conselho. O sr. Guerreiro foi promovido por antiguidade. Citou que o conselho até dizia que se ele não tinha producções originaes as podia ter.

Refere-se depois á nova escolha que recaiu no sr. Sinel de Cordes, tece-lhe elogios, mas não aceitou o criterio do conselho superior de promoções do exercito, que alias não aceito, não discute nem repudia.

Diz depois que o outro concorrente, no mesmo grupo, tinha qualidades superiores.—Roberto Batista. O primeiro tinha 3 louvores e o ultimo 11. Seria faltar as imposições do seu cargo não mantivesse a sua opinião.

Presta homenagem ao sr. Sinel de Cordes, mas o sr. Roberto Batista é superior.

O drama da rua do Bemformoso

Realisou-se hoje, pelas 14 horas, o funeral do alferes da guarda republicana Julio Ferreira Botelho, sendo regular o acompanhamento, constituido na maior parte por oficiaes, sargentos e praças e tendo-se feito representar o comandante geral da guarda pelo seu ajudante de campo.

Sobre o feretro, transportado num armão puxado a tres parelhas, viam-se duas enormes corôas, uma oferecida pelos irmãos do suicida e outra pelos oficiaes e praças da companhia a que ele pertencia.

A questão da Alta Silesia

A atitude da Italia

ROMA, 19.—Apesar do resultado das eleições constituirem o assunto da actualidade, continua a questão da Alta Silesia a ocupar, em primeiro logar as atenções da imprensa e da opinião publica. O «Corriere della Sera» entende que a Italia deve mostrar-se muito prudente, pois que aquela questão constitue uma verdadeira encruzilhada politica onde vão encontrar-se todos os assuntos da maior importancia para a politica externa de Italia, entrando ahi em jogo factores que podem decidir do futuro da Europa.—(H.)

Noticias da Capital

UM «FIGARO» QUE DESCAMBA EM GATUNO. — Quem tem oficio, tem beneficio, diz o ditado popular, e hoje em dia não ha nada mais rendoso do que ser oficial de qualquer arte ou profissão.

Não é, porém, do mesmo pensar o oficial de barbeiro Samuel Martins, morador na rua Pereira Carrilho, 32, 3.º, que, entendendo que pela arte pouco peculio podia juntar, se atirou aos utensilios que o seu mestre João de Carvalho tinha no estabelecimento da rua do Cruzeiro, 92, e deu descaminho a alguns d'eles, no valor de 700$00.

Se era para se estabelecer por conta propria, saíram-lhe os calculos errados, porque em vez de a esta hora estar passeiando socegadamente encontra-se mas é á sombra, nos calabouços do governo civil, para aprender que o processo de que usou não é dos mais recomendaveis.

NAO ESTEVE COM MEIAS MEDIDAS...—E como tinha necessidade absoluta de se vestir e ourar para, naturalmente ir a alguma festa para que fôra convidado, ou talvez, quem sabe? para ir falar á sua conversada, um tal João da Silva, morador na «vila» Dias, a Xabregas, sabendo que o seu visinho João Antonio Cerqueira tinha em casa aquilo de que ele precisava, não esteve com meias medidas: entrou-lhe em casa á força e apoderou-se desses objectos, que valiam bem uns 30.$00.

E' claro que o legitimo proprietario não gostou e que se queixou á policia, a qual vae tratar de ensinar ao João da Silva como se procede em taes casos: delicadamente, delicadamente...

OS SENHORES GATUNOS INSACIAVEIS.—Tudo lhes serve: ouro, dinheiro, roupas, emfim tudo quanto valha ou possa render aquilo com que se compram os melões, como habitualmente se costuma dizer.

Mais duas proezas hoje a registar d'esses senhores: a Elvira das Neves Santos, da rua Bernardino Ribeiro, 3, 1.º, desapareceram um relogio de ouro e uma carteira com dinheiro, tudo no valor de 151$00; a Alfredo Pinto, do largo da Graça, 6, rez do chão, «mudaram» objectos na importancia de 160$00.

Lá vae a policia, á semelhança de Santo Antonio, vêr se faz o milagre de descobrir o paradeiro dos objectos perdidos ou, pelo menos, vêr se sabe quem foram os auctores, para os premiar condignamente.

Serviço telegrafico da tarde

Rendimento do porto do Rio Janeiro

RIO DE JANEIRO, 18. — Os direitos aduaneiros deste porto montaram no mez de abril ultimo a 3.025 contos —A.

Exportação brazileira

RIO GRANDE DO SUL, 18. — No mez de abril foram exportadas por este porto mercadorias no valor de 1.366 contos.—A.

As amigaveis relações chilo-equatorianas

QUITO, 18.— Durante a permanencia no porto de Guayaquil da canhoneira chilena «General Baquedano» foi oferecido em nome do governo equatoriano um grande banquete ao comandante e oficiais assistindo os altos funcionarios do porto, as autoridades, os representantes dos ministros da marinha e dos estrangeiros, altas personalidades, oficiais do exercito de terra e mar, seguindo-se um brilhante baile para o qual foi convidada a melhor sociedade da cidade. —A.

As aspirações da Bolivia ... norte no Pacifico

LA PAZ, 18—O ministro dos estrangeiros Alberto Gutierrez, fazendo uma exposição da sua politica internacional, demonstrou as vantagens que adviriam ao paiz da acquisição d'um porto no Pacifico e indicou os meios de se chegar a realisar essa aspiração.

A questão está, acrescentou, em que essa politica seja apoiada por todo o paiz, manifestando-se sob o ponto de vista internacional uma patriotica unidade de vistas e objectivos.

O parlamento votou o credito de sete milhões de bolivianos para a construção da via ferrea do Suez a Potosi.—(A).

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisa-se depois d'amanhã, na egreja de S.ta Isabel, o enlace matrimonial de mademoiselle Maria Margarida Llansol Mattamouros Gomes, filha da sr.ª D. Isabel Maria Isaac Llansol Mattamouros Gomes e do capitão sr. Eduardo Cordeiro da Cruz Gomes, com o alferes sr. Joaquim de Freitas Oliveira Lima, filho da sr.ª D. Cecilia Morris de Freitas Oliveira Lima e do capitão de fragata sr. Luiz Castanheira Lima.

Jack, coração de leão

O grande acontecimento cinematografico no Salão Central

Annunciar uma fita de series neste elegante cinema é atrair uma concorrencia selecta e numerosa.

A famosa pelicula, cujo titulo nos serve de epigrafe, é um autentico sucesso, não só pelo seu primoroso desempenho, a cargo da formosa actriz Ana Little e do destemido actor Jack Hokie, como pelos seus rasgos de huvismo, deliciosos aspectos e magnifica «mise-en-scene».

Amanhã, na «matinée», figura a estreia do novo episodio, intitulado «A misteriosa» Ling-Lutong. Quer dizer: mais algumas enchentes seguidas ao elegante Salão Central.

A CAPITAL

3786 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 20 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

O "GÂCHIS,,

O que se está passando no parlamento constitue mais uma vez a justificação de tudo quanto ha muito se vem reconhecendo em relação á forma por que o poder legislativo exerce as suas funções.

O parlamento não faz nem deixa fazer. Esta verdade, embora dolorosa, é incontestavel.

Não ha maneira de fazer passar nossa assembleia, cujo espirito deveria estar preocupado com os mais altos problemas do Estado, nenhuma medida importante, nenhuma resolução de verdadeiro alcance que permita alimentar esperanças sobre a salvação nacional.

O que ali passa sem nenhuma especie de resistencia, e até mesmo sem nenhuma especie de fiscalisação, é apenas aquilo que representa um interesse particular, de corrilho ou de campanario. O resto não segue.

Os factos não se podem iludir. O parlamento afinal não está á altura da sua missão.

Não o corroem só vicios peculiares á instituição parlamentar em paizes de reduzida educação civica. A sua propria estructura enferma de irremediavel fraqueza. A divisão das suas forças produz o cahos.

Ninguem pode governar com esta Camara, porque esta Camara está retalhada em grupos que, de dia para dia, se fragmentam ainda mais.

Existem lá partidos que não tiveram um voto nas eleições do que este parlamento resultou, pela simples razão do que ainda não existiam a essa data.

E' o que se dá com os reconstituintes e os populares.

Por outro lado, dois partidos, que obtiveram sufragios, entenderam formar um unico partido. Referimo-nos aos evolucionistas e unionistas, que hoje constituem uma unica agremiação politica. Quem nos diz que os eleitores sancionariam essa resolução?

Por outro lado, o partido democratico, que alcançou a maioria nas eleições passadas, já de facto não possue essa maioria. Perdeu elementos que formaram o partido reconstituinte e o grupo dissidente. Hoje não tem a maioria na camara. E' apenas o grupo mais numeroso, e ainda assim, dentro d'ele, ainda se manifestam rivalidades e emulações.

N'estas circumstancias, que legitimidade real tem o parlamento? Ele não representa a vontade nacional. Quando muito representará os caprichos dos politicos.

Se a expressão politica lhe falta, não menos lhe falta o prestigio, porque se tem ele proprio encarregado de o arrastar pelas ruas da amargura. E' um parlamento que não faz nem deixa fazer, que não anda nem deixa andar.

Os proprios ministros que com ele vivem não o teem poupado. O sr. Alvaro de Castro governa com ele, depois de lhe ter escrito nas paredes a legenda vingadora que assinalou a corrupção babilonica. O sr. Antonio Maria da Silva ainda outro dia lhe chamou ironicamente «uma cousa divina».

O paiz olha para este espectaculo não já apenas com indiferença, mas com repugnancia. Otimista em Portugal só ha hoje o sr. Bernardino Machado para o qual tudo vae correndo no melhor dos mundos possiveis.

Não pode ser. Não podemos continuar n'este artificio. Ele é incompativel com a dignidade nacional e mancha a reputação da Republica.

Repetimos o que já outro dia dissemos: emquanto o problema politico não tiver uma solução organica continuaremos n'este «gâchis» que na realidade não convem a pessoa alguma.

ARTE

Exposição de pintura e desenho no Salão Bobone

A exposição que hontem abriu no Bobone é muito modesta, embora não nos hostilise, o que já é alguma coisa.

Varela Aldemira apresenta o maior quadro exposto, o «Enterro de Cristo», muito leve, indeciso, em figuras pequenas que fazem perder a grandiosidade do assunto. E' uma tentativa honesta. Deste artista o que mais sobresae é o seu desenho. Esplendido, perfeito, desde o quadrinho «Velasquez» ás cabeças de estudo.

Nas telas «Jardim Botanico», principalmente na 24 ha transparencia, reflexo e muito boa luz. O seu modelo «Job» pareceu-nos o mesmo velho do cão que aparece em modelo por varias telas. O «Judas» tem dissonancia de côr que magoa os olhos.

De Fernando David, a «rua do Jardim» tem boa perspectiva, a «praia» é uma telasinha regular e as suas paisagens, embora indecisas e sem um intuito vincado, teem uma meia luz agradavel. Os desenhos são muito fracos e não deviam figurar n'uma exposição.

Mario Santos é dos 3 expositores o que mais tons crús nos dá. As suas «pochades» são vivas, os seus tipos, teem vermelho nas faces, o azul dos ceus é berrante, a casar a escalda no seu cendal branco. Mas ainda tem muito que aprender e que progredir: Precisa principalmente de emocionar-se e alargar os cilios e dilatar a alma.

A. F.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Roupa de Francezes

Eis-nos em presença de um adagio nacional formado sob a influencia estrangeira.

Qual a determinante da sua formação? Qual o sentido a dar-lhe na interpretação?

Problemas são estes de solução dificil, pelo menos emquanto os eruditos não trouxerem novos elementos ainda desconhecidos.

Só é possivel assegurar que o adagio — Roupa de Francezes — reclama direitos a uma grande antiguidade.

Já era até locução condenada ainda muito antes das invasões francezas nos principios do seculo passado, pois em 1760 um autor cita o entre o numero d'aqueles que, por pureza de lingua, não deveriam continuar a dizer-se. (1)

I

A influencia secular da França na lingua e nos costumes. Nomenclatura franceza em Portugal. Nomes geograficos historicos e patronimicos: apelidos e alcunhas: O Caminho francez. O mal francez. As profecias de Granada

A influencia franceza tem entre nós origem muito remota.

Logo no começo da monarquia se fez sentir pelas relações com D. Henrique de Borgonha, marido de D. Tareja. Durante os primeiros seculos mais ela se acentuou por motivo de relações dinasticas, diplomaticas e comerciaes.

A conquista de Lisboa foi auxiliada por estranhos, entre os quaes se contaram os Normandos. D. Afonso III residiu em França oito anos consecutivos, acompanhado da fina flor da fidalguia portugueza de que fizeram parte os Bayões, os Alvins, os Nobregas, os Briteiros e tantos outros que no regresso se fizeram bons troveiros provençaes.

Acompanhou-os a esposa do rei, a condessa de Bolonha, viuva de Filipe Hurepel — a rainha D. Mathilde que teria vindo seguida por um cortejo numeroso de flâmulos e trovadores tambem provençães.

Influenciado o rei-poeta D. Diniz por D. Americo d'Ebrard, de Cahors, e por tantos outros mestres que o educaram, publicou o seu Cancioneiro, e logo converteu a sua residencia n'uma verdadeira Côrte de Amor, onde superabundava a graça e galantaria franceza.

São do seu tempo os chamados «francos de ouro», estão em curso em Portugal com o valor calculado de duas e meia «livras» da epoca. (2)

Nem por aqui ficou a influencia, pois tambem no seculo XV, após o desastre ocorrido na batalha de Toro, emigrou D. Afonso V para França a solicitar debalde o auxilio militar de Luiz XI.

No regresso, comsigo trouxe uma verdadeira invasão de modas, musicas e habitos da cortezia franceza.

Sem nos reportarmos ás influencias de origem mais recente, é nas mais remotas, que foram imensas e importantissimas, que se deve procurar o germen e sentido do adagio em discussão.

No norte de Portugal ainda se conservam os nomes corograficos de França, France e Franco, para designar certas freguezias de Traz-os-Montes e Beira Alta, além da persistencia de varias aldeias que manteem o nome de Francos, Vilas Francas e outros, a atestar as primitivas incursões dos piratas Lotaringios, Bretões e Normandos que chegaram a fixar-se entre nós em colonias comerciaes.

Tambem na Beira Alta se encontra a serra de Tranqueira, além das numerosas freguezias dispersas pelo paiz com o nome de São Francisco, correspondente, como se sabe a «françois» que no francez antigo tanto significava nome de homem como de nacionalidade.

A intensidade desta influencia vê-se tambem na quantidade de nomes proprios de raiz franceza que adoptámos na Edade Media, e ainda os que até agora subsistem em coexistencia com tantos outros de significação mais abstracta, como — franco, franqueza, franquia, franquear, etc.

Já em 959 (nove seculos atraz) tinhamos Franchiurus. As alcunhas e apelidos de Francisci, Francolinus, Frandes, Frandiz, Franca e Francisca repetem-se nos foraes antigos. Por mais não alongar, tambem na Cronica de D. João I vemos citado o nome de Frandino.

Antigos logares nossos continuam a deparar-nos nomes francezes, como Vila Frantis (1065), S. Jacob de Franzelos (1229), S. Salvatore de Franceinir (1220) e outros. (3).

Os nossos Cancioneiros são riquissimos de alusões em que, simultaneamente com a galanteria, concorrem ás vezes frases de ironia, quando não de despeito.

Algumas velhas tradições francezas fixaram-se entre nós em historias, contos, lendas e anexins; até mesmo em costumes que ainda perduram.

O Cancioneiro da Vaticana registra uma serie de contos e cantos e cantas sob o nome de variantes de Bernal e Bernaldo de Bonaval, Bernal Fendudo e D. Bernaldo, este ultimo de sabor erotico, referente a um homem cuja mulher lhe era infiel.

Pois esta tradição franceza atravessou os seculos e vem registrada no Romanceiro do Algarve com o mesmo nome e o mesmo assunto:

— Bernal — Francez procura a mulher que o agasalha; ele, porem, não confia, põe dúvidas, hesita e por ultimo mata-a.

A versão é moderna, pois já alude ao Brazil:

«Damas tens talvez em França
«Que dissessem mal de mim?
—«Não tenho damas em França
«Que dissessem mal de ti.

—«Se temes o meu marido
«Ele está lá no Brazil,
«Estocadas lá o matem
«Que ele não torne cá vir.
—«Estocadas não o matam
«Que ele está ao par de ti. (4)

Modas, artefactos, vestuario, (roupa), doenças, tudo de França importavamos.

Dali sahiam para Espanha teias de linho em troca de azeite e chumbo.

Embora fosse grande o atrazo da industria durante as epocas medievaes, limitadas quasi esclusivamente, por assim dizer, ao trabalho manual, maior ele era entre nós, então absorvidos pela obra da conquista territorial e preparação dos futuros descobrimentos de além-mar.

E' licito, pois, acreditar que importassemos os afamados tecidos de Bordéus, do Franche-Comté e de Cahors, as lãs, os linhos, panos, estofos, cobertas e vinhos do nordeste da França, especialmente da Narbona, de Troyes e do Champagne, tanto mais que a invenção das letras de cambio viera facilitar muito as transacções.

No «Cancioneiro da Vaticana» (n.º 278) lê-se:

«Cavalgava noutro dia
«por hum «caminho francez»

Tambem no seculo XVII vemos registrado por Antonio Delicado o seguinte curioso adagio:

«Em caminho francez, vende-se gato por rez.»

Caminho francez era o nome dadas ás estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para a festa de S. Tiago de Compostela, devendo simultaneamente servir ao transporte de mercadorias.

Que elas vinham então de França e penetravam em Portugal, é facto conhecido e averiguado.

Em Garcia de Resende encontra-se um cantar do Coudel-mór a sua cunhada que lhe mandou uma escrevaninha franceza. (5)

E' tambem uma cantiga composta por trez a D. Pedro de Sousa, sobre uma capa franceza que fez:

«Nam se meta
«nenhu de vossas merces
«em culpar «trajo frances»
. . . .
«Nam sautremeta
«falarmos no que trazes,
«que v'falarão frances.

Mas ao lado d'esta importante corrente franceza gerada pelas influencias dinasticas, diplomaticas e comerciaes desenvolvia-se uma outra corrente contraria e pejerativa.

Partia esta principalmente das camadas populares, a atestar desde epocas remotas o antagonismo das classes.

A sifilis ainda hoje conserva o nome de mal francez, que lhe vem de eras muito recuadas:

«Sayba todo portuguez
«por que tal trajo o nam vença,
«questas vem dua doença
«que se chama «mal francese.
«Pegousse da frontarya
«a Perpinhâm
«morreo loguo o capitam (6,

Do seculo XII ao XIV encontram-se nos autores desdenhosas referencias ás invenções francezas. Delicado registra um adagio antigo cujo sentido se perde, embora n'ele se deixe adivinhar ironia:

—«Bem canta o Francez, papo molhado».

Tambem nas profecias de um Mouro de Granada, registradas com a data de 1510 se pode ler:

«As gentes se temerão
«Dá *infernal galia gente,*
«Que vive sem lei nem rei,
«E' toda impertinente.
. . . .
«Ha de logo destruir
«Tod'essa gente infernal (7)

(Conclue n'outro numero)

Ladislau Batalha.

(1) *Infermidades da lingua,* de Silvestre S. S. Silva.
(2) Aragão — mod. port. I — 167.
(3) *Anomastico Medieval* Portuguez, de A. A. Cortezão.
(4) Athaide d'Oliveira (lição de Loulé e Lages) 46 e 257.
(5) *Cancioneiro* (Coimbra) I — p. 208.
(6) *Ibid.* IV — 203 — Pedromem.
(7) *Romanceiro do Algarve* de A. d'Oliveira. — 191.

Na Faculdade de Medicina

A conferencia do sr. dr. Benard Guedes sobre a terapeutica do raio X e do Radio.

Foi um trabalho interessante, completissimo e da mais palpitante actualidade a conferencia realisada hontem no Hospital Escolar de Santa Marta, pelo ilustre assistente de radiologia sr. dr. Benard Guedes, perante uma assistencia selecta, que lhe dispensou entusiásticos aplausos.

O conferente apresentou a historia dos factos muito metodicamente ligáda que levaram á descoberta da aplicação terapeutica do raio X e do Radio ás facilidades que o radiologista ia encontrando com as investigações proporcionadas pela fisico-quimica.

A cirurgião e o radiologista tem o seu campo de noção bem definida, em intervenção oportuna bem definida.

O sr. dr. Benard ocupou-se detalhadamente das aplicações terapeuticas do Radio e dos resultados concretos que tem registado nos seus numerosos ensaios. A sua exposição impressionou pela série de numerosos e diversos casos chimicos, narrados com toda a probidade scientifica. O conferente terminou por apresentar a estatistica de 64 por cento de curas chimicas de carcinomas do cólo do utero insuperáveis, com o emprego do Radio.

Um caso muito interessante que hontem tivemos ocasião de saber: sendo o nosso paiz um dos que que possue maior quantidade de uranites e de pecheblenda para a extração do Radio, não passou o Hospital Escolar uma unica particula para ser empregada no tratamento dos doentes.

Tem sido o sr. dr. Benard Guedes, quem tem cedido o Radio que lhe pertence, para ali ser empregado nos diversos casos em que está aconselhado.

E não se admire d'esse facto, dizia-nos hontem alguem:

—A enfermaria de cirurgia do sr. dr. Cabeça esteve fechada durante bastante tempo, por factos de verba!

Que comentários podemos nós fazer a coisas como estas?

DIZE TU DIREI EU

A moral dos maridos de hoje

(Do «*meu teatro*»)

1.º ACTO:

Em casa dele. O sr. Ataide regressa a casa como em todas as peças de adulterio antes da hora do costume; como em todas as peças de adulterio, o sr. Ataide vem despreocupado, entra sem ruido e vê ao fundo do quarto, no seu camapé forrado a panos de Estremoz, dois pares de pernas que pendem alem dos limites do movel. Duas delas pertencem a sua fidelissima espôsa.

O sr. Ataide: Oh!

2.º ACTO:

No seu escritorio 2 dias depois o sr. Ataide, homem activo de negocio, narra ao seu melhor amigo o golpe que acaba de sofrer e o saciar da sua vingança:

—A perfida atraiçoava-me, enganava-me sem me ter dito nada. Mas vinguei-me...

—Matou-os?

—Qual! No mesmo dia, pouco depois da revelação; exerci a minha vingança, terminei com esse amôr perjuro...

—Cortou o mal pela raiz?

—Exactamente. Vendi o *camapé*!

Armando Ferreira

A crise vinicola

Resolvamol-a, sem pretender que o Estado seja sempre o :-: :-: deus ex-maquina :-: :-:

Assinado por alguem que se oculta sob a simples inicial Z. recebemos as seguintes linhas:

«Num paiz qualquer de malucos, cujo nome não vem para o caso, encontram-se os armazens do comercio e as adegas dos viticultores «atulhadas» de vinhos. Destes, ao que se diz, ha cerca de 300.000 pipas de vinhos generosos, e umas 100.000 pipas de vinhos comuns. A um dado momento os productores poderiam ter vendido os seus vinhos a preços regulares, mas á proporção que iam sendo procurados pelo comercio, de dia para dia, foram exigindo maiores preços. Sendo estes incompativeis com o consumo, que passou de ser «agua com vinho» em vez do antigo habito de «vinho com agua», e menos compativeis ainda com as cotações dos mercados importadores, o comercio cruzou os braços. Daí ficar por vender uma colheita, na sua maior parte e num ano de producção reduzidissima.

No citado paiz, de gente com aduela a mais ou a menos, e a tres meses do uma nova colheita, que se espera abundante, desatam os productores a pedir ao governo que lhes exporte as 100.000 pipas de vinho antes da vindima, isto é, a tempo de ser despejado o vasilhame onde a nova colheita tem de ser recolhida.

Isto, mesmo em condições normaes de exportação, era «absolutamente impossivel», mas estando fechados os nossos principaes mercados importadores de vinhos, é como se pedissem que estes fossem para a... Lua!

Resolveram, pois, os viticultores pedir ao Estado 20 ou 30.000 contos de auxilio á viticultura, como se este emprestimo (?) despejasse as adegas ou conseguisse arranjar e transportar vasilhame para recolher 300 ou 400.000 pipas de vinho!!

A unica solução, n'um qualquer outro paiz onde a «maluquice» não imperasse, era dar imediato consumo interno á tal massa de vinhos, e isto sómente se poderá conseguir pela distilação da maior parte dos vinhos de qualidade menos apreciavel. Mas como conseguir a colocação do álcool produzido?

Por um processo, aliás simples, pratico e de resultado imediato: nós estamos exportando enormes quantias «em ouro» para a importação do petroleo e gazolina. Pagâmos estes productos estrangeiros a preços elevadissimos no consumo particular e industrial, principalmente em «camions» e automoveis, dando aos felizes importadores lucros exageradissimos.

N'estes termos um paiz de gente menos «paradoica» decretaria uma sobretaxa elevada sobre aquela importação, de maneira que o alcool vinico substituisse o petroleo e a gazolina, aos preços actuaes destes dois productos. E... estava resolvida a crise vinicola sem dispendio do Estado.

Z.

COMISSARIADO DOS ABASTECIMENTOS

O movimento de hoje no Comissariado dos Abastecimentos continuou paralisado. O sr. Peres Trancoso esteve hoje ali, tendo-o o sr. presidente do ministerio e mandado chamar para com ele conferenciar.

Constava que o sr. Peres Trancoso vai entrar no goso de 30 dias de licença voltando depois a exercer aquelo cargo e ficando a substituil-o durante essa licença o delegado dos Abastecimentos do Norte, engenheiro agronomo sr. João Braga.

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

«Com um olho fechado e outro aberto...»

Assisti ante-hontem á representação da «Sombra» de Nicodemi — «Sombra» que serviu para pôr ao sol algumas intrigas de bastidores e para iluminar mais uma vez o magnifico talento scenico duma grande actriz: Maria Matos. Ha actrizes de inteligencia, de coração e de elegancia. Lucinda Simões é um cerebro em scena, como Angela Pinto é uma alma de mulher. Palmira Bastos vive do seu inconfundivel «charme» — é uma artista e uma actriz de elegancia. Maria Matos, como a Guerrero é pelo contrario uma actriz de inteligencia — provou-o exubrantemente na «serie» das protagonistas nicodemianas que intrepretou esta epoca, para si brilhantissima.

Apesar de rouquissima, com a voz a esvair-se numa angina terrivel, Maria Matos foi grande, conseguindo dominar toda a noite o seu mal estar fisico.

O que o seu talento não conseguiu, foi sofucar a insuficiencia da tradução. Deus me livre de criticar teatro; isso é lá com o nosso colega Armando Ferreira, que tem as costas largas, mas como publico «que passa», assiste-me o direito, apenas, de dizer; gosto, não gosto. Desta tradução do sr. Borges ficou-me uma frase: a que o galã diz, no 2.º acto olhando para o filho que dorme, sobre um «maple»: «São estes os melhores somnos. Depois dorme-se é certo... mas com um olho fechado e outro aberto...»

—Rima... é a verdade.

Quem havia de dizer que no sr. Borges estava alem dum tradutor infeliz um poeta facil!

Bilhete a um cronista mundano zangado

Meu elegante amigo: Venho, a correr, apagar com estas linhas o fogo da sua indignação: já que involuntariamente o atei, ha que ser bombeiro voluntario. Sei que está zangado. Vejo-o colerico a popletico, oiço-lhe a voz alterada a estrebuchar imprecações contra a minha ultima cronica de 6.ª feira.

Escute-me. Não seja assim! Que diabo! Olhe que a energia anda pela hora da morte, — e não vale perdê-la inutilmente.

Eu vou-me desdizer, solenemente, Você afinal tem razão. A ultima cronica foi uma «blague» infeliz.

As festas de caridade devem ser com certeza uma coisa adoravel e vocês — oh indispensaveis cronistas mundanos! — são, e um facto, encantadores. Como posso eu, pois criticar aqueles, dizer mal de vocês? Não, decididamente na 6.ª feira, eu estava mal disposto...

Pois se eu adoro, até, a sua profissão, — se sinto que ela é o meu unico destino, a minha exacta vocação na vida!

Cronista mundano... — Mas, meu amigo, esse é o mister ideal, perfumado, aristocratico, que me convém. Note, que é uma profissão que vive das mulheres e para as mulheres, principalmente para as melhores, as mais raras, as mais perturbantes mulheres...

Dizem-lhe futil, feminina, inutil a sua profissão? De modo algum... não acredite.

Inutil... mas para quantos espiritos a sua secção mundana não é o «artigo de fundo», o «boletim religioso» da melhor religião, o unico «eco de politica» limpo e toleravel?

A sua profissão, feminina... Não acredite! Só um homem pode interessar mulheres, e se elas o lêem é porque v. as interessa, indiscutivelmente.

Chamam inutil a sua secção... E' falso! Um livro de mundanismo é um tratado de Historia, mais, de historias.

Sabe? Vou tambem ser cronista mundano. Tambem eu quero embriagar-me como v. de perfumes caros, de mulheres raras...

Que me importa o Mundo que não seja o «mundo elegante»?...

Que me importa a Vida, que não seja a «grande-vida»?...

Que me importa a Arte, que não não seja a «arte-de-viver»?

Quiz, é verdade... tambem eu quero ir ao Olimpia, ao Condes... nas tardes de moda, e dominar, do alto da galeria, esses homens doirados de que v. é o sultão.

Ah! não tenha duvida é a profissão ideal...

Olhe: se lhe disserem que é banal, ridicula a lista das pessoas que fazem anos, as viagens de M.me Pires, o casamento de M.lle Sousa, a doença do Conselheiro Pacheco... não acredite! O que eles teem é inveja. Repare que no fim todos teem a vaidade de recorrer a si.

De resto, analise que as coisas importantes da vida, estão na sua pequena secção do jornal:

Uma simples noticia de anos vale todo um poema de desilusões e tristeza... E' mais uma ruga, mais um cabelo branco.

«Faz hoje anos a Senhora Fulana»... devia ler-se, em tom cavo, á Carlos Santos em drama de Sardou.

—«Partiu para a sua quinta Mme. Pires»... Partiu Mme. Pires! Quer dizer, não a encontraremos hoje no Chiado, não subirá, saltitante, até ao Tatá, não irá ao «Trianon» esta tarde, Mme. Pires... E' ou não um facto importante, decisivo na vida de Mme. Pires, e, até, na nossa propria vida?...

«Está doente, retido no leito o conselheiro Pacheco». «Foi pedida em casamento Melle. Sousa»... Mas, estar doente, é, julgo eu, fundamental, e o casamento não é tambem, finalmente, quasi a propria morte?

Meu amigo, é o que lhe digo: Cronicas de moda são capitulos de Historia.

Eu mesmo não faço mais que o elogio dum historiador.

Você ainda ha-de entrar pr'a Academia, num dia de sessão... elegante.

Creia-me o admirador invejoso

O HOMEM QUE PASSA.

NOTAS FALSAS

ARVORES

Certo jornal de Lisboa anda azafamado na propaganda da arvore, gritando em gordas letras que a cidade não tem arvores, que a arvore embeleza as ruas e que uma cidade sem arvores é um trigal sem papoulas, uma mulher sem sorrisos, ou uma gaiola sem passaro.

Li não sei onde que o homem, para ser homem, tem que fazer trez coisas na vida: escrever um livro, dar um filho ao mundo e plantar uma arvore.

Escrever o livro, não escrevo; a prosa que tenho é pouca, não a posso desperdiçar sem grave prejuizo na manutenção da existencia; dar um filho ao mundo, tambem não dou porque o não tenho e se o tivesse guardavo-o para mim, mas plantar uma arvore, já plantei uma figueira nas escadinhas do Duque, que me fez estar seis dias de cama com a cabeça partida e um rasgão n'uma canela.

Dizer-se que o alfacinha não gosta de arvores, é faltar á verdade; gosta e até perdidamente; prova-o o facto de ser rara a janela de sacada que não tenha uma nespereira espetada n'um caixote. E' certo que só se vêem nespereiras, mas isso é uma predileção de fruta com que ninguem tem nada.

Acho muito bem que se arborise Lisboa, mas chamo a atenção para o facto de não se plantarem só «olaias» ou «acacias», quando com outras especies se pode juntar o util ao agradavel.

Por exemplo: as ruas da Baixa não ficavam mal todas a «pinheiro». E' arvore que não requer grandes cuidados e dá á Baixa um aspeto de Pinhal da Azambuja que não é mal cabido. Mouraria e Bairro Alto podem ir á «faia» que é decorativa e tem côr local, e para o Chiado, «marmeleiro», dura bastante e como o fruto embruxa, não ha grande perigo de devastação.

Olhem os proponentes este alvitre e sigam-n'o que não me parece mau. Em troca apenas peço que á minha porta mandem plantar uma «arvore das patacas» ficando a meu cargo as regas, enxertos e pódas da mesma.

Henrique Roldão

PELO TELEGRAFO

O novo nuncio em Paris

ROMA, 19. — O Vaticano anunciou oficialmente ao encarregado de negocios de França a nomeação de monsenhor Ceretti para nuncio em Paris. — (H).

Diplomatas portuguezes

TANGER, 19. — Chegou o sr. Lopes Ferreira, agente diplomatico de Portugal, — (H.)

Morte dum deputado que fôra ferido a tiro

BUENOS AIRES, 19. — Faleceu na cidade de Mendoza o deputado radical Emilio Queblet, em consequencia dos ferimentos produzidos pelos tiros contra ele disparados por Heitor Corvalan, no meio duma violenta discussão que aquele teve com um irmão deste. — (A).

O governo argentino toma medidas contra as continuas gréves

BUENOS AIRES, 19. — Em consequencia de grávos arruaças e tumultos produzidos recentemente entre trabalhadores do porto sindicados e não sindicados e com o fim de evitar a repetição de tão lamentaveis acontecimentos, o governo decidiu tomar conta dos serviços do porto e abrir uma inscrição de novos trabalhadores e organisar uma relação de veiculos para manutenção e transporte de mercadorias.

O comercio e a industria aplaudem com grande satisfação a medida tomada pelo governo, porque estão todos anciosos por que termine a situação criada pelos trabalhadores em gréve. — (A).

A paz entre o Equador e a Alemanha

QUITO, 19. — Foi assinado em Bogotá, capital da Colombia, entre o ministro do Equador e da Alemanha o protocolo restabelecendo as relações entre os dois paizes. — (A).

DOIDA NÃO E NÃO!

Analisemos...

Chamo toda a atenção do leitor para a analise da carta que lhe apresentei, do sr. dr. Balbino Rego.

Diz esse senhor, a quem causou estranheza que eu não lhe escrevesse do Conde de Ferreira: «Mas se o meu direito junto da sr.ª D. Adelaide não provém senão da sua bondade e da estima com que sempre me tem penhorado?»

Como vê, leitor, o sr. dr. Balbino Rego não invocou, como não podia invocar, com verdade, a sua qualidade de meu medico assistente, qualidade esta que já lhe foi atribuida, para justificar a sua intervenção neste caso e tem a franqueza de confessar que nenhuns outros direitos tinha sobre mim, senão dos que provinham da bondade e da estima (que ele me pagou bem!) com que sempre o tratei.

Fixe bem, leitor, na sua memoria estas palavras do sr. dr. Balbino Rego e peço-lhe que as fixe bem, porque terei que relembra-las um pouco mais tarde.

Que orientação ou melhor, que desorientação era a do sr. dr. Balbino Rego para julgar que me fosse agradável, depois da maneira covarde e torpe de que usou comigo, para conseguir o meu internamento no manicómio, que eu comunicasse com ele?

Sentiu «um quási nada de desapontamento» por eu não lhe ter escrito!

Decididamente... cada vez me convenço mais de que, nesta minha questão, há quem tenha feito, com muita mais propriedade, o papel de doido do que eu!

Diz o sr. dr. Balbino Rego que por «amiga concessão» figurava o seu nome «na lista das pessoas que poderiam ter noticias» minhas. E... contesta o sr. dr. Alfredo da Cunha que eu estive sequestrada no Conde de Ferreira.

Que liberdade era então a minha que só me permitia escrever a quem esse senhor entendesse? Era uma liberdade bastante singular! Mas, porque eu entendi um pouco melhor do que o sr. dr. Alfredo da Cunha entendeu, não me aproveitei da licença que me davam e não escrevi espontaneamente ao sr. dr. Balbino Rego.

Este ultimo senhor, em quem as convicções são «tão profundas» como a sciencia, não oculta na sua carta a sua admiração pela minha «perspicacia».

—Uma «doida» perspicaz...! tem sua graça! —

Um acaso fez-me ter conhecimento da morte de meu irmão Eduardo, como contei no «Doida não!...» mas não vejo em que mostrasse a minha sagacidade. A qualquer pessoa, mesmo muito pouco esperta, teria acontecido o que me aconteceu. Bastava para isso saber ler; a noticia vinha num jornal...

¿Mas, porque motivo, segundo diz o sr. dr. Balbino Rego, na sua carta, houve por parte de todos que «me estimam» empenho de «poupar o grande abalo, certamente provocado com a perda dum irmão extremosissimo»?

Não era eu, na opinião de todas essas pessoas, uma «doida», uma «inconsciente», em quem justamente a loucura se manifestava na transformação dos sentimentos afectivos? Era, Assim o afirmavam e afirmam.

Então, que abalo podia dar-me a morte dêsse ou doutro irmão? Para quê «tantos cuidados»?

E, como é que sendo eu a «doida» que dizem, era, em S. Vicente, o centro á volta do qual rodava e vivia tudo que era de lá, conforme o sr. dr. Balbino Rêgo dizia na sua carta?

Misterios da «alta sciencia» desse senhor.

Na minha proxima carta terá o meu caro leitor ensejo de apreciar de novo o estilo do «ilustre» médico.

Maria Adelaide

Mutilados da guerra

Realisa-se amanhã, no teatro de S. Carlos, a recita promovida por um grupo de empregados do Banco Ultramarino em favor dos mutilados da guerra, com a peça «Por ares e ventos», original dos srs. Jaime Ferreira e Henrique J. Ponte.

Espera-se que ao espectaculo assista o sr. presidente da Republica.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Ilda Stichini

E' porventura uma das artistas mais esperançosas da nova geração.
Simples, risonha, intel gente, arde nela um grande desejo de vencer, de trabalhar, de criar um nome ilustre na scena portugueza.

Acolhe-se sob a aza instrutiva e exemplar dos velhos mestres de teatro, aprende, aprende, aprende...

Dois são os seus grandes predicados: sabe sorrir e sabe falar docemente, como as ingenuas das peças romanticas.

Ilda Stichini tem já o seu logar no teatro e tem o seu logar na estima de todos os colegas, sendo uma boa companheira, afastada de intrigas e mexericos tão proverbiaes.

No Brazil a imprensa e o publico reconheceram o seu valor esperançoso, cobrindo-a de festejos e merecidas palavras amaveis.

Lisboa admira tambem a gentil actriz que hoje na *Simone* vae confirmar e subir mais nas apreciações já feitas.

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO S. LUIZ—Sinos de Corneville — *Opereta de Roberto Planquette.*

Com a casa completamente cheia realisou Henrique Alves a sua festa artistica com a velha mas sempre jovem e bella operetta—de Planquete—*Os Sinos de Corneville.*

Ainda nos lembramos da impressão que colhemos quando a ouvimos pela primeira vez no Trindade pela pleiada de artistas de que faziam parte Ribeiro e Queiroz, o primeiro desempenhando a parte do Gaspar como raras vezes a vimos mesmo por artistas estrangeiros de nomeada, e o segundo, como actor consumado que era, dando um extraordinario relevo ao papel de Gastão de Corneville... São tempos que já lá vão ha muito e hoje apenas temos de tratar do presente, se bem que sempre agrade recordar o passado...

O conjuncto foi harmonico e que constitue um triunfo para Armando de Vasconcellos, que conseguiu organisar uma companhia completa composta de elementos que podem arcar com as responsabilidades da partitura.

Aldida de Sousa cantou bem a sua parte, aproveitando a sua magnifica voz, ainda que um pouco prejudicada por ligeira constipação; pareceu-nos comtudo um tanto exagerada no 2.º acto onde poderia com vantagens ter suprimido 5 por cento dos gritos que soltou. Todavia compoz bem uma Rosalina que por momentos julga correr-lhe nas veias sangue azul, que afinal corre nas de Germana, que encontrou em Beatriz Gouveia uma interprete muito discreta.

Armando Saraiva, pela primeira vez, no palco do S. Luiz, poude evidenciar a sua voz pastore e timbra-la de baritono. Cantou bem a valsa que teve de bisar e toda a sua parte, sendo para lamentar que o seu *feitio* seja, pelo menos por emquanto, pouco adaptavel á sena. E' de esperar que com a pratica venha a ser um actor aceitavel.

Fernando Pereira tem figura simpatica, mas precisava ter mais um bocadinho de voz para se adaptar melhor a harmonia do conjunto, tendo de cantar ao lado das dôras vozes, Aldida e Saraiva.

Reservei para o ultimo logar, o festejado. Henrique Alves, apresentou um personagem bem desenhado e teve ocasião de mais uma vez, demonstrar quanto aproveitou por ter representado ao lado dos grandes mestres contemporaneos da scena portugueza.

Um bravo ao artista que em 24 horas se transformar de Pick Wick em Gaspar e que conseguiu emocionar o publico, o mesmo publico que na vespera se rira a perder com as suas *piadas*.

Deixe-nos porem notar-lhe, com a mesma sinceridade com que acabamos de lhe falar, uns pequenos senões, faceis aliás de corrigir, se o artista estiver d'acordo, como decerto estará. No 2.º acto, quando acende as velas, não se esquecer de que é velho, trémulo e que, no momento não esta muito senhor de si...; a quéda final, tambem não nos agradou por completo, tendo-lhe notado duas preocupações, a de não imitar os seus antecessores e de não se magoar...

A orquestra bem dirigida pela batuta de Luiz Gomes que por vezes ouviu aplausos, scenarios e guarda roupa, aceitaveis e finalmente peça para levar bastante gente ao São Luiz, so se demorasse no cartaz.

T. M.

Noticiario

Entre nós

E' amanhã que no Teatro Gil Vicente, sóbe á scena em 1.ª representação a opereta portugueza em 3 actos «A Rosa do Jardim», original de Artur Inês e Venceslau de Oliveira, musica do maestro Raul Portella, que vae á scena em recita do Secretario da Empreza, Almeida Romba.

A peça é ensenada por Francisco Moreira e antes da representação de «A Rosa do Jardim», o actor Constantino de Carvalho recitará uns versos alusivos á festa escritos expressamente pelo poeta, sr. Artur Inês.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h.—«Sinos de Corneville».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA —A's 21,30 — «A Sombra».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21, h.—«Professor Stevenson».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado. Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Festas associativas

SOCIEDADE PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR.—Promovida pela direcção, ha amanhã espectaculo de variedades, em que toma parte o artista Ricardino, seguindo-se baile.

Movimento associativo

PESSOAL MAIOR DOS CORREIOS E TELEGRAFOS.—Reune amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral para discussão dos trabalhos relativos ao pedido de aumento de vencimentos.

ULTIMA HORA

Crise latente

Compressão de despezas e cortes no orçamento—Politica patriotica e politica partidaria

A' hora a que escrevemos estas ligeiras notas politicas, o sr. Jorge Nunes anuncia que está suspensa a sessão na Camara dos Deputados, preparando-se para abrir, e fazer lêr a acta da ultima sessão do Congresso. Ao leitor, talvez pouco habituado ás praxes parlamentares, úsos e costumes modernos do casarão de S. Bento, a habitos de trabalho patrioticamente adquiridos pelos paes da patria, poderá parecer que a obra legislativa dos conspicuos deputados foi arreliadoramente interrompida pela necessidade de receber os senadores ilustres; pois não senhores, nos deputados foi apenas cortada a serie de chamadas e dado novo rumo ao toque da campainha, porque até esta mesma hora, nada de reunir numero bastante para deliberar convenientemente sobre os altos interesses da Republica e da nacionalidade.

Os Passos Perdidos desertos, e o elevador ainda com a mesma pouca força que em dia de enchente obrigará certamente a formar bicha.

Novidade sensacional, o aparecimento do sr. Antonio Maria da Silva, logo fugido para as bandas sonolentas do Senado onde a luta é menos acesa e as calvas abundam desoladoramente.

A despeito de tudo o que para ahi se afirmou, o sr. ministro das finanças compareceu, e compareceu com o melhor dos seus sorrisos e aquela sua familiaridade que torna inconfundiveis algumas das suas atitudes e alguns dos seus gestos. Talvez apenas aquela catilinaria cheia de sinceridade transmontana e liberal a um tempo, que o dr. Antonio Granjo hoje lhe dedicava em fundo da «Republica» o houvesse feito pensar um pouco e reconsiderar sobre um caminho andado e conhecido, por mais que o sr. dr. Bernardino Machado teime em fazer desaparecer os sinaes evidentes destes tempos que vão calamitosamente decorrendo.

Porque enfim o sr. Antonio Maria da Silva tinha um plano, tinha ideias, tinha um objectivo que ain á hoje norteia a sua vida publica e a sua incansavel actividade de estadista.

Redução de despezas, inscreveu ao alto do seu programa e o ilustre titular da pasta das finanças; redução de despezas feita a todo o transe e em presença de quaesquer dificuldades.

Mas, que diabo! Tudo são atitudes incompreendidas e que alguns querem, á viva força, tornar incompreensiveis... De ahi a animosidade levantada por ahi, o alvoroço e, ha quem afirme até, um certo descontentamento.

Pois nem isto tudo, que em boa verdade nada é, conseguiu alterar os principios fundamentaes que nortearam a acção do sr. Antonio Maria da Silva. Ele mantem inabalavelmente o seu criterio: compressão e cortes no orçamento de todos os ministerios, nas contas de todas as repartições, nos escaninhos de todas as secretarias. Nem de outra forma se compreenderia.

E' a politica patriotica e republicana que todos precisamos urgentemente de vêr realisada, mas que, já agora não esperamos nós ver só alem das palavras cheias de bôa vontade e de intenções nobilitantes.

Porque, na efectivação, na pratica, é o que os senhores todos estão vendo, bem ou mal preparado, mais ou menos encoberto.

E de crise?

O sr. dr. Bernardino Machado, como dantes, na pasta da agricultura, e isto mesmo era de esperar atenta a excepcional competencia do chefe do governo para assuntos agricolas, e o sr. Antonio Maria da Silva chamado á presidencia da Republica. De positivo pouco mais.

O sr. ministro das finanças avistou-se durante o dia de hoje demoradamente com várias individualidades em destaque no seu partido, tendo tido uma larga conversa tambem com o sr. ministro do comercio.

Tudo parece indicar, pois, um periodo de calmaria aparente.

Nós continuamos a manter o nosso ponto de vista, que nos parece o unico identificado com os altos interesses do paiz: nada aconselha a abertura de uma crise, que certamente será a revolução demorada e cortada de episodios, no momento em que algumas ilustres personalidades estrangeiras vão tratar entre nós assuntos de interesse mundial.

Terá prevalecido esta corrente de bom senso? Se assim acontecer apenas temos motivos para nós regosijarmos.

E depois? Depois falaremos, porque a crise inevitavel já trepida para publico que não perdoará, nem um dia, a este ministerio incaracteristico que tanto mal tem feito a todos nós.

Visita a quarteis

O comandante da G. N. R., sr. Vitoriano José Cesar, acompanhado pelo seu ajudante de campo, capitão, sr. Florentino Martins, proseguindo nas suas visitas aos aquartelamentos daquela unidade, esteve hoje de manhã nos de S Jorge e dos Loios.

Noticias da Capital

NAO TINHA ONDE SE DEITAR...
E por isso, o bom do José Gonçalves, morador com Leopoldina de Matos na rua Nova da Trindade, 85, 5.º, foi-se á cama que pertencia á Leopoldina e mudou-a para sitio incerto. Ora só os colchões servem de muito, mas as noites ainda estão um tanto ou quanto frios e vá de levar tambem roupa para se agasalhar e algum dinheiro, para pagar a renda do quarto onde se ia instalar. Ele, porem, é que não gostou de ficar sem o melhor dos seus 20.000 e recorreu á intervenção policial, a vêr se consegue rehaver os seus ricos objectos.

EM VIAGEM

BOAS NOVAS

LAS PALMAS, 19.—(Radiograma)—A bordo do vapor «Beira» os passageiros de primeira classe seguem bem e saudam as suas familias.—(a) «Botelho.»

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Protesto contra a prorogação das sessões, o projecto sobre marinha mercante

Preside o sr. Jorge Nunes. O sr. Orlando Marçal manda para a mesa um projecto de lei sobre propriedade literaria. O sr. Antonio Mantas insurge-se contra as prorogações de sessões que são uma vergonha por funcionarem com um numero de deputados que tem oscilado entre 15 e 20.

O sr. presidente diz que foi a camara que o resolveu.

O sr. ministro do comercio pede que entre em discussão a sua proposta referente á marinha mercante.

O sr. presidente diz que, devido a não ter havido hontem sessão, os trabalhos parlamentares se atrasaram um dia, motivo porque tambem o referido projecto terá de ser discutido numa outra sessão.

O sr. ministro do comercio não concorda, porque, diz, a camara resolveu discutir hoje o projecto.

Resolve-se por fim que entre a proposta em discussão.

O sr. Costa Junior requer que ela fique sobre a mesa durante 48 horas para os deputados poderem analisa-la.

O sr. ministro do comercio insurge-se e diz que já desde o dia 21 que a proposta foi publicada no «Diario do Governo». Demais foi a camara que assim resolveu.

O sr. Costa Junior, porem, não concorda.

O ministro por sua vez insurge-se e pede que a proposta não continue em discussão emquanto não estiver presente o sr. ministro das finanças.

Posto o requerimento á votação é aprovado.

O sr. ministro do comercio.—V. ex.ª parece que está a fazer o jogo dos que não querem que a proposta seja aprovada.

O sr. Costa Junior:—Não ha jogo sem parceiro.

Procede-se á contra prova.

Não ha numero, pelo que se procede á chamada.

O sr. ministro do comercio fica visivelmente contrariado e faz menção de se retirar.

Verifica-se que ha numero, mas como o congresso tem de reunir o presidente interrompe a sessão. São 16 horas.

No Senado

Aumentos de despesas e a «lei travão»

Abriu a sessão á hora regimental, estando presente 28 senadores. Na bancada governamental via-se o sr. ministro das finanças.

O sr. Herculano Galhardo, por parte da comissão de finanças, levantou uma questão: tendo sido recebidas da camara dos deputados bastantes propostas que, trazendo aumento de despeza, estão sob a alçada da «lei travão» não devendo receceber parecer, a comissão, unanimemente e entende que não lhes deve dar andamento por virtude das prescrições legaes. Deseja que a camara se manifeste.

O sr. presidente convida a camara a tomar uma resolução.

Por parte dos liberaes, o sr. Paes Gomes concorda e declara que a comissão não deve tomar conhecimento d'essas propostas.

Sobre o modo de o fazer, sem poder incorrer na critica ou melindrar a Camara dos Deputados no procedimento a haver, usaram da palavra os srs. Vicente Ramos, Machado de Serpa, Ernesto Navarro, Ferraz Chaves, Lima Alves, Pereira Osorio e Alvares Cabral.

O sr. presidente esclareceu que a Camara dos Deputados já estabeleceu esse precedente, nao aceitando, na sessão passada, um projecto que incorria na «lei travão».

O assunto foi largamente debatido, pronunciando-se os oradores para que se defina claramente a situação n'este esboço de conflito.

Finalmente, foi resolvido que a comissão de finanças recebesse todos os projectos vindos da Camara dos Deputados e enviasse á mesa a declaração de que não daria parecer sobre os que estivessem sob a alçada da «lei travão».

A proxima sessão é na terça-feira, por motivo da sessão do Congresso.

No comissariado dos abastecimentos

Afinal, está resolvido o caso do comissariado dos abastecimentos. Continua o sr. Peres Trancoso, que, como dissémos na nossa primeira pagina, se ausenta com um mez de licença, ficando a substitui-lo o chefe dos serviços do ministerio da agricultura sr. José de Melo Falcão Trigoso, que esta tarde tomou posse.

Ecos & Noticias

JANTAR DE CONFRATERNISAÇÃO.—No restaurante «A Parreirinha», da rua de S. Marçal, realisou-se hontem um jantar de confraternisação dos empregados da secretaria e outras secções do Matadouro Municipal, tendo presidido o sr. Candido Augusto Torrezão, o mais velho dos escriturarios present s. O jantar decorreu com grande animação.

Serviço telegrafico da tarde

LONDRES, 20. — Comunicam de Varsovia ao «Times» que em determinadas esferas daquela capital se considera que a melhor solução da questão da Alta Silesia ser o converter esta em um estado independente sob a egide da Sociedade das Nações. Parece que o chefe dos insurretos Korfanty não põe obstaculos a esta solução.—(H).

LONDRES, 20.—Segundo o «Daily Mail», tem-se feito nos ultimos dias importantes progressos no sentido da solução da greve mineira.

O sr. Lloy George realisou uma entrevista com os principaes «leaders» mineiros, trocando se pareceres sobre a solução da greve.

Ha a convicção de se haver chegado a uma formula satisfatoria que será submetida, muito em breve, á apreciação de uma reunião conjuncta de proprietarios e mineiros.—(H).

CONSTANTINOPLA, 20.—Tanto a imprensa como os meios oficiaes acolhem com satisfação a decisão dos aliados de considerarem neutros as aguas de Constantinopla, dos estreitos e do mar de Marmara que estavam sendo utilisadas pelos gregos para abastecimento facil das suas forças na Asia Menor.—(H).

BERNE, 20. — O ex-imperador Carlos participou ao conselho federal a sua intenção de deixar definitivamente o territorio suisso em agosto proximo. O conselho federal acedeu ao pedido do ex-imperador para se demorar na Suissa até esse mez impondo-lhe como condição á sua «entourage» de se absterem de toda a actividade politica.—H.

NEW-YORK, 20. — A respeito da declaração do sr. Lloyd George de que a opinião americana, era unanime em aprovar o seu ponto de vista na questão da Alta Silesia. o sr. Stewart David, presidente honorario da Sociedade de Defeza Americana dirigiu á Agencia Havas o seguinte telegrama:

O primeiro ministro britanico não tem qualidade nem se pode julgar autorisado a falar em nome do publico dos Estados Unidos, que deixaram de pertencer á Corôa britanica desde 1776.

O povo americano é perfeitamente capaz de exprimir por si proprio a sua opinião e não pode ser inimigo da França.—(H.)

DUBLIN, 20.—Segundo o «Freemans Journal» o sr. Lloyd George presta-se a encontrar-se com o De Valera, sem condições previas da sua parte, como unico meio de se chegar a uma solução.

De Valera teria respondido dizendo que, primeiro que tudo deve ser reconhecida a independencia da Irlanda e depois d'isso porder-se-ha então, a discussão dos interesses comuns.—(A).

WASHINGTON, 20— O ministro dos estrangeiros sr. Hughes, respondendo a uma questão já posta no Senado desde o ano ultimo declarou que o governo americano faria representações junto dos governos estrangeiros cada vez que uma concessão de petroleo, com caracter de monopolio, seja concedida em qualquer parte em detrimento dos interesses de cidadãos americanos.—(H.)

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Os desafios do Domingo

1.ª categoria.—Final para apuramento do campeão.

Sporting contra Atlético no Campo Grande, ás 17 horas; juiz o sr. Rugerio Peres.

Taça Mutilados de Guerra—Meia Final.

Carcavelinhos contra Belenenses, no Campo Grande, ás 15 horas; juiz o sr. John Armour.

4.ª categoria:—Final para apuramento de Campeão.

Bemfica contra Foot-ball Bemfica, no Campo Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Arnaldo Mata.

2.ª categoria. — Prova Especial — Apuramento de finalistas.

Bemfica contra União do Comercio em Bemfica, ás 12 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (do S. C. P.).

União Lisboa contra Royal em Bemfica, ás 14 horas; juiz o sr. Ilidio Nogueira.

BOX

O combate de amanhã no Coliseu

Mario Gall reaparece amanhã no *ring* do Coliseu, batendo-se contra Max Henry. O combate é de 10 *ronds* de 3 minutos.

Antes, outro combate ha que deve despertar interesse.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

3278...	40.000$00
3317...	6.000$00
1102...	2.000$00
6205...	1.600$00

3277...	972$50	1169...	200$00
3279...	972$50	1717...	200$00
1086...	500$00	2329...	200$00
1591...	500$00	3062...	200$00
3652...	500$00	4178...	200$00
7400...	500$00	4526...	200$00
600...	200$00	5810...	200$00
1115...	200$00	7439...	200$00

Dr. Antonino C. de Miranda Corrêa

MISSA

Zelia V. de Miranda Corrêa e filhos, Jucundina de Miranda Corrêa, dr. Maximino Corrêa e Senhora, dr. Diocleciо Corrêa e Senhora, dr. Carolino Corrêa e Senhora, Joana Corrêa de Sá Pereira, Evarinta Barjona de Miranda, Elisa Suessarana e João de Sá Pereira, esposa, filhos, mãe, irmãos e cunhado do dr. Antonino C. de Miranda Corrêa, participam a todas as pessoas de suas relações que mandam rezar na Igreja de S. Domingos pelas 11 horas de amanhã uma missa em sufragio da alma do seu querido marido, pai, filho, irmão e cunhado.

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSOCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A CAPITAL

3787 — 11.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 21 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE
Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

OS ACONTECIMENTOS

Os acontecimentos d'esta madrugada são do genero d'aquelles que só uma especialissima situação politica pode engendrar, e por isso mesmo não podem deixar de ser encarados com toda a reserva.

No momento em que escrevemos a attitude do publico deve definir-se n'esta palavra: expectação. O primeiro interesse da opinião, em Portugal, é sempre o de saber se as instituições republicanas são attingidas com o acto que se praticou. No caso afirmative, o povo arma-se imediatamente para defender a Republica. Foi o que succedeu com a tentativa realista de Monsanto. No caso negativo, espera, até vêr se se esclarece bem a situação, e se pode comprehender toda a significação d'esse acto e avaliar as suas consequencias.

E' possivel que tratando-se d'uma manifestação de hostilidade a um governo, a opinião reagisse. Mas para isso seria necessario que esse governo fosse popular, que representasse as aspirações da nação, que se lhe reconhecesse força e prestigio. Quando, porem, os governos não estão n'esses casos, e não é a primeira vez em Portugal que tal acontece, a opinião não se julga obrigada a defendel-os, tanto mais que ha muito os abandonou á sua sorte.

Intangiveis, só a Patria e a Republica. Desde que nem uma nem outra sejam ameaçadas, os acontecimentos podem merecer uma espectativa até que claramente se elucidem as suas causas e se definam os propositos a que obedeceram.

E' nesta situação que nos encontramos, mas não podemos deixar de consignar, com justificado desgosto, que só a anormalidade reinante neste paiz é que torna possiveis estes incidentes, tambem de sua natureza anormaes.

Se se tivesse, ha muito, dado ouvidos aos que reclamam, na politica um pouco de logica, e no governo uma indispensavel homogeneidade; se não vivessemos no regimen das combinações absurdas e imoraes em que todos os programas se confundem e todas as correntes se misturam; se soubessemos distinguir a vontade nacional que no seu proprio alheiamento da vida politica, tal como ela se tem feito, nos patenteia uma lição; se não fossemos contumazes na procura dos sofismas, dos estratagemas, das mixordias politicas e governamentaes, nós não teriamos de continuar sujeitos a episodios que nunca deixam de dar a impressão, sobretudo no estrangeiro, duma desorganisação social.

De cada vez que estes factos se produzem, o paiz, embora lamentando-os, espera deles algum beneficio. Desgraçadamente, dentro em pouco, vêmo-nos em presença de processos semelhantes áquelles que se procurou fulminar.

Ponhamos acima de tudo a Patria e a Republica, e perante estas duas imagens saibamos encontrar o equilibrio que nos falta na politica, na administração e na propria vida social.

O que se passou de madrugada — A demissão do governo

De madrugada, forças da guarda republicana e do 1.º grupo de companhias da administração militar, assim como grupos de civis armados entraram no quartel de Campolide, onde estão aquarteladas a 5.ª e 6.ª companhia da G. N. R. e o Grupo de metralhadoras pesadas indo uma comissão delegada a casa do chefe do Estado, de quem solicitou audiencia. Recebida imediatamente essa comissão expôz ao sr. presidente da Republica a sua discordancia com a marcha do governo e do parlamento.

A essa hora estava reunido em casa do sr. dr. Antonio José de Almeida o conselho de ministros, tendo o sr. dr. Bernardino Machado, apoz demorada discussão, resolvido apresentar a demissão colectiva do governo, demissão que o sr. presidente da Republica aceitou, tendo logo de manhã chamado á sua residencia os «leaders» parlamentares, a fim de os ouvir.

Uma das reclamações apresentadas pela comissão que foi conferenciar com o chefe do Estado foi a dissolução do parlamento.

O sr. dr. Alvaro de Castro, ministro da guerra, não assistiu ao conselho de ministros, tendo-se retirado logo que ouviu o sr. presidente da Republica expressar o seu desejo de que se não empenhasse lucta entre quaesquer elementos militares.

Tambem ao conselho não assistiu o ministro da instrução, sr. dr. Julio Martins, o qual se dirigiu para bordo d'um dos navios de guerra.

As tropas retiraram aos quarteis pelas 9 horas.

E' provavel que o governo continue com o expediente emquanto durar a reunião da Conferencia Interparlamentar do Comercio.

No Centro Liberal, no largo do Calhariz, estiveram durante o dia reunidos os srs.: dr. Antonio Granjo, Tomé de Barros Queiroz, Ribeiro de Carvalho e outros elementos dos antigos partidos unionista e evolucionista.

Pelas 16 horas, o sr. dr. Antonio Granjo dirigiu-se a casa do sr. presidente da Republica, onde foi chamado.

Hontem de tarde apareceram no governo civil alguns grupos que se tornaram suspeitos, pelo que tanto o comissario geral da policia, como o diretor da de investigação criminal, sr. dr. Reis Junior, os mandaram sair dos corredores, ordem que os individuos que faziam parte d'esses grupos promptamente acataram.

Ao que se dizia a intenção d'esses grupos era prender o capitão Tribolet.

Com efeito, esse oficial, quando hoje de manhã atravessava a avenida da Liberdade foi preso por alguns civis, mas pouco depois posto em liberdade.

No Arsenal e a bordo do «Vasco da Gama»

Um discurso do sr. dr. Julio Martins

A' hora a que escrevemos nota-se uma grande desorientação entre os elementos empenhados na defeza da Republica.

Como dizemos noutro logar o sr. dr. Julio Martins, ministro da instrução no gabinete Bernardino Machado, foi para bordo do «Vasco da Gama» tendo-se ali conservado durante parte do dia e só voltando para terra ás 15 horas.

Quando o chefe do partido popular se dirigia de automovel a casa do sr. presidente da Republica, onde se ia reunir o conselho de ministros, foi abordado nas proximidades da Rotunda por um numeroso grupo de militares e civis armados que o obrigaram a apear-se, ficando com o carro e obrigando o ministro a seguir a pé, afirmando-lhe que ele se devia considerar destituido do seu cargo.

Desconfiado do que se passava, o sr. dr. Julio Martins voltou imediatamente para o seu ministerio procurando comunicar com a presidencia da Republica e com os seus colegas de gabinete, nada tendo conseguido porém.

Em vista do que se ocorrera, e em presença das noticias espalhadas, o sr. dr. Julio Martins foi para bordo do «Vasco da Gama», onde fez um vibrante discurso á marinhagem incitando-a á defeza das instituições.

Imediatamente de bordo do navio chefe se começaram fazendo sinaes para os outros barcos e estações navaes, sendo as respostas obtidas concordes no principio da defeza dos poderes constituidos, custasse o que custasse.

Na iminencia de um movimento sedicioso tendente a depor o governo e, segundo se afirmava, tendo a intenção de impor personalidades pouco afectas á Republica, o ministro da instrução chamou para seu lado os marinheiros que incondicionalmente se puzeram á sua disposição.

Os navios arvoraram imediatamente o sinal de «Defeza das instituições», dirigindo-se pouco depois o sr. ministro da marinha, Fernando de Brederode, para o «Vasco da Gama», onde conferenciou demoradamente com o seu chefe. Iniciou-se então uma serie de viagens, em que o sr. Brederode ora estava em terra ora junto do seu colega, pretendendo trazê-lo para o seu gabinete, ao que o sr. dr. Julio Martins se opunha vivamente.

Argumentava o chefe dos populares com a coação a que estava sujeito o chefe de Estado e que não lhe permitia a escolha livre do novo gabinete.

Cerca das 14 horas encontrava-se o sr. Fernando de Brederode no seu gabinete do ministerio de marinha, tendo junto a si varios politicos e muitos oficiaes superiores da armada.

Ao que conseguimos ouvir, tratava-se da manutenção da ordem e da disciplina que é necessario manter atravez de tudo.

Os comandantes dos barcos surtos no Tejo procuraram de manhã embarcar para bordo dos navios sob as suas ordens, não lhe tendo isso sido consentido, e só podendo eles ir para os navios já bastante tarde e em virtude de uma combinação previa.

Nos corredores do ministerio da marinha encontravam-se muitos sargentos e praças, estando ali tambem o alferes sr. Matos Cordeiro que á repartição do gabinete foi protestar contra a atitude assumida no Arsenal pelo capitão-tenente sr. Teixeira.

Entretanto o sr. presidente da Republica, fazia saber ao sr. dr. Julio Martins, por intermedio do chefe de gabinete, deste ultimo deputado sr. Manuel José da Silva, que não se encontrava sujeito a qualquer pressão, devendo o chefe popular voltar para terra a fim de que a ordem ficasse definitivamente assegurada.

Cerca das 14,30 embarcaram no «Capitania», a fim de se avistarem com o sr. Julio Martins, os srs. ministro da marinha, Manuel José da Silva e Carlos Magalhães Ferraz.

O sr. dr. Julio Martins, em presença do que se passava, dirigiu á marinha uma proclamação vibrantissima, tendo-se depois vindo para terra e desembarcando na ponte do Barreiro. Acompanhavam-no os srs. Cunha Leal, capitão tenente Procopio de Freitas, alferes Herculano de Seixas e outras individualidades filiadas no partido popular.

No Ministerio da Instrução — Um discurso do chefe popular

O sr. dr. Julio Martins, acompanhado de muito povo, dirigiu-se para o seu gabinete, onde fez uma alocução explicando o que se havia passado e qual a sua atitude em presença dos acontecimentos.

Historiou-os afirmando energicamente que não consentirá, enquanto tiver vida, que alguem pretenda intrometer-se na vida publica para encobrir uma desmoralisação que já é, infelizmente, do publico dominio.

Em seguida falou o revolucionario civil Magalhães Ferraz, afirmando a necessidade de se fazer um saneamento, impresoindivel na Republica, substituindo-se algumas entidades pouco afectas ao regimen.

Falaram ainda o sargento do exercito Torcato, que declarou ser necessaria a união de todos os democratas em presença do perigo comum, e um sargento da armada dizendo que á frente desta corporação se deve colocar uma personalidade de prestigio.

A' hora a que escrevemos, o sr. dr. Julio Martins era chamado telefonicamente da presidencia da Republica, tendo debandado todas as pessoas que se encontravam no seu gabinete por entre palmas e vivas á Patria.

A suposta causa do movimento — Uma junta revolucionaria?

Diz-se que o movimento foi devido a o sr. ministro da guerra pretender transferir varios oficiaes do 1.º grupo de companhias da administração militar, aquartelada, como se sabe, na Cova da Moura.

Limitamo-nos a registar o facto, apenas como elucidação, visto não termos elementos que o confirmem ou o desmintam.

Corre tambem o boato, com insistencia, de que faziam ou fazem parte da junta directiva do movimento os sr. Liberato Pinto, Machado Santos, Carrazeda de Andrade, major Marreiros e capitão Pires Monteiro.

Foi, ao que se afirma, o sr. presidente da Republica quem, sabendo da saida das forças dos quarteis e da marcha dos civis mandou chamar delegados, a fim de saber o que pretendiam, como foi ainda o chefe do Estado que terminantemente se opoz a que o sr. Alvaro de Castro levasse por deante a intenção em que parece estava de mandar sair o regimento de infanteria 1.

Pelas 17 horas, chegou ao Terreiro do Paço uma força de cavalaria da guarda republicana sob o comando d'um tenente, com o fim de não permitir que quem quer que fosse estacionasse nas arcadas.

Imprensa

Por motivo de força maior, não se publica hoje o jornal «A Monarquia».

A abstinencia na Noruega

Os abstinentes são propagandistas terriveis. Poucas ou nenhumas são as esperanças que teem em ganhar para a sua causa os paizes latinos, onde o lindo ceu azul e os bons vinhos dão ás gentes um caracter alegre e amavel.

Mas, depois dos Estados Unidos vetarem a abstinencia, calculam que os paizes do Norte lhe sigam os exemplos.

Já metade da população norueguesa, ou mais de metade, se ligou á sua causa, supondo ter conseguido uma grande victoria no dia em que obtiveram do Governo que uma forte taxa pesasse sobre as importações de vinhos. Comtudo a Espanha não viu com bons olhos tal medida, respondendo com uma taxa tão elevada sobre as importações do bacalhau que quasi a tornou prohibitiva.

E como a Espanha era um dos grandes clientes da Noruega, o resultado não se fez esperar.

Mais de metade dos pescadores noruegueses estão já reduzidos ao chomage, do mesmo modo que os armadores começam a desarmar e a vender os seus barcos, vendo-se o governo norueguez na necessidade de acudir com socorros monetarios aos marinheiros.

Por certo que, nestas circunstancias será obrigado a capitular, tanto mais que Portugal parece estar bem decidido a usar da mesma arma em favor dos seus vinhos designadamente do vinho do Porto. Terão assim os abstinentes perdido a partida?

A semana agricola

Como se sabe, a semana agricola realisa-se de 24 a 29 do corrente.

A entrada na Tapada da Ajuda é publica n'esses dias.

SEGREDO A TODA A GENTE

As mulheres

Uma vez, ha dois anos, veiu-me parar ás mãos um livro. Psicologia feminina. Uma noite abri-o e li algumas paginas ao acaso. Achei-as interessantes e acabei por ler o livro todo. Depois — a vida está cheia de inverosimil como as mulheres — voltei a lê-lo uma, duas, tres vezes. Já não era curiosidade: era vicio. Escrevi-lhe na primeira pagina uma frase de Oscar Wilde — e decorei-o como se fosse uma lição. Ha livros que me interessam sem eles saber como — e sem eu saber porquê. Este foi um deles. A's vezes tinha-o na minha estante — de pernas para o ar. Era uma maneira curiosa de o distinguir dos outros. Um dia — c'est le vieu-jeu de l'amour — aborreci-me dele. Apaguei-lhe a minha assinatura e deitei-o fóra: ia cheio de anotações minhas. Hontem um amigo meu convidou-me para ir a sua casa ver um tapete velho, de Arraiolos, adquirido na vespera a um judeu de bric-á-brac. Uma maravilha de côr: duas pequeninas figuras do seculo XVIII passeando na nevoa azul da tarde entre as alamedas de buxo dum jardim. Falouse de tudo — da literatura portanto.

— Quér vêr um livro curioso que comprei ha dias. Psicologia feminina. Ha de achá-lo interessante. Está cheio de anotações. Conheço aquela letra. Não me lembra de quem é. Veja.

Era o meu livro. Não o abri sequer a as recordei-me então de muitas anotações minhas. Querem vêr. Entretanto devo dizer-lhes que o livro — é apenas uma mulher. Ainda a conheci encadernada num espartilho côr de rosa. Hoje é apenas uma brochura. Em todo o caso é uma mulher anotada — nos braços, nas pernas, nos olhos, na boca na alma. As anotações talvez sejam uteis para os homens que passando a vida a folhear mulheres — apenas conheceu delas o indice. Ora oiçam:

Em que pensa uma mulher bonita diante dum espelho? Em que o espelho seria muito mais amavel se lhe reflectisse o sexo contrario.

Não são os homens que fazem a bôa ou má reputação das mulheres: são as proprias mulheres.

Quando quizeres guardar um segredo, minha filha, — procura convencer-te primeiro de que não é segredo.

As mulheres são as pernas dos homens: levam-nos para onde quérem.

Escreveste com beijos o teu o nome na minha péle. Sabes? Nunca julguei que o teu nome fosse do meu tamanho.

Nunca respondas ás minhas cartas sem consultares o teu espelho. Ele é a tua «reflexão». E' mesmo a unica reflexão das mulheres.

Diante do retrato duma mulher bonita está provado que os homens só lhe veem as qualidades — e as mulheres só lhe notam os defeitos.

Na virtude, eles fazem precisamente o contrario do que escrevem — e elas o contrario do que dizem.

Se apenas as mulheres tivessem braços — nunca se tinham inventado os abraços.

Qual é ainda o melhor argumento para convencer uma rapariga? Um beijo. E uma velha? Um doce.

Para que se vestem as mulheres? Pudor! E afinal para quê? Nós sabemo-las de cór. Somos capazes de as percorrer todos — de olhos fechados.

As cartas delas devem rasgar-se sempre: ou não dizem nada — ou dizem de mais.

O coração de certas raparigas é como o seu saquinho de mão. Contem um espelho, uma borla de pó d'arroz um bilhetinho d'amor — e a chave da porta...

Tres mulheres quando falam do mesmo homem discordam sempre; trez homens quando falam da mesma mulher nunca deixam de concordar.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Congresso nacional cooperativista

Reunem hoje, pelas 21,30, na sala «Moçambique» da Sociedade de Geografia, os relatores das teses a apresentar ao 1.º Congresso Cooperativista, que se realisa em Lisboa, nos dias 10 a 12 de junho.

Capitão Guerra Quaresma

Este valente e distinto oficial, republicano dedicado e sem sectarismos politicos, só insistentemente solicitado e no cumprimento d'uma ordem de serviço, aceitou o cargo de comissario de policia, que nunca pediu, nem nunca pretendeu.

O sr. capitão Guerra Quaresma não tomou ainda hoje posse do seu logar.

NOTAS FALSAS

CARIDADE

O velho preceito biblico que manda dar esmola com a mão direita sem que a mão esquerda suspeite e vice-versa se o individuo é canhoto, vae perdendo o rego.

Li hontem n'um jornal, o seguinte que me deixou pasmado:

—«da Excelentissima e ilustrissima senhora dona Balbina Maria Napuceno de Oliveira Lopes Simões e Silva, esposa do nosso querido amigo e arrojado comerciante, Joaquim Antonio Lopes Simões e Silva, Avenida Antonio Augusto de Aguiar A. S. primeiro andar, direito, a quantia de quinhentos reis»—

Ora eu não quero duvidar da veia filantropica da Dona Balbina, nem por sombras pretendo pôr em critica o gesto expontaneo da Dona Balbina, longe de mim a ideia de vir para as colunas d'um jornal pôr em plano de menos reverencia, o coração bondoso da Dona Balbina, mas não posso deixar correr em claro, um nome tão avantajado com uma quantia tão minuscula na ponta.

Disse eu que já não se cuidava em seguir o preceito biblico e este exemplo vem reforçar o dito.

A Dona Balbina não só deixou que a mão esquerda descortinasse o manejo da mão direita, como até o foi contar aos apelidos do pae, do avô, da bisavó, do marido, do pae do marido, da mãe do marido, á rua, ao predio e ao andar! ¿Não lhes parece gente, sua e andar a mais?!

Vinha a noticia na primeira pagina d'um jornal; sabido que a publicação de cada linha custa n'esse local a quantia de cinco mil reis, a apoteose do gesto da Dona Balbina, que levava seis linhas, ficou por tanto por trinta escudos. Ora trinta escudos por cinco tostões não concorda a Dona Balbina que é relativamente barato?

Concorda com certeza e eu tambem concordo com V. Ex.ª e tanto que aqui deixo um alvitre: (já tenho deixado tantos que mais um não me faz falta).

Nas subscripções publicas, os dadivantes terão que dar um tanto por letra nos nomes proprios, e nos apelidos e mais esclarecimentos, a dobrar.

Estou certo que os nomes que aparecerão nas listas, são simplesmente; Chicas, Maneis, Zés e que a respeito de apelidos, será tudo filho de paes incognitos.

Henrique Roldão

PELO TELEGRAFO

A reunião do conselho supremo é adiada

PARIS, 20. — Um despacho recebido de Roma pela Agencia Reuter diz que o ministro dos negocios estrangeiros italiano, conde de Sforza, parte no sabado para Boulogne-sur Mer, a fim de tomar parte nas reuniões do conselho supremo.

Das informações colhidas nos meios autorisados desta capital resulta que o sr. Briand só responderá ao convite que lhe foi feito pelo governo britanico depois de terminado o actual debate parlamentar — (H).

ROMA, 20. — O ministro dos negocios estrangeiros, conde de Sforza, adiou a sua partida para Bolougne. — (H).

Direitos sobre as mercadorias alemãs

LONDRES, 20. — Oficial. — A importancia a tirar sobre a importação das mercadorias alemãs será de 26 em logar de 50. — (H).

Navios que abalrôam

MONTEVIDEU, 20. — Na rade deste porto o vapor inglês «Kelsonead» abalroou com o vapor «Marquise» da mesma nacionalidade produzindo estragos nas obras mortas avaliados em 20 mil pesos. — (A).

As gréves no Paraguay

ASSUNCION, 20. — Continua no mesmo pé a gréve dos empregados dos tramways sem se entrever possibilidade de um acordo. São apoiados pelos gremios filiados na federação operaria. — (A).

Exportações francezas

PARIS, 21. — Nos primeiros 4 mezes de 1921 as exportações francezas elevaram-se a 7.900 milhões de francos, com um augmento de 1.111 milhões sobre egual periodo de 1920.

A exportação de objectos manufacturados augmentou de 74 milhões

As importações no mesmo periodo foram de 7.683 milhões, com uma diminuição de 5 biliões em relação aos 4 primeiros mezes de 1920. — (H).

A conferencia dos embaixadores

PARIS, 21. — A conferencia dos embaixadores tomou conhecimento das informações enviadas pela Alta Silesia. Aprovou uma serie de relatorios elaborados comité militar interaliado de Versailles relativos aos detalhes sobre a aplicação do Tratado de Paz na parte respeitante ás clausulas militares e aereas e em conformidade com as decisões de Paris. — (H.)

A paz entre os Estados Unidos e a Alemanha

WASHINGTON, 21. — A discussão da moção relativa á paz com a Alemanha não começará antes de 1 de Junho data em que a Alemanha realisará o seu primeiro pagamento, em conformidade com as decisões de Londres, não contando o pagamento imediato de biliões de marcos. — H.

Reembolso aos exportadores alemães

BERLIM, 21. — Uma nota oficiosa anuncia que o governo do Reich raembolsará em marcos papel os exportadores pelas somas percebidas pelos paizes aliados na sua participação de 26 0/0 nas exportações alemãs — (H)

DOIDA NÃO E NÃO!

Doida... com juizo

Depois de ter recebido a primeira carta do sr. dr. Balbino Rego, porque a minha educação me mandava agradecer-lhe as condolencias pela morte de meu irmão Eduardo, respondi a esse senhor.

Não posso reproduzir essa minha carta, porque já passaram sobre ela mais de dois anos e não guardei copia; mas posso, pouco mais ou menos, dizer o seu assunto.

Agradecia as condolencias e, referindo-me á tranquilidade da morte, dizia que meu irmão devia estar feliz; e, porque me parecia que, decerto, em vida eu já não poderia ter ventura, esperasse ele pela minha morte, para então poder dizer, «sem receio de se enganar»: «agora sim, é feliz».

Esta carta o sr. dr. Balbino Rego apesar da intimação que lhe fiz n'«A Capital» de 23 de Agosto de 1920 não a publicou.

Porquê? Porque ela nem era a carta duma doida, nem lhe lisongeava o amor proprio.

Como esse senhor queria, é evidente, estabelecer correspondencia comigo, escreveu-me de novo a carta que vou reproduzir e que teve o silencio como resposta.

«Minha Ex.ma Amiga e Senhora D. Adelaide:

28/12/918

«Com que só depois de a saber morta é que poderei afoitamente julga-la feliz?! Repare como é injusta com o bom Destino: uma enorme familia que a adora, um grandissimo mundo de infelizes que só lhe desejam bem pelo bem que a sr.ª D. Adelaide nele tem espalhado e, já não quero referir-me a mais ninguem, o filho, o unico filho, o José, não lhe dão o encanto de viver?!

«Bem sei que a felicidade é subjectiva e que cada um faz dentro de si a sua desventura: basta só ter desejos e aspirações que não possam ou não devam ser satisfeitas. E quem é senhor dos seus desejos, e quem pode regrar as suas aspirações?

«Convenho, a vontade educada limita os vôos da nossa fantasia.

«Mas quando ha alguma coisa que domina a nossa vontade?

«Ora repare, e se o enfraquecimento da sua vontade não fosse senão, por exemplo, uma consequencia da sua fisiologia de senhora com manifestações nada fisiologicas?

«A' sua brilhante inteligencia se dirige a minha amizade, certo de que nela encontrarei bom acolhimento para os meus dizeres que se me afiguram o que ha de mais lógico e procedente.

«Que noticias lhe poderia transmitir que a interessassem? Algumas e boas seria o meu desejo como pessoa que muito lhe quere e que confia que o novo ano de 919 lhe compense em felicidades o que de mau lhe deu o agonisante e pouco saudoso 918.

«Breve terei de ir ao Porto e seria grande a minha alegria se a encontrasse contente e numa atitude de espirito diferente daquela em que me escreveu a carta que muito lhe agradeço. Até lá.

«Conte sempre com a amizade e gratidão do de Vossa Excelencia creado muito e muito obrigado.

«Antonio Balbino Rego».

(A cópia desta carta encontra-se junta a fls. 659 dos autos).

Guardemos para a minha próxima carta os comentários a que acabo de transcrever; e o leitor tenha a bondade de guardar este jornal.

Maria Adelaide

Conferencias

Por motivos imprevistos, não se realisa amanhã, na Universidade Livre, a 5.ª lição do curso «A mizeria atravez da historia».

O presente feito a madame Curie

O presidente Harding exalta a amizade dos Estados Unidos pela França e pela Polonia

WASHINGTON, 21. — Remetendo a madame Curie o grama de radio oferecido pelo povo americano, o presidente Harding, tomando por protexto a origem dolaca da ilustre sábia franceza, disse que os Estados Unidos acolhendo-a como filha adeptiva da França, que foi a primeira das nações a auxilial-os na sua independencia, saudava tambem na sua pessoa a filha da Polonia que sendo a mais nova das nações era, no entanto, uma das mais antigas entre as grandes Nações.

Vendo em madame Curie a representante da Polonia reintegrada no seu legitimo logar entre as nações europeias e tambem a representante da França cujo trabalho merece a estima universal presta-lhe as devidas homenagens, afirmando ainda o orgulho dos Estados Unidos pela antiga amizade que une a America á França e á Polonia, exaltando ainda honra de terem combatido com elas pela civilisação.

O sr. Harding, termina por elogiar calorósamente madame Curie que realisou já uma obra imortal em favor da Humanidade. — (H).

OS SINN-FEINERS EM ACÇÃO

Atentados misteriosos em Londres

No sabado passado perpetuou-se em Londres uma serie de atentados, atribuidos aos sinn-feiners. Deram-se esses atentados em sete bairros da grande cidade, ficando feridas seis pessoas, algumas delas gravemente.

Em Catford, dois mascarados apresentaram-se na residencia dum habitante do bairro, de 61 anos, e descarregaram os revolveres sobre ele e sua esposa, de 56 anos, ferindo-os e fugindo seguidamente de bicicleta.

Quatro homens armados entraram á força numa casa bancaria do bairro de Tooting, espalharam essencia mineral na sala onde estavam, lançaram lhe o fogo e fugiram. Felizmente os bombeiros conseguiram extinguir o incendio.

Em Shepherd's Bush, um morador dum bairro viu entrar em sua casa quatro homens que pediram para falar a seu sobrinho, membro da policia irlandeza. Respondeu-lhes que o sobrinho não morava ali, mas eles não quizeram dar-se por convencidos. Pouco depois soava uma detonação. O filho do dono da casa correr para o vestibulo e foi encontrar seu pae gravemente ferido.

Numa outra casa do mesmo bairro, cinco homens foram perguntar por um membro da policia irlandeza. Regaram com petroleo o soalho da sala, deitaram-lhe fogo e puzeram-se em fuga. O incendio foi facilmente extincto.

Em Saint-Albans, um antigo combatente e sua mulher foram victimas dos agressores. Tres homens entraram na casa onde ele tinha um quarto alugado e pediram á dona da casa para o mandar chamar. Ele desceu a escada e então os tres homens obrigaram-no a subir para o quarto, apontando-lhe os revolveres. Ali chegados, um deles disse-lhe:

— Conheço-o. Fez parte da policia real irlandeza.

Depois, apontando para uma caixa que se via a um canto do quarto:

— Abra-a! — ordenou.

O antigo soldado baixou-se para obedecer e o desconhecido meteu-lhe uma bala na cabeça.

Por sua vez, a mulher do antigo soldado foi egualmente ferida na cabeça.

Em West-Kensington, foram sete individuos perguntar a uma casa d'esse bairro por um certo capitão Word. Puxaram pelos revolvers e ameaçaram os habitantes da casa, sem porém dispararem. Contentaram-se com lançar fogo aos moveis, causando prejuizos consideraveis.

Em Battersea e em East Greenwich homens armados e mascarados, como não tivessem podido conseguir entrar nas casas onde o tentaram fazer, deixaram na primeira uma garrafa de essencia mineral envolta n'um jornal irlandez a que haviam deitado fogo, e na segunda um revolver e duas garrafas de essencia mineral.

Os atentados devem ter intima correlação com as buscas que n'esse dia tinham sido feitas pela policia em sete locaes diferentes e principalmente no escritorio da Liga para a livre disposição da Irlanda, onde foram apreendidos numerosos documentos, que ao que se afirma tem grande importancia, porque provam a existencia de intimas relações entre a Liga e o exercito republicano irlandez.

Foi preso um tal O'Conner, membro da Liga.

Na Irlanda repetem-se tambem os atentados

As noticias oficiaes vindas de Dublin dão conta de muitos atentados e d'algumas mortes violentas.

No dia 15, á noite, em Ballyturn no condado do Gallway, um inspector de distrito, sua mulher, um capitão, um tenente uma outra senhora saíram de automovel de casa de amigos onde tinham passado o dia, quando d'um pequeno bosque proximo foi aberto tiroteio contra o veiculo. O inspector e sua esposa, assim como dois dos oficiaes foram mortos instantaneamente.

Em Middleton, no condado de Cork, um destacamento de highlanders prendera alguns rebeldes e procedera a buscas em suas casas. Como um dos rebeldes fugisse, os soldados fizeram fogo sobre ele e perseguiram-no. Durante a perseguição abriram fogo sobre eles duma casa em frente da qual iam a passar.

Os soldados responderam lançando bombas sobre a casa, o que fez com que fugissem os moradores e o senhorio, o qual foi morto com um tiro de espingarda. Tendo em seguida tentado fugir mais dois presos, foram tambem mortos e ferido o filho do senhorio.

Em Dublin, no dia 16, cêrca do meio dia, foram arremeçadas duas bombas contra um automovel que transportava homens do corpo de aviação militar. Oito civis, entre os quaes uma joven, ficaram feridos.

«A semana literaria»

Por conveniencia dos serviços de radação e de acordo com o cronista encarregado desta secção, para a «Semana literaria» a publicar se ás «2.ªs feiras».

Théatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO NACIONAL — Simone, *3 actos de Brieux, tradução de Horta e Costa*

Peça

Felizmente que o sr. Brieux explicou antecipadamente como lhe veiu a ideia de escrever a *Simone*: d'uma digestão laboriosa do prefacio da *la femme de Claude*, de Dumas filho, em que este dramaturgo com aquele ar cavalheiresco que todos lhe conhecemos openta como unica solução ao mari lo atraiçoado o *Tue là!*

O auctor da *Blanchette* que Brisson nas primeiras peças do teatro por elo apresentadas encontra como advogado e dramaturgo, depois na *Maternité*, *les Avaris* só como advogado está na *Simone* de novo integrado em homem de teatro. Propoz-se defender uma tése. O futuro, as consequencias para os filhos d'aqueles que lavam a sua honra com um tiro.

Depois da peça subir á scena, escreveu no *Matin*, isto em 1908, um artigo sobre as ideias que defendia, artigo interessante que não transcrevemos por ser longo, e onde repudiava todo o humanitarismo, a civilisação do homem que *mata* por se ter deixado levar pela colera. «Or, qu'est la colère sinon la perte le tout raisonnement la disparition du self-contrôle; le relachement des freins qu'une longue civilisation a lentement etablis; qu'est ce, sinon la reapparition de la brute ancestrale dans l'extrême férocité d'un égoïsme exaspéré?»

Quando o teatro serve para defesa duma tese, o dramaturgo encaminha para o lado que melhor lhe convem com maior ou menor habilidade os suas deduções e conclusões, sem que contudo eles representem a verdade absoluta; o exagero, o ferir pronunciado de certas teclas sentimentaes, deformando a realidade, são necessarios para a causa...

Daqui resulta que este teatro cujo destino está de ante mão traçado, cujo fim é levar o publico a uma conclusão que o autor deseja, está quasi sempre em antagonismo com a verdade, com a vida. Um homem mata a sua mulher, sem premeditação, mas com toda a justiça. 17 anos depois esse acto pesa sobre os destinos da filha do matrimonio. *Simone* educada no culto de sua mãe, — por conveniencia do autor —odeia o pai—não quer sentir as mãos do homem que ha 17 anos tem sido para ela, o educador, o mestre, o grande amigo, um pai como muito poucos.

Ha aqui deficiencias extraordinarias, os taes exageros para levar ao drama de sentimentos que *Brieux* quiz apresentar.

Simone não tem que amar senão o *pai*. Só ele é bom em todo o drama. A mãe—diz-se—nunca amou ninguem e a imagem quasi santificada que o vencido traido laz erguer na pequenita é desproporcionado, é um *truc* de teatro. A meia sombra, uma discreta saudade, o olvido pertenciam á morta; nunca o amor extremo, aquele cegueira que se vê estar preparada para o golpe da revelação. E que ela tivesse sido boa! Haveria razão ainda, pelos laços de sangue, pela união de espirito entre *Simone* e seu pai, para aquela repulsa instintiva pelo assassinio que se ergue de subito no meio da sua felicidade? E essa repulsa depois duma explicação leal, clara, com o testemunho já conquistado do sr. de Lorsy não seria a solução facil, dolorosa sim, mas suave do drama?

Mas é este o bom teatro. A peça de Brieux profundamente moral, cheia de pundonôr nos personagens, timbre e grandeza, pertence ao numero das peças que se ouvem sempre com interesse. Tecnicamente, como o «Cid», como as peças policiaes do vazio teatro de hoje, inicia-se por um acto de drama,—o crime reside no principio, dali para a frente é a peça. Não vae num crescendo de intensidade dramatica. Entra no drama, e o primeiro acto, com cinco figuras masculinas movendo-se é um belo exemplar de teatro. O entrecho, os antecedentes são explicados ao publico, numa revelação original e intensa. E' do bom teatro. E' de perfeita tecnica.

Os dois actos restantes são, como dissemos levados pela mão do autor. São assim porque não convem que sejam outra coisa. Mas o dialogo é como o de todas as peças de advogados, completo, não deixando mais uma hipotese, prevendo e fechando todos os argumentos que se possam opôr. «Simone» defende a causa da humanidade contra um preconceito barbaro, diz Brisson.

Na «Simone»—acrescenta Ernest Charles—Brieux dá-nos o seu teatro, teatro que tem a tése é sustentada pela acção e não a acção pela tese. Jean Richepin chamou-lhe «obra simples, forte, altaneira e nobre do generoso filósofo» e «mestro dramaturgo» enquanto Nozière nos diz que a serio do seu teatro em que Brieux «preserva a vida e a saude dos individuos foi acrescentada com este «protesto contra aqueles que se arrogam do direito de matar».

Se lembrou ate ao longo, na sua forma sobria e rigida, a «Euménides» do douto «Eschylos».

Uma nota: isto não é érudição, é a «Illustration Theatrale» para uso dos leitores de «A Capital».

Tradução

A peça foi traduzida com inteligencia. Pequenos nadas devem desaparecer, como no 3.º acto bastantes «sublinhados», equivalencias de uso corrente, e um «depois de hontem» que deve ter sido engano do actor que tal disse. Tambem a protagonista diz «Que devo fazer, diz-me», em vez de «Dize-me».

O resto corrente e agarrado ao original.

Desempenho

O conjunto foi bom, apesar de dois ou 3 personagens que faziam sorrir de grotescos, bastante indecisos; o todo esteve harmonico, bem ensaiado, sobressaindo nos papeis principaes Ilda Stichini e Erico Braga.

Ilda Stichini fez o seu primeiro papel de grande responsabilidade. E francamente, rudemente, saiu-se bem. O papel era muito dificil, extenuante, cheio de *nuances* diversas, da ingenuidade feliz á duvida, á incerteza, ao sofrimento, á dôr profunda. Graduar a pouco e pouco as emoções era a grande dificuldade do *Simone*. No 2.º acto, mulherzinha que exige, que quer saber, não é bem a menina mimada que da 3 punhados na mezo empunhando diz *tomei essa decisão*. Crêmos tambem que o personagem no 3.º acto não se reveste já da ingenuidade infantil que Ilda lhe dá ás vezes; deve haver mais dôr, mais recolhimento, sofrer.

E' muito dificil, reconhecêmos, e é bastante, uma interpretação. A que Ilda Stichini lhe deu—e muito bem—talvez seja a verdadeira, mas não é homogenea. Teve altos e baixos. A voz tão suave para as falas ingenuas, subta ao desespero sem graduação lenta; por vezes feria o timpano. Mas falou bem, e é o seu triunfo é absoluto; á certeza já, e o aperfeiçoamento coroará os seus esforços, o seu trabalho e o seu estudo. A sua mascara de sofrimento é um pouco falsa, devido á boca, defendendo-se bem Ilda Stichini quando esconde nas mãos o seu chôro convulso. Amanhã melhorará bastante. O tempo completará o que o valor começou.

Erico Braga é que nos orgulha. Por vezes, no 2.º apareceu-nos um *centro* completo, d'esse teatro desaparecido com os Rosas, com Maia; no primeiro acto o papel foi estudado com minucia e levo mascara, chegou a impressionar. No segundo acto só nas pasadas muito largas, as passadas cheias da mocidade de Erico Braga, nos falseou o papel. O seu tom grave de voz ajudou-o bastante; foi sem duvida um triunfo, o triunfo do seu valor sobre os *galãs* feitos para o seu temperamento.

Brazão seguro no papel, representou com calma e reflexão.

Rafael Marques compoz o seu tipo, aquele tipo do velho monoculisado que ele tem no fundo do seu reportorio quando lhe dão destes *canastrões*. Imagine-se um papel só para *ouvir*, só para estar calado longas scenas. Mas achamos que Rafael Marques fez muito bem em o aceitar, porque da um exemplo; não só nos grandes papeis se deve trabalhar; amanhã Ilda Stichini, Erico farão segundos papeis numa peça em que Rafael tenha um grande trabalho. O publico premeia estes conjuntos belos e o teatro voltará ao seu logar. O sr. de *Serjac* pai, podia ser feit por Raposo, por qualquer. Mas como? Grotescamente, sem interesse para o publico, porque num pequeno gesto se destroe uma scena. Não se arrependa Rafael Marques, e que todos assim pensem.

Antonio Melo cheio de defeitos. A máosinha que gesticula, o enteiriçado do corpo, a falta de maleabilidade. Mas tambem qualidades, por exemplo, o vestir bem.

Matos Reis, um advogado tambem hirto. Da mesma escola do anterior. Precisa treno, muito uso.

O sr. José Cardoso, ridiculo até na caracterisação; muito deficiente na representação e o sr. «Mignier», Jaime Zenoglio, tambem sem qualidades de dicção e de movimento: espectros.

Antonio do Nascimento, carregado no ridiculo da personagem. Com erros de frazes.

Elvira Costa com discreção e Maria Fernanda agreste.

Scenarios. Mise-en-scène

Scenarios cuidados e novos. Mobiliario mal arranjado, ferindo a vista pela disparidade de generos e contraste de côres. Encenação boa. Fartas palmas e geraes louvores. Parabens a Ilda Stichini.

Armando Ferreira

Medalhões

Berta de Bivar

E', sem lisonja, uma das mais interessantes artistas do nosso Teatro de hoje. Com uma força de vontade extraordinaria conseguiu um logar de destaque na declamação onde não tem feito senão aumentar o seu nome e melhorar as suas qualidades.

Podo dizer-se que Berta de Bivar tem já apezar da sua pouca idade... em Teatro, bastantes personagens em que tem marcado o seu valor. A *Verbolina* foi aplaudida sem reservas pela critica, e a sua figura no *Ninho de Aguias* não esquecerá.

Verêmos, com o andar do tempo, onde pode chegar esta artista, para o qual o futuro sorri fortemente como sempre sorri a quem é audacioso, trabalhador e... gentil.

Noticiario

No Brazil

O jornal *Boa Noite* realisou um concurso entre os seus leitores para saber qual a melhor actriz dos teatros brazileiros. Até agora o resultado foi o seguinte: Aura Abranches, 1088; Abigail Maia 1087; Sylvia Bertino, 611; Belmira de Almeida, 608; Cora Costa, 597; Lais Areda, 563; Iracema de Alencar, 416.

Fausta, 392; Esperanza Iris, 316; Lucilia Peres, 302; Alzira Leão, 293; Corina Fróes, 240; Cêo Camara, 58; Alda Garrido, 52; Julia Martins, 48; Otilia Amorim, 47; Palmyra Silva, 29; Ilda Ferreira e Sarah Nobre, 17; Candida Leal, 14; Pepa Delgado, 13; Leda Vieira, 10; Cordelia Ferreira, 7; Maria Fuster e Rita Ribeiro, 1.

— O escriptor Dr. Julio de Magalhães, entregou á direcção da companhia do theatro Recreio, uma revista-phantasia, intitulada «Pernas de fóra».

— Oduvaldo Viana, retirou da direcção do theatro Recreio, a sua revista intitulada «Dentro, hoje e amanhã» e está refundindo-a para fazer uma phantasia e entregal-a á direcção do theatro S. Pedro.

— Retirando-se para Portugal, em busca de melhoras para o seu saude, o actor Lino Ribeiro, que, ha alguns annos se acha entre nós, realizou um espectaculo de despedida no theatro Republica.

MUSICA

Na proxima quarta feira, ás 21,30, realisa-se no salão do Conservatorio um concerto para apresentação da sr.ª D. Adelaide Paixão, discipula do pianista sr. Vianna da Motta. No concerto toma parte o professor sr. João Passos.

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

O torneio Infantil do Sporting

Encontraram-se no passado domingo os grupos D|A-B|C, ficando vencedores os grupos D|R B por 3|0 e 3|0.

Amanhã realisam-se mais dois encontros entre os grupos A|B, ás 11 horas, e C|D ás 9,30, sendo juizes de campo respectivamente os srs. Mario Pertschini e Soares Junior.

LAWN-TENNIS

O Torneio Nacional do Club Internacional

Está despertando imenso entusiasmo entre os amadores de tenis o Torneio Nacional que o Club Internacional resolveu levar a efeito antes do 3.º Concurso da Primavera que se iniciará a 15 de junho proximo, devendo naquele tomarem parte jogadores de todos os clubs de Lisboa, Porto, Coimbra e outras terras da provincia onde se pratica este sport.

O Club Internacional já enviou convites aos clubs contando com a sua inscrição visto que este torneio é mais uma boa preparação para o Concurso Internacional.

A inscrição para o torneio nacional está aberta na séde do Club Internacional, rua do Crucifixo, 86, 1.º.

O Torneio inicia-se depois d'amanhã, 23.

Sobre a realisação de desafios

Comunicado da A. F. L.

Afim de evitar duvidas na organisação de provas ou torneios do «foot-ball» promovidos por entidades estranhas á A. F. L. a secretaria da mesma publica os seguintes artigos do regulamento e chama para eles a atenção dos clubs filiados.

«Nenhum club ou grupo filiado pode tomar parte em campeonato, torneios ou qualquer serie de jogos organisados por outra entidade que não seja a Associação, a não ser que essas provas sejam autorisadas pela Associação e sob os seus regulamentos.

«Nenhum club ou grupo filiado pode jogar «foot-ball» fora da area da Associação, sem obter a respectiva e necessaria autorisação antes de tomar qualquer compromisso, devendo indicar o club e o local onde vai jogar.

«Desafios de clubs ou grupos filiados com clubs ou grupos estrangeiros ou nacionais de fóra da area da Associação com entradas pagas ou gratis, só podem ser organisados sob os regulamentos da Associação e com o conhecimento desta, para o que o club organisador tem de fazer a respectiva comunicação com pelo menos cinco dias de antecedencia (artigos 1.º, 2.º e 3.º a pagina 27 do regulamento). «E' proibido aos clubs grupos ou jogadores filiados que tenham séde ou residencia ou simplesmente pratiquem o «foot ball» dentro da area da Associação ficando os transgressores deste artigo incursos nas penalidades deste regulamento (artigo 4.º a pagina 26 do regulamento). «Os socios ou clubs filiados castigados com suspensão temporaria ou expulsos da Associação sob pena de incorrerem em falta que a Direcção da Associação punirá (artigo 57.º do regulamento).

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. —«Simone».
S. LUIZ —A's 21 h.—«Sinos de Corneville».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA —A's 21,15 —«Dama das camelias».
POLITEAMA —A's 21 h. —«Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
EDEN—A's 21, h.—«Professor Stevenson».
SALAO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiero».
COLISEU DOS RECREIOS —A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Josephina de Souza Nunes

FALECEU

R. I. P.

Julio Cesar de Souza Nunes, Carlos Augusto Nunes, Maria Izabel de Souza Nunes, Pedro Nunes, Maria Leonor Nunes, Ermelinda de Souza Tribolet, Augusto Tribolet, Herminia Augusta Nunes d'Alcantara, Rachel de Souza Tribolet e Filipe de Souza Tribolet e Maria da Encarnação Tribolet, participam o falecimento de sua muito querida mãe, avó, irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realisa amanhã, 22, pelas 14 horas, da sua residencia, Rua do Carmo, 15, 2.º, para o cemiterio oriental.

ULTIMA HORA

Os acontecimentos

A proclamação dirigida á marinha

Foi a seguinte a proclamação dirigida á marinha:

«Tendo-me o Senhor Presidente da Republica comunicado, por intermedio do Ministro da marinha, dr. Fernando Brederode, que tinha «livremente» demitido o Ministerio do dr. Bernardino Machado, que as forças revolucionarias se encontravam desarmadas nos quarteis e que a constitucionalmente organisar novo Governo, cessou desse este momento o comando que assumi para defender o Poder Executivo.

«Como ministro demissionario, constante zelador da Marinha de Guerra, agradeço ás valentes e heroicas forças navais o apoio que dispensaram aos poderes constituidos e estou certo que a gloriosa Marinha de Guerra Portugueza continuará sem pre disciplinada e unida na defesa da Patria e da Republica.

«Viva a Patria! Viva a Republica! Viva a Marinha de Guerra Portugueza! — (a) *Julio Martins*. Ex-ministro da instrução.»

Boatos que insistentemente correram esta tarde diziam que a junta directora do movimento apresentava o seguinte ministerio:

Presidencia e Estrangeiros, Machado Santos; Interior, Major Marreiros; Guerra, Gomes da Costa; Finanças, Melo Simas; Marinha, Freitas Ribeiro; Agricultura, Trancoso; Justiça, Osorio de Castro; Instrução, Ramalho; Comercio, Meira e Sousa; Colonias, F.º de Sousa; Trabalho, Pedro Fazenda.

O ministerio do interior pelas 18 horas estava guardado por forças da marinha e da guarda republicana e civis, armados de carabinas.

Pelas 17,45 entrou no governo civil o sr. tenente coronel Liberato Pinto, que se demorou em larga conferencia com os oficiaes da policia.

SPORT

Os combates de box de hoje no Coliseu

Os resultados dos combates de box de hoje foram:

Faustino vence K. no 6.º round o seu adversario Mario Gail vence K. Henry ao 6.º round por K.

Serviço telegrafico da tarde

Tumultos no Egito

CAIRO, 21.—Produziram-se tumultos nesta cidade e em Alexandria, contando varios mortos e numerosos feridos, tanto da parte dos inglezes, como dos egipcios.—(H.)

Sr. Sub-secretario de Estado que se demite

VARSOVIA, 21.—O sr. Piltz subsecretario de Estado dos negocios extrangeiros, pediu a demissão.—(H)

Ecos & Noticias

DOENTES

O sr. José d'Azevedo Castelo Branco que, como oportunamente noticiámos, sofreu um desastre, fracturando uma perna e um abraço, teve hoje alta do hospital de S. José, onde se encontrava em tratamento num quarto particular.

A CAPITAL

3788 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 23 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Preço, 5 centavos

A SITUAÇÃO

A' medida que os acontecimentos se desenrolam, mais se justifica a esperança de que eles terminem sem que tenhamos de lamentar um novo derramamento de sangue portuguez.

O pensamento que, em todos os campos, paira sobranceiro á lucta das paixões desencadeiadas é o da intangibilidade da Republica. A primeira constatação a fazer, portanto, é que as instituições nacionaes não correm risco algum.

Semelhante constatação já contribue poderosamente para tranquilisar o espirito patriotico.

Mas da noção da intangibilidade da Republica, logicamente deve resultar a de que não se pode dispensar o respeito ás praxes constitucionaes, n'um movimento que no fundo é mais uma reclamação do que propriamente uma revolta.

Felizmente tambem n'este ponto temos motivos para aguardar confiadamente uma solução pacifica, visto que o sr. Presidente da Republica está procedendo, com plena liberdade de acção, segundo as suas proprias declarações, á escolha d'um novo ministerio.

Nós somos dos que não acreditamos que os elementos militares, que pediram ao sr. Presidente da Republica a substituição do governo Bernardino Machado, tenham tido o intuito de effectivar um ataque em forma á Constituição do Estado. Eles não querem abolir a Constituição. O que eles pretendem é que, em vez do governo Bernardino Machado, como tantos outros constituido de retalhos e não servindo senão para alimentar, possivelmente a vaidade dos seus membros, visto que nada de proveitoso fez, se organise um governo homogeneo, com ideias, com planos, e com força para as executar, sendo a primeira condição d'essa força o entendimento entre os ministros que o formarem.

Da parte dos que contra essa intervenção se insurgem, tambem não acreditamos que alguem pense, a serio, em defender o governo Bernardino Machado. Nem mesmo uma parte dos seus ministros que já estavam resolvidos a abandonal-o, como fez o sr. Portugal Durão.

O que eles defendem é a Constituição, o que eles não querem é que se passe por cima das suas praxes, que representam o estatuto fundamental da Republica.

N'estas condições, afigura-se-nos que não teremos a lamentar nenhuma lucta fratricida, porque frente a frente estão republicanos, e nem d'um nem d'outro lado ha, na realidade, adversarios da Constituição, assim como, d'um e d'outro lado, ninguem pensa em reintegrar no poder o gabinete Bernardino Machado, que pediu ao sr. Presidente da Republica a demissão, aceitando-a o sr. Antonio José de Almeida no pleno uso das suas prerogativas constitucionaes.

O gabinete Bernardino Machado já estava morto, e morrera mesmo ás proprias mãos dos seus membros. Desappareceu logicamente, portanto. O que resta é substituil-o dentro das normas da Constituição do Estado, e é d'isso que o sr. Presidente da Republica está tratando.

NOTAS FALSAS

TROVOADA

Ha quatro dias que sobre Lisboa paira uma trovoada. Já por duas ou tres vezes ameaça rebentar. Carregam-se os ares, a abobada celeste parece feita de chumbo, tudo indica que vai haver raios e coriscos por todos os lados, mas de repente, as nuvens desfazem-se, a atmosfera alivia e a trovoada recolhe-se a não sei onde, deixando de pesar sobre nós.

Vem de novo o sol, as flores abrem-se outra vez em ondas perfumadas, pedem-se carapinhadas e sorvetes, estamos no começo do verão, mas vai-se não quando, os ares turvam-se novamente, a atmosfera carrega-se de nuvens, cahem alguns pingos, aguçam-se os pára-raios e d'um momento para o outro, esfera-se o ribombar do trovão abalando predios e ouvidos e o faiscar violento das descargas electricas abrindo zig zagues no espaço.

Os mais medrosos recolhem-se aos portaes, as senhoras lembram-se de Santa Barbara e procuram um abrigo debaixo da cama e os mais timoratos, levantam a gola do casaco e vão para casa a passo largo.

Mas novamente a trovoada desaparece, as nuvens pesadas distanciam-se, o sol volta de novo, alegre, batendo côres nos predios e assim andamos ha quatro ou cinco dias, com o tempo a fazer negaças, ora ameaçando bombardear a cidade com trovões e coriscos, ora mandando dizer ao sol que está tudo normalizado e que não ha motivos para sustos!

Ora isto não é um tempo decente! Que demonio, o tempo já tem edade para ter juizo! Ou faça a trovoada toda de uma vez, ou deixe-se d'essas coisas e lembrem-se que os tempos extrangeiros teem os olhos postos em si!

Henrique Roldão

OS ACONTECIMENTOS

O dia decorreu no maior socego

O que se passou de madrugada — A concentração de forças em diversos locaes e a constituição dessas forças — Notas diversas

Os jornaes da manhã noticiaram que houve esta madrugada concentração de tropas na Rotunda, na Graça e no Matadouro.

Podemos por nossa parte acrescentar que tambem no largo da Ajuda se concentraram forças importantes, como passamos a descrever.

Pela 1 hora era grande o movimento que se notava no quartel de infantaria 1. Na parada viam-se formadas todas as companhias, com as suas secções, prontas a marchar á primeira voz. Pouco depois reuniu-se-lhe a companhia de metralhadoras pesadas, cujo aquartelamento é, como se sabe, no Lazareto, e que vinha sob o comando do major sr. Alvaro de Azevedo.

O vaevem de oficiaes é constante, trocando-se impressões e formando-se grupos.

Pelas 4 horas e meia, é dada ordem de marcha, pondo-se as forças a caminho da serra de Monsanto, sendo essas forças acompanhadas por trez camions do C. E. P. carregados de munições e mantimentos.

Ao chegarem ao cimo da calçada da Ajuda, uma nova ordem fez afluir essas forças ao largo da Ajuda, junto do palacio, concentrando-se ahi.

Momentos depois chegava um esquadrão de lanceiros 2, seguido por uma companhia de sapadores de caminhos de ferro e uma outra da escola de aviação com metralhadoras ligeiras.

Imediatamente foram destacadas vedetas para as embocaduras das ruas, não sendo permitida a aproximação de pessoa alguma.

Pelas 6 horas chegaram quatro baterias de artilharia de Queluz, trazendo grande numero de cunhetes, que se juntaram ás forças que já ali se encontravam e das quaes, ao que parece, tinha o comando superior o coronel sr. Pereira Bastos, comandante de infantaria 1, que se instalára no palacio.

Pouco depois da chegada da artilharia comparecia o sr. dr. Alvaro de Castro, que esteve conferenciando com os oficiaes superiores, retirando pouco depois em automovel.

As forças de infantaria e metralhadoras conservaram-se no largo até ás 8,30, retirando a essa hora a quarteis. A artilharia retirou tambem, mas voltou pouco depois, conservando-se ali até cerca da 11, hora a que retirou definitivamente para Queluz, indo tambem o esquadrão de cavalaria 2 para o seu quartel.

A constituição das forças que se concentraram no Matadouro e no Parque Eduardo VII e Rotunda

Proximo das duas horas, começaram concentrando-se no Largo do Matadouro numerosas forças da G. N. R. sendo essas forças constituidas pela 2.ª bateria de obuzes aquartelada no edificio do Matadouro, sob o comando do major sr. Giberto Mota, capitão sr. Barbosa de Magalhães, alferes srs. Jorge de Carvalho, Vaqueiro e Victorino Martins, 3.ª bateria de artilharia, do comando do capitão sr. Borges, 5.ª companhia do batalhão da Ajuda, sob o comando de sargentos, grupo de metralhadoras do comando do capitão sr. Pires Monteiro, 3.º batalhão do comando do sr. major Cerrão de Oliveira, companhia dos Loyos, 2.ª companhia do 1.º batalhão capitão sr. Rezende Dias, 4.ª companhia do 1.º batalhão, capitão sr. Cabreta, com a respectiva bandeira, e todos os sargentos, trem completo, metralhadoras ligeiras. Em Campolide encontravam-se 2 companhias e o esquadrão de Telheiras.

No Parque Eduardo VII, as forças governamentaes eram constituidas por 2 companhias de Infanteria do Batalhão 1 e algumas peças e metralhadoras.

Na Rotunda bivacaram todas as metralhadoras do quartel da Rotunda, o esquadrão aquartelado no Cabeço de Bola não chegou a sair.

Pelas 8 horas, todas as forças tinham recolhido aos seus quarteis.

Tendo corrido o boato, proximo das 14 horas, de que algumas forças ainda se conservavam na Rotunda, seguiu para ali em exploração uma praça de cavalaria da G. N. R. aquartelada no matadouro, tendo-se verificado que nada havia ali.

Os emissarios que foram parlamentar com as forças acampadas no Parque foram os srs. alferes Jorge de Carvalho e tenente Flores, comparecendo momentos depois o major sr. Gilberto Mota, acompanhado do major sr. Melo, não abandonando o local emquanto as forças não retiraram. Uma hora depois o Parque estava deserto, seguindo então os emissarios dos revoltosos para o Carmo, onde se liquidou o incidente, assinando-se uma acta em que ficaram consignados os pontos de vista e os objectivos das forças dum e outro lado.

A saida de forças do quartel da Graça—Ouvindo a major sr. Carrão de Oliveira

Do quartel da Graça sairam trez companhias para o Matadouro a juntar-se ás tropas que ali acampavam, indo uma outra companhia ocupar o Arsenal do Exercito, na previsão de qualquer ataque, ficando prontas a marchar á primeira voz para o Matadouro mais duas companhias. Foi o que nos disse o major sr. Carrão de Oliveira, que acrescentou que duas companhias do batalhão n.º 3 aquarteladas nos quarteis de S. Jorge de Arroios receberam ordem telefonica do quartel do Carmo em nome do tenente-coronel sr. Maia Magalhães para marcharem para junto das forças sob o comando do sr. major Melo, acampadas no Parque Eduardo VII.

O comandante do quartel da Graça percebeu nisso um *truc*, razão porque não deu ordem para a saida para aquele local das forças pedidas, antes as fez marchar para o quartel do Matadouro.

O mesmo comandante telefonou para o quartel do Carmo pretendendo saber se ali estava o sr. Maia Magalhães, obtendo resposta negativa, razão porque não deixou sair, como se disse, essas tropas para a Rotunda.

Disse-nos mais o sr. comandante da Graça que as forças concentradas no Matadouro ali estavam para a iminencia dum ataque contra a G. N. Republicana.

Constando-lhe que esta madrugada alguem pretendia ir atacar o quartel para efectuar a prisão do capitão sr. Pires Monteiro, o comandante tomou todas as disposições para repelir quaesquer forças que pretendessem assaltar o quartel.

O que diz um dos «indigitados» membros da Junta Revolucionária

Sr. Director de «A Capital».—Li ante-hontem no seu belo jornal ter corrido o boato insistente de que eu fazia ou faço parte da junta directiva do ultimo movimento!.. Se este não tivesse vingado calar-me-ia eu esperando que as autoridades competentes averiguassem, embora a minha prisão se não fizesse esperar como no «27 d'abril» quando me deu como «ministro de finanças» do novo governo a sair d'aquele movimento (!); quando, saindo eu sosinho da minha casa para defender a Republica e o governo do meu partido, que me diziam ameaçado pelos monarquicos e outros elementos contrários, me retirei imediatamente ao vêr-me entre bons republicanos, embora desvairados, indo ao Q. G. informar, «para socego de todos», que as forças haviam recolhido a quarteis em ordem e socego, sem terem manchado de sangue a Republica que todos defendiamos. Sofri 86 dias de prisão preventiva sem ter pão que dar a familia, porque fui logo suspenso de vencimentos, cohibindo-se-me de assim cumprir um dos mais sagrados deveres do chefe de familia e de militar brioso que os regulamentos militares obrigavam.

Sofri cada vez mais as antipatias e más vontades dos muitos monarquicos e falsos republicanos que existiam e infelizmente ainda existem no exercito e nos proprios seios das agremiações republicanas aonde se introduziram para maior descalabro da Republica. Desde então até hoje tenho procurado sempre refrear e retrear os meus impulsos combativos de republicano verdadeiro que sou e só sairei, só ou acompanhado, a emiscuir-me em movimentos republicanos quando sinta os monarquicos em Campo, como no 14 de maio e no de Monsanto, se presente estivesse, contra falsos republicanos desmascarados em monarquicos, ou quando ordens superiores e legaes teuha de cumprir e que não repugnem aos meus sentimentos de republicano democratico e extremamente progressivo.

Ligam-me fortes liames de simpatia e amizade a alguns dos oficiaes que se diz terem arcado com as responsabilidades do movimento que eles com certeza supuzeram ser preciso para salvar a Republica do espirito conservador, reacionario e clerical que se está patenteando em todos os organismos do Estado e que não deixa aquela produzir.

Mas nem eles me falaram nem me convidaram para o movimento, nem eu o poderia aceitar e até procuraria dissuadil-os, emquanto não fosse julgado infrutifero o grande movimento de protesto e de «espertina» que a «Comissão de Defeza Liberal» com a Associação do Registo Civil iniciou ha pouco contra a nação clerical, chamando a atenção dos Poderes Constituidos contra os atropelos ás leis basilares da Republica e abrindo os olhos ao Povo Soberano que no assunto tem de decidir.

Creia-me, sr. Director, de v. etc.—
José Carrazede Viana e Andrade.

Do irmão do signatario d'esta carta, o sr. Thomaz d'Andrade, recebemos tambem uma carta, cuja publicação é desnecessária, em virtude do que acima inserimos.

(*Vêr continuação na Ultima Hora*)

DIZE TU DIREI EU

Uma razão fortissima

Ha, dias, no largo de Jesus, um bando de pequenos alunos do Liceu preparava-se para um desafio de «foot-ball». O «sport» da rua é naturalmente, a maior preocupação daqueles rapazitos a quem a casa de aula, a matematica e o latim sufocaram durante as horas frescas e leves duma manhã pesada e rica de comoções, de aflitivas «chamadas» com as lições «em branco» que os deixam amarelos, na perspectiva da cólera paterna, hoje traduzida—já não pelos classicos e salutares puxões de orelha—mas pela abstinencia, não menos salutar, de algumas sessões animatograficas. Pois ha dias, no largo de Jesus, no passeio fronteiro á Igreja, preparava-se um «match» sensacional. No anfiteatro amplo da escadaria do templo, havia espectadôres interessados, vendendo caro, á custa da pele, na moeda corrente do sôco nacional, uns logares de entrada livre que era preciso guardar com cuidado. No chão, um Himalaia de compendios e livros carissimos, absolutamente acessiveis a tôdos os pontapés gratis. O arbitro era um mocinho de capa e batina, escolhido pela parte decorativa da sua bôa presença. Tudo estava a postos e os dois «teams» inimigos olhavam-se sem rancôr, muito conhecedores da origem germanica do jôgo, muito conscios de que o fleugma britanico não é uma frase feita. E já os transeuntes se afastavam, respeitosos, daquele grupo esperançoso de propagandistas pelo exemplo das vantagens da educação fisica sobre a intelectual, quando um motivo imprevisto, uma razão fortissima—que teve origem numa fraqueza maxima—impediu a realisação do prometedôr desafio. Foi o caso que, á ultima hora, o «gool» dum dos «teams» riveis se recusou obstinadamente a tomar parte no jogo e a cumprir o seu dever de brioso defensôr da honra sportiva da sua turma. Eu passava no momento em que o recalcitrante—rodeado dum grupo de amigos exaltados declarava peremptoriamente que não contassem com ele.

Era a brincadeira estragada, era a tarde perdida, eram algumas faltas inuteis que não podiam ser aproveitadas num pagodesinho inofensivo. E o peor era que o pequeno «desmancha-prazeres» não indicava as razões do seu insolito proceder. Afogueado, com o colarinho «á mamã» ás três pancadas e a gravata ultra-revolucionaria, com uns grandes e inteligentes olhos azues obstinadamente fixos num ponto vago, limitava-se a dizer que não jogava, que ninguem tinha nada com isso, que se ia embora e que não o maçassem mais.

Esboçavam-se alguns conflitos pessoa's; havia punhos no ar e indignação na assistencia. Houve uma sombra de incerteza quasi angustiosa na claridade forte daquele meio dia, novo rico de sol. E, ante a iminencia do perigo, ouviu-se a voz branca do terrôr do pequeno «goal» que, tremulo de indignação, humilhado em todo o seu prestigio ante a galeria cruel que já ria sem saber ainda de quê, pronunciou estas palavras duma solenidade só aparentemente negativa: «Não posso jogar hoje o «foot-ball» porque... não posso! E não posso... por isto!» Então levantando o pé direito até á altura dos olhares curiosos, apontou com a sua mãosita livida, crispada numa expressão de supremo desespero, o espectaculo inesperado dum sapato de aspecto inverosimil, em que a sola era um logar vago para a receber, um logar com muitas janelas á volta, janelas com dedos a dizer adeus, em despedidas aflictivas. Se me contassem não acreditava, mas, como vi, posso garantir que a galeria não riu. Não se ouviram mais recriminações. Cada um sabia o que tinha lá por casa; ninguem sabia como estaria amanhã a parte invisivel das suas solas melindrosas. A turba dispersou e o «match» foi adiado «sino die», até que o papá do rapazinho do colarinho «á mamã» e de olhos azues e tristes tenha comprado para o seu menino mais um par de botas novas, talvez de bom polimento americano e excelentes para um «goal» digno de tal nome.

Thereza Leitão de Barros.

Entrega de credenciaes

Com o cerimonial do estilo, realisou-se hoje, no palacio de Belem, pelas 16 horas, a entrega das credenciaes do novo ministro do Japão em Portugal, o conde de Irossava.

Proferiram-se discursos muito afectuosos.

Semana dos pobres

O conselho central das Juntas de Freguezia de Lisboa e a academia resolveram organisar uma semana de festas, sendo o producto destinado ás casas de beneficencia desta cidade.

Para inicio das festas, realisar-se-ha no dia 5 de junho uma batalha de flores, para o que será vedada a Avenida da Liberdade desde a praça dos Restauradores á Rotunda, com premios aos carros melhor ornamentados.

Conta-se já com os carros das Faculdades e das Escolas Superiores, de algumas casas comerciaes das mais importantes e de associações de recreio.

Uma resolução do governo inglez

BUENOS AIRES, 22.—«El Diario» refere que o governo inglez para evitar os prejuisos resultantes das diferenças de cambio resolveu esperar a valorisação da moeda argentina para liquidar um saldo de 14 milhões de pesos.—(A.)

Confraternisação jornalistica

Um almoço em homenagem ao director d'«A Capital»

No hotel de l'Europe realisou-se hontem um almoço de confraternisação dos directores e representantes dos jornaes que constituiram, durante o ultimo conflicto da imprensa, o bloco das empresas jornalisticas.

O almoço tinha ainda o intuito de afirmar a homenagem de solidariedade dos representantes das empresas ao membro da sua comissão executiva, o nosso presado director sr. Manuel Guimarães, que, como se sabe, foi especial e injustamente alvo dos ataques mais violentos da parte dos grévistas. Afirmaram-lhe assim os que tomaram parte na festa a sua homenagem e a sua solidariedade.

O «menu» foi o seguinte: Hors d'Oeuvre Variés, Solesá la Colbert, Poulet Sauté à la Marêngo, Châteaubrind Périgueux, Pommes Frites, Gâteau Praliné, Fromage, Beurre, Fruits e Vins divers.

Durante a festa reinou a maior cordealidade no sentido d'uma necessaria aproximação profissional entre todos os membros da imprensa portugueza e os seus dirigentes, não só no intuito de defesa dos seus legitimos interesses, como da sua união moral.

Assistiram, além do nosso director os srs. Feliciano Costa, Carlos Faro, Afonso de Almeida, dr. Ferreira Mira, Luiz Derouet, dr. Augusto de Castro, Pedro Muralha, Alvaro Lima e Herculano Nunes, tendo estado representados os jornaes «Seculo», «Diario de Noticias», «Capital», «Vanguarda», «Noite», «Victoria», «Lucta», «Epoca», «Opinião», «Situação» e «Manhã», tendo enviado cartas o «Mundo» e o «Radical».

Por não lh'o permitir o seu estado de saude, não poude assistir o nosso presado camarada Mayer Garção, que enviou a seguinte carta:

Meu caro Luiz Derouet. — Penalisa-me extremamente que o meu estado de saude me não permita compartícipar da homenagem que hoje é prestada a Manuel Guimarães.

Ninguem mais do que eu poderia sentir essa impossibilidade, porque me ligam a Manuel Guimarães uma antiga e constante estima, uma solida e fiel camaradagem, a que se junta uma admiração plenamente justificada, quer pelo seu caracter de que a lealdade é timbre, quer pela sua inteligencia, das mais notaveis que me tem sido dado apreciar.

Agora Manuel Guimarães sae de uma das suas lutas, aquela porventura em que o seu espirito e a sua energia foram sujeitos á mais dura prova. Sae dela «tout ensanglanté», como dizia Zolá das suas proprias lutas; mas como o autor do «Germinal», palpitando de uma vida ainda mais resistente e mais forte. E' preciso não esquecer que ele se bateu por nós. Assim, a homenagem que hoje lhe é prestada não deve só exprimir admiração e simpatia, mas tambem, e acima de tudo, solidariedade e reconhecimento. Peço-lhe que por mim o abrace, meu caro Luiz Derouet. Todo seu—*Mayer Garção.*

Usaram da palavra, brindando pela solidariedade da imprensa e pelo director d'«A Capital», sr. Manuel Guimarães, os srs. Pedro Muralha, Augusto de Castro, Luiz Derouet, dr. Ferreira Mira, Carlos Faro, que saudou o sr. dr. Augusto de Castro, e levantou tambem a sua taça pelos chamados pequenos jornaes, Alvaro Lima, Herculano Nunes, Feliciano Costa e finalmente o homenageado que agradeceu a prova de camaradagem que lhe era dada. Foi igualmente saudada a imprensa do Porto.

Ficou combinado no fim do almoço que os directores dos jornais se reunissem no proximo mez de outubro num novo jantar, ficando o sr. Carlos Faro encarregado de dar realisação a esta ideia.

A situação financeira na Republica Argentina

BUENOS AIRES, 22.—Na abertura ao parlamento foi lida a mensagem do presidente Irigoyen na qual se assinala a traquilidade em todo o territorio da republica assegurando a liberdade dos cidadãos e se indica a necessidade de aprovar leis que deem uma definitiva ás questões entre o capital e o trabalho com garantias para ambas as partes.

Referindo-se á politica externa declara a mensagem ter a Argentina aderido á Sociedade das Nações com o fim de concorrer para a paz universal, reservando, todavia, a sua opinião sobre alguns pontos do projecto do pacto. Acresenta que a situação financeira geral é excelente fechando o orçamento com um superavit de 79 milhões de pesos, atingido as exportações a soma de 1007 milhões de pesos emquanto as importações subiram apenas a 845 milhões.

Lamenta que o congresso não tenha ainda aprovado o orçamento para 1921, absolutamente necessario para regularisação das finanças, desenvolvimento do banco da Nação e ratificação do emprestimo de 50 milhões de dollars para reorganisação do exercito.

Declara ainda que as provincias acolheram com entusiasmo a iniciativa da direcção da aviação militar de estabelecer em todas elas campos de aterragem e que será mantido em actividade o pessoal de marinha indispensavel para a conservação do material existente.—(A.)

A'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

Milagres de Portugal por *Sousa Costa* (Ed. Portugal Brazil Lim. Lisboa-Rio de Janeiro) — **Visionario** por *Mateus de Albuquerque* (Ed. Portugal Brazil) — **Nas horas vagas** por *Tito Marques* (Ed. Portugalia. Lisboa) — **Idolatria** por *Augusto Claro de Carvalho* (Ed. Francisco Franco, Lisboa) : : : : : :

Milagres de Portugal é o titulo agradavel que enfaixa um punhado de cronicas, sensações e reflexões d'um literato ilustre. Sousa Costa continua a sua obra, trabalha, persiste, obstina-se. Não entra em polemicas, não figura em *cotteries*, em gremios, e sem viver cenobita do seculo XX num recolhimento de filosofo, vive numa paz de lar e numa fé de trabalho que se destacam na furia de gloria conquistada a punhados nas mezas dos cafés e ás esquinas das livrarias. De vez em quando um livro, outro livro, uma reedição aparecem na sua sobridade de apresentação no seu *ex-libris* atraente *pro amore*. Emquanto os outros discutem ele trabalha. Só esta diferença.

Mas, o seu novo trabalho? Cronicas, originaes umas, outras relembradas do jornal onde viveram o *dia* que vivem os jornaes.

A mulher do minho, cinco paginas de observação, de pinceladas a esboçar os tipos de Amares, as mulheres de trajes alegres, cheias de côr e de oiro.

Costumes do Gerez são evocações dos colectivos usos das paragens gerezianas, o *chamado* e a *resada*.

Da *mala posta*, revive aquela civilisada corrinpana que ligava Regoa a Chaves, e serve de pretexto para scenario dum dramasinho intimo que corre limpido da pena do escritor.

O Auto do Natal, passa-se em *Vila do Conde* e veem-nos dar com claro descritivo onde dramas tipicos duma religião em que o povo compartilha, sofre, ri e sente.

E de repente uma pagina de impressões sobre o *5 d'Outubro visto de Traz-os-Montes*, do boato á rialidade; um documento; logo segue para os camilianistas, o capitulo *Camilo na intimidade* em que Sousa Costa nos conta as suas impressões sobre Camilo que foi seu conhecido, tinha 7 anos.

Mais umas paginas com a luta entre um ribatejano e um trasmontano, luta de argumentos e de defeza do nome e honras cada qual de seu torrão.

E' pois variadissimo o livro que agora *Sousa Costa* nos apresenta. Seguindo um fito — coisas, homens do Portugal, — descendo do norte por ahi abaixo, vae tocando, variando, gracejando e atraindo as atenções. Agora dá-nos paginas sobre *Impressões no Douro*, a região que tão bem conheçe e já lhe serviu de pano de fundo ao romance *Ressurreição dos Mortos*. As impressões são da paisagem como na primeira cronica, e são dos costumes, como no *barco rebelo*, e na seguinte. E logo uma *pagina de amor*, na transcrição duma carta duma serrana ao filho na guerra. Uma lagrima aqui, que se seca ante o colorido e a vibração de *O batuque*.

Soltas ainda, á fantazia do autor seguem as cronicas sobre um dos seus livros, muito interessante para os curiosos de literatura, um estudo leve e despretencioso sobre a «Mulher hespanhola» e uma nota de humor «Begi anedotico».

Estamos no Alemtejo. Duas cronicas, sobre a cidade silenciosa de Evora, e sobre a «Freira de Beja». Mas é esta uma das melhores paginas do livro: estamos em frente dos «Oleiros de Loulé»; é interessante, é vivido, é cheio de côr local. O final do livro é todo ele uma perigrinação na natureza e na arte algarvia, que finda pela apoteoso patriotica «Jardim da Europa».

«Milagres de Portugal» é literariamente, artisticamente, para os exigentes um livro modesto; apanhado de cronicas, notas e impressões dum dia; sem rasgos nem lances de beleza, sem intenção, nem lucubrações. Não é senão isto: cronicas. Paginas dum dia. Mas feitas no tom calmo e seguro dum escritor cujo nome já é de responsabilidade e que tem sobre os mais o extraordinario relevo de se mostrar portuguez, amando a sua terra e as suas inegualáveis belezas.

❧

O «Visionário» de Mateus de Albuquerque surge-me em 3.ª edição, pela «Portugal-Brazil». Foi o livro de estreia e... auspiciosa, como se disse na epoca, do moço e joven poeta. Já lá vão uns poucos de anos e os alexandrinos de Mateus de Albuquerque ainda resôam com brilho no meio da poesia actual. Tem tecnica, tem paisagem, daquela exuberante natureza tropical e tem lirismo, um lirismo que se encontra a cada passo nos grandes poetas do Brazil. Mas porque aparece sincero, porque é limpido, porque é sentido, «Visionario» ficou, «Visionario» decorou-se, «Visionario» reedita-se, emquanto o nome de Mateus de Albuquerque, se vae enfileirando á esquerda de Bilac, de Fagundes Varela, e dos outros primeiros nomes da literatura poetica do Brazil.

❧

Nas horas vagas do sr. Tito Marques é o seu primeiro livro de versos. Tem, como todos os outros volumes que ha já anos aqui temos visto acusando—com raras e felizes excepções—todos os defeitos dos jovens poetas. Quatro ideias sobre o monturo, uns versinhos sobre a *Perdida*, o luar, as estrelas, Ela, as pombas, o coração da mulher, a tal *Visão*, o *Ignoto Deo*, e até o costumado soneto com um ponto de interrogação. Tito Marques, acusa os sintomas geraes dos seus 20 e tal anos. E' um fatal destino de todo o homem nascido em Portugal; aos 2 anos nascem-lhe os dentes; aos dez deita as calças até a baixo, aos 15 namora uma prima ou uma visinha, e depois de ter erzipela, ser vacinado, ir ás sortes, aos 20 faz o livro de versos. Tem que ser. E' fatal.

Mas, o que nos dá o sr. Tito Marques?

Apresenta-se:

> Suponde um operario, humilde intados,
> Ou um larapio vil, perverso malfeitor,

o que quizermos, até mesmo

> um simples trovador
> Cantando á sua amada, endeixas mil de amor
> Os ternos madrigaes
> De meiros joviaes...

Ora! Não havia o meiro de ser jovial. Mas logo no primeiro soneto remata

> D'onde eu nunca devêra ter saido.

e no classico *Manhã*, explica um fenomeno estranho

> Remoça a gente em bagas de suor

Como vê, não é por culpa nossa que Tito Marques não tem aqui um belo elogio e o titulo de poeta de... raça. E' pelas suas frouxas ideias e pelos seus maus versos. Os adjectivos são improprios; ora é

> A lua róla impávida nos ceus

Ora a pergunta

> Onde a lévas, impávido destino?

Nem o ritmo, nem as regras. Pode-se encontrar no livro *simbolo de graça* como excessiva licença poetica, e ideias em quadras como esta: *o vento é bom professor*, que completa a ideia de Lopes Vieira, de que o vento era bom bailador. E já que falámos nas quadras, digamos que não tem cunho popular, nem graça, nem originalidade. Se até o trocadilho duma quadra velha

> Com pena pego na pêna

nas *Horas vagas* existe, deformado nisto

> Co'a pena descrevo penas

ou

> Ha penas, apenas penas

que é um verdadeiro epitafio dos *aparos 404*.

Emfim como o autor diz no fim

> a versalhada,
> sessenta e quatro paginas de nada
> Talvez tu digas, muito aborrecido.

Justiça seja feita, o autor é inteligente e tem um belo espirito critico. O que devia era deixar-se de fazer versos.

❧

Na *Idolatria* de Augusto Claro de Carvalho, que Mario Salgueiro ilustra com uma carta, as emoções do poeta, o seu sentimento é mais intimo e mais compreensivel. Não irrita, não hostilisa.

O proprio prefaciador diz «*os sonetos do seu livro não são modelares*» e se o autor trabalhar *um dia chegará em que os seus versos, mais perfeitos do que os de hoje serão lidos com carinho.*

E' possivel que o treno no verso, o exercicio, e o tempo façam... poetas. Mas a verdade é que são bem raros os exemplos dos que começam em maus versos e com o exercicio... duas vezes ao dia das rimas conseguem aquela scentelha, inspirada, de tecnica perfeita e quasi expontanea que é atributo dum Poeta.

Mas não desanime o autor da *Idolatria*. Ainda que mais não seja a industria do livro, e as tipografias reconhecerão as vantagens de muitos e teimosos livros de pratica poetica.

Armando Ferreira.

Registo de entradas

Tantalo, Americo Durão. *Vida e Da Sugestão no Animatografo* por Mario Gonçalves Viana. *Um drama no campo* (Novela Portugueza 4.º n.º) João Grave. *A Pobre Marta* Manuel Damba.

Uma conferencia sobre a Ilha da Madeira

Realisou-se hontem, na Liga Naval, sob a presidencia da sr.ª D. Virginia Victorino, secretariada pelos srs. Góes Ferreira e João Doria a anunciada conferencia do sr. Zuzarte de Mendonça (Filho) sobre a ilha da Madeira. O conferente referiu-se, cheio de interesse, ás belesas naturaes da ilha, á sua esplendida situação geografica, ás suas industrias — e até certo ponto ao seu abandono pelos portuguezes. No final foi muito aplaudido. A sr.ª D. Fernanda de Quadros recitou depois alguns deliciosos versos que foram vivamente festejados.

Assistencia Publica

Está marcada para depois d'amanhã, ás 15 horas, na provedoria central da Assistencia de Lisboa, uma sessão solene comemorativa do 1.º decenio da promulgação da lei reorganisadora dos serviços da Assistencia Publica.

O programa é deveras interessante e á festa assistirá o sr. presidente da Republica.

Postos de soccorros nocturnos

Teem continuado a funcionar com a maior regularidade estes postos, que estão abertos desde as 22 horas ás 8

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DO GINASIO — *Adão e Eva, 3 actos de Jaime Cortezão*

Se tivessemos que dizer bem da peça e do desempenho que no sabado puvimos com curiosidade e interesse no Ginasio, alongariamos a nossa critica dando-lhe a amplitude que sempre dispensamos a todos os espectaculos artisticos.

Como porém teriamos que, para ser justos, dizer mal, preferimos cortar e oferecer aos leitores excerptos das criticas de toda a imprensa de Lisboa, o que faremos ámanhã.

No entanto, em duas palavras resumiremos as nossas impressões. A peça não é de teatro; é do oratorio; afasta-se tanto dos enfadonhos bergères em que tambem ha um «meneur» idealista e uma mulher, «Magdeleine» convertida o nova chama, como uma peça de Mirbeau se afasta de um comicio fórfalhudo. As ideias não trazem novidade mas só oportunidade. Os dialogos sucedem-se; o inverosimil atropela-se a cada instante. Não se sabe onde o autor deseja chegar. Desabafou e protesta. Como obra literaria recomenda-se uma passagem do ultimo acto e a perfeição dos dialogos e das longas tiradas. O 1.º acto é revolucionario, arma ao populacho; o segundo é estirado e apesar da intensidade dramatica não comove ninguem. Não ha drama, ha berros. No 3.º ha uma prisão e uma serie de disparatos teatraes e de logica formando enredo. Dialogos que são monologos a dois em longas soraivadas. E' uma peça literaria, dizem; então não pertence a esta secção.

Do desempenho encarregou-se a companhia de que é 1.ª figura Alves da Cunha, e 2.ª Berta Bivar. O primeiro conquiste bastante, a segunda fez o que poude por emocionar. O restante de arripiar, começando pelo Ramires das latas de atum, que Otelo de Carvalho foi buscar para... representar a aristocracia.

Ensceneção de Araujo Pereira, mal talvez seja por ser revolucionaria nem a percebemos. Na 1.ª scena, quando estão 3 ou 4 personagens em scena, está-se a meia luz; assim para o jardim, acende-se a sala. Todos fazem serventia pelo jardim. Em dias de revolução as luzes acesas, as janelas abertas; só quando alta noite o revolucionario chega, é que entra, sem bater, pela porta do interior. E no 3.º aquela semcerimonia de ir ao Limoeiro em cabelo...

Amanhã... os outros dirão...

Armando Ferreira

TEATRO AVENIDA — *A Dama das Camelias, drama em 5 actos de Dumas (Filho), tradução de João Antonio Lopes.*

A odisseia de Maria Duplessis tem guindado muitas artistes a um notavel grau de celebridade, mas em compensação muitas ha, que não dispond de indispensaveis recursos naturaes, mordendo-lhe a tarantula da ambição de fazerem dourar ainda mais alto o seu nome, se expõem ás oscilações num exame psicologico de forte intensidade para o qual se exige uma fisionomia especial em que se trate o martirio, a tendencia e a paixão do consagrado drama. Mas não teremos de falar no valor intrinseco da peça porque ele está mais do que assegurado, sobejamente discutido e ainda ha dias quando da sua representação no nosso teatro normal, tivemos ocasião de nos referirmos. Continuaremos, portanto, falando da sua interpretação.

O cartaz que, diga-se de passagem, apresentava o erro indesculpavel de considerar o drama de Dumas (pae), escondendo o nome do tradutor, dava-nos a novidade do papel da protagonista ser desempenhado pela 1.ª vez entre nós pela atriz Palmira Bastos. Carinhosamente recebida pelos seus admiradores com grande profusão de palmas e flores, não foi todavia sempre feliz a distinta comediante no dificil papel. Teve é certo, passagens bem observadas, mas tambem teve erros que feriram. No 3.º acto compreendeu-se que a confecção da carta seja o desmoronamento duma vida, a cruel batalha travada no peito duma mulher louca de dor, de acrisolado amor e Palmira não atingiu ainda a perfectibilidade do gesto e na sua fisionomia não transpareceu o rictus de infinito sofrimento.

Ainda, no 5.º acto a sua voz devia ser sempre inalteravelmente debil como a de uma tuberculose em adiantado grau, por vezes foi exuberante. Samwell Diniz com o defeito de declamar o olhos no chão, teve frases discretas e de boa observação. Judicibus, bela cabeça mas acelerada direcção. Joaquim Miranda muito acertamente como Calazans e Tristão. Hesitantes, Lima Demoel, Elvira Velez e Rosina Rego. Os restantes fizeram o que puderam.

Ensceneção dificil, scenerio apropriado e a 1 e 37 minutos da madrugada acabou-se a representação.

H. A.

NOTA.—A ensceneção dizem-nos é devida ao actor Rafael Marques quando no Porto marcou de novo a peça. O seu a seu dono.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Terminou hontem o campeonato de Lisboa

O Casa Pia empata com o Sporting

Terminou hontem o Campeonato de Foot-Ball de 1.ª categorias com a victoria do Casa Pia Atletico um dos clubs fundado este ano e que conseguiu alcançar o titulo de campeão, sem sofrer uma derrota sequer durante os jogos afinaes.

O desafio foi muito bom, mantendo o publico em constante interesse; ambos os teans desenvolveram magnifico jogo.

Na primeira parte os grupos marcaram um «goal» e assim se conservaria até final.

Como o Casa Pia já tinha dois pontos pela victoria obtida no primeiro jogo com o Sporting, bastou o combate para lhe dar o titulo de campeão.

—O desafio do torneio da «Taça Mutilados da Guerra» organisado pelo jornal «Os Sports» foi ganho pelos Belenenses sobre o Carcavelinhos por 6 «goals» a 2.

—Ganhou o Campeonato de 4.ª categorias o Foot-Ball Bemfica sobre o Sport Lisboa por 2 goals a um.

O suplemento de hoje de «Os Sports»

Foi hoje posto á venda logo de manhã, como tinhamos noticiado, o suplemento de «Os Sports» occupando-se largamente do desafio de foot-ball de hontem, final do Campeonato de Lisboa.

O publico correspondeu bem á ideia porque ás 17 horas já poucos exemplares restavam.

No Coliseu dos Recreios

Um sarau em homenagem a dois professores de Educação Fisica

No fim do corrente mez vae realisar-se no Coliseu dos Recreios um sarau de gymnastica e Sport, promovido por um grupo de sportsmen em homenagem aos srs. Artur Santos e Levy Jenocbio professores de educação fisica.

O programa está sendo elaborado a rigor; compreenderá numeros de hipismo, esgrima, atletica, alta gymnastica, etc.

A comissão já recebeu a adhesão do Gymnasio Club, Ateneu, Grupo d'Armas e Sport e outros centros de sport de valor.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h.—«Leiteira d'Entre Arroyos».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA —A's 21,15 — «Dama das camelias».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tela».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Serviço telegrafico da tarde

Os acontecimentos da Alta Silesia

OPPELIN, 22.—Nos arredores de Kreusburg deram-se alguns incidentes; parece que os corpos francos alemãis se puzeram em marcha, mas ignora-se se se trata simplesmente de um raid ou de uma acção mais importente.—(H.)

ROMA, 22.—Uma nota oficiosa desmente o boato de que os jornais de Berlim se fizeram eco e que consistia em ter sido chamado de Oppeln o general Marinis.—(H.)

WASHINGTON, 23.—Sobre a questão da Alta Silesia as informações de origem oficiosa são de que os Estados Unidos, se mantem, por emquanto na expectativa, ate adoptarem uma atitude em harmonia com as circunstancias. Apezar dos diferentes boatos, que teem corrido sobre o assunto são prematuras ainda as noticias sobre quaesquer resoluções definitivas do governo americano que aguarda, provavelmente que a França e a Inglaterra combinem a solução mais conveniente.—H.

LONDRES, 23.—A Agencia Reuter julga saber que os acontecimentos na Alta Silesia tomam um aspecto grave por ameaçar extender-se a ideia bolchevista aos insurrectos, devido sobretudo á falta de dinheiro e viveres. Torna-se necessario facilitar as comunicações ferroviarias para o serviço de abastecimentos mas os Alemães que teem na sua mão os caminhos de ferro, põem dificuldades obdecendo sem duvida a influencia de Berlim, a quem convem a que as coisas se compliquem.—H.

PARIS, 23—Os jornaes aprovam a decisão da Camara em adiar até terça-feira a continuação do debate sobre o acordo de Londres, considerando tambem que os aliados ganham mais do que se poderia julgar em retardar a discussão do problema da Alta Silesia de modo a poder-se realisar um estudo profundo da questão por meio de tecnicos e jurisconsultos. A impressão da imprensa é de que a comissão inter-aliada de Oppeln dificilmente chegará a uma solução aceitavel, sendo a maioria dos jornaes de opinião que os representantes da França que assistam á conferencia alvitrada pelo sr. Lloyd George, o façam com o unico objecto de defenderem o direito legal para todos.—(H.)

Ultima Hora

OS ACONTECIMENTOS

A solução da crise ministerial

Os democraticos não colaborarão no governo do sr. Barros Queiroz

Ainda não se encontra definitivamente organisado o novo governo saido dos acontecimentos ocorridos em Lisboa nos ultimos dias.

As demonstrações de força ontem feitas, tornaram imprescindiveis a rapida organisação de um gabinete ao qual todas as forças saidas de quarteis prometiam obediencia incondicional. Alem disso a aproximação da reunião da Conferencia interparlamentar de Comercio, teve o condão de precipitar acontecimentos que iam tomando feição pouco consentanea com os altos interesses da Patria e da Republica.

Falhadas as tentativas Augusto Soares e Correia Barreto, que mais não eram do que um prolongamento dos gabinetes transactos de cujos defeitos estariam fatalmente eivados, o chefe do Estado chamou o sr. Tomé de Barros Queiroz encarregando-o de constituir um governo capaz de dominar os acontecimentos.

O sr. Tomé de Barros Queiroz aceitou, depois de muito instado, o encargo de que o incumbia o sr. presidente da Republica e de acordo com o texto da nota oficiosa publicada na imprensa da manhã.

Procurou este estadista avistar-se em primeiro logar com o directorio do seu partido, efectuando-se para isso, logo de manhã, uma demorada reunião no edificio da «Lucta». Nessa reunião onde foram apontadas soluções diversas e formuladas varias hipoteses acabou por se concluir a necessidade de uma solução rapida concorde com as imperiosas necessidades do momento.

O Directorio do P. R. L. deu ao seu presidente inteira liberdade de acção, não desejando cercear nenhuma das garantias que pelo Chefe de Estado lhe haviam sido concedidas. N'essas condições, dois caminhos foram apontados e indicados a seguir: por um deles o sr. Barros Queiroz formeria um gabinete de concentração democratico-liberal, dispondo de grande maioria parlamentar e fazendo regressar rapidamente tudo á normalidade.

Na impossibilidade de se adoptar esta solução, poderia o sr. Barros Queiroz organisar, a dentro da formula preconisada pelo sr. Presidente da Republica e com inteira liberdade de escolha, um gabinete constituido exclusivamente por partidarios seus.

Nestas condições, o antigo ministro liberal, pediu uma reunião conjunta com o directorio do P. R. P. a quem expoz os seus pontos de vista e os desejos que o animavam. Dessa reunião que foi bastante demorada, saiu o sr. Barros de Queiroz convencido de que os democraticos lhe não prestariam colaboração no poder, estando porem incondicionalmente a seu lado quanto á necessidade de uma ampla vida parlamentar. Quere dizer, os democraticos recusando a sua comparticipação no governo, dão ao sr. Barros Queiroz todas as garantias de um apoio absoluto e incondicional.

O sr. Barroz Queiroz teve depois varias conferencias com correligionarios seus, entre eles o sr. dr. Fernandes Costa com quem demoradamente se avistou na Junta do Credito Publico, indo depois por volta das 17 horas ao edificio da «Lucta» expor o que se passava e qual o resultado das suas «démarches» efectuadas até essa hora.

No palacio Azambuja encontravam-se reunidas diversas individualidades do partido liberal, alem do directorio deste grupo, tendo-se sucedido as conferencias e ultimando-se as negociações para a distribuição das pastas.

O governo deve ser constituido por liberaes na sua quasi totalidade, sendo provavel que nele tomem parte tambem algumas entidades sem filiação partidaria mas de reconhecida seriedade e competencia.

Entre os nomes e ministeriaveis citados com grande insistencia, colhemos os seguintes que, ao que parece, entrarão no novo governo:

Presidencia e Finanças, Barros Queiroz; Interior, Antonio Granjo; Justiça, Matos Cid; Estrangeiros, Melo Barreto; Comercio, Aboim Inglez; Trabalho, Ribeiro de Carvalho; Guerra, Alberto da Silveira; Marinha, Ladislau Parreira.

O novo governo deve ficar ainda esta noite definitivamente organisado, sendo provavel que a posse se efectue ainda hoje ou amanhã pela manhã.

A guarda do quartel do Carmo — Notas diversas

No Parque Eduardo VII estiveram as 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª companhia do batalhão n.º 1 e a 4.ª do batalhão n.º 2, 4 esquadrões de cavalaria, entre os quaes os de Belem, Telheiras e Alcantara e a bateria n.º 1 de artilharia.

As forças retiraram pouco depois de terem retirado as do Matadouro.

A' segunda companhia do batalhão n.º 1. sob o comando do capitão sr. Salgado, foi confiada a guarda do Quartel do Carmo, de onde retirou pelas 3 e meia para o quartel de Campolide, indo depois ocupar as posições que lhe foram indicadas.

Por informações colhidas junto de alguns oficiais da G. N. R. fieis ao comprimento dos seus deveres e que constituem a maioria da guarda, pode o paiz estar inteiramente confiado na guarda, que está pronta a defender o prestigio da Republica e da Patria, a manter a ordem e a disciplina, assim como a segurança da propriedade.

Computa-se em 6 mil homens os que estiveram no Parque e entre dois a tres mil os do Matadouro.

Centenas de pessoas foram hoje visitar o local do Parque Eduardo VII, onde estiveram as forças.

O general Gomes da Costa, ao atravessar hoje o Rocio, foi rodeado por muita gente, produzindo-se manifestações, mas sem novidade de maior.

Sobre a falada demissão do major Montez de sub-chefe da G. N. R. sabemos que essa noticia correu porque esse oficial supondo que o Comandante e o chefe da Guarda queriam abandonal-a dera as instruções que entendera convenientes.

N'isso se baseia a noticia vinda nos jornaes da manhã.

Uma nota oficiosa

Do ministerio da marinha, assinada pelo capitão de fragata sr. Agnelo Portela, recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Sendo natural que numa reportagem realisada em circunstancias anormais se tenham publicado noticias menos verdadeiras que no entanto chegaram a excitar a opinião publica e enervar os mais timoratos, o Ministerio da Marinha, no intuito de desvanecer os seus alarmantes efeitos, declara serem completamente destituidas de fundamento as noticias relativas ao armamento no Arsenal da Marinha de quaisquer grupos civis e de que o Quartel de Marinheiros se tivesse mantido solidario com as forças anti-governamentais».

Serviço de Socorros nos bombeiros

As briosas corporações dos voluntarios de Lisboa, Ajuda, Campo de Ourique e Lisbonenses estiveram durante a noite e dia de hoje em prevenção rigorosa, e as viaturas prontas a sair para acudir rapidamente a qualquer ocorrencia.

Novos oficiais de policia

Pelas 17 horas de hoje realisou-se no Governo Civil a apresentação dos novos oficiaes que vão servir na policia, srs. capitão Queresma e tenente Roby, que vão substituir os oficiais que ha dias pediram a demissão.

No Terreiro do Paço

Pelas 17 horas achava se concentrada na Praça do Comercio, sob o comando do comissario sr. capitão Albuquerque, tendo como subalternos os chefes Delgado e Coelho, uma força de 130 guardas da policia civica pertencentes a diversas esquadras e mandados para ali afim de manter a ordem, não permitir ajuntamentos, nem que ninguem estacione debaixo das arcadas, por onde foram distribuidas patrulhas.

O emprestimo de 50 milhões de dollars

O sr. Antonio Maria da Silva deu ordem para se fecharem as negociações para o emprestimo de 50 milhões de dollars contraido na America. Esse emprestimo é caucionado por bilhetes de tezouro e feito para pagamento dos fornecimento de carvão, cereaes, etc., adquiridos n'aquele paiz.

Durante os dois mezes que esteve no governo, o sr. Antonio Maria da Silva só usou em parte do aumento de circulação fiduciaria que está autorisado.

O emprestimo agora contraido é a juro de 7 0|0 ao ano.

Camara dos Deputados

Tendo-se procedido á chamada a hora regimental e como estivessem presentes apenas 38 deputados não houve sessão. A proxima será marcada em anuncio inserto no «Diario do Governo».

No Senado

Está marcada sessão para amanhã, figurando na ordem do dia a discussão de cinco projectos.

O que se não sabe ainda é se haverá ou não sessão. Ao que ouvimos alguns senadores apresentarão o pedido de renuncia dos seus logares.

Noticias da Capital

MENOR DESAPARECIDO DE CASA—No dia 17, desapareceu de sua casa, no Bairro Sarzedelo, rua n.º 2, 29 cave, o menor de 14 anos Antonio Filipe, rosto comprido, moreno, olhos e cabelo pretos, magro, que levava calças de cotim escuro, casaco claro, boina clara as riscas e botas pretas novas. Seu pae, Joaquim Filipe, pede a quem saiba do seu paradeiro o favor de o indicar para a morada acima mencionada.

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSOCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçade do Livramento, 5.

A CAPITAL

3789—11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 24 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

INCIDENTE FINDO

Um dia, no parlamento francez, procurando, com alto tino politico, equilibrar de novo uma sociedade profundamente agitada por uma questão que tomara os mais graves aspectos, um ministro da Republica Franceza começou o seu discurso ansiosamente esperado sobre essa questão com estas simples palavras:

—*L'incident est clos.*

Tambem, no caso presente, em que vemos solucionar-se, sem um combate fratricida, uma questão que por momentos deu indicios de degenerar n'uma conflagração civil, as primeiras palavras com que se pode e deve fazer o registo dos factos são identicas ás que proferiu esse ministro francez, que era o general de Gallifet.

— O incidente está findo.

Findou sob as altas inspirações do sentimento patriotico e republicano. Findou quando se reconheceu que, a continuar, elle poderia originar consequencias que não estavam decerto na mente de ninguem.

Apraz-nos accentuar que assim que a palavra Constituição foi pronunciada, ella não encontrou inimigos em nenhum dos campos que se defrontavam. Uns comprehenderam que era preciso afirmar a inviolabilidade do estatuto parlamentar em que as instituições se baseiam; outros reconheceram que era necessario não dar nem mais um passo na senda em que tinham entrado, sem proclamar o mesmo respeito pela Constituição, cujo funccionamento não pode estar sujeito a nenhuma especie de pressões.

Assim, o sr. Presidente da Republica não teve nenhuma dificuldade em escolher o novo governo, dentro da plena liberdade da sua acção.

Esse novo governo tomou hontem posse, e constitucionalmente se chegou ao «desideratum» de que ele proveiu, visto que o sr. Bernardino Machado pediu a demissão do seu governo, e que o sr. Antonio José de Almeida lh'a concedeu, consultando em seguida os presidentes das duas Camaras e os chefes dos partidos.

Ninguem reclamava a manutenção do governo a que succedeu o do sr. Barros Queiroz, e que como hontem frisámos, já tinha os seus dias contados. O que a todos se impoz, d'uma maneira definitiva, foi a necessidade de não dar a ninguem a impressão de que o Chefe do Estado estava coacto e a Constituição postergada.

Temos, pois, um novo governo, e com a sua organisação todos os elementos mais valiosos da politica republicana concordam. Esse governo vae governar, como disse o seu ilustre chefe, mantendo a ordem e fazendo administração. N'estas simples palavras está todo o programa cuja execução o paiz deseja.

Temos um novo governo, e sabe-se que a promessa da dissolução, a qual certamente não se dará sem o gabinete Barros Queiroz tomar contacto com o parlamento, de cuja attitude depende manifestamente a adopção d'essa medida. Se se verificar que com o parlamento tal como está constituido, nem mesmo depois d'esta lição, se pode governar, o paiz será necessariamente chamado a pronunciar-se junto das urnas.

A situação aclarou-se, e é de esperar que todos os boatos tendenciosos que nos ultimos dias se espalharam sejam positivamente pulverisados. Mais interessante seria saber quaes os intuitos a que obedeceram alguns d'elles, como o que assegurava querer o sr. Bernardino Machado, com o apoio do sr. Alvaro de Castro, apossar-se, por meio d'um golpe de Estado, da presidencia da Republica. Era um boato absurdo e malevolo. Nem ao sr. Bernardino Machado nem ao sr. Alvaro de Castro tal passou jámais pela ideia. Mas na divulgação d'este boato, destinado a crear uma atmosphera de suspeições gravissimas entre os republicanos, talvez não seja dificil reconhecer a acção dos monarchicos, sempre dispostos a especularem com as nossas dissenções e equivocos.

Em suma: o incidente findou. Resta que, depois dos sobresaltos e preoccupações que elle originou, se vejam ao menos as vantagens que das suas consequencias podem advir.

Tumultos em Alexandria

Os europeus atacados pelos indigenas egypcios

CAIRO, 24.—Continua grave a situação em Alexandria por motivo do conflicto originado pela morte de um indigena por um subito grego.

Toda a noite de hontem houve tiroteio repetindo-se os ataques aos gregos e outros europeus, quebrando a multidão as vitrines dos estabelecimentos d'estes. São numerosas as victimas. Os europeus que se refugiaram nos edificios publicos solicitam o auxilio das autoridades ou tomarem por si as necessarias medidas de defeza.

O tiroteio continua registando-se varios incendios. As tropas inglezas estão tomando conta da cidade afim de garantirem a ordem.

No mesmo estilo...

de Virginia Vitorino

NOTA — As caricaturas que aqui se fazem não devem ser tidas como prova de menos consideração do autor pelos caricaturados. Vá este aviso de encontro ás possiveis malquerenças que o caso possa motivar. — *H. R.*

AMUÁDOS

Não venhas tarde, amor! Custa a passar
O tempo meu amor, sem junto ter
Teu peito meu amor, que eu quero vêr
Sempre cheio d'amor a trasbordar!

Já não me quer's amor?! De o duvidar
Padeço, meu amor! E custa a crêr
Que estando o teu amor quasi a morrer
Não morra o meu amor só de o pensar!

Não me fujas amor! Se vaes partir
Eu vou tambem amor, quero fugir
Comtigo meu amor, p'ra mais te amar!

E juntos, doce amor, hei-de aprender
Outras coisas amor, p'ra não escrever
Sómente amor, amor, amor e ar!

Henrique Roldão.

NOTAS FALSAS

TRAGEDIAS

«Todo o homem tem em si uma tragedia», *escreveu Sienkiewicz, auctor que é costume citar quando é preciso mostrar aos outros que a erudição abunda cá por casa como cogumelos depois de chuvada.*

De facto, o celebre auctor do «Quo Vadis?» tem razão. Todos nós homens, reis da creação apenas por direito de hereditariedade, temos ou havemos de ter um caso, uma aventura, um acontecimento que, visto ao telescopio do nosso egoismo assóma aos olhos proporções de tragedia unica, mas que, olhada sem lupas, é afinal egual á de todos.

Uma paixão morta em rebento, um sopápo do Destino atirado sem preparação, um desengano fóra de tempo, eis no que se resumem as tragedias humanas, sempre eguaes repetindo-se sempre.

«A minha vida, dava um romance!» é costume ouvir-se. Pois não dava coisa alguma, ou antes, dava uma tremenda estopada em alguns folhetos que ás duas por trez, andavam nas mãos dos garotos a «vintem para acabar.»

As tragedias dos homens, são sempre as mesmas porque os homens são sempre eguaes. Esses outros casos que se leem nos romances, esses que arrancam fontes de lagrimas d'esses buracos que é habito existirem por debaixo das testas dos mortaes, são pura fantazia de auctores, que, se contassem os factos tal qual foram, eram d'uma banalidade extrema.

Eu, creio que tambem tenho a minha tragedia. Até me ficava mal não apresentar o meu exemplar na exposição das tragedias humanas, mas não faço, d'ele cavalo de batalha porque sei que, eguaes á minha, ha por esse mundo milhões e milhões de tragedias.

Dezengane-se pois a senhora que me escreveu anonimamente, contando-me certo caso d'amor que julga bicudo, mas que é tão chôcho como a venda de cerejas em junho. Deixe a tinta descançada e, pelo amor de Deus não se deite a escrever o romance da sua vida. Olhe que nas mercearias não pagam o papel para embrulho a mais de dois tostões o kilo!

Henrique Roldão

No Funchal

Um donativo de 400 contos á Misericordia rejeitado — Manifestação de protesto

Recebemos hoje o seguinte telegrama:

FUNCHAL, 23 — O banqueiro sr. Vieira de Castro ofereceu á Santa Casa da Misericordia d'esta cidade quatrocentos contos para a instalação d'uma nova enfermaria destinada a cancerosos, manifestando o desejo da enfermagem ser feita por irmãs hospitaleiras portuguesas.

A comissão do hospital, cujo estado financeiro é gravissimo, recusou o importante donativo, para não aceitar a enfermagem das irmãs hospitaleiras.

Este facto produziu grande sentimento de revolta na população madeirense e em toda a imprensa, incluindo os orgãos do operariado, tendo-se hoje realisado uma imponente manifestação em que se encorporarão a academia, operários, comercio e populares, vindo apresentar ao benemérito banqueiro uma mensagem subscrita por mais de duas mil assignaturas, agradecendo a generosa dadiva e protestando contra a comissão, que repeliu os recursos destinados á hospitalização dos pobres. O sr. Vieira de Castro discursou, pondo a sua bolsa á disposição dos indegentes laicos ou religiosos, sendo alvo de uma calorosa e entusiastica manifestação. No seu escritorio, o banqueiro tem sido cumprimentado por pessoas de todas as categorias sociaes e credos politicos, felicitando-o por mais este, entre tantos, gesto altruista praticado em fávor das classes pobres da Madeira.

Em vista da opinião publica o governador civil demitiu comissão, aguardando-se a atitude dos novos administradores».

BOAS NOVAS

De bordo do «Beira»

DAKAR, 22.—Os passageiros de segunda classe do vapor «Beira», seguem bem saudam as suas familias e amigos (a) Raul —(H).

DOIDA NÃO E NÃO!

PERFIL

Acha o sr. dr. Balbino Rego que sou «injusta com o bom Destino»!

¿Qual será a maneira de ver deste homem «de sciencia», que julga bom um destino que faz ir parar a um hospital de doidos, uma pobre criatura em seu perfeito juizo?

¿E que entenderá ele pela adoração duma familia?

Os infelizes a quem eu fiz bem e que só bem me desejam, segundo o mesmo senhor diz, são hoje mais felizes do que eu, porque nunca tiveram a desgraça de encontrar, no seu caminho, um «amigo» como o sr. dr. Balbino Rego. O dó que esses infelizes me inspiravam, talvez, que eles hoje o sintam por mim.

O meu «encanto de viver» existe rialmente, embora esse senhor o ponha em duvida, na sua carta de 28 de dezembro de 1918. Parece talvez impossivel que, com uma vida tão atribulada como a minha e tendo eu, como eles dizem, a «mania do suicidio», ainda seja deste mundo; mas... «são evoluções da doença»!

Agora «deu-me» para querer viver ... e cá o vou conseguindo. mesmo sem a «adoração» da familia.

Ha um trecho na carta de que venho tratando e que peço ao leitor que guarde, ao qual me referirei num outro artigo em que terá maior oportunidade a minha referencia; mas, analisando o final da epistola em foco, pregunto: como é que o sr. dr. Balbino Rêgo se dirigia á minha «brilhante inteligencia», se eu era uma «doida»? Que bom acolhimento podia ela fazer á sua «tão brilhante amizade»?

Como pessoa que muito lhe quer, assim diz S. Ex.ª, confiava em que o 919 me compensasse, em filicidades o que de mau me dera o pouco saudoso 919!

Este senhor tambem tem uma maneira de «querer» muito semelhante á da minha «carinhosa» familia.

Termina o «ilustre» medico a sua carta desejando que na visita que nessa data tencionava fazer ao Porto, me encontrasse «contente» e numa atitude de espirito diferente daquela em que lhe escrevera a carta a proposito da morte de meu irmão.

Olhe, leitor, deixe-me ser-lhe franca: o homem é estupido!

Ir encontrar-me «contente» no «eden» do Conde de Ferreira!

Esta só o sr. dr. Balbino Rego era capaz de escrever!

Contente no Conde de Ferreira e tendo-me morrido um irmão!... Morte esta que houve empenho em me ocultar, para me ser poupado «o grande abalo, certamente provocado» por ela (!) como esse senhor escreveu na sua carta de 9 de Dezembro. E é a mim que eles chamam doida!... Valha-nos Deus!

«Conte sempre com a amizade e gratidão» diz ele, por ultimo.

Que lhe parece, leitor? Já viu maior inconsciencia? — chamemos-lhe assim.

Contar com a «amizade do sr. dr. Balbino Rêgo, depois de o conhecer como eu o conheci!...

Na primeira todos caiam; mas na segunda... nem eu, apesar «de ser doida»!

Maria Adelaide.

Esponsaes principescos

PARIS, 24.—O «Eclair» diz saber de fontes bem informada que o principe Alexandre da Servia irá muito brevemente a Londres para anunciar oficialmente os seus exponsaes com a princeza Mary.—(H).

O candidato á presidencia da Republica Brazileira

RIO DE JANEIRO, 23.—Os Estados do Pará, Ceará, Maranhão, Bahia e S. Paulo deram a sua adesão á candidatura á presidencia da Republica do sr. dr. Artur Bernardes, governador do Estado de Minas Geraes.—(A).

AUTENTICAS

LIA DA FONSECA

Apresentaram-m'a hontem. Vive ha pouco em Portugal e veiu do Brazil. Tudo isto é banal como o movimento das vagas.

Mas Lia da Fonseca entreabre os seus labios, fala de si, dos seus, diz nos versos da sua lavra e a gente fica extática entre o assombro e o deslumbramento. Não é a literata profissional, a mulher que faça livros e chronicas como qualquer paciente artistica pode fazer um objecto de uso comum. E' uma individualidade que pensa evitar novas inéditas mais arrojadas do que homens ainda os mais violentos. E todavia a sua figura esbelta é delicada, e fragil mesmo á força de «souplesse».

Duas palavras de comprimentos e logo nos falou da sua obra. Mas eu conhecia já o seu nome. Sabia-a já uma poetisa celebre no seu paiz, para ser necessario o espectaculo dos seus valores; nem a ilustre hospeda m'o daria decerto. Assim eis-me de subito entrado no grande mundo hellenico dos seus versos.

E' Lia da Fonseca, que me diz poema seu—adoravel de realismo, mas realismo são, realismo forte, realismo atulhado com promessas de regeneração. O seu thema n'aquella composição — o Amor; mas não o amor banal d'um Eça de Queiroz com o amarrotar das sedas d'uma Govarinho ou a imundicie da casa do sineiro; não, o amor fogoso, calido absorvente, esse que é a invencivel dinamica da nossa especie.

Essa nunca ouvi, não conheço mesmo poema onde a Grande Grecia surja mais flagrante de lyrismo. Por eles, por aqueles versos uma só vez ouvidos senti-me remontar a Hellada anterior ao heroismo, á Hellada do nu de Pan, das frescas raparigas pelas margens dos regatos de anforas encostadas a quadris solemnes cheios de viço e forças.

Aquele quadro de amor arrebata; é toda uma consagração da aproximação dos sexos.

E entre tanto Lia da Fonseca receia publicar um livro em Portugal. —«Sou doutro hemispherio e receio que me não compreendam...»

Alem nas paragens equatoriaes, já muito longe do romantismo, separada para sempre da pieguice dos vates arcadicos, trouxe-me á ideia o velho Charles Baudelaire, o poeta da verdade, do amor e da carne. Mas não tem vicio o seu amor, nem vicio nem degenerescencias.

E' a formula eterna, a que resistiu a todos os embates dos costumes artificiosos, a todas as pressões religiosas, aquela que como a Arte se ri da historia com as suas modalidades.

Assim o entende a poetiza d'além oceano.

Ela é uma revolucionaria, na Arte e como tal descerá aos proprios costumes.

Temperamento forte, cuja fogosidade nos aparece como uma genuina filha dessa Sul America, que os irmãos Humbolt surpreenderam, Lia da Fonseca vai dar-nos um livro inteiramente novo, quente e febril, arrebatado e violento como as suas palavras.

Assisti uns momentos á historia rimada do grande alvoroço dos seus nervos, do invencivel triunfo do seu querer, e, quando partiu, eu e quem mais a escutava ficámos para ali tão cheios desta imprevista aparição intelectual, começamos a morder no que ira pensar a nova burguesia enxundiosa da sua grandesa e força.

D. Thomaz de Noronha.

Viajantes ilustres.

Dr. Nilo Peçanha

O ilustre brasileiro sr. dr. Nilo Peçanha, que veiu a bordo do «Lutetia» esteve, acompanhado do sr. embaixador do Brazil, no paço de Belem, onde foi recebido pelo sr. presidente da Republica, que com ele se demorou em afectuosa conversação.

Conferencia Interparmentar de Comercio

A chegada dos congressistas

Chegou hoje, pelas 7 horas e meia, o vapor *Lutetia*, que fundeou defronte do Posto Maritimo de Desinfecção e a bordo do qual vinham os delegados á Conferencia Interparlamentar de Comercio.

O desembarque fez-se pelas 11 horas, sendo esperados esses delegados, em numero de 55, por varias individualidades, entre as quaes os srs. Melo Barreto e Ernesto Navarro.

Os congressistas vinham acompanhados dos consules de Italia e França e são francezes, inglezes, belgas, italianos, gregos, japonezes e tchecoslovacos.

Tomaram 12 automoveis, nos quaes flutuavam as bandeiras das respectivas nacionalidades, indo hospedar-se em varios hoteis da capital.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Roupa de Francezes

Valor moral e material das roupas no passado — Roupa-moeda — Franchinote, Ferrabraz e Franciú

Evidentemente a intenção optimista do adagio a respeito de francezes teve a prioridade sobre a intenção pejorativa que só deverá ter principiado a desenvolver-se a pouco e pouco e muito vagarosamente após as primeiras incursões normandas e depois da admissão da pragmatica requintadamente corteza nos nossos costumes com o regresso dos primeiros jograes francezes.

Importa, porém, investigar o sentido a dar ao adagio primitivo.

Sabemos que roupa, já em tempos idos, era um termo generico para designar fazendas ou quaesquer tecidos, quer feitos em saias, saiotes, gibões, peloles ou tabardos, quer em peça ou tela.

Roupa d'estrada se chamavam outr'ora os tapetes provavelmente reaes que alcatifam o chão dos palanques nas recepções oficiaes, touradas, etc.

E estas roupas, ou fabricadas em vestuario ou no estado de téla, como já vimos, chegavam-nos a Portugal onde a industria ainda nem alvorecera, por via do já aludido Caminho Francez e outros, por maneira que a roupa de francezes teria de ser cousa muito falada, visto que toda a população a uzava, já que d'outras proveniencias não nos consta que os tecidos de então nos chegassem.

Da dificuldade de obter roupa se deduz a importancia que ela teria na vida economica d'esses tempos. Nas Ordenações Afonsinas (Liv. V—). vê-se que a pena de morte aplicada em tempo de D. Diniz aos que jogavam aos dados, foi comutada na pena de açoutes para quem armasse ou fizesse jogar com dados falsos ou chumbados D'aqui viria talvez o dizer-se:—pezado como chumbo.

Pois n'esta lei prohibitiva de tavolagem e jogos, entre as varias penalidades aparece frequentemente a perda de roupas para os transgressores. Tanto basta para se avaliar a importancia a dar á roupa, n'uma epoca em que ela era tão dificil de obter.

Nas Ordenações Filipinas, já pelos fins do Seculo XVI, ao carrasco eram dados de gratificação os vestidos e a roupa da cama dos justiçados (1), tal a importancia do caso, que até se fazia referencia especial na legislação vigente.

Uma outra interpretação pode o adagio ter tido no periodo da sua formação.

João Jogral, citado por Teofilo Braga, diz n'uma canção á morte do Rei D. Diniz:

. . . .
«E dos jograes vos quer'eu dizer,
«Nunca cobraram panos nem avez.

Esta expressão—cobrar panos,—esplica-a indirectamente uma quadra do poema provençal Blanchelleur, citada por Du Meril:

«Au matin, quand il fu grand jor,
«Furent paie li jongleor,
«Li un orent biaux palefrois,
«Beles robes et biaux agrois.

Por estes versos coevos fica-se sabendo que aos menestreis era uso, segundo o estilo provençal pagar os cantos, recitação e improvisos poeticos, não com moeda corrente, mas a uns com belos palafrens ou cavalos de casta, então só adequados para os Principes e Grandes, e a outros com belos fatos.

—Beles robes et biauxagrois diz a canção.

Assim posto o problema, é licito admitir com visos da maior probabilidade, que as duas circunstancias—modas francezas ou pagamentos a menestreis — concorriam simultaneamente para a formação do adagio no sentido optimista.

Mas a breve trecho teria principiado a degenerescencia do sentido inicial do adagio, porquanto, como é conhecido, os francezes costumam fazer não só uso, mas abuso do seu predominio e influencia, onde quer que se encontrem, e sejam quaes forem as epocas e os costumes.

A má vontade pelas cousas francezas revelava se já em tempos recuados no emprego, ora ironico, ora desprezivel, de certos nomes de pessoas ou nacionalidades.

Assim, ainda hoje mesmo, chama-se a alguem aperaltado, por desprezo—um franchinote—, nome por que no seculo XVI se tratavam em Coimbra os primeiros Jesuitas da Companhia, que só posteriormente conseguiu insinuar-se no animo dos portuguezes, e influir na sua educação e tambem na sua ruina.

Os nomes de alguns heroes das «fabliaux» francezes ficaram em Portugal aclimados com sentido pejorativo. Assim, de Fier-á-bras fizemos Ferrabraz, para significar fanfarrão.

A região franceza de Poitevin foi por nós transformada em «patavina», para significar uma negação absoluta—: nem patavina!

E estes nomes atravessaram os seculos e chegaram até nós com este sentido de desprezo.

Na Comedia Eufrosina, de Jorge Ferreira lê-se:—«fala Roldau e fala por seu mal»—, frase que se tornou d'ora só modernamente em desuso.

Ainda hoje se diz com ironia—«franciú»—em logar de lingua franceza, e de alguem que não nos pareça honesto nem serio, antes dissimulado, costumamos dizer que ele é muito... francez.

E esta concepção não é exclusivamente nacional. No mesmo sentido dizem os da Prussia Renana:

Et es fransosch.

Tambem a espressão: despedir-se... á franceza, isto é, sem sombra de delicadeza, é comum aos inglezes que usam dizer:

To take French leave.

Certo é que os povos, em materia de despique, nada ficam a dever uns aos outros. Para esprimir má creação diz-se em França:—

«Prendre congé à l'anglaise». Os alemães dizem com graça «despedir-se á polaca»—:

«Polnischer Abschied».

D'onde parece concluir-se que está na indole humana despedir-se... sem dizer agua-vae.

Ladislau Batalha.

(1) Liv. V—tit. 33-3

PELO TELEGRAFO

Uma nota do governo alemão sobre a questão da Alta Silesia

BERLIM, 23—Respondendo á nota franceza de 19 do corrente, insurgindo-se contra as medidas tardias tomadas pela Alemanha com o fim de impedir a formação de corpos francos e o seu transporte para a Alta Silesia e pedindo o encerramento imediato da fronteira, o governo alemão lembra as medidas que tomou, acrescentando que as medidas de auto-protecção, tomadas pela população da Alta Silesia, teem um caracter muito diferente, pois a população estava ameaçada e encontrava-se em estado de legitima defeza. O governo não tem qualquer influencia sobre as medidas tomadas e nota que á comissão inter-aliada é a unica responsavel pela manutenção da ordem e da tranquilidade na Alta Silesia.—(H.)

Cessação de hostilidades

OPPELN, 23—Em consequencia das energicas «démarches» feitas pela alta comissão interaliada junto do representante alemão com o fim de obter que cessassem as hostilidades, o ataque alemão de Krapitz na direcção de Grosstrelitz, cessou no sabado á tarde.—(H).

Entrevista com o embaixador da Alemanha

PARIS, 23—O sr. Briand recebeu esta noite o Dr. Mayer, embaixador da Alemanha, que tinha sido chamado ao ministerio dos negocios estrangeiros pelo presidente do conselho.—(H).

A reconstrução das regiões devastas

BRUXELAS, 23. — Relativamente ao assunto de uma informação oficiosa proveniente de Berlim e segundo a qual o sr. Loucheur teria em principio declarado que estava de acordo em que a Alemanha se encarregasse dos trabalhos de construção em um dos sectores das regiões devastadas, o sr. Loucheur declarou a um representante da Agencia Havas que tal informação, como foi apresentada, é inexacta. O ministro das regiões devastadas, fazendo muito embora reserva quando ao ponto de vista do governo francez sobre o mesmo principio, pediu á Alemanha que formulasse propostas concretas para os fornecimentos e que precisasse bem o seu fim, para se poder sair das vagas propostas e para que, em vista das informações formuladas de toda a parte, se poderem estudar seriamente as vantagens e a sua repercussão.—H.

A nota entregue pelo sr. Briand ao embaixador alemão

PARIS, 24 — O «Petit Journal» julga saber que a nota entregue pelo sr. Briand ao embaixador alemão sr. Mayer declará em substancia o seguinte: «Tendo as tropas alemãs da Alta Silesia detido a sua ofensiva, esperamos que a não retomem. Em caso contrario, o governo alemão será tido por responsavel e os governo aliados tomarão, em comum, as sanções que julguem necessarias». Segundo, o «Gaulois» o sr. Briand exprimiu ao sr. Mayer a sua surpreza pelo silencio em que a chancelaria alemã se tem mantido sobre a questão do encerramento da fronteira da Silesia pedida pelo governo francez. O sr. Briand teria declarado ao embaixador alemão que se dentro de 24 horas o governo do Reich não tiver reprovado formalmente o procedimento dos voluntarios alemães na Alta Silesia e não adoptar medidas rigorosas contra a passagem de munições e material para a Alta Silesia, o governo francez ver-se-ha obrigado a não ficar inactivo e a tomar as garantias necessarias.—(H).

Troca de saudações entre o dr. Nilo Peçanha e o sr. Milerand

BORDEUS, 24.—O sr. Nilo Peçanha dirigiu ao sr. Milerand em telegrama de despedida, em que lhe exprimia a grata recordação que levava de França. O sr. Milerand respondeu nos seguintes termos:—«Agradeço o vosso telegrama e quero, por minha vez, assegurar-vos o vivo prazer que tive em ver-vos e a minha profunda simpatia pelo Brazil».—(H).

Organisações defensivas alemãs

PARIS, 24.—O correspondente do «Journal» em Berlim informa que as organisações do auto defeza alemã na Alta Silesia foram colocadas sob o comando unico do general Heefer, comandante do corpo de Exercito.—(H).

A França e a Inglaterra desavindas?

O que diz Lloyd George a propósito do problema da Alta Silesia

Não é tranquilisadora a linguagem de Lloyd George. Vão surgir desavenças entre os dois paizes? Eis as declarações do primeiro ministro inglez:

«Adiro á declaração que fiz na Camara dos Comuns a respeito da Alta Silesia.

Como é natural, não posso aceitar a responsabilidade senão do que disse e não dos «comptes rendus» truncados e deformados que apareceram nos jornaes francezes.

A aprovação quasi unanime dada pela imprensa americana e italiana assim como pela britanica aos sentimentos que expresse, demonstra que as grandes nações que estiveram ao lado da França no ocidente querem interpretar equitativamente o tratado de Versailles.

Nunca vi unanimidade egual em qualquer outra questão. Todos os matizes da opinião n'estes tres paizes teem o mesmo ponto de vista.

Seria lamentavel que a imprensa franceza tivesse um modo de ver diverso, mas devemos mostrar-nos tolerantes para com as diferenças de opinião que se dão entre nós.

Com todo o respeito acquerido, direi á imprensa que o habito de qualificar de impertinencia toda a expressão d'uma opinião aliada que não concorda com a sua é deveras lamentavel.

Esse estado de espirito, se persistisse, seria fatal a toda a «entente».

A posição tomada pelos povos britanico, americano e italiano na questão da Silesia não deve ser ofensiva para a França.

Apoiam o tratado de Versailles.

Querem aplicar juntamente as condições do tratado quer seja pró, quer seja contra a Alemanha.

A sorte da Alta Silesia deve ser decidida pelo conselho supremo e não por Korfanty.

Os filhos do tratado não podem ser autorizados a partir a baixela na Europa, ficando impunes.

Alguem deve dobrar-lhes a mão para os sustar, se não haveria constantes perturbações.

A marcha do mundo nos anos que se vã seguir não pode ser prevista. As nuvens no horisonte são mais densas do que habitualmente. Muito dependerá da união dos aliados.

Fóra das obrigações do tratado, acontecimentos que se não podem prever devem determinar os futuros agrupamentos de nações. O futuro do mundo, e em especial da Europa, será determinado por antigas ou novas amisades.

N'estas condições, o tratado de Versailles e um documento de infinita importancia, especialmente para as nações da Entente. Liga-nos, quando tantas coisas ha para nos dividir.

Os que tratam as suas clausulas como um sport de paixões e de prejuisos não esperarão muito tempo para lamentar o seu arrebatamento.

O povo britanico não recua deante de parte alguma da responsabilidade que lhe advem do trabalho.

Existem dificuldades temporarias que tornam dificil a disposição das tropas; mas aguardo com confiança em que em breve se dissipem e chamo a atenção para o facto de na recente conferencia termos notificado que estavamos prontos, se a Alemanha recusasse as condições do conselho dos aliados, a pôr a armada britanica á disposição dos aliados para qualquer operação que fosse resolvida.

O governo britanico tinha o maior desejo de ver a partida da Silesia regulada na conferencia de Londres.

Todos os factos respeitantes ao plebiscito eram conhecidos.

Todavia, os nossos aliados não estavam preparados para proceder á discussão.

Apoiaremos lealmente a resolução tomada pela maioria das potencias que tenham voto, nos termos do tratado, para delimitarmos fronteiras da Silesia, seja qual for o «veridictum» dado.

Aceitamos completamente o plebiscito com a expressão dos desejos do povo da Silesia, mas tendo estado envolvida n'uma grande guerra e tendo sofrido perdas colossaes pela defeza d'um velho tratado no qual este país era parte a Gran-Bretanha não pode consentir em ser posta de lado emquanto um tratado assignado pelos seus representantes, ha menos de dois anos é calcado a's pés».

A transformação do Rocio

Começaram hoje a ser arrancados os kiosques que se viam no Rocio, em cumprimento da determinação ultimamente tomada pela camara municipal.

As forças da 7.ª divisão

Retiraram já para os seus quarteis as forças da 7.ª divisão, que, como os jornaes da manhã noticiam, tinham avançado para Lisboa.

O crime da Amadora

Realisou-se hoje, pelas 16 horas, o funeral do soldado da guarda republicana Manuel Marques, morto ha dias, na Amadora, pelo bandoleiro Carlos Gonçalves.

O prestito saiu da Morgue para o cemiterio do Lumiar, tendo-se sido incorporado oficiaes e praças da guarda.

Theatros Cinemas

A Critica das Criticas

TEATRO NACIONAL — «Simone»

A critica ficou surpreendida a bem dizer com o desempenho interessante que o *Nacional* lhe deu na *Simone*: As ligeiras discrepancias resultam da opinião pessoal que muito apreciamos mas confirmam a unanimidade de opinião.

O *Seculo* passando ao de leve sobre a peça, diz ao desempenho começando por Ilda Stichini.

Já hoje, completamente senhora de todos os segredos da sua arte, deu-nos, na protagonista um trabalho sempre mimoso e por vezes brilhante—o papel de que se encarregou na obra de Brieux, é dos que só pode ser entregue a artistas de maxima categoria, e não só o não comprometeu, como até valorisou algumas cenas onde outras atrizes de mais experiencia poderiam sossobrar; assim, tambem Erico Braga, outro artista novo, na edade e no teatro, impoz-se desde a sua primeira cena, marcando definitivamente, sem a peça de hontem, um logar de honra entre os consagrados, n'um papel central, em que, por consequencia, eram inaproveitaveis os impetos da sua mocidade.

Depois Acacio de Paiva e Cristovão Ayres no *Diario de Noticias* quem rende o seu preito.

A figura de «Simone» deu relevo e vida encarnando a doce ingenuidade, reproduzindo a frescura, ideal, da encantadora personagem. E na parte intensamente dramatica da situação, quando a sua alma indecisa e forte se debate em convulsões de dor, a ingenua cedeu passo ás vibrantes faculdades de dramatisação que marcam a outra faceta do seu temperamento de actriz.

E sobre a peça diz com justiça

Bem melhor fica no palco do Nacional digam o que disserem, do que «Montmartre» ou a «E'cole des cocottes».

Antero de Lima na *Batalha*, acha a *«Simone» uma peça bem feita* e da protagonista diz:

Ilda interpretou ontem um papel violento, considerado em conjunto, e que, justo é acentuá-lo, manteve sem desfalecer.

Pouco habituado a ouvir-lhe gritos de dor, surpreendi-me, por vezes, a achá-los de emissão defeituosa.

Na «Lucta» reapareceu o sr. Carlos Amaro que não gostou. Confessa que ha muito tempo não ia ao teatro.

A peça de Brieux e interessante, com situações comoventes, e muito teria ganho se fosse melhor representada. Depois de um primeiro acto desempenhado com uma certa harmonia esobriedade, o resto teve quasi sempre uma execução dura e apressada, sem meias tintas, sem os silencios necessarios, onde pudessemos presumir as mutações que se iam dando na alma dos personagens, que assim nos surgiam como pessoas mais violentas que desgraçadas.

Na «Patria», Jorge Ourtiz faz mais justiça á interpretação dos novos

«Stichini», marcou com probidade sempre e bastas vezes com brilho, a dualidade de sentimentos de Simone: ora amorosa, ingenua e terna, ora revestida, voluntariosa, cruamente agressiva. E' um explendido talento scenico que se afirma, nem sempre porém exuberante de emoção. Erico Braga, com assombrada correcção nos tres actos, manifestou no primeiro: principalmente ao evocar, gradualmente, lentamente, a sua tragedia de amôr, excelentes qualidades scenicas.

o que tambem Jaime Vitor confirma no *Correio da Manhã*. De Ilda diz com sinceridade.

Foi mesmo na sua arte um grande passo. E de todos os seus papeis o que tem mais intensidade dramatica, e não obstante aquella expressão singular da sua «facies» que parece abrir-se sempre n'um sorriso, mesmo em situações emocionantes e quasi tragicas.

Egualmente nota os *baixos* da interpretação de Erico Braga:

Erico Braga mostrou recursos e revelou um conscencioso estudo personagem, mas traem-no por vezes, na explosão dos grandes sentimentos, e nas crises que originam, as modulações da voz, nem sempre proprias para reproduzil-os. Assim, por exemplo, na ultima parte do dialogo, do 2.º acto, em que leva a filha a dizer «Juro» é mais intimativo do que supplicante, a essa falsa entonação paralisando a corda da sensibilidade não transmitte ao publico a emoção precisa.

E João Ameal na *Situação*, corrobora:

E' de uma inteligencia que visiona maravilhosamente as crispações, os «élans», os gritos magoados, as derrocadas sangrentes d'uma vida em farrapos, em cicatrizes...

Erico Braga, perfeito, sem uma quebra, nem uma nota falsa—n'um personagem dificilimo, complexo. E' um actor de evolução rapida—que hontem subiu, no palco do Nacional, á primeira plana.

depois de ter dito da peça:

«Simone»—é das suas melhores peças. Nada de sermões, de diluvios verbaes, onde por vezes se sentia uma ebriedade de sons inuteis—acção, veemencia, conflito.

João Nobrega no *Mundo* satisfaz-se com o caminho que o nosso 1.º teatro de declamação vae talvez tomar:

Fazendo representar obra digna das suas tradições e abrindo assim uma clareira na série de desrespeitos que tem vindo a descategorisar a nossa scena oficial, merece elogio a administração do teatro.

E da protagonista diz:

Quanto á sr.ª Ilda Stichini, interpretou a Simone com inteligencia, mas sem as qualidades scenicas que o papel exige.

Ingenua dramatica, é um lugar ha muito vago no teatro portuguêz, não nos parecendo que possa sêr a sr.ª Stichini quem venha a preenche-lo.

Para tanto, precisaria de mascara apropriada e folego dramatico.

Mais acostumado a fazer previsões em Teatro, diz Mario Bonança no *Comercio*.

E' nova ainda, e o seu largo futuro há-de permitir que o seu nome enfileire com os mais gloriosos nomes da scena portugueza. Hoje, é já uma actriz de indiscutivel valor, que poucas egualam e raras excedem.

A *Epoca* apresenta assim a peça;

Trata-se de um drama de familia, baseado ainda nos velhos moldes e como tal consegue prender a atenção da platéa, comovendo-a por vezes.

Relativamente á tradução, notam-lhe os leves defeitos, a *Patria*, o *Seculo* com delicadeza e a *Republica* pela mão de José de Melo neie estilo:

Diga-se, antes de mais nada, que a tradução, horrivel, com certeza escapou, com todos os seus abundantes galicismos, ao ôlho perspicaz do sr. Comissario do Governo que tinha obrigação de não deixar passar em julgado semelhantes atentados.

Da *mise-en-scene* quem mais se queixou foi Cristovam Ayres, que termina por dizer que não ha *positivamente direito* de ser assim:

Da «mise en-scene» continuamos a queixar-nos.

O nosso primeiro teatro tem o dever de cuidar mais dos seus scenarios.

O Gato preto

NOTA. — Por não terem ainda sido publicadas as criticas dalguns dos nossos valiosos colegas da imprensa, sobre o *Adão e Eva* no Ginasio só amanhã publicarêmos *a critica das criticas* desta peça.

A imparcialidade como se vê será maxima, estando porém de ante mão certos que... os nossos colegas vão todos ficar sem bilhetes no *Ginasio* porque todos... disseram suficientemente mal.

A pagina de "Os Sports"

Continua recebendo do publico o maior aplauso a pagina de teatros que «Os Sports» publica ao domingo e que, alem de se apresentar ilustrada, insere sempre colaboração interessante.

—No domingo, 29 «Os Sports» publicará uma pagina sobre cinematografo.

Noticiario

No fantazia «Ideal», além do «compére» «D. Quichote», como dissemos, feito por Alberto Ghira, reaparece Carlos Leal no «compére Sancho Pança».

—Recebemos as noticias referentes ás «tournées» Alegrim e Luiz Pinto, que por já virem nos jornaes da manhã não publicamos.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».

S. LUIZ — A's 21 h.—«Sinos de Corneville».

TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».

AVENIDA —A's 21,15 — «Dama das camelias».

GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».

POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».

APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».

SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Vida Sportiva

PATINAGEM

A festa de sabado nos Recreios Desportivos da Amadora

Promete revestir grande brilhantismo a festa noturna com que no proximo sabado, pelas 21, 30 horas, se inaugura a temporada de patinagem no elegante «Rink» dos Recreios Desportivos da Amadora.

O Hockey Club de Portugal é o promotor do festival que vae chamar ao lindo recinto muitas familias das povoações de Amadora, Queluz, Bemfica.

Os numeros que compõem o programa são de geral agrado havendo, entre outros, patinagem, esgrima, box ginastica, e Push-Ball.

O sarau termina com um desafio de hockey em patins entre o team de H. P. C. e um team mixto formado nos melhores jogadores dos Clubs da especialidade.

Entre vendedores de jornaes

Começou hoje, nas salas da redacção de «Os Sports», a inspecção medica aos vendedores de jornaes obsequiosamente a cargo do distinto medico sr. dr. Salazar Carreira.

No proximo sabado, pelas 15 horas, continua a inspecção dos restantes inscriptos.

PELOS CLUBS

Comunicados

Grupo Sportivo Familiar—Acaba de se organisar um grupo sportivo formado por socios da Troupe Familiar Francisco Gomes Lopes que se denomina Grupo Sportivo da Troupe Familiar, com séde na rua da Alameda, 1.

A direcção encontra-se a cargo dos srs. A. Maria Serra, M. Serra, J. da Silva Cruz, J. Anacleto Barros e H. Augusto Calixto. O primeiro sport a cultivar é o foot-ball o qual se encontra um team formado pelos seguintes jogadores: Manoel dos Anjos, Alberto d'Oliveira, José Gonçalves, Virgilio Gonçalves, J. Antonio Mota, J. Pereira Rufino, Mario Fernandes, J. Justiniano Calixto, J. Francisco Alberto, (capitão) H. Ferreira Lima e H. Augusto Calisto.

ULTIMA HORA

Os novos ministros

Nomes de velhos republicanos.—Parlamentares que renunciam.—A desagregação dos partidos

Está organisado o novo governo da presidencia do sr. Barros Queiroz, devendo ainda hoje tomar posse os ministros indicados para as pastas que hontem não foram preenchidas.

Foi a dentro das suas atribuições constitucionaes, de acordo portanto com os preceitos, usados em regimen de liberdade e ordem, que o chefe do Estado escolheu o novo ministerio, convidando para a sua presidencia um austero republicano.

Homens da Republica são tambem todos os que constituem o governo, alguns d'elles com um passado de dedicação e sacrificio muito para considerar n'um momento em que os arrivistas triunfam incondicionalmente.

Encontramo-nos portanto na realidade, e bem é que assim seja, não apenas atendendo ao interesse imediato que da tranquilidade para todos resulta, mas tambem á necessidade de olhar pelo paiz e pelo decoro nacional.

Alguns ministros hontem mesmo tomaram posse. Mas ficaram vagas as pastas da Instrução, Colonias e Trabalho, para as quaes se indicam os nomes dos srs. Ginestal Machado, Fernandes Costa e Lelo Portela ou Aboim Inglês.

O sr. Ginestal Machado é um professor muito distinto e reitor do Liceu de Santarem, velho republicano com uma larga folha de serviços; o dr. Fernandes Costa é uma figura sobejamente conhecida nas fileiras da democracia pelo seu passado e indefectivel republicanismo, e os indigitados para a pasta do Trabalho são estudiosos de competencia sobejamente comprovada.

Não é de desconhecidos o gabinete que surge; tem ele sobre os antecedentes a vantagem de uma homogeneidade empreendida pela luta de oposição e que certamente se fará sentir nos processos de governo e administração. Os gabinetes de concentração, entidades incolores, organismos acefalos em que a disputa e o interesse pessoal constituiam motivo permanente de crise, deram logar a uma organização retintamente partidaria. O partido liberal exigia a dissolução como uma necessidade imprescindivel, apontando a justifica-lo seu pedido, não já apenas a dispersão de forças mas ainda a falta de autoridade. Tem a promessa de lha concederem. Dispõe consequentemente de todos os elementos julgados indispensaveis para uma larga vida e obra proficua de que o paiz está absolutamente necessitado.

* *

Muitos deputados e senadores, vão ao que se afirma, renunciar os seus logares, não esperando que um decreto de dissolução os leve de S. Bento.

Alguns ha que proclamam abertamente o seu desejo, manifestando-se outros, a maioria, de uma forma vaga aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

Os elementos estudiosos do Congresso, desgostosos com a marcha dos trabalhos parlamentares e dos negocios publicos, tinham afirmado já a sua discordancia com o que se passava. O deputado sr. Plinio Silva, membro do partido democratico, já indicado para entrar no gabinete que o sr. Abel Hipolito pretendeu organisar e em cujo nome se falou ultimamente tambem para gerir a pasta do Trabalho, expressava de ha muito o seu descontentamento, bem visivel ainda a quando da ultima sessão na camara dos deputados.

Tambem o senador sr. Julio Ribeiro, afirmou que deixaria o seu logar em que revelou qualidades de trabalho pouco vulgares. Ha assim alguns que se manifestam ostenciosamente pela renuncia, emquanto outros esperam ainda confiados em que o futuro não se apresentará talvez tão carregado como muitos pretendem fazer acreditar. Entretanto é opinião manifestada por alguns circulos politicos que o atual parlamento não voltará a funcionar normalmente.

* *

Já a «Capital» afirmou ha alguns dias que da convulsão politica suscitada pela permanencia no poder do sr. dr. Bernardino Machado, sairá naturalmente um entendimento democratico-liberal para a divisão de forças parlamentares, ficando os outros partidos reduzidos ás suas proprias forças. A agitação destas ultimas horas e os acontecimentos desenrolados, apressaram uma redução de grupos que mais cedo ou mais tarde viria a efectuar-se.

Assim os reconstituintes e populares devem ter sofrido consideravelmente, devendo considerar-se este ultimo grupo em estado de manifesta desorganisação. A atitude assumida pelo sr. dr. Julio martins perante a insubordinação da G. N. R. não agradou a muitos dos seus correligionarios. Assim o sr. Fernando de Brederode já se considera afastado do agrupamento politico em que se havia filiado. A alguem que lhe perguntou o que era feito do «seu partido», respondeu o antigo ministro da marinha:

—Eu não tenho partido algum que seja meu, e aquele a que pertencia já o deixei de vez.

Entre os descontentes, citam-se ainda com insistencia os nomes dos srs. Cunha Leal e Afonso de Macedo, deputados estes que ainda numa das ultimas noites estiveram em contacto com as forças saidas dos quarteis, procurando, ao que parece, desfazer mal entendidos.

* *

Segundo se afirma a intenção do sr. dr. Alvaro de Castro, publicar um documento em que fiquem aclarados os seus intuitos e acção desenvolvida nos ultimos dias.

Tambem se afirma que o major general da armada, sr. Julio Galis, está na disposição de castigar o capitão tenente sr. Procopio de Freitas pela parte que tomou nos ultimos acontecimentos.

PARLAMENTO

No Senado

Classifica-se o ultimo movimento e deseja-se que se façam preguntas ao chefe do Estado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Rego Chagas. Estão presentes 30 senadores. E' aberta a sessão difinitivamente, ás 15 horas e 15 minutos. Lê-se a acta, que é aprovada, e o expediente segue ao seu destino.

Abre-se a inscrição antes da ordem do dia.

O sr. Julio Ribeiro aprecia os ultimos acontecimentos e manda para a mesa a seguinte proposta:

«Tendo toda a imprensa de Lisboa e Porto noticiado que os chefes do ultimo movimento militar impuzeram ao venerando chefe do Estado a demissão do governo presidido pelo grande e ilustre estadista sr. Bernardino Machado e impuzeram tambem a dissolução parlamentar, não podendo cortar aquela e conseguindo leva-los a não insistirem por esta, do que resultorá o funcionamento por mais alguns dias das Camaras, proponho, por essa condescendencia ser humilhante para o prestigio do Parlamento que a sessão seja interrompida até que s. ex.ª o sr. Presidente do Senado inquira de s. ex.ª o Presidente da Republica da veracidade do noticiado pelos jornaes».

O sr. presidente declarou que o senado não tinha competencia, por fazer inqueritos ao sr. Presidente da Republica.

O sr. Julio Ribeiro diz que substitue a palavra inquerito por pergunta.

O sr. presidente declarando que só entregará a proposta do sr. Julio Ribeiro á discussão, depois de ouvir os senadores sobre o incidente, espera.

Ha certa agitação.

Muitos senadores pedem a palavra.

O sr. Lobo Alves classificou de triste tudo quanto se passou nos ultimos dias e que revelou o estado lastimoso do pais na sua politica de campanario, subserviencia e inconstitucionalidade. Lastima que se tenha dado o pronunciamento e que tenha havido coações.

Acrescenta que não pretende censurar o chefe do Estado em face do que tem vindo a publico, mas o que ha a fazer é ir embora; esperar lougam ente que esses novos camaras surjam.

O sr. Alves Monteiro critica fortemente o que se tem passado, formidaveis casos não so seu valor intrinseco mas no que se desenvolverá.

Fala em pronunciamentos e coações. Lamenta que a dissolução seja aceito por quem de direito a tinha de repelir. Refere os serviços prestados pelo ultimo governo, lamentando que o decreto que o demitiu não se referisse, como de costume, ao seu patriotismo e zelo, o que reputa significativo.

O sr. Celestino d'Almeida fez largas considerações sobre os discursos pronunciados.

Diz não haver conhecimento perfeito dos casos passados, mas é de prever que eles sejam analisados.

Confirma, que se houvesse movimentos de forças que tinham ido a um certo desenvolvimento, não foram porem alem desse desenvolvimento.

Não houve coações. Se houve propositos não se realisaram. Sobre a dissolução declara que ela se faria constitucionalmente.

Acrescenta que as correntes politicas que dominam o actual parlamento não corresponde ás correntes que o elegeram.

Espera que tudo se esclarecerá.

O sr. presidente informou depois o senado que havia sido convidado pelo sr. presidente da Republica a ir ao palacio. Sendo consultado sobre a crise, respondeu: «Perante uma revolta de caserna, o presidente do senado não devia aconselhar coisa alguma».

O sr. presidente foi apoiado por quasi toda a camara.

O sr. Julio Ribeiro requer para retirar a sua proposta depois do que ouviu ao sr. presidente, este porem declara que não a proporá á dicussão.

Protestam depois contra o que se passa o sr. Oliveira Santos, Lima Alves e Silva Barreto, que elogiou o sr presidente pelo seu grande patriotismo e caracter.

O sr. Lima Alves declara que o partido reconstituinte desmente todas as falsidades que lhe imputaram e falará ao paiz do alto da tribuna, (mas se o deixarem).

O sr. Silva Barreto aceita o governo com prazer, mas não por ser vindo d'onde veiu.

Noticias da Capital

ERA PARA SE AGASALHAR... — Mas o seu gesto foi mal interpretado e dahi uma queixa, por todos os motivos «injustificavel», e mais uma «victima» nas mãos da policia. Os dias, como toda a gente sabe, estão bonitos, quentes já, mas á noite, a uma certa hora, a temperatura arrefece e quem não tiver com que se agasalhar está em risco de apanhar um reumatismo, senão coisa peor. Era exactamente o que se dava com Manuel Joaquim Duarte, da rua das Olarias, 11, 2.º, o qual vendo em cima do balcão do estabelecimento de Edgar Lopes Coutinho d'Almeida Silva, na rua da Esperança, 206, um volume com peles, se lembrou de que lhe faziam muito arranjo e se «abotoou» com elas. Se ainda fosse só uma, talvez o comerciante nada dissesse, mas, assim, ficar logo de uma assentada sem 450$00, não lhe agradou e, portanto, mandou prender o «pobre» Duarte. Sempre ha gente que não tem mesmo humanidade nenhuma!

AUTOMOBILISTAS «AMADORES»— O automobilismo é tentador, mas nem sempre, no tempo presente, ha dinheiro para comprar os objectos indispensaveis a esse lindo meio de locomoção. E'aparecem então os «amadores» que se apropriam d'esses objectos, sem pedir licença a quem de direito eles pertencem.

Foi o que sucedeu na garage da Avenida Almirante Reis, 68 A e 68 B, pertencente á firma Silva Fernandes Limitada, d'onde, sem se saber como, desapareceram objectos no valor de 370$00. A policia anda empenhada em descobrir os misteriosos «amadores».

OS SUICIDAS.—Os bombeiros municipaes retiraram hoje dum poço da quinta da Palmeira, em Bemfica, o cadaver do trabalhador da mesma quinta, Olimpio Pereira, que se suicidou.

Salão Central

Jack, coração de leão

Contra espionagem

Ambas estas maravilhosas peliculas figuram no programa desta noite. A primeira, um dos mais extraordinarios sucessos dos ultimos tempos, continua a merecer o agrado do publico, não só pela beleza dos seus aspectos, como pelo interesse das suas aventuras.

A segunda, em 5 partes, com um belo desempenho da insigne actriz Fernanda Fassy, obteve sempre, um exito ruidoso, pois, como o seu titulo indica, trata dum caso de espionagem que prende por completo a atenção do expectador.

Amanhã, 4.ª feira, estreia-se na matinée o oitavo episodio, do «Jack, Coração de leão», intitulado «O insaciavel abismo».

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSORCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Alfandega de Lisboa

Leilão

QUINTA-FEIRA 26, ás 13 horas, no armazem E do Entreposto de Exploração do Porto de Lisboa em Santos, proceder-se-ha á venda de caixas com latas de sardinha em conserva, barris servidos a alcatrão, oleo de palma e coconote com avaria.

SEXTA-FEIRA 27, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas que constam de fatos de papel comprimido, 10 barris com oleo de figado de bacalhau 7 fardos de cartão em folhas, 20 caixas com pau de canela, garrafas de aguardente, vinho ferruginoso Bravais, tabaco picado, trança de palha para chapeus, roupa usada, e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 21 de maio de 1921.

O escrivão

Alfredo Marcolino de Almeida

A CAPITAL

3790 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quarta-feira, 25 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

O governo e a opinião publica

Está inteiramente constituido o novo ministerio, e não faremos mais do que archivar um detalhe authentico da reportagem politica, dizendo que elle está recebendo da opinião publica um acolhimento como ha muito tempo se não regista em materia de novas situações governativas.

Esse facto deriva evidentemente dos nomes que compõem o elenco ministerial, mas ainda mais da formula politica que o novo governo concretisa.

Subiram ao poder homens em cujas competencias o paiz tem direito a confiar, e que são garantias seguras d'uma administração honesta e d'uma orientação politica perfeitamente concorde com as aspirações nacionaes. Ha entre os novos ministros homens que são lustre da democracia portugueza, republicanos dos tempos mais arduos da propaganda, espiritos liberaes, tolerantes e ordeiros. Tudo isto tem para o paiz muito valor, mas pode observar-se que em outros governos teem tomado parte cidadãos não menos honestos e republicanos não menos illustres.

O que, porém, dá ao novo governo uma caracteristica inconfundivel é o facto de ele ser um governo homogenêo nas suas tendencias, com um programa por todos adoptado, e apoiado-se, não sobre uma massa hibrida de facções antagonicas, mas sim sobre um partido, com ele intimamente irmanado, e de cujos principios ele será um executor fiel e escrupuloso.

Esse partido contém elementos e obedece a ideias que ainda não tiveram em Portugal uma acção livre e independente. Deles se dizia que eram as reservas da Republica. São essas reservas que neste momento são chamadas a interferir eficazmente nos destinos da nação.

O paiz ha muito que esperava ve-las no poder e talvez seja licito dizer que o motivo principal da desorganisação politica que entre nós se tem observado ha muito tempo o devemos procurar no facto de se ter querido prescrever inteiramente a acção governativa desses elementos.

Vae o partido liberal governar, só, e tendo por isso de arcar inteiramente com as dificuldades duma situação gravissima. E' justo que em vista disso lhe sejam dadas todas as faculdades constitucionaes para se desempenhar da missão que essas responsabilidades lhe conferem.

A principal dessas faculdades é a da dissolução. O partido liberal não aceitaria o poder sem ela lhe ser garantida pelo chefe do Estado. Foi-lhe garantida. Se tiver de ser aplicada, ninguem póde ver nessa medida nada que não seja absolutamente legal.

Parece que ha quem ainda supponha que dissolver a Camara é um acto de ditadura. Não o é, quando o Chefe do Estado seja quem tome essa medida. Está para isso auctorisado pela Constituição da Republica, e não faria sentido que, reclamando-se, e muito bem, o maximo respeito pela Constituição, se pretendesse desconhecer ou desprezar aquilo que ela consigna em materia da dissolução parlamentar.

Esperemos os acontecimentos, e não regateemos a um governo que finalmente tem elementos para governar os meios de que elle carece para eficazmente desempenhar a sua missão.

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Hoje, pelas 21 horas prefixas, no anfiteatro de fisica da faculdade de Sciencias, ha sessão de assembleia geral, sendo a ordem da noite: comunicações livres, apreciação do projecto de leis do sr. dr. Alves dos Santos sobre a reorganização do ensino publico, resposta ao questionario sobre a reforma do ensino na America, do dr. Euclides da Costa.

No proximo mez, ás terças e quintas feiras, realisará na mesma faculdade o sr. dr. Faria de Vasconcelos uma serie de lições sobre psicologia experimental.

A festa na Assistencia Publica

Realisou-se hoje no edificio séde da Assistencia Publica ao Rato, a festa comemorativa do decenio da lei que reorganisou em Portugal os serviços da Assistencia.

Pelas 17 horas chegou ali, em automovel, o sr. presidente da Republica, acompanhado do seu secretario sendo recebido por numerosas pessoas entre os quaes os srs. dr. João Luiz Ricardo, dr. Lima Duque, novo ministro do trabalho, tenente coronel Domingos Pacacho e tenente Roby.

A guarda de honra era feita por escoteiros e o jardim e a frontaria do edificio estavam ornamentados com bandeiras de diversas nações.

A' chegada do chefe do Estado, os alunos do Asilo Maria Pia entoaram o hino Nacional e as pequenitas que estavam no atrio a canção «A madrugada».

A' hora a que escrevemos, a festa prosegue no meio da maior animação.

A CAMINHO DA PROMISSÃO

A «débacle» dos grandes especuladores

Quem tinha razão era eu, quando escrevi que Portugal está riquissimo. Acusei o açambarcamento do oiro, mostrei quão ficticio era o alto custo da libra e sempre que os banqueiros, os politicos e a imprensa vieram falar de falencia provei que nunca, desde os tempos da India, houve um Portugal mais atulhado de riqueza.

Foi preciso meter pelos olhos dentro dos tristes fatalistas que nós somos, e que por isso servimos a matar a difamação dos especuladores, a verdade iniludivel do muito vinho, cacau lataria de conservas, madeiras gados... que exportámos, e da menor quantidade de trigo e carvão que entrou nos quatro anos de guerra e no que se seguiu um armisticio, para que em certos espiritos propensos a visões negras começasse a bruxolear uma lusita de esperança.

Honro-me de ter sido o primeiro, talvez o unico que em letra redonda opôz uma resistencia eficaz á campanha de descredito que engordava banqueiros, comerciantes e lavradores em larga escala, e se propunha a pôr o Estado na espinha.

Dizia Mariano de Carvalho que era preciso repetir pelo menos dez vezes uma coisa na imprensa para que o espirito publico a começasse a descortinar. Assim é, e só ao cabo da decima reedição do que hoje mais uma vez afirmo, posso sentir que a confiança renasce. E' o castelo da grande usura que começa a fender. Bastou a fama dum emprestimo de cincoenta milhões de dolars para vermos a libra perder mais de vinte escudos do seu ficticio valor entre nós. Falou-se nas reparações, e já toda essa teia de arame farpado, em que os profissionaes da usura mantinham a alta de tudo, ameaça fazer-se em estilhaços, duma forma que até assusta pela presteza do baque que se adivinha.

Não é pois o Estado, nao é Portugal, não são os portuguezes que se afundam! são meia duzia de especuladores, que cessaram emfim de fazer os fabulosos lucros que todos nós conhecemos, e que tanta falta de viveres nos custou.

Verifica-se pois que os boateiros alarmantes sobre a nossa situação economica eram meras figuras de finança, a quem convinha a convicção publica na «debacle» economica, para enriquecer, enriquecer cada vez mais. A falencia, uma bela figura para os ingenuos acharem justificavel toda a insensata alta de preços que ahi campeou infrene.

Agora chega o reverso. E a necessidade, a pressa, a ancia de se desembaraçarem das mercadorias, de alijar carga, não venha a baixa por ahi tanto de escantilhão que lhes dê a ruina. A libra desce assustadoramente. O escudo valorisa-se, as importações facilitam-se, e assim ai dos que teem açambarcamentos já feitos na alta dos preços! E' o desmanchar da feira que se avisinha, embora n'um ou n'outro tablado ainda haja truões gritando o anuncio do grande espectaculo:—«O naufragio da nau do Estado.»

Ha tempo já que o tenho dito: o grande negocio presentemente é a compra de escudos; e nesta febre que renasce de capitalisação em papel portugues poderá o leitor em breve compulsar como tudo quanto eu disse estava certo.

Valorisado o escudo, nós acordaremos aturdidos, estupefactos, incredulos até, como faminto a quem saia a taluda da Misericordia.

Verificaremos o muito que temos em dinheiro contado, como é uso dizer-se, e como este colossal «stock» de riqueza realisada é a imediata possibilidade de todas as acquisições e importações; então se barateará a vida eficazmente, porque toda esta abundancia de papel moeda é, no fim de contas, a real acumulação, a representação economica do muito que vendemos, de tudo quanto exportámos, e do pouco que nos foi possivel haver, durante cinco anos, dos dois unicos generos de importação que se podem tomar a serio como onerosos para a economia nacional: o trigo e o carvão.

Chegou a hora da cessação dos grandes lucros; e tambem deve estar por pouco a duração desta tansice de um povo que, disfructando uma grande parte do globo terrestre, se obstina em se supôr pobre pária, escorraçado e falido. Taes coisas lhe teem metido na cabeça!

D. Tomaz de Noronha.

DOIDA NÃO E' NÃO!

ESCALPELANDO

Desejando terminar a analise ao moral do sr. dr. Balbino Rego, porque nem tanta importancia esse senhor me merece que continue a ocupar-me da sua pessoa com a insistencia com que o tenho feito, vou transcrever aqui parte de um depoimento que na integra publicarei n'«A Tribuna» talvez quasi ao mesmo tempo de aparecer esta carta n'«A Capital».

No primeiro destes jornaes teem sido e vão continuar a ser publicadas, declarações de algumas testemunhas do processo-crime, que ao leitor convirá ler.

O sr. José Marques de Matos, amanuense da administração do concelho de Santa Comba Dão, foi apresentado pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, como testemunha de acusação. No seu depoimento, feito em maio de 1920, no Tribunal Judicial da mesma vila, no ponto em que conta o que se passou comigo na casa em que eu habitava naquela terra, na noite de 24 de fevereiro de 1918, diz:

«Chegados ao andar habitado pela referida senhora e depois de baterem á porta do quarto, entraram ali o policia e as senhoras, que a seguraram pelos pulsos, tendo até ela protestado contra o facto de invadirem o seu quarto áquela hora e estando ela em trajos menores — ela havia aberto a porta, da propria cama, a convite da Maria do Ceu Madeira que dizia estar ali uma senhora que desejava falar-lhe.

«Dentro do quarto o policia interrogou a senhora, declarando ela chamar-se Maria Romana e que seu marido havia sahido.

«O dr. Balbino do Rego, que estava fóra do quarto, logo que pela voz percebeu que aquela senhora era D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, avançou para o quarto.

«Ao ve-lo a D. Maria Adelaide disse:—«Ai! O senhor doutor aqui!»

«O dr. Balbino do Rego abraçou-a e beijou-a muito comovido dizendo, pouco mais ou menos:—Sim, filha, sou eu!»

Relembremos aqui, leitor, a afirmação do sr. dr. Balbino Rego, feita na sua carta de 9 de Dezembro de 918: «Mas se o meu direito junto da sr.ª D. Adelaide não provem senão da sua bondade e da estima com que sempre me tem penhorado?»

Acha, leitor, que fosse a bondade e a estima com que eu tratava esse senhor, como ele diz, o bastante para o autorizar a beijar-me e a abraçar-me, aproveitando-se da natural surpreza que me causou o seu aparecimento em tais circunstancias?

Entende, leitor, que o mesmo senhor, esquecendo todas as conveniencias, devesse dar-me o tratamento ultra-familiar de «filha», abusando da situação, aliás bem lamentavel, em que me estavam colocando?

O sr. dr. Balbino Rego procedendo como procede, não me desrespeitou só a mim, desrespeitou tambem o sr. dr. Alfredo da Cunha, por cuja honra tanto fingia interessar-se.

Aqui tem leitor justificada a apreciação que eu fiz do sr. dr. Balbino Rego, no meu livro «Doida não!» Dizendo em que esse senhor tem o gesto mais largo do que a inteligencia não exagerei, porque se ele fosse de facto inteligente devia ter medido o alcance do seu gesto a que nada absolutamente o autorizava.

Como disse ao leitor, quando fiz a apreciação ás cartas que o sr. dr. Balbino Rego me escreveu, para o Conde de Ferreira, reservava para melhor oportunidade a referencia a um trecho da carta que tem a data de 28 de Dezembro. Essa oportunidade chegou agora. Escreveu o sr. dr. Balbino Rego na mencionada epistola:

«Bem sei que a felicidade é subjectiva e que cada um faz dentro de si a sua desventura: basta só ter desejos e aspirações que não possam ou não devam ser satisfeitos. E quem é senhor dos seus desejos e quem pode regrar as suas aspirações?

«Convenho, a vontade educada limita os vôos da nossa fantasia.

«Mas quando ha alguma coisa que domina a nossa vontade?

«Ora repare, e se o enfraquecimento da sua vontade não fosse senão, por exemplo, uma consequencia da sua fisiologia de senhora, com manifestações nada fisiologicas?»

Servindo-me das proprias palavras do «ilustre» homem de «sciencia», pregunto: porque não limitou o sr. dr. Balbino Rêgo os vôos da sua fantasia em St.ª Comba-Dão? Talvez porque, segundo o seu proprio pensamento, quando lá alguma coisa que domina a nossa vontade não se podem regrar os nossos desejos e aspirações.

A vontade educada, diz o mesmo senhor, limita os vôos da nosso fantasia. Mas, ao que se vê, o sr. dr. Balbino Rêgo não soube educar a sua. A menos que o enfraquecimento dela fosse, por exemplo, uma consequencia da sua fisiologia de homem, com manifestações nada fisiologicas!

Só assim se explica, talvez, o que observou a testemunha Marques de Matos e o que outra testemunha, a sr.ª D. Maria José Varela de Brito Cravo de Lima, diz tambem ter visto.

Do depoimento desta senhora recorto êste pequeno periodo:

«Foi então que o sr. dr. Balbino Rêgo se convenceu de que estava em St.ª Comba-Dão a senhora que procuravam e, num transport de alegria, abraçando a cabeça do dr. Bernardo Pais de Almeida e beijando-o, disse: Ah! Bernardo! que é ela!»

Parecendo-me ter conscienciosamente escalpelado o sr. dr. Balbino Rêgo e tendo feito conhecer ao leitor o resultado das minhas observações, dou o exame por findo.

Maria Adelaide.

O Sovietismo sopeiral ou D. Celestina Bolchevista

Já lá vae o tempo em que as creadas de servir só podiam ter trez nomes: «Estrudes, Jorzina e Arnestina», —excluindo, é claro, a legião das "meninas Marias" que com o velho municipal reluzente constituiam o binomio inconfundivel e inseparável, rechonchudo e domingueiro, do Jardim da Estrela.

Já lá vae... Onde irá, mesmo, a "Balbina se puene nerbiosa", da infancia do cinematografo, em que a bôa "sopeira" dos tempos idos se caricaturisava nas "charges" pueris do "Pathé-fréres". Onde irá isso... Pois se até já a "Joaquina", a Celestina, a "Ana", sopeiras efectivas e socialistas "a dias" já estão federadas...

E' ler a "Batalha" que num destes dias, entrevistava, com uma grande vontade de tomar o caso a sério duas autenticas "sopeirinhas":—Ernestina de Sousa, a quem chamava a "desenvolta rapariga" (Ai! estou daqui a vêr a Celestina desenvolta) e Ana Coelho a quem mimoseava com um—"sonhadora"—o mais refugadamente poetico que é possivel...

A certa altura porém, o jornalista, esquecendo-se que tratava com "sopeiras", com as simpaticas proletárias do "espanador" e do "paninho da louça", deixou sair dos bicos da pena esta frase terrivelmente comprometedora:

"O que reclamamos é simples—respondeu Celestina, naquela sua maneira de pôr tudo em pratos limpos"...

Ora, pois não, era de prever... que a entrevistada quizesse a «louça asseada»—ela, uma «sope rinha de fóra». Aquilo era apenas, a força do habito, o espirito da profissão...

O peor é que se estas proleterias de trazer por casa nos não vencem, podem, pelo menos, assetsarnos a sua bateria... de cosinha.

E, na classe ha cada canhão...

"... toujours gais"

E' um facto que no povo, neste alfacissimo povo, creador supremo do «fadinho rigoroso» e do «unico teso», existe um fundo natural de inexgotavel humorismo. Foi o caso que hoje entrei numa indecentissima taberna dos «Terramotos» para comprar fosforos. Estirado sobre o zinco duma mesa, um garoto, melena nos olhos e cravo na orelha, lia o «Seculo», e depois de ter soletrado todo o relato dos acontecimentos politicos, comentou-os, pitorescamente, assim: «Afinal foi uma revolução no Matadouro, em que não morreu ninguem... Então, de dentro do balcão, oleoso, escuro, o taberneiro, não lhe querendo ficar atraz, abriu a fiada de dentes, e respondeu-lhe.

—Mes talvês não saibas, porque perderam, os revoltosos...?

—?!

—Ora... porque ficaram... com o «carrão»....!

O HOMEM QUE PASSA.

NOTAS FALSAS

BOÉMIOS

Móra perto de mim um rapazola dos seus vinte anos, que hoje alvoroçou a vizinhança a largos brados de protesto contra a rigidez de uma bengala paterna.

O facto de um pae amolgar a carne da sua carne, não tem á primeira vista grande espaço para espantos, mas é que no caso que se trata, a bengala encontrava, entre o balanço em que adquiria força e o corpo que lh'a tirava, a batina negra d'um estudante de direito.

Indaguei a causa da socialisação das costelas do futuro Doutor e, soube com pasmo que o pomo da discordia, fôra uma capa do mancebo.

Acontecera que, para aformosear o donairoso porte do rapaz, deliberára o pae mandar fazer-lhe uma capa nova. Vai a vergontea esperançosa mal apanhou a geito a nova indumentaria, foi-se a ela, estilhaçou-lhe a baze em tiras inregulares, deitou-lhe alguns pingos de gordura e entrou no «Martinho» remirando-se nos amigos:

—Que boémio!

—Um verdadeiro tipo de estudante!

—Pareces o Hilario ou o Paa'Zé!

—E' um dever continuar o bom nome dos nossos antepassados coninbricenses!

Vieram cafés com leite e fez-se uma saude á boemia, á estúrdia e á mocidade.

N'isto entra o pae. Ver o boemio e procurar uma bofetada a geito, foi o seu primeiro pensamento e a sua primeira obra. Cadeiras que caem, sussurro que se levanta e uma corrida para casa, onde o marmeleiro das grandes ocasiões, entrou em ação com uma furia alentada por um desfalque nas algibeiras paternaes.

Ha pouco, estava o nosso heroe á janela, de queixos amarrados, estudando Direito Romano, emquanto no terraço, a mãe lhe punha a capa no estado primitivo chamando-lhe coisas feias.

Henrique Roldão

Festa de homenagem

Na séde da Cruzada das Mulheres Portuguezas, calçada dos Caetanos, 48, realisa se no proximo domingo, pelas 21 horas, uma festa de homenagem promovida pelo 2.º grupo de escoteiros d'aquela benemerita instituição em honra do seu comissario geral, sr. Franklim Antonio de Oliveira.

Haverá conferencia feita pelo sr. dr. Tovar de Lemos, exercicio de gjnastica e box, recitação de poesias e exposição de trabalhos manuaes.

Cumprimentos de oficiaes

O novo ministro da guerra recebe amanhã, pelas 14 horas, cumprimentos dos oficiaes em serviço na guarnição de Lisboa, campo entrincheirado e nos estabelecimentos militares dependentes do ministerio da guerra.

A America nada quer com a Liga das Nações

Lloyd George esboça uma politica de intima colaboração com os Estados Unidos

N'um jantar oferecido pelos Pilgrim's da Gran-Bretanha ao novo embaixador dos Estados Unidos em Londres, George Harvey, o primeiro ministro Lloyd George proferiu um discurso, em que disse que o bem estar futuro do mundo dependia d'ora avante mais da boa vontade e da corporação dos grandes povos da lingua ingleza do que de qualquer outro factor.

—E' essa a mais segura garantia da paz do mundo—acrescentou ele —e sinto satisfação em a America ser representada na proxima conferencia dos aliados.

A diplomacia europeia trabalha n'um denso emaranhado de velhas inimisades, em que nem sempre penetra a luz do dia. Nunca compreendera quantos d'esses odios existem até ao dia em que as recentes conferencias da paz os fizeram reviver. Esses odios são inextinguiveis. Basta irem ao campo de batalha de Verdun, onde a cada passo verão manifestar-se com frenesi semelhantes controversias. Compreenderão que são testemunhas do odio contra o dominio teutonico, que dura ha milhares de anos o que se chocou durante sete mezes n'aquele campo de batalha. Eis a Europa!

Quando acabará isto? De todas as vezes o vencedor diz: Acabou! E que é que sucede? Os golpes sucedem-se aos golpes e a «revanche» sucede a cada golpe que teve exito. Se esta guerra não fôr a ultima, a proxima reduzirá a Europa a cinzas. Temos necessidade de que a America nos ajude a evitar a guerra e não a fazel-a».

Na resposta que deu, o embaixador americano dissipou toda a esperança de que a America possa juntar-se á Liga das Nações. Com efeito, declarou:

—Parece prevalecer no animo de muitas pessoas d'aqui, assim como no de algumas dos Estados Unidos, a esperança de que, d'um ou d'outro medo, pela força ou pela astucia, inconscientemente e com certeza involuntariamente, os Estados Unidos passam ainda ser levados a entrar na Liga das Nações.

Permitam-me mostrar-lhes quanto é absurda semelhante esperança. Não preciso recordar-lhes a longa controversia travada entre os dois ramos do nosso governo a tal proposito.

Apenas preciso dizer que o conflicto tomou tal acuidade que o proprio tratado foi todo em absoluto posto de parte e que hoje, por um singular paradoxo, a America continua a estar teoricamente em guerra mas, na realidade, está em paz, ao passo que a Europa está teoricamente em paz, mas, segundo todas as informações, não está ainda por completo liberta do ruido das armas. Inevitavel e inesistivelmente, o nosso actual Governo não pode, sem trair os que lhe confiaram o poder—e não o quer, posso dar essa certeza—ter o que quer que seja com a Liga das Nações, ou com qualquer comissão ou comité que seja por ela nomeado ou para com ela responsavel, directa ou indirectamente, aberta ou secretamente.

Precisarei acrescentar que o meu governo de modo algum pensa em criticar a Liga, tal com está actualmente constituida, das outra nações, e ainda menos em formular contra ela objeções? Desejo apenas cortar cerce e d'um modo definitivo as suposições cheias de baixeza que continuam a emitir-se quanto á atitude dos Estados Unidos».

Tumultos no parlamento mexicano

MEXICO, 24.—Durante os debates no parlamento da lei agrária deram se grandes tumultos entre radicaes e liberaes constitucionalistas. O debate foi suspenso com grandes arruaças quando os radicaes perceberam que a votação seria favorávvel aos constitucionalistas.—(A).

O regulamento das serviçaes

A' primeira repartição do governo civil tem afluido grande numero de pessoas a informar-se dos documentos necessarios para a inscripção das creadas que se encontram ao seu serviço, a fim de legalisarem a situação d'essas serviçaes.

Grande tem sido tambem a afluencia de serviçaes a inscrever-se, havendo já n'essas condições umas quatrocêntas e tantas.

Como se sabe, o registo, que é feito d'uma forma simples e rapida, tem por fim atestar a probidade dos que procuram trabalhar honestamente.

O famoso monge Iliodoro ao serviço dos bolchevistas

Segundo comunicam de Helsingfors, os jornaes de Moscou anunciam a reaparição, na cidade de Tsaritzin, no Volga, do famoso monge Iliodoro que outr'ora teve tanta influencia na côrte imperial, onde foi eclipsado pelo seu protegido Raspontine.

Não tendo podido realisar os seus objectivos no regimen czarista, o ambicioso monge pôs-se agora ao serviço dos bolchevistas.

Conferencia Interparlamentar do Comercio

O primeiro dia da 7.ª Assembléa plenaria

A recepção dos congressistas no paço de Belem — A sessão inaugural

Realisou-se hoje, no salão Luiz XV do palacio de Belem, a recepção pelo sr. presidente da Republica dos delegados á Conferencia Inter-parlamentar do Comercio.

A's 10,45 começaram afluindo a Belem os delegados, que eram recebidos pelo sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo, o qual, depois de chegarem todos os delegados, fez a chamada por ordem alfabetica das nações representadas.

A's 11 horas em ponto chegou o sr. dr. Antonio José de Almeida, acompanhado do sr. Melo Barreto, ministro dos negocios estrangeiros.

A disposição dos delegados era a seguinte: Belgica, Brazil, China, Espanha, França, Inglaterra, Grecia, Italia, Japão, Polonia, Romenia, Servia e Tcheco-Slovaquia, acompanhando esses delegados os respectivos ministros em Lisboa.

O sr. presidente da Republica leu o seguinte discurso:

«Tenho como é facil de calcular, o maior prazer em receber á *Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio*, a quem dou as boas vindas.

Este dia, em que, aqui, vos saúdo, está longe dos dias tenebrosos em que a Europa ensanguentada se bateu no maior prelio da Historia. Todavia, se repararmos nas condições economicas da sociedade de hoje, dir-se-ia que nos encontramos ainda em plena catastrofe, tão grandes são as preocupações que acometem os povos vencedores.

Para desvanecer esta atmosfera de sombrios presagios, trabalhais vós desde 1914, em que na Belgica vos reunistes pela primeira vez. E o vosso trabalho metodico, proficuo e brilhante, tem contribuido largamente para o bem estar dos povos, libertando-os da opressão de alguns velhos preconceitos.

Vindes a Portugal e, nele, vos podeis considerar duplamente em País amigo, porque estais entre gente que vos considera hospedes estimaveis e vos tem na conta de colaboradores valiosos.

Portugal é um País integrado em todas as aspirações do progresso e bastava essa circunstancia para ele contribuir com o seu maior esforço para a grande cruzada e a que andais empenhados. Mas eles é ainda impelido por esse caminho de mutua cooperação pela solidariedade que com os vossos gloriosos Paízes se estabeleceu durante a grande guerra, visto que Portugal foi dos primeiros povos que manifestaram, sem qualquer especie de hesitação, a sua solidariedade activa e prestante para com os aliados.

Desejosos de acentuar cada vez mais a nossa aproximação economica com as nações com quem colaborámos nos campos de batalha, cometemos com elas estreitando as nossas relações espirituaes, confiamos inteiramente no exito da conferencia que vae realizar-se, em que homens de superior competencia se vão dedicar á solução dos mais instantes problemas que interessam ao bem estar do mundo.

E' preciso, meus senhores, cobrir o grande «deficit» que a guerra ocasionou na produtividade huma o é preciso estudar a forma de conseguir o justo e rapido equilibrio na distribuição daquilo que resta ou se vai alcançando pelo labor humano nas suas realizações de dia a dia.

Estou certo de que a setima assembleia plenaria da *Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio* vai dar um grande avanço aos estudos já feitos nesse sentido, e eu, fazendo votos pelo completo exito das suas sessões, sinto-me feliz por presidir á gloriosa Nação que vos recebe como dignos representantes dos vossos gloriosos paises.

Tenho, meus senhores, a honra de vos cumprimentar.»

O delegado belga sr. Halot, em nome dos seus colegas, saudou o sr. presidente da Republica, o nosso Paiz e os nossos soldados.

Findos os discursos, foi feita a apresentação dos delegados sr. presidente da Republica.

O sr. ministro da Belgica pediu licença ao chefe do Estado para na ocasião e ali mesmo proceder á aposição da gran cruz da Corôa com que o rei Alberto agraciou o sr. ministro dos estrangeiros, fazendo aposição tambem das condecorações que pelo mesmo soberano foram concedidas aos srs. Jaime Athias, secretario geral da presidencia, e Barreto da Cruz, chefe do protocolo.

No PARLAMENTO

A sessão inaugural da Conferencia Internacional de Comercio

Efectuou-se, cerca das 14 horas, a sessão inaugural da Conferencia interparlamentar de Comercio, que teve logar no palacio do Congresso.

Os Passos Perdidos encontram-se totalmente transformados; panos de grande gala, vermelhos pelas paredes, e os leões simbolicos pretexto para «blagues» mordazes por ahi espalhados nos centros politicos, como soe dizer-se em cronicas da especialidade.

De relance, a uniformidade do vestuario impõe-se; e frack domina como senhor absoluto e inconfundivel. Ha os talhados para todos os corpos, adequados a todas as elegancias, indo do desceido presidencial do sr. Abilio Marçal, ao comprido cerimonioso do sr. Ladislau Batalha.

Os congressistas extrangeiros são um catalogo de figurinos; rigidos, hieraticos, os inglezes apresentam-se impecaveis como em ritual de elegancia na «City». E aparecem ainda de todas as nacionalidades, de todas as modas, de todos os cortes, espanhoes correctos, italianos quasi luxuosos, japonezes modestos e encolhidos.

A's duas e meia entra o sr. presidente da Republica. Cumprimentos para um e outro lado, apertos de mão e velhos conhecidos que se adeantam e, como o tempo aperta, o sr. dr. Antonio José de Almeida encaminha-se para a sala das sessões ao lado do sr. Melo Barreto, feliz, orgulhoso da sua obra, e seguido pelos srs. Barros Queiroz, Abel Hipolito e presidentes das duas casas do parlamento.

Na sala das sessões da Camara dos Deputados

A sala dos deputados perdeu aquele seu ar de intriguinha, antipatico e irritante. O ambiente é de grande solenidade. Ao acto o sr. presidente da Republica preside. O ministerio está na sua maxima força, indo, extremo a extremo, do perfil canelado do sr. Barros Queiroz á cordealidade acolhedora do sr. Celestino d'Almeida.

Fala em primeiro logar o sr. Melo Barreto, presidente da delegação portugueza. Gesto pautado de diplomata que se preza de uma carreira assegurada e larga folha de serviços, lê em francês a oração de boas vindas.

E' a segunda vez, este ano, que extrangeiros ilustres veem á nossa terra, honrando o esforço brilhante de um povo pequeno e honrado. A's homenagens prestadas ao soldado desconhecido de Portugal, assistiram enviados de todos os paizes amigos e aliados; da mesma forma eles hoje voltam a visitar-nos ainda animados de um mesmo espirito de justiça e solidariedade na paz.

Na guerra teve Portugal um logar de honra que soube ocupar, embora á custa de sacrificios incalculaveis mas a hora que passa, é de paz e tranquilidade, é de trabalho e reconstrução, e necessario se torna que nela todos se saibam integrar dignificando-a e procurando um futuro melhor.

Em nome do Comité portuguez dá as boas vindas aos delegados de todas as nações, da França heroica, da Inglaterra gloriosa, da Belgica martyr, a Belgica explendida, campo de batalha onde os destinos da Europa gloriosamente se decidiram, da Servia, da Italia, da Grecia...

Recorda a figura de Antonio Macieira, presidente da primeira delegação portugueza, a sua inteligencia, o seu senso, todas as suas brilhantes qualidades.

Em nome da delegação portugueza, termina, com as boas vindas a tantas personalidades ilustres que honram com a sua visita a terra de Portugal.

Para agradecer; falam os chefes das delegações dos diversos paizes. E' um tratado de psicologia aberto a nossos olhos.

M. Chaumet, antigo ministro da marinha presidente do «comité francez, fala em primeiro logar. E um orador de raça, vibrante por vezes, mas sempre conceituoso e eloquente.

Agradece em nome da França as amaveis referencias ali feitas. Agradece em nome da França sacrificada e tantas vezes acusada de um imperialismo injusto, de uma ancia de dominio falso, porque ela só quer progredir para bem de si propria e da humanidade. Fala de Portugal e da sua intervenção na guerra, do seu heroismo e da sua modestia, tão natural e tão encantadora. Evoca com arrebatamento o valor dos soldados luzitanos, e o trabalho dos nossos delegados na conferencia de comercio.

Ali estão todos para trabalhar, e todos saberão cumprir o mandato imposto em nome das nações gloriosas que ali representam.

Mr. Lowe, chefe de delegação britanica fala seguidamente.

E' frio, pausado, fleugmatico.

O seu discurso é a demonstração de um teorema, a sua atitude a de um professor em frente do quadro negro. Tambem elle presta a sua homenagem ás nações ali representadas, tambem elle presta homenagem a Portugal, tambem elle quer dizer que da maxima utilidade são aquellas reuniões em que se trabalha e se faz obra de reconstrução mundial.

Mr. Eugene Baie traduz o discurso feito em inglez por Mr. Lowe, sendo este muito aplaudido e cumprimentado.

E' a vez do representante hespanhol Mr. Ballon. A sua oração é uma rajada que passa impetuosa, formidavel, as palavras saem em catadupa irreprimivelmente, torrente que nada pode suster, força a que ninguem pode opor.

Evoca, n'um repto entusiastico e caloroso, a sua patria, as suas glorias, as suas tradições, a sua obra admiravel de trabalho e organisação.

E depois braços cruzados, lento, cauteloso, moderado, trata de problemas economicos, de questões financeiras, coisas tecnicas, tratados e estadistas, especialistas e especialidades.

A' hora a que terminamos este relato, a sessão foi interrompida, devendo proseguir afim de usarem a palavra os delegados das outras nacionalidades.

Theatros e Cinemas

A Critica das Criticas

TEATRO DO GINASIO — Adão e Eva

Pelas condições especiaes em que *A Capital* se encontrava em face do Teatro do Ginasio, não quiz o nosso critico teatral referir-se largamente á ultima peça ali posta em scena. No caso de ter de dizer bem fal-o-hia com o desprezo max mo pela pequenez de atitude da empreza que cortou a entrada da *Capital* n'aquele teatro em virtude de se terem notado deficiencias no desempenho dos *Negocios são negocios*.

Assim não podemos ser apodados de vingativos, etc.

Falarão os nossos colegas com o seu brilho notavel e o leitor avaliará melhor do valor da peça e do desempenho.

Jaime Cortezão, poeta, visionario, guerreiro, filosofo, abandonou-se aos seus impulsos. Todos os criticos reconhecem na obra o lado literario e constatam a ausencia do teatro. Já antes da peça subir á scena *A Capital* houvia de dois criticos literarios que assistiram á leitura da peça essa opinião formal: teatro nenhum, tiradas de filosofia. E accresceutava um d'elles: em Hespanha, só pelo 1.º acto, era prohibida. Em compensação «A Batalha» fazia artigos de grande apreço, e o seu autor entrevistado explicava os fins que tivera em vista. Em resumo, esperava-se grande e retumbante sucesso roçando um pouco pelo escandalo. Engano d'alma. O promenoir enche-se, mas o trambulhão é inevitavel, as estantes preparam-se para acolher com simpatia, a valiosa obra poetica e literaria de Jaime Cortezão.

Jorge d'Ortiz na «Patria» confessa que no Adão e Eva se ergue um «certo» problema social, (note-se, «um certo») com assinalavel probidade mental. Mas mais adeante confessa:

O teatro de ideias requer mais que nenhum outro uma forte consciencia de tecnica teatral, cuidada nos mais pequenos pormenores, e o menor numero possivel de episodios acidentais que quebrem o fio condutor do drama.

Sobre a tecnica o sua critica sabe sobre o 3.º acto:

Literariamente o mais belo (a evocação do Cristo da Flandres é uma dolorosa elegia!) é tecnicamente o mais inferior, pela extensão dos repetidos dialogos, que quasi mais não são que longos monologos.

Na «Situação» Tomaz d'Eça Leal:

Depois a peça é unica e exclusivamente Marcos, e Marcos mens senhores, não é... *um homem*, mas um simbolo! Ele representa nem mais nem menos que o ideal bolchevista. Marcos luta, propaga com calor e fé as suas idéas, o seu amor, a crença em melhores dias para a miseravel humanidade — que sofre e se degrada nas mãos poderosas dos despotas, e dos velhos e novos ricos...

«Eu não sou eu, lucida Marcos, sou a Anciedade e a Beleza da Vida!»

Do 1.º para o 2.º acto o ligeiro conflito amoroso deixa-nos ainda, como acção teatral, algum interesse... Mas no final do 2.º esse interesse morre completamente. O 3.º acto fica portanto isolado dos demais, quasi se poderia representar sem os outros.

Como se vê concordam as opiniões. E Antonio Ferro no «Diario de Lisboa» acrescenta mais:

«Adão e Eva» é uma peça retorica atafulhada de palavras, uma série de artigos de fundo, alguns dos quais muito brilhantes. A peça, que é fraca como teatro, podia impor-se pela novidade da tese. Mas nem isso. O assunto de «Adão e Eva» foi explorado, frequentes vezes, por Octave Mirbeau, nos «Mauvais bergers, notavelmente.

Mais vehemente e terra a terra é Mario Bomança no «Jornal do Comercio. Diz:

«E' pois uma peça demolidora, e de interesse frouxo, como tecnica teatral. O seu terceiro acto é pessimo! Um acto inteiro a pedir-se ao operario que vá ver o irmão da sua noiva, militar ferido na contenda com os insuburdinados, unica fórma de o salvar da morte, achamos uma terapeutica demasiado extranha, ou uma cirurgia muito «arte-nova» para curar uma ferida produzida junto do coração por uma bala!»

O mesmo nos diz Cristovam Aires no «Diario de Noticias»:

«Como processo de fazer teatro desagradou-nos inteiramente.

«Peça de tese avançada, quasi de catequese, gira toda em volta de uma acção a que falta improviso e interesse.»

Descreve os primeiros actos e acrescenta:

«Seja como fôr, o drama até aqui tem uma certa logica, o terceiro acto, porém, descamba absolutamente para o inverosimil».

Lembra o «Animateur» para logo estabelecer o paralelo:

«E por termos citado esta peça, diremos que ela foi um insucesso em França, pelas mesmas razões que impedirão «Adão e Eva» de ser sucesso entre nós.

«Demasiadamente politica, tem o sabor de uma bela conferencia, de uma, por vezes magnifica, exposição de ideais.

«Terá consigo o publico das galerias e da geral, que hontem aplaudia tão entusiasticamente, mas faltar-lhe-ha a sanção da grande plateia que vai ao teatro para vêr teatro.»

João Nobrega no «Mundo» abunda nas mesmas ideias, e além dos defeitos de tecnica, diz:

Como teatro, as figuras perpassando no tablado, sofrem de estarem ali, não para reproduzirem realidades da vida, mas para sómente declararem as doutrinas e os idealismos do seu autor. Toda a acção do drama é, de resto, prejudicada por isto mesmo.

Sofia Galini no «Vanguarda» reconhece a obra literaria mas tambem

que n'ela não existe «teatralidade» e por isso falecem-lhe condições para estabelecer essa grande afinidade sentimental, que se comunica do palco ao espetador.

Acacio de Paiva o tradutor dos «Negocios são negocios» escreve no «Seculo», a unica critica não assinada desta vez, e diz

Depois de dois atos, em que poderia notar-se demasiada oratoria, desnecessaria, terceiro ato modelar, que é toda a peça e que vale por toda a peça; ai é que o dramaturgo se revela com pujança, empolgando-nos, conquistando definitivamente os espectadores, sejam quaes forem as opiniões d'estes, favoraveis ou opostas ás do autor.

Para este distinto jornalista o 3.º é que é o «modelar».

Vejamos agora o «Tempo». Logo Tavares escreve.

Propagandas politicas fazem-se nas columnas dos periodicos, em chronicas, em «meetings», e em conferencias. Mas, quando hajam de mostrar-se n'um palco, muita arte se exige no engendrar do entrecho e no «mascarar do intuito».

É acrescenta depois:

Alem disso ha falsidade, ou antes imperfeição no desenho das figuras em jogo, e o embate de paixões, ou de ideias, tem uma violencia tão falha de naturalidade e de verdade que a emoção foge e assiste-se, impassivel ao desenrolar do drama sem vibração, e sem «theatro».

Dos jornaes monarquicos, a «Epoca» não disse nada e o «Correio da Manhã», pela pena de Jaime Vitor diz:

Este é o desenlace. E quando o pano cae, a gente continua a perguntar o que pretendeu o auctor com a sua obra de teatro, em que a teatralidade falha, em que é pobre de recursos a technica, e o conflicto de paixões, que o auctor pretende agitar sôa ôco, pela veracidade do sentimento, pela composição errada das figuras, visto que as simpatias vão mais para o burguez, que representa o capital do que para o idealista que representa o proletario, e sobretudo pela superabundante exposição de doutrinas, já de sobejo conhecidas nos discursos dos «meetings» e nos artigos de fundo dos jornaes.

Como se vê, a opinião é só uma, e não nos espanta em nada. Poderão talvez dizer aqueles terriveis maccabus que no 1.º acto ao ouvir contar *A Internacional* em scena todos estremecem de entusiasmo, que a imprensa é *burgueza*.

Mas para esses a opinião da *Batalha* do sr. Antero de Lima:

Uma peça feita para ler, recolhidamente, apreendendo bem a enorme beleza dos seus versos musicais.

....

Quanto a mim, a peça de ontem enferma do principal defeito de começar demasiado violenta, esfriando depois.

....

O segundo, mesmo, por uma deficiente interpretação, até á entrada de Alves da Cunha, chegou a esfriar de tal modo que se previa um fiasco. Contudo, o dialogo mantem-se vivo e fluente, mas a discussão travada é levada pelos artistas tam sem convicção, que contribui bastante para a inferioridade deste acto.

Cumpre tambem registar um artigo laudatorio de Oldemiro Cezar na *Republica*. Não transcremos nada porque se trata não duma critica teatral mas duma divida de amizade e gratidão.

E do desempenho?
Na *Patria* Jorge Ortiz:

Alves da Cunha não o interpretou assim nos 2 primeiros actos e em certos lances do 3.º, dando-nos a impressão de um «meneur» da rua, ardente, impetuoso gritando até ao desespero as suas opiniões, impondo-as mais pela força dos pulmões, do que pela persuação e pela logica. Se no meu entender errou o personagem, exteriorizou-o, porém, com grande «élan» dramatico, energia e mascara, atitudes e dicção.

e termina:

E se os senhores actores e actrizes berrassem menos e sentissem mais?

No «Diario da Tarde» Antonio Ferro:

Alves da Cunha gritou demais na casa dos outros. No segundo acto, ao entrar em casa alheia, podia ter abotoado o colete, quando mais não fosse por instinto... Justo é dizer que tem algumas passagens felizes, alguns relampagos de grande actor.

No «Mundo»:

O sr. Alves da Cunha que errando talvez a linha do seu papel, todavia, dentro da sua maneira forte nos apresenta um trabalho notavel.

No «Tempo»:

Teve momentos felizes e foi brilhante nas suas tiradas de inspirado.

Agora os que dizem bem na «Batalha»:

Alves da Cunha, que, apesar de doente o fez com alma e convicção, imprimindo calor e entusiasmo a todas as suas frases de revoltado.

No «Noticias»

A Alves da Cunha competiu um papel cheio de energias, na sua gama forte muito bem.

E foi ainda *poeta pela expressão* (Situação), e desempenhou-o *dum modo superior a todo o elogio* (Seculo), e teve *interpretação soberba* (Jornal Comercio), pois só *a sua vitalidade e a sua voz seriam capazes de o conduzir do principio ao fim sem um cançaço*, (Correio da Manhã).

Relativamente á sr.ª D. Berta Bivar: *teve algumas scenas que venceu, e n'outras não exteriorisou o sentimento que a devia animar*. (Jornal do Comercio); *foi briosamente* (Diario de Noticias); *defendeu-se o melhor que poude* (Situação); *não sei se foi bem, ou se foi mal* (Antonio Ferro).

O papel requere, porém mais uma forte dose de emoção interior que só um longo tirocinio da ribalta ou uma clara intuição conseguem dar. (Patria); *revela grandes progressos.* (Mundo); *não conseguiu empolgar, nem sequer prender a atenção dos espectadores. O progresso acentuado na ultima peça não se verificou hontem.* (Batalha); e, finalmente, *teve o seu camarim cheio de flores e de brindes.* (Correio da Manhã).

Dos restantes diz *O Jornal do Comercio*:

Continuamos na nossa opinião: quando uma companhia não dispõe de elementos capazes de interpretarem rasoavelmente uma certa peça, não se deve comprometel-os, nem comprometel-a.

E como vae longa *a critica*... não diremos mais. A ensecnação deu tambem que falar.

O homem dos copos de agua.

Noticiario

Saiu hontem por lapso que «Os Sports» iniciava no dia 29 deste mez a publicação de uma pagina sobre Cinemas, quan-

Vida Sportiva

Um sarau no Colyseu

Prestando homenagem a dois mestres de gimnastica

José Casimiro, D. Alexandre de Mascarenhas e outro notavel amador tauromaquico vão ao Coliseu, na proxima noite de 31, disputar a cavalo o jogo de rosa. Na mesma noite, Manuel da Silveira, o maravilhoso «recordmam» mundial de pesos e alteres, fará os seus melhores exercicios de força; alta gimnastica, como vôos triplo-trapezio, esgrima e, entre outros, um apparatoso numero de equitação, completarão um programa superior a todos quantos teem aparecido em festas de amadores. Tão magnifico espectaculo será dado em homenagem aos professores de gimnastica Artur dos Santos e Levy Jenuchio, e está sendo organisado por uma comissão de alunos e amigos.

NOTICIARIO

Encerra-se amanhã a inscripção para o torneio de foot-ball da Taça do Honra. Já está inscrito o 1.º «team» do Sport Lisboa e Benfica.

—Realisa-se no domigo, na piscina da Casa Pia, o primeiro desafio de water-polo da Taça Carlos Moura, organisado pelo C. N. L. entre Casa Pia — Sporting.

—Na segunda feira voltam a efectuar-se no circo da rua de Santo Antão exibições de box e de luta.

—No proximo domingo realisa-se a segunda meia final do torneio da Taça Mutilados da Guerra entre o Casa Pia e Sporting.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Foi pedida em casamento, por madame Desleque Cintra, para seu filho, sr. Alfredo Cintra, capitão piloto aviador, a sr.ª D. Maria Margarida Samuel da Silva, filha da sr.ª D. Ana Samuel da Silva e do sr. Henrique Samuel da Silva.

JANTAR DIPLOMATICO — O sr. consul geral do Japão e madame Carlos Gomes ofereceram, na sua casa, um jantar ao novo ministro do Japão em Madrid e Portugal, que anteontem apresentou as suas credenciais. Assistiram o ministro dos Estrangeiros, o conde de Hirosawo, o barão de Rando, membro da Camara dos Pares, A. Miura, secretario da legação do Japão, baroneza de Naibu Rando, madame Mello Barreto, sr. Gonçalves Teixeira, Jaime Athias, Costa Cabral e visconde de Naibu Rando.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h. — «O reisinho» e «Boa viagem».
TRINDADE — A's 21 h. — «O Pescador de Perolas».
AVENIDA — A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO — A's 21.30 — «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30 22.30 — «Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas — Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«A PEROLA VERMELHA, OS PESCADORES DE PEROLAS» e «OS MISTERIOS DO POLO NORTE». — A casa João Romano Torres, da rua Alexandre Herculano, 70 a 76, acaba de lançar no mercado estes tres volumes da colecção E. Salgari, o Julio Verne italiano, romances de aventuras de mar e terra, deveras interessantes e que se leem com verdadeiro prazer, tendo, como nas obras do genero, uma parte instructiva.

A casa Romano Torres, confirma mais uma vez os seus créditos. A traducção dos dois primeiros volumes é do nosso colega de redacção Garibaldi Falcão e a do ultimo de Bernardo de Alcobaça, pseudonimo bem conhecido. O volume, com uma elegante capa artistica, custa 1$50.

«O ESPIRITISMO». — Da mesma casa editora recebemos e agradecemos esta obra, da autoria de Edward Green, versão do Camara Manuel, em que se debatem os tão falados fenomenos do espiritismo. O preço do volume é de 1$20.

ULTIMA HORA

Conferencia Inter-parlamentar do Comercio

A's 21 horas, realisa-se o banquete oferecido pelo parlamento, no palacio do Congresso da Republica, ao qual presidirá o general sr. Correia Barreto.

O programa de amanhã é o seguinte:

A's 10 horas, reunião das comissões nas salas do edificio do Senado (bilhetes azuis). Primeira Comissão: O cambio (circulação fiduciaria). Segunda Comissão: Participação nos lucros. A's 14 horas e meia. Sessão plenaria, tendo como ordem do dia: O cambio (circulação fiduciaria), relator, Raphael Georges Levy, Senador, membro do Instituto; Participação nos lucros, relator, Paul Delombre, antigo ministro do Comercio.

A's 17 horas e meia. Garden-party no Jardim de S. Pedro de Alcantara, oferecida pela Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa.

A's 21 horas, banquete oferecido pelo Governo, sob a presidencia do sr. Presidente do Ministerio.

Posse de ministros

O novo ministro da instrucção, sr. Ginestal Machado, tomou hoje, pelas 13, 30, posse, a qual lhe foi dada pelo sr. presidente do ministerio, assistindo todos os seus colegas do ministerio e grande numero de amigos pessoaes e politicos.

Tambem tomaram posse hoje os srs. Lima Duque, da pasta do trabalho, e Celestino d'Almeida, da das colónias, sendo grande a concorrencia.

Fornecimento de carnes

No matadouro municipal foram hoje abatidos para consumo dos talhos municipaes, particulares e hospitaes, 35 bois com 7589 quilos, peso vivo, 14 vitelas com 826 quilos, peso vivo, e 477 carneiros com 4309 quilos, peso limpo.

Imprensa

Passou hontem o primeiro aniversario do nosso colega da tarde *O Radical*. As nossas saudações.

Noticias da Capital

FICOU SEM O SEU RICO DINHEIRO. — A carteira era o menos, mas o recheio, o seu rico dinheirinho é o que Manuel Pinto d'Aligria, da calçada do Duque de Lafões, 11, 1.º, não póde deixar de levar a mal. Tanto mais que foi, ao que diz, em pleno Rocio que houve quem tivesse a habilidade de lhe tirar a carteira do bolso, sem ele dar por isso.

E em vez da alegria que o apelido lhe deve proporcionar, o Alegria ainda mas é triste, o que é um verdadeiro paradoxo.

QUERIA VÊR AS HORAS, MAS COMO NÃO TINHA RELOGIO... — Tratou de o procurar, e sabendo que Joaquim dos Reis, morador na rua Cidade de Cardiff, 17, cave, tinha um, embora de prata, o José da Silva, da rua Castelo Branco Saraiva, L. A., foi-se de longada até casa do primeiro e deitou-lhe a mão, levando juntamente a corrente, tambem de prata, visto que não fazia sentido que ela ficasse viuva.

Quem não gostou foi o dono dos dois objectos que, assim que deu pelo seu desaparecimento, correu ao governo civil a pedir a intervenção da policia.

O Silva, escusado é dizel-o, vae receber o premio condigno.

Serviço telegrafico da tarde

As declarações do sr. Briand — Nenhum povo póde hoje viver isolado

PARIS, 24. — Camara dos deputados.

Continuando o seu discurso o sr. Briand declara que tendo confiança na sua força e no seu sangue frio, a França felicita-se pela maneira como se portou a opinião publica que tem a consciencia de que os seus interesses são bem defendidos e que a França não tem nenhum pensamento reservado.

Para sua segurança a França emprega todos os meios, mas a pressão da França consiste no seu direito, tendo prevenido os aliados de que precisava de salvaguardar a sua segurança se as promessas alemãs não fossem cumpridas.

O sr. Briand acrescenta que a mobilisação da classe de 1919 levou o Reichstag a reconhecer a derrota alemã e a impedir talvez que novos lares fossem levados á guerra.

O sr. Briand admira-se de que o acusem de fraqueza por fazer uso do tratado de Versailles que fez com que a Alemanha, mostre a diferença entre os pontos de vista francez e britanico na conferencia de Londres e os esforços de conciliação que os belgas empregaram na mesma conferencia e acrescenta que poderia voltar ovacionado, se tivesse feito ocupar o Ruhr, mas nunca procurou popularidades desse genero.

Declára que voltou de Londres com o ridiculo de não ter ido até onde tinha prometido, mas declára que fez bastante para inspirar a estima dos seus concidadãos e que desde que os soldados estão em armas, as coisas mudaram de aspecto.

Por fim diz que tem de manter o acôrdo entre os aliados, mesmo na questão da Silesia, como tem feito até hoje.

A França não deve esquecer que a Inglaterra e a America combateram com ela e que se deve manter a união não sómente no interesse da França, pois hoje nenhum povo pode vivêr isolado.

E' esta a politica que tem praticado e continuará a praticar com a firmeza e moderação que provocaram a admiração do mundo pela França. — (H).

Movimento associativo

SOCORROS MUTUOS «O DESTINO». — Em segunda convocação, funcionando com qualquer numero de socios, reune hoje a assembléa geral para discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal.

Touradas

CAMPO PEQUENO — Na corrida de domingo, que é dedicada aos congressistas da Conferencia Interparlamentar do Comercio, toma parte o espada «Alén. Cavaleiros são os amadores srs. D. Alexandre e D. João de Mascarenhas e Roberto de Vasconcelos e entre os bandarilheiros figuram os amadores srs. D. Carlos de Mascarenhas e F. Oliveira, que são os organisadores da corrida. As pegas serão feitas pelo grupo de amadores de Santarem.

A CAPITAL

3791 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Quinta-feira, 26 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

INTRIGAS E AMEAÇAS

Organisado o governo liberal, solução politica pela qual o paiz ha tanto tempo esperava, e composto esse governo por individualidades que perante a opinião republicana não podem despertar suspeições, era de esperar que ninguem pensasse em alterar a tranquilidade publica, finalmente estabelecida em bases d'uma justificada confiança.

Tal não succede porem.

Os boatos de novas alterações circulam, com uma intensidade que bem revela o zelo dos agentes que os divulgam. E se é mau que elles circulem, peor será não os marcar com o ferrete d'uma reprovação justa, mostrando a sua falta de fundamento, ou desmascarando as suas criminosas intenções.

Assim, corre com insistencia que apenas termine a Conferencia Interparlamentar de Comercio recahiremos immediatamente n'uma agitação que pode ir até ás explosões revolucionarias. Por outro lado afirma-se que ha militares que reunem para pedir o castigo dos oficiaes que se puzeram á frente do movimento de 21 do corrente. A verdade é que o verdadeiro patriotismo indica que se deve dar apoio ao governo, empenhado na manutenção da ordem, e não fomentar mais uma vez a intranquilidade social, como não é menos certo que não faria sentido haver quem pedisse o castigo d'um acto de indisciplina praticando outro acto de indisciplina, visto que os militares não podem dirigir aos governos pedidos da natureza da que apontámos. Para esses castigos lá estão os codigos e a acção das auctoridades superiores que devem velar pela sua execução.

Não ficamos, porem, só n'isto. Nos bastidores politicos, referve a intriga, embaraçando o sr. Presidente da Republica e o governo relativamente ao emprego da faculdade constitucional da dissolução. Insinua-se que ella resultará d'uma coacção exercida sobre o chefe do Estado. Não é assim. Desde o momento em que a dissolução não foi dada logo em seguida ao movimento, o que ao governo o sr. Presidente da Republica concedeu que seja o arbitro d'essa medida, que será applicada, ou não, conforme esse governo entender ou não reclamal-a do sr. Antonio José de Almeida, não ha o direito de impugnar por qualquer forma essa medida, absolutamente constitucional. Que querem os que agitam, os que intrigam, os que protestam? Repôr no poder o gabinete Bernardino Machado? Seria galvanisar um cadaver. Aproveitar o ensejo para dividir a Guarda Republicana, se conseguir a sua dissolução por uma resolução governamental, que seria tão imprudente como inoportuna? Nenhum bom republicano pode encarar sem apprehensões a possivel desapparição ou enfraquecimento d'um organismo em que a Republica tem uma das suas maiores seguranças. Tudo o que se está fazendo, mais ou menos obscuramente no sentido de restabelecer a confusão politica, aggravando-a cada vez mais, é um crime contra a propria Patria.

Não faltam tambem lamentações sobre os naturaes dissabores que o sr. Presidente da Republica tenha experimentado, colocado, pela sua situação, entre as forças politicas que se entrechocem. Essas lamentações, é curioso acentual-o, veem do campo monarquico. Conhece-se a sensibilidade d'essa gente. O seu desejo é tornar irreductiveis as divisões entre os republicanos, pescando, como vulgarmente se diz, nas aguas turvas. Na realidade, perdem o tempo, e o feitio, o que não atenua a vileza da sua hypocresia. Porventura os monarquicos se esqueceram já de que tiveram a Republica nas mãos, impacientes de a estrangularem, no nefasto periodo de 1918? Nas colinas de Monsanto e nas planicies do Norte, os monarchicos tiveram de reconhecer que nem pela traição podem jamais ferir mortalmente a Republica.

Demos aos boatos, ás intrigas, ás manobras de varias especies que as paixões politicas estão engendrando esses varios meios de significação e a importancia que merecem. Os bons republicanos sentem perfeitamente a necessidade de dar força a este governo, esperando que ele se mantenha dentro da lei e dos principios da democracia.

O novo governo

O ministro da guerra, general sr. Alberto da Silveira, recebeu hoje, pelas 14 horas, no seu ministerio, os cumprimentos de numerosos oficiaes da guarnição de Lisboa, campo entrencheirado e estabelecimentos militares dependentes d'aquelo ministerio.

O sr. ministro da guerra falou sobre a organisação militar e questões de disciplina, respondendo-lhe em nome da oficialidade presente o general sr. Alves Patacho, como oficial mais antigo, que garantiu a fidelidade da oficialidade á Republica, assim como o seu respeito pela disciplina, base de toda a organisação militar.

Operação em plena cidade

Quando Francisco Salvado da Costa, natural de Aranhas, concelho de Penamacôr, passava hontem, pelas 21 horas, na rua de S. Julião, foi abordado por dois individuos, um dos quaes lhe pediu delicadamente lume.

Como satisfizesse o pedido, o companheiro do que se lhe dirigia agarrou-o pelas costas e ambos lhe taparam o nariz com um lenço embebido certamente de cloroformio ou outro qualquer anestesico que lhe fez perder os sentidos.

Quando voltou a si, deu pela falta da carteira com 150$00.

Que sirva isto de aviso aos incautos.

CONGRESSOS REGIONAES

O das Beiras vae ser uma esplendida manifestação de vitalidade

Ficou ontem em 700 o numero dos congressistas inscritos para o Congresso regional das Beiras, que deve realizar se de 9 a 14 de junho proximo. Pelas noticias recebidas de Vizeu, Guarda, Figueira da Foz, Castelo Branco e Covilhã sabe-se que ás sédes das respectivas comissões locais, insteladas nos edificios das camaras, continuam afluindo numerosos pedidos de inscrição e do respectivo cartão de identidade.

Vizeu movimenta-se com entusiasmo, preparando-se para a recepção dos centeneres de congressistas e dos milhares de forasteiros que, de toda a parte, reclamam alojamento. As festas, a proposito do Congresso a realizar, atingirão um raro brilhantismo, pois na sua organização colaborem todos os elementos preponderantes da velha cidade e o notavel nucleo dos seu artistas. A exposição de arte regional será das mais belas e completas de quantas no país se teem efectuado e ás exposições agricola, pecuaria e industrial concorrem os melhores productos das Beiras. A Covilhã anuncia um esplendido mostruario de lanificios, que serão vendidos durante o certamen; Coimbra manda os seus magnificos exemplares de ferro forjado e marcenaria; Aveiro trabalha com afinco para pôr em destaque a sua actividade em varios ramos do trabalho, mas será sobretudo notavel o mostruario das suas ceramicas, a cuja frente aparece a antiga e famosa fabrica da Vista Alegre. A Figueira da Foz, a Guarda, todo o distrito de Vizeu, apresentam-se, numa esplendida emulação resurgidora da vida regional, para afirmarem aquilo que já são e muito que poderão vir a ser pelo aproveitamento de todas as suas aptidões e riquezas.

O Congresso das Beiras vai representar de facto, pode desde já assegurar-se, o primeiro grande impulso para a resurreição da vida provincial—da vida da região central do país.

* * *

A comissão organizadora do Congresso Beirão está oficialmente informada de que na reunião efectuada em Coimbra, no dia 16, se resolveu apresentar ao proximo Congresso Beirão um projecto de organização regional das Beiras, e não de qualquer região em especial, interpretando assim a proposta apresentada pelo sr. dr. Manuel Braga.

Assentou-se nessa reunião em que a organização regional devia ser a expressão da vontade de toda a região das Beiras, devendo consequentemente esse assunto ser tratado no primeiro Congresso regional.

Não teem, pois, logar os equivocos resultantes das noticias publicadas nos jornais sobre a reunião de Coimbra.

PELO TELEGRAFO

O centenario da independencia do Perú

BUENOS AIRES, 25 — O chefe da egreja argentina, monsenhor Luiz du Prat, foi nomeado embaixador especial para assistir ás festas do centenario da independencia do Perú.—(A).

Jazigos carboniferos no Equador

QUITO, 25 — A comissão de engenheiros encarregada de verificar a existencia e estudar a importancia dos jazigos carboniferos da região de Penipe mandou um relatorio interessante á direcção das obras publicas no qual regista a existencia de importantes minas de carvão. A comissão continuará a explorar a região e remeterá depois o relatorio final da missão com os documentos relativos aos seus trabalhos.—(A).

Redução de impostos

SANTIAGO, 25—O governo reduziu o imposto de exportação de salitre de 12 shillings e meio por tonelada com o fim de favorecer a industria nacional e ajuda-la a vencer a concorrencia estrangeira.—(A).

Vapor naufragado?

VALPARAISO, 25 — Não chegou ainda o vapor «Cacique» que partiu de Valdivia. Como passou tempo mais que suficiente para ser efectuada a viagem em quaisquer circunstancias de tempo, receia-se que o paquete tenha naufragado em consequencia do temporal que assolou nos ultimos dias as costas do Chile.—(A).

O novo gabinete cubano

HAVANA, 25—O presidente da republica, Alfredo Zaias, formou o seu primeiro gabinete que é assim composto: estrangeiros Rafael Montero, interior Martinez Lufriu, justiça Regue y Feres, finanças Gelabert, obras publicas Orlando Freire, agricultura José Collantes, instrução Afonso Zaias, saude e benificencia Juan Guiteras, guerra e marinha general Castilho Duany, secretario da presidencia dr. José Cortina.—(A).

Um desastre de aviação no Chile

SANTIAGO, 25.—Os tenentes aviadores chilenos Roberto Herrera e Alfredo Gertner sairam, num biplano do ministerio da guerra «Havilland» da escola de aviação militar, cruzaram sobre os Andes no meio duma grande neblina e, aterraram com violencia em S. Luiz por falta de essencia. O aparelho ficou completamente escangalhado e o tenente herrera com feridas leves. O ministro da guerra resolveu aplicar-lhes um castigo disciplinar por terem saido sem autorisação de ninguem.—(A).

Fernando Brederode

O ministro cessante da marinha, sr. Fernando Brederode, teve a gentileza de vir hoje apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito agradecemos.

A caminho da Promissão

O ESCANDALO DOS DEPOSITOS

O que ha de verdade sobre a nossa situação fazendaria

Os profissionais da usura debatem-se no meio do panico geral. Não ha comerciante, detentor de stocks avultados de mercadorias, que não veja claro: o necessario, o que urge, é arejar o existente. Mas esta persuasão firme, que afinal entrou nos cerebros apaixonados pela excessiva ganhuça, compoz um tal ambiente que me parecem inuteis as chocarrices vindas a publico a proposito do emprestimo.

O publico poude presencear, em bem desanuviado horisonte, o efeito de uma simples noticia. Só porque se disse que estavam fechadas as negociações sobre um emprestimo em dolars, a libra ouro veiu de 52 escudos a 31 em menos de uma semana.

Só o boato, só a fama dum facto produziu esta baixa quasi vertiginosa. E como estes fenomenos teem um fundamento concreto, e solido como a terra que nós pizamos, vê-se que os materiais para a reconstrução do nosso credito existem ainda mais risis e positivos do que eu tenho afirmado, n'uma superabundancia quasi comprometedora para o equilibrio economico.

Onde estão porém essas reservas em ouro que o nosso papel moeda representa? Onde se encontra escondido o tesouro acumulado á custa das mercadorias alienadas em larga escala pelos portuguezes durante cinco anos de guerra e de armisticio? Onde ficaram os milhões que o estrangeiro pagou em ouro pelo nosso cacau, pelos nossos vinhos, pela nossa cortiça, pelos nossos gados idos para Espanha e para Gibraltar, pelas nossas madeiras, pelas nossas frutas e pescado exportados em latária, pelo volframio contrabandeado?

Soberana *pochade* foi esta da nossa administração! Emquanto estes filhos degenerados, esta especie de Shylocks imbecilisados á força de sofreguidão, nos dictavam a fome, a carestia, a falta de tudo, para tudo exportarem, para tudo converterem em ouro e lá deixavam esse ouro nas casas estrangeiras, por cá era o Estado que ia suprindo esse desiquilibrio fazendo-se com os mosgeiros directo importador do pouco trigo que a guerra deixou cá chegar e de uma reduzida porção de hulha negra.

As despezas da guerra cobriam então tudo isso, e assim, para que uma vara de imbecis tivesse lá fóra os depositos em ouro, mal adquirida caução da perpetuidade dos seus gosos, mesmo através da nossa decomposição social, eis que o Estado se vae vendo forçado a fazer novas emissões fiduciarias para acudir mecanicamente ás necessidades do organismo que centuplicára a sua vida comercial. Havia muito mais riqueza produzida pelo grande excesso de exportação sobre as coisas importadas, que eram minimas, mas o ouro, o dinheiro, que esta exportação representava, não vinha, não entrava, e o Estado tinha de o suprir. E tinha de o suprir, porque ninguem pode iludir as leis economicas, sendo tudo o que então se passava tão correlativo como encadeamento das forças da natureza.

A' falta de viveres, porque tudo exportavam, adicionou-se a azafama da mão d'obra, á sua producção nos campos e nas fabricas ocorreu, pela falta das coisas, o seu natural encarecimento, e o Estado, o infeliz Estado a ter de tudo remediar! E remediou; mas remediou como? Fazendo notas, pondo em circulação um papel que não seria preciso se não se tivesse cometido o crime de deixar lá fóra a maior parte do resultado das vendas, se no estrangeiro não estivesse tudo quanto o Portugal, continental, insular e colonial produzia, acumulado em casas bancárias sob a designação tremenda de depositos em ouro.

O que falta, pois aos portuguezes para terem o seu dinheiro ao par? Do que precisa a nação para ver o seu escudo valer 4 «shillings?»

Duma coisa muito simples e clara: de que os depositantes, essa gente estupida e de má raça, ponham de parte os seus receios—já é tempo de se capacitarem de que isto é insubmergivel,—e de chamar para o paiz uma parte,—já não digo todos,—dos seus depositos.

Ora, o alarme dos detentores do ouro e de todos os açambarcamentos que o representam, só porque o Estado, vendo que eles não entram com o seu ouro, se mete a chamar uns milhões de dolars, por meio de emprestimo, deve afinal ter esclarecido os mais broncos de que todas as dificuldades financeiras entre nós só tiveram uma base: a especulação!

O abalo destes dias bem o evidenciou, e são flagrantes os seus resultados, tão salutares os seus efeitos, que até ha quem receie ver resurgir o nascimento da confiança com demasiada velocidade.

Não que em menos de uma semana a libra papel perdeu mais de 6 escudos e a libra ouro mais de 20! apezar de todos os «trucs» dos banqueiros e suas laraxas na imprensa.

O regimen do papel depreciado convem-lhes; mas pela vinda dos depositos ou pelo emprestimo, isto terá de tender cada vez mais acentuadamente, para a normalidade, ainda que muito custe aos profissionaes da usura.

Isto sem falar no ouro do Brazil enviado directamente sobre Londres.

De que refalsados caracteres intoxicados numa ambição sem escrupulos, foi necessario que a usura nacional se servisse, para que seis milhões de individuos,—se a tanto montasse os portuguezes,—fossem levados na sugestão de que o dinheiro portuguez não vale nada, seis milhões que, como hontem escrevi, ainda possuem uma das melhores partes do globo terrestre?

D. Thomaz de Noronha.

A egreja de S. Mamede

destruida por um violento incendio

A egreja de S. Mamede, um dos templos mais antigos de Lisboa, que estava edificado na travessa do mesmo nome, com frente para a rua da Escola Politecnica, hoje de manhã, seriam 4 e meia horas, apareceu a arder, ignorando se ao certo qual a origem do sinistro.

No entretanto, segundo a opinião do prior daquela freguesia, sr. dr. José da Silva Livramento, que vivia com sua familia no anexo com frente para a travessa de S. Mamede, por cima da sacristia, o incendio deveria ter começado no altar-mór, em consequencia de ter ficado acesa alguma vela das que estavam colocadas junto da imagem de Nossa Senhora, que estava actualmente no altar, para comemoração do mez de Maria.

O incendio, que foi descoberto pelo guarda-nocturno daquele local, já quando o fogo tinha irrompido pelo madeiramento, desenvolveu-se rapidamente por todo o edificio, só terminando no côro, onde estavam dois orgãos que ficaram destruidos.

O guarda-nocturno, logo que deu pelo fogo, dirigiu-se aos aposentos do prior, que já nessa ocasião tinha tambem dado pelo sucedido, indo encontra-lo muito aflito, tentando proceder ao salvamento dos objectos do culto de maior valor.

Na rua, as poucas pessoas que passavam, corriam a auxiliar os salvamentos, emquanto que alguem foi reclamar os socorros dos bombeiros.

Os primeiros bombeiros que compareceram, montaram os serviços do ataque, e não encontrando as bocas de incendio em carga, resolveram tambem proceder a salvamentos dos inestimaveis valores existentes na egreja, salientando-se nos mesmos o voluntario de Lisboa, sr. Henrique Machado, e os municipaes, n.os 28 e 203, que sob a direcção do chefe de secção sr. Luiz Alves, salvaram, o sacrario, sete imagens, diversos objectos de prata, os brincos e colar de Nossa Senhora, não tendo sido possivel salvar a imagem do Senhor dos Passos, porque estando iminente uma derrocada, o comandante interino, sr. Baptista Ribeiro, para poupar a vida dos seus subordinados e do padre Livramento, que tambem teimava em entrar no local onde o fogo já era violentissimo, os obrigou a retirar.

Precisamente quando recuavam, a derrocada deu-se e a nave central da egreja, ficou transformada n'um enorme brazeiro.

Todos os objectos salvos, bem como os paramentos foram guardados, em casa do sr. Henrique Anjos, membro da irmandade, e dr. Cunto Nogueira, ambos moradores, junto á egreja.

Após, a chegada da agua, iniciaram-se então os trabalhos de ataque ao incendio, distribuindo-se oito agulhetas, circundando o edificio principal e os anexos, não se conseguindo salvar a porte central, ou seja a egreja, ficando apenas de pé, a parte Leste e Oeste, é certo com alguns prejuizos.

A egreja encontrava-se segura na Sociedade Portugueza, n'um valor bastante reduzido, e a residencia do dr. Livramento, nas companhias Portugal e Tagus.

A extinção do sinistro fez-se com certa dificuldade, mas devido aos grandes esforços de todo o pessoal municipal e voluntarios de Lisboa, Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique, ás 8 horas, entrava-se no rescaldo, que ficou concluido ás 14 horas.

O templo esteve ontem repleto de fieis até proximo das 19 e meia horas, tendo sido a ultima pessoa a sair o empregado Joaquim Alves.

Na egreja existiam além do Senhor dos Passos e Nossa Senhora as imagens, canonisada de St.ª Bonina de St.ª Filomena, Senhora das Dôres, Senhora Mãe dos Homens, capela do Santissimo, o pia batismal.

Na cidade tem sido o assunto de todas as conversações o incendio, que todas as pessoas, religiosas lamentam, em virtude do templo ser considerado um dos edificios mais historicos.

O sr. Cardeal e Patriarca, ás 11 horas e meia, visitou as ruinas, demonstrando um certo consternamento pelo que presenciou.

Os namoros de M.elle Nitouche

Minha amiga—Escrevo-lhe a correr. Tenho apenas cinco minutos para conversar consigo—cinco minutos que não chegariam para beijar a ponta dos seus dedos. Mas não quero deixar de responder hoje mesmo á sua carta. Recebi-a precisamente quando calçava as luvas para sair. Como a sua carta se parece consigo. Nem sequer lhe falta um pequenino borrão — ao voltar da primeira folha. Ora V.ª Ex.ª pergunta-me você, com o seu lindo sorriso, se não será pecado ter muitos namôros ao mesmo tempo. Sabe que é muito mais facil conhecer uma mulher pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. Deixe-me acender um bout-rouje—e escute. Não é pecado, descanse. Se alguma coisa — não pode deixar de ser apenas um mau habito. Os rapazes — ainda outro dia lho disse com as minhas a arderem nas suas — são os cigarros das raparigas. Nós minha amiga, quando fumamos o primeiro cigarro ou não fumamos mais — ou nunca mais deixamos de fumar. Como você! M elle Nitouche corou, sorriu, achou imensa graça ao seu primeiro namôro —é desde então, fuma, fuma, sempre desalmadamente, excessivamente, perturbadoramente — como qualquer de nós. E' um pecado? Seguramente não. Tranquiilise-se. Mas você muda de namoros todos os dias. Se fosse de cigarros dizia-lhe que você era uma pessima fumadora. Como é de rapazes, dir-lhe-hei... — mas perdão—porque não fuma um cigarro dos meus? Até amanhã.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

Mães, viuvas e orfãos da Grande Guerra

O sarau em seu beneficio

Reuniram hontem os Concelhos de todas as sociedades de Instrução Militar Preparatoria de Lisboa, ficando assente que seja realisado por todas elas um grandioso sarau no Coliseu dos Recreios, no proximo dia 3 de junho, contando a comissão já com valiosos elementos, entre os quaes o de todos os institutos militares. Guarda nacional republicana, armada, exercito e principaes Clubs Sportivos de Lisboa.

Conta tambem a comissão que no sarau a que deve assistir o sr. presidente da Republica, tomam parte as primeiras figuras do teatro portuguez.

Brevemente serão expostos «placards» anunciadores e cartazes programas, devendo toda a correspondencia relativa ao sarau ser dirigida a comissão, na rua de S. Julião, 63; 3.º.

NOTAS FALSAS

JURAS

O sentimento popular que vale mais de filosofia que quantos «Colines» teem aparecido á face da terra, inventou um singelo ditame que é uma das melhores amostras da psicologia humana: «Quem mais jura mais mente».

A falta de confiança agregada á vontade que todos possuimos de convencer os outros da pureza das nossas opiniões e sentimentos, inventou o juramento, cerimonia pela qual, Deus é chamado a servir de testemunha abonatoria e a tomar quota de responsabilidade no acto.

Em geral, as mulheres, são quem mais gasto dão aos juramentos. Juram por tudo e contra tudo. Juram pela boa sorte, *pela* rica saude, *pela* luz que alumia, *pela* felicidade d'uma creança, *pela* luz dos olhos *pela* saude d'um cunhado *e uzam tambem a variante de* assim morra só não é verdade, esta casa caia em cima, segue dos dois olhos, dê um estoiro como uma castanha *etc.*

A jura aparece tambem a miudo no trafego do amor em mabrião: Juro ser tua até á morte, juro que só gosto de ti, juro que se me deixas me atiro d'um quarto andar, *etc., por onde se vê que, ou o juramento é tão banal na vida como dar os bons dias e as boas noites, ou o sentimento popular tem razão dizendo que mente quem jura, e ahi temos nós toda a humanidade escandalosamente mentirosa, largando pêtas a torto e a direito sem tomar em conta a parcela responsavel em que meteu o Creador. Se até São Pedro jurou falso e mais era escolhido de Christo que se fartou de meter empenhos para o fazer pápa!*

Quem mais jura mais mente, não é verdade? Pois então fique o leitor sabendo que a vida está baratissima, que todos vivemos muito felizes e que nadamos n'um mar de rozas! Juro... juro... Olhe, juro pela sua saude. Como provavelmente o leitor é doente, não lhe deve fazer grande diferença.

Henrique Roldão.

Conferencias

Na séde da Universidade Popular rua Particular, á Rua Almeida e Sousa, realisa hoje, ás 21 horas, o sr. dr. Faria de Vasconcelos a 10.ª conferencia da serie sobre «Educação das familias».

A entrada é publica.

A guerra civil na Irlanda

A alfandega de Dublin incendiada

DUBLIN, 26.—Um grupo importante de «sinn-feinrs» incendiou a alfandega de Dublin.

No combate que se seguiu, os «sinn feiners» tiveram 7 mortos, 11 feridos e 111 prisioneiros.

Da parte da policia houve 4 feridos.—(H).

POLITICA EUROPEIA

A França e a Inglaterra desavindas?

A Inglaterra parece ter mudado de atitude.—O jubilo da imprensa alemã. — O papel da Italia e a opinião americana

No nosso numero de ante-hontem referindo-nos ao discurso de Lloyd-George, do qual se parecia depreender que as relações entre a Inglaterra e a França estavam tensas, a proposito dos incidentes da Alta Silesia. A situação mudou, visto que o governo inglez se prontificou a apoiar com as suas tropas os francezes, mas a verdade é que durante um momento a imprensa alemã rejubilou.

Assim é que a «Deutsche Allgemeine Zeitung declara:

«O sr. Lloyd George: cujas ultimas manifestações contra a França são tão firmemente apoiadas pela opinião americana, ingleza e italiana, não se deixará desviar, pelas violencias de linguagem da imprensa parisiense, da sua resolução bem nitida de exigir da França a evacuação das tres cidades rhenanas de Duisboug, Ruhrort e Dusseldorf».

«A Inglaterra entende—escreve a «Folha alemã das oito horas da noite»— que não convem aos seus interesses seguir as directrizes da politica franceza. Não poderemos sublinhar com palavras assaz eloquentes o facto novo depois do armisticio de que a Gran-Bretanha consente emfim em nos dar o seu apoio moral».

Grande deve ser a esta hora a desilusão dos jornaes alemães, que viam já a França e a Inglaterra desavindas, com o que, desnecessario é dizel-o, a Alemanha tudo tinha a ganhar.

* * *

A imprensa italiana é que via a questão pelo mesmo prisma da alemã.

A *Stampa*, orgão oficioso do sr. Giolitti, publicou um artigo, do qual transcrevemos os seguintes periodos:

«Qual é, em presença da questão da Alta Silesia, e em relação á França e á Inglaterra, assim como em relação a Alemanha, o papel de Italia? Para o equilibrio europeu, que é necessario á Italia, a manutenção d'uma Alemanha, grande potencia europeia, entre uma França muito poderosa, uma Russia destinada a levantar-se amanhã, e os novos Estados em grande parte sob a influencia franceza, essa manutenção é uma necessidade.

O estado de coisas imposto á Alemanha pelo fim da guerra e pelo tratado de Versailles representa, para nós, o extremo e justo limite do abaixamento da Alemanha.

Mas isto não quer dizer que o Italia deva seguir a politica da Inglaterra ou fazer bloco com ela contra a França; e isto ainda menos quer dizer que a politica da Italia deva ser germanofila. O ponto de vista inglez na questão da Alta Silesia é continuar a dividir a Europa continental mantendo o conflito franco-alemão; sustentamos, ao contrario, que é de desejar que a França e a Alemanha se aproximem, para um novo equilibrio europeu com a participação da Italia «inter pares». Para se subtrair á tutela ingleza, para reconquistar a sua liberdade de movimentos, para restabelecer as suas finanças, para assegurar a sua tranquilidade, a França tem apenas um meio: procurar um entendimento com a Alemanha, exigindo com firmeza o pagamento das reparações, mas renunciando para sempre a todo o pensamento reservado de dominio economico e politico sobre a Alemanha e a Europa continental».

* * *

Por seu lado, a imprensa americana ocupa-se da questão da Alta Silesia, mas não está em perfeito acordo com Lloyd George, como se pretendeu fazer acreditar.

O «Philadelphia Record», por exemplo, escreve:

«Sem duvida que a Alemanha deve obter na Silesia um tratamento equitativo, mas sem duvida tambem que a Polonia deverá ter obtido um tratamento equitativo na conferencia da Paz, e o sr. Lloyd George impediu-o Perseguiu os polacos com uma inimizade persistente».

N'outro artigo, o mesmo jornal declara que o governo placo não merece ser ameaçado como o foi por Lloyd George o que, se a Polonia é uma pequena nação, não é isso motivo para a aniquilar em favor do comercio inglez.

Vitimas da aviação

O funeral dos aviadores que morreram em Elvas

Realisou-se hoje pelas 16,30, da estação do Rocio para o cemiterio dos Prazeres o funeral das victimas do desastre ocorrido em Elvas, alferes David Simões e 2.º sargento mecanico Antonio Gomes da Costa.

As urnas foram conduzidas em armões puxados a trez parelhas.

Incorporaram-se no prestito funebre muitos oficiaes do exercito, de marinha e da aviação, oficiaes inglezes e italianos, contingentes de diversas unidades, cavalaria da G. N. R e infantaria da mesma guarda o muito povo.

O chefe do governo acompanhou o funeral, em automovel, e praças do exercito conduziram 42 corôas e trez ramos de flôres naturaes.

Conferencia interparlamentar de Comercio

Reuniões preparatorias

Reuniram hoje, ás 10 horas em sessão preparatoria, as comissões de Cambios e Participações nos lucros.

A' primeira presidiu o sr. Malheiro Reimão, secretariado pelo sr. Leem (belga) tendo assistido os seguintes congressistas: Chaumet (francez), Pavia (italiano), Roufos (grego), Vinck (belga), Bertrand (belga), La Cazerie (belga), Rambousek (tcheco-slovaco), Kanda (japonez), Bettoni (italiano), Damiani (italiano), Radziszewski (polaco), Powel (inglez), Mango (italiano), Lowe (inglez), Carter (inglez), Lejune (belga).

A' Comissão de Participações presidiu o sr. José Barboso, secretariado pelo sr. Holbach (grego) e tendo assistido os seguintes congressistas: Delombre (francez), Uhlir (tcheco-slovaco), Henri (italiano), Scevola (italiano), Cavazzoni (italiano), Randles (inglez), Behrens (inglez), Carr (inglez), Hodis (tcheco-slovaco) e Soukup (tcheco-slovaco).

Em ambas as comissões se assentou no programa a seguir na sessão plenaria da tarde.

A sessão plenaria de hoje

A sessão plenaria de hoje começou bastante tarde, cerca das 16 horas. Presidiu a ela o sr. Mello Barreto, secretariado pelos sr. Baie e Baltazar Teixeira, assistindo muitos congressistas de todas as nacionalidades e varios deputados e senadores. Do governo compareceu apenas o sr. ministro do comercio.

A primeira tese apresentada, sobre «Participação nos lucros», foi relatada pelo antigo ministro francez sr. Paul Delombre, que substituiu o relator Mr. Justin Godart.

A' hora a que encerramos este relato, Mr. Delombre, está fazendo considerações sobre participação nos lucros, devendo apresentar as seguintes conclusões:

«A conferencia julga que a participação nos lucros pode ser recomendada assim como, concorrentemente, outras instituições que teem por fim a sua colaboração no capital, no trabalho.

Ela constitue uma forma pratica para atingir essa colaboração e solidariedade e, em particular pode facilitar o acesso a uma parte da propriedade na emprezas».

A «garden-party» em S. Pedro de Alcantara

A Associação Comercial de Lisboa ofereceu hoje aos membros da Conferencia Interparlamentar do Comercio uma «garden-party» no jardim de S. Pedro d'Alcantara. A' hora em que por lá passamos o velho jardim regorgitava. Dir-se-hia que ganhou uma alma nova. Encheram-no de bandeiras de côres. Transformaram-no num bazar internacional. Depois — só depois—entrou com o seu melhor sorriso *tout le monde et son perè*... Santo Deus! Parecia a Torre de Babel. Havia inglese, franceses, japoneses, belgas de braço dado com italianos, gregos, servios e chineses. Gente de todas as cores e fracks de todos os feitios. A maioria deles — sempre lhes digo — não louvando os alfaiates. Que esta nota fique. A toilette é tudo. Temos ainda os olhos fatigados de andar por aquele mapa-mundi. A festa começou, tarde. Pontualidade britanica — meia hora depois. Abriu pelo hino do Comercio ouvido atentamente por todos. A musica é uma lingua Universal. Se a Liga das Nações se podesse transformar, em musica—até á America.

A festa no Estoril

Foi mandado vir do Minho um fogo de artificio que levará mais de duas horas a ser queimado no grande arraial minhoto que no domingo á noite se realisa no terreno fronteiro ao *hall* do estabelecimento termal. E' neste *hall* que será servido aos delegados internacionais o grande banquete, durante o qual tocará uma orquestra.

No arraial, que terá mais de 6.000 balões, tocarão varias bandas de musica. A entrada no Parque é livre, mas no terreno será por convites.

A Sociedade Estoril fará comboios especiais.

Tribunal do C. E. P.

O julgamento de hoje

No tribunal militar do C. E. P. foram hoje julgados os réus José Antonio Carneiro, capitão do S. A. M., Sergio Fernandes Serra, alferes do S. A. M., Manuel Carmona Gonçalves, tenente do S. A. M., Castro Antão, tenente de cavalaria, Magalhães Moutinho, tenente de infantaria, o José dos Santos Mota, 2.º sarg. da 1.ª companhia de infantaria 8, acusados de terem dado descaminho a uma relação de vencimentos do mez de Maio de 1918, do que resultou para a Fazenda Nacional um prejuizo de 11.898,80 francos.

Apoz o interrogatorio dos réus foi interrompida a audiencia, para recomeçar pelas 15 horas, devendo a sentença ser proferida muito tarde, se e for hoje.

NA BULGARIA

SOFIA, 26—Hontem depois do *Te Deum* em comemoração des festas de S. Cyrillo a que assistiu o Rei, quando o cortejo em que se compreendia a juventude das escolas e a população desfilava por deante do palacio real e a multidão aclamava o rei, que assistia da varanda ao desfile, foi lançada uma bomba da janela de uma casa fronteira, ficando feridos uns doze estudantes.

A multidão atribuindo o atentado aos comunistas, saqueou e incendiou o Club comunista, apesar da intervenção da policia. O auctor do atentado conseguiu escapar á perseguição que lhe foi feita.—(H).

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Noticias curiosas

Os jornaes da manhã publicam duas noticias que reputamos interessantes a não nos abstemos de comentar. Uma:

No principio do proximo mez parte para a provincia, em «tournée» artistica, a «troupe» da direção da atriz Analia Rodrigues, sendo o elenco o seguinte: Analia Rodrigues, Ilda Vitoria, Alda de Sousa, José Moreira, Oscar Barros, Antonio Nazaré, Raul Sarjedas, Dario Moreira, Carlos Alberto e Joaquim Pinto. Do repertorio constam as peças: «Má sina», «Golpe de Estado», «Mariana», «1:023», «Fado», «Pina, Pena, & Pona» e variedades.

Os leitores já ouviram falar na Tournée de Carlos Leal que anda na provincia, na de Silvestre Alegrim que vae para a provincia, na de Luiz Pinto que vae para a provincia, e agora ahi tem mais a «tournée» Analia Rodrigues. Com todo o respeito perguntamos aos leitores se conhece «um só» dos artistas que ali figuram. Pobres provincianos...

Outra:

A Associação dos Trabalhadores do Teatro pede-nos para declarar o seguinte: O Nucleo de Autores Dramaticos da A. C. P. P. fez saber á Empreza do Salão Foz, que a revista «Trólaró», tem varios quadros, cenas, ditos e numeros plagiados de autores d'este Nucleo, devendo ser suprimidos do cartaz os nomes dos que se dizem seus autores, independentemente do processo judicial a intentar pelos lesados.

Registando que o «Trolaró» vae em quasi cento e cincoenta representações espanta-nos a noticia publicada. Então só agora o N. A. D. da A. C. P. P. descobriu os plagios? Ou esteve á espera d'um sucesso tão consecutivo para reclamar os seus direitos?

O que no dia seguinte a primeira representação seria um acto de justiça moral, é n'esta altura um acto de inveja irrisorio. Nem que o «Trolaró» tenho menos roubos do que as outras revistas em scena. Mas, veremos o que nos traz o temporal!!

A. F.

Noticiario

Entre nós

No Trindade está-se recordando a peça «Marianela» fazendo o papel de «Selepim», outrora a cargo de Beatriz Viana e Luz Velozo, a gentil atrizinha Ofelia Brochado.

— A 2.ª peça que sóbe á scena no Avenida, é uma tradução de «Les Conquerantes» um dos ultimos sucessos de Paris.

— E' possivel que a revista que dois escritores estão fazendo para o Salão Foz, seja, com a introdução d'um outro autor, levada n'outro teatro na epoca de verão.

— Houve já quem pensasse em resuscitar o «D. João Tenorio» no Nacional. Vamos a ver se sempre resuscita.

— Correia de Oliveira e Francisco Lage, os autores de «Os Lobos» estão terminando um novo original.

— Robles Monteiro tem no seu reportorio, caso arranje teatro para a epoca de inverno, o original de Augusto Rosa, nunca levado á scena, «Panindo».

— O novo colega «Diario da Tarde» diz que vae fazer um inquerito sobre o «Adão e Eva», á semelhança do que se fez com a «Zilda» e deu... bom resultado.

— Ensaia-se no Politeama, para seguir a «Miss Diabo», a opereta «Ave Maria», que o ano passado subiu duas ou tres vezes á scena.

— Em festa artistica de Carlos Santos, subiu á scena no Porto «A Boneca Misteriosa», em festa de Ferreira da Silva, «O Emigrado» e «Pedro Caruso», e em festa de Angela Pinto, «A 1.ª Causa».

— Já estão a pintar os scenarios para a «Mulher artificial» que inaugura a epoca de verão no S. Luiz.

— Chega a Lisboa na proxima semana a companhia Cremilda de Oliveira.

— Recebemos a seguinte carta:

Sr. Redactor da secção teatral. — Assistiu v. á reprise de «O Reisinho»? Saber-me-ha explicar porque o maestro sr. Gomes, passou para o 2.º acto a sinfonia do 1.º? A vaidade pode tanto... Que importa tudo isto se executando-a na sua altura não teria probabilidades de ser aplaudido?... — Quit Wood.

Mas quem pode responder melhor é... o sr. maestro Gomes, ilustre colaborador do autor da partitura.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h. A opereta «Rip».
NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h.—«O reisinho»
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA — A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO—A's 21.30—«Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Salão Central

JACK, CORAÇAO DE LEAO, a emocionante pelicula em 15 episodios, 30 partes, que actualmente se exibe com tão ruidoso sucesso no Salão Central, é a mais extraordinária maravilha cinematografica da actualidade. Repete-se no espectaculo desta noite, acompanhada do «film» de grande exito «Contra-espionagem», em 5 actos, do reportorio da eximia actriz Fernanda Passy.

Para amanhã, 6.ª feira, reserva a empresa a estreia na matinée do novo episodio do «Jack, coração de leão», intitulado «A voz dos mortos».

A provincia n'«A Capital»

MORTAGUA, 21.—Foi colocado neste concelho o aspirante de finanças sr. Americo Viegas de Castro.

—A comissão de subsistencias só tem aceito barra abastecer o concelho durante um mez.

—Causou excelente impressão a chamada do partido liberal ao poder.

Todos confiam na administração honesta que fará o sr. Tomé de Barros Queirós.

—Roubaram 1:000$00 ao negociante de bois sr. Antonio d'Oliveira, de Vale d'Açores, deste concelo, na ocasião em que se deu uma desordem n'aquela povoação.

ULTIMA HORA

Um esclarecimento e uma declaração

A' hora de fecharmos o nosso jornal, recebemos do *comité* que iniciou o movimento do dia 21, um esclarecimento que pelo adeantado da hora não podemos publicar, mas que sairá em alguns jornaes da manhã de amanhã.

Tambem o alferes sr. Matos Cordeiro nos procurou para nos pedir que declaremos que continua mais do que nunca militando no Partido Popular.

Poeira da Arcada

Nomeação de militares

Foi nomeado inspector da 4.ª circunscrição do material de guerra, o tenente coronel sr. Manuel Luiz Mendes.

Noticias da Capital

UMA COMO HA TANTAS.—A fidelidade é hoje virtude rara. Já lá vae o tempo em que as creadas como que faziam parte da familia. Salvo honrosas excepções, as serviçaes de hoje teem todos os defeitos e mais um... Mau, que lá estavamos fazendo considerações filosoficas, quando afinal quasi nem vale a pena. Pois o que é um furto de roupas no valor de uns mizeros 100$00? O que ficou sem elas, o sr. Luiz Fernandes Pinho, morador na rua Maria Andrade, 3, 1.º, é que assim o não entendeu e, por isso, mandou prender a sua creada Ana da Piedade. Verdade seja que lá está o bondoso tribunal da Boa Hora para ter piedade da Piedade, que tão despiedada foi para com os haveres do patrão!

O VESTUARIO ESTÁ TÃO CARO!...—E apezar da libra ter baixado ja um pouco, nem todos teem dinheiro para comprar roupas, custando elas tão caro como custam. Mas ha quem se não contente com o que tem e recorre a meios que se não condenam bem com a moralidade.

Assim, Bernardina Auzenda Rosa, moradora na calçada de Agostinho Carvalho, 36, entrando no estabelecimento de Antonio da Silva Mendes, da rua Aurea, 206 e 208, não poude resistir á tentação de levar uma peça de fazenda, no valor de 120$00, que estava em cima do balcão. Fel-o por bem, mas houve quem visse e a mandasse prender. Lá está ela a estas horas pousando em quão ingratos são os commerciantes, que não atendem a circunstancias atenuantes.

Tambem os gatunos—ou gatunas, quem sabe? — entraram na avenida Miguel Bombarda, 16, 1.º, residencia de Maria do Carmo, e sem pedirem licença — que falta de delicadesa! — levaram vestuario no valor de 190$00. E' claro que ela se queixou á policia, a qual trata de ver se descobre quem foi o autor da façanha para lhe aplicar o rifão: «Quem o alheio veste...»

QUERIA SER PATRAO...—O diabo é que os donos dos estabelecimentos não gostam e intrometem a justiça, quando um caixeiro rouba, ou antes se «adeanta», mudando alguns objectos a que por emquanto o proprietario se julga com legitimo direito.

O caso é que José Rodrigues Prates, farto de ser caixeiro da casa Alberto de Oliveira Cardoso & C.ª, da rua da Palma, 33 e 35, entendeu que devia estabelecer-se por sua conta e para isso havia um meio simples: mudar os objectos do estabelecimento que não era seu para outro que o seria. Melhor o pensou, melhor o executou, e dahi a «mudança» de talheres e outros objectos no valor muito razoavel de 1.500$00. O resultado é facil de adivinhar: nem se estabeleceu, nem continuou a ser caixeiro, pelo menos por estes tempos mais proximos, por que a policia entendeu que lhe fazia bem pô-lo uns mezes á sombra, por causa dos calores do verão que se avisinha.

Serviço telegrafico da tarde

FARO, 26. — São esperadas no Algarve caravanas de «touristes» americanos que depois de visitarem a Andaluzia e alguns a Africa do norte veem descançar n'esta provincia visinha os pontos mais amenos e pitorescos d'ela.

O «Lidador» apanhou hontem dois vapores hespanhoes que estavam pescando nas aguas portuguezas; os pescadores deitaram o peixe ao mar, mas 12 pescadores foram para o tribunal dando depois entrada na Cadeia,

Os mandadores das armações de pesca do atum Medo das Cascas, Cabo de Santa Maria e Ramalhete dizem que a noite passada andaram em cima das armações do atum pescando bascos hespanhoes.

Continua bastante doente um filho do sr. D. Antonio Coutinho Linhares. —(H.)

BUENOS AIRES, 26.—Os trabalhadores sindicados do porto, querendo impedir de trabalhar os não sindicados, deu-se uma colisão entre uns e outros de que resultaram dois mortos e varios feridos. O governo tomou medidas para proteger os não sindicados pelo que recomeçou o movimento do porto.—(H).

CAIRO, 26.—Os operarios dos arsenaes e oficinas dos caminhos de ferro pozeram-se em gréve.—(H).

WASHINGTON, 26. — O senado aprovou por unanimidade a emenda Borah relativa aos creditos para a marinha de guerra e em que se pede ao sr. Harding para convidar a Inglaterra e o Japão a uma conferencia com os Estados Unidos tendo em vista o desarmamento.—(H).

PARIS, 26.—A situação na Asia Menor continua a inspirar cuidados em vista da atitude do novo governo de Angora, de feição bolchevista. O comissario dos extrangeiros Yossouf-Kemal era o chefe de delegação kemalista em Moscou.

Chegaram já a Paris as propostas do novo governo para serem modificadas as condições do armisticio franco-turco na Cilicia. Os kemalistas reclamam uma alteração completa, na fronteira, de modo a ficarem com Alexandrette.

Reclamam além d'isso que o armisticio só comece depois de concluida a evacuação da Cicilia pelas tropas francezas, o que vae tornar delicada a situação d'essas tropas.—(H).

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Comunicado oficial dos desafios de domingo

1.ª categoria. — Taça Mutilados de guerra—Ultima meia final Atletico contra Sporting em Bemfica, ás 17 horas:

2.ª categoria.—Final da Taça Especial.

União Lisboa contra Bemfica em Bemfica ás 15 horas; juiz o sr. John Armour.

3.ª categoria.—Apuramento de Campeão.

Bemfica contra Foo-ball Bemfica em Bemfica ás 13 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (do S. C. P.)

O produto liquido destes desafios reverte a favor do cofre para o fundo de assistencia aos jogadores que foi instituido na época passada quando se iniciou a prova Especial da 2.ª categoria cujo final será feito sempre com entradas pagas. Os bilhetes numerados podem ser marcados na sede da A. F. G. todas as noutes das 21 ás 24horas.

Movimento associativo

PESSOAL MAIOR DOS CORREIOS E TELEGRAFOS.—Ficou adiada para amanhã, ás 21 horas prefixas, a assembléa geral que fôra marcada para o dia 21, sendo a mesma a ordem da noite.

MONTE-PIO DA POLICIA.—A pedido de 21 socios, reune hoje, pelas 21 horas, a assembleia deste monte-pio, para tratar de assuntos de interesse geral.

AVISO

São avisados os segurados do CONSORCIO GERAL DE SEGUROS contra Acidentes e Responsabilidade Civil que estão já funcionando os Postos de Socorros do CONSOCIO na capital: na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

Nestes Postos recebe-se todo o expediente e prestam-se todos os esclarecimentos relativos aos SEGUROS SOCIAES OBRIGATORIOS CONTRA DESASTRES DE TRABALHO e aos de RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PROPRIETARIOS DE CARROS.

A Companhia de Seguros A PAZ participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros LATINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros MINDELO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros O ALENTEJO participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ULTRAMARINA participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros COLONIAL participa aos seus segurados de Lisboa que os serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental, na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental na Calçada do Livramento, 5.

A Companhia de Seguros ORIENTAL participa aos seus segurados de Lisboa que os seus serviços clinicos estão funcionando na Zona Oriental na Avenida Almirante Reis, 109, e na Zona Ocidental, na Calçada do Livramento, 5.

A CAPITAL

3792 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sexta-feira, 27 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

A PAZ SOCIAL

Os ataques desproporcionados a qualquer governo levam os sinceros, que da politica se ocupam, a tomar a defeza desse governo, porque a noção da justiça não póde nunca obliterar-se na consciencia do individuo. O peor é que, com a tendencia, de caracteristica verdadeiramente nacional, de cada um tentar impôr a sua opinião, não reconhecendo, na realidade, direito de existir uma opinião contraria, chega-se dentro em pouco a uma situação absolutamente lamentavel, visto que logo degenera num conflicto violento aquilo que deveria ser apenas um debate pacifico de ideias.

Não se estudam as correntes da opinião publica, não se examinam as vantagens ou desvantagens de determinadas medidas, porque não se atende senão aos golpes que se vibram ou se recebem.

O resultado é funesto, visto os governos, duramente agredidos, acabarem por exorbitar, confundindo a defeza da Republica com a sua propria defeza.

E' neste circulo vicioso que temos vivido, e se ele demonstra uma falta sensivel de educação civica, diga-o a opinião publica que tantas vezes tem tido ocasião de o apreciar, justamente revoltada contra semelhante deturpação do funcionamento de instituições, que deveriam, pelos seus principios inatacaveis, induzir todos os politicos a atitudes mais patrioticas e mais nobres.

Pode continuar semelhante estado de coisas?

Afigura-se-nos que não pode nem deve continuar.

Nos inicios d'um novo regimen, ainda se explica um periodo de confusão e de violencias. Mas quando esse regimen já lançou raizes na sociedade a que preside; quando já não ha possibilidade de reviver o regimen findo; quando o que ha a fazer é trabalhar, na paz e na ordem, para maior plenitude social, o estado de conflicto chronico que porventura se observe não pode ser obra senão de facções intoleraveis ou de aventureiros perigosos.

A sociedade já não presente estimulos que a lancem na lucta. No caso especial que nos interessa, e que é o nosso, desde que não reconheça em perigo a Patria ou a Republica, inutil será apontar lhe qualquer caminho revolucionario.

Por outro lado, os governos só podem haurir força no seu prestigio, e só grangearão prestigio pelo seu espirito liberal, pelo seu feitio tolerante, pelo seu esforço em prol da tranquilidade e da fortuna da nação.

Estamos convencidos de que nada arrastará nem o povo nem o exercito para uma obra de perturbação, para uma lucta fratricida, só para servir caprichos de homens ou ambições de partidos.

Se os governos pensam que, a pretexto de os defenderem, podem estabelecer a tyrania, enganando-se. Se ha agitadores que pensam que só para satisfazer os seus interesses ou os seus odios, ha de troar o canhão e correr sangue portuguez, enganam-se tambem.

Felizmente, n'este instante, nem a Patria nem a Republica estão em perigo. Não ha pois razão para sobresaltos.

NOTAS FALSAS

AZAR

Na faina perfeitamente logica de desculparmos todas as asneiras que fazemos, inventou-se o azar, cabeça de turco que aguenta com todas as culpas das más consequencias e serve a todas as desculpas da nossa maldade hereditaria.

O azar apresenta-se de diversas formas e variados aspectos, tinta entornada, vidros partidos, dias da semana, numeros do Kalendario, etc, etc, e tudo lhe serve para interromper a pacifica carreira do viver humano.

Cortar as unhas á terça-feira dizem que dá azar, pôr o chapeu com o laço ao contrario, idem, e uma preta, é para muita gente causa de grandes afliçães, não sendo raro encontrar uma senhora em procura d'um melitar, d'um cavalo branco e d'um prédio amarelo, panaceia que, no dizer de pessoas sabidas em tramoias azarentas, neuraliza a ação nociva das filhas da raça negra.

Entornar azeite tambem é um azar dos demonios, principalmente desde que o oleo de amendoim, foi forçado a entrar no convivio das cozinhas, e uma corcunda, tem pregado cada susto ás alunas timoratas que é uma dôr de alma não existir um remedio para endireitar espinhos dorsaes.

O numero treze, o fatal numero treze é tido por muita gente como origem de grandes maleitas.

Eu tambem já tive azar com o numero treze. Foi de certa vez que ofereci um em ouro a determinada senhora e ela se safou da minha alçada sem ao menos me deixar tirar a prova dos nove.

Henrique Roldão.

O assassinio do dr. Pedro de Matos

Por falta de comparencia de alguns jurados não se realisou hoje, como estava marcado, no tribunal da Boa Hora, o julgamento dos implicados no atentado que vitimou o sr. dr. Pedro de Matos, juiz do tribunal de Defesa Social.

A caminho da Promissão

EMPRESTIMO E CONTA EM ABERTO

O dilema: ou emprestimo e tudo normalisado, ou os banqueiros triunfantes e o Estado em desorganisação

E'-me indiferente que se faça o emprestimo Afonso Costa, baseado na reparação a receber da Alemanha, ou que se aceite o contracto a descoberto dos cincoenta milhões de dolars. O primeiro é por emquanto uma incognita. Ninguem sabe ainda em que termos ele se fará, ou, pelo menos, eu ignoro á data presente todo o teor das «démarches» havidas neste sentido, se algumas estão já feitas de facto. Tudo se esclarecerá e tudo irá a bom termo. Por outro lado vejo o caso dos cincoenta milhões de dolars em condições de ser ultimado. Não se trata de um emprestimo propriamente dito; é uma conta em aberto sobre a qual podemos ir sacando em mercadorias até áquela cifra. E' um crédito que se nos abre até cincoenta milhões a 7 e meio por cento. A' Inglaterra emprestou a America a 12.

Nesta altura ocorre perguntar: São os nossos lindos olhos que nos trazem os dolars tão baratinhos? E a resposta ainda não é de molde a levantar suspeitas; antes pelo contrario, é bem naturalmente, tranquilisadora. Trata-se de canalisar comercio americano para Portugal. A America está atafulhada de mercadorias; a America não vende, a America tem a sua frota mercante amarrada nos portos. A Alemanha vae, cumpridos os encargos, entrar em franca concorrencia,—assim que admira que de além oceano nos venham facilidades? Falou-se já no perigo de nos enfeudarmos comercialmente, isto é, de termos de comprar por força a certas entidades, por preços menos convidativos do que, a datas varias, se encontrem os mesmos productos noutros mercados, ou mesmo noutras casas do mesmo mercado (americano); mas isso é um caso a acautelar cuja transcendencia não vae além das possibilidades de criterio ministerial.

A America não pode ter receio da competencia das outras nações.

Uma nação a poderia vencer — a Alemanha e só a Alemanha — mas esta onerada com os 50 °/o não o fará.

Que perigo corremos, pois, aceitando os cincoenta milhões desde que não nos enfeudemos a preços diferentes do mercado geral?

A resposta é facil — nenhum. Nenhum para mim, nenhum na minha opinião; mas não pensam assim os cambistas, os banqueiros portuguezes e seus inumeros apaniguados.

Esses, sim, esses vêem o grande perigo de não mais serem precisas as cambiaes. E como das cambiaes só vive essa parasitagem que teima em manter a alta dos generos, a alta do ouro, ela fará tal guerra a qualquer dos emprestimos que, francamente, não sei se se conseguirá levar a efeito algum d'eles.

Temos estado na mão desses devoristas, o Estado é o seu unico freguez de geito, ora se o Estado deixar de lhe frequentar os balcões em busca das famigeradas cambiaes, o que vae ser dessa gentinha poderosa?

Assim, eis-nos chegados ao dilema unico: ou emprestimo, conta-aberta na America, ou coisa que o valha, e a normalisação do cambio e com ele a normalisação de tudo, o barateamento da vida, o desafogo de nós todos e a organisação social actual salva; ou a praga dos banqueiros triunfantes, continuando na pouca vergonha de fornecer ouro ao Estado, a libra na alta, o cambio nos pincaros e portanto tudo cada vez mais caro e a revolução social em progresso. Meditem nisto os que são capazes de vêr para alem dos acontecimentos diarios e vejam quanto pode custar á sociedade portugueza a ilegitima ambição dos que contrariam uma operação decisiva.

E' esta operação que cambistas arvorados em banqueiros não querem. Acostumados a um só freguez — o Estado — e que optimo freguez! que lhes compra o ouro pelo preço que muito bem lhes apetece pedir, o que será deles no dia em que o mesmo Estado já lhes não vá bater á porta?

Mas o governo não pode de maneira alguma deixar de aceitar a proposta que o livra da galfarrice dos açambarcadores do ouro. Não pode nem deve. E' uma conta aberta que nos fornecerá aquillo de que precisarmos e que, pondo o Estado a coberto da uzura particular, dos cambalachos e subidas bruscas da libra, quando se avisinham pagamentos, abrirá finalmente o caminho para a normalidade.

Não obstante o fervilhar dos cambistas continua, fazendo toda a especie de acrobatismo; recorre-se aos mais fantasticos golpes de ilusionismo, faz-se até em derradeiro esforço subir novamente a libra.

Pois pior para eles: quanto mais dificilmente se adaptem á realidade das coisas que é, como tenho demonstrado, a nossa melhoria financial infalivel, maior será o *crak*.

Se não veremos.

D. Thomaz de Noronha.

POLITICA FRANCESA

As declarações do sr. Briand

quanto á questão da Alta Silesia e do pagamento das reparações

PARIS, 26—Em resposta á interpelação que lhe foi feita, o sr. Briand expõe demoradamente o ponto de vista francês a respeito da Alta Silesia e declara que o conselho supremo só pode tomar decisões em conformidade com a justiça no caso em que seja unanime a proposta dos respresentantes aliados na Alta Silesia. Ha desacordo entre estes e por isso é partidario de que o assunto seja submetido á juristas e tecnicos que estudem a situação em harmonia com os termos do tratado e que forneçam as luzes essenciais para se assentar em um julgamento.

O ponto de vista francês é que a região mineira que se pronunciou pela Polonia deve ser-lhe dada; se se tivesse pronunciado pela Alemanha, a França inclinar-se-hia. Os operarios polacos votaram pela Polonia; o seu voto deve contar assim como o dos ricos industriais.

O sr. Klotz, ministro das finanças no ministerio do sr. Clemenceau, censura o governo por não ter feito na ocasião propria o necessario para que a Alemanha sentisse a decisão da França, que era fazer respeitar o tratado, e faz uma critica demorada das clausulas financeiras de Londres, acusando a alta finança inglesa de só ter interposto ás tropas francesas no Ruhr. Lamenta que o governo não tivesse tomado nenhuma sanção em consequencia da falta de pagamento dos 12 biliões de marcos que a comissão das reparações tinha intimado a Alemanha a pagar antes de 1 de Maio.

O sr. Briand defende energicamente o acordo de Londres e a resolução da comissão das reparações a respeito dos 12 biliões e acrescenta que se a camara aprovasse a proposta do sr. Klotz tendente a julgar a resolução da comissão, o governo ir-se-hia embora, pois tem a consciencia de ter observado uma atitude a um tempo firme, justa e moderada, de acordo com os aliados e sem nada ter sacrificado aos interesses essenciais da França. O sr. Briand declara aceitar unicamente a ordem do dia do sr. Arago, o qual considera que o ultimatum de Londres representa o minimo indispensavel para a segurança e levantamento da França e afirmando confiança no governo para impôr o direito da França com aplicação imediata das sanções em caso de necessidade e confiança tambem para assegurar, relativamente á Alta Silesia, a execução estrita do tratado no seu espirito e na sua letra.

O sr. Herriot declara, em nome do partido radical socialista, que corresponderá ao apelo do sr. Briand que falou da Alemanha como devia e observa para com os aliados a atitude que convém e conclui por dizer que o governo fez obra de probidade certamente. A França teve uma desilusão, mas continua a trabalhar e a olhar corajosamente para o futuro.

O sr. Lefévre propõe que se envie a uma comissão o acordo de Londres recusando dar o seu voto a esta interpretação do tratado com uma agravante para os contribuintes franceses.

O sr. Briand replica dizendo que a proposta do sr. Lefévre consistiria em mandar tudo á comissão das reparações e pôr está em foco, mas o sr. Briand recusa-se a praticar uma tal politica. A moção do sr. Lefrévre foi regeitada por 432 votos contra 166. —(H).

PARIS, 27.—A primeira parte da ordem do dia declarando que o ultimatum de Londres representando o minimo de garantias indispensaveis foi votada por 403 votos contra 103. A segunda, implicando confiança no governo para impôr o desarmamento e o pagamento integral com aplicação imediata das sanções no caso de falta, foi aprovada por 390 votos contra 162 e o conjunto da ordem do dia por 419 votos contra 171.—(H).

"Os Sports,,

O numero ilustrado de depois d'amanhã

O bi-semanario *Os Sports*, que já entrou no seu terceiro ano de publicação, está dia a dia recebendo a justa consagração do publico, que, alem de ter um jornal ilustrado, encontra sempre uma boa informação tanto de Portugal como do Estrangeiro.

O numero de depois d'amanhã apresentar-se-ha magnifico tanto na que respeita a ilustrações como na colaboração.

UNIVERSIDADE POPULAR

Esta instituição, destinada á vulgarisação de conhecimentos uteis, inicia no dia seis do proximo mez a primeira de uma serie de conferencias em que se toma por tema *«As origens historicas da decadencia nacional»*. Este trabalho foi confiado ao professor e deputado Ladislau Batalha, que na primeira estudará os varios tipos etnicos que desde as mais remotas edades se sobrepozeram nos velhos territorios hoje ocupados por Portugal e as influencias psiquicas e até de caracter anthropologico trazidas aos portuguezes.

Na mesma conferencia tratará da importancia que teve para a formação do nosso temperamento e caracter o continuo revezamento e sobreposição secular de religiões no territorio lusitano.

Prisão d'um desertor

A pedido do director do Parque Automovel Militar, foi hoje preso em Campolide, pelo guarda auxiliar da 2.ª secção da policia de investigação criminal Robalo, o 1.º cabo José Carlos dos Santos, que desertou.

DIZE TU DIREI EU

Dizem eles

Minha bôa amiga X.

Chupo-lhe os seus dedos esgulos.

Então como passou? Sabe, acabo de fumar o meu bout-douré e adivinho que você, com aquela petulancia duma virgem de Ghislandajo sorriu para M.elle Y, sabendo que eu flirto a magra e solitaria Z.

Minha bôa amiga, os homens são cornucopias sem fundo de malicia, veja Stendhal e coce Schopenhaner.

Agora mesmo em frente do meu chá em chicaras-taças da Garrett, á luz dum candieiro Imperio eu afundo-me no meu maple morno, e gasto os olhos nos tapetes turcos...

Direi eu

Meu bom leitor.

A falta de assunto é medonha. Madame X, minha bôa amiga Y, e mademoiselle Z não existem como Cristo, Napoleão e o sr. Bernardino Machado nunca existiram. O bout-doré é uma blaque dos que fumam francez ou roem as unhas literariamente. O leitor está-os vendo, na mezinha de pinho da redacção, com uma lampada eletrica fundida, em frente dum tipografo que pede original. Os maples são de pau, estilo Portas de Santo Antão, e o chá... é um cafêzinho da brazileira com cana...

A M.ells X, e a sua procreação em literatura de cuspo, não tardarão a morrer duma indigestão de feijão encarnado e verde!

Armando Ferreira.

UM POETA

Isolado entre densos pinheiraes; com o mar em frente dos olhos desvanecidos, o Poeta ainda moço vae, com sincera emoção traduzindo em versos despretenciosos e inspirados de um sentido divagar entre a realidade da Vida e o mundo da fantasia.

A primeira vez que se aventurou na abrolhada senda das letras, Fernandes Coelho, preso da alucinação messianica, que rege o nosso destino, viu entre brumas, a figura cavalheirosa de um rei morrendo em areias agarenas, sentindo desfazer-se, como nau partida em traiçoeiro baixio, as ilusões falazes da gloria e da grandeza.

Depois recolhido em si mesmo, cantou n'um enlevo mystico aquela Senhora de S. Felix da Marinha, que as raparigas de lindo rosto trigueiro e andar de cadencia do rythmo, vindas de longe, por entre milharaes e campos de verdes hervas ensanguentadas de papoilas vermelhas, vão sagrar ingenuamente, depondo na doirada capela, brilhante de lumes, as primicias dos seus votos, piedade que brota do coração puro, esperanças acalentadas n'uma arreigada crença.

Fernandes Coelho, em verso singelo mas exhuberante de seiva transcrevendo o maior lyrico e o mais extraordinario épico seiscentiste. «traslada o que a saudade escreve».

A' evocação carinhosa da infancia alegre, «o belo sonho em que a memoria insiste» sucede a edade do amor; e com ela vieram os primeiros desenganos.

Dos tempos que já lá vão, fez o Poeta a balada das tres Marias.

E nós vemo-las passar ante a vista curiosa, lindas, finas e elegantes, tám ligeiras e vaporosas que se diriam criações de sonho, já esbatidas, mas deixando uma lembrança perduravel que os annos não apagam.

Da saudade nasceu um grande amor á vida. «Deitou raizes no coração» essa saudade que Garrett enobreceu, como um sentimento raro da alma portugueza é que é toda a razão do «Chão pizado», terra martyr onde brotam lyrios perfumados de imaculada alvura.

Não invade o espirito de Fernandes Coelho um pessimismo destruidor de generosas energias.

O seu cantar é expontaneo e anima-se no fogo sagrado da inspiração.

Narra a sua fórma em moldes genuinamente portuguezes, afastando-se de influxos extranhos.

Por isso enfileira com honra, na nobre falange dos poetas, que, como Corrêa d'Oliveira e Teixeira de Pascoaes, admiraveis pantheistas, cantam a bellesa dos nossos campos, a magestade das nossas serras, a hora melancolica do por de sol, a alegria das roseas madrugadas, os thesoiros da alma d'este bom povo, a bailar contente e o sofrer resignado, sob a caricia luminosa do claro sol de Portugal.

Eduardo Pimenta

Quintanistas de Medicina

Recita em S. Carlos

Foi tão grande o sucesso obtido pelos quintanistas de medicina com a revista «Laparotomia Exploradora» representada há 2 mezes no Teatro Politeama, que se propõem fazer uma reprise d'aquela interessante revista, desta vez ligeiramente modificada.

A nova representação far-se-ha no Teatro de S. Carlos, no proximo dia 4 de Junho, revertendo o producto a favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Atendendo aos fins altruistas desta nova festa e á graça que sempre caracterisa as diversões dos estudantes de medicina, de esperar é que nessa noite S. Carlos tenha uma verdadoira enchente.

PELO TELEGRAFO

O pagamento pela Alemanha

BERLIM, 26.—Sabe-se de fonte digna de credito que o governo alemão, a fim de pagar o saldo do bilião de marcos-oiro pagavel antes do fim do mez de maio, remeterá para Paris, até ao dia 28 do corrente, em harmonia com os desejos da comissão das reparações 20 «bons» sobre o tesouro, aumentando a 10 milhões de dolars cada um, ou seja um total equivalente a 840 milhões de marcos-oiro, sendo os «bons» analisados pelos grandes bancos alemãis e pagaveis parte em Nova York, parte em Paris e parte em Londres.—(H).

A guerra turco-grega

CONSTANTINOPLA, 26. — Dizem de Angora que a ofensiva grega, que começou ha dois dias, não progride. Os gregos sofreram perdas serias.—(H).

O candidato á presidencia e vice-presidencia do Brazil

RIO DE JANEIRO, 26.—Os estados de Ceyar e Paraná aderiram tambem á candidatura á presidencia da republica do sr. Artur Bernardes, governador do Estado de Minas Geraes.—(A).

RIO DE JANEIRO, 26.—São candidatos á vice presidencia da republica Urbano Santos, Seabra e Bezerra, respectivamente governadores dos Estados do Maranhão, Bahia e Pernambuco.—(A)

Proeza d'uma aviadora

MONTEVIDEU, 26. — A aviadora franceza melle. Bolland efectuou um vôo de Buenos Aires a Montevideu em 141 minutos. Foi aqui recebida com grandes evações.—(A).

Mais uma gréve na Argentina

BUENOS AIRES, 26.—O sindicato dos chauffeurs protestou contra elevação de preços feita pelas companhias e, como tivessem alguns dos protestantes sido encarregados, suspenderam o trabalho.—(A).

As cordeaes relações entre as republicas americanas

BUENOS AYRES, 26.—Chegou ao Brazil a embaixada chilena presidida por Jorge Matte, ministro dos estrangeiros do Chile. Foi recebida por Puyrredon, ministro dos estrangeiros da Argentina e por todas as autoridades d'esta capital.

O presidente da Republica, Irigoyen, recebeu a embaixada em audiencia solene e a sua entrevista com Jorge Matte foi muito prolongada, extremamente cordeal e d'uma alta cortezia, tendo-se trocado discursos afectuosos. —(A).

CONSTANTINOPLA, 27—Os diarios extremistas do Angora continuam a sua violenta campanha contra o sultão desaprovando a tentativa em projecto para se obter a mediação das potencias para terminarem as hostilidades. Exigem tambem que seja submetido a processo Bekir-Sami Bey, delegado á conferencia de Londres, que negociou o acordo franco-turco. —(H).

LONDRES, 25.— Diz o «Daily Mail» que os aliados informaram o governo alemã de que toda a Alemanha será responsavel se a Baviera não tiver desarmado as suas guardas civicas em 30 do corrente.—(H).

WASHINGTON, 26.—Tem circulado nos ultimos dias o boato de se estar discutindo a formação de uma confederação da America Britanica, compreendendo o Canadá, Bermudes, Jamaica e Guiana britanica. Nos circulos autorisados não se obteve até agora qualquer confirmação d'esta noticia.—(H).

ATHENAS, 27—A resposta do governo grego á nota aliada, referente á neutralisação dos estreitos está já redigida e será entregue aos ministros aliados n'esta capital. O governo grego expõe n'essa nota o seu ponto de vista sobre a necessidade que o levou a exercer o seu direito de visita nas costas da Asia Menor e termina por exprimir a confiança de que a neutralidade proclamada pelos aliados impedirá os kemalistas de se abastecerem por via maritima.—(H).

TOULOUSE, 27. — Na proxima semana será lida a sentença do tribunal que julga a questão do testamento Dapene, que instituia herdeiro o Rei de Hespanha.—(H).

ROMA, 27. — A missão comercial russa solicitou os seus passaportes para regressar ao seu paiz.—(H).

ROMA, 27. — O sr. Giolliti estabeleceu já os termos do programa com que se apresentará á nova camara que são: Intervenção dos sindicatos nas respectivas industrias; liberdade de ensino; descentralisação de serviço. No discurso da corôa se fará convite aos socialistas em nome dos supremos interesses da Patria, para colaborarem com o governo.—(H).

A boa doutrina sobre Imprensa

Do ministerio do interior recebemos a seguinte nota oficiosa:

«O governo determinou a todas as autoridades o maximo respeito pelas leis reguladoras da liberdade de imprensa, não consentindo na apreensão de jornais, mas mandando processar aqueles que abusando da mesma liberdade sejam menos correctos com o venerando chefe do Estado e com as instituições republicanas».

Comissariado dos abastecimentos

Já se encontra em Lisboa e esteve hoje no ministerio da agricultura o engenheiro agronomo sr. João Braga, delegado dos abastecimentos do norte, que o ministro da agricultura convidou para comissario substituto dos abastecimentos, devendo tomar posse amanhã.

SEXTAS-FEIRAS

Letras a praso

A nova edição do «Secretario dos Amantes»

O coração das mulheres veste-se á moda.

A sensualidade feminina usa figurinos de amor, tal qual como os corpos usam figurinos dos «Vogue». Os escritores das mulheres são os «Poirets» do amor.

E' pois preciso, é pois indispensavel ir, a correr, actualisar a velha edição do «Secretario dos Amantes»—a biblia dos portugueses—e procurar pôl-a á epoca, de forma que as velhas receitas de amor se não sirvam a frio e que as minutas epistolares fiquem adequadas ás necessidades literarias do momento. No intuito, apenas, de divulgar as mais urgentes formas de cartas amorosas, tomo a liberdade de transcrever, já, tres especimens de seguro efeito, que me acabam de facilitar e pelos quais eu nada levo aos meus queridos leitores que se encontrem em apertos literarios de amor:

1.ª CARTA

Se a rapariga é um pouco... «Leviana» e admira o poeta Ferro, a declaração é «tout-court», fresca, sendo a seguinte formula muito eficaz em certos casos:

Querida Gata:

O meu coração — «side-car» da minha alma—sofre. Tem desarranjo no motor.

Afinal V. não é mais do que a minha gazolina. Ande, ponha-se em pé e venha comigo ao jardim botanico da minha arte, seja o «afiche-fiche» dos meus olhos e cole-se toda a mim com goma arabica—gomarabique-se a mim.

Se não vem, atraza-me a hora da Raça e perco o expresso das minhas expressões...

Se V. conhecesse o xadrez sonambulo do meu pobre coração, vinha jogar as damas comigo — embora o jogo das damas para os homens seja sempre o ganha-perde... Seja minha—ás riscas. Eu queria ser as riscas brancas da bandeira americana de que você fosse as riscas encarnadas. Venha comigo tecer uma bandeira —a bandeira branca da sua camisa de noite—As mulheres são a sua camisa de noite, sobretudo se não dormem com ela...

Se não pode, minha, amiga ser minha, mande-me então a camisa com que não dorme—a camisa da sua pele, e não lhe esqueçam os bordados «á-jour» da sua carne

o seu camiseiro agradecido

F.

P. S. A camisa das mulheres é o seu traje maximo. Como pode ser tambem o seu traje menor?

F.

2.ª CARTA

Se se dá o caso da pessoa visada ser uma Madame de alfabeto (X, J, Z) que leia Julio Dantas, será melhor empregar papel «Ambrerose», perfumado de Lubin e escrever a anilina verde. As cartas deste teor são fatais, especialmente se levarem «timbre d'armas sobre laque d'oiro»:

Minha boa amiga:

Escrevo-lhe entre um molho fresco de cravos vermelhos e uma velha faiança de Delft.

Na poeira doirada do horisonte da minha vida, como no «sfumato» vago de certos retratos de Columbano, eu vejo-a, sinto-a, palpito-a, estremeço-a, apalpo-a, amarroto-a, estrangulo-a...

Ah! minha encantadora amiga, os homens são a maior futilidade das mulheres...

Porque hontem me debrucei da minha Bena, no Chiado, para ver-lhe o seu «trottoir» de Redform, a minha amiga baixou o olhar e envolveu-se mais na floresta de neve dos seus arminhos de «chez Poiret.»...

Que mal lhe fizeram os meus olhos, que sentiu tanto frio? Quiz fugir-me.

Para quê? Se sabe que não pode resistir-me.

L'amour c'est toute la vie de la femme— disse-o Baudelaire, e a minha amiga, ainda não é, positivamente, uma flôr do mal...

Sai hoje á tarde no seu Hudson cinzento, ou prefere a elegancia sobria e «ancien-regime» da sua americana?

Traga o seu «Ulm» inglez, e apareça, minha amiga, pela tarde doirada, na penumbra do horisonte da minha vida...

Beija-lhe as mãos, contricto, o seu admirador resignado.

F.

3.ª CARTA

Como nota moderna, usam-se ainda para certas pessoas admiradoras de certo «poeta-misterio», cartas d'um certo amôr, «misterioso» tambem. Essas são escriptas a tinta palida e roxa, sobre papel marfim, e podem ter esta formula, para quem goste.

Amôr: Andei todo o dia a pintar-me de roxo, e a bebar, a beber, a beber...

Ai... Foi uma bebedeira de côr—da côr de veludo dos teus olhos...

Não me venhas ver, hoje, porque não tratei das unhas e os meus afagos teem de ser sempre dôces, e leves, e meigos, e finos...

Olha, amôr: A madeixa dos meus cabelos que costumas alongar nos teus beijos está triste, murcha, precisa de ti...

Vem, portanto, amôr...

Pinta os teus labios de roxo e retoca as olheiras de azul, que eu vou pulir de novo o esmalte das minhas unhas longas...

Espera-te, ao crepusculo,

o teu

F.

Pela copia, unicamente.

O HOMEM QUE PASSA

NOTA: Não deve ser preciso explicar que o cronista não tem pretenções criticas sobre as literaturas alheias, e que a necessidade de salientar estas epistolas do «Novissimo Secretario dos Amantes», só revela o facto da popularidade em arte dos tres escritores. E popularidade em arte, é, apesar de tudo, uma consagração.

O. H. Q. P.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

Roupa de Francezes

Bolonio e Picardia—A Revolução franceza e o adagio

Francezice e cousa fingida, mentirosa, d'onde só se aproveita luxo e gulodice. Por isto é velho o proverbio—portuguez pela vida e francez pela comida.

Picardia, região franceza, continua a significar traição, e aos que praticam ações indignas chamamos—picardos—com intenção pejorativa, sem mais se recordar o sentido geografico do vocabulo.

Em Gil Vicente, no auto das Fadas, entra um Diabo que fala em lingua estropeada a que o autor por desprezo chama lingua picarda.

Pergunta-lhe a feiticeira:

«Que linguagem he essa tal?
«Hui, e ele fala aravia!
«Olhade o nabo da Turquia!
«Falade aramá Portugal.

No auto da Fé, do mesmo poeta, representado em Lisboa, no Natal de 1510, diz Braz, um dos interlocutores:

«Bobo, és cama á por de ville,
«Chaqueada á la franceza.

E no Auto da Fama, representado no mesmo ano no Paço de Santos, entra um francez repassado d'espirito cómico, a desfazer-se em paixão pela Fama, que o repele com pungente desdem:

Francez: — «O Fama, por Nutra Dama,
«Si vus avés confiança,
«Y vendrés comi en França
«Vus portarez gran corona.

Fama: — «Avache cham!
«Não hei d'ir a França, não,
«Que esta moça é portugueza.

. . . .

«Francez, i—vos muito embora,
«Que isto he tempo perdido.

Mais adeante, diz o francez ao italiano:

«Por le cor de Diu sacro
«Que ela si barla di França.

Tambem modernamente, como n'outros tempos, não são Bolonios simplesmente os naturaes de Bolonha, mas os valdevinos despreziveis e repelentes.

Assim ainda o empregou o falecido poeta Gomes Leal, n'uma das suas satyras:

«Mas tu tão charro és...
«Tão bolonio e chatim que foste, etc. (2)

Por deante seria desnecessario levar as citações, já suficientes para demonstrar que ao lado da primitiva corrente de opinião favoravel aos francezes, se criou uma outra desfavoravel que veiu a prevalecer.

Assim o adagio creado n'um espirito optimista, acabou por ter um sentido desprezivel que no seculo XVIII o fez incluir no numero das espressões que a pureza da linguagem aconselhava a não mais dizer-se.

Não poude o preceito, porem, ser respeitado, porque o fenomeno que se dera durante a Edade Media veiu a repetir-se nos fins do seculo XVIII mesmo e principios do passado.

A Revolução franceza de 1789 despertara por toda a parte o entusiasmo e o amor pelos novos principios liberaes que o conservantismo em Portugal apodou de Jacobinagem.

Assim, com a corrente popular favoravel á França que proclamou os direitos do Homem, coincidia o espirito reaccionario do Estado Oficial, que as novas ideias vinham destronar.

Esta corrente pejorativa, não só se desenvolveu, mas generalisou-se com

o momento das Invasões francezas, que provocaram a fuga do Rei para o Brazil, e apressaram o periodo das revoluções constitucionaes, entre nós iniciadas em 1820.

As tropas invasoras, alem de insubordinadas, foram implacaveis no atravessar a Peninsula.

Rotas, esfarrapadas e famintas, não se contentavam com invadir os lares domesticos, e apoderar-se dos mantimentos e roupas. Tambem forçavam e prostituiam as nossas filhas, esposas e irmãs, com desdouro e ameaça das familias e das vidas.

Por isso em Portugal, quando chegou o momento de reagir, atiravamo-nos aos soldados invasores, como o gato ao bofe.

O grito unisono e rancoroso era por toda a parte:—mata, que é francez.

N'esta sanha de odio e rancor, as mulheres do povo chamavam indistinctamente a qualquer estrangeiro, fosse qual fosse a sua nacionalidade:—Diabo de francez!

Mostra-nos, pois, o estudo superficial d'este adagio varios ensinamentos, qual d'eles mais proveitoso n'esta ordem de trabalhos.

Por ele se verifica como um facto observado nos costumes ou no modo de ser de uma epoca, pode gerar um ditado que sucessivamente atravessa os seculos, mudando de sentido e prestando-se a uma grande variedade de interpretações, ora optimistas, ora pejorativas, cada vez mais divergentes do intuito inicial.

Por uma deploravel facilidade de generalisação inherente ás massas populares, tornam-se os nomes designativos de nacionalidades, indiferente e inconscientemente favoraveis ás vezes, mas desfavoraveis quasi sempre, graças ao espirito egotista que, para proprio engrandecimento, nos leva a deprimir tudo que está fóra de nós ou dos nossos.

E' assim que os nomes de Francez, Galego, Saloio, Cigano, Ratinho, Judeu, Moiro e outros, andam tantas vezes anexas ás ideias de inferioridade e amesquinhamento.

Esta observação leva-nos a crer que os nomes de nacionalidade terão sido tambem centros de formação de um certo numero de adagios, o que na continuação dos estudos examinaremos.

Tomando roupa por fazenda, embora a de Portugal não seja actualmente roupa de francezes, mas de portuguezes autenticos, verifica-se valer tanto, se não menos do que se o fosse.

Seria até das medidas mais acertadas, que os nossos estadistas autorisassem da França e partes anexas o livre transito, mas só de alguns dos tecidos que possam ainda faltar-nos, mas, principalmente e sobretudo, a livre importação de toneladas infinitas de Juizo, muito juizo, cuja escassez vae tornando a publica administração do Estado em autentica roupa de Francezes.

Ladislau Batalha.

(1) *Obras*, 1912,—II—
(2) *Fim de um mundo*—115

VIDA SPORTIVA

Sarau no Coliseu

Homenagem a dois professores de ginastica

Promovido por uma comissão de amigos e alunos, efectua-se em 31 do corrente, no Coliseu, em homenagem a Artur dos Santos e Levy Jenochio, um grande sarau, cujo programa é verdadeiramente sensacional, pois tem entre os seus numeros, trabalhos de vôos, tripip-trapezio, um vistoso numero de equitação, atletica por Manuel da Silveira, assombroso «recordman» do mundo, e um Jogo da Rosa, a cavalo, disputado por José Casimiro, D. Alexandre di Mascarenhas e outro notavel amador tauromaquico, numero este que, seguramente, vae ser a maior atracção e o «clou» da noite.

Por estes elementos, que são apenas uma parte do programa, se pode avaliar que o entusiasmo e interesse do publico serão enormes.

DIVORCIO

Em audiencia de hoje a que presidiu o juiz de Direito ex.mo sr. dr. Gomes Almendra, foi lida a sentença decretando o divorcio definitivo entre os conjuges João do Vale Correia e Aurora Pereira Cardoso, requerido pelo primeiro.

Festas associativas

SOCIEDADE PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR.—Ha amanhã recita no elegante teatro d'esta Sociedade, tomando n'ela parte o grupo dramatico de Lisboa-Club.

A provincia n' "A Capital"

PENACOVA, 25.—Forte trovoada pairou hontem nas regiões deste concelho durante 18 horas, causando bastantes prejuizos.

A parte baixa de Lorvão foi inundada causando estragos comerciaes no valor de alguns milhares de escudos.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

5822... 20.000$00
7344... 3.000$00
8619... 2.000$00

5821...	650$00	4424...	200$00
5823...	650$00	4566...	200$00
9013...	500$00	5414...	200$00
217...	200$00	6478...	200$00
1487...	200$00	7943...	200$00
2461...	200$00	6959...	200$00
3583...	200$00		

Theatros e Cinemas

S. CARLOS.—Rip, *opera comica de Meilhac e Gille—musica de Planquette*

Com uma lindissima sala realisou-se hontem a 1.ª recita de caridade anunciada para S. Carlos. A opereta «Rip» cantada e declamada em francez na adaptação de Meilhac e Gille da lenda do Irving sobre o capitão Hudson teve pelos seus inexperientes mas dedicados interpretes um desempenho gracioso. Os córos afinados, disciplinados com grande numero de elementos produziam optimo efeito, bem ensaiados e bem conduzidos.

A muzica sob a direcção de Blanc, teve uma orquestração brilhante. No desempenho individual destacam-se algumas bôas vozes e alguns desempenhos com scena muito apreciaveis. Os bailados a mise-en-scene com todos os cuidados deram um conjuncto agradabilissimo.

Não queriamos distinguir nenhuma das distinctas senhoras que entraram na «Rip», que seria demasiada injustiça não destacar a sr.ª D. Laura Reis Ferreira, em «travestis» cantando o longo papel de «Nick», e fel-o com uma inteligencia viva com graciosidade, a uma vozinha disciplinada e cheia de «nuances».

No papel da creada de «Nick», teve expressão e voz clara, desembaraço, a sr.ª D. Berta Guimarãis, bem como na «Kate» a sr.ª D. Arcelina Medeiros e em «Nelly» a sr.ª D. Maria Tereza C. e Silva.

A sr.ª D. Alice Bandeira Bastos presidiu aos bailados no papel de «Sedução», sendo de efeito a encenação artistica deste quadro.

No papel masculino principal, apresentou-nos uma voz bem timbrada, e uma facilidade grande de estar em scena o sr. Pedro Freitas Branco, mostrando os seus creditos de como o sr. Guilherme Caupers. No medico Ischalord tambem se destacou o sr. Joaquim Gomes, e com boa voz o sr. Perestrelo do Vasconcelos.

Em resumo uma noitada com cunho artistico, muito entusiasmo, muitas palmas e uma bela lição de francez... aos interpretes.

E, felicidade aos contemplados duma tão avultada receita.

A recita repete-se amanhã.

Armando Ferreira

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO S. LUIS.—*Festa artistica do tenor Fernando Pereira.*—**Boa Viagem**, *opereta em 1 acto original de Pedro Bandeira e Guedes Paz, musica de Neuparth e Kjolner.*

Quando um espectaculo termina ás duas horas da madrugada ja o espectador se sente aborrecido não só pela permanencia de cinco largas horas no teatro, mas principalmente por se lembrar que terão de dispender uma fortuna com o aluguer duma tipoia se não estiver disposto a transportar-se a casa *pedibus calcantibus*. Nestas condições o critico, que tambem é gente, já se sente igualmente fatigado e com pouca disposição para transportar para o papel as impressões que colheu da peça. Eis o motivo porque esta ligeira apreciação não poude ser publicada hontem.

Boa Viagem é um episodio campesino musicado ou melhor, um pretexto para a apresentação de alguns tipos de minhotos visto a acção decorrer-se numa aldeia do Minho, acção simples como simples são as suas personagens, tocando a nota do amor casto e puro de uma cachopa, a Lucinda, bem desenhada como sempre por Ausendo, e um cocheiro de guerra, ex-combatente da grande guerra, a que Fernando Pereira deu o relevo suficiente para agradar ao publico, não tendo esquecido os autores que a felicidade desses dois amôs deveria ser, ainda que por momentos, interrompida pelo negro ciume despertado por um alferes que emquanto descança na aldeia onde está de passagem, não se esquece de fazer pé do que é a moçoila. Este alferes nunca deveria ter sido desempenhado pelo sr. Armando Saraiva mas pelo sr. Armando Vasconcelos, visto que tinha de ser por um Armando, pois não tem quasi nada que cantar e, por emquanto o sr. Saraiva é *apenas* um baritono com uma excelente voz. Quando entrou em scenas, fez-nos lembrar que Gastão de Corneville fora mobilisado e se apresentava fardado de oficial miliciano...

De resto a peça resentia-se de falta de ensaios e apresentar-nos a extravagancia de um cocheiro *doublé* de paisano e militar pois que por debaixo do fato do primeiro, deixa ver, quando é preciso, a farda do segundo com a competente cruz de guerra.

A musica, talvez um pouco pretenciosa na abertura, apresenta-nos depois alguns trechos ligeiros e apropriados ao entrecho, agradando no conjunto.

Do *Reisinho* já está tudo dito quando se representou pela primeira vez. Fernando Pereira, muito bem assim como Aldina de Souza e todos os outros artistas especialisando Henrique Alves que apresentou um bom tipo comico, se bem que, por vezes, com certas reminiscencias de Pick K'ck. O festejado foi muito aplaudido pelo publico que quase por completo enchia o teatro.

Noticiario

Entre nós

Escreve-nos Carlos Leal protestando com a inclusão do seu nome nas «tournées» á provincia. Já esperávamos porque era justo. Era a Carlos d'Oliveira que nos referimos.

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h.—«Simone».
S. LUIZ—A's 21 h.—«O reisinho».
TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA—A's 21,15—«Dama das camelias».
GINASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
POLITEAMA—A's 21 h.—«Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h.—«Porto, tantos de bo...».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Trolaró».
COLISEU DOS RECREIOS.—A's 21 horas—Companhia Great Circo.
CINEMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

ULTIMA HORA

Conferencia Interparlamentar de Comercio

Reuniões preparatorias

A reunião preparatoria de hoje efectuou-se na sala do Senado. A ela assistiram delegados de varios paizes tendo-se tratado largamente a questão do cambio.

A discussão foi grande entre os delegados inglezes e francezes, tendo o sr. Chaumet proferido um discurso interessantissimo evocando os sacrificios da França e a sua dedicação pela causa dos aliados.

O sr. Carlos Gomes, delegado portuguez, tratou largamente o assunto, analisando-o sob o ponto de vista tecnico e comercial.

A segunda sessão plenaria

Ocupou-a completamente a discussão da these sobre «Cambio» que hontem não poude ser tratada. Como os jornaes da manhã noticiam, nas sessões preparatorias das respectivas comissões manifestou-se certa divergencia entre os delegados da França e os da Inglaterra quanto ás conclusões a apresentar.

Assim a apresentação da these e sua discussão foram transferidas para hoje. Era relator, o ilustre economista e financeiro francez Raphaël Georges Levy, que, impossibilitado de assistir aos trabalhos da conferencia, foi substituido pelo presidente da sua delegação sr. Chaumet.

O discurso d'este homem publico, desenvolvendo os pontos de vista e opinião do seu colega que, á ultima hora, teve de substituir, foi uma oração brilhantissima, varias vezes interrompida pelos applausos da assembleia.

O distincto parlamentar francez frisou as variações de cambios, no aumento da circulação fiduciaria, na carestia da vida, principal factor do extraordinario aumento de orçamentos, na falta de equilibrio existente entre importação e exportação sobretudo nas nações experimentadas pela guerra e na crise comercial e industrial em todo o mundo agravado pela depreciação dos titulos de Estado.

Terminou por apresentar as seguintes conclusões, que definem e sintetisam o pensamento da conferencia:

(1) Que os governos e os parlamentos inspirando-se, para dirigir os negocios publicos, nas resoluções de conferencia de Bruxelas se abstenham de emitir mais bilhetes de tesouro.

(2) Que os potenciais credores da Alemanha, obtenham todas as garantias quanto ao pagamento dos seus creditos, e que saibam munir-se dos meios aplicaveis desde já;

(3) Que pelo que respeita a emprestimos entre aliados contraidos durante a guerra, os governos aliados examinem de comum acordo as questões relativas aos seus creditos e á fixação equitativa do fecho do cambio.

Defendendo o ponto de vista britanico, falou sir Watson Ruthford.

A' hora a que encerramos este extracto está usando da palavra o delegado italiano Conde Beltoni.

POEIRA DA ARCADA

Cumprimentos ao ministro do interior

O sr. comissario geral de policia, acompanhado de todos os oficiais em serviço foi hoje apresentar os seus cumprimentos ao sr. ministro do interior.

A questão do pão

Esteve hoje no Governo Civil a conferenciar com o chefe do distrito uma comissão de industriaes de padaria acêrca das reclamações apresentadas pelo pessoal de lhe não ser pago o aumento acordado na ultima grève. A Companhia Industrial Portugal e Colonias e a Aliança comprometem-se a dar esse aumento logo que seja publicado o decreto sobre o preço do pão.

Noticias da Capital

SOUBE-LHE BEM, MAS AGORA...—Mas agora vae pagal-o duro, como os cães na cadeia, como é vulgar dizer-se. O caixeiro Domingos Hermenegildo Zacarte, morador na praia de Pedrouços, 100, loja, entendeu que devia gastar em seu proveito 90$00 que Julio dos Santos Ribeiro, do beco da Moeda, 4, 5.º, lhe tinha confiado para fazer umas compras. Ora a tentação é forte e a carne é fraca... e vae d'ahi, os dinheiro foi um ar que lhe deu, e lá está o Zacarte a contas com a policia e os tribunaes.

A LADRÃO DE CASA...—Não se póde esconder nada. Foi o que sucedeu a um tal José Manuel Dias, da rua das Madres, 25, 4.º, que se foi aonde sua mãe tinha guardado uma medalha de ouro e uma libra—elas não são bonitas e tão raras hoje em dia!—tirou-as e deu-as a um amigo que se encarregou de as vender.

Desnecessario é dizer que foi uma rasgada pandega, que vae ser amargurada, agora, porque a policia vae castigar-lhe que é muito feio o roubar sua propria mãe.

UM BRICA-BRAQUISTA...—Aqui temos um autentico bric-á-braquista, a quem tudo serve: colunas de ferro, latas, etc. Ora vejam lá se assim não é, visto que José Rodrigues Simas, da travessa do Livramento, se apropriou de 2 colunas de ferro e um par de latas pertencentes a Paulo Henrique Machado, de Almada. Como não tinha as devidas licenças para exercer o honroso mister, lá vae até ao palacio do conde Andeiro.

DE TUDO SE APROVEITAM.—São terriveis os ilustres amigos do alheio, aproveitando todas as oportunidades para exercerem a sua nobre profissão. Hontem, por exemplo, no ensaio do incendio que se deu nas escadinhas da Barroca, Antonio Dias Barradas, que já conta 12 prisões, e Francisco Antonio de Campos, com nada menos de 33, andavam, por engano naturalmente, metendo as mãos nos bolsos dos que tinham acudido a presenciar o espectaculo. Não estavam, porem, com mãos de sorte, porque as suas manobras, apesar de habeis, foram presenceadas pelos agentes da investigação Veríssimo e Amado, que manobraram de tal maneira que os dois lhe caíram nas mãos.

Nem sempre, força é dizel-o, só é bem sucedido nas manobras que se emprendem.

A policia trata de vêr se descobre quem foi a alma caridosa que alliviou o chauffeur Manuel Faria Branco d'uma carteira com 370$00, emquanto ele estava tranquilamente comendo um ordinario jantar no restaurante Minho, na rua Vasco da Gama.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Tratado de contabilidade.—Da casa Ventura Abrantes, da rua do Alecrim 80 e 82, acaba de aparecer a 2.ª edição d'este tratado, da autoria do distincto guarda livros sr. Ricardo de Sá. Um grosso volume, com todas as indicações necessarias a quem se dedica a carreira comercial. Basta o facto de ser segunda edição para dizer o seu valor.

Estatistica Demografico-sanitaria.—Recebemos os boletins d'esta estatistica relativos aos mezes de junho e julho de 1919, quanto ao Porto, e março e abril de 1920 quanto a Lisboa.

Instituto de Arroios.—Foi agora publicado o relatorio da 3.ª secção sobre a reeducação profissional dos mutilados de guerra, pelo qual se vê quanto no Instituto se trabalha. Já por mais d'uma vez a imprensa largamente se referiu a esse trabalho, para que necessitemos dar maior desenvolvimento a esta noticia.

Historia da colonisação portugueza no Brazil.—Em um pequeno opusculo recebemos e agradecemos a conferencia, com este titulo, realisada pelo ilustre escritor sr. Carlos Malheiro Dias no Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro.

Camara Portugueza de S. Paulo.—Do boletim mensal d'esta agremiação, que tantos serviços presta aos nossos compatriotas, recebemos os numeros correspondentes a fevereiro e março findos.

A CAPITAL

3793 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Sabado, 28 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Preço, 5 centavos

Contingencias graves

Continuam a circular com insistencia boatos de novas perturbações. Ha ahi quem fixe praso, e praso muito breve, para a eclosão dum movimento revolucionario.

Dificilmente se encontrará sequer pretexto, quanto mais justificação, para um movimento dessa especie.

Porventura não está no poder um governo legitimamente constituido? E' ou não é esse governo composto de republicanos sobre cuja lealdade ás instituições não podem levantar-se duvidas? E se esse governo está no poder não foi com a absoluta concordancia do partido democratico que é considerado o mais radical da Republica, o qual lhe garante um apoio firme e seguro?

Se formos a erguer suspeições sobre todas as forças politicas da Republica, com quem podemos então contar para manter o regimen?

No partido liberal estão hoje conglobados os antigos partidos unionista e evolucionista com alguns elementos do antigo partido centrista. Pois já se põz em duvida o republicanismo desse partido. Dentro em pouco o mesmo se fará em relação ao partido democratico. Não vêem como se reduzem as forças da Republica?

De resto, outros grupos republicanos teem já sido alvo de identicas suspeições. Os reconstituintes, por exemplo, esqueceram já a maneira como eram recebidos nos seus comicios, a ponto tal que uma vez o sr. Alvaro de Castro teve de bradar que não é republicano quem quer?

De exclusão em exclusão, chegariamos a concretisar n'uma infima minoria a massa republicana do paiz, o não é assim, porque o paiz inteiro está hoje republicanisado.

Pelo que deixamos dito, verifica-se facilmente que as tentativas revolucionarias em que se fala não teriam legitimidade nem em face dos principios nem em face da opinião republicana.

De resto, semelhantes tentativas, logo que se esboçassem, assumiriam uma significação extremamente grave.

Ninguem ignora que a certa altura, durante os ultimos acontecimentos, perante um governo demissionario, e sem ainda existir outro que o substituisse, os comandos de várias unidades do exercito não viram outra auctoridade a que sujeitar-se que não fôra a do supremo magistrado da nação, o sr. Presidente da Republica.

Longe de estar cocato, o sr. Presidente da Republica não só foi livre na sua acção individual, como ainda dirigiu a acção de todas as forças militares do paiz.

Não houve uma unidade, no exercito ou na marinha, que contra ele se rebelasse, todos venão n'ele a incarnação da propria Republica.

O que se fez, fez-se por intervenção do sr. Presidente da Republica. O que está, está porque o sr. Presidente da Republica, dentro das suas prerogativas constitucionaes, assim o decidiu.

Se amanhã se desenhasse um movimento revolucionario, esse movimento não iria atingir só o governo: alvejaria, em pleno peito, o sr. Presidente da Republica, guarda da Constituição do Estado.

Se ainda se não abstrahiu da faculdade da reflexão, é preciso reflectir. Um passo mais, e será a suprema magistratura da Republica que nós veremos subversivamente posta em cheque.

POLITICA

Os novos governadores civis

Até agora estão nomeados os seguintes governadores civis: de Vila Real, dr. Alfredo Machado; de Vizeu, dr. José Marques Loureiro; de Braga, dr. Arminio de Faria; da Guarda, dr. José Maria Cardoso; da Guarda, dr. Joaquim Desterro d'Almeida; de Faro, capitão de fragata José Mendes Cabeçadas Junior; de Leiria, dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo; de Evora, dr. Antonio Portugal; da Anta, dr. Manuel Francisco das Neves, e de Ponta Delgada, Francisco Luiz Tavares.

"Os Sports"

O numero de amanhã apresenta-se ilustrado e com magnifica colaboração

O numero de amanhã do «Os Sports» que é posto á venda hoje á noite, apresenta-se magnificamente ilustrado e com colaboração cheia de interesse, alem da parte noticiosa, tanto do paiz, como do estrangeiro.

A pagina teatral dos domingos vem esplendida, com colaboração de Armando Ferreira, Henrique Roldão, Marinho da Silva, José Tocha, Oliveira Guimarães, etc.

VIDA ARTISTICA

A exposição de pintura e desenho dos artistas Fernando David, Paulo Aldemira e Mario Santos, no salão Bobone, encerra-se amanhã. Tem sido muito visitada e adquiridos bastantes dos quadros expostos.

A Conferencia Internacional de Comercio

Na sessão plenaria de hoje encerraram-se os trabalhos, sendo o nosso paiz vivamente saudado

Sessão preparatoria do Conselho Geral da Conferencia

Nos termos do artigo XV dos estatutos da Conferencia parlamentar internacional de comercio, reuniu hoje pelas 9 horas o Conselho Geral sob a presidencia do sr. Melo Barreto, secretariado por Mr. Eugene Baie.

Assistiram a esta reunião os seguintes delegados, K. T. Kono (China), Eloy Bullon (Espanha), Chaumet (França), Paul Delombre (França), Francis Lowe (Inglaterra), Watson Rutherford (Inglaterra), Jonh Raredies (Inglaterra), Kanakaris Roufo (Grecia), Joseph Mallak (Grecia), Angelo Pavia (Italia), Barão Kanta (Japão), Stanislas Brun (Polonia), Radziszewsky (Polonia), Herculano Galhardo (Portugal), Uhlir (Tcheco-Slovaquia), o ministro da Servia em Lisboa.

O sr. Melo Barreto foi eleito por aclamação presidente honorario do Bureau de Bruxelas, tendo nas mesmas circunstancias sido eleito secretário geral o sr. dr. Baltazar Teixeira.

Entre outros assuntos, foram aprovadas as seguintes conclusões da tese do professor Francisco Antonio Correia.

1.º—Que a intensificação do ensino comercial superior deve ser considerada como condição indispensável de expansão economica;

2.º—Que se exija do pessoal diplomático e consular uma alta cultura comercial para poder agir com vantagem sob o ponto de vista politico, economico internacional.

Por proposta do sr. Melo Barreto foi adoptada a ideia da realisação de uma conferencia vinicola internacional, de acôrdo com o expendido no congresso dos sindicatos agricolas de Coimbra.

Esta obra a realisar-se é tanto mais notavel quanto é certo que provindo de uma sugestão de portuguezes, visa em grande parte a defeza dos interesses nacionaes pelo que respeita á crise vinicola que atravessamos.

Foi deliberado que a proxima reunião do Conselho Geral se realise em Bruxelas no dia 10 de Outubro.

Sobre a reunião da conferencia resolveu-se que ela se efectue em Italia, não ficando assente se será em Roma ou em Veneza.

Antes de terminar a reunião, o sr. Karr, tesoureiro do conselho, apresentou as contas relativas ao ano findo que foram aprovadas por unanimidade.

Trocaram-se ainda impressões sobre assuntos internos da conferencia encerrando-se em seguida a sessão.

O conselho geral resolveu tambem dirigir ao Rei dos Belgas e ao sr. Gaspar, ministro dos negocios estrangeiros, uma mensagem de reconhecimento pelo apoio eficaz que prestaram ao Instituto Internacional do Comercio.

A 3.ª sessão plenaria

A' sessão plenaria, que começou cerca das 10,30, presidiu o sr. Melo Barreto, estando na sala muitos congressistas de varias nacionalidades.

O sr. Melo Barreto, participou á assemblêa o que se havia passado na reunião do Conselho Geral, sendo muito aclamado ao comunicar que tinha sido escolhido para presidente honorario desse Conselho.

O ilustre professor belga, mr. de Leener, relatou a sua tese sobre «Transportes, caminhos de ferro e vias navegáveis», apresentando, depois de um brilhante discurso, o seguinte projecto de resolução:

«A Conferencia parlamentar internacional do comercio:

Emite o voto de que as tarifas combinadas com expedição directa por caminho de ferro e por agua sejam multiplicadas nas relações internacionaes. Para isso, recomenda ás administrações de caminho de ferro que negoceiem com as empresas de navegação interior, para concluir acordos neste sentido e estabelecer tarifas combinadas nas principaes direcções de transportes susceptiveis de tomar a via fluvial, e convida os governos interessados a encorajar e secundar estas iniciativas.»

Sobre o assunto da tese defendida por mr. de Leener, falou o delegado tcheco-slovaco mr. Vanek.

Mr. Halot, chefe da missão belga, informa a assembleia do estado de todos os assuntos pendentes na actual reunião.

Assim, em sua opinião, a parte não tratada da questão «Transportes», deveria ser tratada na proxima reunião da Conferencia, devendo no entanto ser consultado o Comité Maritimo Internacional de Anvers.

O secretário geral da Conferencia, lê na mesa a proposta apresentada pelo senador portuguez sr. Oliveira Santos:

Bacia Convencional do Zaire

A conferencia exprime o voto:

a) Que nos paizes interessados no trafego comercial atravez as fronteiras terrestres em Africa, onde vigora o regime especial da bacia convencional do Zaire, seja adoptado entre eles e em harmonia com os beneficios comuns resultantes dessa convenção, as arterias terrestres fluviaes ou maritimas mais convenientes ás relações comerciaes desses paizes;

b) Que os portos d'Angola, sob o regime do alto comissariado portuguez, tendam a assegurar uma regular circulação das mercadorias entre os paizes que gosam das vantagens da convenção citada e ainda entre esses pontos e os outros portos portuguezes do Atlantico.

Esta proposta foi aprovada.

O delegado polaco e professor da universidade sr. Radziozevski, defende a sua tese sobre «Arranjos comerciaes», apresentando as seguintes conclusões:

A Conferencia interparlamentar do comercio, recomenda aos governos o seguinte:

I) Sair o mais cedo possivel do actual estado de coisas, faltando tratados de comercio e entendimentos comerciaes que é necessario restabelecer;

II) Evitar nos entendimentos comerciaes textos ambiguos que possam dar logar a interpretações abusivas, não devendo admitir-se acordos suplementares secretos;

III) Insistir para que os entendimentos comerciaes já concluidos, sejam registados no Instituto Internacional de Comercio.

IV) Para que este Instituto elabore um tipo de entendimento comercial recomendavel a todos os estados;

V) Para que a clausula de nação mais favorecida se mantenha entre os nações aliadas;

VI) Recomendar a supressão de acordos secretos de exportação que sejam contrarios á intenção dos contratantes;

VII) Velar o mais possivel, porque as tarifas fluviaes não sobrecarreguem muito os produtos de consumo indispensaveis e em particular as materias primas;

VIII) Permitir aos capitalistas extrangeiros, fundar estabelecimentos e empresas na mais larga escala, apoiando-se a mesma concessão com a condição de salvaguardar os direitos e prescrições que existam ou venham a existir no paiz onde os capitaes se empregam.

A proposito da 6.ª conclusão desta these, estabeleceu-se um dialogo entre o seu relator e o ilustre economista francez Mr. Delombre que combateu a redacção apresentada pelo delegado da Polonia, chegando-se finalmente a acordo depois de alguns minutos de discussão.

Encerrando os trabalhos da conferencia, o sr. Melo Barreto proferiu, em francez, o seguinte discurso:

Tendo terminado os trabalhos da setima assembleia plenaria, devo acentuar o sucesso que esta conferencia revestiu, tendo sido estudados os problemas inscritos em ordem de dia com o mesmo espirito de harmonia e solidariedade que marcou as conferencias de Paris, Roma, Londres e Bruxelas. Tanto no seio das comissões como em sessões plenarias, falaram os nossos mais eminentes colegas, dando á conferencia a sua preciosa colaboração, de forma que esta pouco realisar a obra fecunda que se esperava da alta competencia dos seus membros não só para tratar dos interesses dos nossos paizes como também para trabalhar a favor do bem estar geral...

Ao encerrar esta assembleia plenaria, felicito e agradeço novamente a todos os congressistas que concorreram para o sucesso dos nossos trabalhos, não esquecendo, de entre eles, o mais precioso e devotado, Mr. Eugene Baie, o grande organisador cujo tacto e clarividencia são incomparaveis.

Para assegurar o sucesso da nossa obra, com nas anteriores assembleias muito devemos ao poder, que foi a alma das conferencias de Lisboa emprestando-lhe toda a sua influencia e autoridade.

Na qualidade de presidente do «Comité» interparlamentar portuguez de Comercio e na qualidade de ministro da Republica, agradeço-lhes a honra que me deram presidindo a estes trabalhos.

O sr. Chaumet (francez), felicita o sr. Melo Barreto pela maneira como organisou os trabalhos da Conferencia e sobretudo pela forma magistral porque conseguiu presidir a estas assembleias. Pede ao Melo Barreto para transmitir as suas felicitações e os seus agradecimentos ao parlamento e do Governo.

A's associações comerciaes e agricolas do paiz deve agradecer tambem em nome dos congressistas a recepção cordealissima que souberam fazer-lhes. Para M. Eugène Baie, para todos os colaboradores do sr. Melo Barreto, bem como para a Imprensa as saudações, suas e dos congressistas, exprimindo o agradecimento geral.

M. Angelo Pavia (italiano), faz um discurso calmoso e brilhante agradecendo a Portugal o acolhimento que fez aos congressistas extrangeiros. E' necessario, afirma, completar a obra começada nos campos de batalha e é para isso que as conferencias do comercio se realisam. Refere-se ao sacrificio de Italia e á sua dedicação pela causa dos aliados, exaltando n'um belo rasgo oratorio as belezas da sua terra e a heroicidade dos seus soldados.

Reunir-se-ha na Italia a proxima conferencia. Anima-o a esperança de poder retribuir o acolhimento admiravel que em Portugal lhe fizeram.

(M. Elvy Bullon (espanhol). Sente-se honrado por ter participado dos trabalhos desta conferencia. Alem das fronteiras e dos interesses particulares, ha a comunidade de ideias e de pensamentos que é a razão deste esforço comum de trabalho a favor do bem da humanidade.

Felicita o sr. Melo Barreto pela inteligencia e pelo esforço que fez na realisação desta assembleia, unindo no seu nome o do secretario geral M. Baie que tão bem o secundou.

Em seguida num rasgo de eloquencia vibrante, afirma o amor do seu paiz por Portugal, a sua intensa amizade, a sua nunca desmentida cordealidade.

Em Espanha é com todo o afecto que se veem as prosperidades de Portugal. Não podia deixar de assim ser tratando-se de dois povos com um passado historico identico, quasi irmão.

Sir Watsen Rutherfors (ingles) afirma tambem a sua amizade e a do seu paiz pela nossa terra, agradecendo ao sr. Melo Barreto e a M. Baie a forma superior porque souberam organisar a conferencia.

M. Bertrand, (belga) em nome da elegação do seu paiz agradece também á comissão organisadora e ao governo portuguez a maneira admiravel como foram acolhidos em Portugal os congressistas extrangeiros. Agradecendo ainda o acolhimento feito em Portugal aos congressistas, falaram os M. Kanda (japonez), Uhlir (tcheco-slovaco), Pavitchevitch (tcheco-slovaco) e Radzizcosky (polaco), encerrando a sessão o sr. Melo Barreto no meio de grandes aclamações.

A festa de amanhã no Estoril

Em honra dos congressistas da Conferencia Parlamentar do Comercio, realisa-se amanhã, como já noticiamos, no Parque Estoril, com o auxilio da Sociedade Estoril uma linda festa, sendo-lhe oferecido, no «hall» do estabelecimento termal, um banquete, abrilhantado por uma orquestra.

A festa no terreno fronteiro ao «hall» é á moda do Minho, com arraial, jogo de artificio e concertos musicaes por trez bandas regimentaes.

Para assistir ao festival a Sociedade Estoril estabeleceu um serviço extraordinario de comboios ascendentes desde Lisboa 18, 30 rapido 18, 40 19, 35 21 21, 10 e descendentes 22, 36 0, 5 especial 0, 21 0, 31.

A entrada no Parque Estoril é livre.

A entrada no Terreiro do Grande Hotel do Parque e no Terreiro do Estabelecimento Termal é feita por cartões de convite que serão distribuidos pela Sociedade Estoril á qual devem ser pedidos.

A entrada no Grande Hotel do Parque é feita com bilhetes azues, distribuidos pela Sociedade Estoril.

A Imprensa tem entrada livre nos Terreiros e no Grande Hontel mediante a apresentação dos cartões de identidade.

Nas ruas do Parque são permitidos os ranchos e grupos dançantes.

Sonho do Marques, um empregado de livraria

Foi n'uma Noite de Sonhos, á luz do Ultimo Lampadário. Marques, e Maria Abérola, ele feito Milionario Artista e ela uma Leviana, Gente Namorada, encontraram-se Na Porta da Havaneza. Ali ao pé, mesmo A' Esquina, Eurico o Presbytero e Os Maias com Correspondencia de Fradique Mendes, as Cartas a um Estheta e o Jornal d'um Rebelde e discutiam Em Voz Alta e Em Voz Baixa Como Elas Amam...

A' Janela, mesmo encostado Ao Papapeito, Mario, o famoso Guerreiro e Monge da Campanha Vicentina, contemplava a Paysagem de Orchideas e a Serra de ver no Alto, Os Gatos em Idylio Rustico e, entre a Gente da Rua, Os Namorados Marques e Maria Abérola.

No Ar livre voltavam Abelhas doiradas e uma Borboleta; e a Menina dos Olhos Castanhos Da Braço dado com D. João, ambos muito Comicos, Ia De Regresso ao Beco do Falaveso onde cada Noite desenrolára A' Luz da Ribalta, mais Um Acto da sua Eterna Comedia.

Marques, fardado do Conde do Farrobo, sem Coleto, e Maria Abérola com o Vestuario das Donas dos Tempos Idos, quasi Embrechados, juravam pelas suas Espadas e Rosas que na proxima Hora do Instincto trocariam O Primeiro Beijo. E Para quê? Para fazerem as suas Despedidas, Marques parte Amanhã Por Ali Fóra, talvez até ás Ilhas de Bruma E Maria Abérola, Doida de Amor, não pode ficar Só n'esta Lisboa Tragica ao mesmo se entregará á Vertigem de umas Viagens na minha Terra, talvez mesmo Do Campolide a Melrose.

E continuaram a conversar. Já não era de Amor. Agora só Palavras Cynicas, Suspiros d'Alma que Marques deve com o livio de Tristes Recordações, A Saudade Portugueza de quem se sente no Outono da Vida, a Envelhecer, sem ter realisado a Gloria Humilde de uma Peregrinação por esse Jardim dos Tormentos que é a Ilha dos Amores. A sua Alma e Lenda era um Campo de Ruinas onde já não batia O Sol que nasce... Mordaba-lhe como Ferro em Braza como Faiscas de um Fogo morto, a Historia de um Fogo morto que lhe ardera Pela Vida Fóra.

Cahiam Neves de Antanho na Outra Banda do Castello ...de Amor. Ouvia-se na Praça Nova de Camões, o Gato da Cigarra. Do Céu, misturando-se as Claridades do Sul e aos Raios d'Extincta Luz, um magnifico Luar de Janeiro, em Vingança do Interlunio, mudava em Trevas Luminosas o Verão Escuro da alma simples de Marques.

N'isto, Marques o Milionario Artista sente que lhe roubam A Carteira do Artista. Olha Entre a Multidão de Gente d'Algo que está Em redor e vê o Francisco Rodrigues Lobo, chefe dos Seiscentistas, que ainda tem metidas as Mãos da Vida, isto é fazer O Conto do Vigário á Mulher de Luto, para lhe subtrahir as Cartas a uma Noiva. Corre a raz d'ele, já encontrou na primeira dente do palmo o meio e em Os Ultimos, provocando-lhe A Alegria, a Dôr e a Graça, mas já não o apanha. Sem Remedio vence-o A Morte da Emoção porque vão cahir outra vez n'um Nivodo Pobre.

N'esse momento afflictivo dá-se O Desperar!

Já era Ante-Manhã.

B. de V.

A caminho da Promissão

A normalisação aproxima-se, apesar dos manejos de banqueiros, bolsistas e comerciantes

DOIS FACTOS DE PER SI ELOQUENTES

Se os profissionaes da usura fossem vencidos pela conta em aberto dos cincoenta milhões de dollars, ou por um emprestimo, ou mesmo se os governos souberem tirar partido da reparação que recebem da Alemanha, deixando por uma vez de serem o padeiro da nação, com as cambiaes extinctas, tudo mudará de aspecto e de natureza.

Suponha o leitor que a America nos surge as necessidades do nosso mercado, como nos é proposto, que o ouro das reparações entra directamente, ou por emprestimo sobre ele feito, que o premio da libra como consequencia necessaria destes valiosos suprimentos, e de os governos já não recorrerem ás casas bancarias decresce; que chegamos a tê-la a 20 a 15, a 10 escudos... as assuadições, aquelles que forpemente, cobardemente foram pôr os seus depositos no estrangeiro, reparando n'essa inabilidade, volverão com os capitaes.

Esse ouro estagnado a um juro baixissimo lá fóra, podendo ter aqui mais avultado lucro em qualquer empresa, virá inundar a nossa já então prospera situação financeira.

N'esta altura já as subsistencias que vão descendo gradualmente, terão chegado ao minimo possivel, e o Estado aliviado por um lado com todos os suprimentos, olhando para o seu funcionalismo militar e civil e vendo-o com a vida barateada e facil, irá por seu turno retirando-lhes subvenções e reduzindo assim o seu orçamento de despezas.

Será o «El-dorado» para nós todos para este rincão fertil e bem aproveitado, detentor de ilhas uberrimas e de colonias que o podem encher de riquezas. E tudo isto por um simples incidente d'ordem financial: a libertação,—por uma conta em aberto, ou um emprestimo,—dos ignobeis sugadores, açambarcadores perversos que alteiam artificialmente o premio de ouro para se fazerem milionarios.

A isto chegaremos quer eles queiram quer não. Já não ha «trucs», nem pressões sejam de que ordem forem que o evite. A realidade, a dura realidade para elles os empurrará para o enxurro onde já deviam estar ha muito. O mal que eu, aqui tenho assoalhado esteve muito generalisado. Não se deu só comnosco. Todos os aliados o puzeram em pratica. Não foi só das trincheiras que se fugiu.

As deserções, os emboscados, não apareceram unicamente no campo belico. Houve verdadeiras fugas, verdadeiros tragicos receios no campo da finança.

Assim, os medrosos não fugiam com as mãos a abanar; levavam comsigo os seus tesouros, escondidos, encobertos, disfarçados, como aquele anão do Niebelungen que Sigfried um dia despojou.

O resultado foi que a Espanha, a Holanda e a Suissa ficaram a abarrotar de ouro. Mas as reparações ahi veem, a confiança no equilibrio financeiro dos beligerantes aliados resurge e a não ser a Holanda que «se sufi», dias menos fartos chegarão em breve aos neutros, á medida que os francezes e os inglezes, os timoratos,—requirirem serenidade e que os portuguezes sem vigio vão ganhando o geito do verdadeiro estado das coisas portuguezas, aqui tão altamente afirmado, sem a possibilidade de objecções.

E' a este estado geral, cuja plataforma só os cegos da usura podem supôr iludivel, que os pataratas da nossa finança não podem pôr um freio. Eles poderão talvez forçar a nota até ao ponto de impedir que qualquer governo ultime aceite uma conta em aberto, um emprestimo; poderão mesmo conseguir a continuação dessa especie de sortilegio que lhes tem dado o exclusivo do fornecimento do ouro, para as acquisições que o Estado se obstina em fazer: trigos e carvão.

Mas o que eles não conseguem, porque isso está acima das forças individuaes, por maior poder de sedução e suborno que os anime, é paralisar, deter a marcha dos fenomenos naturaes da economia geral que as reparações estão inaugurando.

A França, coitada, bem amargura da estava, e, como nós, via com funda magua as medidas de tributagem que tinha de impôr aos seus cidadãos para não se asfixiar. Ainda ha pouco ela teve de mandar dezesseis milhões sete centos e quarenta mil francos em ouro para os Estados Unidos, ela, a depauperada, a mutilada durante quatro longos anos de guerra e invasão. Viu-se que a França não podia mais, precisava de cobrar as reparações absolutamente, absolutamente não podia pagar mais.

E hoje? Agora quem por lá já sabe interpretar estes movimentos de economias, reganha confiança e vamos de certo assistir ao recolher a penates de muito ouro francez existente em terras d'aquem Pyrinéos.

E' o equilibrio que volta; são os aliados que retomam o siso. Portugal terá de sentir os efeitos deste retornar de credito, deste golpe no monopolio dos depositos até aqui apenas aos autriotes aos paizes neutros, o com emprestimo ou sem ele a hora das ganhuças está a terminar.

Acudam-lhes á vontade; não é possivel contrariar as forças da natureza e as leis sociaes como as economicas são tão inabalaveis e iniludiveis como as que regem o equilibrio dos corpos.

E ainda bem que assim é gritarão os que anceiam por desafogo no meio do praguedo e dum floresta de punhos cerrados e da colera verde dos banqueiros, comerciantes e bolsistas industrialisados, a quem o tablado vai faltando de dia para dia.

Que os leve a breca, pois eles foram os abutres dos povos em conflagração e os tuberculisadores, no tempo que se lhe seguiu.

E para concluir, por hoje, veja o leitor dois casos comprovativos do que tenho escrito:

A corôa austriaca está servindo na Suissa para rotulos das garrafas de cerveja, por ser o papel mais barato que se encontra naquele mercado; em papel comum custaria 1 centimo cada rotulo.

Os espanhoes estão comprando todos os escudos que aparecem na fronteira, e sabem a como? Dando uma peseta por cada escudo; não obstante a peseta está cotada a 1$20!

E' a forte realidade a sobrepôr-se ao ilusionismo das cotações oficiaes.

D. Thomaz de Noronha.

A questão da Alta Silesia

As negociações para a solução do problema.—O que pensa o governo francez

PARIS, 27. — Prosseguem com toda a actividade as negociações entre as chancelarias de Paris, Londres e Roma, para a regularisação do problema da Alta Silesia. As passo que o Lloyd George reclamou logo no dia seguinte ao da insurreição a partida do territorio da Alta Silesia pelo conselho supremo, o sr. Briand aceitou em principio a reunião do conselho supremo depois do debate parlamentar em que estava empenhado, para que os tecnicos pudessem apreciar proviamente o problema, de forma a fixar uma solução, tendo em atenção os pontos de vista politico e economico.

Parece que os meios autorisados francezes acolheriam de boa vontade a constituição de um «comité» interaliado de juristas e tecnicos economicos com o fim de desembaraçar a questão do seu lado economico, deixando ao conselho supremo a solução do lado politico. A este respeito a Agencia Havas julga saber que os peritos francezes estão actualmente examinando os detalhes praticos indispensaveis para que a sua reunião possa produzir resultados completos e sucesso do assunto.

Por outro lado os governos francez e inglez pela proposta transaccional do conde de Sforza, ministro dos negocios estrangeiros do governo italiano, não é improvavel que só ptem essa proposta, que consiste em proceder-se a treis gabinetes troca de vistas entre os governos e submeter depois o resultado á ratificação do conselho supremo, ficando os detalhes para serem examinados e submetidos á decisão da conferencia dos embaixadores.—H

PELO TELEGRAFO

A liberdade de importação de trigos

PARIS, 27.—A liberdade da importação dos trigos, a que já nos referimos, deve começar a vigorar no dia 1 de Agosto proximo.—(H).

Bolsa fechada

NEW YORK, 27.—A bolsa do algodão e café está amanhã fechada.—(H).

Os candidatos á presidencia da Republica Brasileira

RIO DE JANEIRO, 25—Os Estados de Amazonas e do Rio Grande do Norte adhiriram tambem á candidatura á presidencia da republica do sr. Artur Bernardes, governador do Estado de Minas Geraes.

Os deputados do Estado de Pernambuco apresentam a candidatura á vicepresidencia da Republica de José Bezerra governador do mesmo Estado—(A).

Banquete diplomatico

MADRID, 28.—No ministerio dos estrangeiros celebrou-se um banquete oferecido pelo ministro ao nuncio de Sua Santidade, Ragonesi, e ao embaixador dos Estados Unidos que brevemente se ausentará de Hespanha.—(A).

Temporaes em Hespanha

SARAGOÇA, 28—Um grande temporal fez transbordar o Ebre e alguns dos seus afluentes, produzindo danos enormes, arrastando as aguas alguns cadaveres.—(A).

SEGREDOS A TODA A GENTE

Raparigas

Eu tinha ido assistir a um Garden-party. Lembro-me como se fosse hoje. Estava uma d'estas tardes admiraveis que só Lisbôa conhece e que dir-se-hiam encomendadas propositadamente pelas mulheres morenas para lhes atenuar a sombra roxa das olheiras e para lhes realçar a tonalidade quente e doirada da pélle. Uma multidão colorida e bulicosa palpitava, conversava, sorria na sombra fresca das arvores. N'isto n'uma pequenina meza, ao lado da minha, tres raparigas que eu já conhecia de vista—as mulheres bonitas conhecem-se sempre de vista—chamaram a minha atenção. Olhei-as primeiro com curiosidade—depois com insistencia. Não falto á verdade se lhes disser ao ouvido que uma d'elas me impressionou vivamente—e não pude deixar de fazer notar a dois rapazes amigos que me acompanhavam—as olheiras d'ella, quasi negras e quasi roxas, a polpa doirada e quente da sua pélle, os traços vermelhos dos seus labios a pequenina mancha do colo na espreitando na janelita verde do decote.

Já repararam? Tres mulheres quando falam do mesmo homem discordam sempre: trez homens quando falam da mesma mulher nunca deixam de concordar. Cinco minutos depois a curiosidade que nos aproximára—fizera de nós todos velhos conhecidos.

— Acho-a encantadora, sabe?

— Você diria o mesmo ainda que o não pensasse.

— E você pensa o mesmo embora o não dissesse.

O perfume d'ella envolvia nos, acariciava-nos, penetrava-nos como se uma chuva de rosas cahisse n'essa volta.

— O que é que você pensa dos homens?

— E' dificil responder.

— Mas responda, ande.

— Penso que são anjos.

— Ah! sim. Então teem-lhe voado todos?

— E o que é que você pensa das mulheres?

— O mesmo que nós pensamos todos.

— E o que é que vocês todos pensam?

— O mesmo que eu penso.

— E o que pensam você e os outros.

— A mesma coisa.

— Os homens são detestaveis.

— Ainda ha pouco lhe chamou anjos.

— Referia-me a esses seus amigos.

— Porque não dizem nada.

— Não. Porque dizem tudo.

— Você namora?

— Namôro. E' engraçado. Quer vêr. Começo sempre os namoros pelo meio.

— Para quê.

— E' uma maneira de saber como acaba—aquilo que nunca principiou...

Luiz d'Oliveira Guimarães.

NOTAS FALSAS

BONECAS

Uma pequerucha, loirita e faladora como todos os pequeruchos, pediu-me ha dias, na sua entaramelada linguagem de trez anos, o brinde de uma boneca, «uma menina para eu trazer ao côlo a fingir que é muito mãzinha» como ela disse.

As petizas, enquanto não sabem que pertencem ao sexo feminino e não teem por isso os inumeros senões que esse conhecimento implica, tiveram sempre o condão de me tornar menos agreste menos azedo e até, permita o leitor a tolice, menos mau. Não sei porquê, mas os olhitos garços d'uma garota de quatro anos, falam-me mais á alma do que quantos exemplos de virtude e lições de sã moral tenho visto e ouvido pela vida fóra.

A vontade energica e arguta de uma mulher, n'unca poderá destrilhar a conduta que traço ás minhas razões, mas o sorriso franzino e doce d'uma petiza, é capaz de fazer de mim um farrapo sem geito e de atirar com todas as minhas teorias, para casa do demonio mais velho.

Questão de hidiosincrasia, interessome sempre mais a linguagem estranha e balbuciante d'uma creança, do que a retorica inteligente e fixa d'uma adulta. Chego até a compreender o que diz uma garotita, facto que já não me sucede quando a mulher que tenho entrado na segunda dezena dos anos.

Pois não consegui comprar a boneca! Fui a todas as lojas da especialidade e só encontrei mônas de trapos indecorosas e bonecas do tamanho de gente catalogadas por um preço que a minha profissão de cavador da existencia não deixa atingir.

E agora, aqui estou pezaroso, sem poder dar á garota a boneca que me pediu e a contas com um desejo enorme de lh'a dar! Mas, parece-me que já achei solução do problema. Vou-me ao Chiado ahi pela volta das cinco horas, agarro n'uma das nossas elegantes e levo-a á petiza O peor é se ela que me pediu uma boneca é não um boneco!

Henrique Roldão.

No Centro Dr. Alberto Costa

Realisa-se amanhã, pelas 15 horas, n'este Centro, uma festa para inauguração de quatro retratos de vultos em destaque no meio politico. Preside á sessão solene o sr. dr. Magalhães Lima, falando diversos oradores e abrilhantando a festa um grupo de bandolinistas e o orfeon da escola do Centro. A festa será embandeirada e haverá ás 8 horas uma salva de 21 morteiros.

Universidade Livre

Realisa amanhã, pelas 21 horas nos a instituição de ensino popular a 5.ª lição do curso «O problema da miseria atravez da historia» o sr. Agostinho Fortes, falando sobre o seguinte tema: «O seculo XVIII e o seu significado economico.—Condições das diversas classes sociaes.—O enciclopedismo.—Rousseau e o estado natural.—A revolução franceza.—Babeuf e os babeuvistas.»

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

[illegible] ios de amanhã

Taça Mutilados da guerra. — Sporting contra Casa Pia, em Bemfica, ás 17 horas.

Taça Especial de 2.ª categoria. — União Lisboa contra Bemfica, em Bemfica, ás 15 horas.

Campeonato de 3.ª categoria. — Foot-Ball Bemfica contra Bemfica, em Bemfica, ás 13 horas.

Taça Sá e Oliveira. — No campo do Liceu Pedro Nunes, ás 9 horas.

A direcção da A. F. L., ao contrario do que anteriormente tinha prometido á comissão organisadora da *Taça Mutilados da Guerra* resolveu não conceder o domingo 5 de junho para as disputar a final.

E' lastimavel o facto tanto mais que o producto do torneio se destina para os bravos que se bateram na guerra.

O caso da A. F. L., não ceder esse domingo explica-se pelo facto do Casa Pia e Sporting não se terem inscrito na Taça de Honra.

Vivemos e continuaremos a viver no *regimen* da politica e da vingança...

LAWN-TENNIS

Iniciou-se hoje nas Larangeiras o Torneio Nacional do Club Internacional

Estiveram hoje concorridos e animados os *courts* das Larangeiras com os primeiros encontros do *Torneio Nacional* que o Club Internacional de Foot-Ball, faz disputar para uma melhor preparação do Concurso Internacional que, como temos dito, se inicia a 15 do proximo mez de junho.

O Torneio Nacional, que atingiu grande numero de inscrições de jogadores dos nossos principaes clubs, continua amanhã e na segunda e terça-feira.

Na séde do Internacional, rua do Crucifixo, 86, 1.º continua a venda de assignaturas para o Concurso Internacional.

Tambem se distribuem a quem os pedir, convites para o torneio nacional.

No Coliseu dos Recreios

O sarau de Terça-feira

Além dos numeros a que já nos referimos que tomam parte na festa de terça feira no Coliseu em homenagem aos professores Arthur Santos e Levy Jeuochio, podemos hoje dar nota de dois magnificos numeros: Grupo de alunos do Colegio Vasco da Gama da Escola Joaquim Ricardo e no jogo da rosa o distinto cavaleiro D. João de Moscarenhas numeros estes que ainda valorisam mais o magnifico programa.

Lá por fóra

Inglaterra vence Belgica

Deante de vinte mil espectadores realisou-se no dia 21, em Bruxelas, o desafio internacional entre os teams representativos da Belgica e da Inglaterra.

O team inglez, que se apresentou constituido com nove jogadores profissionaes e dois amadores, venceu por dois goals a zero, marcados respectivamente na primeira e segunda parte.

Festas associativas

LISBOA-CLUB. — Amanhã, ás 21 horas, ha recita com *Os vagabundos* e *Simão, Simões 6.ª*, alem de variedades, seguindo-se baile.

CLUB DRAMATICO DESPORTIVO ESTEFANIA. — Tambem n'este club, ás 21,30, ha amanhã recita com o drama *Rosa do Adro*, desempenhado pelo seu grupo dramatico.

Touradas

CAMPO PEQUENO. — Na corrida de amanhã tomam parte o espada Alejandre Saez *Alé*, os cavaleiros amadores D. Alexandre e D. João de Mascarenhas e Roberto de Vasconcelos e os bandarilheiros sr. D. Carlos de Mascarenhas, João Coutinho, F. Oliveira, D. Pedro de Bragança, Artur Ribeiro, Muñoz Crespo e Joaquim Durão, novo no Campo Pequeno. Os forcados são os amadores do Grupo de Santarem M. A. Abreu (cabo) Serra e Moura, B. Jardim, F. Vasconcelos, J. M. Antunes, J. Aguiar e J. Estevam. O director da corrida é o antigo amador sr. D. José de Mascarenhas. O amador sr. João Coutinho fará a sorte de *D. Tancredo* n'um dos touros, bandarilhando-o em seguida e pegando-o.

MUSICA

O concerto Mantelli que estava marcado para hoje á noite no salão nobre do Teatro de S. Carlos ficou adiado para a noite da proxima quarta-feira.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

«O DELIRIO DO OPIO», *novo quadro do «Trólaró» revista.*

Fomos hontem pela segunda vez vêr a revista «Trólaró» e continuamos mantendo a mesma opinião que tivemos quando da sua primeira representação. Leve, saltitante, corpo coral escolhido com boa e moderna musica, faz-nos esquecer durante 2 horas quaesquer agruras que possamos sentir.

Os auctores n'um louvavel intuito procuram varia-la ao sabor do publico em novos moldes, e hontem estrearam um quadro com Susana e Isla, fantasia ultimamente em voga nos teatros da especialidade em Paris com danças exquisitas.

Em todo o caso optamos pela danças n'outro aspecto — e ha tanta sublimidade — sem aquelas quédas que chegam a tocar na barbaridade.

O espectaculo em festa de Alvaro Pereira, «compére» de sympathia, esteve bastante concorrida. Varios numeros animados e a «Lálá» no fado, apesar do elogio proprio que não estamos habituados a vêr, pelo atrevimento, graciosa e... desculpavel.

H. A.

Noticiario

Entre nós

Em virtude de não se poder representar em recita de amadores a opereta «Ninguem diga...» de Chagas Roquette e Acacio de Paiva, deve esta peça ser levada á scena na proxima epoca de inverno num dos teatros de Lisboa.

—Domingo 29, e segunda-feira, 30, a opereta em 3 actos «A Rosa do Jardim», vae á scena no Teatro Gil Vicente (á Graça).

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS — A's 21 h. — «Rip».
NACIONAL — A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ — A's 21 h. — «Os sinos de Corneville».
TRINDADE — A's 21 h. — «O Pescador de Perolas».
AVENIDA — A's 21,15 — «Dama das camelias».
GINASIO — A's 21,30 — «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO — A's 21,30 h. — «Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ — A's 20,30 22,30 — «Trolaró»
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas — Companhia Great Carmo.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

O sarau das Sociedades de Instrução Militar Preparatoria

Novas adesões acabam de chegar á comissão delegada das S. I. M. P. de Lisboa para o sarau que se deve efectuar no proximo dia 3 no Coliseu dos Recreios.

Para este sarau, que está despertando grande entusiasmo, conta a comissão com a adesão da G. N. R., Armada e Exercito, assim como com um numero de alta escola pelo professor de equitação, sr. Antonio Correia. Apresentar-se-ha um numero, pela primeira vez exibido em publico, de demonstração de enfermagem, executado por alunas do posto de socorros medicos e higiene do Liceu de Camões, demonstrações de escotismo e numeros de sport executados por todos os clubs sportivos de Lisboa.

Monte-Pio Comercial e Industrial

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

AVISO

Em cumprimento do disposto no § unico do artigo 8.º dos estatutos são avisados os socios n.os 29, 47, 70, 81, 132, 176, 225, 245, 255, 263, 335, 379, 386, 393, 424, 472, 481, 484, 501, 535, 537, 544, 549, 580, 606, 629, 717, 718, 727, 749, 830, 876, 893, 931, 975, 976, 978, 1020, 1148, 1150, 1162, 1169, 1172, 1185, 1186, 1214, 1239, 1248, 1267, 1281, 1327, 1338, 1355, 1411, 1418, 1437, 1478, 1497, 1517, 1536, 1539, 1543, 1564, e 1591 para virem regularisar a sua situação até o dia 30 de Junho proximo. Findo este prazo, aos que o não tenham feito, ser-lhes-ha aplicada a penalidade estatuida.

Lisboa, 28 de Maio de 1921. — O Secretario da Direcção, — Antonio d'Assis Camilo.

Cozinhas Economicas de Lisboa

A situação angustiosa a que chegaram em virtude da carestia dos generos

E' por demais conhecida a crise que as Cozinhas Economicas de Lisboa teem atravessado e a que urge dar remedio, porque, como já por mais duma vez «A Capital» acentuou, podiam e deviam mesmo prestar um grande serviço á classe media.

No relatorio, que temos presente, de 1920, lê-se:

Depois do que ficou exarado nos anteriores relatorios com respeito á dissolução da antiga Comissão Administrativa, mais acentuadamente após o falecimento do respectivo presidente Ex.mo Snr. Rosendo Carvalheira, resta comunicar-vos, Senhores, que não tendo o então Governador Civil de Lisboa, Ex.mo Snr. Prestes Salgueiro, podido dar as providencias solicitadas pelos dois restantes membros da referida Comissão, Snrs. Frederico Augusto Ribeiro e Eduardo Cesar Torres de Jesus, resolveram estes senhores, em ultima instancia, enviar a todos os socios, resgistrada, a circular de 10 de Abril ultimo. Esta circular convocava-os para uma reunião afim de, num conjuto intimo, se trocarem impressões de modo a ficar definitivamente resolvido se a S. P. das Cosinhas Economicas de Lisboa podia e devia manter a sua autonomia continuando a ser administrada pelos seus socios, ou se aquêles dois senhores deviam depôr o seu mandato nas mãos da autoridade que em tempo lh'o confiára.

Bem inspirada foi a iniciativa do envio da referida circular porquanto, se não despertou a solidariedade que era para esperar de todos os seus socios, alguns, embora poucos, vieram e se interessaram pela angustiosa situação que a Sociedade atravessava.

N'esta conformidade e com tal auxilio, discutido o culminante assunto, procedeu-se a eleição da Nova Comissão Administrativa, que ficou definitiva e efectivamente constituida pelos abaixo assinados.

Trataram logo os signatarios do Conhecer do andamento da Sociedade para cujo fim percorreram todas as cosinhas falando com o respectivo pessoal, e foram á secretaria acompanhados do seu antigo chefe, sr. Julio Ferreira Bastos, que lhes patenteou toda a escripturação e ministrou todos os precisos esclarecimentos, depois do que distribuiram, por cada um, os diversos cargos que tinham a exercer durante o trienio da sua eleição, com excepção do de tesoureiro, o qual por dificuldades sugeridas, continúa exercendo interinamente, agregado á Comissão, o sr. Julio Ferreira Bastos.

Dados estes preliminares necessarios a justificar a nossa compelida apresentação, vamos seguidamente submeter ao nosso apreço consciencioso o relatorio e contas do ano transacto de 1920, assim como os factos de maior relevo que durante o periodo do nosso investimento decorreram, se bem que, devido á enorme carestia do papel e mão de obra, tenhamos de reduzir muito o texto e a parte gráfica, ficando no escritorio da Sociedade ao dispôr de todos, o original manuscrito processado em identicas formulas dos antigos relatorios.

Conforme o minucioso mapa, adiante inserto, o movimento geral das senhas servidas, que é a base fundamental de todos os nossos calculos e comparações, atingiu a 4 636:279 rações na importancia de Esc. 154:197$91 resultando o déficit de Esc. 84:046$53, mais Esc. 17:152$88,5 do que no ano de 1919.

Seria caso para alongarmo-nos na justificação de tão extraordinario déficit se, na já de longe anormalissima situação, de todos conhecida, para isso não valesse, mais que comparações aritméticas fastidiosas, nem sempre compreensiveis de momento, a razão simples mas concludente, qual a do custo exorbitante dos generos mais essenciais a elaboração das cozinhas e do aumento, por três vezes concedido, de salarios ao pessoal, cuja verba com a alimentação e em dinheiro, absorve já muito mais de um terço da receita bruta.

E' certo que, em face de tal desequilibrio financeiro, avolumando-se de mês para mês, tivémos que aumentar por vezes, sempre prudentemente, os preços das senhas que actualmente são os seguintes: $10 jantar completo, $20 prato, $05 sopa, $05 pão e $10 vinho. Por ser julgada superflua, foi eliminada a senha de sobremeza.

Deu-se, o estranho facto de, com tal aumento, posto que modico e aceito sem relutancia, o movimento de frequencia ás cozinhas diminuiu de 60 % comquanto aumentasse a receita cerca de 18 %. Quer dizer, que esta pouco serviu visto que, por um lado, diminuiu o movimento, e por outro, continuando o progressivo custo dos generos, fez que prevalecesse, fatidico, um desequilibrio mensal superior a Esc. 2:000$00.

Perscrutando a causa de semelhante facto, a nossa consciencia manda que o não deixemos passar sem os devidos comentarios, provado que ele tanto afecta a parte material, e, o que mais importa, a razão de ser da Sociedade adulterando-lhe os fins para que foi instituida:

As cosinhas até ao ano de 1917 foram o recurso de muitos indigentes, assim como dos operarios de somenos ganhos e sobrecarregados de familia; hoje quintuplicados os salarios e fixados os salarios minimos, esses operarios desapareceram e os verdadeiros indigentes, envergonhados e escondidos no manto negro da sua infelicidade, que por isso não iam ás cosinhas mas mandavam a trôco de dois ou três centavos, custando agora esse frete cinco ou dez tostões ainda quando achem quem va, têm-se abstido da sua utilisação e procurado outros meios mais acessiveis, mercé da actual ramificação da assistencia publica e porventura da maior munificencia particular.

E' d'este modo que hoje, em geral, só vai ás Cozinhas o especulador ou, pelo menos, o que não é absolutamente necessitado, não indo outros que preferem a taberna licenciosa onde estão em maior liberdade, servidos ás mezas, sem policia que os mantenha em respeito, sem o incomodo a compra das senhas e o dado por nhor dos talheres em serviço.

ULTIMA HORA

Banco Ultramarino

A reunião da assembleia geral

Reuniu hoje, pelas 14 horas, a assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino, sob a presidencia do sr. Francisco Monteiro, para discussão e aprovação do relatorio.

O governador do Banco, sr. João Ulrich, leu, durante o espaço de 2 horas, um relatorio da sua autoria em que demonstra claramente qual tem sido a obra do Banco Nacional Ultramarino e os beneficios que ele tem prestado ao paiz.

No final da leitura, foi ovacionado.

O sr. dr. Machado elogia a obra do governador do Banco e estabelece o paralelo com outros estrangeiros, sendo tambem muito cumprimentado, bem como seu pae, general sr. Joaquim José Machado, pelo admirável discurso do seu filho.

O sr. J. Sainte Maurice acusa alguns delegados da administração de prevaricadores, fazendo varias considerações que levam a assembleia a interrompe-lo constantemente com não apoiados.

Rebate as suas acusações o sr. dr. João Ulrich, com o aplauso unanime de toda a assembleia, continuando a falar á hora a que retiramos o sr. Saint Maurice.

NOTICIAS DA CAPITAL

NEM NOS BANCOS SE ESCAPA... — Ora vejam que até nos proprios Bancos os amigos do alheio se entregam ás suas manobras. E, no fim de contas não ha de que nos admirarmos, porque, afinal, é nos Bancos que há mais d'aquilo com que se compram os melões. Pois foi no Banco Ultramarino que ao alferes sr. Hoffman, morador na calçada do Sant'Ano, 198, 1.º desapareceram, sem se saber como, uma bolsa com 50$00 e o cartão de identidade. Lá vae a policia pôr-se em campo, mas queremos parecer que, como de costume, será tempo perdido.

SE A ROUPA CUSTA OS OLHOS DA CARA!... — E como a «massa» não abunda, antes pelo contrario, vá de ir buscal-a onde ela se encontra. Foi exactamente o que sucedeu a Clementina Rosa, lavadeira em Loures, que apareceu toda chorosa na policia a queixar-se de que lhe tinham furtado uma trouxa da roupa, no valor de 150$00.

Hão de concordar em que, com a carestia que está, não deixou de fazer arranjo a trouxinha!

QUE «BELOS» EMPREGADOS! — Da Companhia Previdente, no largo do Conde Barão, desapareceram ha tempos umas 119 lingadas de zinco no valor de 1.748$00. Ora, se elas desapareceram, com certeza que não tinham voado, porque azas não tinham, e alguem se lembrára de as levar. Mas quem fôra?

Tal era o problema a resolver. Encarregou-se da resolução o agente da 4.ª secção Fernandes que tanto andou, tanto investigou que conseguiu descobrir que os autores d'essa conta de subtração tinham sido José Miguel e Antonio dos Santos, o «Abreu», o primeiro guarda e o segundo trabalhador da mesma Companhia.

O agente é que para corrigir a conta de subtração que eles tinham feito fez o inverso, isto é, somou, adicionando-os ao numero dos que já estão a «espairecer» nos «jardins» do governo civil.

A guerra civil na Irlanda

Os sinn-feiners fuzilam um soldado ferido — Novos atentados terroristas em Inglaterra — Uma revolta de soldados inglezes

N'um hospital de Dublin deu-se na tarde do dia 21 um incidente revoltante.

Um antigo soldado invalido, empregado da administração dos correios, que na vespera desse dia fôra ferido durante o tiroteio que houvera n'uma rua da cidade, estava no hospital, tendo á cabeceira sua mulher e um dos seus parentes. De repente, muitos homens armados de espingardas entraram na sala onde o ferido se encontrava, arrancaram-no da cama, levaram-no para o pateo do hospital e fuzilaram-no. Os assassinos conseguiram fugir e não ha indicio algum acêrca da sua identidade.

As represalias oficiaes, por seu lado, continuam. As casas de cinco habitantes de Ballincollig foram destruidas, porque «os seus proprietarios auxiliavam os rebeldes armados que haviam atacado covardemente, dias antes, forças da corôa», diz o texto oficial.

Em diferentes regiões da Inglaterra continuam os incendios.

Em Stocktonon-Tess, foram incendiados os palheiros de duas herdades e destruidas por completo uma serração mecanica e uma fabrica de maquinas. Além d'isso, fizeram ir pelos ares a fabrica hidraulica, o que motivou uma grande inundação. Foram feitas trez prisões.

No districto de Jarrow, foi deitado tambem fogo aos palheiros de duas herdades e as chamas devoraram uma garage de automoveis.

Foram pelos ares os canos de gaz e parte de Jarrow está mergulhada na escuridão durante algum tempo. Em Wallsend foram incendiados alguns estaleiros. Foram presos dois homens.

Forças pertencentes aos fuzileiros de Inniskilling e a outro regimento irlandez provocaram tumultos na aldeia de Aveley, condado de Essex.

Cerca de duzentos homens chegaram no dia 22 á noite a essa aldeia e imediatamente atacaram um hotel, que saquearam, arremeçando garrafas de vinho e de licores para a rua, quebrando as janelas e o mobiliario.

Estabeleceram seguidamente, na rua principal, uma barragem, detiveram e revistaram os automobilistas, os ciclistas e os peões, alguns dos quaes foram maltratados. Uma creança ficou ferida.

Prevenidos por um policia, 500 soldados do acampamento militar de Purfleet se dirigiram á aldeia, cercaram os amotinados e levaram para o acampamento os que puderam apanhar.

Desconhece-se a causa exacta dos tumultos.

A CAPITAL

3704 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Segunda-feira, 30 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

A Republica e os monarquicos

O *Correio da Manhã* declara hoje, em nome da causa monarquica, de que se intitula orgão na imprensa, que não assumirá perante o actual gabinete, constituido pelo partido que representa mais expressamente as direitas republicanas, a mesma atitude, orientada pela mesma causa, que assumiu perante os governos Pimenta de Castro e Sidonio Paes. Entende o *Correio da Manhã* que os sucessos de que derivaram em 1915 e em 1917 as duas situações a que se refere, constituiram dois grandes acontecimentos nacionaes, emquanto que os acontecimentos agora decorridos não significam mais do que um incidente na vida republicana.

Afigura-se-nos que é este o ensejo de felicitar vivamente o governo liberal, porque ninguem esqueceu ainda a funesta influencia que na politica pimentista e na politica sidonista exerceu o apoio monarquico.

Foi precisamente esse apoio que fez sobretudo fracassar essas duas politicas, provocando uma a revolução de 14 de maio, e a outra a jornada de Monsanto.

A verdade é que nunca os monarquicos apoiaram de uma maneira franca e leal qualquer politica que não repudiasse a Republica. Durante a ditadura Pimenta de Castro não cessavam de exigir do velho general que vestisse a farda para á frente das suas tropas massacrar os republicanos, defensores da Constituição. No consulado sidonista, foram mais longe, porque aceitaram logares de confiança da Republica, no exercito, para executar por suas proprias mãos essa chacina, no momento que julgassem oportuno.

A sensibilidade nacional soube sempre pressentir a felonia monarchica, e d'ahi a desconfiança com que sempre tem encarado as situações politicas que aceitam a cooperação dos elementos realistas.

Vivam em paz, realisem a sua propaganda dentro dos meios legaes, empreguem o voto, sirvam-se da imprensa. A Republica dá-lhes todas essas liberdades, porque respeita os seus proprios principios. Mas a Republica não aceita nem quer o seu apoio, que nunca pode deixar de representar uma traição, porque ou é sincero, e então atraiçoam a sua causa, ou não o é, e então veem atraiçoar a nossa.

A Republica só pode confiar no apoio dos monarquicos quando elles deixem de ser monarquicos, abjurando o seu erro politico. Como monarchicos, nada pode ter com elles de comum, embora como cidadãos lhes garanta todos os direitos que a constituição lhes confere, não fazendo nenhuma distinção entre elles e os outros cidadãos.

Pensamos não nos iludirmos supondo que o governo Barros Queiroz pensará por esta forma, que é a forma por que devem pensar todos os republicanos, amantes da democracia e não menos amantes da justiça. A sua politica, orientada n'este sentido, certamente grangeará a confiança do paiz, e é essa a que lhe interessa conquistar.

No seu grande discurso ultimamente pronunciado ácerca da questão das reparações, o sr. Briand, chefe do governo francez, teve ensejo de afirmar que uma politica em que a firmeza se alie á moderação é a mais bela das politicas. Só nos cumpre fazer votos para que o governo da Republica não siga outra.

"A torto e a direito"

Desde hoje á scena no velho teatro de S. Carlos para uso dos quintanistas de direito, uma revista em sete quadros — sete pecados mortaes — que atados num laço vermelho, formam afinal dois actos: o acto de formatura e o acto de contrição. A revista podia chamar-se: Revista de legislação e jurisprudencia. Chamaram-lhe, porém, «A torto e a direito». No fundo «c'est la même chose». Dizem que é excelente. Ainda hontem o prégava Frei Tomaz... Colação autor da peça e meu amigo. Ninguem o acredite. E' costume. E afinal nestas peças de rapazes—pode-se apenas o quê? Alegria, mocidade, bom humor. O rosto perdôa-se que fique — no Tratado de Propriedade Literaria do sr. visconde de Carnaxide. A receita de despedida! Cabe na leveza eterna de dois versos: «quem parte leva saudades» — «quem fica saudades tem». Quantas lagrimas misturadas—com o champagne. Pois se ele lá até quem se lhe não dava nada — de repetir o curso. O amor da «sebenta»! Quando, pela madrugada, descer o pano sobre o ultimo artigo da revista — sobe logo outro pano para o primeiro acto doutra revista: a Vida. Mas, emfim, não falemos em coisas tristes. Todos podem ir vêr, a S. Carlos. Os bilhetes são de borla... e apelo.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

A caminho da Promissão

A má lingua nacional tem sido tambem um factor do nosso descredito

Ao passo que as corôas austriacas estão servindo de rotulos ás garrafas de cerveja na Suissa, por ficarem mais em conta do que o papel comum; a pesêta, que já esteve a 1$76, se acha a 1$00 embora as cotações oficiaes a dêem a 1$20, a libra em ouro chegou á triste sorte de não ter quem a compre. E ainda ha quem diga que o dinheiro portuguez não vale nada!

Não vale nada, e os espanhóes não fazem senão comprar escudos; não vale nada e a America empresta-nos milhões de dolars; não vale nada e todos nós sabemos que facil será ao governo portuguez realizar qualquer operação de credito no estrangeiro.

E' assombroso, mas é assim.

O estrangeiro paga em dinheiro portuguez, e joga pela certa; sabe que êle vai subir e subir mais rapidamente do que muitos esperam, e por cá não se ouve senão motejos a respeito do nosso papel moeda. Pode isto causar estranheza, desde que é evidente que a ninguem convirá mais a sua valorisação de que a nós, aos portuguezes; mas está certo; é da nossa caracteristica etnica, é a maldita filha da nossa raça: dizer mal, dizer mal de tudo quanto é nosso; agora chegou a vez ás notas do banco, á riqueza nacional. E, de facto, não são só os profissionaes da usura, não é apenas o cambista, é quasi toda a gente, alguma imprensa até que tem concorrido para o descalabro.

Em Portugal ha prazer em negar valor ás pessoas, ás obras d'Arte, aos monumentos, ás nossas industrias e até aos—brada aos céus! aos nossos campos. Agora chegou a vez ao dinheiro. O portuguez, se vai ao estrangeiro, fica deslumbrado á primeira patacoada que lá veja, e volta com olhos desdenhosos para tudo o que é belo entre nós. Não se livraram desta tara os reis nem os escritores. Não é o proprio Eça, nas suas obras, um desde nhoso irritante pela nossa gente, êle que nem sequer conheceu outra melhor?

Por isso o grande Vieira fez cahir a lingua do diabo em Portugal. O diabo veiu do céo aos trambolhões. A grande altura fracionou-o, fê-lo em pedaços e conforme a terra onde caiu cada parte de seu maldito corpo, assim predominam os vicios do orgão ahi precipitado.

A França, dis Vieira com pilhas de graça, couberam os pés; por isso a França, é um paiz de dançarinos; á Alemanha o estomago e os alemães comem como frieiras; á Espanha a cabeça e os espanhóes são de facto um povo dado a todos os fumos de grandeza, da megalomania. Luis de Gongora, D. Quixote, não podiam ter aparecido noutro paiz.

Mas a Portugal coube a lingua, e os portuguezes dizem mal de tudo, mal de si proprios.

De ha tempo para cá esta maldicencia foi canalisada, por mãos perversas, para o nosso credito financeiro, e os economistas boateiros, a imprensa e até o poder não souberam ser superiores á influencia daninha da má lingua nacional.

Todos depreciaram, directa ou indirectamente, a nossa justa reputação de povo rico, e todos concorreram para que se avolumasse a falsidade que a todo o transe nos quis empurrar para a fama de baixistas.

Porém, tudo isto cessou; a «dengrigolade» dos financeiros já começou, o salve-se quem puder anda por ahi, mal disfarçado, e a nossa infinita bondade só terá de se confranger em face dos que sejam os ultimos a deixar-se persuadir que a mistificação acabou, porque estes serão os mais prejudicados com a inevitavel valorisação dos escudos.

D. Thomaz de Noronha.

Banco Nacional Ultramarino

Um preito de homagem ao sr. dr. João Ulrich

No ligeiro extracto que ante-hontem démos da reunião da assembléa geral do Banco Ultramarino, dissemos que um dos acionistas, o sr. Saint Maurice, acusará a gerencia.

Na noticia, feita á pressa, porque o adeantado da hora nol-o não permitia d'outra fórma dissémos ainda que as palavras d'esse acionista foram recebidas com não apoiados da assembléa. Hoje podemos acrescentar que a assembléa declarou esse acionista como um inimigo do Banco e que o sr. dr. João Ulrich provou que o que levava o sr. Saint Mourice a falar assim era o ter uma questão pessoal afecta ao Tribunal do Comercio e de cujo *veredictum* o Banco vem esperando a confirmação de que a esse senhor nenhuma razão assiste.

Como o sr. Saint Mourice tentasse, sem provas, reeditar as suas considerações contra o bom nome do Banco, a assembléa de novo o declara suspeito e os srs. José Inacio Dias da Silva, Moreira de Almeida e Mario de Calvalho opuzeram, com a mais vemente defeza da conduta da gerencia, os mais convincentes argumentos contra as difamações produzidas pelo acionista despeitado. Todo o auditorio aplaudiu freneticamente a resposta ao sr. Saint Murice. O sr. Moreira de Almeida propoz que tal atitude ficasse bem consignada na acta, de modo a não restar duvida de que ninguem aceita as afirmações feitas pelo sr. Saint Maurice. Foi aprovado. Deseja tambem que se publique o relatorio elaborado pelo sr. dr. João Ulrich e ouvido, com admiração, pela assembléa, o qual é um brilhantissimo trabalho que deve ser conhecido por todos os financeiros do paiz. O sr. dr. João Ulrich agradece a homenagem desde o inicio da reunião e acha que do documento deve apenas ser publicado um resumo, com concisão e na maior importancia dos seus elementos.

O sr. dr. Melva do Vale, que como comissario do governo se declarou, no relatorio e contas do Banco, solidario com a gerencia, afirma pois que, n'aquele estabelecimento, se tem respeitado os estatutos e a lei; no emtanto, pediu ao sr. Saint Maurice que o informasse, com provas, de qualquer transgressão que ele soubesse ter ocorrido nas colonias, onde a fiscalisação do comissario não pode chegar com efetividade. O sr. Saint Maurice nao respondeu, porém, senão com as alegações anteriores e incluindo n'um ponto em relação ao qual ele desconhece a lei, que o sr. dr. João Ulrich lhe explica com absoluta simplicidade.

Ao terminar a assembléa, o sr. dr. João Ulrich foi cumprimentado e abraçado por todos os acionistas, que assim lhe prestaram o preito da sua homenagem.

As proezas da aviação

A travessia dos Andes em avião

LIMA, 29.— O aviador italiano Rolandi num avião «Ansaldo» de 300 cavalos efectuou, num soberbo vôo, o percurso de 1000 quilometros de Lima a Cuzco, sobre a cordilheira dos Andes, aterrando em Cuzco cuja população entusiasmada aclamou o aviador.—(A).

Dize tu direi eu

Ir ou não ir a Paris

A proposito [duma recente polemica jornalistica—que certamente fez deslucar, um ressuscitado sorriso de vaidade, os maxilares nacionaes da caveira de Garrett, acondicionada faustosamente na penumbra sonolenta dos Jeronimos—falou-se muito na influencia do «ir ou não ir a Paris» sobre a literatura e a arte. Garrett foi acusado de ter ido, deixando cá ficar a sua arte; Garrett foi lamentado porque, tendo ido, não conseguiu, na hora do regresso, arranjar logar para a sua arte na sua mala transbordante de cosméticos e de romantismos, cartas de amor. Varias conclusões mais ou menos recreativas se poderiam tirar desta momentosa discussão, mas a mais conciliatoria é certamente a seguinte, que deve agradar ás duas partes em litigio: Garrett foi a Paris; a sua arte tambem foi, mas perdeu-se no caminho, ou antes, apeou-se numa gare diferente, viveu vida á parte e, durante os mêses em que o literato casquilho frequentou salões reacionarios, ela mergulhou em Monmartre e teve ataques de tosse na atmosfera pesada dos «cabarets». A' volta, encontraram-se de novo, na primeira vez em que o poeta aviston sobre uma nostalgica folha branca, a gloriosa pena de pato portuguêz (tudo quanto ha de menos tinta permanente e de menos resolvida a encher-se «de por si mesma») que êle transportara por aldeias e logarejos, recolhendo da bôca do povo as variantes em pé quebrado de quantos rimances tristes êsse povo inventara. E, tendo-se encontrado com a sua arte reconhecêra-a como êle de Paris, o amaneirado. «dandy» reatou as interrompidas viagens na sua terra e, num simples periodo de três linhas, falou—a proposito duma Joaninha com olhos verdes a pedir rimances populares—no «demi jour de coquette parisienne» e num «boudoir de folhagem perfumado da brisa recendente dos prados». E assim se pode afirmar não só que a arte de Garrett foi a Paris, mas tambem que conviveu com coquettes, entrou em boudoirs e veio de lá toda Mlle. Pires, toda brisas perfumadas, toda ar...

Outra conclusão, e ultima, por causa da falta de espaço: Os literatos lisboetas, da nossa hora de chá das cinco, senhores dentre Portugalia e Trianon, acabam de aumentar o nosso vocabulario—rico mas sovina—com um novo substantivo composto: «Arte—Paris». Doravante, não se poderá decompôr esta palavra; a Arte deixou de viajar entre as quatro paredes do cerebro, de se esgueirar pela valvura dos corações e, se quizer ser gente, tem que fazer economias para poder bocejar beatificamente diante do Arco do Triunfo, perdendo no visto que devem fazer, entre a arraia-miuda que nunca atravessou espavorida o «trottoir» bulhento do «boulevard», umas certas piadinhas bem parisienses, surpreendidas há poucos nos labios queimados a «rouge» de qualquer «midinette» apressada. «Ars una» e como o «una» é igual a «parisiense», vá de impregná-la da essencia estonteante dos livros perversos, de envergar-lhe a mortalha amarela das brochuras Carrier, de a «maquiller» de internação, de a levar a tirar o retrato na torre Eiffel, ou seja, a fazê-la aparecer em Lisboa com um stock tremendo de blagues e de coragem para falar de tudo.

Ha dias, um dos nossos escritores da velha guarda, talvez o unico sobrevivente da geração de Antero e de Camilo, afirmou-me que nunca fôra a Paris, mas que conhecia a metropole do Mundo como as suas dedos poidos e afilados pelo contacto da pena.

Esse teve talvez medo de conhecer pessoalmente a cidade tintureira de ideas e guarda-roupa de concepções esteticas. Não lhe dei razão. Paris é o brinquedo que me hão de mostrar no meu melhor dia de anos, a «boite a-surprises» que vou antegosando; mas, no momento em que lhe posso mexer, não me esquecerei de telegrafar para Lisboa a pedir que ao voltarem com cuidado, na minha «gabardine» impermeavel, os papeis escritos que por cá deixei, as minhas linhas de companhia portuguesa que hão de começar nas amendoeiras da moirama algarvia e acabar nos penhascos de Castro Laboreiro, que correm só por Portugal e que constituem o meu patrimonio da vontade de vencer e não a «minha Arte», porque a Arte e os pronomes posses sivas são inimigos irreconciliaveis: uma, tem dedos para agarrar; a outra, tem azas para fugir...

Thereza Leitão de Barros

Notas falsas

PROSA

Meu caro senhor:

Diz V. Ex.ª que eu, na minha forma de escrever, não arranjo fama nem gloria, pois tenho uma prosa dura, áspera, irritante, sem a frescura nem a subtileza que aos modernos cronistas se exige.

Avança mais V. Ex.ª que eu não tenho elegancia nos meus pensamentos, que, pelo contrario, castigo constantemente os olhos dos leitores com frases de expressão dura, servindo-me de vocabulos grossos e sem cuidar que são as senhoras que actualmente fazem as leis sobre a arte da escrita e abrem, com os seus aplausos, as portas da imortalidade.

Estou absolutamente de acordo. Realmente a minha prosa é dura como cabaça de estrada e não tem a pirotechnia que em geral se emprega para maior arrebentação de admirações. Os meus pensamentos são despintados, chôrros, crús talvez, sinceros sempre e não teem aquela harmonia snob que prima nas modernas orchestrações literarias. Realmente eu não escrevo para senhoras e, quando o faço, é para dizer mal, mazela de que me penitencio contrito.

Mas, meu caro senhor, se eu sou assim! Não deixo de concordar que o seu «bout-argenté» fica admiravelmente no meio d'um periodo, mas como fumo «Jorro violeta» prefiro empregar esta marca a ter de falsificar o proximo com mentiras idiotas!

Eu podia escrever:—«Li a sua carta n'um «maple» lilaz, sob a luz coada d'um «abat-jour» «rose» onde duas figurinhas chinezas parecem aspirar o perfume quente d'uns cravos rubros que tenho sobre a meza do meu escriptorio imperio» mas a verdade é que a «maple» não existe e o meu escriptorio nem sobra existe cá por casa, que o meu escriptorio reduz-se a uma casa com livros em volta e uma tosca meza a um canto e no que toca á floricultura, tenho-a representada n'um pobre mangerico de doze vintens que cheira que é um regalo! Não, meu caro senhor, eu só sei lidar com a verdade e ante a possibilidade de entrar no Panteon com mascara no rosto, prefiro baixar a uma sepultura raza com a cara que Deus me deu, bem á vista.

Não sou elegante? Não sou simpatico? Não tenho chic? Mas, meu caro senhor, eu não fiço proza para tirar o retrato! E demais, se eu e mais alguns não escrevessemos assim, como poderiam brilhar os outros? Sou tal e qual como Deus o fez, convença-se d'isto! Uns escrevem de calção? Eu escrevo de calças até abaixo, é mais grosseiro, mais antiquado, mas, que quer? eu tenho as pernas tão feias...

Henrique Roldão.

As relações anglo-brazileiras

RIO DE JANEIRO, 29.— O deputado Anibal Toledo pediu ao governo, que intervenha junto do governo inglês para que terminem as proibições decretadas relativamente á entrada do gado proveniente do Brazil. As medidas tomadas pela Inglaterra por causa da epidemia de peste bovino que assolou os Estados brazileiros deixaram de ter razão de ser, visto que a epidemia desapareceu completamente.—(A).

As gréves na Argentina

Duas bombas á porta d'uma garage

BUENOS AIRES, 29.—Dizem os jornais que á porta da garage Crotto e Siermo foram encontradas duas bombas de dinamite com mecha apagada. Aquela garage é uma das condenadas á paralisação pela sociedade de resistencia dos chauffeurs e empregados menores que não federados.—(A).

A'S 2.AS FEIRAS

A semana literaria

Tantalo, por *Americo Durão* (Ed. do autor, Lisboa). — **Noivado pobre**, por *Fernando de Castro* (Ed. Magalhães & Moniz, Porto). — **Um drama no campo**, por *João Grave* (Ed. «Novela Portugueza», Lisboa). — **Junqueiro**, (Ed. Livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa). — **Castro Alves**, (Ed. Aillaud e Bertrand, Lisboa). — **A pobre Marta**, por *Manuel Damha* (Ed. autor, Lisboa)

«Tantalo» é um livro sincero. Na aluvião de livros de versos pretenciosos, reflexos de pósas intimas, frutos dum exprimir da têta do sentimentalismo, destaca-se este punhado de sonetos pela sua expressão de verdade, pela sua sóbria apresentação, pela sua tortura visivel em cada verso.

> E longo e triste, flacido, viscoso,
> O todo abre os seus olhos de veludo!

ou ainda

> —Alta, impassivel, a minha alma assiste
> A' tragedia que em mim se desenrola!

Perpassa no livro a duvida, a ansiedade, todos os sofrimentos doentios dos vencidos; a Morte, a Sombra, a Noite, adejam no livro com as suas côres sombrias; mas não tem a expressão vasia que se encontra na maioria dos poetas novatos, rescam lá dentro, no soneto que os comporta, lugubremente, misteriosamente. Em todo o livro se espelha um estado d'alma: «E' um primitivo—no dizer de Leonardo Coimbra—para si tudo é participação mistica no sangue que o anima».

E' um sincero. E' um poeta; das gerações modernissimas o que mais vivo vem marcando. «O Vitral da minha dôr» e o «Poema da Humildade» foram os primeiros passos revelados da sua forma ennevoada e dolente. As suas peças de teatro são mais obras literarias, quasi poeticas, onde a acção se afunda, nula, indefenida sob o grande doseamento de motivos emocionaes. «Tantalo» é o seu volume mais definido, na expressão mais sentida da sua ansiedade, e da sua duvida, um defeitismo quasi, que se expande a largos vôos na parte «Alcacer-Kibir».

> Ha no meu sangue todos os cansaços,
> Da minha Raça triste de vencidos...

ou então

> E nos meus versos só exalto e louvo
> O que em saudade e nevoas se desfaz...
> O misticismo ardente da derrota
> Cinge o meu coração

Ha no seu livro, perfeito de tecnica, rajadas de luz no meio dessa meia sombra torturada; aqui, ali, um soneto deixa passar um grito de mocidade, essa terra prometida que o poeta «no ultimo soneto», anceia

> Viver!... Anda arrancar-me desta cruz!
> Quero viver... e amar—o sol nascente!

São os sonetos que compõem o «Friso», o «Cantico», tão belo (tão pagão, terminando em dois versos que se decoram:

> —E da romã aberta da alegria
> Vermelho, cai aos bagos, o teu riso!

Alguns «Relampagos vermelhos» e um ou outro de «Madôna».

E, todos eles são, repetimos duma sinceridade convicente. Não é em faduma livro que o cronista se encontra; é em frente dum poeta. O que, raras vezes sucede.

«Noivado Pobre» comporta 100 sonetos de Fernando de Castro. São cem como seriam mil pois o autor é facil no alinhamento de versos. Os 100 são iguaes a um e lido o primeiro, se o leitor chegar ao fim com paciencia, ha-de encontrar-los sempre iguaes e igualmente vazios. A quantidade deturpou talvez a qualidade, de forma que o interesse é minimo de pagina para pagina; os motivos poeticos são deficientes, as imagens apresentadas sem colorido, as rimas forçadas, a harmonia castigada.

> Segula, pela noite, um ribeiro o meu lado
> A soliloquiar a magua dum conceito,

Estes dois versos dum soneto no principio do livro, e est'outro dum soneto da final do livro apresentam os mesmos caracteristicos apontados:

> O sabio patriarcha, o estornutatorio
> Aniquilado rue, qual velha catedral
> Em grande terramoto!

As ideias não brotam limpidas, é preciso uma concentração grande para se poder encontrar o intuito do poeta, sem que esta dificuldade provenha duma filosofia superior e grandioso. E' o peso dos adjectivos, a necessidade da rima. «Pinhal convergente» uma oliveira «etherea e luminosa, o diabo!

No soneto «Noivado pobre» exemplifica-se o que dizemos, nos tercetos finaes:

> E a lua á noite, salva de platina,
> Contém dentro do tanque essa morfina
> Que os faz sonhar em possuir estrelas:
>
> Joias de noiva, em cada olhar a sua!
> E a casa branca, côfre falso
> Mastros do sonho e as almas pandas velas!

ou a quadra inicial do soneto «Horas d'amor»

> Desejos dum noivado... Aspas de vela:
> Um ritornelo d'almas enlaçadas!
> Numa vaga de luz, pela estradas,
> Levam a côr dos campos para ela!

Mas não andámos a catar. O livro é todo assim, um egual a todos, todos resumidos num. Se até figura nos sonetos a—«Picadeia».

Para a «Novela Portugueza», essa iniciativa que merecendo o impulso de todos, leva uma vida atribulada, escreveu João Grave, o notavel escritor portuense da «Vitoria de Parsifal», uma novela curta, intensamente dramatica «Um drama no campo». São algumas paginas de leitura interessante, com o doseamento necessario de acção e côr local que um escritor de merito sabe em poucas linhas dar ás suas obras. Com paisagens, com detalhes da vida campesina, com um dialogo vivo, em linguagem propria, a pequena novela, um acto curto de drama intenso, apresenta-nos o conflito entre um pae e um filho, por uma destas injustiças humanas que a miude aparecem a atormentar o mais justo e o melhor espirito. A simpatia por um filho, o despreso por outro, bem patente no dialogo a caminho da feira levam á scena de sangue inevitavel com que a novela finda. João Grave é, mesmo nas pequenas obras, um escritor de alta envergadura.

Na «Antologia Portugueza» organisada por Agostinho de Campos, com o seu sempre disvelador amôr ás letras portuguesas, figura agora o volume de Junqueiro, metido entre os classicos pela definição de alguns mestres da literatura nacional e estrangeira e criticas, com que Agostinho de Campos eruditamente se escuda.

Como nos volumes anteriores iniciou-se por um estudo completo do autor da «Morte de D. João», pesquisas sobre bibliografia, recortes de artigos encarando a personalidade do Junqueiro, sob os seus varios aspectos, lavrador, homem de letras, filosofo, e até uma interessante palestra com o poeta em que este fala sobre os seus trabalhos; como de costume, Agostinho de Campos minucioso, detalhando, deixa em compilação uma obra completa sobre Junqueiro, e faz a seleção de trechos de toda a sua obra com inteligencia e imparcialidade.

Nunca nos cançaremos de elogiar uma obra tão patrioticamente util.

Tambem a Antologia Brazileira, organisada por Afranio Peixoto e Constancio Alves, publicou o seu volume consagrado a Castro Alves, o autor das «Espumas flutuantes». Poeta social, humano e humanitario—como lhe chamou José Verissimo tem no presente volume reunidos os melhores trechos da sua poesia tão brazileira; com ideiaes de liberdade, á sua pena se deve em parte a liberdade «dos escravos» porque pugnou em versos vibrantes.

Pensador, romantico, paisagista, é n'este volume encerrando todas as suas facetas que melhor se pode avaliar do seu grande relevo literario.

«A pobre Marta» é um acto de drama passado em Beyrouth, tendo por personagens Marta, o Elias, que Marta chamava o «pae dos sinos» por ter o peito cheio d'ellas (sic) e Abdullah.

E' oferecido ao sr. Grandela.

Armando Ferreira

Registo de entradas

«Misterios», José Severiano Rezende; «Misteriosa graça», A. F. Monteiro; «Felisberto Caldeira», Rodrigo Octavio.

Marinheiros que pedem a amnistia

Escrevem-nos alguns marinheiros que se encontram presos no quartel de Alcantara como desertores, pedindo-nos que chamemos para eles a atenção do sr. ministro da marinha. Julgam-se ao abrigo de um dos artigos da amnistia ultimamente decretada, entendendo, por isso, que lhes deve ser aplicada.

Alegam mais que todos ou quasi todos estiveram em Monsanto e no norte, na ocasião da aventura monarquica, acrescendo que alguns foram deportados para a Africa no tempo do desembarco e ainda que outros entraram no 5 d'Outubro.

Estamos certos de que o sr. ministro da marinha tomará o pedido em consideração e resolverá como fôr de justiça.

Organisação Internacional do Trabalho

Depois d'amanhã, ás 21 1/2 horas, realisa-se na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia de Lisboa, uma conferencia de mr. E. Beddington Behrens, delegado da Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio, sobre a «Organização Internacional do Trabalho».

A admissão é por bilhetes do convite e os socios podem fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias

Conferencias

Inicia-se hoje, pelas 21 horas, na 4.ª secção da Universidade Popular Portugueza, no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exercito, Campo de Santa Clara, uma nova série de conferencias educativas pelo professor sr. Emilio Costa, que tratará em especial da «Educação do operariado».

Conferencia Interparlamentar de Comercio

A FESTA DO ESTORIL

O trajecto — No Parque — O banquete

Durante o dia de hontem os comboios da linha de Cascaes despejaram milhares de pessoas no parque do Estoril. Não foram somente os do costume, so bem que ao domingo haja mais comboios; os que se fizeram extraordinariamente tiveram a sorte dos ordinarios: iam tão cheios que faria até recear algum incidente na linha. Não tivemos de ir no fourgon e espalmados contra senhoras e crianças como sardinhas em lata de conserva...

Os automoveis não cessaram todo o santo dia de correr por aquela estrada e a volta era belo. Num cortejo ininterrupto dos carros com os seus projectores em fila no meio da noite escura.

Muitos milhares de pessoas, desde as primeiras horas da tarde, se começaram a espalhar primeiro pelos amplos recintos dos thermas do hotel e das lojas. Aqui e alêm bandas executavam trechos musicaes e o povo das proximidades gosava aquele delicioso dia de primavera, fresco, sem a impertinencia do sol e arejado, sem vento excessivo. A natureza estava de boa catadura, donde se vê que os congressistas estão nas boas graças do Altissimo.

Pera o fim da tarde a multidão era compacta e a tropa de linha com a Guarda Republicana conseguiram que tudo corresse na melhor ordem, apezar de carros, cavaleiros e peões se contarem aos milhares por todos os lados.

As iluminações foram brilhantes. O hotel, o edificio das thermas onde foi o banquete, as arcadas onde serão as lojas tudo apresentava um aspecto ferico, sobresaindo pelo meio do verde negro do jardim. Logo á entrada o chão estava esmaltado de tijolinhos, e a luz electrica reforçada nos logares dos coretos dava ao arraial um tom de civilisação.

O fogo foi excelente, e não nos lembra de ter visto peças de mais efeito, nós que por toda a parte temos assistido a grandes demonstrações de pyrotechnia, desde as interminaveis sessões nas romarias do Minho, até aos celebres fogos de artificio em Inglaterra, onde se apresentam «paneaux» de fogo de Bengala, dando a côres os retratos dos soberanos.

Foi de facto magnifico, produzindo efeito deslumbrante a girandola final.

O banquete começou ás 9 horas, e não faltou abundancia, requinte em todos o serviço. Vinhos esplendidos, o que não é frequente em festas desta natureza. Porto do primeira ordem e *champagne Pommery extra-dry*.

A animação foi imensa.

Alem a meza enorme em U e ainda pequenas mezas, colocadas lateralmente. Haviam sido feitos 120 convites, mas os convivas eram mais de 200.

Pelas galerias do *Hall*, que estava todo decorado a flores naturaes e lampadas electricas, as senhoras em ricas *toilettes* ainda reforçavam mais a nota festiva.

Conhecemos Vichels, Caybad, Cansbruhe, mas não exageramos, dizendo que nenhum destes estabelecimentos de banhos tem um *hall* mais grandioso e belo que o do Estoril. Os lustres são de muito bom gosto e riquissimos. Pelas mezas candelabros, flores e cristaes.

Ao *toast* o sr. Fausto de Figueiredo fez um brinde em francez agradecendo a visita dos congressistas e enaltecendo as coisas belas de Portugal fez sobresair a ideia de ser preciso remover este paiz do ocidente pelo trabalho e pela iniciativa. O seu speech foi coroado de longos e intusiasticos aplausos.

Falou depois, agradecendo, o representante da Belgica, seguindo-se-lhe o sr. Chaumet, — representante da França—cujo fluencia e chiste graciosa, natural foram justamente victoriados.

Quando nos retirámos estava-se falando e ouvindo o da Italia á conferencia interparlamentar do comercio, no meio de intusiasmo geral.

Já passava da meia noite. Ca fora o fogo de artificio continuava e a multidão admirava tudo aquele mundo criado pela força de vontade de um homem, pela sua tenacidade e competencia.

Ali, onde uns pinheiros tristes e aguas pantanosas abrigavam outrora nuvens de mosquitos lançou o sr. Fausto de Figueiredo fundamentos duma grande cidade, duma cidade moderna, propria para todos os requintes do luxo e da riqueza. Di-lo por pensando que o ilustre amigo daquela festa imponente é dos raros portuguezes capaz de grandes realisações, a colonia é preciso da sua uma enorme força de vontade e pertinacia para sua coragem empreendedora.

Furto de fazendas no valor de 20 contos

Hoje de madrugada, os gatunos entraram, por meio de chave falsa, no estabelecimento de fazendas pertencente ao sr. Cezar Marinho Charneca, sito na Avenida Almirante Reis, 12 A e 12 B, tendo levado, tudo para ser escritura, no o fazendas no valor de 21 contos.

Prevenida do caso, a policia por se investigamente em campo, para ver se consegue descobrir o autor ou autores do furto.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O Teatro da Trindade

Tomou hoje posse do Teatro da Trindade, pela saida do sr. Carlos Borges, representante da empreza Taveira, a companhia dos Telefones.

Conforme o contrato de compra, o sr. Carlos Borges tinha de fazer entrega do teatro até ao dia 31 do corrente, despejado, pagando á Companhia 90 contos se assim não sucedesse. A companhia, por seu lado, pagará 90 contos aquele senhor, caso se dê mais um espectaculo depois do dia 31.

Como a companhia não necessita ainda durante um ano do edificio, onde vae fazer uma estação central, recebeu duas propostas de emprezas teatraes para aluguer do mesmo, ambas tomando sobre si o encargo dos 90 contos a pagar a Carlos Borges.

A Companhia ainda não se decidiu por nenhuma, de forma que naturalmente amanhã suspenderão os espectaculos no Teatro.

Além do pesado encargo que indicamos, ha a notar que a empreza que arrendar o teatro terá de fazer uma plateia nova e instalação electrica, visto as que lá estão actualmente terem de ser tiradas pelos seus proprietarios.

E eis o que há sobre o «Trindade».

Reclames

Está marcada a noite de 3 do proximo mez de junho para a realisação no teatro de S. Luiz da festa artistica do distincto maestro e director da orquestra desse teatro Luiz Gomes, com a primeira representação nesta epoca da encantadora opereta «Eva» de Franz Lehar, o autor da «Viuva Alegre». Esta «reprise» é esperada com grande interesse visto que a partitura é a mais bela de Franz Lehar, onde dedicou toda a sua inspiração. Na «Eva» parte entre outros a notavel actriz Amanda do Oliveira, a bela actriz cantora Aldina de Souza, o manifico tenor Fernando Pereira.

Os ensaios estão sendo dirigidos superiormente pelo ensaiador Armando de Vasconcelos, o que é mesmo que dizer que a lindissima opereta subirá á scena com todo o quidado e rigor.

Desde ja se encontram á venda no camarotelo de teatro os bilhetes para essa recita que ficará decerto marcada a letras de ouro dos anais do S. Luiz.

— Quinta feira, no Nacional, é a «recita de caridade» promovida a favor dos legos do «Asylo Escola Antonio Feleciano de Castilho» e «Instituto Branco Rodrigues.

O espectaculo é verdadeiramente sensacional, visto que vae á scena em representação unica, o «Hamlet», com Eduardo Brazão no protagonista e reaparecendo, no palco do Nacional, é o actor Joaquim Costa que, obsequiosamente interpreta a parte de «Polonio».

A distribuição do «Hamlet» é a seguinte:

«Hamlet», Eduardo Brazão; «A Sombra», Holbecho Bastos; «Claudio rei Dinamarca», Rafael Marques; «Polonio», Joaquim Costa; «Laertes», Luiz Pinto; «Horacio», Erico Braga; «Marcellos», Antonio Mello; «Rosenerantes, Nascimento; «1.º comicos, Augusto Melo; «2.º dito», Henrique de Albuquerque; «3.º coveiro», Botelho de Azevedo; «Um frades, Teixeira Soares; «Um creados, Ricardo Souza, «Rainha Dinamarca», Maria Pia; «Ofelia», Ilda Stichini.

Vae, tambem, á scena «O assassino de Gonzaga», que está assim distribuido: «Prologo», Zenoglio; «O Rei», Augusto de Melo; «A rainha», Alice Rodrigues; «Luciano», Cardoso.

Os bilhetes que restam, para esta recita podem ser procurados, desde já, no camarotelro do Nacional.

O CARTAZ DE HOJE

S. CARLOS—A's 21 h.—Recita de estudantes—«A torto e a direito».

NACIONAL—A's 21 h.—«Simone».

S. LUIZ—A's 21 h.—«O Conde de Luxemburgo».

TRINDADE—A's 21 h.—«O Pescador de Perolas».

AVENIDA—A's 21,15—«Dama das camelias».

GINASIO—A's 21.30—«Adão e Eva».

POLITEAMA—A's 21 h.—«Amor de Apaches».

APOLO—A's 21.30—«O Pinto, tantos de tals».

SALÃO FOZ—A's 20,30 22.30—«Trolaró».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 horas—Luta de box.

ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Vida Sportiva

ESGRIMA

Semana d'Armas portuguesa

Iniciam-se no proximo dia 2 de junho as provas da Semana d'Armas portuguesa organizada pelo C. N. E.

A primeira prova é o campeonato dos Juniors. Para ela já estão inscritos muitos atiradores. A Semana d'Armas vae constituir este ano um verdadeiro sucesso, o numero de atiradores em forma das diferentes salas é enorme e ha tambem muitos novos. Estas provas realisam-se na esplanada do Gremio Literário.

Lá por fóra

Automobilismo

PALERMO, 30.—A corrida classica de automoveis Farga-Florio foi ganha pelo italiano Masetti em 7 horas, e 25 minutos.—(H).

A guerra civil na Irlanda

Acusações graves d'um general contra as autoridades inglezas—Atentados e represálias oficiaes

Na Camara dos Comuns foi chamado a atenção do governo inglez para a publicação, pelo general Crozier, ex-comandante da policia auxiliar da Irlanda, d'um «dossier», em que ele declara, com numerosos depoimentos confirmativos, que o assassinio, o fogo posto, o saque e outros actos de terrorismo eram executados pelas forças da corôa durante o tempo do seu comando e que foi forçado a dar a demissão porque quiz obrigar os seus homens a respeitar a disciplina.

O general acusa tambem altas personagens do castelo de Dublin terem tentado desvirtuar depoimentos em trez casos de assassinio.

Sir Hamar Greenwood respondeu que o general Crozier possuia provas relativas a actos criminosos, o seu dever era apresental-as e que, antão, veria se havia motivo para se proceder a um novo inquerito. Negou em seguida que a demissão do general Crozier tivesse sido imposta por ele querer fazer observar a disciplina.

Tendo diversos membros da Camara pedido para serem publicados os relatorios confidenciaes dirigidos pelo general Crozier ao ministerio da guerra, sir Hamar Greenwood respondeu que combinaria com o ministro da guerra sobre a oportunidade da publicação d'esses relatorios.

* *

Em Cork, no dia 24 á tarde, foram destruidas trez casas pela tropa e pela policia, como represálias oficiaes pelo ataque feito a uma patrulha de policias, dias antes.

Seis soldados desarmados, que passeavam, a pé, a alguns quilometros de Castletonlere, no condado de Kerry, foram de subito atacados por uns trinta homens armados, que os levaram para um campo e os fuzilaram.

Em Covan, uns quarenta sinn-feiners entraram em casa d'um sapateiro e levaram-no, á força. O seu cadaver foi achado mais tarde n'um campo, tendo em volta do pescoço um cartaz com os seguintes dizeres: «Fuzilado por ordem do exercito republicano irlandez».

Ultima Hora

Tribunal militar do C. E. P.

Reuniu hoje este tribunal de guerra para julgar os réos Joaquim Marcellino Soares Moreira, tenente do A. Militar; Emilio da Costa Ferreira, 2.º sargento do infantaria 14; Alfredo Soares da Silva, 1.º cabo de infantaria 2 e Julio Ferreira, soldado de infantaria 1, acusados de infedilidade no serviço militar.

Lido o libelo e interrogados os réos estão sendo inquiridas as testemunhas, á hora do nesse jornal fechar, devendo ainda hoje ser proferida a sentença.

Oficiaes da policia

Parece carecer por completo de fundamento a noticia de que iam sair da policia os capitães srs. Rodrigues, Albuquerque e Ferreira e o tenente sr. Graça. Pelo menos, no governo civil nada constava a tal respeito, sendo excelentes as relações de todos esses oficiaes com o tenente coronel sr. Patacho, comissario geral da policia.

Poeira da Arcada

Administrador de concelho

Vae ser nomeado administrador do concelho de Cascais o sr. Armando Osorio de Barros, que conta grande numero de simpatias n'esse concelho.

Noticias da Capital

QUE TAL ERA A DISTRACÇÃO!...

Compreende-se que uma carteira desapareça com o dinheiro que contem, sem se dar por isso, tal é a subtileza com que os amigos do alheio operam. Mas que de dentro d'uma mala de mão se tire dinheiro e fotografias, sem que a possuidora dê por isso, já é necessario ir-se muito distraido.

Ora foi o que aconteceu a uma senhora de nome Ernestina Costa, da rua Alexandre Herculano, a quem, na praça dos Restauradores, segundo ela diz, furtaram de dentro da mala de prata duas fotografias e a quantia de 110$00.

Para a outra vez com certeza que guardará com mais cuidado o conteudo da mala.

Os tumultos no Egypto

são devidos ás rivalidades dos chefes dos partidos

Em diversos pontos do Egypto teem-se ultimamente dado graves disturbios.

A causa d'esses disturbios explica-a alguem altamente colocado e, portanto, sabedor dos factos, que chegou ha dias a Paris.

Eis como essa personalidade explica o que se passa:

«Para fazer ouvir na Conferencia da paz os desiderata do povo egypcio fôra formada uma delegação com as personalidades que da ocasião pareciam melhor indicadas para tal fim. A' frente d'essa delegação foi colocado Saad pachá Zaghloul. Tivera um papel importante em todos os movimentos de independencia que conduziram á resolução de discutir com os representantes britanicos as reivindicações nacionaes egypcias.

A delegação trabalhou paralelamente com a comissão ingleza presidida por lord Milner; cada uma delas apresentou um relatorio ao governo. Depois a delegação enviou ao Egypto alguns dos seus membros para saber se o povo egypcio aceitava, em principio, as bases do acordo proposto ao governo inglez. Mas, ao lado da delegação presidida por Saad pachá Zaghloul, e fóra dela, um estadista se havia tornado muito popular. Era Adly pachá Yeghem, estimado pelos egypcios e pelos inglezes, por causa da sua lealdade e competencia politica.

Pela sua autoridade pessoal e pela sua diplomacia, Adly pachá facilitou grandemente o contacto entre as delegações egypcia e ingleza e tentou, com exito, uma aproximação dos objectivos que havia.

De volta ao Egypto Adly pachá foi encarregado pelo sultão de formar gabinete. O governo britanico declarava-se pronto n'esse momento a renunciar do protectorado eg pcio.

Quando foi publicada a declaração ministerial, a delegação presidida por Zaghloul, que voltou para o Egypto, foi acolhida com entusiasticas manifestações do povo e do governo. Era então considerada como a libertadora do paiz. Era esta a situação no principio de abril.

O desacordo que depois se deu foi devido unicamente a uma questão de fórma. A presidencia da delegação nomeada para tratar com o governo britanico devia ser dada a Zaghloul pachá, ou a Adly pachá?

D'ahi derivou o que se tem passado. Zaghloul colocou atraz de si a massa turbulenta dos estudantes e o povo ignorante.

Os disturbios começaram, como se sabe, na cidade de Taritale, na linha ferrea de Alexandria ao Cairo. Depois houve uma acalmia. Ultimamente os tumultos repetiram-se.

A causa imediata foi a nomeação pelo governo, da delegação das negociações do tratado.

Parlamentares socialistas

Reuniram hoje, pelas 14 horas, os parlamentares do partido socialista, a fim de apreciarem os ultimos acontecimentos e julgarem da oportunidade da dissolução parlamentar.

As resoluções tomadas nessa reunião, em atenção ao chefe do Estado, só depois do sr. presidente da Republica as ter recebido poderão ser dadas á imprensa.

Ao que nos consta, na reunião combateu-se a ingerencia da politica nos elementos militares, o que deu causa aos ultimos acontecimentos.

Oficial assassinado

Telegrama recebido pelo sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, informa que hoje de madrugada foi assassinado covardemente em Alpiarça o tenente de cavalaria sr. Serafim Fonseca, comandante da secção da guarda nacional republicana ali destacada.

São por emquanto desconhecidos pormenores.

Serviço telegrafico da tarde

BUENOS AIRES, 29.—O juiz de instrucção Racedo ordenou á policia que capture todos os implicados na gréve dos chauferus.

Estes publicaram um manifesto ao paiz explicando as razões do seu procedimento.

As autoridades proibiram as reuniões dos chaufeurs.

Um destes, Bruno Canovi, morreu em consequencia das feridas recebidas no ataque realisado pela Liga Patriotica á séde do sindicato.

O morto tinha um largo cadastro de prisões por furtos e roubos, e em julho de 1920 foi surpreendido a conduzir num automovel algumas bombas de dinamite.

Era um perigoso anarquista.

Dizia-se italiano.

Foram presos muitos chaufeurs com pessimos precedentes.

A Intendencia municipal está examinando os cadastros para cassar os mais mal comportados os libretes de sua profissão.

Os chaufeurs, em face de tão energico procedimento, publicaram um novo manifesto ao paiz escrito em linguagem violenta que não encontrou, porém, eco na opinião publica.

500 chaufeurs ofereceram-se á Liga Patriotica para constituirem uma sociedade autonoma desde que lhes fosse garantida uma protecção eficaz para trabalhar.—(A).

ATHENAS, 30. — Comunicam de Constantinopla que o governo de Angora negoceia actualmente um emprestimo em Moscou. Noticias do mesmo procedencia dizem que Mustapha K. mal começou a depuração do exercito, especialmente no corpo de oficiaes, separando do serviço todos os partidarios de Env. r Pachá.—(H).

ATHENAS, 30. — Comunicam de Smirna que fundeou n'aquele porto o grande Dreaghnouth inglez «King Georges».—(H).

VIENA, 30.—O governo não tendo podido evitar o plebiscito de Salzburg que votou pela união á Alemanha, receia que esse facto faça fracassar as negociações para a concessão de creditos á Austria pelos aliados.—(H).

PARIS, 30.—Consta que a reunião do Conselho Supremo interaliado se não realisará antes de 15 de Junho proximo e que esta proposta foi feita ao Fereing Office em uma nota diplomatica.—(H).

BERLIM, 30.—O chefe do governo sr. Wirth tenciona realisar no fim da semana uma viagem pela Alemanha do sul com o fim de discutir com os governos dos diferentes estados os problemas mais importantes da politica externa e interna e assentar com eles em uma unidade de acção tão completa quanto possivel.—(H).

LONDRES, 30.—O cabo que liga Queenstyown a diversas localidades foi cortado atribuindo o facto aos «sinn-feiners».—(H).

NEW-YORK, 30.—Faleceu o general Horace Porver, antigo embaixador dos Estados Unidos.—(H).

WASHINGTON, 30. — Foi promulgada pelo presidente Harding a lei que sobre as novas pautas excecionaes sob a designação de emergency Tarifas, que baixam sido recentemente aprovadas pelo Parlamento, com o fim de fazerem face á concorrencia estrangeira, protegendo a industria americana.—(H).

PARIS, 30.—Na reunião da comissão de Finanças da camara o ministro das Finanças disse ser necessario procurar novas receitas para o tesouro, propondo-se a elevar desde já ao dobro o imposto sobre os lucros comerciaes, para compensar a reducção dos direitos sobre a circulação dos vinhos e outros deliciencias do tesouro.—(H).

DECLARAÇÃO

Lisboa, 29 de Maio de 1921.

Ex.mo Sr. Redactor:

Li no extrato da assembleia do Banco Nacional Ultramarino, indicações a meu respeito, menos verdadeiras, chegando a dizer-se que eu tinha caluniado o Banco, quando é certo que todas as considerações que no meu discurso foram feitas não conseguiram ser rebatidas, porque eu indicava factos e quantias de irregularidades praticadas por delegados do Conselho da Administração que redundaram em enormes prejuizos para o referido Banco, não refutando as minhas alegações a direcção, alegando que o não fazia porque eu tinha no tribunal uma acção comercial contra o Banco, a qual quando este se pronunciar se verá para que lado está a razão.

Quanto á interrogação feita pelo sr. dr. Malva do Vale, a que se diz que respondi com falsas alegações, não é assim, porque declarei que, sendo o Banco um emissor e circulando em algumas colonias unicamente a sua moeda e não dando as suas agencias transferencias suficientes para que o comercio pudesse fazer face aos seus encargos na metropole, o meu parecer era que o Banco não cumpria o contrato que tinha com o governo.

Além disso, os informadores dos jornaes não conseguiram seguir as minhas palavras, devido ao enorme barulho que os sr. acionistas fizeram emquanto eu falei.

Estando resolvido a publicar os meus discursos, o publico depois ajuizará da verdade ou das calunias que eles contêm.

Grato pela publicação destas linhas, com toda a consideração.

Joaquim de Saint Maurice

LIVROS E PUBLICAÇÕES

O abastecimento de agua de Lisboa

Em opusculo, foi agora publicada a notavel conferencia que o distinto clinico e professor sr. dr. Nicolau de Betencourt realisou na Sociedade das Sciencias Medicas, em resposta á que ali realisára o sr. Carlos Pereira. Como os jornaes largamente se ocuparam dela, não repetiremos aqui o que o ilustre professor disse, mas aconselhamos os que não leram o extracto dessa conferencia a fazel-o agora, porque ha muito nela que aprender.

A CAPITAL

3795 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. Norte, 5, 1.º; Impres. R. da Bica, 71

LISBOA — Terça-feira, 31 de Maio de 1921

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Preço, 5 centavos

CAMINHO PERIGOSO

A noticia do dia, que alguns jornaes publicaram na sua secção da ultima hora, foi a convocação extraordinaria do Congresso da Republica, reclamada por um grupo de cincoenta parlamentares, deputados e senadores, que para isso invocaram o artigo 12 da Constituição do país.

Como os nossos leitores verão mais adiante, teem-se dado com a publicação d'esse documento as mais variadas peripecias, não se sabendo até ao momento em que traçamos estas linhas se ella será inserta na folha oficial. O que, porém, já se sabe é que o sr. presidente do Congresso, general Correia Barreto, a quem altas horas da noite esse documento foi apresentado, teve varias apprehensões, depois de o ter despachado, sobre a sua constitucionalidade, acabando por anular os seus anteriores despachos com um outro em que deixa aos signatarios da convocação toda a responsabilidade da sua iniciativa.

Tratando-se d'um assumpto tão grave, a resolução do sr. Correia Barreto assume uma grande importancia, porque ella mostra que além de se ir realisar um acto cujas consequencias politicas podem ser incalculaveis, tambem se iria realisar um acto, cuja base constitucional se afigura muito duvidosa.

Parece-nos que semelhantes factos devem induzir todos os politicos d'este país a uma grande ponderação e serenidade.

Embora não se tenha ainda d'uma maneira formal desvendado os intuitos que presidiram ao pedido da convocação extraordinaria do Congresso, para ninguem é já segredo que se pensa em pôr em foco a personalidade do sr. Presidente da Republica, diminuindo-a no seu prestigio para se estabelecer de novo uma agitação que seria prejudicialissima não só ás instituições, mas ao proprio país.

A paixão cega muitos vezes, e qualquer acto que redunde no desprestigio do supremo magistrado da nação, em quem exercito o povo, absolutamente confiaram no decorrer dos sucessos que originaram a ultima crise politica, representará um golpe profundissimo vibrado na tranquilidade e até no futuro da Patria.

Que todos pensem antes de enveredar por um caminho que se não sabe onde irá ter. O país tem o direito de exigir que o não perturbem com novas convulsões quando elle precisamente deseja apenas trabalhar, em paz e em liberdade, sob a bandeira da Republica.

A questão da Alta Silesia

Uma comissão encarregada do traçado da fronteira

PARIS, 31 — Nos meios diplomaticos francezes é acolhida favoravelmente a resolução do governo britanico de aceitar a proposta da França tendo por fim encarregar uma comissão de peritos de fazerem um inquerito com o fim de apresentar conclusões sobre o traçado da fronteira da Alta Silesia.

Tambem os meios diplomaticos francezes são de opinião que se impõe uma reunião previa do conselho supremo para designar essa comissão, o que pode fazer-se por intermedio das chancelarias.

E' provavel que a resposta da França, que deve ser enviada hoje, seja concebida neste sentido e que o governo francez proponha ao mesmo tempo que se envie a essa comissão o estudo do projecto italiano sobre a Alta Silesia. — (H).

O governo polaco não se demite

VARSOVIA, 31. — Em conselho de ministros o governo resolveu não pedir a demissão em vista da situação na Alta Silesia. — (H.)

A campanha na Asia Menor

A Inglaterra vae abandonar a sua neutralidade

LONDRES, 31. — Informa o «Daily Mail», que em vista da atitude hostil dos kemalistas para com os subditos britanicos, a Inglaterra vae abandonar a politica de neutralidade na Asia Menor.

O embargo de armas e munições para o exercito grego vae ser levantado, sendo mesmo possivel que os gregos sejam auctorisados a utilisar Constantinopla como base militar, o que lhes dará grandes vantagens para as suas operações no sector de Brousse, podendo mesmo atacar pela rectaguarda a ala direita dos turcos. — (A).

Um atentado contra Ismet Pachá — Enforcamentos

ATHENAS, 31. — Comunicam de Smirna que durante uma sessão do comité secreto da Assembleia nacional de Angora se registaram vivissimos incidentes que degeram em sangrentos conflictos.

Foi ao sahir da sala das sessões que Ismet Pacha foi alvo de um atentado ficando ligeiramente ferido.

Foram descobertos e presos varios partidarios de Enver Pachá, que haviam chegado a Angora secretamente. Alguns foram enforcados.

Consta que em Constantinopla reina grande inquietação sobre os acontecimentos de Angora e pela perspectiva de uma nova ofensiva dos gregos. — (H).

A caminho da Promissão

O ex-ministro das finanças corrobora as minhas afirmações

O leitor deve estar edificado com tudo quanto tenho escrito sobre este assunto. A verdade é que ha uma lista negra de cambistas arvorados em banqueiros, cujo nome um dia publicarei, para que se conheçam os causadores da fome, doença e morte de muitos portuguezes, a quem não convem que se saiba o que eu vou esclarecendo. E' claro que não é para esses que eu escrevo.

Inutil seria, infantil mesmo, pretender convencer os sequiosos do ouro — a pior das hidropsias, — de que os seus «trucs» têem de sofrer necessarias restrições; de que os governos, sejam eles quais forem, se devem emancipar da sua intervenção nefasta e ruinosa. Mas não é este o fim da minha campanha; pouco se me dá com essa leva de argentarios a quem não convem que se saiba estas coisas; as minhas afirmações dirigem-se aos que não sabem o que lhes convem. E' meu fito unico esclarecer a nossa situação financeira, para que renascida a confiança, os manejos dos galfarros resultem absolutamente inuteis. Isto sim que é uma obra sã, util e de proveito geral.

Passaram-se anos a falar em falencia geral, em bancarrota, em dinheiro sem valor, no diabo que os leve a todos os difamadores conscientes, inconscientes e assoldadados!

E' necessario que agora se mostre a toda a luz da evidencia, que se repise e torne a repizar, a perfidia dos que mandavam propalar essas atoardas para, sobre a desconfiança d'ai derivada, acastelarem os seus milhões.

Houve um tempo feliz em Portugal; foi quando os dois unicos seres damninhos, eram a filoxera e os politicos. Hoje existe mais um monstro devastador, mais uma praga dominante: — são os cambistas bolsistas armados em banqueiros.

O boato politico era inofensivo. O publico não o vivia. Era simples materia de contraversia nos centros e na Havaneza. Nada tirava nem punha no país dele alaciado; mas o boato financeiro, as afirmações tetricas de de certos personagens sobre a situação economica, essas teem-nos custado muita fome e desesperação, e grangeado milhões aos homensinhos das casas de usura.

Não obstante os enforcados em cambiaes bracejarão em balde; a ponta do véu que lhes cobria o jogo está levantado e o publico finalmente começa a interessar-se pela questão. E' possivel que ainda uma vez ou outra topem no poder com elementos que por ingenuidade ou corrente afectiva de qualquer natureza, lhes venham em auxilio, mas desde que os seus processos estejam bem conhecidos, piór para quem com eles se conforme, estando no poder.

A torpe especulação até já tem dentes cariados; não duram ha um ano, nasceram com a guerra, e foi com prazer que vi o ex-ministro das finanças, o sr. Antonio Maria da Silva, corroborar n'uma entrevista, dada a um jornal de grande circulação, tudo quanto eu fui o primeiro a apregoar, e atornar suasorio neste logar.

O sr. Antonio Maria da Silva, com as responsabilidades de quem acaba de gerir a pasta das finanças, declara que da emissão dos 200 mil contos, auctorisada não foi preciso pôr em circulação 91 mil.

Aqui tem o leitor os grandes embaraços do thesouro publico.

O sr. Antonio Maria da Silva confirma por mais duma vez as minhas acusações dizendo:

«A fixação da divisa cambial tem infelizmente obedecido nos ultimos tempos a diversos factores de natureza especulativa.» O ex-ministro deve ter querido significar! — a varias especulações; mas resalvemos-lhe o eufemismo, e continua «não deixando traduzir a realidade economica.»

Querem no mais claro?

Leram?... O que tenho eu garantido? Que as tabelas oficiaes, que as cotações são um ilusionismo a que a forte realidade se está sobrepondo. Ainda ha dias assim terminei a minha cronica; pois um homem sahido agora do poder e das finanças repete o meu asserto. Pode haver mais nitida expressão condenatoria?

E' lá possivel continuarmos neste «gachis» em que se mente, para que a vida continue insuportavel aos portuguezes?

Confessa-o esse ministro que não precisou de recorrer á praça para solver os compromissos do Estado; afirma que não havia rasão para o cambio andar em volta dos 5; que, apezar da indomita galfarrice, o conseguiu aguentar nessa altitude; que a 9 é que devera estar, e tudo isto ainda com o contracto de dolars por fazer, na duvida do pagamento das reparações.

Pense agora o leitor no que aí fica, enquanto eu para hoje por aqui não tão só no meu ataque á usura criminosa de meia duzia de insaciaveis açambarcadores de cambiaes.

As informações do sr. Antonio Maria da Silva são uma documentação que me consola. Foram publicada no domingo ultimo, no mesmo dia em que um desses onzeneiros das cambiaes teve o desplante de me dizer que era uma vergonha aceitar o dinheiro aos alemães!

Querem-nos melhores?

D. Thomaz de Noronha.

PELO TELEGRAFO

As eleições do presidente da Republica do Brazil

RIO DE JANEIRO, 30. — No proximo dia 4 de junho reunirá a Convenção Nacional para eleger o presidente e o vice presidente da Republica. Nas altas esferas politicas continuam os esforços para se chegar a um entendimento acêrca da escolha do candidato á vice presidencia. Os dois candidatos mais cotados são os srs. João Bezerra, governador do Estado de Pernambuco, e José Joaquim Seabra, governador do Estado da Bahia.

Os deputados e senadores destes Estados trabalham activamente para fazer vingar o seu respectivo candidato, mas parece que se apresentarão aqueles dois nomes á Convenção. — (A.)

Morte d'um diplomata

BOGOTÃO, 30. — Morreu Hoguim, ex-ministro da Colombia em Espanha e França. — (A.)

Inauguração d'uma lapide — Entrega de estandarte — Exequias solénes

MADRID, 31. — No muzeu de engenharia descobriu-se a lapide de homenagem ao comandante e oficiaes do corpo que se encontra em campanha em Africa.

Quinta-feira verificar-se-ha em Carabanchel a entrega de um estandarte pela condessa de Romanones ao batalhão de engenheiros radio-telegrafistas em memoria de seu filho José, morto em Marrocos.

Amanhã celebrar-se-hão na egreja de S. Francisco exequias solénes por alma do marquez de Stela, a que assistirá todo o governo e prestara honras a companhia Sicilia de que o defunto era coronel honorario. — (A).

As gréves na Republica Argentina

BUENOS AIRES, 30. — A policia fez encerrar de madrugada o sindicato dos chauffeurs instalado numa garage, na qual se encontrou escondido material de dois periodicos anarquistas. A policia prendeu os redactores e os delegados do sindicato e proibiu a entrada e saida de automoveis na garage.

E' provavel que a federação maritima acompanhe a federação dos trabalhadores do porto na greve geral por estes declarada, afim de contrariar o trabalho dos carregadores livres patrocinados pela associação do trabalho e pela Liga Patriotica, e protegidos pela politica. — (A.)

O Uruguay e a Liga das Nações

MONTEVIDEU, 30. — Originou-se na Camara um debate sobre a mensagem do poder executivo que solicita autorisação para abonar á Liga das Nações dois semestres de quotas adiantadas.

Alguns deputados manifestaram a convicção de que a Liga das Nações vem a fracassar; como, porém, deve honrar-se a assinatura do Uruguay, a Camara assentou em convidar o chanceler a apresentar-se na sessão de hoje. — (A).

Lá como cá... Os musicos contra os criticos

BUENOS AIRES, 30. — «El Diario» diz em «á ultima hora» que os musicos da orquestra do teatro Colon, em consequencia da critica acerba que alguns jornalitas fizeram a execução do «Crepusculo» de Wagner, exigiram da Empreza que imponha a saida dos criticos de «La Nacion», «La Prensa» e «La Rozon».

No caso em que esta extraordinaria exigencia não seja satisfeita, declaram os musicos que não mais tocerão. — (A.

Retomando o trabalho

ASSUNCION, 30. — Recomeçou o trabalho em todas as classes, excepto na dos criados de hotel e de café. — (A).

Augusto Tito Gonçalves Martins

Em Castelo de Paiva, onde fôra procurar alivios ao seu sofrimento, faleceu o sr. Augusto Tito Gonçalves Martins, funcionario superior dos correios aposentado e cuja carreira fôra das mais brilhantes, tendo-lhe merecido justos e bem cabidos louvores.

O extincto era pae do nosso presado amigo e distincto jornalista sr. Tito Martins, a quem, bem como á restante familia enlutada apresentamos os nossos sinceros pezames.

A ponte sobre o Tejo

Na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, realisa depois d'amanhã, ás 21 horas, uma conferencia ácerca do projecto da ponte sobre o Tejo, o seu autor, o engenheiro sr. Afonso Pena Boeuf, professor da Escola de engenheiros de estradas, canaes e portos.

O terrorismo em Hespanha

SARAGOCA, 30. — A tragica morte do general governador produziu grande consternação, pois apesar de se encontrar ha pouco tempo nesta cidade havia captado geraes simpathias. O funeral deve realisar-se hoje, com todas as honras militares. — (H).

No mesmo estilo...

de Ana de Castro Osorio

NOTA — As caricaturas que aqui se fazem não devem ser tidas como prova de menos consideração do autor pelos caricaturados. Vá este aviso de encontro ás possiveis malquerenças que o caso possa motivar. — *H. R.*

Historia da Princeza que se perdeu na floresta n'uma noite de Janeiro, de quarto crescente e ameaçando chuva miudinha

N'um reino muito grande, havia uma princeza, linda como tudo o que ha de mais lindo e que se chamava a Princeza Sempre Triste, porque não havia nada n'este mundo que lhe desse alegria.

Ora um belo dia, estando a Princeza sentadinha a fiar na sua roca de cristal, appareceu-lhe um passarinho muito lindo que lhe disse:

— A tua tristeza só passa quando dezencatares o Principe Sempre Alegre que está encantado pelo gigante das quarenta e oito cabeças na Fonte da Felicidade!

A Princeza quando tal ouviu, encheu-se de coragem e levando um barrilinho de oiro muito lindo, partiu para a floresta.

Foi andando, andando, até que se fez noite e viu uma luz. Foi e viu que era uma casa. Bateu e pediu agasalho. A casa era do gigante das quarenta e oito cabeças que ali vivia em companhia de sua mulher.

A Princeza viu logo que a mulher do gigante era uma fingida e por isso mal a apanhou a dormir, foi muito caladinha, abriu a porta, e fugiu a bom fugir.

O gigante das quarenta e oito cabeças deu pela coisa, mas a Princeza, que era muito esperta, tinha-lhe levado um chapeu, de maneira que o gigante queria ir á procura dela para a matar, mas como só tinha quarenta e sete chapeus, não poude sair de casa porque estava a chover e o gigante tinha medo de constipar a cabeça que estava sem chapeu.

A Princeza, fugiu, fugiu, até que dahi a pouco foi logo manhã e a Princeza viu que estava ao pé duma fonte muito linda.

Apareceu-lhe então um passarinho tambem muito lindo que lhe disse:

— Esta é a Fonte da Felicidade! Se tens força enche o barril!

A Princeza encheu o barrilinho de agua, po-lo ás costas e começou a dizer: «Aú! Aú! Aú!» Nisto ao terceiro «aú», a fonte transforma-se num coche muito lindo, todo de marfim. Então a porta do coche abriu-se e um mancebo muito lindo e muito fino, apareceu dizendo para a Princeza:

— Eu sou o Principe Sempre Alegre, que aqui estava encantado pelo gigante das quarenta e oito cabeças! — e convidando a Princeza a entrar, fez um sinal ao cocheiro e o coche pôz-se logo a correr mais depressa que o pensamento.

A Princeza levou o Principe para o palacio e nunca mais foi triste. Casaram e fizeram uma festa muito linda. Fui lá e deram-me uns sapatinhos de abobora coberta, muito lindos, mas as formigas comeram-mos pelo caminho.

Henrique Roldão.

NOTAS FALSAS

PEDIR

Ha pessoas que nascem com habilidade para tudo.

Elas fazem caixinhas de madeira, arranjam relogios, grudam louça rachada, afinam guitarras, imitam assignaturas, põem paus para roupa, fazem pasteis de bacalhau, uma infinidade de aptidões que é de pasmar. Outras ha, que não teem geito para coisa alguma. Se concertam um relogio, sobeja-lhes sempre uma roda maior do que o relogio, se tentam endireitar um chapeu de sol, fica-lhe a obra n'uma bengala torta, e se lhes passa pela cabeça engendrar qualquer especie de carpintaria, é certo que no fim, apenas conseguem fazer um caixote sem fundo, nem tampa, nem lados.

Eu pertenço á segunda falange. Sou incapaz de concertar um pé de comoda ou de endireitar um arame e, ha sobre tudo uma outra coisa para que eu tenho a maior negação conhecida nos anaes da incompetencia: é para pedir.

Por mais que torça e destroça sae sempre asneira. A's vezes levo um dia completo a compôr palavras, a enfileirar razões a sopezar sistemas, mas quando chega a hora do pedido, por mais que ponha em pratica todo o meu estudo aturado é fatal e certa a resposta: «Não!»

Tenho experimentado todas as formas, rapida, lamurienta, adjectivante, comodida, sobranceira, mas o resultado é o mesmo. O «não» vem sempre com uma ligeireza e uma certeza matematica, que me deixa atordoado!

Falarei alto de mais? Falarei baixo excessivamente? Não dobro a espinha nos graus necessarios ou levanto a cabeça alem da medida?

Não sei! Só sei que não sei pedir; sim porque os outros pedem e são servidas, uzando as mesmas palavras e os mesmos gestos, emquanto que eu...

E' assim tão dificil a arte de pedir?! Pois não desisto e para treino vae em cantiga:

Na presença do publico ilustrado
Vem artista pedir proteção...

Henrique Roldão.

A convocação extraordinaria do Congresso

O sr. Correia Barreto, presidente do Congresso da Republica, deixa aos parlamentares oposicionistas a responsabilidade d'essa convocação. — O conselho de ministros está reunido para tratar do assumpto

Hoje de madrugada, dirigiu-se á Imprensa Nacional um numeroso grupo de parlamentares, que declararam querer falar ao director d'aquele estabelecimento do Estado, sr. Luiz Derouet, pois desejavam que fosse publicado no *Diario do Governo* de hoje uma convocação para uma reunião extraordinaria do Congresso da Republica.

Como o sr. Derouet não estivesse, dirigiram-se a sua casa, na travessa da Palmeira, onde lhe apresentaram o documento convocatorio d'essa reunião, com o seguinte despacho do presidente do Senado, sr. Correia Barreto:

«Faça-se a convocação».

O sr. Luiz Derouet respondeu que não podia fazer publicar esse documento sem um despacho do sr. Correia Barreto, autorisando a publicação.

Os parlamentares concordaram com essa observação e dirigiram-se á residencia do sr. Correia Barreto, voltando pouco depois a procurar o director da Imprensa Nacional, apresentando-lhe o documento convocatorio então já com o seguinte despacho:

«Publique-se no «Diario do Governo» de 31».

O sr. Derouet declarou-lhes então que, por sua parte, não tinha já duvida alguma em publicar a convocação, mas que era dever seu, como funcionario, informar o governo do que se passava.

Os parlamentares concordaram plenamente com isso.

Informado pelo director da Imprensa Nacional da apresentação do aviso da convocação para ser publicado na folha oficial e tendo conhecimento de que ele tinha os competentes despachos do sr. Correia Barreto, tanto o sr. Barros Queiroz como o sr. Abel Hipolito declararam que se não opunham á sua publicação.

De manhã, porém, o sr. Barros Queiroz avistou-se com o sr. Correia Barreto e ponderou-lhe a conveniencia da reunião do Congresso se efectuar no dia 2, visto estarem ausentes de Lisboa muitos dos parlamentares que nela deviam tomar parte.

O sr. Correia Barreto concordou com essa observação, lançando no documento em questão o seguinte novo despacho:

«N. B. — A convocação deverá ser para o dia 2, para poderem tomar parte na sessão os parlamentares que se não encontram actualmente em Lisboa.»

Mais tarde, porém, o sr. Correia Barreto foi ao ministerio do interior e ahi declarou ao sr. Abel Hipolito que tinha sérias apreensões acerca da constitucionalidade da convocação do Congresso, tal como a reclamam os parlamentares que tomaram essa iniciativa.

Posto ao facto d'estes escrupulos do sr. Correia Barreto, o sr. Barros Queiroz convocou o conselho de ministros, que á hora a que escrevemos está tomando deliberações.

Entretanto, o sr. Correia Barreto dirigia-se á Imprensa Nacional e ahi lançava no já celebre documento este quarto e supomos que definitivo despacho:

«Tendo duvidas acêrca da constitucionalidade da reunião do Congresso nos termos do artigo 12.º da Constituição, por isso que se me afigura que durante o periodo em que funcionam as duas Camaras só podem realisar-se sessões conjuntas ordinarias, nos termos e para os fins indicados na mesma Constituição, e porque no aviso da convocação se não menciona o assunto a tratar, anulo os meus despachos, deixando á responsabilidade dos ilustres parlamentares signatarios a convocação do Congresso extraordinario».

Em consequencia de tudo o que deixamos narrado, está parada a composição do «Diario do Governo», á espera da resolução do conselho de ministros.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

A dansa das raças

O Norte e o Sul — Os ruivos e os de cabelo preto — Os da planicie e os da serra

Não é nosso proposito passar aqui em revista as numerosas camadas etnicas que, durante seculos infindos, teem vindo a sobrepor-se no nosso solo, ora desaparecendo umas para dar logar a outros, ora coexistindo.

Temos pretensão mais modesta. Levaram-nos os estudos a considerar a notavel ausencia de uma caracteristica etnica no tipo nacional.

Este tipo que, nas suas imensas cambiantes, assume tão diversos aspetos antropologicos, desde o mais acentuado prognatismo até ás mais caprichosas configurações do craneo, abrangendo cabeleiras que vão do ruivo ao negro e do mais liso ao mais encrespado, provem da sucessão infinita de sobreposições etnicas, as quaes duradouras ou transitorias, veem sempre deixando alguma cousa do seu manifestado no tipo fisico, e legando-nos um fundo tradicional que, quando não se fixa ancestralmente, perpetua-se pelo anexim, pelo ditado, e pela adivinha, pelo bailado, e por mais uma infinidade de costumes e habitos.

Entre o norte e o sul de Portugal nota-se uma profunda diferenciação etnica que se manifesta na lingua, no tipo, nos costumes, nas tradições e até na rivalidade innata, por assim dizer.

Esta diferença resulta das migrações iniciaes, primitivas pelos Esquimós, homens do Norte, e pelos Fulahs, vindos d'Africa, ou sejam os ruivos e os de cabelo preto.

O antagonismo rácico, após tão numerosos seculos, continúa a subsistir pelo anexim. Ainda se diz:

Conhecido como o cão ruivo.

«A porca ruiva, o que faz, isso cuida» era ditado velho, já hoje a cahir em desuso.

Falando do tempo, ainda o povo diz:

Manhã ruiva, ou vento ou chuva.

Os do norte, ás nuvens chamam — ruivas, — e, conforme a sua posição, assim tiram prognosticos, bons ou maus:

«Ruivas ao Nascente,
«Chuva de repente.

A versão de Famalicão concorda no mau prognostico:

«Ruivas ao Nascente,
«Desapõe os bois e foge sempre.

E tambem:

«Quando estão as ruivas ao mar,
«Pega nos bois e vae lavrar.

Aconselham os do Alemtejo:

— O homem ruivo e a mulher barbuda de longe a sauda.

Até ainda hoje, na linguagem dos gatunos, a Ruiva é a policia. (1)

Por deante não levaremos as citações que poderiam ser muitas a mostrar o fundo tradicional de hostilidade contra uma raça das primitivas que por aqui passaram, fixando-se.

A importancia do fundo tradicional que nos resta, basta a atestar o valor e a acção que essa raça deverá ter exercido.

O que aqui deixamos bem mostra o antagonismo pelos brancos de barba ruiva (ruça ou loira), por maneira que o ruivo tornou-se no anexirismo pe ninaular uma côr fatalista a predizer desgraças e infortunios.

Em Hespanha encontra-se antagonismo egual ao portuguez pelo *rubio* (ruivo), e o mais curioso é que tambem na nossa linguagem popular nos aparece a designação espanhola nesta frase — um negocio rubio — no sentido de mau, ruinoso, que promete dessastre.

Para o povo, no seu criterio simplista, os do Norte são os de cima, os do alto, tendo assim vindo a crear por analogia uma outra especie de antagonismo em todo o paiz entre os da planicie e os da serra — os serranos.

Intuitivamente se compreende que os habitantes das serras, em contacto mais directo com os lobos e outros animaes que preferem as serranias para residencia, vêem-se muito mais isolados do convivio social, manteem menos contacto com os homens dos povoados, acham-se, emfim, muito menos abertos ao contagio da civilisação.

D'aqui veiu por extensão o assimilar serrano com campestre, rustico, simplorio.

A's vezes, esporadicamente, ainda pela provincia se houve dizer:

A dama do monte, cavaleiro da Côrte

Se não é referencia já inconsciente a alguem conto esquecido, o ditado terá por fim achar um meio conciliatorio para poupar a mulher da serrania aos apodos dos da planicie.

Não nos estamos referindo a um fenomeno local. O antagonismo entre os da serra e os da planicie germinou entre nós com facilidade e perpetuou-se até á actualidade, porque vinha já de longe fixado pelos costumes.

Os primeiros Iberos que á Peninsula chegaram, vindos do Oriente, já traziam o espirito de rivalidade entre os Accads (montanhezes) e os Summirs (homens dos vales).

Debalde pretenderam os Romanos, após a invasão, pôr termo a este antagonismo que cá encontraram, sem reparar que tambem elles proprios o traziam comsigo. Ordenaram aos homens dos montes que fixassem residencia nas planicies e vice-versa. A tentativa, porem, foi deveras inutil, como seria de prever.

Ladislau Batalha.

(1) «Dicionario da Giria Portugueza», por Alberto Bessa

A questão das reparações

A França não quer humilhár os povos vencidos, mas não quer que o povo alemão se levante como se fôsse vitorioso

PARIS, 30. — Senado. Na discussão do orçamento das despezas recuperaveis, o sr. Briand declarou, a respeito dos pagamentos que ha que exigir da Alemanha, que apenas se realisou uma parte muito fraca das nossas esperanças. Por outro lado a comissão das reparações funcionava atravez de dificuldades de toda a ordem quando chegou a recusa da Alemanha e foi preciso fixar a importancia a pagar pela Alemanha na vespera do praso previsto pelo tratado.

Em presença das opiniões diferentes dos seus colegas, o presidente da comissão teve que aceitar um numero de biliões inferior ao que ele teria querido, mas superior certamente áquele que os outros delegados teriam fixado sem a sua colaboração. O sr. Briand recorda a atitude que a França tomou na conferencia de Londres e o rompimento que se teria seguido á conferencia se tivesse feito o gesto que tinha prometido.

A França não procura humilhar os povos, nem mesmo os vencidos, mas tambem não quere que o povo alemão, que foi vencido, se levante como se fosse victorioso; a França quer que o povo alemão tenha a consciencia da sua derrota.

Quero dar ao mundo, prossegue o presidente do conselho, a impressão da nossa inteira lealdade e da nossa boa fé.

Já obtivemos satisfação quanto ao desarmamento, que está em boa via de solução, mas as satisfações durarão só emquanto tivermos força.

O sr. Briand mostra que qualquer governo, de acordo com os aliados pode atingir os seus fins com eles, mas isso não significa que sacrifique os seus interesses. E' possivel que a França se veja obrigada a proceder sosinha, seguida pela simpatia dos aliados. Aqui está — disse o sr. Briand como eu compreendo a politica dos acordos e das alianças.

As declarações do general Hirschauer sobre o desarmamento da Alemanha obrigaram o sr. Briand a subir novamente á tribuna a declarar que a França está resolvida a perseguir o imperialismo alemão em todos os seus entrincheiramentos.

O orador acrescenta que na questão do desarmamento a França não pode ceder, nada. Se a Alemanha realmente não dearmar, procederemos sós em caso de necessidade. A França deixou muito do seu sangue no campo da batalha, para não querer expôr-se de novo a semelhantes provas e esse problema, para ela vital, a França nunca o perderá de vista; em caso de necessidade, ela saberá expôr a sua vontade formal a esse respeito. — (H.)

A guerra civil na Irlanda

O incendio da Alfandega de Dublin

No dia 25, como noticiámos, os edificios da alfandega de Dublin, onde estavam tambem instaladas as repartições das contribuições indirectas do governo local e do conselho de obras publicas, foram quasi completamente destruidos pelo fogo lançado pelos sinn-feiners.

Os incendiarios chegaram com 22 caixas, contendo cada uma quatro latas de gasolina e quatro fardos de algodão-polvora. Embeberam o algodão de gasolina, colocaram-no em diversos pontos do edificio e largaram-lhe fogo.

Tendo sido chamados os bombeiros e a tropa, travou-se um violento combate entre a policia auxiliar e os sinn-feiners. A versão oficial dada pelo governo da Irlanda é a seguinte:

Tres fourgons conduzindo policias auxiliares e acompanhados por uma metralhadora automovel aproximaram-se do edificio do alfandega de Dublin, um pouco depois das 13 horas, quando uma certa quantidade de bombas foi arremeçada da ponte do caminho de ferro sobre os fourgons e tiros de revolver foram disparados contra eles das janelas da alfandega, a qual estava ocupada por grande numero de sinn-feiners.

Os policias desceram dos fourgons debaixo d'um violento fogo, vendo então que o edificio da alfandega estava em chamas. Cercaram-no.

Abriram seguidamente fogo de fuzilaria e de metralhadoras contra as janelas da alfandega, d'onde os rebeldes ripostaram com vigor, e uma serie de encarniçados combates se trocou entre as forças da corôa e sete ou oito grupos de rebeldes que haviam saido pelas diversas portas do edificio, com o intuito de se porem em fuga.

O primeiro d'esses grupos compunha-se de tres homens, um dos quaes foi morto ficando os outros dois feridos.

No entretanto, o fumo e as chamas saiam do edificio e os empregados, muitos dos quaes são mulheres, que os rebeldes tinham conservado prisioneiros, corriam para fóra. Nesse momento, os rebeldes fizeram a sua ultima sortida. Eram sete. Um unico poude escapar, tendo sido os restantes ou mortos, ou feridos.

Ao findarem os combates, os rebeldes, mortos ou feridos, jaziam um pouco por todos os lados. Quatro agentes auxiliares foram feridos. Do lado dos sinn-feiners, foram mortos sete, feridos onze e presos uns cem.

VIDA SPORTIVA

No Coliseu dos Recreios

O sarau sportivo de hoje

Realisa-se hoje no Coliseu o esplendido sarau sportivo que, pelos seus magnificos elementos, constitue ha largos dias assunto muito falado em Lisboa. Promovido por uma comissão do «sportsmen» em homenagem aos professores de educação fisica Artur dos Santos e Levy Jenochio, é uma verdadeira festa em que cooperam amadores distintos, artistas e professores. Manoel da Silveira, em atletico, e José Casimiro, D. Alexandre e D. João de Mascarenhas, no jogo da Rosa a cavalo, tem atrações valiosas, a que não são inferiores os vôos de Levy Jenochio, rematados com a sua emocionante queda da cupula do Coliseu. Ha ainda equitação, argolas aereas, jogo do pau, «box» e luta, ginastica e saltos suecos, duplo trapezio, argolas aereas etc.

Concurso hipico internacional

Realizam-se no proximo sabado as primeiras provas do Grande Concurso Hipico Internacional no magnifico Hipodromo de Palhavã.

Este ano entre os concorrentes extrangeiros figura o «Sportsman» brasileiro sr. Edgard Schorcht Toledo que montará dois dos seus magnificos «hunters», o que constitui uma grande atracção.

A afluencia á assignatura tem sido enorme, estando já sob esse ponto de vista plenamente assegurado o exito das brilhantes festas hipicas.

As inscripções de corredores fazem-se até quinta-feira ás 11 horas da noite segundo os termos do regulamento.

Touradas

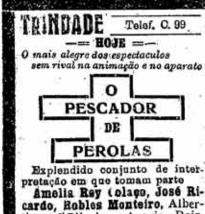
ALGÉS. — No domingo, ha corrida n'esta praça, desempenhando a troupe de Antonio Preto dois intervalos intitulados «Um capitalista na praça de Sevilha» e «A grande balburdia tauromaquica» Como cavaleiro, o amador José Gomez, e a pé numerosos aspirantes a toureiros, auxiliados pelos artistas Luciano e A. Carvalho.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

A bordo do Araguaya, partiu para o Brazil o sr. dr. Carlos Cilia. Os nossos desejos de uma feliz viagem.

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento do sr. Manuel Joaquim Moreira, da firma Luis Laureano, com a sr.ª D. Florinda Cordeiro, sendo testemunhas, por parte do noivo, os srs. Alfredo Mendes Ribeiro e A. Estrela, e pela noiva o sr. Raimundo da Silva Junior e a sr.ª D. Herminia Piedade da Silva.

Salão Central

Jack, coração de leão

Os eminentes artistas norte americanos Ana Little e Jack Hokie, os arrojados interpretes da famosa pelicula Jack, coração de leão, continuam a assombrar o publico com as suas sucessivas aventuras.

Hoje ainda se repete o 10.º episodio intitulado A fonte envenenada, dois actos de grande interesse pela originalidade das suas principaes passagens.

Amanhã, 4.ª feira, estreia na matinée do 11.º episodio, A casa em chamas, que nos consta ser a ultima palavra da fotografia animada.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

Realisa-se na proxima segunda feira, no teatro do Ginasio, uma festa promovida pelos alunos do Liceu Pedro Nunes, subindo á scena a comedia «As alegrias do lar desempenhadas pelos alunos d'aquele liceu, estando os principaes papeis a cargo da aluna Escola da d'Arte de Representar D. Georgina Cordeiro e do aluno Eduardo Brazão Junior, filho do distinto Actor Eduardo Brazão.

—Deve ser revestida de excepcional brilhantismo a recita de caridade que se efectua depois d'amanhã no Nacional, e cujo producto reverte a favor dos cegos do Asylo Escola Antonio Feliciano de Castilho e Instituto Branco Rodrigues.

O espectaculo é atrahente, pois consta da 1.ª e unica representação, n'esta epoca, da celebre peça «Hamlet», em que Brazão é magistral, na parte de protagonista. Na recita toma, tambem parte, desempenhando, obsequiosamente, o papel de «Polonio», da tragedia shakespereana, o actor Joaquim Costa, estando a cargo de Ilda Stichini pela 1.ª vez, a parte de «Ofelia».

O CARTAZ DE HOJE

NACIONAL—A's 21 h. — «Simone».
S. LUIZ—A's 21 h. —«O roisinho».
TRINDADE—A's 21 h. —«O Pescador de Perolas».
AVENIDA —A's 21,15— «Dama das camelias».
GINASIO—A's 21,30 — «Adão e Eva».
POLITEAMA — A's 21 h. — «Amor de Apaches».
APOLO—A's 21,30 h. —«Porto, tantos de tal».
SALÃO FOZ—A's 20,30 22,30—«Troiarôs».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 horas—Luta e box.
ANIMATOGRAFOS: Chiado Terrasse, Olimpia, Salão Central, Cinema Condes, Salão dos Anjos.

Inglezes e polacos

Como e porque Lloyd George se mostra pouco ou nada amigo da Polonia

A atitude assumida de ha algum tempo a esta parte por Lloyd George na questão da Alta Silesia foi uma surpreza.

Chegou-se a declarar que era impossivel explica-a e que o primeiro ministro inglez era periodicamente submetido, sem motivo algum, a mudanças de opinião cuja causa se não podia encontrar.

Nesse terreno, a questão é mal posta. Não se pode admitir «a priori» que um homem da inteligencia de Lloyd George actue sem ser a isso levado por motivos determinantes. Acrescentemos que muitas vezes, nele, a expressão vae além do pensamento.

Para compreender a posição de Lloyd George quanto á Alta Silesia, é preciso não considerar só o ponto de vista franco-alemão ou franco inglez. E' necessario elevar o debate mais alto, até ao nivel da politica geral da Inglaterra.

Ninguem desconhece a insencivel desconfiança de todo o inglez contra os slavos. Para o inglez são orientaes, dos quaes dificilmente compreem as idéas, muito diferentes das suas, não tendo elles proprios muitas vezes a cultura geral necessaria para as assimilar.

Não são, dizem os inglezes «gentlemen».

No que toca aos polacos, essa desconfiança aumenta com dois factos principaes. Os polacos são catolicos. Ha cente e cincoenta anos, toda a sua vida nacional consistiu em tramar, contra os poderes tradicionalmente estabelecidos, conspirações e revoltas. São uma especie d'irlandezes.

Por outro lado, o inglez, tradicionaliste, tem receio de toda a novidade que vá transtornar os seus habitos e as suas concepções.

Ora, a Polonia, tal como a creou o tratado de Versailles, é uma novidade. O seu jovem povo, sem experiencia economica ou industrial, actualmente preparando-se para fazer a sua educação é comparavel a uma creança que despedaça os brinquedos que lhe dão para vêr o que ha dentro d'eles.

Os inglezes teem medo de que deixando a Silesia aos polacos a não arruinem e que o buraco assim creado na economia geral da Europa central traga uma perturbação cujas consequencias se não podem calcular.

Esse receio é de resto um tanto ou quanto quimerico, visto que a Polonia previu para a Silesia, no caso d'ela lhe ser atribuida, uma ampla autonomia e a manutenção da sua actual legislação.

Ahi estão, em resumo, as causas da má vontade da Inglaterra contra a Polonia.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão do terrivel veneno do sangue. E' o depurativo do sangue do Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral-Farmacia Luso Brazileira-Praça de S. Paulo, 20 e 22-Telef. 1676.

A provincia n'«A Capital»

AVIZ, 30.—Começaram as ceifas das aveias, regulando os jornaes dos homens por 2$800 escudos e os das mulheres por 2$800 escudos, com tendencia para subirem.

A chuva das ultimas trovoadas ainda beneficiou bastante algumas searas, esperando-se, por isso, que o ano agricola não seja tão mau como parecia.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

No Senado

Abre a sessão ás 15,30 horas com a presença de 23 senadores e sob a presidencia do sr. Correia Barreto.

Lida e aprovada a acta, o sr. Lima Alves troca explicações com o sr. presidente sobre o facto do ministro do interior ter ordenado á Imprensa Nacional que não fizesse a publicação da convocação extraordinaria do Congresso para o dia 1 do mez proximo.

O sr. Bernardino Machado pergunta se o sr. Presidente dirigiu uma circular aos membros do conselho parlamentar para os ouvir sobre a dissolução.

O sr. Presidente responde e lê uma carta do sr. Presidente da Republica pedindo a convocação do conselho referido.

O sr. Bernardino Machado volta a usar da palavra e protesta energicamente e diz que a missão d'este governo é unicamente castigar rigorosamente os auctores da sedição militar que veria perturbar a vida da Republica.

O sr. presidente elucida ainda que mandou expedir os avisos convocatorios para a reunião do Conselho Parlamentar para amanhã e declara que se vae proceder á segunda chamada. Verifica-se que estão presentes 26 senadores, numero insuficiente para se proseguir nos trabalhos.

E em seguida marcou a sessão para 5.ª feira, á hora regimental.

Tribunal Militar do C. E. P.

Terminou hoje o julgamento iniciado hontem no Tribunal de guerra do C. E. P. dos militares acusados de infedilidade militar.

Pelas 17 horas e meia foi proferida a sentença, que condenou o tenente Joaquim Marcelino Soares Moreira, em 8 dias de prisão militar; o 2.º sargento Emilio da Costa Ferreira, em 5 dias de encorporação em deposito disciplinar, e o soldado Julio Ferreira, em 3 dias de encorporação em deposito disciplinar, sendo absolvido o 1.º cabo Alfredo Soares da Silva.

A propaganda russa no estrangeiro

Os bolchevistas contam com a revolução mundial

Dizem de Moscou que entre todas as divergencias que se manifestaram no seio do comité executivo dos soviets, algumas dizem respeito á questão da propaganda no estrangeiro.

Muitos dos membros do comité querem que o governo a reforce no sentido do comunismo e, com efeito, alguns dos agentes mais energicos da Internacional de Moscou vão ser enviados ao estrangeiro. Entre outros, citam-se Kiroff, Levinsky, Volsky, Latermam, Raphaël, etc.

Ao contrario d'isso, Tchitcherine, que desaprova por completo essa politica, mandou ordens aos representantes diplomaticos nos paizes ocidentaes da Europa para não colaborarem diplomaticamente com os delegados da 3.ª Internacional. A Russia será, pois, representada por duas diplomacias, uma das quaes se ocupará dos negocios estrangeiros, outra ao serviço da 3.ª Internacional.

O comité executivo da 3.ª Internacional, muito descontente com essa distinção, adoptou uma atitude de violentissima oposição a Tchitcherine.

* *

Um telegrama de Helsingfors diz que n'um relatorio que recentemente foi apresentado ao conselho do partido comunista, Bucharine declarou que o governo dos soviets encarregou os principaes chefes bolchevistas de tarefas especiaes na previsão da revolução mundial.

Essas tarefas foram divididas do seguinte modo:

Lénine fica encarregado da manutenção da disciplina. Deve tranquilisar aqueles a quem a conclusão de tratados com paizes burguezes ou imperialistas e as liberações dos soviets descontentaram.

E' assim que a Lénine incumbe a tarefa de manter as relações com a burguezia estrangeira. Além d'isso, deve procurar convencer essa burguezia de que o governo da Russia sovietica não tem de modo algum o intuito de se imiscuir nos seus negocios.

Quanto a Zinovieff, é encarregado da organisação do pessoal da revolução mundial, da instrucção revolucionaria dos proletarios europeus e da vigilancia dos socialistas estrangeiros.

O festival de amanhã no Jardim Zoologico

No parque das Larangeiras, realisa-se amanhã o festival em honra dos membros da Conferencia Inter-Parlamentar. Tocará a grande banda da Guarda Republicana, alternando com o sexteto do Jardim e começando os concertos ás 16 1/2 horas.

No aprasivel recinto da S. I. C., será oferecido um chá aos congressistas e demais convidados.

Na Praça dos Restauradores estarão ás 16 1/2 horas carros que transportarão ao jardim os convidados, mediante apresentação dos bilhetes de congressista ou de convite.

A vida barateia

As batatas apareceram a $20. O arroz de Veneza que estava a 1$50, está a 1$10. O assucar já desceu para 1$40 e 1$20. As carnes tambem tiveram baixa de preço. Isto sómente porque se fala num fornecimento a mercadorias por conta em abeto, feito na America. Vê-se que os açambarcadores vão compreendendo que é melhor ganhar menos para não perdêr, dentro em pouco, muito mais.

Indemnisações de guerra

Reuniram hoje, pelas 14 horas, os particulares prejudicados pela guerra com a Alemanha, quer no mar quer na terra, para tratar da sua situação, resolvendo nomear uma comissão instituida por dois advogados dos interessados e um representante de cada uma das seguintes associações: Por Fogueiros do Mar e Terra, Associação dos Inscritos Maritimos e dos Oficiaes de Marinha Mercante, para que ela se entenda com o governo no sentido de obter o pagamento imediato das indemnisações que são garantidas pelo tratado da Paz.

A Sociedade das Nações

A conferencia da União das Associações realisa-se a 10 de junho

GENEBRA, 31. — A comissão de inquerito no relatorio sobre a organisação do secretariado da Sociedade das Nações e repartição internacional do trabalho declara que a organisação interna daquele secretariado foi concebida sobre um plano racional conduzindo em geral a realisações serias e fecundas afim de diminuir as despesas que se teem reputado exageradas a comissão emite o voto de que as sessões do conselho da Sociedade das Nações bem como a das comissões e conferencias por ela promovidas se realisem sempre em Genebra conjunto a medida das gratificações foi justificada durante o periodo critico atravessado.

A comissão organisou o quadro aproximado dos vencimentos que considera razoaveis e estabelecesse tambem nas suas linhas geraes o estatuto do pessoal. A maior parte das observações geraes contidas no relatorio aplicam-se á repartição internacional do trabalho.—(H).

GENEBRA, 31.—Em sessão publica foi inaugurada os trabalhos preparativos 5.ª conferencia da União das Associações para a Sociedade das Nações. A conferencia terá lugar em Genebra em 10 de Junho proximo, cobre a presidencia do sr. Ador participando n'ella 150 delegados de 20 paizes adherentes.—(H.)

Noticias da Capital

UM GUARDA QUE NÃO GUARDA, ANTES PELO CONTRARIO...—Arnaldo Henriques estava encarregado de guardar durante a noite os jardins do Palacio do sr. duque de Palmela, na rua da Escola Politechnica. Um guarda é, ou pelo menos deve de ser sempre homem de confiança, mas o Arnaldo sentiu-se tentado pelo cupido e sabendo que n'um pavilhão havia duas belas armas caçadeiras, que valiam nada menos de 1.200$00, arranjou uma chave falsa, entrou no pavilhão e... eram uma vez as armas. Mudaram de dono, com a facilidade com que qualquer pessoa limpa muda de camisa. Quem não gostou do caso foi o roubado, que se queixou á policia, não desconfiando é claro, do Arnaldo, visto que podia lá supôr que um guarda não guardava!

O agente Amado, da 2.ª secção, é que já não confia em ninguem, pois tem visto muita coisa neste mundo, e foi descobrir que o gatuno—perdão o guarda—mas ainda que as armas ja tinham mudado para bem longe, visto que uma estava no Barreiro e outra na rua de Santos. Foram aprehendidas e entregues ao seu legitimo proprietario, enquanto o Arnaldo, em vez de continuar a respirar o perfumado aroma dos jardins Palmela, n'estes noites de verão, vae aspirar a saudavel atmosfera dos paços do conde Andeiro. Talvez lhe não faça mal!

E' UM NUNCA ACABAR...—Ora vejam senão faz por arrepiar os cabelos. Ter de estar todos os dias a noticiar que ha por esse mundo de Cristo gente que gosta de enfeitar e adornar com o que não é seu e ter de o fazer dum modo novo sem se repetir! Já é azar!

Lá vem hoje mais uma a queixar-se de que lhe levaram roupa e ouro no valor de 200$00. E' a sr.ª Maria José Cardozo, da rua da Caridade, 88, 2.º. Embora a quantia, para os tempos que vão correndo, não seja coisa de espantar, ela é que não se convence de que assim é e como esta não vae com a policia do milagre, nem teem os santos do taumaturgo milagreiro, a esta hora já lhe acendeu uma vela a ver se a policia deita a mão a quem lhe levou os seus ricos haveres.

REVISÃO DE PROCESSO.—Em tempos, acusado de graves irregularidades, foi expulso policia de investigação o agente Alfredo Maria da Silva. Foi agora pelo ministro do interior do governo transacto, lavrada uma portaria mandando proceder á revisão e encarregando do fazer o tenente sr. Luiz de Gama Ochôa.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios—nas preverções digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc., etc.

Tambem é optimo medicamento para eliminação dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como agua microbicamente pura, não contendo collibacilo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.